

LIVRO 9 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN CORACÃO DO INVERNO



"COM A RODA DO TEMPO JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times

Coração do Inverno

Coração do Inverno

Coração do Inverno

Jordan, Robert - RdT9 – Coração do Inverno

Livro Nove de A Roda do Tempo.

Traduzido por Paulo Cilas

CORAÇÃO DO INVERNO

por Robert Jordan

traduzido por Paulo Cilas

Sempre para Harriet.
Sempre.

PRÓLOGO:

Os selos que detêm a noite enfraquecerão, e no coração do inverno nascerá o coração do inverno entre o choro da lamentação e o ranger de dentes, pois o coração do inverno cavalgará um cavalo preto, e o nome dele é Morte.

— de O Ciclo de Karaethon: As Profecias do Dragão

Neve

Três lanternas lançavam uma luz bruxuleante, mais do que suficiente para iluminar a pequena sala com suas paredes e teto totalmente brancos, mas Seaine manteve os olhos fixos na pesada porta de madeira. Era ilógico, ela sabia; tolo para uma Votante para a Branca. A trama de *saidar* que ela havia empurrado no batente trouxe seus ocasionais sussurros de passos distantes no labirinto de corredores do lado de fora, sussurros que desapareceram quase tão logo foram ouvidos. Uma coisa simples aprendida com uma amiga em seus tempos de noviça, mas que teria avisado muito antes que alguém se aproximasse. Poucas pessoas desciam tão fundo quanto o segundo porão, de qualquer maneira. Sua trama captou o chilrear distante dos ratos. Luz! Há quanto tempo havia ratos em Tar Valon, na própria Torre? Algum deles era espião do Tenebroso? Ela molhou os lábios com desconforto. A lógica não contava para nada nisso. Era verdade. E ilógico. Ela queria rir. Com um esforço, ela recuou da beira da histeria. *Pense em algo além de ratos. Algo além...* Um grito abafado se ergueu no quarto atrás dela, vacilando em gemidos abafados. Ela tentou tapar os ouvidos. Concentrada!

De certa forma, ela e suas companheiras foram conduzidos a esta sala porque as chefes das Ajahs pareciam estar se reunindo em segredo. Ela mesma tinha vislumbrado Ferane Neheran sussurrando em um canto isolado da biblioteca com Jesse Bilal, que estava muito alta entre as Marrons, se não no topo. Ela achava que estava em terreno mais firme com Suana Dragand, das Amarelas. Assim pensava.

Mas por que Ferane foi passear com Suana em uma parte isolada do terreno da Torre, ambas envoltas em capas simples? As assistentes de diferentes Ajahs ainda conversavam abertamente, embora com frieza. As outras pareciam fazer coisas semelhantes; elas não dariam os nomes de suas próprias Ajahs, é claro, mas duas mencionaram Ferane. Um quebra-cabeça preocupante. A Torre era um pântano fervilhante nos dias de hoje, cada Ajah na garganta de todas as outras Ajahs, mas as cabeças se encontravam nos cantos. Ninguém fora de uma Ajah sabia com certeza quem liderava dentro dela, mas aparentemente as líderes se conheciam. O que elas poderiam estar aprontando? O que? Era uma pena que ela não pudesse simplesmente perguntar a Ferane, mas mesmo que Ferane fosse tolerante com as perguntas de qualquer pessoa, ela não ousava. Não agora.

Por mais que se concentrasse, Seaine não conseguia focar na questão. Sabia que estava olhando para a porta e se preocupando com quebra-cabeças que não conseguia resolver apenas para evitar olhar por cima do ombro. Em direção à fonte daqueles gemidos abafados e ganidos fungando.

Como se pensar nos sons a compelisse, ela olhou lentamente para suas companheiras, sua respiração ficando mais irregular enquanto sua cabeça se movia alguns centímetros. A neve caía pesadamente sobre Tar Valon, muito acima, mas a sala parecia inexplicavelmente quente. Ela se fez ver!

Com o xale de franjas marrons enrolado nos cotovelos, Saerin estava de pé com os pés separados, dedilhando o cabo da adaga altarana curvada enfiada atrás do cinto. A raiva fria escureceu sua pele morena o suficiente para fazer a cicatriz ao longo de sua mandíbula se destacar em uma linha pálida. Pevara parecia mais calma, à primeira vista, mas com uma mão segurava com força as saias bordadas e a outra segurava o cilindro branco liso do Bastão dos Juramentos, como um taco de trinta centímetros que ela estava pronta para usar. Ela podia estar pronta; Pevara era muito mais forte do que seu exterior rechonchudo sugeria, e determinada o suficiente para fazer Saerin parecer esquiva.

Do outro lado da Cadeira do Remorso, a pequena Yukiri estava com os braços apertados ao redor de si mesma; a longa franja cinza-prateada de seu xale tremia com seus calafrios. Lambendo os lábios, Yukiri lançou um olhar preocupado para a mulher parada ao lado dela. Doesine, parecendo mais um menino bonito do que uma irmã Amarela de considerável reputação, não demonstrava nenhuma reação ao que estavam fazendo. Ela era quem realmente manipulava as tramas que se estendiam na cadeira, e olhou para o *ter'angreal*, concentrando-se tanto em seu trabalho que a transpiração escorria em sua testa pálida. Elas eram todas Votantes, incluindo a mulher alta se contorcendo na cadeira.

O suor encharcava Talene, emaranhando seu cabelo dourado, encharcando sua camisola de linho até que ela se agarrasse a ela. O resto de suas roupas formava uma pilha desordenada no canto. Suas pálpebras fechadas estremeciam, e ela soltava um fluxo constante de gemidos estrangulados e súplicas meio pronunciadas.

Seaine sentiu-se mal, mas não conseguiu desviar os olhos. Talene era uma amiga. Tinha sido uma amiga.

Apesar do nome, o *ter'angreal* não parecia nada com uma cadeira, apenas um grande bloco retangular de mármore cinza. Ninguém sabia do que era feito, mas o material era duro como aço em todos os lugares, exceto no topo inclinado. A Verde escultural afundou um pouco naquilo e, de alguma forma, ele moldava-se a ela, não importava o quanto ela se contorcesse. As tramas de Doesine fluíam para a única abertura em qualquer lugar da Cadeira, um buraco retangular do tamanho da palma da mão em um lado, com pequenos entalhes espaçados desigualmente ao redor. Criminosos capturados em Tar Valon foram trazidos aqui para experimentar a Cadeira do Remorso, para experimentar as consequências cuidadosamente selecionadas de seus crimes. Ao serem soltos, eles invariavelmente fugiam da ilha. Havia muito pouco crime em Tar Valon. Aborrecida, Seaine se perguntou se isso era algo parecido com o uso que a Cadeira teve na Era das Lendas. "O que ela está... vendo?" Sua pergunta saiu como um sussurro, apesar de si mesma. Talene estava mais do que vendo; para ela, tudo pareceria real. Graças à luz, ela não tinha Guardião, o

que era quase inédito para uma Verde. Ela alegava que uma Votante não precisava de um. Diferentes razões vinham à mente agora. "Ela está sendo açoitada por malditos Trollocs", disse Doesine com a voz rouca. Toques de sua região nativa de Cairhien apareceram em sua voz, algo que raramente acontecia, exceto sob estresse. "Quando eles terminarem... Ela pode ver a chaleira do Trolloc fervendo no fogo, e um Myrddraal olhando para ela. Ela deve saber que será um ou outro. Que me queime, se ela não quebrar desta vez..." Doesine limpou a transpiração da testa irritada e respirou irregularmente. "Pare de sacudir meu cotovelo. Já faz muito tempo desde que eu fiz isso."

"Três vezes para baixo," Yukiri murmurou. "O braço mais forte de todos é quebrado por sua própria culpa, se por nada mais, depois de duas vezes! E se ela for inocente? Luz, isso é como roubar ovelhas com o pastor observando!" Mesmo tremendo, ela conseguia parecer régia, mas sempre soava como o que tinha sido, uma mulher de aldeia. Ela olhou ao redor para o resto delas de uma forma doentia. "A lei proíbe o uso da Cadeira em iniciadas. Seremos todas destituídas! E se ser expulsa do Salão não for suficiente, provavelmente seremos exiladas. E açoitadas antes de irmos, só para colocar sal no nosso chá! Que me queime, se estivermos erradas, todas nós podemos ser estancadas!" Seaine estremeceu. Eles escapariam dessa última parte, se suas suspeitas se comprovassem. Não, não suspeitas, certezas. Elas tinham que estar certas! Mas mesmo que estivessem, Yukiri estava certa sobre o resto. A lei da torre raramente se curvava a necessidade, ou a qualquer suposto bem maior. Se elas estivessem certas, porém, o preço valeria a pena pagar. Por favor, que a Luz fizesse com que estivessem certas!

"Você é cega e surda?" Pevara retrucou, sacudindo o Bastão dos Juramentos para Yukiri. "Ela se recusou a jurar novamente sobre não falar uma palavra falsa, e tinha que ser mais do que orgulho estúpido de Ajah Verde depois que todas nós já tínhamos feito isso. Quando eu a blindei, ela tentou me esfaquear! Isso grita inocência? Será? Pelo que ela sabia, nós só queríamos falar com ela até nossas línguas secarem! Que razão ela teria para esperar mais?"

“Obrigada a ambas,” Saerin disse secamente, “por dizer o óbvio. É tarde demais para voltar, Yukiri, então podemos ir em frente. E se eu fosse você, Pevara, não estaria gritando com uma das quatro mulheres de toda a Torre que eu sabia que podia confiar.”

Yukiri corou e mexeu no xale, e Pevara parecia um pouco envergonhada. Uma bagatela. Elas podiam ser todas Votantes, mas Saerin definitivamente assumiu o comando. Seaine não tinha certeza de como se sentia sobre isso. Algumas horas atrás, ela e Pevara eram duas velhas amigas sozinhas em uma perigosa missão, o que equivalia a tomar decisões juntas; agora elas tinham aliadas. Ela deveria ser grata por mais companheiras. Não estavam no Salão, porém, e não podiam reivindicar os direitos de Votante sobre isso. As hierarquias das torres haviam assumido o controle, todas as distinções sutis e não tão sutis quanto a quem estava onde em relação a quem. Na verdade, Saerin foi noviça e Aceita por duas vezes mais tempo do que a maioria delas, mas quarenta anos como Votante, mais do que qualquer outra pessoa no Salão, contavam muito. Seaine teria sorte se Saerin pedisse sua opinião, ainda mais seu conselho, antes de decidir qualquer coisa. Tola, mas saber disso espetava como um espinho em seu pé. “Os Trollocs estão arrastando-a para a chaleira”, disse Doesine de repente, sua voz áspera. Um fino lamento escapou dos dentes cerrados de Talene; ela tremia tanto que parecia vibrar. “Eu... eu não sei se eu posso... posso me queimar...”

“Faça ela acordar,” Saerin ordenou sem olhar para ninguém para ver o que elas pensavam. “Pare de ficar de mau humor, Yukiri, e esteja pronta.” A Cinza deu a ela um olhar orgulhoso e furioso, mas quando Doesine deixou seus fios desbotarem e os olhos azuis de Talene se abriram, o brilho do *saidar* cercou Yukiri e ela blindou a mulher deitada na Cadeira sem dizer uma palavra. Saerin estava no comando, e todas sabiam disso, e isso era tudo. Um espinho muito afiado. Uma blindagem dificilmente parecia necessária. Com o rosto uma máscara de terror, Talene tremia e ofegava como se tivesse corrido dez milhas em velocidade máxima. Ela ainda afundou na superfície macia, mas sem a canalização de Doesine, ela não se adequava mais a ela. Talene olhou para o teto com os olhos esbugalhados, depois os fechou com

força, mas eles se abriram novamente. Quaisquer que fossem as memórias por trás de suas pálpebras, não era nada que ela quisesse enfrentar.

Cobrindo os dois passos até a Cadeira, Pevara empurrou o Bastão dos Juramentos para a mulher perturbada. “Renuncie a todos os juramentos que o prendem e retome os Três Juramentos, Talene,” ela disse asperamente. Talene recuou do Bastão como se fosse uma serpente venenosa, então se virou para o outro lado quando Saerin se curvou sobre ela. “Da próxima vez, Talene, é a panela para você. Ou as ternas atenções do Myrddraal.” O rosto de Saerin era implacável, mas seu tom o fazia parecer suave em comparação. “Nada de acordar antes. E se isso não acontecer, haverá outra vez, e outra, quantas forem necessárias se tivermos que ficar aqui até o verão.” Doesine abriu a boca em protesto antes de desistir com uma careta. Somente ela entre todas sabia como operar a Cadeira, mas neste grupo, ela estava tão abaixo quanto Seaine.

Talene continuou a olhar para Saerin. Lágrimas encheram seus grandes olhos e ela começou a chorar, grandes soluços trêmulos e desesperados. Cegamente, ela estendeu a mão, tateando até que Pevara enfiou o Bastão dos Juramentos em sua mão. Abraçando a Fonte, Pevara canalizou um fio de Espírito para o Bastão. Talene agarrou a haste grossa do pulso com tanta força que seus dedos ficaram brancos, mas ela apenas ficou lá soluçando. Saerin se endireitou. “Temo que seja hora de colocá-la de volta para dormir, Doesine.” As lágrimas de Talene redobraram, mas ela murmurou entre elas. “Eu... renuncio... a todos os juramentos... que me prendem.” Com a última palavra, ela começou a uivar. Seaine pulou, então engoliu em seco. Ela conhecia pessoalmente a dor de remover um único juramento e especulava sobre a agonia de remover mais de um de uma só vez, mas agora a realidade estava diante dela. Talene gritou até ficar sem fôlego, então puxou o ar apenas para gritar novamente, até que Seaine meio que esperava que as pessoas viessem correndo da própria Torre. A alta Verde convulsionou, sacudindo os braços e as pernas, então, de repente, arqueou-se até que apenas os calcanhares e a cabeça

tocaram a superfície cinzenta, todos os músculos contraídos, todo o seu corpo espasmando descontroladamente.

Tão abruptamente quanto a convulsão começou, Talene desmoronou e ficou lá chorando como uma criança perdida. O Bastão dos Juramentos rolou de sua mão flácida pela superfície cinzenta inclinada. Yukiri murmurou algo com o som de uma oração fervorosa. Doesine continuou sussurrando "Luz!" repetidamente com a voz trêmula. "Luz! Luz!"

Pevara pegou o Bastão e fechou os dedos de Talene em volta dele novamente. Não havia misericórdia para a amiga de Seaine, não sobre este assunto. "Agora jure os Três Juramentos", ela cuspiu.

Por um instante, parecia que Talene poderia recusar, mas lentamente ela repetiu os juramentos que as tornavam todas Aes Sedai e as mantinham juntas. Não falar nenhuma palavra que não fosse verdade. Nunca fazer uma arma para um homem matar outro. Nunca usar o Poder Único como arma, exceto em defesa de sua vida, ou de seu Guardião ou de outra irmã. No final, ela começou a chorar em silêncio, tremendo e sem fazer barulho. Talvez fossem os juramentos se apertando sobre ela. Eles eram desconfortáveis quando frescos. Talvez.

Então Pevara contou o outro juramento exigido dela. Talene se encolheu, mas murmurou as palavras em tom de desesperança. "Eu prometo obedecer a todas vocês cinco absolutamente." Por outro lado, ela apenas olhava fixamente para frente, com lágrimas escorrendo por suas bochechas.

"Responda-me com sinceridade," Saerin disse a ela. "Você é da Ajah Negra?"

"Eu sou." As palavras rangeram, como se a garganta de Talene estivesse enferrujada. As palavras simples congelaram Seaine de uma forma que ela nunca esperava. Afinal, ela partira para caçar a Ajah Negra e acreditava tanto em sua presa quanto muitas irmãs não acreditavam. Ela colocou as mãos em outra irmã, em uma Votante, ajudou Talene a atravessar corredores desertos do porão, envoltas em fluxos de ar, infringiu uma dúzia de leis da Torre, cometeu crimes graves, tudo para ouvir uma resposta que ela tinha quase certeza antes

de a pergunta ser feita. Agora ela tinha ouvido. A Ajah Negra realmente existia. Ela estava olhando para uma irmã Negra, uma Amiga das Trevas que usava o xale. E acreditar acabou sendo uma pálida sombra se comparado com aquilo. Apenas sua mandíbula apertada quase causando câibras impediu que seus dentes batessem. Ela lutou para se recompor, para pensar racionalmente. Mas os pesadelos estavam acordados e andando pela Torre.

Alguém exalou pesadamente, e Seaine percebeu que ela não era a única que encontrou seu mundo virado de cabeça para baixo. Yukiri deu a si mesma uma sacudida, então fixou os olhos em Talene como se estivesse determinada a segurar a blindagem sobre ela com força de vontade, se necessário. Doesine estava lambendo os lábios e alisando as saias douradas com incerteza. Apenas Saerin e Pevara pareciam à vontade. “Então,” Saerin disse suavemente. Talvez “fracamente” fosse uma palavra melhor. “Então. Ajah Negra.” Ela respirou fundo, e seu tom se tornou rápido. “Não há mais necessidade disso, Yukiri. Talene, você não tentará escapar ou resistir de forma alguma. Você nem tocará a Fonte sem permissão de uma de nós. Embora eu suponha que alguém vá levar isso adiante assim que entregarmos você. Yukiri?” A blindagem em Talene se dissipou, mas o brilho permaneceu ao redor de Yukiri, como se ela não confiasse no efeito do Bastão em uma irmã Negra.

Pevara franziu a testa. “Antes de entregá-la a Elaida, Saerin, quero cavar o máximo que pudermos. Nomes, lugares, qualquer coisa. Tudo o que ela sabe!” Amigos das trevas mataram toda a família de Pevara, e Seaine tinha certeza de que ela iria para o exílio, pronta para caçar pessoalmente cada irmã negra.

Ainda encolhida na Cadeira, Talene soltou um som, uma risada meio amarga, meio chorosa. “Quando você fizer isso, estaremos todas mortas. Mortas! Elaida é da Ajah Negra!”

“Isso é impossível!” Seaine explodiu. “Ela mesma me deu a ordem.”

“Ela deve ser”, Doesine meio sussurrou. “Talene jurou novamente; e acabou de dar o nome dela” Yukiri assentiu com veemência.

“Use a cabeça”, rosnou Pevara, sacudindo a própria cabeça com desgosto. “Você sabe tão bem quanto eu que se alguém acreditar em uma mentira, pode dizê-la como verdade.”

“E isso é verdade,” Saerin disse com firmeza. “Que prova você tem, Talene? Você viu Elaida em suas... reuniões?” Ela agarrou o cabo da faca com tanta força que seus dedos empalideceram. Saerin teve que lutar mais do que a maioria pelo xale, pelo direito de permanecer na Torre. Para ela, a Torre era mais que um lar, mais importante que sua própria vida. Se Talene desse a resposta errada, Elaida poderia não viver para enfrentar o julgamento.

“Eles não têm reuniões”, Talene murmurou mal-humorado. “Exceto o Conselho Supremo, suponho. Mas ela deve ser. Eles conhecem cada relatório que ela recebe, mesmo os secretos, cada palavra dita a ela. Eles conhecem cada decisão que ela toma antes de ser anunciada. Dias antes; às vezes semanas. De que outra forma isso aconteceria, a menos que ela diga a eles?” Sentando-se com esforço, ela tentou focar em cada uma com um olhar atento. Isso só fez com que seus olhos parecessem disparar ansiosamente. “Temos que correr, temos que encontrar um lugar para nos esconder. Eu vou ajudá-las — dizer tudo o que sei! — mas eles vão nos matar a menos que fuçamos.” Estranho, pensou Seaine, a rapidez com que Talene transformou seus ex-companheiros em “eles” e tentou se identificar com o resto delas. Não. Ela estava evitando o problema real, e evitar era estúpido. Será que Elaida realmente a colocou para achar a Ajah Negra? Ela nunca havia mencionado o nome uma única vez. Será que ela queria dizer outra coisa? Elaida sempre pulara na garganta de qualquer um que mencionasse a Negra. Quase qualquer irmã faria o mesmo, ainda... “Elaida provou ser uma tola,” Saerin disse, “e mais de uma vez eu me arrependi de votar por ela, mas não vou acreditar que ela é Negra, não sem mais do que isso.” De lábios apertados, Pevara fez um aceno de cabeça concordando. Como uma Vermelha, ela iria querer muito mais.

“Isso é possível, Saerin,” Yukiri disse, “mas não podemos segurar Talene muito, antes que as Verdes comecem a perguntar onde ela está. Sem mencionar a... a Negra. É melhor decidirmos o que fazer rápido, ou ainda estaremos cavando no fundo do poço quando as

chuvas chegarem.” Talene deu a Saerin um sorriso débil que provavelmente pretendia ser agradável. Desapareceu sob a carranca da Votante Marrom.

“Nós não ousamos dizer nada a Elaida até que possamos aleijar a Negra de uma só vez,” Saerin disse finalmente. “Não discuta, Pevara; faz sentido.”

Pevara ergueu as mãos e fez uma expressão de teimosia, mas fechou a boca. “Se Talene estiver certa,” Saerin continuou, “a Negra sabe sobre Seaine ou logo saberá, então devemos garantir sua segurança, tanto quanto pudermos. Isso não será fácil, com apenas cinco de nós. Não podemos confiar em ninguém até termos certeza! Pelo menos temos Talene, e quem sabe o que vamos descobrir antes que ela se esgote?” Talene tentou parecer disposta a ser espremida, mas ninguém estava prestando atenção nela. A garganta de Seaine estava seca.

“Podemos não estar totalmente sozinhas”, disse Pevara com relutância. “Seaine, conte a elas seu pequeno esquema com Zerah e suas amigas.”

“Esquema?” disse Saerin. “Quem é Zerah? Seaine? Seaine!”

Seaine deu um pulo. “O que? Ah. Pevara e eu descobrimos um pequeno ninho de rebeldes aqui na Torre,” ela começou ofegante. “Então as irmãs foram enviadas para espalhar a dissidência.” Saerin iria se certificar de que ela estava segura, não é? Sem nem pedir. Ela mesma era uma Votante; ela tinha sido Aes Sedai por quase cento e cinquenta anos. Que direito tinha Saerin ou qualquer uma de...? “Pevara e eu começamos a acabar com isso. Nós já fizemos uma delas, Zerah Dacan, fazer o mesmo juramento extra que Talene fez, e disse a ela para trazer Bernaile Gelbarn para meus aposentos esta tarde sem levantar suspeitas.” Luz, qualquer irmã fora desta sala pode ser Negra. Qualquer irmã. “Então vamos usar essas duas para trazer outra, até que todas tenham sido obrigadas a jurar obediência. Claro, faremos a mesma pergunta que fizemos a Zerah, a mesma que fizemos a Talene.” A Ajah Negra podia já ter o nome dela, já saber que ela foi posta para caçá-las. Como Saerin poderia mantê-la segura? “Aqueles que derem a resposta errada podem ser questionadas, e aquelas que

derem a resposta certa podem retribuir um pouco de sua traição caçando a Negra sob nossa direção.” Luz, como?

Quando ela terminou, as outras discutiram o assunto por algum tempo, o que só poderia significar que Saerin não tinha certeza de qual decisão tomaria. Yukiri insistiu em entregar Zerah e suas confederadas à lei imediatamente — se isso pudesse ser feito sem expor sua própria situação com Talene. Pevara defendeu o uso das rebeldes, embora sem entusiasmo; a dissidência que elas estavam espalhando girava em torno de contos vis sobre a Ajah Vermelha e os falsos dragões. Doesine parecia estar sugerindo que sequestrassem todas as irmãs da Torre e as obrigassem a fazer o juramento adicional, mas as outras três prestaram pouca atenção a ela. Seaine não participou da discussão. Sua reação à situação delas era a única possível, ela pensou. Cambaleando até o canto mais próximo, ela vomitou ruidosamente.

Elayne tentou não ranger os dentes. Do lado de fora, outra nevasca atingia Caemlyn, escurecendo o céu do meio-dia o suficiente para que as lâmpadas ao longo das paredes de painéis da sala estivessem todas acesas. Rajadas violentas sacudiam os caixilhos das janelas altas em arco. Flashes de relâmpagos iluminavam as vidraças transparentes, e trovões ressoavam ocos no alto. Neve trovejante, o pior tipo de tempestade de inverno, o mais violento. A sala não estava exatamente fria, mas... Espalhando os dedos na frente dos troncos crepitando na ampla lareira de mármore, ela ainda podia sentir um calafrio subindo pelos tapetes sobre os ladrilhos do piso, e também por seus chinelos de veludo mais grossos. A gola larga de raposa preta e os punhos de seu vestido vermelho e branco eram bonitos, mas ela não tinha certeza se acrescentavam mais calor ele do que as pérolas nas mangas. Recusar-se a deixar o frio tocá-la não significava que ela não estava ciente dele.

Onde estava Nynaeve? E Vandene? Seus pensamentos rosnavam como o clima. *Elas já devem estar aqui! Luz! Eu gostaria de poder aprender a ficar sem dormir, e elas demoram seu doce tempo!* Não, isso foi injusto. Sua reivindicação formal ao Trono do Leão tinha apenas alguns dias e, para ela, todo o resto tinha que ficar em segundo lugar

por enquanto. Nynaeve e Vandene tinham outras prioridades; outras responsabilidades, como viam. Nynaeve estava até o pescoço planejando com Reanne e o resto do Círculo de Tricô como tirar as Mulheres Kin das terras controladas por Seanchan antes de serem descobertas e colocadas em um colar. As Kin eram muito boas em ficar escondidas, mas os Seanchan não as passariam apenas por Bravias do jeito que as Aes Sedai sempre fizeram. Supostamente, Vandene ainda estava abalada com o assassinato de sua irmã, mal comendo e quase incapaz de dar conselhos de qualquer tipo. A parte de mal comer era verdade, mas encontrar o assassino a consumia. Supostamente andando pelos corredores em luto em horas estranhas, ela estava secretamente caçando o Amigo das Trevas que havia entre elas. Três dias antes, só de pensar nisso poderia fazer Elayne estremecer; agora, era mais um perigo entre muitos. Mais próximo do que a maioria, é verdade, mas apenas a maioria.

Elas estavam realizando tarefas importantes, aprovadas e encorajadas por Egwene, mas ela ainda desejava que se apressassem, por mais egoísta que fosse. Vandene tinha muitos bons conselhos, a vantagem de uma longa experiência e estudo, e os anos de Nynaeve lidando com o Conselho da Aldeia e o Círculo de Mulheres em Campo de Emond Ihe deram um olhar aguçado para política prática, por mais que ela negasse. *Que me queime, tenho uma centena de problemas, alguns aqui mesmo no Palácio, e preciso delas!* Se ela pudesse, Nynaeve al'Meara seria a conselheira Aes Sedai da próxima Rainha de Andor. Ela precisava de toda a ajuda que pudesse encontrar — ajuda em que pudesse confiar.

Esticando o rosto, ela se afastou da lareira em chamas. Treze poltronas altas, esculpidas com simplicidade, mas com uma mão fina, formavam um arco de ferradura diante da lareira. Paradoxalmente, o lugar de honra, onde a Rainha se sentaria se recebesse alguém ali, ficava mais distante do calor do fogo. Assim era. Suas costas começaram a aquecer imediatamente, e sua frente a esfriar. Lá fora, a neve caía, trovões caíam e relâmpagos brilhavam. Dentro de sua cabeça, também. Calma. Uma governante tinha tanta necessidade de calma quanto qualquer Aes Sedai.

“Devem ser os mercenários,” ela disse, não conseguindo manter o arrependimento fora de sua voz. Soldados de suas propriedades certamente começariam a chegar dentro de um mês — assim que soubessem que ela estava viva —, mas os homens que Birgitte estava recrutando precisariam de meio ano ou mais antes de estarem aptos a montar um cavalo e manejar uma espada ao mesmo tempo. “E Caçadores da Trombeta, se algum se alistar e jurar.” Havia muito dos dois presos em Caemlyn por causa do clima. Muitos de ambos, a maioria das pessoas diria, criando farras, brigas e perturbando mulheres que não queriam tomar parte em suas atenções. Pelo menos ela estaria colocando-os em bom uso, para parar o problema em vez de iniciá-lo. Desejou não pensar que ainda estava tentando se convencer disso. “Vai ser caro, mas os cofres vão cobrir.” No momento, eles iriam. Era melhor que ela começasse a receber as receitas de suas propriedades logo. Maravilha das maravilhas, as duas mulheres diante dela reagiram da mesma maneira.

Dyelin deu um grunhido irritado. Um broche grande e redondo de prata trabalhado com a Coruja e o Carvalho de Taravin estava preso na gola alta de seu vestido verde-escuro, sua única joia. Uma demonstração de orgulho de sua Casa, talvez orgulho demais; o Alto Assento da Casa Taravin era uma mulher totalmente orgulhosa. Cinza riscava seu cabelo dourado e linhas finas cobriam os cantos de seus olhos, mas seu rosto era forte, seu temperamento nivelado e afiado. Sua mente era uma navalha. Ou talvez uma espada. Uma mulher de fala simples, ou assim parecia, que não escondia suas opiniões.

“Mercenários conhecem o trabalho,” ela disse com desdém, “mas eles são difíceis de controlar, Elayne. Quando você precisa de um toque de pena, eles podem ser um martelo, e quando você precisa de um martelo, eles podem estar em outro lugar e roubar. Eles são leais ao ouro, e apenas enquanto o ouro durar. Se eles não a traírem por mais ouro primeiro. Tenho certeza de que desta vez Lady Birgitte concordará comigo.”

Com os braços cruzados firmemente sob os seios e as botas de salto largas, Birgitte fez uma careta, como sempre quando alguém usava seu novo título. Elayne havia lhe concedido uma propriedade

assim que chegaram a Caemlyn, onde poderia ser registrada. Em particular, Birgitte resmungou incessantemente sobre isso e a outra mudança em sua vida. Suas calças azul-celeste tinham o mesmo corte que ela costumava usar, esvoaçantes e franzidas nos tornozelos, mas seu casaco vermelho curto tinha gola alta branca e punhos brancos largos com faixas douradas. Ela era a Lady Birgitte Trahelion e a Capitã General da Guarda da Rainha, e podia murmurar e lamentar o quanto quisesse, desde que mantivesse isso em segredo.

“Sim”, grunhiu ela a contragosto, e deu a Dyelin um olhar não muito longo. O vínculo de Guardiã carregava o que Elayne sentira a manhã toda. Frustração, irritação, determinação. No entanto, parte disso podia ter sido um reflexo de si mesma. Elas se espelhavam de maneiras surpreendentes desde o vínculo, emocionalmente e de outra forma. Ora, sua menstruação havia mudado em mais de uma semana para combinar com a da outra mulher!

A relutância de Birgitte em aceitar o segundo melhor argumento era claramente quase tão grande quanto sua relutância em concordar. “Os Caçadores não são muito melhores, Elayne,” ela murmurou. “Eles fizeram o juramento de Caçador para encontrar aventura e um lugar nas histórias, se puderem. Para não se acomodar cumprindo a lei. Metade são arrogantes pretenciosos, olhando com seus narizes flamejantes para todos os outros; o resto não apenas corre riscos necessários, eles procuram oportunidades para se arriscar. Apenas um sussurro de um boato do Trombeta de Valere, e você terá sorte se apenas dois em cada três desaparecerem da noite para o dia.

Dyelin sorriu um sorriso fino, como se tivesse ganhado um ponto. Óleo e água não estavam em comparação com aquelas duas; cada uma se dava bem com quase todo mundo, mas por algum motivo, elas podiam discutir sobre a cor do carvão. Poderiam e fariam. “Além disso, Caçadores e mercenários, quase todos são estrangeiros. Isso vai soar mal para nobres e camponeses. Muito mal. A última coisa que você quer é começar uma rebelião.” Um relâmpago brilhou, iluminando brevemente as janelas, e um trovão particularmente alto pontuou suas palavras. Em mil anos, sete Rainhas de Andor foram derrubadas por

rebelião aberta, e as duas que sobreviveram provavelmente desejaram que não o tivessem feito.

Elayne sufocou um suspiro. Uma das pequenas mesas incrustadas ao longo das paredes continha uma pesada bandeja trançada com corda de prata com xícaras e uma jarra alta de vinho quente condimentado. Vinho condimentado morno, agora. Ela canalizou brevemente, Fogo, e um fino fio de vapor subiu da jarra. O reaquecimento deu às especiarias um leve amargor, mas o calor da taça de prata trabalhada em suas mãos valeu a pena. Com esforço, ela resistiu ao desejo de aquecer o ar do quarto com o Poder e liberou a Fonte; o calor não teria durado a menos que ela mantivesse as tramas, de qualquer maneira. Ela havia vencido sua falta de vontade de largar toda vez que segurava *saidar* — bem, até certo ponto —, mas ultimamente, o desejo de canalizar mais crescia a cada vez. Cada irmã tinha que enfrentar esse desejo perigoso. Um gesto fez com que as outras servissem seu próprio vinho.

“Vocês conhecem a situação,” ela disse a elas. “Apenas um tolo poderia pensar que isso não é terrível, e vocês não são nenhuma das duas tolas.” Os Guardas eram só uma casca, um punhado de homens aceitáveis e um punhado duplo de valentões e durões mais adequados para expulsar bêbados de tavernas ou serem expulsos eles mesmos. E com a saída dos saldaeanos e a partida dos Aiel, o crime florescia como ervas daninhas na primavera. Ela teria pensado que a neve o molharia, mas todos os dias traziam roubos, incêndios criminosos e coisas piores. A cada dia a situação piorava. “Nesse ritmo, veremos tumultos em algumas semanas. Talvez até antes. Se eu não conseguir manter a ordem em Caemlyn, as pessoas se voltarão contra mim.” Se ela não conseguisse manter a ordem na capital, poderia muito bem anunciar ao mundo que não estava apta a governar. “Não gosto disso, mas tem que ser feito, então será.” Ambas abriram a boca, prontas para discutir mais, mas ela não lhes deu chance. Ela fez sua voz firme. “Será feito.”

A trança dourada na cintura de Birgitte balançou quando ela balançou a cabeça, mas a aceitação relutante filtrou através do vínculo. Ela tinha uma visão decididamente estranha do relacionamento delas

como Aes Sedai e Guardiã, mas aprendera a reconhecer quando Elayne não seria pressionada. Depois uma ocasião, ela havia aprendido. Havia a propriedade e o título. E o comando dos Guardas. E alguns outros pequenos assuntos. Dyelin dobrou um pouco o pescoço, e talvez os joelhos; poderia ter sido uma reverência, mas seu rosto era de pedra. Era bom lembrar que muitos que não queriam Elayne Trakand no Trono do Leão queriam Dyelin Taravin. A mulher não tinha sido nada além de útil, mas ainda era cedo, e às vezes uma voz mesquinha sussurrava na parte de trás da cabeça de Elayne. Dyelin estava simplesmente esperando que ela se perdesse antes de intervir para “salvar” Andor? Alguém suficientemente prudente, suficientemente desonesto, poderia tentar esse caminho e até conseguir. Elayne levantou a mão para esfregar a têmpora, mas conseguiu ajeitar o cabelo. Tanta suspeita, tão pouca confiança. O Jogo das Casas infectou Andor desde que ela partiu para Tar Valon. Estava grata por seus meses entre as Aes Sedai por mais coisas do que aprender o uso do poder. Daes Dae'mar era fôlego e pão para a maioria das irmãs. Grata também pelos ensinamentos de Thom. Sem ambos, ela poderia não ter sobrevivido ao seu retorno por tanto tempo. Que a Luz fizesse que Thom estivesse seguro, que ele e Mat e os outros houvessem escapado dos Seanchan e estivessem a caminho de Caemlyn. Todos os dias, desde que deixou Ebou Dar, ela rezava pela segurança deles, mas aquela breve oração era tudo o que tinha tempo para fazer agora.

Tomando a cadeira no centro do arco, a cadeira da Rainha, ela tentou parecer uma rainha, com as costas retas, sua mão livre descansando levemente no braço da cadeira esculpida. Parecer uma rainha não era suficiente, sua mãe lhe dissera muitas vezes, mas uma mente fina, uma compreensão aguçada dos negócios e um coração valente não serviriam de nada se as pessoas não a vissem como uma rainha. Birgitte a observava atentamente, quase desconfiada. Às vezes, o vínculo era decididamente inconveniente! Dyelin levou a taça de vinho aos lábios.

Elayne respirou fundo. Ela havia abordado essa pergunta de todas as direções que conhecia, e não conseguia ver outra maneira. “Birgitte,

na primavera, quero que os Guardas sejam um exército igual a qualquer coisa que dez Casas possam colocar em campo.” Era impossível de conseguir, provavelmente, mas apenas tentar significava manter os mercenários que se alistavam agora e encontrar mais, contratando todos os homens que mostrassem a menor inclinação. Luz, que emaranhado sujo!

Dyelin engasgou, seus olhos esbugalhados; vinho escuro espirrou de sua boca. Ainda gaguejando, ela arrancou um lenço de renda da manga e enxugou o queixo.

Uma onda de pânico derrubou o vínculo de Birgitte. “Ah, que me queime, Elayne, você não pode querer dizer...! Eu sou uma arqueira, não uma general! Isso é tudo que eu já fui, você ainda não entendeu? Apenas fiz o que tinha que fazer, o que circunstâncias me forçaram! De qualquer forma, eu não sou mais ela; sou apenas eu e...!” Ela parou, percebendo que poderia ter falado demais. Não pela primeira vez. Seu rosto ficou vermelho quando Dyelin a olhou com curiosidade.

Disseram que Birgitte era de Kandor, onde as mulheres do campo usavam algo parecido com suas roupas, mas Dyelin claramente suspeitava da mentira. E cada vez que Birgitte deixava sua língua escorregar, estava mais perto de deixar seu segredo escapar também. Elayne lançou-lhe um olhar que prometia uma conversa mais tarde. Ela não teria pensado que as bochechas de Birgitte poderiam ficar mais vermelhas. A mortificação afogou todo o resto do vínculo, inundando até Elayne sentir seu próprio rosto corar. Rapidamente, ela fez uma expressão severa, esperando que suas bochechas vermelhas passassem por algo além de um desejo intenso de se contorcer em seu assento com a humilhação de Birgitte. Esse efeito de espelhamento podia ser mais do que meramente inconveniente!

Dyelin perdeu apenas um momento com Birgitte. Colocando o lenço de volta em seu lugar, ela cuidadosamente colocou sua xícara de volta na bandeja, em seguida, colocou as mãos nos quadris. Seu rosto era uma nuvem de trovoadas, agora. “Os Guardas sempre foram o núcleo do exército de Andor, Elayne, mas isso... Misericórdia da Luz, isso é loucura! Você poderia virar todas as mãos contra você, desde o Rio Erinin até as Montanhas da Névoa!” Elayne se concentrou na calma.

Se ela estivesse errada, Andor se tornaria outra Cairhien, outra terra encharcada de sangue, cheia de caos. E ela morreria, é claro, um preço não alto o suficiente para cobrir o custo. Não tentar era impensável e, em qualquer caso, teria o mesmo resultado para Andor que o fracasso. Fria, composta, calma como aço. Uma rainha não podia se mostrar com medo, mesmo quando estava. Especialmente quando estava. Sua mãe sempre dizia para explicar as decisões o mais raramente possível; quanto mais você explicava, mais explicações eram necessárias, até que elas eram tudo para que você tinha tempo. Gareth Bryne disse para explicar se pudesse; seu pessoal se sairia melhor se soubesse o porquê e o quê. Hoje, ela seguiria Gareth Bryne. Muitas vitórias foram conquistadas seguindo-o. “Tenho três desafiantes declarados.” E talvez um não declarado. Ela se obrigou a encontrar o olhar de Dyelin. Não com raiva; apenas olhos encontrando olhos. Ou talvez Dyelin tenha tomado isso como raiva, com a mandíbula apertada e o rosto corado. Se sim, que assim fosse. “Sozinha, Arymilla é insignificante, mas Nasin uniu a Casa Caeren a ela, e se ele é são ou não, seu apoio significa que ela deve ser considerada. Naeen e Elenia estão presos; seus soldados não. O povo de Naeen pode hesitar e discutir até encontrar um líder, mas Jarid é o Alto Assento de Sarand, e ele se arriscará para alimentar a ambição de sua esposa. A Casa Baryn e a Casa Anshar flertam com ambos; o melhor que posso esperar é que uma vá com Sarand e outra com Arawn. Dezenove Casas em Andor são fortes o suficiente para que Casas menores sigam para onde elas levam. Seis estão dispostas contra mim, e eu tenho duas.” Seis até agora, e pela Luz, ela tinha duas! Não mencionaria as três grandes Casas que haviam praticamente se declarado a favor de Dyelin; pelo menos Egwene as tinha amarrado em Murandy por enquanto.

Apontou para uma cadeira perto dela e Dyelin se sentou, arrumando cuidadosamente suas saias. As nuvens de tempestade deixaram o rosto da mulher mais velha. Ela estudou Elayne, sem dar nenhuma pista sobre suas perguntas ou conclusões. “Eu sei tudo isso tão bem quanto você, Elayne, mas Luan e Ellorien trarão suas Casas para você, e Abelle também, tenho certeza.” Uma voz cuidadosa também, mas ganhou calor enquanto ela prosseguia. “Outras Casas verão a razão,

então. Desde que você não os assuste com razão. Luz, Elayne, isto não é uma Sucessão. Trakand sucede a Trakand, não a outra Casa. Mesmo uma Sucessão raramente parte para uma luta aberta! Transforme os Guardas em um exército e você arriscará tudo.”

Elayne jogou a cabeça para trás, mas sua risada não continha nenhuma diversão. Ela se encaixou perfeitamente com os estrondos do trovão. “Arrisquei tudo no dia em que voltei para casa, Dyelin. Você diz que Norwelyn e Traemane virão até mim, e Pendar? Tudo bem; então eu tenho cinco para enfrentar seis. Não acho que as outras Casas vão ‘ver a razão’, como você diz. Se alguma delas se mover antes que fique claro que a coroa de rosas é minha, será contra mim, não a favor.” Com sorte, aqueles senhores e senhoras evitariam se associar com amigos de Gaebril, mas ela não gostava de depender da sorte. Ela não era o tal Cauthon. Luz, a maioria das pessoas tinha certeza de que Rand havia matado sua mãe, e poucos acreditavam que “Lord Gaebril” tinha sido um dos Abandonados. Reparar o dano que Rahvin havia feito em Andor poderia levar toda a sua vida, mesmo que ela conseguisse viver tanto quanto as Mulheres Kin! Algumas Casas deixariam de apoiá-la por causa dos ultrajes que Gaebril havia perpetrado em nome de Morgase, e outras porque Rand havia dito que pretendia “dar” a ela o trono. Ela amava o homem até os dedos dos pés, mas que queimasse por dar voz a isso! Mesmo isso que fosse o que controlava Dyelin. O arrendatário mais malvado de Andor colocaria sua foice no ombro para puxar uma marionete no Trono do Leão!

“Eu quero evitar que andoranos matem andoranos se eu puder, Dyelin, mas com Sucessão ou sem Sucessão, Jarid está pronto para lutar, mesmo com Elenia trancada. Naeen está pronto para lutar.” Era melhor trazer as duas mulheres para Caemlyn o mais rápido possível; havia muita chance de elas escorregarem mensagens e ordens de Aringill. “Arymilla está pronta, com os homens de Nasin atrás dela. Para eles, isso é uma Sucessão, e a única maneira de impedi-los de lutar é ser tão forte que não ousem. Se Birgitte puder transformar os Guardas em um exército até a primavera, muito bem, porque se eu não tiver um exército antes disso, precisarei de um. E se isso não for suficiente, lembre-se dos Seanchan. Eles não ficarão satisfeitos com Tanchico e

Ebou Dar; eles querem tudo. Não vou deixar que eles tenham Andor, Dyelin, assim como não vou deixar Arymilla.” O trovão rugiu no alto.

Virando-se um pouco para olhar para Birgitte, Dyelin umedeceu os lábios. Seus dedos puxaram inconscientemente suas saias. Muito pouco a assustava, mas as histórias dos Seanchan sim. O que ela murmurou, no entanto, como se fosse para si mesma, foi: “Eu esperava evitar uma guerra civil direta”. E isso podia não significar nada, ou muito! Talvez um pouco de sondagem pudesse mostrar o que.

“Gawyn,” Birgitte disse de repente. Sua expressão se iluminou, assim como as emoções que fluíam através do vínculo. O alívio se destacou forte. “Quando ele vier, ele assumirá o comando. Ele será seu primeiro príncipe da espada.”

“Leite materno em um copo!” Elayne estalou, e um relâmpago brilhou nas janelas para dar ênfase. Por que a mulher tinha que mudar de assunto agora? Dyelin deu um pulo, e o calor inundou o rosto de Elayne. Pela boca aberta da mulher mais velha, ela sabia exatamente como aquela maldição era uma grosseira. Estranhamente embaraçosa; não deveria ter contado para nada que Dyelin fosse amiga de sua mãe. Sem pensar, ela tomou um grande gole de vinho — e quase engasgou com a amargura. Rapidamente, suprimiu as imagens de Lini ameaçando lavar sua boca e lembrou a si mesma que ela era uma mulher adulta com um trono para conquistar. Duvidava que sua mãe já tivesse se sentido tola com tanta frequência. “Sim, ele vai, Birgitte,” ela continuou, mais calma. “Quando ele vier.” Três mensageiros estavam a caminho de Tar Valon. Mesmo que ninguém conseguisse passar por Elaida, Gawyn acabaria descobrindo que ela havia feito sua reivindicação, e ele viria. Ela precisava dele desesperadamente. Não tinha ilusões de si mesma como general, e Birgitte tinha tanto medo de não conseguir viver de acordo com as lendas sobre ela, que às vezes parecia ter medo de tentar. Enfrentar um exército, sim; liderar um exército, nunca sob o sol!

Birgitte estava bem ciente do emaranhado em sua própria mente. Naquele momento, seu rosto estava congelado, mas suas emoções estavam cheias de raiva e constrangimento, com a primeira ficando mais forte a cada momento. Com uma pontada de irritação, Elayne

abriu a boca para insistir na menção de Dyelin à guerra civil antes de começar a refletir a raiva de Birgitte.

Antes que pudesse dizer uma palavra, porém, as altas portas vermelhas se abriram. Suas esperanças por Nynaeve ou Vandene foram frustradas pela entrada de duas mulheres do Povo do Mar, descalças apesar do clima.

Uma nuvem de perfume almiscarado flutuou à frente delas, e sozinhas elas formavam uma procissão em calças e blusas de seda com brocados brilhantes, adagas e colares de ouro e marfim. E outras joias. O cabelo preto liso branco nas têmporas quase escondia os dez pequenos e gordos anéis dourados nas orelhas de Renaile din Calon, mas a arrogância em seus olhos escuros era tão clara quanto a corrente dourada carregada de medalhões que conectava um brinco ao piercing no nariz. Seu rosto estava firme e, apesar de um balanço gracioso em seu andar, ela parecia pronta para atravessar uma parede. Quase um palmo mais baixa que a companheira e mais escura que carvão, Zaida din Parede usava metade do número de medalhões dourados pendurados na face esquerda e carregava um ar de comando e não de arrogância, uma certeza certa de que seria obedecida. Cinza salpicava seu conjunto de cachos pretos apertados, mas ela era deslumbrante, uma daquelas mulheres que ficavam cada vez mais bonitas à medida que envelheciam. Dyelin se encolheu ao vê-las e levou a mão ao nariz antes que pudesse se conter. Uma reação bastante comum em pessoas não acostumadas aos Atha'an Miere. Elayne fez uma careta, e não por causa de seus piercings no nariz. Ela até considerou outra maldição, algo mais... pungente. Com exceção dos Abandonados, ela não poderia ter nomeado duas pessoas que ela queria menos ver naquele momento. Reene deveria impedir isso de acontecer!

“Perdoe-me,” ela disse, levantando-se suavemente, “mas estou muito ocupada agora. Questões de estado, você entende, ou eu o cumprimentaria como suas estações merecem. O Povo do Mar era adepto da cerimônia e do decoro, pelo menos em seus próprios termos. Muito provavelmente passaram pela Primeira Empregada simplesmente não dizendo a ela que queriam ver Elayne, mas elas

facilmente poderiam se ofender se ela as cumprimentasse sentada antes que a coroa fosse dela. E, que a Luz queimasse as duas, ela não podia se dar ao luxo de ofender. Birgitte apareceu ao seu lado, curvando-se formalmente para pegar sua xícara; o vínculo de Gurdia mostrava cautela. Ela sempre foi apimentada perto do Povo do Mar; tinha deixado sua língua deslizar ao redor delas também. “Vejo você no final do dia,” Elayne terminou, acrescentando: “Se a Luz quiser.” Elas também eram ótimas para frases cerimoniais, e essa mostrava cortesia e dava uma saída. Renaile não parou até ficar bem na frente de Elayne, e perto demais. Uma mão tatuada gesticulou para que ela se sentasse. Dando permissão. “Você tem me evitado.” Sua voz era profunda para uma mulher, e tão fria quanto a neve caindo no telhado. “Lembre-se que sou Chamadora de Vento de Nesta din Reas Duas Luas, Mestra dos Navios dos Atha’an Miere. Você ainda deve cumprir o resto da barganha que fez pela sua Torre Branca.” O Povo do Mar sabia da divisão na Torre — a essa altura, todos e suas irmãs sabiam — mas Elayne não achou por bem aumentar suas dificuldades tornando público de que lado estava. Ainda não. Renaile terminou com uma nota imperiosa e dominante. “Você vai lidar comigo, e agora!” De nada valera tanta cerimônia e propriedade.

“Ela está me evitando, eu acho, não você, Chamadora de Vento.” Ao contrário de Renaile, Zaida parecia estar apenas conversando. Ao invés de correr pelos tapetes, ela se moveu ociosamente pela sala, parando para tocar um vaso alto de porcelana verde fina, então se levantando na ponta dos pés para espiar através de um caleidoscópio de quatro canos em cima de um suporte alto. Quando ela olhou para Elayne e Renaile, um brilho divertido brilhou em seus olhos negros. “Afinal, o acordo foi com Nesta din Reas, falando pelos navios.” Além da Mestra das Ondas do Clã Catelar, Zaida era embaixadora da Mestra dos Navios. Para Rand, não para Andor, mas seu mandado dava autoridade para falar e se comprometer com a própria Nestha. Trocando um cano cravejado de ouro por outro, ela ficou na ponta dos pés para olhar pela ocular novamente. “Você prometeu aos Atha’an Miere vinte professoras, Elayne. Até agora você entregou uma.”

A entrada deles foi tão repentina, tão dramática, que Elayne ficou surpresa ao ver Merilille se virar ao fechar as portas. Mais baixa ainda que Zaida, a irmã Cinza estava elegante em lã azul-escura debruada com pele prateada e costurada com pequenas pedras da lua no corpete, mas pouco mais de duas semanas ensinando as Chamadoras de Vento trouxeram mudanças. A maioria eram mulheres poderosas com sede de conhecimento, mais do que prontas para espremer Merilille como uma uva no espremedor, exigindo a última gota de suco. Uma vez, Elayne pensara que ela era autocontrolada além da capacidade de surpreender, mas agora Merilille estava constantemente com os olhos arregalados, os lábios sempre um pouco entreabertos, como se tivesse acabado de ficar meio assustada e esperasse ser assustada novamente a qualquer momento. Cruzando as mãos na cintura, ela esperou na porta e pareceu aliviada por estar fora do centro das atenções.

Murmurando alto, Dyelin se levantou e fez uma careta para Zaida e Renaile. “Tenha cuidado como você fala,” ela rosnou. “Você está em Andor agora, não em um de seus navios, e Elayne Trakand será a Rainha de Andor! Seu negócio será cumprido em tempo útil. Por enquanto, temos assuntos mais importantes para tratar.”

“Sob a Luz, não há nada mais importante” resmungou Renaile por sua vez, virando-se para ela. “Você diz que a barganha será cumprida? Então você é a fiadora. Saiba que também haverá espaço para pendurá-la pelos tornozelos no cordame se...” Zaida estalou os dedos. Isso foi tudo, mas um tremor passou por Renaile. Agarrando a caixa de perfume dourada pendurada em um de seus colares, ela a pressionou contra o nariz e respirou fundo. Chamadora de Vento da Mestra dos Navios ela poderia ser, uma mulher de grande autoridade e poder entre os Atha’an Miere, mas para Zaida, ela era... uma Chamadora de Vento. O que ralava seu orgulho excessivamente. Elayne tinha certeza de que deveria haver uma maneira de usar isso para mantê-las fora de seu caminho, mas ainda não tinha encontrado. Ah, sim; para o bem ou para o mal, o Daes Dae'mar estava em seus ossos agora. Ela deslizou em torno de uma Renaile silenciosamente furiosa como se estivesse em torno de uma coluna, uma parte da sala, mas não em direção a Zaida.

Se alguém tinha o direito de ser casual aqui, era ela. Não podia dar a Zaida um cabelo de vantagem, ou a Mestra das Ondas rasparia seu couro cabeludo para fazer perucas. Na lareira, estendeu as mãos na frente das chamas novamente.

"Nesta din Reas confiou que cumpriríamos o acordo, ou ela nunca teria concordado com isso", disse ela calmamente. "Vocês recuperaram a Tigela dos Ventos, mas reunir mais dezenove irmãs para se juntar a vocês requer tempo. Sei que vocês se preocupam com os navios que estavam em Ebou Dar quando os Seanchan chegaram. Faça com que Renaile faça um portal para Tear. Existem centenas de navios Atha'an Miere lá." Todos os relatórios diziam isso. "Vocês podem descobrir o que eles sabem e se juntar ao seu povo. Eles precisarão de vocês, contra os Seanchan." E ela se livraria delas. "As outras irmãs serão enviadas a vocês assim que puderem ser combinadas." Merilille não se moveu na porta, mas seu rosto assumiu um tom verde de pânico com a possibilidade de estar sozinha entre o Povo do Mar.

Zaida desistiu de olhar pelo caleidoscópio e olhou Elayne de lado. Um sorriso curvou seus lábios carnudos. "Devo permanecer aqui, pelo menos até falar com Rand al'Thor. Se ele vier." Aquele sorriso apertou por um instante antes de florescer mais uma vez; Rand teria dificuldade com ela. "E vou ficar com Renaile e seus companheiros por enquanto. Um punhado de Chamadoras de Vento mais ou menos não fará grande diferença contra esses Seanchan, e aqui, se a Luz quiser, elas podem aprender o que será útil." Renaile bufou, alto o suficiente para ser ouvida. Zaida franziu a testa brevemente e começou a mexer na ocular que estava no nível do topo de sua cabeça. "Há cinco Aes Sedai aqui em seu palácio, contando você mesmo," ela murmurou pensativa. "Talvez algumas de vocês possam ensinar." Como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. E se fosse assim, Elayne poderia levantar as duas mulheres do mar com uma mão! "Ah, sim, isso seria maravilhoso," Merilille explodiu, dando um passo à frente. Então ela olhou para Renaile e se acalmou, um rubor inundando sua palidez cairhiena. Cruzando as mãos na cintura mais uma vez, ela agarrou a mansidão ao redor de si mesma como uma segunda pele. Birgitte balançou a

cabeça com espanto. Dyelin olhou como se nunca tivesse visto a Aes Sedai antes.

“Algo pode ser resolvido, se a Luz agradar,” Elayne disse cautelosamente. Não esfregar suas têmporas exigia esforço. Ela desejou poder culpar a dor dentro de seu crânio pelo trovão incessante. Nynaeve explodiria com a sugestão, e Vandene provavelmente ignoraria tal ordem, mas Careane e Sareitha poderiam ser convencidas. “Por não mais do que algumas horas por dia, você entende. Quando tiverem tempo.” Ela evitou olhar para Merilille. Até Careane e Sareitha poderiam se rebelar por serem jogadas naquele emaranhado.

Zaida levou os dedos da mão direita aos lábios. “Está acordado, sob a luz.”

Elayne piscou. Isso era sinistro; aos olhos da Mestra das Ondas, aparentemente, tinham acabado de fazer outra barganha. Sua experiência limitada de lidar com os Atha'an Miere era que se tem sorte de sair com sua parte. Bem, desta vez as coisas seriam diferentes. Por exemplo, o que as irmãs ganhariam com isso? Tinha que haver dois lados para uma barganha. Zaida sorriu, como se soubesse o que Elayne estava pensando e se divertisse. Uma das portas se abrindo novamente foi quase um alívio, dando a ela uma desculpa para se afastar da mulher do Povo do Mar. Reese Harfor entrou na sala com deferência, mas sem servilismo, e sua reverência foi contida, adequada para o Alto Assento de uma poderosa Casa de sua Rainha. Mas então, qualquer Alto Assento que valesse uma pitada de sal sabia o suficiente para oferecer respeito à Primeira Empregada. Seu cabelo grisalho estava arrumado em um coque, como uma coroa no topo de sua cabeça, e ela usava um tabardo escarlate sobre seu vestido vermelho e branco, com a cabeça do Leão Branco de Andor descansando em seu seio formidável. Reese não tinha opinião sobre quem se sentaria no trono, mas havia adotado um traje formal completo no dia da chegada de Elayne, como se a rainha já estivesse na residência. Seu rosto redondo endureceu momentaneamente ao ver as mulheres Atha'an Miere que a ignoraram, mas isso foi todo o aviso que ela deu a elas. Por enquanto. Elas aprenderiam à sua custa o que implicava a

animosidade da Primeira Empregada. “Mazrim Taim finalmente chegou, minha senhora.” Reene conseguiu fazer isso soar muito como “minha rainha”. “Devo dizer a ele para esperar?”

Já não era sem tempo! Elayne murmurou em sua cabeça. Ela havia convocado o homem dois dias atrás! “Sim, Senhora Harfor. Dê-lhe vinho. O terceiro melhor, eu acho. Informe-o de que o verei assim que...” Taim entrou na sala como se fosse o dono do Palácio. Ela não precisava dele nomeado. Dragões azuis e dourados estavam tecidos em volta das mangas de seu casaco preto, dos cotovelos aos punhos, imitando os dragões nos braços de Rand. Embora ela suspeitasse que ele não apreciaria a observação. Ele era alto, quase tão alto quanto Rand, com um nariz adunco e olhos escuros como agouros, um homem fisicamente poderoso que se movia com a graça mortal de um Guardião, mas as sombras pareciam segui-lo, como se metade das lâmpadas na sala tivesse apagado; não sombras reais, mas um ar de violência iminente que parecia palpável o suficiente para absorver a luz. Mais dois homens de casaca preta o seguiam, um careca com uma longa barba grisalha e olhos azuis maliciosos, e um homem mais jovem, magro como uma cobra e cabelos escuros, com a arrogância zombeteira que os jovens muitas vezes adotavam antes de aprenderem a se portar melhor. Ambos usavam a Espada de prata e o dragão vermelho esmaltado em suas golas altas. Nenhum dos três usava uma espada no quadril, no entanto; eles não precisavam de espadas. De repente, a sala de estar parecia menor e lotada. Instintivamente, Elayne abraçou *saidar* e estendeu a mão para fazer um elo. Merilille entrou facilmente no círculo; surpreendentemente, Renaile também. Um rápido olhar para a Chamadora de Vento diminuiu sua surpresa. Com o rosto cinza, Renaile estava segurando a adaga enfiada atrás de sua faixa com tanta força que Elayne podia sentir a dor em seus dedos através do elo. Ela estava em Caemlyn tempo suficiente para saber o que era um Asha'man.

Os homens sabiam que alguém havia abraçado *saidar*, é claro, mesmo que não pudessem ver o brilho que cercava as três mulheres. O careca enrijeceu; o jovem magro cerrou os punhos. Eles olharam com olhos raivosos. Certamente eles tinham tomado *saidin*. Elayne

começou a se arrepender de ceder ao reflexo, mas não ia deixar a Fonte ir, não agora. Taim irradiava perigo da mesma forma que um incêndio emitia calor. Ela canalizou profundamente através do elo, até o ponto em que a sensação avassaladora da vida se tornou aguda, com pontadas de advertência. Mesmo aquelas se sentiam... alegres. Com tanto poder nela, poderia devastar o Palácio, mas se perguntou se era o suficiente para igualar a Taim e aos outros dois. Desejava muito ter um dos três *angreal* que haviam encontrado em Ebou Dar, agora trancados em segurança com o resto das coisas do esconderijo até que tivesse tempo de estudá-los novamente. Taim balançou a cabeça desdenhosamente, um meio sorriso piscando em seus lábios. “Usem seus olhos.” Sua voz era calma, mas dura e zombeteira. “Há duas Aes Sedai aqui. Vocês têm medo de duas Aes Sedai? Além disso, você não quer assustar a futura Rainha de Andor.” Seus companheiros relaxaram visivelmente, então começaram a tentar imitar o domínio irrefletido de sua postura.

Reene não sabia nada sobre *saidar* ou *saidin*; ela se virou para os homens, carrancuda, assim que eles entraram. Asha'man ou não, ela esperava que as pessoas se comportassem como deveriam. Ela murmurou algo quase em voz baixa. Não baixo o suficiente, no entanto. As palavras “ratos furtivos” eram apenas audíveis. A Primeira Empregada ficou vermelha quando percebeu que todos na sala tinham ouvido, e Elayne teve a chance de ver Reene Harfor nervosa. O que significava que a mulher se endireitou e disse, com uma graça e dignidade que qualquer governante invejaria: “Perdoe-me, minha senhora Elayne, mas me disseram que há ratos infestando os depósitos. Algo incomum nesta época do ano, e muitos deles. Se me der licença, devo garantir que minhas ordens de caçadores de ratos e iscas venenosas estejam sendo cumpridas.”

“Fique,” Elayne disse a ela friamente. Calmamente. “Os vermes podem ser tratados no devido tempo.” Duas Aes Sedai. Ele não sabia que Renaile podia canalizar e enfatizou duas. Apenas três mulheres dariam alguma vantagem? Ou precisariam de mais? Claramente os Asha'man sabiam de alguma vantagem para as mulheres em número inferior a um círculo de treze. Andar até ela sem sequer pedir licença,

eles ousariam? "Você pode mostrar a saída a esses bons homens quando eu terminar com eles." Os companheiros de Taim fizeram uma careta ao serem chamados de "bons homens", mas o próprio homem apenas abriu outro daqueles quase sorrisos. Ele foi rápido o suficiente para saber que ela estava pensando nele quando falou de vermes. Luz! Talvez Rand tivesse precisado desse homem uma vez, mas por que ele o manteria agora, e em uma posição de tal autoridade? Bem, sua autoridade não contava para nada aqui.

Sem pressa, ela pegou sua cadeira novamente e deu um momento para ajustar suas saias. Os homens teriam que se aproximar dela como suplicantes, ou então falar com o lado de sua cabeça enquanto ela se recusava a olhar para eles. Por um instante, considerou passar o controle do pequeno círculo. Os Asha'man certamente focariam sua atenção nela. Renaile ainda estava cinza, porém, raiva e medo caindo um sobre o outro dentro dela; ela poderia atacar assim que a ligação fosse dela. Merilille tinha algum medo, apenas sob controle, misturado com uma grande dose de... arrepio... sentimento que combinava com seus olhos arregalados e lábios entreabertos; somente a Luz sabia o que poderia fazer com o elo.

Dyelin deslizou para o lado da cadeira de Elayne, como se quisesse protegê-la dos Asha'man. O que quer que estivesse dentro do Alto Assento de Taravin, seu rosto era severo, sem medo. As outras mulheres não perderam tempo em se preparar da melhor maneira possível. Zaida ficou muito quieta ao lado do caleidoscópio, fazendo o possível para parecer diminuta e inofensiva, mas suas mãos estavam atrás das costas e a adaga estava faltando atrás de sua faixa. Birgitte descansava ao lado da lareira, a mão esquerda apoiada no batente, aparentemente à vontade, mas a bainha de seu canivete estava vazia e, pelo modo como a outra mão descansava ao lado do corpo, ela estava pronta para um arremesso por baixo. O vínculo carregava... foco. Uma flecha encaixada, puxada até a bochecha, pronta para soltar.

Elayne não fez nenhum esforço para olhar ao redor de Dyelin para os três homens. "Primeiro você é muito lento em obedecer a minha convocação, Mestre Taim, e depois muito repentino." Luz, ele estava

segurando *saidin*? Havia métodos de interferir com um homem canalizando sem blindá-lo, mas era uma habilidade difícil, arriscada, e ela sabia pouco mais que a teoria.

Ele veio para a frente dela, a vários passos de distância, mas não parecia um suplicante. Mazrim Taim sabia quem ele era e seu próprio valor, embora claramente o colocasse mais alto que o céu. Relâmpagos nas janelas enviaram luzes estranhas em seu rosto. Muitos se sentiriam intimidados por ele, mesmo sem seu casaco chique ou seu nome infame. Ela não. Ela não sentiria!

Taim esfregou o queixo pensativo: "Eu entendo que você derrubou os estandartes do Dragão por toda Caemlyn, Senhora Elayne." Havia diversão em sua voz profunda, se não em seus olhos! Dyelin sibilou de fúria com o desrespeito a Elayne, mas ele a ignorou. "Os saldaeanos se retiraram para o acampamento da Legião do Dragão, ouvi dizer, e logo os últimos Aiel estarão em acampamentos fora da cidade também. O que ele vai dizer quando descobrir?" Não havia dúvida de quem ele queria dizer. "E depois que ele lhe enviou um presente também. Do sul. Vou mandar entregar mais tarde."

"Aliarei Andor com o Dragão Renascido no devido tempo", disse-lhe friamente, "mas Andor não é uma província conquistada, nem por ele nem por qualquer outra pessoa." Fez com que as mãos ficassem relaxadas nos braços da cadeira. Luz, convencer os Aiel e os saldaeanos a irem embora foi sua maior conquista até agora, e mesmo com a explosão do crime, foi necessário! "De qualquer forma, Mestre Taim, não é seu dever me chamar a atenção. Se Rand objetar, eu vou lidar com ele!" Taim ergueu uma sobrancelha, e aquela estranha curva de sua boca permaneceu. *Que me queime*, ela pensou indignada, *eu não deveria ter usado o nome de Rand!* O homem claramente pensou que sabia exatamente como ela lidaria com a ira do maldito Dragão Renascido! O pior era que, se ela pudesse derrubar Rand em uma cama, ela o faria. Não para isso, não para lidar com ele, mas porque ela queria. Que tipo de presente ele tinha enviado?

A raiva endureceu sua voz. Raiva pelo tom de Taim, de Rand por ficar tanto tempo longe. De si mesma, por corar e pensar em presentes. Presentes! "Vocês cercaram quatro milhas de Andor." Luz, isso era

mais da metade do tamanho da Cidade Interior! Quantos desses companheiros o local poderia conter? O pensamento fez sua pele arrepiar. “Com a permissão de quem, Mestre Taim? Não me diga do Dragão Renascido. Ele não tem o direito de dar permissão para nada em Andor.” Dyelin se mexeu ao lado dela. Não tinha direito, mas força suficiente poderia fazer direito. Elayne manteve sua atenção em Taim. “Você recusou a entrada dos Guardas da Rainha em seu... complexo.” Não que eles tivessem tentado antes que ela voltasse para casa. “A lei em Andor rege toda Andor, Mestre Taim. A justiça será a mesma para um senhor ou fazendeiro — ou Asha’man. Não vou dizer que posso forçar minha entrada.” Ele começou a sorrir de novo, ou quase isso. “Eu não me rebaixaria. Mas, a menos que os Guardas da Rainha tenham permissão para entrar, prometo que nem uma batata passará pelos seus portões. Sei que vocês podem Viajar. Deixe seus Asha’man passarem os dias Viajando para comprar comida.” O quase sorriso desapareceu em uma leve careta; suas botas se moveram ligeiramente.

O aborrecimento durou apenas um instante, no entanto. “A comida é um pequeno problema”, disse ele suavemente, espalhando as mãos. “Como você diz, meus homens podem Viajar. Para qualquer lugar que eu mandar. Duvido que você possa me impedir de comprar o que eu quiser, mesmo a dezesseis quilômetros de Caemlyn, mas não me incomodaria se você pudesse. Ainda assim, estou disposto a permitir visitas sempre que você pedir. Visitas controladas, com acompanhantes em todos os momentos. O treinamento é duro na Torre Negra. Homens morrem quase todos os dias. Eu não gostaria de nenhum acidente.”

Ele foi irritantemente preciso sobre o quão longe de Caemlyn seu controle chegava. Mas não mais do que irritante. Suas observações sobre Viajar para qualquer lugar que ele comandasse e “acidentes” deveriam ser ameaças veladas? Certamente não. Uma onda de fúria a percorreu quando percebeu que tinha certeza de que ele não a ameaçaria por causa de Rand. Ela não se esconderia atrás de Rand al'Thor. Visitas controladas? Quando ela perguntou? Ela deveria queimar o homem em cinzas onde ele estava! De repente, ela se deu

conta do que vinha do vínculo de Birgitte, raiva, um reflexo dela, unindo-se à de Birgitte, refletindo de Birgitte para ela, saltando dela para Birgitte, alimentando-se de si mesma, aumentando. A mão da faca de Birgitte estremeceu com o desejo de arremessar. E ela mesma? A fúria a encheu! Mais um fio e ela perderia *saidar*. Ou batalhar com ele. Com um esforço, ela forçou a raiva para baixo, em uma aparência de calma. Uma aparência áspera, fervente. Engoliu em seco e lutou para manter o nível de voz. “Os Guardas vão visitar todos os dias, Mestre Taim.” E como ela faria isso com aquele tempo, ela não sabia. “Talvez eu vá eu mesma, com algumas outras irmãs.” Se a ideia de ter Aes Sedai dentro de sua Torre Negra incomodava Taim, ele não demonstrou. Luz, ela estava tentando estabelecer a autoridade de Andor, não incitar o homem. Apressadamente ela fez um exercício de principiante — o rio contido na margem — buscando calma. Funcionou, um pouco. Agora ela só queria jogar todas as taças de vinho nele. “Aceito seu pedido de escolta, mas nada deve ser escondido. Eu não terei crimes escondidos por seus segredos. Será que nos entendemos?”

A medida de Taim foi zombeteira — zombeteira! — mas havia uma tensão em sua voz. “Entendo você perfeitamente. Mas me entenda. Meus homens não são fazendeiros batendo na testa quando você passa. Pressione um Asha'man com muita força, e você pode aprender o quão forte é sua lei.”

Elayne abriu a boca para dizer a ele exatamente quão forte era a lei em Andor.

“Está na hora, Elayne Trakand”, disse a voz de uma mulher da porta.

“Sangue e cinzas!” Dyelin murmurou. O mundo inteiro vai entrar aqui?”

Elayne reconheceu a nova voz. Ela estava esperando essa convocação, sem saber quando viria. Sabendo que devia ser obedecido, porém, imediatamente. Ela se levantou, desejando ter um pouco mais de tempo para esclarecer as coisas para Taim. Ele franziu a testa para a mulher que acabara de entrar e para Elayne, claramente sem saber o que fazer com isso. Bom. Deixaria ele cozinhar até que tivesse tempo de esclarecer quais direitos especiais os Asha'man

tinham em Andor. Nadere era tão alta quanto qualquer um dos dois homens perto da porta, uma mulher grande, tão forte quanto qualquer Aiel que Elayne já tinha visto. Seus olhos verdes examinaram o par por um momento, antes de descartá-los como sem importância. Asha'man não impressionavam Sábias. Muito pouco fazia isso. Ajustando o xale escuro nos ombros em um barulho de pulseiras, ela caminhou na frente de Elayne, de costas para Taim. Apesar do frio, ela usava apenas aquele xale sobre a blusa branca e fina, embora estranhamente carregasse uma capa de lã pesada pendurada em um braço. “Você deve vir agora”, ela disse a Elayne, “sem demora.” As sobrelanceiras de Taim pareciam subir em sua testa; sem dúvida ele não estava acostumado a ser tão completamente ignorado. “Luz do Paraíso!” Dyelin respirou, massageando sua testa. “Não sei do que se trata, Nadere, mas vai ter que esperar até...”

Elayne colocou a mão em seu braço. “Você não sabe, Dyelin, e não pode esperar. Vou mandar todos embora e ir com você, Nadere.” A Sábia balançou a cabeça em desaprovação. “Uma criança esperando para nascer não pode ter tempo para mandar as pessoas embora.” Ela sacudiu a capa grossa. “Eu trouxe isso para proteger sua pele do frio. Talvez eu deva deixá-la e dizer a Aviendha que sua modéstia é maior do que seu desejo por uma irmã.”

Dyelin engasgou ao perceber, repentinamente. O vínculo de Guardiã estremeceu com a indignação de Birgitte. Só havia uma escolha possível. Sem escolha, na verdade. Deixando a ligação com as outras duas mulheres se dissolver, ela mesma soltou *saída*. O brilho permaneceu em torno de Remaille e Merilille, no entanto. “Você vai me ajudar com meus botões, Dyelin?” Elayne estava orgulhosa de quão firme sua voz era. Ela esperara isso. *Só não com tantas testemunhas!*, pensou fracamente. Dando as costas para Taim — pelo menos ela não teria que vê-lo olhando para ela! — ela começou com os botões minúsculos nas mangas. “Dyelin, por favor? Dyelin? Depois de um momento, Dyelin se moveu como se estivesse dormindo e começou a mexer nos botões das costas de Elayne, murmurando para si mesma em tom chocado. Um dos Asha'man nas portas deu uma risadinha. “Deem a volta!” Taim estalou, e botas bateram nas portas.

Elayne não sabia se ele também havia se virado — tinha certeza de que podia sentir os olhos dele nela —, mas de repente Birgitte estava lá, e Merilille e Reene, e Zaida, e até mesmo Renaile, se amontoando ombro a ombro, franzindo a testa enquanto formavam uma parede entre ela e os homens. Não era uma parede muito adequada. Nenhuma era tão alta quanto ela, e nem Zaida nem Merilille eram mais altas do que seus ombros. *Foco*, ela disse a si mesma. *Estou composta, estou tranquila. Eu estou... estou me despindo em uma sala cheia de gente é o que estou fazendo!* Ela se despiu o mais apressadamente que pôde, deixando seu vestido e camisola cair no chão, jogando seus chinelos e meias em cima deles. Sua pele endureceu no ar frio; ignorar o frio significava apenas que ela não estava tremendo. E ela pensou que o calor em suas bochechas poderia ter algo a ver com isso.

"É loucura!" Dyelin murmurou em voz baixa, pegando as roupas. "Loucura total!"

"Do que se trata?" Sussurrou Birgitte. "Devo ir com você?"

"Devo ir sozinha," Elayne sussurrou de volta. "Não discuta!" Não que Birgitte desse qualquer sinal externo disso, mas o vínculo carregava volumes. Tirando as argolas de ouro de suas orelhas, ela as entregou a Birgitte, então hesitou antes de adicionar seu anel da Grande Serpente. A Sábias havia dito que ela deveria vir quando uma criança nascesse. Elas haviam recebido muitas instruções, a primeira delas para não contar a ninguém o que estava por vir. Por falar nisso, ela gostaria de saber. Uma criança nascia sem conhecimento prévio do que iria acontecer. Os murmúrios de Birgitte começaram a soar como os de Dyelin.

Nadere avançou com a capa, mas simplesmente a estendeu; Elayne teve que pegá-la e enrolá-la rapidamente. Ainda tinha certeza de que podia sentir o olhar de Taim. Segurando a lã pesada perto de si, seu instinto foi de sair correndo do quarto, mas, em vez disso, ela se endireitou e se virou lentamente. Não sairia correndo envolta em vergonha.

Os homens que vieram com Taim ficaram rígidos, de frente para as portas, e o próprio Taim estava olhando para a lareira, os braços cruzados sobre o peito. A sensação de seus olhos tinha sido

imaginação, então. Com exceção de Nadere, as outras mulheres a olhavam com variações de curiosidade, consternação e choque. Nadere simplesmente parecia impaciente.

Elayne tentou usar sua voz mais majestosa. “Senhora Harfor, você oferecerá vinho ao Mestre Taim e seus homens, antes de irem.” Bem, pelo menos não tremeu. “Dyelin, por favor, entretenha a Mestra das Ondas e a Chamadora de Vento, e veja se você pode acalmar seus medos. Birgitte, espero ouvir seu plano de recrutamento esta noite.” As mulheres que ela nomeou piscaram assustadas, assentiram sem palavras. Então ela saiu da sala, seguida por Nadere, desejando que pudesse ter feito melhor. A última coisa que ouviu antes de a porta se fechar atrás dela foi a voz de Zaida.

“Estranhos costumes, você litorâneos têm.”

No corredor, ela tentou se mover um pouco mais rápido, embora não fosse fácil, evitando que a capa ficasse aberta. Os ladrilhos vermelhos e brancos eram muito mais frios do que os tapetes da sala de estar. Alguns servos, agasalhados em boas librés de lã, olharam fixamente ao vê-la, depois se apressaram em suas tarefas. As chamas das lanternas tremeluziam; sempre havia correntes de ar nos corredores. Ocasionalmente, o ar se agitava o suficiente para fazer uma tapeçaria de parede ondular preguiçosamente. “Isso foi de propósito, não foi?” ela disse para Nadere, sem realmente fazer uma pergunta. “Sempre que você me chamava, você se certificava de que havia muitas pessoas para assistir. Para ter certeza de que adotar Aviendha era importante o suficiente para mim.” Tinha que ser mais importante do que qualquer outra coisa, elas tinham dito. “O que você fez com ela?” Aviendha às vezes parecia ter muito pouca modéstia, muitas vezes andando por seus aposentos despida e despreocupada, nem mesmo percebendo quando os criados entravam. Fazê-la se despir no meio da multidão não teria provado nada. “Isso cabe a ela dizer, se ela quiser”, disse Nadere complacente.

“Você tem olhar aguçado para enxergar; muitos não.” Seu grande peito se ergueu em um grunhido que poderia ter sido uma risada. “Aqueles homens, virando as costas, e essas mulheres, protegendo você. Eu teria parado com isso se o homem do casaco bordado não

tivesse ficado olhando por cima do ombro para admirar seus quadris. E se você corando não mostrasse que sabia.”

Elayne errou um passo e tropeçou. A capa se inflamou, perdendo o pequeno calor do corpo que havia aprisionado antes que ela pudesse agarrá-la e fechá-la novamente. “Aquele beijador de porcos imundo!” ela rosnou. “Eu vou... eu vou...!” Que a queime, o que ela poderia fazer? Dizer a Rand? Deixá-lo lidar com Taim? Nunca na vida!

Nadere a olhou intrigada. “A maioria dos homens gosta de olhar para o bumbum de uma mulher. Pare de pensar em homens e comece a pensar na mulher que você quer como irmã.” Ruborizando novamente, Elayne se concentrou em Aviendha. Isso não fez nada para acalmar seus nervos. Havia coisas específicas que ela tinha dito para pensar antes da cerimônia, e algumas a deixavam desconfortável.

Nadere acompanhou o passo de Elayne, e Elayne tomou muito cuidado para não deixar as pernas passarem pela abertura do manto — havia criados por toda parte —, de modo que demoraram um pouco para chegar à sala onde as Sábias estavam reunidas, mais de uma dúzia delas em suas saias volumosas e blusas brancas e xales escuros, enfeitadas com colares e pulseiras de ouro e prata, pedras preciosas e marfim, seus longos cabelos presos para trás com lenços dobrados. Todos os móveis e tapetes haviam sido retirados, deixando o piso de ladrilhos brancos, e não havia fogo na lareira. Aqui, no fundo do palácio, sem janelas, o estrondo do trovão era quase inaudível. Os olhos de Elayne foram direto para Aviendha, de pé do outro lado da sala. Nua. Ela sorriu nervosamente para Elayne. Nervosamente! Aviendha! Tirando a capa apressadamente, Elayne sorriu de volta. Nervosa, ela percebeu. Aviendha deu uma risada suave e, depois de um momento, Elayne também. Luz, o ar estava frio! E o chão estava mais frio!

Ela não conhecia a maioria das Sábias na sala, mas um rosto saltou para ela. Os cabelos prematuramente brancos de Amys combinados com feições que pareciam aquém da meia-idade para dar a ela algo parecido com uma Aes Sedai. Ela devia ter Viajado de Cairhien. Egwene estava ensinando as andarilhas dos sonhos, para retribuir

seus ensinamentos sobre Tel'aran'rhiod. E para pagar uma dívida, ela alegou, embora nunca tenha deixado claro qual dívida.

“Esperava que Melaine estivesse aqui”, disse Elayne. Ela gostava da esposa de Bael, uma mulher calorosa e generosa. Não como duas outras na sala que ela reconheceu, Tamela ossuda com seu rosto anguloso, e Viendre, uma linda águia de olhos azuis. Ambas eram mais fortes no Poder do que ela, mais fortes do que qualquer irmã que ela conheceu, exceto Nynaeve. Isso não deveria importar entre os Aiel, mas ela não conseguia pensar em nenhuma outra razão pela qual elas sempre zombavam e olhavam para baixo quando a viam. Ela esperava que Amys assumisse o comando — Amys sempre fazia isso, ao que parecia —, mas foi uma mulher baixa chamada Monaelle, de cabelo louro com toques de vermelho, que deu um passo à frente. Não realmente baixa, mas ainda assim a única mulher na sala mais baixa que Elayne. E a mais fraca do Poder também, mal forte o suficiente, se tivesse ido para Tar Valon, para ganhar o xale. Talvez isso realmente não contasse para as Aiel. “Se Melaine estivesse aqui”, disse Monaelle, seu tom ríspido, mas não hostil, “os bebês que ela carrega seriam parte do vínculo entre você e Aviendha, se os fios os roçassem. Se eles sobrevivessem, quer dizer; os nascituros não são fortes o suficiente para isso. A questão é, vocês duas são?” Ela gesticulou com as duas mãos, apontando para pontos no chão não muito longe dela. “Venham aqui para o meio da sala, vocês duas.”

Pela primeira vez, Elayne percebeu que *saidar* faria parte disso. Ela pensou que seria apenas uma cerimônia, promessas trocadas, talvez juramentos feitos. O que iria acontecer? Não importava, exceto que... Seus passos se arrastaram enquanto ela se movia em direção a Monaelle. “Minha guardiã... Nosso vínculo... Ela será... afetada... por isso?” Aviendha, vindo para encará-la, franziu a testa quando Elayne hesitou, mas com a pergunta, ela virou os olhos assustados para Monaelle. Claramente, era algo que ela não tinha pensado.

A Sábia baixinha balançou a cabeça. “Ninguém fora desta câmara pode ser tocado pelas tramas. Ela pode sentir alguma parte do que vocês compartilham uma com a outra, por causa de seu vínculo com

você, mas apenas um pouco.” Aviendha soltou um suspiro de alívio que Elayne repetiu.

“Agora” continuou Monaelle. “Existem formas a serem seguidas. Venham. Não somos chefes de clã discutindo promessas de água sobre *oosquai*.” Rindo, fazendo o que pareciam ser piadas sobre chefes de clã e o forte licor Aiel, as outras mulheres formaram um círculo em torno de Aviendha e Elayne. Monaelle se acomodou graciosamente no chão, sentada de pernas cruzadas dois passos ao lado das mulheres nuas. O riso cessou quando sua voz se tornou formal. “Estamos reunidas porque duas mulheres querem ser irmãs-primas. Veremos se elas são fortes o suficiente e, se forem, ajudá-las. As mães delas estão presentes?”

Elayne deu um pulo, mas no momento seguinte, Viendre estava atrás dela. “Eu represento a mãe de Elayne Trakand, que não pode estar aqui.” Com as mãos nos ombros de Elayne, Viendre a empurrou para a frente e a pressionou até que ela estivesse ajoelhada nos ladrilhos frios na frente de Aviendha, depois se ajoelhou atrás dela. “Eu ofereço minha filha para seus testes.”

Em outra ocasião, Elayne poderia ter dado uma risadinha. Nenhuma das mulheres parecia mais do que meia dúzia de anos mais velha que Aviendha ou ela. Em outra ocasião. Agora não. As Sábias de pé tinham rostos solenes. Elas estavam estudando ela e Aviendha como se as estivessem pesando, sem saber se elas iriam caber.

“Quem sofrerá as dores do parto por elas?” Monaelle perguntou, e Amys deu um passo à frente.

Duas outras vieram com ela, uma ruiva ardente chamada Shyanda, que Elayne tinha visto com Melaine, e uma mulher grisalha que ela não conhecia. Elas ajudaram Amys a se despir. Orgulhosa de sua nudez, Amys encarou Monaelle e deu um tapa em sua barriga tensa. “Já tive filhos. Eu amamentei,” ela disse, segurando os seios que pareciam como se ela não tivesse feito nada do tipo. “Eu me ofereço.” Ante o digno aceno de aceitação de Monaelle, Amys se ajoelhou dois passos do outro lado de Elayne e Aviendha e se acomodou sobre os calcanhares. Shyanda e a Sábia grisalha ajoelharam-se ao lado dela, e de repente o brilho do Poder cercou todas as mulheres na sala,

exceto Elayne, Aviendha e Amys. Elayne respirou fundo e viu Aviendha fazer o mesmo. De vez em quando, uma pulseira batia contra outra entre as Sábias, o único som na sala além da respiração, e um trovão fraco e distante. Foi quase um choque quando Monaelle falou.

“Vocês duas farão o que forem instruídas. Se vocês vacilarem ou questionarem, sua dedicação não é forte o suficiente. Vou mandá-las embora, e isso será o fim de tudo, para sempre. Farei perguntas e vocês responderão com sinceridade. Se vocês se recusarem a responder, serão mandadas embora. Se alguém aqui achar que vocês mentem, serão mandadas embora. Vocês podem sair a qualquer momento por conta própria, é claro. O que também vai acabar com isso para sempre. Não há segundas chances aqui. Agora. Qual é a melhor coisa que você sabe sobre a mulher que você quer para uma irmã-primeira?”

Elayne meio que esperava a pergunta. Esta foi uma das coisas que lhe disseram para pensar. Escolher uma virtude entre muitas não tinha sido fácil, mas ela tinha sua resposta pronta. Quando falou, fluxos de *saidar* de repente se entrelaçaram entre ela e Aviendha, e nenhum som saiu de sua língua, ou da de Aviendha. Sem pensar, uma parte de sua mente escondeu as tramas; mesmo agora, tentar aprender era tão parte dela quanto a cor de seus olhos.

As tramas desapareceram quando seus lábios se fecharam.

“Aviendha é tão confiante, tão orgulhosa. Ela não se importa com o que alguém pensa que ela deveria fazer ou ser; ela é quem ela quer ser”, Elayne ouviu sua própria voz dizer, enquanto as palavras de Aviendha de repente eram audíveis ao mesmo tempo. “Mesmo quando Elayne está com tanto medo que sua boca seque, seu espírito não se dobra. Ela é mais corajosa do que qualquer um que eu já conheci.”

Elayne olhou para a amiga. Aviendha achava que ela era corajosa? Luz, ela não era covarde, mas corajosa? Estranhamente, Aviendha estava olhando para ela incrédula. “A coragem é um poço”, disse Viendre ao ouvido de Elayne, “fundo em alguns, raso em outros. Profundos ou rasos, os poços secam eventualmente, mesmo que se encham novamente mais tarde. Você enfrentará o que não pode enfrentar. Sua coluna se transformará em gelatina, e sua coragem

alardeada a deixará chorando no pó. O dia chegará." Ela soava como se quisesse estar lá para ver isso acontecer. Elayne deu um breve aceno de cabeça. Ela sabia tudo sobre sua espinha se transformando em geleia; lutava contra isso todos os dias, parecia.

Tamela falava com Aviendha, numa voz quase tão satisfeita como a de Viendre. "*Ji'e'toh* prende você como bandas de aço. Para *ji*, você se faz exatamente o que se espera de você, até o último fio de cabelo. Por isso, se necessário, você se rebaixará e rastejará de barriga para baixo. Porque você se importa até os ossos com o que todos pensam de você."

Elayne quase engasgou. Isso foi duro e injusto. Ela conhecia um pouco do *ji'e'toh*, mas Aviendha não era assim. No entanto, Aviendha estava balançando a cabeça, tanto quanto ela mesma. Uma aceitação impaciente do que ela já sabia. "Bons traços de amor numa irmã-primeira", disse Monaelle, erguendo o xale até os cotovelos, "mas o que você acha de pior nela?"

Elayne se mexeu nos joelhos gelados, lambeu os lábios antes de falar. Ela temia isso. Não foi apenas o aviso de Monaelle. Aviendha havia dito que elas deveriam falar a verdade. Deviam, ou do que valeria a irmandade? Mais uma vez, os tecidos mantiveram suas palavras cativas até que terminassem.

"Aviendha..." A voz de Elayne disse de repente, hesitante. "Ela... ela acha que a violência é sempre a resposta. Às vezes, ela não pensa além de seu canivete. Às vezes, ela é como um menino que não vai crescer!"

"Elayne sabe disso..." A voz de Aviendha começou, então engoliu em seco e continuou apressada. "Ela sabe que é linda, sabe o poder que isso lhe dá sobre os homens. Ela expõe metade do peito às vezes, ao ar livre, e sorri para fazer os homens fazerem o que ela quer."

Elayne ficou boquiaberta. Aviendha pensava isso dela? Isso a fez parecer uma saia leve! Aviendha franziu a testa e entreabriu a boca, mas Tamela apertou seus ombros novamente e começou a falar.

"Você acha que os homens não olham para o seu rosto com aprovação?" Havia uma pontada na voz de Sábia; forte era o melhor que alguém poderia dizer de seu rosto. "Eles não olham para seus

seios na tenda de suor? Admiram seus quadris? Você é linda, e agora você. Negue isso e negue a si mesma! Você se divertiu com a aparência dos homens e sorriu para eles. Você nunca sorrirá para um homem para dar mais peso aos seus argumentos, ou tocará seu braço para distraí-lo da fraqueza de seus argumentos? Você vai, e você não será menos por isso.” Vermelho inundou as bochechas de Aviendha, mas Elayne estava tendo que ouvir Viendre. E lutar contra os próprios rubores. “Há violência em você. Negue isso e negue a si mesma. Você nunca se enfureceu e atacou? Nunca tirou sangue? Nunca desejou fazer isso? Sem qualquer pensamento? Enquanto você respira, isso fará parte de você.” Elayne pensou em Taim, e em outras vezes, e seu rosto parecia uma fornalha. Desta vez, houve mais de uma resposta.

“Seus braços vão ficar fracos”, Tamela estava dizendo a Aviendha. “Suas pernas perderão a agilidade. Um jovem poderá tirar a faca da sua mão. Como a habilidade ou a ferocidade a beneficiarão então? Coração e mente são as verdadeiras armas. Mas você aprendeu a usar a lança em um dia, quando você era um Donzela? Se você não aperfeiçoar a mente e o coração agora, envelhecerá e as crianças confundirão sua inteligência. Os chefes dos clãs a sentarão em um canto para brincar de cama de gato e, quando você falar, todos ouvirão apenas o vento. Tome cuidado enquanto pode.”

“A beleza foge”, continuou Viendre, para Elayne. “Os anos vão fazer seus seios caírem, sua carne ficar flácida, sua pele enrugar como couro. Homens que sorriram ao ver seu rosto falarão com você como se você fosse apenas mais um homem. Seu marido pode vê-la sempre como a primeira vez que seus olhos a viram, mas nenhum outro homem sonhará com você. Você não será mais você? Seu corpo é apenas roupa. Sua carne murchará, mas você é seu coração e sua mente, e eles não mudam, exceto para se fortalecer”.

Elayne balançou a cabeça. Não em negação. Na verdade, não. Ela nunca tinha pensado em envelhecer, no entanto. Especialmente desde que foi para a Torre. Os anos eram leves, mesmo para Aes Sedai muito velhas. Mas e se ela vivesse tanto quanto as Mulheres Kin? Isso significaria desistir de ser Aes Sedai, é claro, mas e se ela desistisse?

As Kin demoravam muito para ter rugas, mas tinham. O que Aviendha estava pensando? Ela se ajoelhou ali parecendo... taciturna.

“Qual é a coisa mais infantil que você conhece da mulher que você quer para irmã-primeira?” disse Monaelle.

Isso era mais fácil, não tão pesado. Elayne até sorriu enquanto falava. Aviendha sorriu de volta, o mau humor se foi. Novamente as tramas pegaram suas palavras e as soltaram juntas, vozes com risos nelas.

“Aviendha não me deixa ensiná-la a nadar. Eu tentei. Ela não tem medo de nada, exceto de entrar em mais água do que em uma banheira.”

“Elayne devora doces com as duas mãos como uma criança que escapou dos olhos de sua mãe. Se ela continuar, ficará gorda como um porco antes de envelhecer.” Elayne estremeceu. Devora? Devora? Um doce, de vez em quando, era tudo o que ela comia. Apenas de vez em quando. Gorda? Por que Aviendha estava olhando para ela? Recusar-se a entrar na água mais do que os joelhos era infantil.

Monaelle cobriu uma leve tosse com uma das mãos, mas Elayne achou que ela escondia um sorriso. Algumas das Sábias de pé riram abertamente. Da tolice de Aviendha? Ou dela... devorando?

Monaelle retomou a dignidade, ajeitando as saias espalhadas pelo chão, mas ainda havia um toque de alegria em sua voz. “Qual é o seu maior ciúme da mulher que você quer para uma irmã-primeira?”

Talvez Elayne tivesse evitado sua resposta apesar da exigência da verdade. A verdade deu um pulo assim que lhe disseram para pensar nisso, mas encontrou algo menor, menos embaraçoso para as duas, que teria passado na prova. Talvez. *Mas havia aquilo dela sorrindo e expondo seu seio.* Talvez ela tivesse sorrido, mas Aviendha caminhava na frente de servos de rosto vermelho sem vestir nada e parecia nem vê-los! Então ela devorava doces, não é? Ela ia engordar? Ela falou a verdade amarga enquanto os fios tomavam suas palavras e a boca de Aviendha se movia em um silêncio sombrio, até que finalmente o que elas disseram foi solto.

“Aviendha deitou nos braços do homem que amo. Eu nunca fiz isso; Talvez nunca faça, e eu poderia chorar por isso!”

“Elayne tem o amor de Rand al'Th... de Rand. Meu coração está empoeirado por querer que ele me ame, mas não sei se algum dia ele o fará.”

Elayne olhou para o rosto ilegível de Aviendha. Ela estava com ciúmes dela por causa de Rand? Quando o homem evitava Elayne Trakand como se ela tivesse sarna? Ela não tinha tempo para mais, no entanto.

"Bata nela o mais forte que puder com a mão aberta", disse Tamela a Aviendha, tirando as próprias mãos dos ombros de Aviendha.

Viendre apertou levemente os de Elayne. “Não se defenda.” Elas não tinham sido informadas de nada disso! Certamente, Aviendha não iria...

Piscando, Elayne se levantou do piso gelado. Cautelosamente, ela sentiu sua bochecha, e estremeceu. Ia ficar com uma impressão de palma o resto do dia. A mulher não precisava bater nela com tanta força.

Todos esperaram até que ela estivesse ajoelhada novamente, e então Viendre se inclinou para mais perto.

“Bata nela o mais forte que puder com a mão aberta.”

Bem, ela não ia bater na orelha de Aviendha. Ela não ia... Seu tapa, com os braços completos, fez Aviendha se esparramar, deslizando sobre o peito pelos ladrilhos quase até Monaelle. A palma da mão de Elayne doeu quase tanto quanto sua bochecha. Aviendha meio que se empurrou para cima, sacudiu a cabeça e voltou para sua posição. E Tamela disse: “Bata nela com a outra mão”. Desta vez, Elayne deslizou até os joelhos de Amys nos ladrilhos congelados, a cabeça zumbindo, as duas bochechas queimando. E quando ela se ajoelhou na frente de Aviendha, quando Viendre lhe disse para bater, ela colocou todo o corpo no tapa, tanto que quase caiu em cima de Aviendha quando a outra mulher caiu. "Vocês podem ir agora", disse Monaelle.

Os olhos de Elayne se voltaram para Sábria. Aviendha, a meio caminho de seus joelhos, ficou rígida como uma pedra.

"Se vocês quiserem", continuou Monaelle. “Os homens geralmente querem, neste momento, senão antes. Muitas mulheres também. Mas

se vocês ainda se amam o suficiente para continuar, então se abracem.”

Elayne atirou-se em Aviendha e foi recebida com tanta pressa que quase a derrubou para trás. Eles se agarraram. Elayne sentiu lágrimas escorrendo de seus olhos e percebeu que Aviendha também estava chorando. "Sinto muito", Elayne sussurrou fervorosamente. "Desculpe, Aviendha.”

“Perdoe-me,” Aviendha sussurrou de volta. "Me perdoe." Monaelle estava de pé sobre eles agora. “Vocês conhecerão a raiva uma da outra novamente, falarão palavras duras, mas sempre se lembrarão de que já se golpearam. E por nenhuma razão melhor do que o que foi dito. Deixem esses golpes servirem por tudo o que vocês desejam dar. Vocês têm *toh* uma com a outra, *toh* que não podem pagar e nem tentarão, porque toda mulher está sempre em dívida com sua irmã-primeira. Vocês vão nascer de novo.”

A sensação de *saidar* na sala estava mudando, mas Elayne não teve chance de ver como ela tinha pensado nisso. A luz diminuiu como se as lâmpadas estivessem sendo apagadas. A sensação do abraço de Aviendha diminuiu. O som diminuiu. A última coisa que ela ouviu foi a voz de Monaelle. “Vocês vão nascer de novo.” Tudo se desvaneceu. Ela sumiu. Deixou de existir.

Consciência, de certa forma. Ela não pensava em si mesma como ela, não pensava nada, mas estava consciente. De som. Um líquido borbulhando ao redor. Murmúrios e murmúrios abafados. E uma batida rítmica. Isso acima de tudo. Tutu. Tutu. Ela não conhecia o contentamento, mas estava contente. Tutu. Tempo. Ela não conhecia o tempo, mas as eras se passaram. Havia um som dentro dela, um som que era ela. Tutu. O mesmo som, o mesmo ritmo do outro. Tutu. E de outro lugar, mais próximo. Tutu. Outro. Tutu. O mesmo som, a mesma batida, como a dela. Não outra. Elas eram as mesmas; elas eram uma. Tutu.

O para sempre passou por esse pulso, todo o tempo que já existiu. Ela tocou a outra que era ela mesma. Podia sentir. Tutu. Ela se moveu, ela e a outra que era ela mesma, contorcendo-se uma contra a outra, membros emaranhados, rolando para longe, mas sempre voltando uma

para a outra. Tutu. Às vezes havia luz, na escuridão; turva além da vista, mas brilhante para quem nunca conheceu nada além da escuridão. Tutu. Ela abriu os olhos, olhou nos olhos da outra que era ela mesma, e fechou os dela novamente, contente. Tutu. Mudança, repentina, chocante para quem nunca conheceu nenhuma mudança. Pressão.

Tutututu. Essa batida reconfortante foi mais rápida. Pressão convulsiva. Novamente.

Novamente. Ficando mais forte. Tututu! Tututu!

De repente, a outra que era ela mesma – se foi. Ela estava sozinha. Não conhecia o medo, mas estava com medo, e sozinha. Tututu! Pressão! Maior do que qualquer coisa antes! Apertando-a, esmagando-a. Se ela soubesse gritar, se soubesse o que era um grito, teria gritado. E então luz, ofuscante, cheia de padrões rodopiantes. Ela tinha peso; nunca havia sentido peso antes. Uma dor cortante em seu ventre. Algo fez cócegas em seu pé. Algo fez cócegas em suas costas. A princípio, ela não percebeu que o som de lamento vinha dela. Ela chutava debilmente, agitava membros que não sabiam como se mover. Foi erguida, colocada em algo macio, mas mais firme do que qualquer coisa que havia sentido antes, exceto pelas lembranças da outra que era ela, a outra que se foi. Tutu. Tutu. O som. O mesmo som, a mesma batida. A solidão reinava, não reconhecida, mas também havia contentamento. A memória começou a retornar, lentamente. Ela levantou a cabeça de um seio e olhou para o rosto de Amys. Sim, Amys. Suado e com os olhos cansados, mas sorrindo. E ela era Elayne; sim, Elayne Trakand. Mas havia algo mais nela, agora. Agora, como o vínculo de Guardiã, mas parecido de certa forma. Mais fraco, mas mais magnífico. Lentamente, em um pescoço que balançava incerto, ela virou a cabeça para olhar para a outra que era ela mesma, deitada no outro seio de Amys. Olhou para Aviendha, o cabelo emaranhado, o rosto e o corpo brilhando de suor. Sorrindo com alegria. Rindo, chorando, elas se agarraram e se abraçaram como se nunca pretendessem se soltar. “Esta é minha filha Aviendha”, disse Amys, “e esta é minha filha Elayne, nascida no mesmo dia, na mesma hora. Que

elas sempre se protejam, se apoiem, se amem.” Ela riu baixinho, cansada, com carinho. “E agora alguém vai nos trazer roupas antes que minhas novas filhas e eu congele até a morte?”

Elayne não se importava naquele momento se congelaria até a morte. Ela se agarrou a Aviendha em risos e lágrimas. Ela tinha encontrado sua irmã. Luz, ela tinha encontrado sua irmã!

Toveine Gazal acordou com os sons de alvoroço silencioso, outras mulheres se movendo, algumas falando baixinho. Deitada em sua cama dura e estreita, ela suspirou com pesar. Suas mãos ao redor da garganta de Elaida foram apenas um sonho agradável. Esta pequena sala com paredes de lona era a realidade. Havia dormido mal e se sentia magra, esgotada. Havia dormido demais também; não haveria tempo para o café da manhã. Relutantemente, ela jogou fora seus cobertores. O prédio tinha sido um pequeno armazém de algum tipo, com paredes grossas e vigas pesadas no alto, mas não havia calor. Sua respiração ficou nebulosa, e o ar fresco da manhã penetrou em sua camisola antes de seus pés alcançarem as tábuas ásperas do piso. Mesmo que pudesse considerar deitar na cama neste lugar, ela tinha suas ordens. O vínculo imundo de Logain tornava a desobediência impossível, não importava quantas vezes ela desejasse.

Ela sempre tentou pensar nele simplesmente como Ablar, ou na pior das hipóteses como mestre Ablar, mas era sempre apenas Logain que vinha à sua mente. O nome que ele tinha tornado infame. Logain, o falso dragão que destruiu os exércitos de sua terra nativa Ghealdan. Logain, que abriu caminho entre os poucos altaranos e murandianos que tinham coragem suficiente para tentar detê-lo até que ele ameaçou o próprio Lugard. Logain, que havia sido amansado e de alguma forma podia canalizar novamente, que ousara fixar sua maldita trama de *saidin* em Toveine Gazal. Uma pena ele não ter ordenado que ela parasse de pensar! Ela podia sentir o homem na parte de trás de sua cabeça. Ele estava sempre lá.

Por um momento, ela apertou os olhos. Luz! A fazenda da senhora Doweel parecia o Poço da Perdição, anos de exílio e penitência sem saída, exceto o impensável, para se tornar uma renegada caçada.

Apenas meia semana desde sua captura, ela já entendia melhor as coisas. Este era o Poço da Perdição. E não havia escapatória. Com raiva, ela balançou a cabeça e esfregou a umidade brilhante de suas bochechas com os dedos. Não! Ela escaparia, de alguma forma, mesmo que apenas por tempo suficiente para colocar suas mãos reais na garganta de Elaida. De alguma forma.

Além da cama, havia apenas três móveis, mas eles deixavam pouco espaço para ela se mexer. Ela quebrou o gelo na jarra listrada de amarelo no lavatório com sua faca de cinto, encheu a bacia lascada e canalizou para aquecer a água até que os tentáculos de vapor subissem. Era permitido canalizar para isso. Isso e nada mais. De rotina, lavou e esfregou os dentes com sal e limão, depois tirou uma nova roupa e meias do pequeno baú de madeira ao pé do catre. Deixou seu anel no baú, enfiado sob todo o resto em uma pequena bolsa de veludo. Fora outra ordem. Todas as suas coisas estavam ali, exceto a escrivaninha. Por sorte, isso foi perdido quando ela foi levada. Seus vestidos estavam pendurados em uma arara, o último dos móveis do quarto. Escolhendo um sem realmente olhar, ela o colocou mecanicamente e usou pente e escova no cabelo. O escovar com a escova de marfim diminuiu quando ela realmente se viu no espelho barato e borbulhante do lavatório. Respirando com dificuldade, colocou a escova ao lado do pente correspondente. O vestido que ela havia escolhido era de lã grossa e finamente tecida de um vermelho sem adornos tão escuro que parecia quase preto. Preto, como o casaco de um Asha'man. Sua imagem distorcida olhou para ela, os lábios se contorcendo. Trocar de roupa seria uma espécie de rendição. Determinada, ela pegou seu manto cinza de marta forrado do suporte.

Quando empurrou a porta de lona, cerca de vinte irmãs já ocupavam o longo corredor central ladeado por salas de lona. Aqui e ali, algumas falavam em murmúrios, mas o resto evitava os olhos uma do outra, mesmo quando pertenciam à mesma Ajah. O medo tinha sua presença, mas era a vergonha que cobria a maioria dos rostos. Akoure, uma Cinza robusta, estava olhando para a mão onde ela normalmente usava seu anel. Desandre, uma Amarela esbelta, escondia a mão direita na axila.

As conversas suaves pararam quando Toveine apareceu. Várias mulheres olharam para ela abertamente. Incluindo Jenare e Lemai, de sua própria Ajah! Desandre voltou a si o suficiente para virar as costas rigidamente. No espaço de dois dias, cinquenta e uma Aes Sedai caíram prisioneiras dos monstros de casaca preta, e cinquenta delas culpavam Toveine Gazal, como se Elaida a'Roihan não tivesse nenhuma participação no desastre. Não fosse pela intervenção de Logain, elas teriam se vingado na primeira noite aqui. Ela não o amava por acabar com aquilo e fazer Carniele curar os vergões deixados pelos cintos, os hematomas deixados pelos punhos e pés. Preferia que a tivessem espancado até a morte do que dever algo a ele.

Colocando o manto nos ombros, ela caminhou orgulhosamente pelo corredor, saindo para o sol pálido da manhã que combinava com seu humor desbotado. Atrás dela, alguém gritou palavras ácidas antes que a porta fechando as interrompesse. Suas mãos tremiam quando ela puxou o capuz, aninhando o pelo escuro ao redor de seu rosto. Ninguém escaparia se derrubasse Toveine Gazal. Até a Sra. Doweel, que a havia diminuído a uma aparência de submissão ao longo dos anos, soube disso quando seu exílio terminou. Iria mostrar a elas. Iria mostrar a todas elas!

O dormitório que ela dividia com as outras ficava na beira de uma grande vila, embora muito estranha. Uma vila de Asha'man. Em outros lugares, pelo que lhe haviam dito, o terreno estava demarcado para estruturas que, segundo eles, tornariam a Torre Branca anã, mas era ali que a maioria deles vivia agora. Cinco grandes quartéis de pedra em blocos, espaçados ao longo de ruas tão largas quanto qualquer coisa em Tar Valon, poderiam conter cem soldados Asha'man cada. Ainda não estavam cheios, graças a Luz, mas andaimes cobertos de neve aguardavam a chegada de operários ao redor das paredes grossas de mais dois, que estavam quase prontos para a cobertura de palha. Quase uma dúzia de estruturas de pedra menores foram feitas para abrigar dez Dedicados cada, e outra delas também estava em construção. Espalhados ao redor delas, havia quase duzentas casas que poderiam ter sido vistas em qualquer aldeia, onde alguns dos homens casados moravam, e as famílias de outros que ainda não

estavam suficientemente adiantados no treinamento. Homens que podiam canalizar não a assustavam. Uma vez ela cedeu ao pânico por um momento, é verdade, mas isso não vinha ao caso. Quinhentos homens que podiam canalizar, no entanto, eram um pedaço de osso preso entre dois de seus dentes, de onde ela não conseguia liberá-lo. Quinhentos! E eles podiam Viajar, alguns deles. Um pedaço afiado de osso. Além disso, ela tinha percorrido a milha ou mais pela floresta até a muralha. Isso a assustou, o que significava.

Em nenhum lugar, a muralha estava terminada, em nenhum lugar tinha mais de quatro ou quatro metros e meio de altura, nenhuma das torres ou baluartes estava mais do que iniciada. Em alguns lugares, ela poderia ter escalado as pilhas de pedra preta, exceto por suas ordens de não tentar escapar. A coisa corria por oito milhas, no entanto, e ela acreditou em Logain quando ele disse que começou há menos de três meses. O homem a segurava com muita força para se preocupar em mentir. Ele chamou a muralha de perda de tempo e esforço, e talvez fosse, mas fez os dentes dela baterem. Apenas três meses. Feita usando o Poder. A metade masculina do Poder. Ao pensar naquela parede negra, viu uma força implacável que não podia ser detida, uma avalanche de pedra negra deslizando para soterrar a Torre Branca. Era impossível, claro. Impossível, mas quando não sonhava com estrangular Elaida, sonhava com isso. Havia nevado durante a noite, e um manto pesado branco cobria todos os telhados, mas ela não teve que escolher seu caminho pelas ruas largas. A sujeira compactada tinha sido limpa, uma tarefa dos homens em treinamento, antes do sol nascer. Eles usavam o Poder para tudo, desde encher caixas de lenha até limpar suas roupas! Homens vestidos de preto corriam aqui e ali nas ruas, e mais estavam se reunindo em filas na frente de seus quartéis com outros gritando em voz alta. Mulheres embrulhadas contra o frio passavam por eles, carregando placidamente cestas para o depósito do intendente ou baldes de água para a fonte mais próxima, embora como qualquer mulher pudesse permanecer, sabendo o que era seu marido, estivesse além da compreensão de Toveine. Ainda mais bizarro, as crianças corriam para cima e para baixo na rua, em torno das praças de homens que podiam canalizar, gritando e rindo,

rolando argolas, jogando bolas pintadas, brincando com bonecas ou cachorros. Uma gota de normalidade que aumentava o mau cheiro do resto. À sua frente, um grupo montado aproximava-se andando pela rua. No pouco tempo em que esteve aqui — o tempo sem fim — ela não viu ninguém andando na aldeia, exceto trabalhadores em carroças ou carroções. Nem quaisquer visitantes, o que alguns desses claramente deviam ser. Cinco homens de preto escoltavam uma dúzia de casacos e mantos vermelhos da Guarda da Rainha, com duas mulheres de cabelos amarelos na frente, uma com um manto vermelho e branco forrado de pele preta e a outra... As sobancelhas de Toveine se ergueram. A outra usava calça Kandoreanos verde e um casaco feito como se fosse do Capitão General da Guarda. Seu manto vermelho tinha até nós dourados de classificação no ombro! Talvez ela estivesse enganada sobre o homem. Aquela ali encontraria um turno curto quando encontrasse Guardas de verdade. De qualquer forma, era estranhamente cedo para visitantes.

Cada vez que o grupo estranho chegava a uma das formações, o homem na frente gritava "Asha'man, vá na frente!" e os saltos das botas pisavam na terra endurecida enquanto os outros se retesavam como pilares de pedra.

Puxando o capuz para esconder melhor o rosto, Toveine se moveu para o lado da rua larga, perto da esquina de um dos quartéis de pedra menores. Um velho de barba bifurcada saindo, com um broche de espada de prata no colarinho alto, olhou para ela com curiosidade sem diminuir o passo.

O que ela tinha feito a atingiu como um balde de água fria, e ela quase chorou. Nenhum daqueles estranhos reconheceria um rosto de Aes Sedai, agora, se pudessem reconhecer uma. Se qualquer uma dessas mulheres pudesse canalizar, por mais improvável que fosse, não passaria perto o suficiente para dizer que Toveine também podia. Ela se preocupou e se irritou sobre como desobedecer a Logain, e então fez todo o necessário para cumprir suas instruções sem nem pensar nisso!

Como num ato de desafio, ela parou onde estava, virando-se para observar os visitantes. Automaticamente, suas mãos verificaram seu

capuz antes que ela pudesse puxá-lo pelo lado. Era lamentável e ridículo. Ela conhecia o Asha'man que guiava o grupo, pelo menos de vista, um homem corpulento na meia-idade com cabelos pretos oleosos, um sorriso oleoso e olhos como agouros. Mas não conhecia nenhum dos outros, no entanto. O que poderia esperar ganhar com isso? Como poderia confiar uma mensagem a qualquer um deles? Mesmo que a escolta desaparecesse, como ela poderia chegar perto o suficiente para passar uma mensagem quando estava proibida de deixar qualquer estranho descobrir a presença de Aes Sedai ali? O sujeito de olhos vermelhos parecia entediado com seu dever esta manhã, mal se preocupando em esconder seus bocejos atrás de uma mão enluvada... "... Cidade. Bem maior que isso. Temos todo tipo de artesãos, de pedreiros e carpinteiros a ferreiros e alfaiates. Podemos fazer tudo o que precisamos, Lady Elayne."

"Exceto nabos", disse uma das mulheres em voz alta, e a outra riu. A cabeça de Toveine sacudiu. Ela observou os cavaleiros descerem a rua acompanhados de ordens gritadas e botas batendo. Senhora Elayne? Elayne Trakand? A mais nova do par poderia corresponder à descrição que lhe deram. Elaida não revelou por que estava tão desesperada para colocar as mãos em uma Aceita fugitiva, mesmo que pudesse se tornar uma rainha, mas nunca deixava uma irmã sair da Torre sem ordens sobre o que fazer se encontrasse a garota. *Tenha muito cuidado, Elayne Trakand*, pensou Toveine. *Eu não gostaria que Elaida tivesse a satisfação de colocar as mãos em você.*

Ela queria pensar sobre isso, se havia alguma maneira de usar a presença da garota ali, mas de repente percebeu as sensações na parte de trás de sua cabeça. Um contentamento suave e um propósito crescente. Logain havia terminado seu café da manhã. Estaria saindo, em breve. Tinha dito a ela para estar lá quando saísse.

Seus pés estavam correndo antes que ela pensasse. Como resultado, suas saias se enroscaram em suas pernas e ela caiu com força, ficando sem fôlego. A raiva brotou, a fúria, mas ela ficou de pé e, sem parar para limpar a poeira, juntou as saias até os joelhos e começou a correr novamente, o manto esvoaçando atrás. Os gritos

estridentes dos homens a seguiram pela rua, e crianças rindo apontavam enquanto ela passava correndo.

De repente, uma matilha de cães estava ao redor dela, rosnando, mordiscando seus calcanhares. Ela pulou e girou e chutou, mas eles a atormentaram. Ela queria gritar de frustração e fúria. Os cães eram sempre um incômodo, e ela não conseguia canalizar nem uma pena para expulsá-los. Um cão cinza agarrou um bocado de saia pendurada, puxando-a para o lado. O pânico tomou conta de todo o resto. Se ela caísse novamente, eles a fariam em pedaços.

Uma mulher gritando em uma lã marrom balançou sua pesada cesta na direção do cachorro que puxava a saia de Toveine, fazendo-o se esquivar. O balde de uma mulher redonda acertou nas costelas um vira-lata rajado e ele correu ganindo. Toveine ficou boquiaberta, e por sua desatenção teve que puxar sua perna esquerda para longe de outro cachorro ao custo de um pedaço de sua meia e um pouco de pele. Havia mulheres ao seu redor, atacando os animais com tudo o que tinham à mão. “Vá em frente, Aes Sedai”, uma mulher magricela e grisalha disse a ela, acertando um cachorro malhado com um chicote. “Eles não vão incomodá-la mais. Eu gostaria de um bom gato, mas os gatos não aceitam o marido agora. Prossiga.” Toveine não esperou para agradecer a suas salvadoras. Ela correu, pensando furiosamente. As mulheres sabiam. Se uma sabia, todas sabiam. Mas elas não levariam mensagens, não dariam nenhuma ajuda para uma fuga, não quando estivessem dispostas a permanecer elas mesmas. Não se entendessem o que estavam ajudando. Havia isso.

Pouco antes da casa de Logain, uma das várias em uma rua lateral mais estreita, ela diminuiu a velocidade e rapidamente abaixou as saias. Oito ou nove homens de casaco preto esperavam do lado de fora, meninos e velhos e de meia idade, mas ainda não havia sinal de Logain. Ela ainda podia senti-lo, cheio de propósito, mas concentrado. Lendo, talvez. Ela caminhou o resto do caminho em um ritmo digno. Composta, e cada centímetro uma Aes Sedai, não importando as circunstâncias. Quase conseguiu esquecer sua fuga frenética dos cães.

A casa a surpreendia cada vez que a via. Outras na rua eram tão grandes e duas eram maiores. Uma casa comum de madeira de dois andares, embora a porta vermelha, as persianas e os caixilhos das janelas parecessem estranhos. Cortinas simples escondiam o interior, mas o vidro nas janelas era tão pobre que ela duvidava que pudesse ver alguma coisa com as cortinas fechadas. Uma casa adequada para um lojista não muito bem sucedido; dificilmente a moradia de um dos homens mais notórios vivos.

Brevemente, ela se perguntou o que estava prendendo Gabrelle. A outra irmã ligada a Logain teve a mesma instrução que ela, e até agora, ela sempre chegava ali primeiro. Gabrelle estava ansiosa, estudando o Asha'man como se pretendesse escrever um livro sobre o assunto. Talvez ela o fizesse; Marrons escreveriam sobre qualquer coisa. Ela tirou a outra irmã de sua mente. Apesar de que, se Gabrelle chegasse tarde, ela teria que descobrir como a mulher conseguira. Por enquanto, ela tinha seus próprios estudos.

Os homens do lado de fora da porta vermelha a olharam, mas não disseram nada, nem mesmo um para o outro. Ainda não havia animosidade. Eles estavam simplesmente esperando. Nenhum usava manto, embora sua respiração fizesse penas pálidas na frente de seus rostos. Todos eram Dedicados, com o broche de prata da espada em seus colares.

Tinha sido o mesmo todas as manhãs em que ela tinha se reportado dessa forma, embora nem sempre os mesmos homens. Conhecia alguns, sabia seus nomes pelo menos, e às vezes alguns outros demonstravam curiosidade. Evin Vinchova, o rapaz bonito que estava lá quando Logain a capturou, estava encostado no canto da casa e brincando com um pedaço de barbante. Donalo Sandomere, se esse fosse seu nome verdadeiro, com seu rosto enrugado de fazendeiro e barba bem aparada com óleo, tentava a postura lânguida que ele achava que um nobre assumiria. O taraboneano Androl Genhald, um sujeito quadrado, tinha as sobranceiras grossas apertadas em pensamento e as mãos cruzadas atrás das costas; ele usava um anel de sinete de ouro, mas ela achava que era um aprendiz que havia raspado os bigodes e abandonado o véu. Mezar Kurin, um domanês

com cabelos grisalhos nas têmporas, dedilhava a granada na orelha esquerda; podia muito bem ser um nobre menor. Ela estava coletando um arquivo limpo de nomes e rostos em sua cabeça. Mais cedo ou mais tarde, eles seriam caçados, e toda informação que pudesse ajudar a identificá-los seria útil.

A porta vermelha se abriu e os homens se endireitaram, mas não foi Logain quem saiu.

Toveine piscou surpresa, então encontrou os olhos verdes fuliginosos de Gabrelle com um olhar fixo, sem fazer nenhum esforço para esconder seu desgosto. Aquela ligação maldita com Logain tinha deixado claro o que ele estava fazendo na noite anterior — ela tinha medo de nunca adormecer! — mas nem em suas imaginações mais sombrias ela suspeitava de Gabrelle! Alguns dos homens pareciam tão assustados quanto ela. Alguns tentaram esconder sorrisos. Kurin sorriu abertamente e acariciou seu bigode fino com o polegar. A morena nem teve a graça de corar. Ela ergueu um pouco o nariz arrebitado, depois ajustou com ousadia o vestido azul escuro sobre os quadris, como se anunciasse que acabara de vestir a roupa. Passando o manto pelos ombros, ela amarrou as fitas enquanto deslizava em direção a Toveine, tão serena como se estivesse de volta à Torre.

Toveine agarrou o braço da mulher mais alta, puxando-a um pouco para longe dos homens. “Nós podemos ser cativas, Gabrelle,” ela sussurrou asperamente, “mas isso não é motivo para se render. Especialmente para os desejos vis de Ablar!” A outra mulher nem parecia envergonhada! Um pensamento veio. É claro. “Ele...? Ele te obrigou?”

Com algo próximo a um escárnio, Gabrelle se soltou. “Toveine, levei dois dias para decidir que deveria me 'render' aos desejos dele, como você diz. Eu me sinto sortuda que só foram necessários quatro para convencê-lo a me deixar fazer isso. Vocês Vermelhas podem não estar cientes, mas os homens adoram conversar e fofocar. Tudo o que você precisa fazer é ouvir, ou mesmo fingir, e um homem lhe contará toda a sua vida.” Uma carranca pensativa enrugou sua testa, e a torção de seus lábios desapareceu. “Eu me pergunto se é assim para mulheres comuns.”

“Se o que é assim para quem?” Toveine exigiu. Gabrelle estava espionando ele? Ou apenas tentando obter mais material para o livro dela? Mas isso era inacreditável, mesmo para uma Marrom! “Do que você está falando?”

Essa expressão pensativa nunca deixou o rosto da outra. “Eu me senti... impotente. Ah, ele foi gentil, mas eu nunca pensei antes em quão fortes são os braços de um homem, e eu incapaz de canalizar um fio. Ele estava... no comando, suponho, embora isso não esteja certo. Era apenas... mais forte, e eu sabia disso. Parecia... estranhamente emocionante.” Toveine estremeceu. Gabrielle devia estar louca! Ela estava prestes a dizer isso a ela quando o próprio Logain apareceu, fechando a porta atrás de si. Ele era alto, mais alto do que qualquer outro homem ali, com cabelos escuros que roçavam ombros largos e emolduravam um rosto arrogante. Sua gola alta carregava tanto a espada de prata quanto aquela cobra ridícula com pernas. Ele deu um sorriso para Gabrelle enquanto os outros se reuniam ao redor dele. *A vadia sorriu de volta também.* Toveine estremeceu novamente. *Emocionante. A mulher era louca!*

Como nas manhãs anteriores, os homens começaram a fazer relatórios. Na maioria das vezes, Toveine não conseguia se reconciliar com eles, mas ouvia. “Encontrei mais dois que parecem interessados nesse novo tipo de Cura que esta Nynaeve usou em você, Logain,” Genhald disse, franzindo a testa, “mas um mal pode fazer a Cura que já conhecemos, e o outro, ele quer saber mais do que eu poderia contar a ele.”

“O que você pode dizer a ele é tudo o que sei”, respondeu Logain. “A senhora al'Meara não me contou muito sobre o que ela estava fazendo, e eu só pude aprender pedaços ouvindo as outras irmãs falarem. Apenas continue plantando a semente e espere que algo cresça. É tudo o que você pode fazer.” Vários outros homens assentiram junto com Genhald.

Toveine arquivou aquilo. Nynaeve al'Meara. Ela tinha ouvido esse nome muitas vezes depois de voltar para a Torre. Outra fugitiva Aceita, outra que Elaida queria mais do que o desejo normal de pegar fugitivas parecia explicar. Da mesma aldeia que al'Thor também. E associada

de alguma forma com Logain. Isso podia levar a algo, eventualmente. Mas um novo tipo de Cura? Usado por uma Aceita? Isso era improvável beirando o impossível, mas ela já tinha visto o impossível acontecer antes, então guardou a informação. Gabrelle também estava ouvindo atentamente, ela notou. Mas observando-a também, com o canto do olho. “Há um problema com alguns daqueles homens de Dois Rios, Logain”, disse Vinchova. Um rubor de raiva subiu para seu rosto liso. “Homens, eu digo, mas esses dois são meninos, quatorze no máximo! Eles não vão dizer.” Ele poderia ser um ano ou dois mais velho, com suas bochechas imberbes.

“Foi um crime trazê-los aqui.” Login balançou a cabeça; se era com raiva ou arrependimento era difícil dizer. “Ouvi dizer que a Torre Branca aceita meninas a partir dos doze anos. Cuide dos homens de Dois Rios o quanto puder. Sem mimos, ou os outros se voltarão contra eles, mas tente ver se eles não fazem nada estúpido. O Lorde Dragão pode não gostar se matarmos muitos de seu distrito.”

“Ele não parece estar se importando muito, como eu posso ver,” um sujeito elegante murmurou. O sotaque de Murandy era forte em sua boca, embora seus bigodes ferozmente encaracolados dissessem de onde ele era claramente o suficiente. Ele estava rolando uma moeda de prata nas costas dos dedos e parecia tão concentrado nisso quanto em Logain. “Eu estava ouvindo que foi o próprio Lorde Dragão que disse ao M’Hael para arrancar qualquer macho deste Dois Rios que pudesse canalizar, até os frangos. Com o número que ele trouxe de volta, estou surpreso que não trouxe os pintinhos e cordeiros também.” Risadas encontraram sua fala, mas o tom nivelado de Logain os cortou como uma lâmina.

“O que quer que o Lorde Dragão tenha ordenado, confio que deixei minhas ordens claras.” Todas as cabeças acenaram dessa vez, e alguns homens murmuraram “Sim, Logain” e “Como você disser, Logain”.

Toveine rapidamente apagou o sorriso de escárnio de seus lábios. Loucos ignorantes. A Torre aceitava meninas com menos de quinze anos apenas se elas já tivessem começado a canalizar. A outra parte era interessante, no entanto. Dois Rios novamente. Todos diziam que

al'Thor havia dado as costas para sua casa, mas ela não tinha tanta certeza. Por que Gabrelle a estava observando?

“Ontem à noite,” Sandomere disse depois de um momento, “eu soube que Mishraile está tendo aulas particulares com o M’Hael.” Ele acariciou sua barba pontuda com satisfação, como se tivesse produzido uma gema de grande valor. Talvez tivesse, mas Toveine não sabia dizer de que tipo. Login assentiu lentamente. Os outros trocaram olhares silenciosos com rostos que poderiam ter sido esculpidos. Ela mastigou a frustração, observando. Muitas vezes era assim, assuntos que eles não viam motivo para comentar — ou temiam? — e ela não entendia. Sempre sentia que havia joias escondidas ali, além de seu alcance.

Um grande sujeito cairhieno, quase tão alto quanto o peito de Logain, abriu a boca, mas se ele queria falar de Mishraile, quem quer que fosse, ela nunca descobriu. “Entre!” Welyn Kajima desceu a rua correndo, os sinos nas pontas de suas tranças pretas tilintando. Outro Dedicado, um homem de meia-idade que sorria demais, ele estava lá quando Logain a capturou também. Kajima tinha ligado Jenare. Ele estava quase sem fôlego quando passou pelos outros homens, e não estava sorrindo agora.

“Logain”, ele ofegou, “o M’Hael voltou de Cairhien, e ele colocou novos desertores no quadro do palácio. Você não vai acreditar nos nomes!” Ele derramou sua lista em uma corrida sem fôlego em meio a exclamações do outro que impediram Toveine de ouvir mais do que fragmentos.

“Dedicados já desertaram antes,” o cairhieno murmurou quando Kajima terminou, “mas nunca um Asha’man completo. E agora sete de uma vez!”

“Se você não acredita em mim,” Kajima começou, se levantando de uma maneira exigente. Ele tinha sido um escriba, em Arafel.

“Nós acreditamos em você,” Genhald disse suavemente. “Mas Gedwyn e Torval, eles são os homens de M’Hael. Rochaid e Kisman também. Por que eles desertariam? Ele deu a eles qualquer coisa que um rei pudesse querer.” Kajima balançou a cabeça irritado, fazendo

seus sinos soarem. “Você sabe que a lista nunca dá razões. Apenas nomes.”

“Boa coisa isso,” Kurin rosnou. “Pelo menos, seria se não tivéssemos que caçá-los agora.”

“São os outros que não consigo entender”, interveio Sandomere. “Estava em Poços de Dumai. Eu vi o Lorde Dragão escolher, depois. Dashiva estava com a cabeça nas nuvens, como sempre. Mas Flinn, Hopwil, Narishma? Você nunca veria homens mais satisfeitos. Eram como cordeiros soltos no celeiro”.

Um sujeito robusto com cabelos grisalhos cuspiu. “Bem, eu não estava nos Poços, mas fui para o sul contra os Seanchan.” Seu sotaque era andoreano. “Talvez os cordeiros não gostassem tanto do quintal do açougueiro quanto do galpão de cevada.”

Logain estava ouvindo sem participar, os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto era ilegível, uma máscara. “Você se preocupa com o pátio do açougueiro, Canler?” ele disse agora.

O andoreano fez uma careta, depois deu de ombros. “Acho que estamos todos indo para lá, mais cedo ou mais tarde, Logain. Não nos vejo tendo muita escolha, mas não tenho que sorrir para isso.”

“Contanto que você esteja lá no dia,” Logain disse calmamente. Ele se dirigiu ao homem chamado Canler, mas vários dos outros assentiram.

Olhando além dos homens, Logain considerou Toveine e Gabrelle. Toveine tentou parecer como se não estivesse espionando e lembrando nomes ferozmente. “Vá para dentro, para longe do frio”, disse a elas. “Tomem um chá para aquecê-las. Voltarei assim que puder. Não toquem nos meus papéis.” Reunindo os outros homens com um gesto, ele os conduziu na direção de onde Kajima tinha vindo. Toveine cerrou os dentes em frustração. Pelo menos ela não teria que segui-lo até o campo de treinamento, passando pela chamada Árvore do Traidor, onde as cabeças pendiam como frutas doentes dos galhos nus, para observar os homens estudando como destruir com o Poder, mas esperava mais um dia para ela mesma, livre para passear e ver o que poderia aprender. Já tinha ouvido homens falarem do “palácio” de Taim antes, e hoje ela esperava encontrá-lo e talvez vislumbrar o

homem cujo nome era tão negro quanto o de Logain. Em vez disso, ela seguiu humildemente a outra mulher pela porta vermelha. Não adiantava lutar contra isso. Dentro, ela olhou ao redor da sala da frente enquanto Gabrelle pendurou sua capa em um cabide. Apesar do exterior, esperava algo maior para Logain. Um fogo baixo queimava em uma lareira de pedra rústica. Uma mesa longa e estreita e cadeiras de espaldar estavam sobre o assoalho nu. Uma mesa, apenas um pouco mais elaborada do que os outros móveis, chamou sua atenção. Pilhas de cartas com envelope cobriam a escrivaninha e pastas de couro cheias de longas folhas de papel. Seus dedos coçam, mas ela sabia que, mesmo que se sentasse à mesa, não conseguiria colocar um dedo em nada além de uma caneta ou um tinteiro de vidro.

Com um suspiro, ela seguiu Gabrelle até a cozinha, onde um fogão de ferro esquentava demais e os pratos sujos do café da manhã estavam em um armário baixo embaixo da janela. Gabrelle encheu uma chaleira e a colocou no fogão, então pegou um bule de vidro verde e uma lata de madeira de outro armário. Toveine pendurou a capa sobre uma cadeira e sentou-se à mesa quadrada. Não queria chá, a menos que viesse com o café da manhã que havia perdido, mas ela sabia que ia tomá-lo.

A tola Marrom tagarelava enquanto realizava suas tarefas domésticas como uma dona de campo satisfeita. “Já aprendi bastante. Logain é o único Asha'man completo a viver aqui nesta aldeia. Todos os outros vivem no "palácio" de Taim. Eles têm empregados, mas Logain contratou a esposa de um homem em treinamento para cozinhar e limpar para ele. Ela estará aqui em breve, e acha que ele colocou o sol no céu, então é melhor terminarmos de falar sobre qualquer coisa importante até lá. Ele encontrou sua escrivaninha.” Toveine sentiu como se uma mão gelada tivesse agarrado sua garganta. Ela tentou esconder, mas Gabrelle estava olhando diretamente para ela.

“Ele queimou, Toveine. Depois de ler o conteúdo. Parecia pensar que tinha nos feito um favor.”

A mão relaxou e Toveine pôde respirar novamente. “O pedido de Elaida estava entre meus papéis.” Ela limpou a garganta para se livrar

da rouquidão. A ordem de Elaida para amansar a todos os homens que encontrasse e depois os enforcar no local, sem o julgamento em Tar Valon exigido pela lei da Torre. “Ela impôs condições severas, e esses homens teriam reagido duramente, se soubessem.” Apesar do calor do fogão, ela estremeceu. Aquele único papel poderia tê-las estancado e enforcado. “Por que ele nos faria favores?”

“Não sei por quê, Toveine. Ele não é um vilão, não mais do que a maioria dos homens. Pode ser tão simples assim.” Gabrelle colocou um prato de pãezinhos crocantes e outro com queijo branco na mesa. “Ou pode ser que esse vínculo seja como o vínculo de Guardiã de mais maneiras do que sabemos. Talvez ele simplesmente não quisesse experimentar nós duas executadas.” O estômago de Toveine roncou, mas ela pegou um pãozinho como se não se importasse com mais do que uma mordidela.

"Suspeito que 'duramente' tenha sido uma escolha suave", Gabrelle continuou, colocando uma colher de chá no bule. “Eu vi você se encolher. Claro, eles se deram ao trabalho de nos trazer aqui. Cinquenta e uma irmãs no meio deles, e mesmo com o vínculo, eles devem temer que encontremos alguma maneira de contornar suas ordens, alguma brecha que eles perderam. A resposta óbvia é que, se estivéssemos mortas, a Torre ficaria furiosa. Com a gente viva e cativa, até Elaida se moverá com cautela.” Ela riu, discretamente divertida. “A sua cara, Toveine. Você acha que eu passei todo o meu tempo pensando em enroscar meus dedos no cabelo de Logain?”

Toveine fechou a boca e largou o pãozinho intocado. Estava frio, de qualquer maneira, e parecia duro. Era sempre um erro presumir que as Marrons não eram mundanas, absortas em seus livros e estudos com exclusão de todo o resto. “O que mais você viu?”

Ainda segurando a colher, Gabrelle se sentou do outro lado da mesa e se inclinou para frente atentamente. “A muralha deles pode ser forte quando estiver pronta, mas este lugar está cheio de fraturas. Há a facção de Mazrim Taim e a facção de Logain, embora eu não tenha certeza de que pensem assim. Talvez haja outras facções também, e certamente homens que não sabem que existem facções. Cinquenta e

uma irmãs deveriam ser capazes de fazer algo com isso, mesmo com o vínculo. A segunda pergunta é: o que fazemos com isso?”

“A segunda pergunta?” Toveine exigiu, mas a outra mulher apenas esperou. “Se conseguirmos abrir essas fissuras” disse ela finalmente, “espalhamos dez, cinquenta ou cem bandos pelo mundo, cada um mais perigoso do que qualquer exército já visto. Pegá-los todos pode levar uma vida inteira e destruir o mundo como uma nova Ruptura, e isso com Tarmon Gai'don a caminho. Isto é, se esse tal al'Thor é mesmo o Dragão Renascido.” Gabrelle abriu a boca, mas Toveine acenou positivamente para o que quer que ela dissesse. Dizendo que ele era, muito provavelmente. Pouco importava, ali e agora. “Mas se nós não... Acabarmos com a rebelião e reunir aquelas irmãs de volta na Torre, chamar de volta todas as irmãs aposentadas, e eu ainda não sei se todas nós juntas podemos destruir este lugar. Suspeito que metade da torre morreria na tentativa, de qualquer maneira. Qual foi a primeira pergunta?”

Gabrelle se recostou na cadeira, seu rosto subitamente cansado. “Sim, não é uma decisão fácil. E eles trazem mais homens todos os dias. Quinze ou vinte desde que chegamos aqui, acredito.”

“Eu não vou ser brincalhona, Gabrelle! Qual é a primeira pergunta?” O olhar da Marrom se aguçou, a encarou por um longo momento.

“Logo, o choque passará,” ela disse finalmente. “O que vem então? A autoridade que Elaida lhe deu está terminada, a expedição está terminada. A primeira pergunta é: somos cinquenta e uma irmãs unidas ou voltamos a ser Marrons e Vermelhas, Amarelas e Verdes e Cinzas? E a pobre Ayako, que deve estar lamentando que as Brancas insistiram em ter uma irmã incluída. Lemai e Desandre são as mais altas entre nós.” Gabrelle acenou com a colher em advertência. “A única chance que temos de nos mantermos juntas é se você e eu nos submetermos publicamente à autoridade de Desandre. Nós devemos! Isso vai começar tudo, de qualquer forma. Eu espero. Se pudermos trazer apenas algumas outros, para iniciar, será um começo.”

Toveine respirou fundo e fingiu olhar para o nada, como se estivesse considerando. Submeter-se a uma irmã que estava acima dela não era uma dificuldade em si. As Ajahs sempre guardaram

segredos e às vezes tramavam um pouco umas contra as outras, mas a quebra na Torre agora a apavorava. Além disso, ela aprendera a ser humilde diante da Senhora Doweel. Ela se perguntou como a mulher gostava da pobreza e de trabalhar em uma fazenda para uma patroa ainda mais dura do que ela.

"Eu posso me obrigar a fazer isso", disse ela finalmente. "Devemos ter um plano de ação para apresentar a Desandre e Lemai, se quisermos convencê-las." Ela já tinha um parcialmente formado, só não era para apresentar a ninguém. "Ah, a água está fervendo, Gabrelle."

De repente, sorrindo, a tola mulher levantou e correu para o fogão. As Marrons sempre liam melhor os livros do que as pessoas, pensando bem. Antes que Logain, Taim e o resto fossem destruídos, eles ajudariam Toveine Gazal a derrubar Elaida.

A grande cidade de Cairhien era uma massa volumosa dentro de paredes maciças, enchendo o rio Alguenya. O céu estava claro e sem nuvens, mas soprava um vento frio e o sol brilhava nos telhados cobertos de neve, brilhava nos pingentes de gelo que não mostravam sinais de derreter. O Alguenya não estava congelado, mas pequenos blocos de gelo irregulares do rio acima giravam nas correntes, batendo de vez em quando contra os cascos dos navios que esperavam sua vez nas docas. O comércio diminuiu por causa do inverno e das guerras, e do Dragão Renascido, mas nunca parava, não até que as nações morressem. Apesar do frio, carroças e carroções e pessoas corriam pelas ruas que cortavam os terraços das colinas da cidade. A Cidade, como se chamava aqui.

Em frente à torre quadrada do Palácio do Sol, uma multidão se amontoava ao redor do longo aríete de entrada e olhava para cima, mercadores envoltos em lã fina e nobres em veludos esfregavam os ombros em trabalhadores de rosto encardido e refugiados mais sujos. Ninguém se importava com quem estava ao seu lado, e até os ladrões se esqueciam de seguir seu ofício. Homens e mulheres partiam, muitas vezes balançando a cabeça, mas outros tomavam seus lugares, às vezes içando uma criança para ver melhor a ala em ruínas do Palácio, onde operários limpavam os escombros do terceiro andar. Por todo o

resto de Cairhien, martelos de artesãos e eixos rangendo enchiam o ar, junto com os gritos dos lojistas, as reclamações dos compradores, os murmúrios dos comerciantes. A multidão diante do Palácio do Sol estava em silêncio.

A um quilômetro e meio do Palácio, Rand estava em uma janela na grandiosa Academia de Cairhien, espiando através das vidraças foscas o estábulo pavimentado de pedra abaixo. Houve escolas chamadas Academias no tempo de Artur Asa de Gavião e antes disso, centros de ensino cheios de estudiosos de todos os cantos do mundo conhecido. A presunção não fazia diferença, eles poderiam chamar aquilo de Celeiro, desde que fizessem o que ele queria. Preocupações mais importantes enchiam seus pensamentos. Será que cometera um erro ao retornar a Cairhien tão cedo? Mas ele foi forçado a fugir muito rápido, para que se soubesse nos aposentos certos que ele realmente havia fugido. Muito rápido para preparar tudo. Havia perguntas que precisava fazer e tarefas que não podiam ser adiadas. E Min queria mais livros do Mestre Pel. Ele podia ouvi-la murmurando para si mesma enquanto vasculhava as prateleiras onde eles foram armazenados após a morte de Pel. Com a abundância de livros e manuscritos que ainda não possuía, a biblioteca da Academia estava rapidamente superando as salas que poderiam ser poupadas no antigo palácio de Lord Barathanes. Alanna estava na parte de trás de sua cabeça, parecendo emburrada; ela sabia que ele estava na cidade. Tão perto, ela seria capaz de caminhar direto para ele, mas ele sabia se ela tentasse. Felizmente, Lews Therin ficou em silêncio por enquanto. Ultimamente, o homem parecia mais louco do que nunca.

Ele esfregou uma mancha clara em uma vidraça com a manga do casaco. Lã forte e cinzenta, boa o bastante para um homem com pouco dinheiro e alguns ares, não era uma peça de roupa que alguém esperaria ver no Dragão Renascido. A cabeça do dragão de juba dourada nas costas de sua mão brilhava metalicamente; não apresentava nenhum perigo aqui. Sua bota tocou a bolsa de couro embaixo da janela quando ele se inclinou para olhar para fora.

No estábulo, as pedras do calçamento haviam sido limpas da neve, e uma grande carroça estava cercada por baldes, como se fossem

cogumelos em uma clareira. Meia dúzia de homens em casacos pesados, cachecóis e chapéus pareciam estar trabalhando na carga estranha da carroça, dispositivos mecânicos amontoados em torno de um cilindro de metal gordo que ocupava mais da metade da carroceria. Ainda mais estranho, as rodas das carroças estavam faltando. Um dos homens estava movendo lenha rachada de um grande carrinho de mão para a lateral de uma caixa de metal presa abaixo de uma extremidade do grande cilindro. A porta aberta da caixa brilhava com o vermelho do fogo lá dentro, e a fumaça subia de uma chaminé alta e estreita. Outro sujeito dançou ao redor da carroça, barbudo, sem chapéu e careca, gesticulando e aparentemente gritando ordens que não pareciam fazer os outros se moverem mais rápido. A respiração deles formava leves plumas brancas.

Estava quase quente lá dentro; a Academia tinha grandes fornos nas adegas e um extenso sistema de respiradouros. As feridas semicuradas e nunca cicatrizadas em seu lado estavam quentes. Ele não conseguia distinguir as maldições de Min – ele tinha certeza de que eram maldições – mas o tom dela era suficiente para dizer que eles não iriam embora ainda, a menos que ele a arrastasse para longe. Havia um ou dois itens sobre os quais ele ainda poderia perguntar. “O que as pessoas estão dizendo? Sobre o palácio?”

“O que se pode esperar,” Lord Dobraine respondeu atrás dele com paciência, como ele havia respondido a todas as outras perguntas. Mesmo quando ele admitiu falta de conhecimento, seu tom não mudou. “Alguns dizem que os Abandonados atacaram você, ou que Aes Sedai o fizeram. Aqueles que pensam que você jurou fidelidade ao Trono de Amyrlin favorecem os Abandonados. De qualquer forma, há um debate considerável sobre se você está morto, sequestrado ou fugido. A maioria acredita que você vive, onde quer que esteja, ou dizem que acreditam. Alguns, muitos, eu temo, pensam...” Sua voz se desvaneceu até o silêncio.

“Que eu enlouqueci,” Rand terminou para ele no mesmo tom nivelado. Não era motivo de preocupação ou raiva. “Que eu mesmo destruí parte do Palácio?” Ele não falaria dos mortos. Menos do que

em outras vezes, em outros lugares, mas em quantidade suficiente, e alguns de seus nomes apareciam sempre que ele fechava os olhos.

Um dos homens abaixo desceu da carroça, mas o careca agarrou seu braço e o puxou de volta para cima, fazendo-o mostrar o que havia feito. Um homem do outro lado pulou na calçada descuidadamente, derrapando, e o homem sem chapéu largou o primeiro para dar a volta na carroça e fazer aquele subir de volta com ele. O que na Luz eles poderiam estar fazendo? Rand olhou por cima do ombro. “Eles não estão muito errados.” Dobraine Taborwin, um homem baixo com a frente da cabeça raspada e formalmente empoada e o resto do cabelo quase todo grisalho, olhou para trás com olhos escuros e impassíveis. Não era um homem bonito, mas estável.

Listras azuis e brancas desciam pela frente de seu casaco de veludo escuro do pescoço quase até os joelhos. Seu anel de sinete era um rubi esculpido, e ele usava outro no colarinho, não muito maior, mas extravagante para um cairhieno. Ele era o Alto Assento de sua Casa, com mais batalhas atrás dele do que a maioria, e não havia muito que o assustava. Ele provou isso nos Poços de Dumai.

Mas então, a mulher atarracada e grisalha esperando pacientemente sua vez em seu ombro parecia igualmente destemida. Em nítido contraste com a nobre elegância de Dobraine, as sensatas lãs marrons de Idrien Tarsin eram simples o suficiente para uma lojista, mas ela tinha seu próprio poço de autoridade e dignidade. Idrien era a Diretora da Academia, o título que ela mesma tinha dado desde que a maioria dos acadêmicos e mecânicos se chamavam mestre disto ou senhora daquilo. Ela dirigia a escola com mão forte e acreditava em coisas práticas, novos métodos de pavimentação de estradas ou fabricação de corantes, melhorias em fundições e moinhos. Ela também acreditava no Dragão Renascido. Fosse ou não prático, isso era pragmático, e ele se contentaria com isso.

Ele se virou para a janela e limpou o vidro com o casaco novamente. Talvez fosse para aquecer água — alguns daqueles baldes pareciam ainda ter água; em Shienar, usavam grandes caldeiras para aquecer a água dos banhos — mas por que em uma carroça? “Alguém saiu de repente desde que eu fui embora? Ou chegou inesperadamente?” Ele

não esperava que alguém tivesse feito isso, alguém importante para ele. Entre os pombos do mercador e os olhos e orelhas da Torre Branca — e Mazrim Taim; ele não devia esquecer Taim — Lews Therin rosnou sem palavras ao ouvir o nome — com todos aqueles pombos e espiões e línguas balbuciantes, em mais alguns dias, o mundo inteiro saberia que ele havia desaparecido de Cairhien. Todo o mundo que importava, aqui e agora. Cairhien não era mais o terreno onde a batalha seria travada. A resposta de Dobraine o surpreendeu.

"Ninguém exceto... Ailil Riatin e alguma oficial do Povo do Mar estão desaparecidos desde o... ataque." Foi uma pausa breve, mas uma pausa. Talvez ele também não tivesse tanta certeza do que havia acontecido. No entanto, manteria sua palavra. Ele provaria isso nos Poços de Dumai também. "Nenhum corpo foi encontrado, mas eles podem ter sido mortos. A Mestra das Ondas do Povo do Mar se recusa a aceitar a possibilidade, no entanto. Ela está levantando uma tempestade com exigências de que sua mulher seja encontrada. Na verdade, Ailil pode ter fugido para o campo. Ou foi se juntar ao irmão dela, apesar de suas promessas a você. Seus três Asha'man ainda estão no Palácio do Sol. Flinn, Narishma e Hopwil. Eles deixam as pessoas nervosas. Mais agora do que antes." A diretora fez um som em sua garganta, e seus sapatos se mexeram audivelmente nas tábuas do assoalho. Eles certamente a deixaram nervosa.

Rand dispensou os Asha'man. A menos que estivessem muito mais perto do que o Palácio, nenhum era forte o suficiente para senti-lo abrir um portal aqui. Aqueles três não fizeram parte do ataque a ele, mas um planejador sábio poderia ter considerado a chance de fracasso. Planejando como manter alguém perto dele se sobrevivesse. *Você não vai sobreviver*, sussurrou Lews Therin. *Nenhum de nós sobreviverá.*

Volte a dormir, Rand pensou irritado. Ele sabia que não ia sobreviver. Mas queria. Uma risada irônica respondeu em sua cabeça, mas o som diminuiu e desapareceu. O careca estava deixando os outros descerem, agora, e esfregando as mãos de um jeito satisfeito. De todas as coisas possíveis, o sujeito parecia estar fazendo um discurso!

“Ailil e Shalon estão vivos e não fugiram”, disse Rand em voz alta. Ele os havia deixado amarrados e amordaçados, enfiados debaixo de uma cama, onde seriam encontrados por criados em poucas horas, embora a blindagem que ele tivesse tecido naquela Chamadora de Vento do Povo do Mar devesse ter se dissipada antes disso. As duas mulheres deveriam ser capazes de se libertar então. “Procure por Cadsuane. Ela os terá no palácio de Lady Arilyn.”

“Cadsuane Sedai entra e sai do Palácio do Sol como se fosse dela”, disse Dobraine judiciosamente, “mas como ela poderia tê-las tirado sem ser vista? E por que? Ailil é a irmã de Toram, e essa reivindicação ao Trono do Sol é pó agora, se é que foi mais que isso. Ela não é importante nem como contadora agora. Quanto a manter uma Atha'an Miere de alto escalão... Com que propósito?”

Rand fez sua voz ficar leve, indiferente. “Por que ela está mantendo Lady Caraline e o Grão-Senhor Darlin como ‘convidados’, Dobraine? Por que as Aes Sedai fazem alguma coisa? Você vai encontrá-los onde eu disse. Se ela deixar você entrar para olhar.” *Por que* não era uma pergunta tola. Ele simplesmente não tinha a resposta. Claro, Caraline Damodred e Ailil Riatin representavam as duas últimas Casas a ocupar o Trono do Sol. E Darlin Sisnera liderou os nobres de Tear que queriam que ele fosse expulso de sua preciosa Pedra de Tear.

Rand franziu a testa. Tinha certeza de que Cadsuane estava focada nele, apesar de fingir o contrário, mas e se não fosse fingimento? Um alívio, se assim fosse. Claro que era. A última coisa que ele precisava era de uma Aes Sedai que pensava que podia se intrometer em seus negócios. A última. Talvez Cadsuane estivesse direcionando sua intromissão para outro lugar. Min tinha visto Sisnera usando uma estranha coroa; Rand tinha pensado muito naquela visão dela. Ele não queria pensar em outras coisas que ela tinha visto, sobre ele e a irmã Verde. Seria tão simples quanto Cadsuane pensar que poderia decidir quem governaria tanto Tear quanto Cairhien? Simples? Ele quase riu. Mas era assim que a Aes Sedai se comportava. E Shalon, a Chamadora de Vento? Possui-la poderia dar a Cadsuane vantagem sobre Harine, a Mestra das Ondas, mas ele suspeitava que ela tinha acabado de ser pega com Ailil, para tentar esconder quem levou a

nobre. Cadsuane teria de ser desiludida. Quem governaria em Tear e Cairhien já havia sido decidido. Ele iria apontar isso para ela. Mais tarde. Estava bem abaixo de sua lista de prioridades.

“Antes de ir, Dobraine, preciso te dar...” As palavras congelaram em sua língua. No estábulo, o homem sem chapéu havia puxado uma alavanca na carroça, e uma extremidade de uma longa viga horizontal subitamente subiu, depois afundou, empurrando uma viga mais curta para baixo através de um buraco aberto na carroceria. E, vibrando até parecer prestes a se despedaçar, deixando um rastro de fumaça da chaminé, a carroça cambaleou à frente, o facho subindo e descendo, primeiro devagar, depois mais rápido. Moveu-se, sem cavalos! Ele não percebeu que havia falado em voz alta até que a diretora respondeu.

“Ah, aquilo! Esse é o carroção a vapor de Mervin Poel, como ele chama, meu Lorde Dragão.” A desaprovação atacou sua voz alta e jovem e surpreendente. “Afirma que pode puxar cem carroças com a engenhoca. Não, a menos que ele possa ir além de cinquenta passos sem que pedaços se quebrem ou congelem. Só fez isso uma vez, que eu saiba.”

De fato, o — carroção a vapor? — estremeceu até parar a menos de vinte passos de onde estava. Estremeceu de fato; parecia estar tremendo mais forte pelo batimento cardíaco. A maioria dos homens pulou sobre ele novamente, um deles freneticamente torcendo algo com um pano enrolado em sua mão. Abruptamente, o vapor disparou no ar de um cano, e o estremecimento diminuiu, parou.

Rand balançou a cabeça. Ele se lembrava de ter visto esse tal de Mervin, com um dispositivo que estremeceu em cima de uma mesa e não fazia nada. E essa maravilha tinha vindo disso? Ele achava que era para fazer música. Deve ser Mervin pulando e sacudindo os punhos e os outros. Que outras coisas estranhas, que maravilhas, as pessoas estavam construindo aqui na Academia?

Quando ele perguntou, ainda observando os homens no pátio trabalhando na carroça, Idrien fungou alto. O respeito pelo Dragão Renascido tinha apenas uma pontada na voz quando ela começou, e rapidamente perdeu terreno para o desgosto. “É ruim o suficiente ter que dar espaço para filósofos e historiadores e aritmanciastas e afins,

mas você disse para acolher qualquer um que quisesse fazer algo novo e deixá-los ficar se mostrassem progresso. Suponho que você esperava por armas, mas agora tenho dezenas de sonhadores e vagabundos em minhas mãos, cada um com um livro antigo ou manuscrito ou seis, todos datando do Pacto das Dez Nações, lembre-se, se não da Era das Lendas em si, ou assim dizem, e todos estão tentando entender desenhos, esboços e descrições de coisas que nunca viram e talvez ninguém nunca tenha visto. Já vi manuscritos antigos que falam de pessoas com os olhos na barriga, e animais de três metros de altura com presas mais compridas que um homem, e cidades onde...”

“Mas o que eles estão fazendo, Diretora Tarsin?” Rand exigiu. Os homens que trabalhavam na coisa abaixo moviam-se com um ar decidido, não como se vissem um fracasso. E tinham se movido.

Ela fungou mais alto desta vez. “Tolice, meu Lorde Dragão, é isso que eles fazem. Kin Tovere construiu seu grande espelho. Você pode ver a lua através dele tão clara quanto sua mão, e o que ele afirma serem outros mundos, mas qual é a vantagem disso? Ele quer construir um maior, agora. Maryl Harke faz pipas enormes que ela chama de planadores e, na primavera, ela estará se jogando de colinas novamente. Coloca o coração na boca para vê-la navegando ladeira abaixo nas coisas; ela vai quebrar mais do que o braço da próxima vez que uma se dobrar sobre ela, eu garanto. Jander Parentakis acredita que pode mover barcos fluviais com rodas d’água de um moinho, ou perto o suficiente, mas quando ele colocou homens suficientes no barco para girar as manivelas, não havia espaço para carga, e qualquer embarcação com velas poderia ultrapassá-lo. Ryn Anhara prende relâmpagos em grandes potes – duvido que até ele saiba por que – Niko Tokama é tão boba com sua...” Rand se virou tão rápido que ela deu um passo para trás, e até mesmo Dobraine se mexeu em seus pés, um movimento de espadachim. Não, eles não tinham certeza sobre ele. “Ele prende relâmpagos?” ele perguntou baixinho.

Compreensão inundou seu rosto brusco, e ela acenou com as mãos na frente dela. “Não não! Não desse... jeito!” Não como você, ela quase disse. “É uma coisa de fios e rodas e grandes potes de barro e a Luz

sabe o quê. Ele chama isso de relâmpago, e eu vi um rato pular em um dos potes uma vez, nas hastes de metal saindo do topo. Certamente parecia atingido por um raio.” Um tom esperançoso entrou em sua voz. “Eu posso fazê-lo parar, se você quiser.” Ele tentou imaginar alguém andando em uma pipa, mas a imagem era ridícula. Capturar relâmpagos em frascos estava além de sua capacidade de imaginar. E ainda... “Deixe-os continuar como antes, Diretora. Quem sabe? Talvez uma dessas invenções se torne importante. Se algum trabalho for reivindicado, dê uma recompensa ao inventor.” O rosto coriáceo e bronzeado de Dobraine parecia duvidoso, embora ele quase conseguisse esconder. Idrien inclinou a cabeça em assentimento taciturno, e até fez uma reverência, mas claramente ela pensava que ele estava pedindo para deixar os porcos voarem se pudessem. Rand não tinha certeza se discordava. Então, novamente, talvez um dos porcos criasse asas. A carroça havia se movido. Ele queria muito deixar algo para trás, algo para ajudar o mundo a sobreviver à nova Ruptura que as Profecias disseram que ele traria. O problema era que ele não fazia ideia do que poderia ser, exceto pelas próprias escolas. Quem sabia o que uma maravilha poderia fazer? Luz, ele queria construir algo que pudesse durar.

Achei que poderia construir, murmurou Lews Therin em sua cabeça. *Eu estava errado. Não somos construtores, nem você, nem eu, nem o outro. Somos destruidores. Destruidores.* Rand estremeceu e esfregou as mãos pelo cabelo. O outro? Às vezes, a voz soava mais sã quando estava mais louca.

Eles o estavam observando, Dobraine quase escondendo a incerteza, Idrien não fazendo nenhum esforço para isso. Endireitando-se como se nada estivesse errado, ele tirou dois pacotes finos de dentro do casaco. Ambos carregavam o dragão em um longo pedaço de cera vermelha do lado de fora. A fivela do cinto que ele não estava usando no momento serviu para um sinete impressionante. “O primeiro nomeia você como meu mordomo em Cairhien”, disse ele, entregando os pacotes a Dobraine. Um terceiro ainda aninhado ao lado de seu peito, para Gregorin den Lushenos, tornando-o mordomo em Illian. “Então não haverá problemas com ninguém questionando sua

autoridade enquanto eu estiver fora." Dobraine poderia lidar com esse tipo de problema com seus armeiros, mas era melhor garantir que ninguém pudesse alegar ignorância ou dúvida. Talvez não houvesse problema se todos acreditassem que o Dragão Renascido desceria sobre os transgressores. "Existem ordens sobre as coisas, eu quero que sejam feitas, mas além disso, use seu próprio julgamento. Quando Lady Elayne reivindicar o Trono do Sol, dê todo o seu apoio a ela."

Elayne. Ah, Luz, Elayne e Aviendha. Pelo menos elas estavam seguras. A voz de Min parecia mais feliz agora; ela devia ter encontrado os livros do Mestre Pel. Ele ia deixá-la segui-lo até a morte porque ele não era forte o suficiente para detê-la. *Ilyena*, gemeu Lews Therin. *Perdoe-me, Ilyena!* A voz de Rand saiu tão fria quanto o coração do inverno. "Você saberá quando entregar o outro. Se for para entregar. Arranque as palavras dele, se necessário, e decida pelo que ele diz. Se você decidir que não, ou se ele se recusar, vou escolher outra pessoa. Não você."

Talvez isso tenha sido brusco, mas a expressão de Dobraine quase não mudou. Suas sobrancelhas se ergueram levemente ao ver o nome escrito no segundo pacote; isso era tudo. Ele fez uma reverência suave. Cairhienos geralmente eram suaves. "Será como você diz. Perdoe-me, mas você soa como se pretendesse ficar fora por um longo tempo." Rand deu de ombros. Ele confiava no Lorde Supremo tanto quanto confiava em qualquer um. Quase tanto. "Quem poderia dizer? Os tempos são incertos. Certifique-se de que a diretora Tarsin tenha todas as moedas de que precisa, e os homens que estão começando a escola em Caemlyn também. A escola em Tear também, até que as coisas mudem lá."

"Como você disser", repetiu Dobraine, enfiando os pacotes em seu casaco. Seu rosto não traía nenhuma emoção, agora. Um jogador experiente no Jogo das Casas, era Dobraine.

De sua parte, a diretora conseguiu parecer satisfeita e descontente ao mesmo tempo, e se ocupou alisando o vestido desnecessariamente do jeito que as mulheres faziam quando pressionadas a não falar o que pensavam. Reclamar como reclamou de sonhadores e filósofos, ela tinha inveja do bem-estar da Academia. Ela não derramaria lágrimas

se essas outras escolas desaparecessem e seus alunos fossem forçados a vir para a Academia. Até os filósofos. O que ela pensaria de um pedido específico no pacote de Dobraine?

"Encontrei tudo o que preciso", disse Min, saindo das prateleiras cambaleando um pouco sob o peso dos três sacos de pano volumosos que pendiam dela. Seu casaco marrom liso e calções eram muito parecidos com o que ela usava quando ele a viu pela primeira vez em Baerlon. Por alguma razão, ela resmungava sobre eles até que qualquer um que a conhecesse pensasse que estivessem pedindo para ela colocar um vestido. Ela sorriu agora, porém, com prazer e uma pitada de malícia. "Espero que esses cavalos de carga estejam onde os deixamos, ou meu Lorde Dragão terá que ser adaptado para uma sela de carga." Idrien engasgou, escandalizado ao ouvi-la falar assim, mas Dobraine apenas sorriu um pouco. Ele já tinha visto Min ao redor de Rand antes.

Rand se livrou deles o mais rápido possível então, já que eles ouviram e viram tanto quanto ele queria — os mandou embora com uma advertência final de que ele nunca esteve ali. Dobraine assentiu como se não esperasse menos. Idrien parecia pensativa quando saiu. Se ela deixasse escapar alguma coisa onde um servo pudesse ouvir, ou um erudito, estaria por toda a cidade em dois dias. Não havia muito tempo em qualquer caso. Talvez ninguém que pudesse dizer estivesse perto o suficiente para senti-lo abrir um portão aqui, mas qualquer um que procurasse sinais teria certeza de que agora havia um *ta'veren* na cidade. Não era seu plano ser encontrado ainda. Quando a porta se fechou atrás deles, ele estudou Min por um momento, então pegou um dos alforjes e o pendurou no ombro.

"Apenas um?" ela disse. Colocando os outros no chão, ela plantou os punhos nos quadris e fez uma careta. "Às vezes você é realmente um pastor de ovelhas. Essas malas devem pesar cem pesos cada." Mas ela parecia mais divertida do que chateada.

"Você deveria ter escolhido livros menores," ele disse a ela, colocando luvas de montaria para esconder os Dragões. "Ou mais leves." Ele se virou para a janela, para pegar a bolsa de couro, e uma onda de tontura o atingiu. Com os joelhos virando água, ele tropeçou.

Um rosto brilhante que ele não conseguia distinguir passou por sua cabeça. Com um esforço, ele se conteve, forçou as pernas esticadas. E a sensação de turbilhão desapareceu. Lews Therin ofegou roucamente nas sombras. O rosto podia ser dele?

"Se você acha que vai me fazer carregá-los por todo esse caminho, pense novamente", Min resmungou. "Já vi fingimento melhor de cavaliços. Você pode tentar cair."

"Não dessa vez." Ele estava pronto para o que aconteceu quando canalizou; ele poderia controlar aquilo até certo ponto. Geralmente. A maior parte do tempo. Essa tontura sem aviso era nova. Talvez ele tivesse virado rápido demais. E talvez os porcos voassem. Ele colocou a alça do alforje de couro sobre o ombro livre. Os homens no estábulo ainda estavam ocupados. O prédio. "Min..."

Suas sobancelhas baixaram imediatamente. Ela parou por um instante ao calçar as luvas vermelhas e começou a bater o pé. Um sinal perigoso para qualquer mulher, especialmente uma que carregava facas. "Nós resolveremos isso, Rand maldito Dragão al'Thor! Você não vai me deixar para trás!"

"O pensamento nunca passou pela minha cabeça", ele mentiu. Estava muito fraco; não conseguia se obrigar a dizer as palavras, para fazê-la ficar. *Muito fraco*, ele pensou amargamente, *e ela poderia morrer por isso, que a Luz me queime para sempre!*

E vai, Lews Therin prometeu suavemente.

"Só achei que você deveria saber o que estamos fazendo e o que vamos fazer", continuou Rand. "Eu não tenho sido muito aberto, suponho." Concentrando-se, ele agarrou *saidin*. A sala parecia girar, e ele montou a avalanche de fogo e gelo e sujeira com náusea fervendo em sua barriga. Foi capaz de ficar ereto sem balançar, no entanto. Por muito pouco. E apenas capaz de tecer os fluxos de um portão que se abria em uma clareira nevada onde dois cavalos selados estavam amarrados a um galho baixo de um carvalho. Ficou feliz em ver os animais ainda ali. A clareira ficava bem longe da estrada mais próxima, mas ainda havia andarilhos que deram as costas às famílias e fazendas, ofícios e ofícios, porque o Dragão Renascido havia rompido todos os laços. As profecias assim diziam. Por outro lado, muitos

daqueles homens e mulheres, com os pés doloridos e meio congelados agora por cima, estavam cansados de procurar sem ter noção do que estavam procurando. Mesmo essas montarias indescritíveis certamente teriam desaparecido com o primeiro homem a encontrá-las desacompanhadas. Ele tinha ouro suficiente para comprar outras, mas não achava que Min teria gostado da caminhada de uma hora até a aldeia onde haviam deixado os cavalos de carga.

Apressando-se para a clareira, fingindo que a mudança do chão para a neve na altura dos joelhos causou seu tropeço, ele apenas esperou até que ela pegasse suas sacolas de livros e cambaleasse atrás dele antes de liberar o Poder. Estavam a 800 quilômetros de Cairhien e mais perto de Tar Valon do que de qualquer outro lugar digno de nota. Alanna tinha sumido em sua cabeça quando o portão se fechou. "O que está por vir?" Min disse, parecendo desconfiada. De todos os seus motivos, ele esperava, ou qualquer coisa, menos da verdade. A tontura e a náusea desapareceram lentamente. "Você foi tão aberto quanto um mexilhão, Rand, mas eu não sou cega. Primeiro, Viajamos para Rhuidean, onde você fez tantas perguntas sobre esse lugar em Shara que qualquer um pensaria que você pretendia ir até lá." Franzindo o cenho levemente, ela balançou a cabeça enquanto amarrava um de seus fardos na sela de seu cavalo capão marrom. Ela grunhiu com o esforço, mas não estava disposta a colocar a outra bolsa de livros na neve. "Eu nunca pensei que o Deserto Aiel fosse assim. Essa cidade é maior que Tar Valon, mesmo que esteja meio arruinada. E todas aquelas fontes, e o lago. Eu não conseguia nem ver o outro lado. Achei que não havia água no Deserto. E estava tão frio quanto aqui; achei que o deserto estava quente!"

"No verão, você frita durante o dia, mas ainda congela à noite." Ele se sentiu recuperado o suficiente para começar a transferir seus próprios fardos para a sela do cinza. Quase o suficiente. Mas fez isso de qualquer maneira. "Se você já sabe de tudo, o que eu estava fazendo além de fazer perguntas?"

"O mesmo que em Tear na noite passada. Certificando-se de que todos os gatos e melros soubessem que você estava lá. Em Tear, foi sobre Chachin que você perguntou. É obvio. Você está tentando

confundir qualquer um que tente descobrir onde você está e para onde está indo em seguida.” Com a segunda bolsa de livros equilibrando a primeira atrás da sela, ela desamarrou as rédeas e subiu na sela. “Então, eu sou cega?”

“Seus olhos pertencem a uma águia.” Ele esperava que seus perseguidores vissem com a mesma clareza. Ou que quem os mandou visse. Não seria bom tê-los saindo de a Luz sabia onde. “Preciso deixar mais alguns rastros falsos, eu acho.”

“Por que perder tempo? Eu sei que você tem um plano, sei que tem a ver com alguma coisa naquela bolsa de couro — um *sa’angreal* — e sei que é importante. Não fique tão surpreso. Você mal deixa essa bolsa fora de sua vista. Por que não ir em frente e fazer o que quer que seja seu plano, então deixar suas trilhas falsas? E a verdadeira, claro. Vai atacá-los quando eles menos esperarem, você disse. Você dificilmente pode fazer isso a menos que eles sigam para onde você quer.”

“Eu gostaria que você nunca tivesse começado a ler os livros de Herid Pel,” ele murmurou amargamente, puxando-se para a sela do cinza. Sua cabeça girou apenas um pouco. “Você é perceptiva demais. Posso guardar algum segredo de você agora?”

“Você nunca poderia, cabeça de lã,” ela riu, e então, contradizendo-se, disse: “O que você está planejando? Além de matar Dashiva e o resto, quero dizer. Tenho o direito de saber se vou viajar com você.” Como se ela não tivesse insistido em viajar com ele.

“Vou limpar a metade masculina da fonte”, disse ele em uma voz monótona. Um anúncio importante. Um grande esquema, mais do que grande. Grandioso, a maioria diria. Ele poderia ter dito que pretendia dar um passeio à tarde, apesar da reação de Min. Ela simplesmente olhou para ele, as mãos cruzadas no punho da sela, até que ele continuou.

“Não sei quanto tempo vai levar, e assim que eu começar, acho que todos dentro de mil milhas de mim que podem canalizar saberão que algo está acontecendo. Duvido que consiga parar se Dashiva e o resto, ou os Abandonados, aparecerem de repente para ver o que é. Sobre os Abandonados, não posso fazer nada, mas com sorte, posso acabar

com os outros.” Talvez ser *ta'veren* lhe desse a vantagem que ele precisava tão desesperadamente.

“Depende muita da sorte, e Corlan Dashiva ou os Abandonados, qualquer um deles, vai comer você no café da manhã,” ela disse, virando seu cavalo para fora da clareira. “Talvez eu possa pensar em uma maneira melhor. Vamos. Há uma lareira quente na pousada. Espero que você nos deixe fazer uma refeição quente antes de partirmos.”

Rand olhou para ela incrédulo. Ninguém teria pensado que cinco renegados Asha'man, para não mencionar os Abandonados, eram menos incômodos do que um dente dolorido. Colocando o cavalo cinza à frente levantando um jato de neve, ele a alcançou e cavalgou em silêncio. Ainda tinha alguns segredos dela, essa doença que começou a afetá-lo quando ele canalizava, por exemplo. Essa era a verdadeira razão pela qual tinha que lidar com Dashiva e os outros primeiro. Isso lhe dava tempo para superar a doença. Se isso fosse possível. Caso contrário, ele não tinha certeza se os dois *ter'angreal* cavalgando atrás de sua sela seriam de alguma utilidade.

Capítulo 1

Deixando o Profeta

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu acima do Oceano Aryth. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

A leste, o vento soprava acima das ondas frias do oceano verde-acinzentado, em direção a Tarabon, onde navios já descarregados ou esperando sua vez para entrar no porto de Tanchico estavam ancorados por quilômetros ao longo da costa baixa. Mais navios, grandes e pequenos, enchiam o enorme porto e barcas transportavam pessoas e cargas para terra, porque não havia ancoradouro vazio em nenhuma das docas da cidade. Os habitantes de Tanchico ficaram temerosos quando a cidade caiu nas mãos de seus novos senhores, com seus costumes peculiares e estranhas criaturas e mulheres presas em coleiras que podiam canalizar, e temerosos novamente quando essa frota chegou, entorpecedora em seu tamanho, e começou a vomitar não apenas soldados, mas comerciantes de olhos aguçados, e artesãos com as ferramentas de seus ofícios, e até famílias com carroças cheias de implementos agrícolas e plantas desconhecidas. Havia um novo rei e uma nova Panarca para ordenar as leis, entretanto, e se o rei e a Panarca deviam fidelidade a alguma imperatriz distante, se os nobres Seanchan ocupavam muitos dos palácios e exigiam obediência mais profunda do que qualquer senhor ou senhora taraboneanos, a vida pouco mudou para a maioria das pessoas, e só para melhor. O Sangue Seanchan tinha pouco contato com pessoas comuns, e podiam se acostumar a costumes estranhos. A anarquia que havia dilacerado o país era apenas uma lembrança, agora, e a fome fora com ela. Os rebeldes e bandidos e Devotos do Dragão que atormentaram a terra foram mortos ou capturados ou levados para o norte em Almoth Plain, aqueles que

não se renderam, e o comércio mudou mais uma vez. As hordas de refugiados famintos que entupiam as ruas da cidade estavam de volta às suas aldeias, de volta às suas fazendas. E não restava em Tanchico mais dos recém-chegados do que a cidade podia suportar facilmente. Apesar dos neves, soldados e mercadores, artesãos e fazendeiros se espalharam pelo interior aos milhares e dezenas de milhares, mas o vento gelado açoitava uma Tanchico em paz e, depois de seus duros problemas, a cidade estava na maior parte contente com seu destino.

A leste, o vento soprava por léguas, soprando e diminuindo, se dividindo, mas nunca morrendo, a leste e virando para o sul, através de florestas e planícies envoltas no inverno, com galhos nus e grama marrom, finalmente cruzando o que um dia fora a fronteira entre Tarabon e Amadicia. Era uma fronteira ainda, mas apenas no nome, os postos alfandegários estavam desmantelados, os guardas desaparecidos. A leste e sul, ao redor do extremo sul das Montanhas da Névoa, rodopiando pelas muralhas altas de Amador. Conquistando Amador. O estandarte no topo da enorme Fortaleza da Luz estalava ao vento, o falcão dourado que portava parecia realmente voar com relâmpagos presos em suas garras. Poucos nativos saíam de suas casas, exceto por necessidade, e esses poucos corriam pelas ruas congeladas, as capas apertadas ao redor deles e os olhos baixos. Olhos baixos não apenas para evitar pisar em pedras escorregadias, mas para evitar olhar para um ocasional Seanchan cavalgando uma fera como um gato com escamas de bronze do tamanho de um cavalo, ou taraboneanos com malhas de aço, vigiando grupos de antigos Filhos da Luz, agora acorrentados e trabalhando como animais para puxar carroças de lixo para fora da cidade. Apenas um mês e meio no rebanho dos Seanchan, o povo da capital de Amadicia sentia o vento amargo como um flagelo, e aqueles que não amaldiçoaram seu destino meditaram sobre os pecados que os levaram a isso. A leste, o vento uivava sobre uma terra desolada, onde tanto aldeias jaziam queimadas e fazendas arruinadas, quanto pessoas estavam presas. A neve cobria madeiras carbonizadas e celeiros abandonados, suavizando a vista ao mesmo tempo em que somava o congelamento à fome como forma de morrer. Espada, machado e lança já estavam lá, e ficaram para matar

novamente. A leste, até que o vento gemia um canto fúnebre sobre Abila sem muros. Nenhum estandarte voava acima das torres de vigia da cidade, pois o Profeta do Lorde Dragão estava lá, e o Profeta não precisava de nenhum estandarte além de seu nome. Em Abila, as pessoas estremeciam mais com o nome do Profeta do que com o vento. As pessoas em outros lugares também estremeciam com esse nome.

Saindo da casa do mercador alto onde Masema morava, Perrin deixou o vento chicotear sua capa forrada de pele enquanto calçava as luvas. O sol do meio-dia não dava calor, e o ar era pesado. Ele manteve o rosto impassível, mas estava muito zangado para sentir o frio. Manter as mãos longe do machado no cinto era um esforço. Masema – ele não chamaria o homem de Profeta, não em sua própria cabeça, ele não o chamaria! — Masema era muito provavelmente um tolo, e muito certamente insano. Um tolo poderoso, mais poderoso que a maioria dos reis, e louco por isso.

Os guardas de Masema enchiam a rua de um lado para o outro e se estendiam pelas esquinas das ruas próximas, sujeitos ossudos em sedas roubadas, aprendizes imberbes em casacos rasgados, mercadores parecendo doentes, em restos de lã fina. A respiração deles era uma névoa branca, e alguns tremiam sem capa, mas cada homem segurava uma lança ou uma besta com o dardo no lugar. Ainda assim, nenhum parecia hostil. Eles sabiam que ele alegava conhecer o Profeta e ficaram boquiabertos como se esperassem que ele saltasse no ar e voasse. Ou pelo menos desse cambalhotas. Ele filtrou o cheiro de fumaça de lenha das chaminés da cidade. Muitos deles fediam a suor velho e corpos sujos, a ansiedade e medo. E a uma febre estranha que ele não havia reconhecido antes, um reflexo da loucura em Masema. Hostis ou não, eles o matariam, ou a qualquer um, com a palavra de Masema. Eles massacrariam nações com a palavra de Masema. Ao cheirá-los, ele sentiu uma frieza mais profunda do que qualquer vento de inverno. Ele estava mais feliz do que nunca por ter se recusado a deixar Faile ir com ele.

Os homens que ele havia deixado com as montarias estavam jogando dados ao lado dos animais, ou seguindo os movimentos deles,

em um espaço de pedras de pavimentação raspadas, principalmente com neve derretida. Ele não confiaria em Masema enquanto pudesse andar em seu baio, e nem eles. Eles estavam prestando mais atenção à casa e aos guardas do que ao seu jogo. Os três Guardiões ficaram de pé assim que ele apareceu, seus olhos indo para suas companheiras que vinham atrás dele. Sabiam o que suas Aes Sedai sentiram lá dentro. Neald foi mais lento, parando para pegar os dados e as moedas. O Asha'man era um papagaio, sempre acariciando seus bigodes encaracolados, se pavoneando e sorrindo para as mulheres, mas ele estava na ponta dos pés agora, cauteloso como um gato.

"Pensei que teríamos que lutar para sair de lá por um tempo", murmurou Elyas no ombro de Perrin. Seus olhos dourados estavam calmos, no entanto. Um velho esguio com um chapéu de abas largas, com cabelos grisalhos que desciam pelas costas até a cintura e uma longa barba em leque sobre o peito. Uma longa faca no cinto, não uma espada. Mas ele tinha sido um Guardião. Ainda era, de certa forma.

"Essa foi a única coisa que deu certo", disse Perrin, pegando as rédeas de Stayer de Neald. O Asha'man arqueou uma sobrancelha interrogativamente, mas Perrin balançou a cabeça, não se importando com qual era a pergunta, e Neald, com uma torção na boca, entregou a Elyas as rédeas de seu cavalo castrado cor de rato antes de subir em seu próprio manchado.

Perrin não tinha tempo para o mau humor do murandiano. Rand o havia enviado para trazer Masema de volta, e Masema estava indo. Como sempre ultimamente, quando pensava em Rand, cores giravam em sua cabeça e, como sempre, ele as ignorou. Masema era um problema muito grande para Perrin desperdiçar o pensamento se preocupando com as cores. O maldito homem pensava que era uma blasfêmia alguém além de Rand tocar o Poder Único. Rand, ao que parecia, não era realmente mortal; ele era a Luz feita carne! Assim, não haveria Viagem, nenhum salto rápido para Cairhien através de um portal feito por um dos Asha'man, não importando como Perrin tentasse trazer Masema de volta. Eles teriam que cavalgar as quatrocentas léguas ou mais, só pela Luz sabia o quê. E mantendo em segredo quem eles eram, e Masema também. Essas foram as ordens de Rand. "Só

veja uma maneira de fazer isso, rapaz”, disse Elyas como se tivesse falado em voz alta. “Uma pequena chance. Poderíamos ter melhores chances de bater na cabeça do sujeito e lutar de qualquer maneira.”

“Eu sei”, Perrin rosnou. Ele havia pensado nisso mais de uma vez durante as horas de discussão. Com Asha'man e Aes Sedai e Sábias todos canalizando, poderia ter sido possível. Mas ele tinha visto uma batalha travada com o Poder Único, homens rasgados em pedaços, encharcados de sangue em um piscar de olhos, a própria terra florescendo em fogo. Abila teria virado um açougue antes de terminarem. Ele nunca mais olharia algo assim, se pudesse.

“O que você acha que este Profeta vai fazer?” perguntou Elyas. Perrin teve que limpar sua mente dos Poços de Dumai, e Abila parecendo o campo de Poços de Dumai, antes que pudesse pensar no que Elyas estava falando. Ah. Sobre como ele ia fazer o impossível. “Eu não me importo com o que ele fizer.” O homem causaria problemas, isso era certo.

Irritado, ele esfregou a barba. Precisava aparar. Tê-la aparada, em vez disso. Se pegasse as tesouras, Faile as tomaria e entregaria a Lamgwin. Ainda parecia impossível que aquele homem volumoso de ombros largos com seu rosto cheio de cicatrizes e dedos afundados conhecesse as habilidades de um criado. Luz! Um criado. Ele estava se equilibrando com Faile e seus estranhos modos saldaeanos, mas quanto melhor ele se equilibrava, mais ela conseguia fazer as coisas se adequarem a si mesma. As mulheres sempre faziam isso de qualquer maneira, é claro, mas às vezes ele achava que havia trocado um tipo de turbilhão por outro. Talvez pudesse tentar alguns desses gritos magistrais que ela parecia gostar tanto. Um homem deveria ser capaz de colocar uma tesoura na própria barba, se quisesse. Ele duvidava de que faria isso, no entanto. Gritar com ela foi difícil o suficiente quando ela começou a gritar primeiro. Coisa tola para se pensar agora, de qualquer maneira.

Ele estudou os outros a caminho dos cavalos, como teria estudado as ferramentas de que precisava para um trabalho árduo. Temia que Masema tornasse essa viagem o pior trabalho que ele já havia assumido, e suas ferramentas estavam cheias de rachaduras. Seonid

e Masuri pararam ao lado dele, os capuzes de suas capas bem puxados para frente, colocando seus rostos na sombra. Um tremor afiado envolvia o leve aroma de seus perfumes, o medo sob controle. Masema as teria matado ali mesmo, se pudesse. Os guardas ainda poderiam, se algum reconhecesse o rosto de uma Aes Sedai. Entre tantos, devia haver alguns que podiam. Masuri era quase um palmo mais alta, mas Perrin ainda olhava para o topo de suas cabeças. Ignorando Elyas, as irmãs trocaram olhares, abrigadas em seus capuzes; então Masuri falou baixinho.

“Você vê agora por que ele deve ser morto? O homem é... raivoso.” Bem, a Marrom raramente era de medir palavras. Por sorte, nenhum dos guardas estava perto o suficiente para ouvir.

“Você poderia escolher um lugar melhor para dizer isso”, disse ele. Ele não queria ouvir os argumentos novamente, agora ou mais tarde, mas especialmente não agora. E parecia que não precisava.

Edarra e Carelle assomavam atrás da Aes Sedai, xales escuros já enrolados na cabeça. Os pedaços que penduravam no peito e nas costas quase não pareciam proteção contra o frio, mas a neve incomodava mais as Sábias, apenas a existência de tal coisa. Seus rostos escuros poderiam ter sido esculpidos por tudo o que revelavam, mas o cheiro delas era uma ponta de aço. Os olhos azuis de Edarra, geralmente tão compostos que pareciam estranhos em suas feições juvenis, eram tão duros quanto um espinho. Claro, sua postura mascarava aço. Aço afiado. “Aqui não é lugar para conversar”, Carelle disse suavemente à Aes Sedai, enfiando uma mecha de cabelo ruivo sob o xale. Tão alta quanto muitos homens, ela sempre era suave. Para uma Sábica. O que só significava que ela não mordia seu nariz sem avisar primeiro. “Vão para seus cavalos.”

E as mulheres mais baixas fizeram uma breve reverência para ela e correram para suas selas como se não fossem Aes Sedai. Não eram, para os Sábicas. Perrin pensou que nunca se acostumaria com isso. Mesmo que Masuri e Seonid parecessem ter se acostumado.

Com um suspiro, ele subiu em Stayer enquanto as Sábicas seguiam suas aprendizes Aes Sedai. O garanhão deu alguns passos depois de descansar, mas Perrin o controlou com a pressão dos joelhos e as

mãos firmes nas rédeas. As mulheres Aiel montaram desajeitadamente, mesmo depois de toda a prática que tiveram nas últimas semanas, suas saias pesadas levantadas até as pernas nuas com meias de lã acima do joelho. Elas concordavam com as duas irmãs sobre Masema, assim como as outras Sábias no acampamento. Um bom ensopado fervente para qualquer um levar para Cairhien sem ser escaldado.

Grady e Aram já estavam montados, e ele não conseguia distinguir seus cheiros entre todos os outros. Havia pouca necessidade. Ele sempre achou que Grady parecia um fazendeiro, apesar do casaco preto e da espada de prata no colarinho, mas não agora. Ainda na sela, o atarracado Asha'man examinou os guardas com os olhos sombrios de um homem decidindo onde fazer o primeiro corte. E o segundo, e terceiro, e quantos fossem necessários. Aram, o manto verde bilioso de Latoeiro agitando o vento enquanto ele segurava suas rédeas, o punho de sua espada subindo acima de seu ombro – o rosto de Aram era um mapa de excitação que fez o coração de Perrin afundar. Em Masema, Aram conhecera um homem que havia dado a vida, o coração e a alma ao Dragão Renascido. Na opinião de Aram, o Dragão Renascido ficava logo atrás de Perrin e Faile.

“Você não fez nenhum favor ao menino”, dissera Elyas a Perrin. “Você o ajudou a deixar de lado o que ele acreditava, e agora tudo o que ele tem que para acreditar é você e aquela espada. Não é o suficiente, não para qualquer homem.” Elyas conhecera Aram quando Aram ainda era um Latoeiro, antes de pegar na espada.

Um ensopado que podia ter veneno, para alguns.

Os guardas podiam olhar para Perrin maravilhados, mas não se moveram para abrir uma passagem até que alguém gritou de uma janela da casa. Então eles se afastaram o suficiente para os cavaleiros saírem em fila indiana. Alcançar o Profeta não foi fácil sem sua permissão. Sem sua permissão, deixá-lo era impossível. Uma vez longe de Masema e seus guardas, Perrin deu o passo mais justo que pôde pelas ruas lotadas. Abila tinha sido uma cidade grande e próspera não muito tempo atrás, com seus mercados de pedra e prédios de quatro andares. Ainda era grande, mas montes de escombros

marcavam onde casas e pousadas haviam sido demolidas. Não ficou em Abila uma estalagem, nem uma casa, onde alguém tardara a proclamar a glória do Lorde Dragão Renascido. A desaprovação de Masema nunca foi sutil.

A multidão reunia poucos que pareciam viver na cidade, gente monótona em roupas monótonas na maior parte correndo com medo pelas laterais da rua, e nenhuma criança. Nenhum cachorro também; a fome era um problema provável neste lugar agora. Por toda parte, grupos de homens armados se espalhavam pela lama até os tornozelos, que tinha sido neve na noite anterior, vinte aqui, cinquenta ali, derrubando pessoas muito lentas para sair de seu caminho, até mesmo fazendo com que os carros de boi desviassem. Havia sempre centenas à vista. Devia haver milhares na cidade. O exército de Masema era uma ralé, mas seus números compensavam outras carências até então. Graças à Luz o homem concordou em trazer apenas cem. Levou uma hora de discussão, mas ele concordou. No final, o desejo de Masema de alcançar Rand rapidamente, mesmo que ele não Viajasse, ganhou a discussão. Poucos de seus seguidores tinham cavalos, e quanto mais vinham a pé, mais devagar eles iam. Pelo menos ele chegaria ao acampamento de Perrin ao anoitecer.

Perrin não viu ninguém montado, exceto seu próprio grupo, e eles atraíram olhares dos homens armados, olhares de pedra, olhares febris. Pessoas bem vestidas vinham ao Profeta com bastante frequência, nobres e mercadores esperando que uma submissão em pessoa ganhasse mais bênçãos e menos penalidades, mas geralmente partiam a pé. Seu caminho era desimpedido, no entanto, além da necessidade de cavalgar entre os grupos de seguidores de Masema. Se saíram montados, devia ser por vontade de Masema. Mesmo assim, Perrin não precisava dizer a ninguém para ficar por perto. Havia uma sensação de espera em Abila, e ninguém com metade do cérebro gostaria de estar por perto quando a espera terminasse.

Foi um alívio quando Balwer deu uma joelhada em seu cavalo castrado de nariz de martelo para fora de uma rua lateral perto da ponte baixa de madeira que levava para fora da cidade, quase tão grande quanto o alívio que sentiu quando atravessaram a ponte e passaram

pelos últimos guardas. O homenzinho franzino, com as juntas nodosas e com seu casaco marrom liso mais pendurado no corpo do que gasto, podia cuidar de si mesmo apesar das aparências, mas Faile estava arrumando uma casa adequada para uma nobre, e ela ficaria mais do que descontente se Perrin deixasse que qualquer mal acontecesse com seu secretário. O dela e o de Perrin. Perrin não tinha certeza de como se sentia em ter um secretário, mas o sujeito possuía habilidades além de escrever com uma boa caligrafia. O que ele demonstrou assim que saíram da cidade, com colinas baixas e arborizadas ao redor. A maioria dos galhos era áspero e nu, e aqueles que retinham folhas ou agulhas salpicavam um verde vívido contra o branco. Eles tinham a estrada só para eles, mas a neve congelada em sulcos mantinha a marcha lenta.

“Perdoe-me, meu Lorde Perrin”, murmurou Balwer, inclinando-se na sela para espiar além de Elyas, “mas aconteceu de eu ouvir algo lá atrás que você pode achar interessante.” Ele tossiu discretamente em sua luva, então rapidamente recapturou sua capa e a puxou para perto.

Elyas e Aram mal precisavam do gesto de Perrin para recuar com os outros. Todos estavam acostumados ao desejo de privacidade do homenzinho seco. Por que ele queria fingir que ninguém mais sabia que ele extraía informações em cada cidade ou vila que passava, Perrin não podia começar a adivinhar. Ele tinha que saber que Perrin discutia o que descobria com Faile e Elyas. De qualquer forma, ele era muito bom em descobrir coisas.

Balwer inclinou a cabeça para um lado para observar Perrin enquanto cavalgavam lado a lado. “Tenho duas notícias, meu senhor, uma que considero importante e outra urgente.” Urgente ou não, até a voz do sujeito parecia seca, como folhas mortas farfalhando.

“Quão urgente?” Perrin fez uma aposta consigo mesmo sobre quem seria a primeira notícia.

“Muito, talvez, meu Senhor. O rei Ailron trouxe os Seanchan para a batalha perto da cidade de Jeramel, a aproximadamente 160 quilômetros a oeste daqui. Isso foi há cerca de dez dias.” A boca de Balwer franziu momentaneamente em irritação. Ele não gostava de imprecisão; ele não gostava de não saber. “Informações confiáveis são

escassas, mas sem dúvida, o exército amadicio está morto, cativo ou disperso. Eu ficaria muito surpreso se mais de uma centena permanecesse junta em qualquer lugar, e esses serão levados ao banditismo em breve. O próprio Ailron foi levado, junto com toda a sua corte. Amadicia não tem mais nenhuma nobreza, para não dizer nada.” Mentalmente, Perrin marcou a aposta como perdida. Normalmente, Balwer começava com notícias dos Mantos Brancos.

“Uma pena para Amadicia, suponho. Para as pessoas capturadas, de qualquer maneira.” De acordo com Balwer, os Seanchan tinham uma maneira dura com aqueles capturados com armas que se opunham a eles. Então Amadicia não tinha mais exército, e nenhum nobre para levantar ou liderar outro. Nada para impedir que os Seanchan se espalhassem tão rápido quanto desejavam, embora parecessem se espalhar muito rapidamente mesmo quando havia oposição. O melhor seria cavalgar para leste assim que Masema chegasse ao acampamento e depois se mover o mais rápido que pudessem enquanto os homens e os cavalos pudessem suportar.

Ele disse isso, e Balwer assentiu, com um leve sorriso de aprovação. O homem gostava quando Perrin via o valor do que ele relatava. “Um outro ponto, meu Senhor,” ele continuou. “Os Mantos Brancos participaram da batalha, mas aparentemente Valda conseguiu tirar a maioria deles de campo no final. Ele tem a sorte do Tenebroso. Ninguém parece saber para onde foram. Ou melhor, cada língua dá uma direção diferente. Se assim posso dizer, acho que foram para o leste. Longe dos Seanchan. E em direção a Abila, é claro.” A aposta não estava perdida, então. Embora o homem não tivesse começado com aquilo. Um empate, talvez. Muito à frente, um falcão voou alto no céu sem nuvens, em direção ao norte. Chegaria ao acampamento muito antes dele. Perrin conseguia se lembrar de uma época em que tivera tão poucas preocupações quanto aquele falcão. Comparado com agora, pelo menos. Já fazia muito tempo.

“Suspeito que os Mantos Branco estejam mais interessados em evitar os Seanchan do que em nos incomodar, Balwer. De qualquer forma, não posso me mover mais rápido para eles do que para os Seanchan. Eles eram a segunda notícia?”

“Não, meu Senhor. Simplesmente um ponto de interesse.” Balwer parecia odiar os Filhos da Luz, mais especialmente Valda – uma questão de tratamento rude em algum lugar de seu passado, Perrin suspeitava – mas, como tudo sobre o homem, era um ódio seco e frio. Sem paixão. “A segunda notícia é que os Seanchan travaram outra batalha, esta no sul de Altara. Contra Aes Sedai, possivelmente, embora alguns mencionem a canalização de homens.” Meio girando em sua sela, Balwer olhou para Grady e Neald em seus casacos pretos. Grady estava conversando com Elyas e Neald com Aram, mas ambos os Asha'man pareciam estar de olho nas florestas tanto quanto os Vigilantes na retaguarda. As Aes Sedai e as Sábias também falavam em voz baixa. “Seja com quem for que eles lutaram, meu Senhor, está claro que os Seanchan perderam e foram enviados cambaleando de volta para Ebou Dar.”

“Boas notícias”, disse Perrin sem rodeios. Poços de Dumai surgiu em sua cabeça novamente, mais forte do que antes. Por um momento, ele estava de costas com Loial novamente, lutando desesperadamente, certo de que cada respiração seria a última. Pela primeira vez naquele dia, ele estremeceu. Pelo menos Rand sabia sobre os Seanchan. Pelo menos ele não precisava se preocupar com isso.

Ele percebeu que Balwer o observava. Considerando-o, como um pássaro considerando um inseto estranho. Ele o tinha visto estremeecer. O homenzinho gostava de saber tudo, mas havia alguns segredos que ninguém jamais saberia.

Os olhos de Perrin voltaram para o falcão, pouco visível agora, mesmo para ele. Isso o fez pensar em Faile, sua feroz esposa falcão. Sua bela esposa falcão. Ele tirou Seanchan e Mantos Branco e a batalha e até Masema da cabeça. Por enquanto, pelo menos.

“Vamos acelerar um pouco”, ele gritou de volta para os outros. O falcão poderia ver Faile antes dele, mas ao contrário do pássaro, ele estaria vendo o amor de seu coração. E hoje, ele não gritaria com ela, não importava o que ela fizesse.

Capítulo 2

Levada

O falcão logo desapareceu de vista, e a estrada permaneceu vazia de outros viajantes, mas, mesmo apressado como Perrin estava, sulcos congelados prontos para quebrar a perna de um cavalo e o pescoço de um cavaleiro não permitiam grande velocidade. O vento trazia gelo e uma promessa de neve novamente amanhã. Já era meio da tarde quando ele desviou por entre as árvores em direção a montes brancos que chegavam até os joelhos dos cavalos em alguns lugares, e percorreu a última milha até o acampamento na floresta onde havia deixado os homens de Dois Rios e os Aiel, os mayenos e ghealdanos. E Faile. Nada lá estava como ele esperava.

Como sempre, havia quatro acampamentos espaçados entre as árvores, na verdade, mas as fogueiras fumegantes da Guarda Alada estavam abandonadas em torno das barracas listradas de Berelain, entre chaleiras viradas e pedaços de equipamentos caídos na neve, e os mesmos sinais de pressa pontilhavam o terreno pisoteado onde os soldados de Alliandre foram colocados quando ele partiu naquela manhã. A única evidência de vida em ambos os lugares eram os adestradores de cavalos e ferradores e condutores de carroças, embrulhados em lã e amontoados em grupos ao redor das linhas de cavalos e carroças de suprimentos de rodas altas. Todos estavam olhando para o que chamou sua atenção e o segurou.

A quinhentos passos da colina rochosa e plana onde as Sábias haviam colocado suas tendas baixas, os mayenos de casacas cinzentas estavam reunidos, todos novecentos ou mais, cavalos batendo os pés impacientes, os mantos vermelhos e as longas fitas vermelhas em suas lanças ondulando no brisa fria. Mais perto da colina e de um lado, bem na margem próxima de um riacho congelado, os ghealdanos formavam um bloco de lanças do mesmo tamanho, estas com flâmulas verdes. Os casacos e armaduras verdes dos soldados montados pareciam monótonos em comparação com os capacetes e couraças vermelhas dos mayenos, mas seus oficiais brilhavam em

armaduras prateadas e casacos e capas escarlates, com rédeas e selas com franjas carmesim. Um show corajoso, para homens em desfile, mas eles não estavam desfilando. A Guarda Alada estava voltada para os ghealdanos, os ghealdanos para o morro. E o cume da colina estava cercado por homens de Dois Rios, arcos longos na mão. Ninguém havia sacado, ainda, mas cada homem tinha uma flecha encaixada e pronta. Era uma loucura.

Colocando Stayer em um galope mais rápido que o baio conseguia, Perrin atravessou a neve, seguido pelos outros, até chegar à cabeça da formação ghealdana. Berelain estava lá, com um manto vermelho guarnecido de pele, e Gallenne, o capitão caolho da Guarda Alada, e Annoura, sua conselheira Aes Sedai, todos aparentemente discutindo com o primeiro capitão de Alliandre, um sujeito baixo e duro chamado Gerard Arganda, que balançava a cabeça com tanta força que as gordas plumas brancas estremeciam em seu elmo reluzente. A Primeira de Mayene parecia pronta para morder o ferro, a irritação transparecia através da calma de Aes Sedai de Annoura, e Gallenne estava tocando o elmo de plumas vermelhas pendurado em sua sela como se decidisse se deveria colocá-lo. Ao verem Perrin, eles pararam e viraram suas montarias para ele. Berelain sentou em sua sela ereta, mas seu cabelo preto era soprado pelo vento, e sua égua branca de tornozelos finos estava tremendo, a espuma de uma corrida dura congelando em seus flancos.

Com tanta gente ao redor, era quase impossível distinguir cheiros individuais, mas Perrin não precisava de seu nariz para reconhecer problemas pendurados por um fio de cabelo. Antes que ele pudesse exigir saber o que na Luz eles pensavam que estavam fazendo, Berelain falou com uma formalidade de rosto de porcelana que o fez piscar a princípio. "Lorde Perrin, sua esposa e eu estávamos caçando com a Rainha Alliandre quando fomos atacadas por Aiel. Eu consegui escapar. Ninguém mais no grupo voltou, ainda, embora possa ser que os Aiel tenham feito prisioneiros. Enviei um esquadrão de lanceiros para explorar. Estávamos cerca de dez milhas a sudeste, então eles devem retornar com notícias ao anoitecer."

"Faile foi capturada?" Perrin disse com voz grossa. Mesmo antes de cruzarem para Amadicia vindos de Ghealdan, eles tinham ouvido falar de Aiel queimando e saqueando, mas sempre fora em algum outro lugar, na próxima aldeia ou além daquela, se não mais longe. Nunca perto o suficiente para se preocupar, ou para ter certeza de que eram mais do que rumores. Não quando ele tinha as malditas ordens de Rand al'Thor para cumprir! E veja o que custou. "Por que vocês ainda estão aqui?" ele exigiu em voz alta. "Por que vocês não estão procurando por ela?" Ele percebeu que estava gritando. Queria uivar, para atacá-los. "Que a Luz queime todos vocês, o que estão esperando?" A outra resposta nivelada, como se informasse quanta forragem restava para os cavalos, empurrou agulhas de raiva em sua cabeça. Ainda mais porque ela estava certa.

"Fomos emboscados por duzentos ou trezentos, Lorde Perrin, mas você sabe tão bem quanto eu, pelo que ouvimos, pode haver uma dúzia ou mais desses bandos vagando pelo campo. Se prosseguirmos com força, podemos encontrar uma batalha que nos custará muito, contra Aiel, mesmo sem saber se são eles que detêm sua Senhora esposa. Ou mesmo se ela ainda vive. Devemos saber disso primeiro, Lorde Perrin, ou o resto será pior do que inútil."

Se ela ainda vivesse. Ele estremeceu; o frio estava dentro dele, de repente. Em seus ossos. Seu coração. Ela tinha que estar viva. Ela tinha que estar. Ah, Luz, ele deveria tê-la deixado ir até Abila com ele. O rosto de boca larga de Annoura era uma máscara de simpatia emoldurada por finas tranças de taraboneana. De repente, percebeu uma dor nas mãos, com câibras nas rédeas. Ele as forçou a afrouxar o aperto, flexionou os dedos dentro de suas manoplas.

"Ela está certa", disse Elyas calmamente, aproximando seu cavalo castrado. "Acalme-se. Brinque com Aiel e você estará pedindo para morrer. Talvez leve muitos homens com você para um final ruim. Morrer não adianta se deixar sua esposa prisioneira." Ele tentou deixar sua voz mais leve, mas Perrin podia sentir o cheiro da tensão. "De qualquer forma, vamos encontrá-la, garoto. Ela poderia muito bem ter escapado deles, uma mulher assim. Tentar voltar aqui a pé. Tomaria tempo, isso tomaria, em um vestido. Os batedores da Primeira localizarão rastros."

Passando os dedos pela longa barba, Elyas deu uma risada autodepreciativa. "Se eu não encontrar mais coisa do que os mayenos, eu como casca. Nós vamos trazê-la de volta para você."

Perrin não se deixou enganar. "Sim", ele disse asperamente. Ninguém poderia escapar de Aiel a pé. "Vá agora. Rápido." Não seria enganado mesmo. O homem esperava encontrar o corpo de Faile. Ela tinha que estar viva, e isso significava cativa, mas melhor prisioneira do que... Eles não podiam conversar entre si como faziam com os lobos, mas Elyas hesitou como se entendesse os pensamentos de Perrin. Ele não tentou negá-los, no entanto.

Seu capão partiu para sudeste a trote, tão rápido quanto a neve permitia, e depois de um rápido olhar para Perrin, Aram o seguiu, seu rosto sombrio. O outrora Latoeiro não gostava de Elyas, mas ele quase adorava Faile, mesmo porque ela era a esposa de Perrin.

De nada adiantaria afundar os animais, disse Perrin a si mesmo, franzindo a testa para suas costas recuadas. Ele queria que eles corressem. Queria correr com eles. Finas rachaduras pareciam estar se espalhando por ele. Se voltassem com a notícia errada, ele se despedaçaria. Para sua surpresa, os três Guardiões trotaram com suas montarias por entre as árvores atrás de Elyas e Aram com salpicos de neve, mantos de lã esticados esvoaçando atrás deles, e depois igualaram a velocidade quando os alcançaram. Ele conseguiu dar a Masuri e Seonid um aceno de cabeça agradecido, e incluiu Edarra e Carelle. Quem quer que tivesse feito a sugestão, não havia dúvida de quem havia concedido a permissão. Era uma medida do controle que a Sábias havia estabelecido, de que nenhuma das irmãs estava tentando assumir o comando. Elas muito provavelmente queriam, mas suas mãos enluvadas permaneceram dobradas nos punhos de suas selas, e nenhuma delas mostrou impaciência nem por um piscar de olhos. Nem todos estavam observando os homens que partiam. Annoura alternava entre sorrir em simpatia para ele e estudar as Sábias com o canto do olho. Ao contrário das outras duas irmãs, ela não tinha feito promessas, mas era quase tão cautelosa com as mulheres Aiel quanto elas. O único olho de Gallenne estava em Berelain, esperando um sinal de que ele deveria sacar a espada que estava segurando,

enquanto ela estava concentrada em Perrin, seu rosto ainda impassível e ilegível. Grady e Neald estavam com as cabeças juntas, lançando olhares rápidos e sombrios em sua direção. Balwer ficou muito quieto, como um pardal empoleirado na sela, tentando ser invisível, ouvindo atentamente.

Arganda empurrou seu alto cavalo castrado ruão, passando pelo negro de peito pesado de Gallenne, ignorando o olhar caolho de indignação do mayeno. A boca do Primeiro Capitão se mexeu furiosamente por trás das barras brilhantes de seu capacete, mas Perrin não ouviu nada. Faile enchia sua cabeça. Ah, Luz, Faile! Seu peito parecia amarrado com tiras de ferro. Ele estava prestes a entrar em pânico, segurando o precipício com as unhas. Desesperadamente, estendeu a mão com sua mente, procurando freneticamente por lobos. Elyas já devia ter tentado isso — Elyas não teria dado lugar ao pânico com a notícia — mas ele mesmo tinha que tentar.

Procurando, ele os encontrou, O grupo de Três Dedos e Água Fria, Crepúsculo e Chifre da Primavera e outros. A dor fluíu com seu pedido de ajuda, mas cresceu dentro dele em vez de diminuir. Eles tinham ouvido falar do Jovem Touro e lamentavam a perda de sua fêmea, mas mantinham-se longe dos dois-pernas, que afugentavam toda a caça e eram a morte de qualquer lobo capturado sozinho. Havia tantos bandos de duas patas por aí, a pé e montados nas patas duras dos quatro patas, que eles não podiam dizer se algum que conheciam era o que ele procurava. Duas pernas eram duas pernas, para eles, indistinguíveis, exceto por aqueles que podiam canalizar e os poucos que podiam falar com eles. *Chore*, eles disseram a ele, *e siga em frente, e encontre-a novamente no Sonho de Lobo*.

Uma a uma, as imagens que sua mente transformou em palavras foram desaparecendo, até que apenas uma permaneceu. *Chore e encontre-a novamente no Sonho de Lobo*. Então isso também se foi. "Você está ouvindo?" Arganda exigiu grosseiramente. Ele não era um nobre de rosto impassível, e apesar de suas sedas e os trabalhos de ouro sobre a prata de seu peitoral, ele parecia o que era, um soldado grisalho que primeiro ergueu uma lança quando menino e provavelmente carregava duas dúzias de cicatrizes. Seus olhos

escuros estavam quase tão febris quanto os dos homens de Masema. Ele cheirava a raiva e medo. "Aqueles selvagens também levaram a rainha Alliandre!"

"Encontraremos sua rainha quando encontrarmos minha esposa", disse Perrin, sua voz tão fria e dura quanto o fio de seu machado. Ela tinha que estar viva. "Suponha que você me diga do que se trata tudo isso, vocês estão prontos para atirar, parece. E encarando meu povo, aliás." Ele também tinha outras responsabilidades. Reconhecer isso era amargo como fel. Nada mais contava ao lado de Faile. Nada! Mas os homens de Dois Rios eram seu povo.

Arganda lançou sua montaria para perto e agarrou a manga de Perrin em um punho fechado. "Você me ouça! A primeira-dama Berelain diz que foram Aiel que levaram a rainha Alliandre, e há Aiel se abrigando atrás daqueles seus arqueiros. Eu tenho homens que ficarão felizes o suficiente para questioná-los." Seu olhar aquecido voltou-se para Edarra e Carelle por um momento. Talvez ele estivesse pensando que eles eram Aiel sem arqueiros barrando seu caminho.

"O Primeiro Capitão está... exausto", murmurou Berelain, pousando a mão no outro braço de Perrin. "Eu expliquei a ele que nenhum dos Aiel aqui estava envolvido. Tenho certeza de que posso convencê-lo..." Ele a sacudiu, arrancou o braço do ghealdano...

"Alliandre me jurou fidelidade, Arganda. Você jurou fidelidade a ela, e isso me torna seu senhor. Eu disse que encontrarei Alliandre quando encontrar Faile." O fio de um machado. Ela estava viva. "Você não questiona ninguém, não toca em ninguém, a menos que eu diga. O que você vai fazer é levar seus homens de volta ao acampamento, agora, e estar pronto para cavalgar quando eu der a ordem. Se você não estiver pronto quando eu chamar, será deixado para trás."

Arganda olhou para ele, respirando com dificuldade. Seus olhos se desviaram novamente, desta vez para Grady e Neald, depois voltaram para o rosto de Perrin. "Como você ordena, meu Senhor," ele disse rigidamente. Girando seu ruão, ele gritou ordens para seus oficiais e já estava galopando antes que eles comessem a emitir as suas. Os ghealdanos começaram a se afastar pelas colunas, cavalcando atrás de seu Primeiro Capitão. Em direção ao acampamento, embora se

Arganda pretendia permanecer lá, ninguém sabia. E se não seria pior se permanecesse.

"Você lidou com isso muito bem, Perrin", disse Berelain. "Uma situação difícil e um momento doloroso para você." Nada formal, agora. Apenas uma mulher cheia de pena, seu sorriso compassivo. Ah, ela tinha mil disfarces, Berelain tinha. Ela estendeu a mão enluvada e ele afastou Stayer antes que ela pudesse tocá-lo.

"Desista, que a queime!" ele rosnou. "Minha esposa foi levada! Não tenho paciência para seus jogos infantis!"

Ela estremeceu como se ele a tivesse golpeado. A cor floresceu em suas bochechas, e ela mudou novamente, tornando-se flexível e esbelta em sua sela. "Não é infantil, Perrin," ela murmurou, sua voz rica e divertida. "Duas mulheres disputando por você, e você o prêmio? Eu achei que você ficaria lisonjeado. Vamos, Lorde Capitão Gallenne. Suponho que nós também devemos estar prontos para cavalgar ao comando." O caolho voltou para a Guarda Alada ao lado dela, o mais perto de um galope que a neve permitia. Ele estava inclinado para ela como se estivesse ouvindo instruções.

Annoura parou onde estava, recolhendo as rédeas de outra égua marrom. Sua boca era uma linha afiada sob o nariz de bico. "Às vezes você é um grande tolo, Perrin Aybara. Muitas vezes, na verdade." Ele não sabia do que ela estava falando, e não se importou. Às vezes, ela parecia resignada a Berelain perseguindo um homem casado, e outras vezes se divertia com isso, até ajudando a fazer com que Berelain ficasse sozinha com ele. Naquele momento, a Primeira e a Aes Sedai o enojavam. Incitando Stayer pelos flancos, ele trotou para longe dela sem dizer uma palavra.

Os homens no topo da colina se abriram o suficiente para deixá-lo passar, resmungando uns para os outros e observando os lanceiros abaixo cavalgando em direção a seus respectivos acampamentos, se separaram novamente para deixar passar as Sábias, Aes Sedai e Asha'man. Eles não se separaram e se aglomeraram ao redor dele, como ele esperava, pelo que estava grato. Todo o topo da colina cheirava a cautela. A maior parte. A neve no topo da colina tinha sido pisoteada até que alguns trechos estivessem limpos, exceto por torrões

congelados e algumas camadas de gelo. As quatro Sábias que haviam ficado para trás quando ele cavalgava para Abila estavam diante de uma das barracas baixas de Aiel, mulheres altas e serenas com xales de lã escura nos ombros, observando as duas irmãs desmontarem com Carelle e Edarra, e aparentemente sem se importar com o que estava acontecendo ao seu redor. Os *gai'shain* que as serviam no lugar de servos estavam realizando suas tarefas normais em silêncio, mansamente, rostos escondidos nos capuzes profundos de suas vestes brancas. Um sujeito estava até batendo um tapete pendurado em uma corda amarrada entre duas árvores! O único sinal entre os Aiel de que poderiam estar à beira de uma luta era Gaul e as Donzelas. Eles estavam agachados sobre os calcanhares, *shoufa* em volta da cabeça e véus pretos escondendo tudo, menos os olhos, lanças curtas e escudos de couro na mão. Quando Perrin saltou da sela, eles se levantaram.

Dannil Lewin veio trotando, mastigando preocupado o bigode grosso que fazia seu nariz parecer ainda maior do que era. Ele tinha seu arco em uma mão e estava deslizando uma flecha de volta para a aljava em seu cinto. "Eu não sabia mais o que fazer, Perrin", disse ele com a voz entrecortada. Dannil esteve em Poços de Dumai e enfrentou Trollocs em casa, mas isso estava fora de sua visão de mundo. "Quando descobrimos o que aconteceu, aqueles companheiros ghealdanos já estavam começando confusão por aqui, então eu mandei Jondyn Barran e alguns outros, Hu Marwin e Get Aylihah, dizer ao cairhieno e seus servos para fazer um círculo com as carroças e ficar dentro dele — tive que amarrar aquelas pessoas que estão sempre seguindo Lady Faile por aí; eles queriam ir atrás dela, e nenhum deles sabe diferenciar uma pegada de um carvalho — então eu trouxe todos os outros para cá. Achei que aqueles ghealdanos poderiam nos atacar, até que a Primeira chegou lá com seus homens. Eles devem estar loucos, pensando que qualquer um de nossos Aiel machucaria Lady Faile." Mesmo quando o chamavam de Perrin, Faile quase sempre recebia o título honorífico dos homens de Dois Rios.

"Você fez o certo, Dannil", disse Perrin, jogando-lhe as rédeas de Stayer. Hu e Get eram bons lenhadores, e Jondyn Barran podia seguir

o vento do dia anterior. Gaul e as Donzelas começavam a partir, em fila indiana. Eles ainda estavam velados. “Diga a um homem em cada três para ficar aqui”, disse Perrin apressadamente a Dannil; só porque ele tinha colocado Arganda para baixo não era motivo para acreditar que o homem havia mudado de ideia, “e mande o resto de volta para fazer as malas. Quero montar assim que houver notícias.”

Sem esperar resposta, ele se apressou para se colocar na frente de Gaul e parou o homem mais alto com a mão no peito. Por alguma razão, os olhos verdes de Gaul se apertaram acima de seu véu. Sulin e o resto das Donzelas atrás dele ficaram na ponta dos pés.

“Encontre-a para mim, Gaul”, disse Perrin. “Todos vocês, por favor, encontrem quem a levou. Se alguém pode rastrear Aiel, são vocês.”

A tensão nos olhos de Gaul desapareceu tão repentinamente quanto havia surgido, e as Donzelas também relaxaram. Tanto quanto Aiel jamais poderiam relaxar. Foi muito estranho. Eles não podiam pensar que ele os culpava de forma alguma.

“Todos nós acordamos do sonho um dia”, disse Gul gentilmente, “mas se ela ainda sonhar, nós a encontraremos. Mas se Aiel a levaram, devemos ir. Eles vão se mover rapidamente. Mesmo com... isso.” Ele colocou um desgosto considerável na palavra, chutando um torrão de neve.

Perrin assentiu e se afastou apressadamente, deixando o Aiel partir a trote. Duvidava que pudessem manter aquilo por muito tempo, mas tinha certeza de que manteriam o ritmo por mais tempo do que qualquer outra pessoa. Quando as Donzelas passaram por ele, cada uma rapidamente pressionou os dedos no véu sobre os lábios, depois tocou seu ombro. Sulin, logo atrás de Gaul, acenou para ele, mas ninguém disse uma palavra. Faile saberia o que eles queriam dizer com seus beijos de dedo.

Havia algo mais estranho na partida deles, ele percebeu quando a última Donzela passou. Elas estavam deixando Gaul liderar. Normalmente, qualquer uma delas teria enfiado uma lança nele antes de permitir isso. Por que...? Talvez... Chiad e Bain estivessem com Faile. Gaul não se importava com Bain, mas Chiad era diferente. As Donzelas certamente não estavam encorajando a esperança de Gaul

de que Chiad desistisse da lança para se casar com ele — tudo menos isso! — mas talvez fosse isso.

Perrin grunhiu de desgosto consigo mesmo. Chiad e Bain, e quem mais? Mesmo cego de medo por Faile, ele deveria ter perguntado isso. Se ia recuperá-la, precisava estrangular o medo e ver. Mas era como tentar estrangular uma árvore.

A colina plana fervilhava agora. Alguém já havia levado Stayer para longe, e os homens de Dois Rios estavam deixando o campo ao redor do cume, correndo em direção ao acampamento em um riacho disperso, gritando entre si sobre o que teriam feito se os lanceiros tivessem atacado. Ocasionalmente, um homem levantava a voz perguntando sobre Faile, se alguém sabia se a Senhora estava segura, se eles iriam procurá-la, mas outros sempre o calavam apressadamente com olhares preocupados para Perrin. Os *gai'shain* realizavam suas tarefas placidamente no meio de toda a correria. A menos que ordenados a parar, eles teriam feito o mesmo se uma batalha tivesse ocorrido em torno deles, sem levantar a mão para ajudar ou atrapalhar. As Sábias haviam entrado todas em uma das barracas com Seonid e Masuri, e as abas não apenas estavam abaixadas, mas amarradas. Elas não queriam ser incomodadas. Estariam discutindo Masema, sem dúvida. Possivelmente, discutindo como matar o homem sem que ele ou Rand soubessem que tinham feito isso.

Ele deu um soco na palma da mão em irritação. Na verdade, havia esquecido Masema até agora. O homem deveria estar seguindo antes do anoitecer, com aquela guarda de honra de cem homens. Com sorte, os batedores dos mayenos já estariam de volta, e Elyas e os outros logo depois.

"Meu Lorde Perrin?" Grady disse atrás dele, e ele se virou. Os dois Asha'man estavam na frente de seus cavalos, brincando incertos com suas rédeas. Grady respirou fundo e continuou com Neald concordando com a cabeça. "Nós dois poderíamos cobrir muito terreno, Viajando. E se encontrarmos quem a sequestrou, bem, duvido que mesmo algumas centenas de Aiel possam impedir que dois Asha'man a tomem de volta." Perrin abriu a boca para dizer-lhes que

começassem imediatamente, depois voltou a fechá-la. Grady tinha sido um fazendeiro, é verdade, mas nunca um caçador ou lenhador. Neald achava que qualquer lugar sem muro de pedra era uma vila. Eles podiam diferenciar uma pegada de um carvalho, mas se encontrassem rastros, muito provavelmente nenhum deles seria capaz de dizer em que direção eles estavam indo. Claro, ele poderia ir com eles. Não era tão bom quanto Jondyn, mas... Ele poderia ir, e deixar Dannil para lidar com Arganda. E com Masema. Sem falar nos esquemas das Sábias.

“Vão se arrumar,” ele disse calmamente. Onde estava Balwer? Em nenhum lugar à vista. Não era muito provável que ele tivesse saído correndo para encontrar Faile. “Vocês podem ser necessários aqui.”

Grady piscou surpreso, e a boca de Neald caiu aberta. Perrin não lhes deu chance de discutir. Ele caminhou até a tenda baixa com as abas amarradas. Não havia como desfazer os laços do lado de fora. Quando as Sábias queriam permanecer imperturbáveis, elas queriam permanecer imperturbáveis, para chefes de clã ou qualquer outra pessoa. Incluindo um aguacento pesado com o título de Lorde de Dois Rios. Ele puxou a faca do cinto e se inclinou para cortar os laços, mas antes que pudesse deslizar a lâmina pela fenda apertada entre as abas de entrada, elas se sacudiram como se alguém as estivesse soltando por dentro. Ele se endireitou e esperou. As abas da tenda se abriram e Nevarin saiu. Seu xale estava amarrado na cintura, mas, exceto pela névoa de sua respiração, ela não deu nenhuma evidência do ar gelado. Seus olhos verdes observaram a faca na mão dele, e ela plantou os punhos nos quadris em um chocalho de pulseiras. Era quase magra o suficiente, com longos cabelos louros cor de areia presos para trás por um lenço escuro dobrado, e mais de uma mão mais alta que Nynaeve, mas era nela que ela sempre o fazia pensar. Ela ficou bloqueando a entrada da tenda.

“Você é impetuoso, Perrin Aybara.” A voz dela era calma, mas ele teve a impressão de que ela estava pensando em dar um soco em seus ouvidos. Muito parecida com Nynaeve. “Embora isso possa ser compreensível, nas circunstâncias. O que você quer?”

“O que...?” Ele teve que parar para engolir. “Como eles vão tratá-la?”

“Não posso dizer, Perrin Aybara.” Não havia simpatia em seu rosto, nenhuma expressão. Aiel poderiam dar aulas a Aes Sedai nisso. “Tomar aguacentos cativos é contra o costume, exceto Assassinos de Árvores, embora isso tenha mudado. Isso é matar sem necessidade. Mas muitos se recusaram a aceitar as verdades reveladas pelo *Car’a’carn*. Alguns foram pegos pela Desolação e jogaram suas lanças no chão, mas eles podem tê-las pegado novamente. Outros simplesmente partiram, para viver como acreditam que devemos. Não posso dizer quais costumes podem ser mantidos ou abandonados por aqueles que abandonaram clã e família.” A única emoção que ela demonstrou foi uma pitada de desgosto no final, por aqueles que abandonaram o clã e a família.

“Luz, mulher, você deve ter alguma ideia! Certamente você pode fazer um palpite...”

“Não se torne irracional,” ela interrompeu bruscamente. “Os homens costumam fazer isso em tais situações, mas precisamos de você. Acho que de nada servirá sua posição com os outros aguacentos se tivermos de prendê-lo até que se acalme. Vá para sua barraca. Se você não consegue controlar seus pensamentos, beba até não conseguir mais pensar. E não nos incomode quando estivermos no conselho.” Ela mergulhou de volta na barraca, e as abas se fecharam e começaram a se contorcer quando foram amarradas novamente. Perrin considerou as abas fechadas, passando o polegar sobre a lâmina de sua faca, então a enfiou na bainha. Elas poderiam fazer o que Nevarin havia ameaçado se ele entrasse. E elas não podiam dizer nada que ele quisesse saber. Ele não achava que ela guardaria segredos em um momento como este. Não sobre Faile, de qualquer maneira.

O topo da colina ficou mais silencioso, com a maioria dos homens de Dois Rios desaparecidos. O restante, ainda atento ao acampamento ghealdano abaixo, batia os pés contra o frio, mas ninguém falava. Os *gai’shain* correndo mal faziam um som. As árvores obscureciam partes dos acampamentos de ghealdanos e mayenos, mas Perrin podia ver carroças sendo carregadas em ambos. Ele decidiu deixar os homens em guarda de qualquer maneira. Arganda poderia estar tentando se acalmar. Um homem que cheirasse assim poderia ser...

Irracional, ele terminou o pensamento secamente.

Não havia mais nada para ele fazer na colina, então começou a caminhar os 800 metros até sua barraca. A barraca que ele dividia com Faile. Tropeçou tanto quanto andou, trotando quando a neve subia em torno de suas pernas. Tanto para impedir que estalasse ao vento quanto para se aquecer, ele segurou seu manto apertado ao redor de si. Não havia calor. O acampamento de Dois Rios estava cheio de atividade quando ele chegou. As carroças ainda faziam um grande círculo, com homens e mulheres das propriedades de Dobraine em Cairhien carregando-as e outros preparando os cavalos para selar. Nessa profundidade de neve, as rodas de carroça poderiam muito bem tentar deslizar na lama, então estavam todas amarradas nas laterais das carroças, agora substituídas por pares de trenós largos de madeira. Agrupados contra o tempo até que a maioria parecia duas vezes maior do que realmente era, os cairhienos mal pararam para olhar para ele, mas todo homem de Dois Rios que o viu parou para olhar até que alguém o cutucou para continuar com o que quer que estivesse fazendo. Perrin estava feliz por ninguém ter dado palavras à simpatia naqueles olhares. Pensou que poderia desmoronar e chorar se alguém o fizesse. Parecia não haver nada para ele fazer aqui também. Sua grande barraca — dele e de Faile — já estava desmontada e em um carrinho, junto com seu conteúdo. Basel Gill caminhava entre as carroças com uma longa lista nas mãos. O homem corpulento assumira o cargo de *shambayan*, administrando a casa de Faile, a de Perrin, como um esquilo em um berço de milho. Mais acostumado às cidades do que a viajar para fora de seus muros, porém, ele sofria de frio e usava não apenas uma capa, mas um cachecol grosso no pescoço, um chapéu de feltro de aba mole e luvas de lã pesadas. Por alguma razão, Gill se encolheu ao vê-lo e murmurou algo sobre cuidar das carroças antes de sair correndo o mais rápido que pudesse. Estranho.

Perrin pensou em uma coisa então, e cuidando de Dannil, deu ordens para substituir os homens na colina a cada hora e garantir que todos tivessem uma refeição quente. "Cuide dos homens e dos cavalos primeiro", disse uma voz fina, mas forte. "Mas então você deve cuidar

de si mesmo. Há sopa quente na chaleira e uma espécie de pão, e coloquei um pouco de presunto defumado. Uma barriga cheia vai fazer você parecer menos como um assassino andando.”

"Obrigado, Lini", disse ele. Assassinato andando? Luz, ele se sentia como um dos mortos, não um assassino. "Vou comer daqui a pouco."

A empregada-chefe de Faile era uma mulher de aparência frágil, com pele como pergaminho e cabelos brancos em um coque no alto da cabeça, mas suas costas eram retas e seus olhos escuros eram claros e afiados. A preocupação vincava sua testa agora, porém, e suas mãos agarravam sua capa com muita força, esticando. Ela ficaria preocupada com Faile, certamente, mas...

"Maighdin estava com ela", disse ele, e não precisou de seu aceno. Maighdin estava sempre com Faile, ao que parecia. Um tesouro, Faile a chamava. E Lini parecia considerar a mulher sua filha, embora às vezes Maighdin não parecesse gostar tanto disso quanto Lini. "Eu vou trazê-los de volta", ele prometeu. "Todos eles." Sua voz quase falhou com isso. "Continue com seu trabalho," ele continuou rudemente, apressadamente. "Vou comer daqui a pouco. Eu tenho que ver a... a..." Ele se afastou sem terminar.

Não havia nada que ele tivesse que ver. Nada em que pudesse pensar, exceto Faile. Ele mal sabia para onde estava indo até que seus passos o levaram para fora do círculo de carroças.

Cem passos além das linhas dos cavalos, um cume baixo e pedregoso projetava um pico negro através da neve. De lá, ele poderia ver os rastros deixados por Elyas e os outros. De lá, ele os veria retornando. Seu nariz lhe disse que não estava sozinho bem antes de chegar à crista estreita do cume, disse-lhe quem estava lá em cima. O outro homem não estava ouvindo, porque Perrin abriu caminho até o topo antes de ele saltar de onde estava agachado sobre os calcanhares. As mãos enluvadas de Tallanvor amassaram o longo punho da espada, e ele olhou para Perrin com incerteza. Um homem alto que tinha sofrido duros golpes em sua vida, que geralmente era muito seguro de si. Talvez ele esperasse um discurso por não ter estado lá quando Faile foi levada, embora ela tivesse rejeitado o armeiro como guarda-costas, rejeitado qualquer guarda-costas. Além

de Bain e Chiad, pelo menos, que aparentemente não contavam. Ou talvez ele apenas pensasse que seria mandado embora, de volta às carroças, para que Perrin pudesse ficar sozinho. Perrin tentou fazer seu rosto parecer menos como — como Lini o chamou? — um assassinato andando? Tallanvor estava apaixonado por Maighdin e se casaria com ela em breve se as suspeitas de Faile estivessem corretas. O homem tinha o direito de vigiar.

Eles ficaram lá no cume enquanto o crepúsculo caía, e nada se movia na floresta nevada que eles observavam. A escuridão veio sem movimento e sem Masema, mas Perrin nem sequer pensou em Masema. A lua gigantesca brilhava branca na neve, dando quase tanta luz quanto uma lua cheia, pelo que parecia. Até que nuvens velozes começaram a escondê-la, e as sombras da lua correram pela neve, cada vez mais espessas. A neve começou a cair com um farfalhar seco. Neve que enterraria rastros e pistas. Silenciosos no frio, os dois homens ficaram ali, observando a nevasca, esperando, esperando.

Capítulo 3

Costumes

Desde a primeira hora depois de ser capturada, andando na floresta nevada, Faile se preocupou com o congelamento. Brisas se agitavam e morriam, se agitavam e morriam. Poucas das árvores espalhadas ainda carregavam folhas, e a maioria delas estava morta e marrom. As brisas rodopiavam pela floresta sem impedimentos e, por menores que fossem, elas carregavam gelo. Perrin mal entrou em seus pensamentos, exceto pela esperança de que de alguma forma ele soubesse dos negócios secretos de Masema. E dos Shaido, claro. Mesmo que aquela meretriz da Berelain fosse a única que poderia dizer a ele agora. Ela esperava que Berelain tivesse escapado da emboscada e contado tudo a Perrin. E então caído em um buraco e quebrado o pescoço. Mas ela tinha preocupações muito mais urgentes do que o marido.

Chamava esse clima de outonal, mas as pessoas congelavam até a morte em um outono saldaeano, e de suas roupas ela retinha apenas as meias de lã escura. Uma amarrava os cotovelos com força atrás das costas, enquanto a segunda estava amarrada no pescoço como uma coleira. Palavras corajosas cobriram escassas a pele nua. Ela estava com frio demais para suar, mas suas pernas logo doíam com a luta para acompanhar seus captores. A coluna Shaido, homens com véu e Donzelas, diminuiu a velocidade quando a neve subiu até os joelhos, mas imediatamente retomou um trote firme quando desceu até os tornozelos, e eles não pareciam se cansar. Os cavalos não poderiam ter se movido mais rápido à distância. Tremendo, ela se esforçou na ponta de sua coleira, fazendo o possível para engolir ar através dos dentes cerrados para parar sua tagarelice. Os Shaido eram menos do que ela havia estimado durante o ataque, não mais de cento e cinquenta, ela pensou, e quase todos carregavam lanças ou arcos prontos. Havia pouca chance de que alguém pudesse surpreendê-los. Sempre alertas, eles vagavam em silêncio, exceto pelo leve estalar da neve sob suas botas macias de cano alto. Os verdes e cinzas e marrons de suas roupas se destacavam contra a paisagem branca, no

entanto. O verde havia sido adicionado ao *cadin'sor* desde que cruzaram a Muralha do Dragão, pelo que Bain e Chiad disseram a ela, para ajudar na camuflagem em uma terra verde. Por que essas pessoas não acrescentaram branco, para o inverno? Do jeito que estavam, eles podiam ser vistos a alguma distância. Ela tentou notar tudo, lembrar de qualquer coisa que pudesse ser útil mais tarde, quando chegasse a hora de escapar. Esperava que suas companheiros de prisão estivessem fazendo o mesmo. Perrin estaria procurando por ela, certamente, mas o pensamento de resgate nunca entrou em seus cálculos. Espere pelo resgate, e você pode esperar para sempre. Além disso, eles precisavam escapar o mais rápido possível, antes que seus captores se juntassem ao resto dos Shaido. Ela não podia ver como, ainda, mas devia haver uma maneira. A única sorte era que o corpo principal de Shaido devia estar a dias de distância. Esta parte de Amadicia era um caos, mas milhares de Shaido não podiam estar muito perto sem que ela tivesse ouvido falar deles. Uma vez, no início, ela tentou olhar para as mulheres que haviam sido capturadas com ela, mas o único resultado foi uma queda cambaleante em um banco de neve. Meio enterrada no pó branco, ela engasgou com o choque gelado, e engasgou novamente quando o enorme Shaido que segurava sua coleira a colocou de pé novamente. Tão largo quanto Perrin e uma cabeça mais alto, Rolan simplesmente a puxou para cima por um punhado de seu cabelo, colocou-a em movimento novamente com um tapa rápido em seu traseiro nu, e mais uma vez retomou os passos largos que a forçaram a dar um passo rápido. O tapa podia ter sido dado para fazer movimentar um pônei. Apesar de sua nudez, não havia nada de um homem olhando para uma mulher nos olhos azuis de Rolan. Parte dela estava muito grata. Parte dela ficou vagamente... surpresa. Ela certamente não queria que ele a olhasse com luxúria ou mesmo interesse, mas aqueles olhares brandos eram quase um insulto! Depois disso, ela fez questão de não cair, mas à medida que as horas passavam sem uma pausa na marcha, simplesmente ficar de pé se tornava cada vez mais um esforço. No começo, ela se preocupou sobre quais partes dela iriam congelar primeiro, mas quando a manhã se transformou em tarde sem uma

pausa na marcha, ela estava focada em seus pés. Rolan e os que estavam à frente dele trilhavam uma espécie de caminho para ela, mas restava bastante crosta de neve para bordas afiadas, e ela começou a deixar manchas vermelhas congelando em suas pegadas. Pior era o próprio frio. Ela tinha visto congelamento. Quanto tempo antes de seus dedos começarem a ficar pretos? Cambaleando, ela flexionava cada pé enquanto balançava para frente e mexia as mãos constantemente. Os dedos das mãos e dos pés estavam em maior perigo, mas qualquer pele exposta estava em risco. Sobre seu rosto e o resto dela, ela só podia esperar. A flexão doía, fazendo os cortes em seus pés queimarem, mas qualquer sensação era melhor do que nenhuma. Quando a sensação acabasse, ela teria muito pouco tempo. Flexione e ande, flexione e ande. Isso encheu seus pensamentos. Ela continuou se movendo com as pernas trêmulas e evitou que suas mãos e pés congelassem. E continuou se movendo.

Abruptamente, ela tropeçou em Rolan e ricocheteou em seu peito largo, ofegante.

Meio atordoada, ou talvez mais que meio, ela não percebeu que ele havia parado. Assim como os outros à frente, alguns olhando para trás, o resto olhando para fora e cautelosamente em guarda, armas levantadas como se esperassem um ataque. Isso foi tudo que ela teve tempo de ver antes de Rolan agarrar um punhado de seu cabelo novamente e se curvar para levantar um outro pé. Luz, o homem realmente a estava tratando como um pônei! Soltando seu cabelo e seu pé, ele serpenteou um braço ao redor de suas pernas, e no momento seguinte sua visão girou quando ela foi levantada em seu ombro, de cabeça para baixo ao lado do arco de chifre em suas costas. A indignação brotou quando ele casualmente a moveu para encontrar a posição mais fácil para carregar, mas ele a apertou tão rápido quanto subiu. Este não era nenhum lugar ou hora. Seus pés estavam fora da neve; era isso que importava. E ela podia recuperar o fôlego, assim. Ele poderia tê-la avisado, no entanto.

Com esforço, ela arqueou o pescoço para poder ver suas companheiras e sentiu alívio ao encontrá-las todas ainda ali. Prisioneiras nuas, é verdade, mas ela tinha certeza de que apenas um

cadáver teria sido deixado para trás. As outras que caminhavam estavam amarradas com meias ou tiras de pano cortadas de suas roupas perdidas, e a maioria também tinha os braços amarrados atrás. Alliandre não estava mais tentando se dobrar na tentativa de se proteger. Outras preocupações substituíram a modéstia da Rainha de Ghealdan. Ofegante e trêmula, ela poderia ter caído se o Shaido atarracado que examinava seus pés não a tivesse sustentado pelos cotovelos amarrados. Agachamento para o Aiel significava que ele poderia ter passado sem ser notado na maioria dos lugares, exceto pelos ombros quase tão largos quanto os de Rolan. O cabelo escuro caindo pelas costas de Alliandre era soprado pelo vento, seu rosto abatido. Atrás dela, Maighdin apareceu em um estado quase tão ruim, engolindo ar, cabelo ruivo desarrumado e olhos azuis fixos, mas ela conseguiu ficar ereta sozinha com uma Donzela ossuda levantando seu pé. De alguma forma, a empregada de Faile parecia mais uma rainha do que Alliandre, ainda que uma rainha muito desgrenhada. Em comparação, Bain e Chiad não pareciam estar em pior estado do que os Shaido, embora a bochecha de Chiad estivesse amarelada e inchada de um golpe quando foram levadas pela primeira vez, e o sangue preto emaranhado no cabelo curto e ardente de Bain e espalhado por seu rosto parecia ter congelado. Aquilo era ruim; poderia deixar uma cicatriz. As duas Donzelas não estavam respirando com dificuldade, porém, e até levantaram os próprios pés para serem examinadas. As únicas prisioneiros que estavam soltas — exceto pelo costume, mais fortes que as correntes.

Elas aceitaram calmamente seu destino, para servir um ano e um dia como *gai'shain*. Bain e Chiad poderiam ser de alguma ajuda na fuga — Faile não tinha certeza de até que ponto o costume as restringia —, mas elas mesmas não tentariam fugir. As últimas prisioneiras, Lacile e Arrela, tentaram imitar as Donzelas, é claro, com pouco sucesso. Um homem Aiel alto tinha simplesmente enfiado a pequena Lacile debaixo do braço para olhar seus pés, e uma mortificação carmesim manchou suas bochechas pálidas. Arrela era alta, mas o par de Donzelas que cuidava dela era mais alto do que a própria Faile, e lidavam com a mulher tairana com uma facilidade

impessoal. Uma carranca contorceu seu rosto escuro com o estímulo, e talvez com a rápida conversa que estavam trocando. Faile esperava que ela não causasse problemas, não agora.

Todos em *Cha Faile* tentavam ser como os Aiel, viver como pensavam que os Aiel viviam, mas Arrela queria ser uma Donzela e se ressentia do fato de Sulin e as outras não lhe ensinarem a falar com as mãos. Ela teria agido pior se soubesse que Bain e Chiad ensinaram um pouco a Faile. Não o suficiente para entender mais do que qualquer outra palavra que as Donzelas estavam dizendo agora, mas algumas. Arrela também não conseguia entender. Achavam que a aguacenta tinha pés moles, que ela era muito mimada e mole, e isso certamente teria detonado a mulher.

Como se via, Faile não precisava se preocupar com Arrela. A tairana se enrijeceu quando uma das Donzela a ergueu sobre um ombro — fingindo cambalear, a mulher sobrecarregada usou a mão livre para enviar uma mensagem que fez a outra Donzela dar uma risada por trás do véu — mas depois de olhar para Bain e Chiad, já docilmente de barriga para baixo sobre os ombros dos homens Aiel, Arrela deixou-se cair, carrancuda. Lacile gritou quando o grande homem que a segurava a girou abruptamente para aterrisar na mesma posição, mas ela se acalmou depois disso, embora seu rosto ainda estivesse escarlate. Havia vantagens definitivas em sua emulação de Aiel. Alliandre e Maighdin, no entanto, as últimas mulheres que Faile esperava que causassem problemas, eram outra questão. Quando elas perceberam o que estava acontecendo, as duas lutaram descontroladamente. Não foi bem uma luta, duas mulheres nuas e exaustas com os cotovelos amarrados nas costas, mas elas se contorceram, gritaram e chutaram qualquer um que estivesse ao alcance, e Maighdin até afundou os dentes na mão de um Aiel descuidado, segurando como um cão de caça.

“Pare com isso, suas tolas!” Faile gritou para elas. “Aliandre! Maighdin! Deixe-os carregar você! Me obedçam!” Nem sua empregada nem sua vassala prestaram a menor atenção. Maighdin rosnou como um leão ao redor de sua boca cheia de Aiel. Alliandre foi

derrubada, ainda gritando e se debatendo com os pés. Faile abriu a boca para outro comando.

“A *gai’shain* ficará quieta,” Rolan grunhiu, batendo nela com força.

Ela rangeu os dentes e murmurou baixinho. O que rendeu mais um tapa! O homem tinha suas facas enfiadas atrás do cinto. Se ela pudesse colocar as mãos em apenas uma...! Não. O que devia ser suportado, podia ser suportado. Ela pretendia escapar, não fazer gestos inúteis.

A luta de Maighdin durou um pouco mais do que a de Alliandre, até que um par de homens corpulentos conseguiu arrancar suas mandíbulas da mão do Shaido. Precisaram de um par. Para a surpresa de Faile, em vez de algemar Maighdin, o sujeito mordido sacudiu o sangue de sua mão e riu! Isso não a salvou, no entanto. Em um instante, a empregada de Faile estava de bruços na neve ao lado da Rainha. Elas tiveram apenas alguns momentos para ofegar e se contorcer no frio adicional. Dois Shaido, um deles uma Donzela, apareceram das árvores ao redor, raspando os tocos de longos paus com suas pesadas facas de cinto. Um pé plantado entre as omoplatas de cada mulher, um punho nos cotovelos amarrados para levantar as mãos trêmulas do caminho, e vergões vermelhos começaram a florescer nos quadris brancos.

A princípio, ambas as mulheres continuaram a lutar, contorcendo-se apesar da forma como foram seguradas. Sua luta era ainda mais inútil do que quando elas estavam em pé. Pouco se movia acima de suas cinturas além de balançar as cabeças e agitar as mãos descontroladamente. Alliandre não parava de gritar que eles não podiam fazer isso com ela, compreensível vindo de uma rainha, mas tola nas circunstâncias. Claramente eles podiam, e eles faziam. Surpreendentemente, Maighdin levantou a voz com as mesmas negações penetrantes. Qualquer um teria pensado em sua realeza em vez de uma dama de companhia. Faile sabia com certeza que Lini teria chicoteado Maighdin sem toda aquela histeria. De qualquer forma, as negações não fizeram bem para nenhuma das mulheres. As surras metódicas continuaram até que ambas estavam chutando e uivando sem palavras, e um pouco mais para garantir. Quando finalmente foram

içadas como as outras prisioneiras, elas ficaram penduradas chorando, sem luta. Faile não sentiu simpatia. As tolas tinham merecido todos os vergões, em sua opinião. Com os cortes de gelo e pés cortados de lado, quanto mais tempo elas permaneciam do lado de fora sem roupas, maior a chance de que algumas delas não sobrevivessem para escapar. Os Shaido deviam levá-las para algum tipo de abrigo, e Alliandre e Maighdin demoraram para chegar lá. Talvez tenha sido pouco mais de um quarto de hora de atraso, mas minutos podiam ser a diferença entre os vivos e os mortos. Além disso, mesmo os Aiel certamente baixariam um pouco a guarda quando encontrassem abrigo e fizessem fogueiras. E elas poderiam descansar, sendo carregadas. Elas poderiam estar prontas para aproveitar a chance quando ela chegasse.

Carregando suas prisioneiras, os Shaido partiram novamente naquele ritmo de cobrir o terreno.

Se valia de alguma coisa, eles pareciam se mover pela floresta mais rapidamente do que antes. O estojo de couro duro bateu na lateral de Faile enquanto ela balançava, e ela começou a se sentir tonta. Cada passo longo de Rolan enviava um solavanco em sua cintura. Sorrateiramente, ela tentou encontrar alguma posição em que não seria cutucada e socada tão vigorosamente.

“Fique quieta, ou você vai cair,” Rolan murmurou, acariciando seu quadril como ele poderia ter acariciado um cavalo para acalmá-lo.

Erguendo a cabeça, Faile olhou para Alliandre, carrancuda. Não havia muito para ser visto da Rainha de Ghealdan, e ela estava cruzada por vergões escarlates do topo de seus quadris quase até a parte de trás de seus joelhos. Pensando bem, um pequeno atraso e alguns vergões podiam ser um pequeno preço a pagar por morder um pedaço desse imbecil carregando-a como um saco de grãos. Não sua mão, no entanto. Sua garganta seria melhor.

Pensamentos ousados e piores que inúteis. Tolice. Mesmo sendo carregada, ela sabia que deveria lutar contra o frio. De certa forma, ela começou a perceber, ser carregada era pior. Andando, pelo menos teve a luta para ficar ereta e de pé para mantê-la acordada, mas quando a noite chegou e se aprofundou na escuridão, o movimento

oscilante no ombro de Rolan parecia ter um efeito calmante. Não. Era o frio que estava entorpecendo sua mente. Tornando seu sangue lento. Ela tinha que lutar contra isso, ou morreria.

Ritmicamente, ela mexeu as mãos e os braços amarrados, tensionou as pernas e as relaxou, tensionou e relaxou, forçando os músculos a trabalhar o sangue. Pensou em Perrin, pensamentos sólidos de planejamento sobre o que ele deveria fazer com Masema, e como ela poderia convencê-lo se ele hesitasse. Repassou a discussão que eles teriam quando ele soube que ela estava usando *Cha Faile* como espiões, planejou como iria enfrentar sua raiva e transformá-la. Havia uma arte em guiar a raiva de um marido na direção que você queria, e ela aprendeu com uma especialista, sua mãe. Seria uma briga esplêndida. E fazer as pazes seria esplêndido depois. Pensar em fazer as pazes com ele a fez esquecer de mover os músculos, então ela tentou se concentrar na discussão, no planejamento. O frio embotou seus pensamentos, no entanto. Ela começou a perder o fio, tendo que balançar a cabeça e começar de novo. Os rosnados de Rolan para ela ainda ajudavam, uma voz em que se concentrar, para mantê-la acordada. Mesmo os tapas que a acompanhavam em seu traseiro arrebitado ajudaram, por mais que ela odiasse admitir o fato, cada um deles era um choque que a fazia acordar. Depois de um tempo, começou a se mexer mais, lutando quase ao ponto de cair, cortejando os tapas rudes. Qualquer coisa para ficar acordada. Ela não poderia dizer quanto tempo se passou, mas suas torções e contorções começaram a enfraquecer, até que Rolan não rosnou mais, muito menos lhe deu um tapa. Luz, ela queria que o homem a tocasse como um tambor!

Por que pela Luz eu iria querer uma coisa assim? ela pensou estupidamente, e um canto obscuro de sua mente percebeu que a batalha estava perdida. A noite parecia mais escura do que deveria. Ela não conseguia nem distinguir o brilho do luar na neve. Podia sentir-se deslizando, porém, deslizando cada vez mais rápido em direção a uma escuridão mais profunda. Chorando silenciosamente, ela afundou em um estupor.

Os sonhos vieram. Ela estava sentada no colo de Perrin com os braços dele tão apertados ao redor dela que ela mal conseguia se mover, diante de um grande fogo rugindo em uma ampla lareira de pedra. Sua barba encaracolada arranhava suas bochechas enquanto ele beliscava suas orelhas quase dolorosamente.

De repente, um vento enorme uivou pela sala, apagando o fogo como uma vela. E Perrin virou fumaça que desapareceu no vendaval. Sozinha na escuridão amarga, ela lutou contra o vento, mas ele caiu de ponta a ponta até que ela ficou tão tonta que não conseguia distinguir o cima do baixo. Sozinha e caindo sem parar na escuridão gelada, sabendo que nunca o encontraria novamente.

Ela corria por uma terra congelada, debatendo-se de monte de neve em monte de neve, caindo, subindo para correr em pânico, engolindo ar tão frio que cortava sua garganta como cacos de vidro. Pingentes de gelo brilhavam em galhos rígidos ao redor dela, e um vento gélido soprava pela floresta desfolhada. Perrin estava muito zangado e teve que fugir.

De alguma forma, ela não conseguia se lembrar dos detalhes da discussão, só que de alguma forma ela havia empurrado seu lindo lobo para uma raiva verdadeira, a ponto de jogar coisas. Só que Perrin não jogava coisas. Ele ia colocá-la sobre o joelho, como tinha feito uma vez, muito tempo atrás. Mas por que ela estava fugindo disso? Ainda haveria a as pazes para fazer. E ela o faria pagar pela humilhação, é claro. De qualquer forma, havia tirado um pouco de sangue dele uma ou duas vezes com uma tigela ou jarra bem apontada, sem realmente querer, e ela sabia que ele nunca iria machucá-la. Mas também sabia que tinha que correr, continuar se movendo, ou morreria.

Se ele me pegar, ela pensou secamente, *pelo menos parte de mim estará quente*. E ela começou a rir disso, até que a terra branca morta girou ao seu redor, e ela soube que logo estaria morta também.

A monstruosa fogueira pairava sobre ela, uma pilha alta de troncos grossos rugindo em chamas. Ela estava nua. E fria, tão fria. Não importa o quão perto do fogo estivesse, seus ossos pareciam congelados, sua carne pronta para quebrar com um golpe. Ela se aproximou, mais perto. O calor das chamas cresceu até que ela se

encolheu, mas o frio amargo permaneceu preso dentro de sua pele. Mais perto. Ah, Luz, estava quente, muito quente! E ainda fria por dentro. Mais perto. Ela começou a gritar com a queimação, a dor lancinante, mas ainda era gelo por dentro. Mais perto. Mais perto. Ela ia morrer. Gritou, mas havia apenas silêncio e frio. Era dia, mas nuvens de chumbo enchiam o céu. A neve caía em uma chuva constante, flocos de penas rodopiando ao vento através das árvores. Não era um vento feroz, mas lambia com línguas de gelo. Montes brancos se erguiam nos galhos até ficarem altos o suficiente para desmoronar com o próprio peso e o vento, enviando chuvas mais pesadas para o chão abaixo. A fome roía sua barriga com dentes opacos. Um homem muito alto e ossudo com um capuz de lã branca protegendo o rosto forçou algo em sua boca, a borda de uma grande caneca de barro. Seus olhos eram de um verde surpreendente, como esmeraldas, e cercados por cicatrizes enrugadas. Ele estava ajoelhado em um grande cobertor de lã marrom com ela, e outro cobertor, listrado de cinza, estava enrolado em torno de sua nudez. O gosto de chá quente espesso de mel explodiu em sua língua, e ela agarrou o pulso musculoso do homem fracamente com as duas mãos, caso ele tentasse tirar a caneca. Seus dentes batiam contra a caneca, mas ela engoliu avidamente o líquido xaroposo fumegante.

“Não muito rápido; você não deve derramar nenhuma gota,” o homem de olhos verdes disse mansamente. Mansidão soava estranho naquele rosto feroz, e em uma voz grave. “Eles ofenderam sua honra. Mas você é uma aguacenta, então talvez não conte para você.” Lentamente, ela percebeu que isso não era um sonho. O pensamento veio em um fio de sombras que derreteu se ela tentasse segurá-lo com muita força. O bruto vestido de branco era *gai'shain*. A coleira e as amarras haviam sumido. Ele puxou o pulso para longe de seu aperto fraco, mas apenas para derramar um fluxo escuro de uma bolsa de água de couro pendurada em seu ombro. O vapor subia da caneca e o aroma do chá. Tremendo tanto que quase caiu, ela agarrou o grosso cobertor listrado ao seu redor. A dor ardente estava florescendo em seus pés. Ela não poderia ter ficado de pé se tentasse. Não que quisesse. O cobertor conseguia cobrir tudo, menos os pés, enquanto

ela permaneceu agachada; ficar de pé teria descoberto as pernas e talvez mais. Foi em calor que ela pensou, não em decência, embora houvesse pouco de ambos. Os dentes da fome ficaram afiados e ela não conseguia parar de tremer. Estava congelada por dentro, o calor do chá já era apenas uma lembrança. Seus músculos eram pudim congelado há uma semana. Queria olhar para a caneca cheia, cobiçando o conteúdo, mas se obrigou a procurar suas companheiras. Elas estavam todos ali em fila com ela, Maighdin e Alliandre e todas, caídas de joelhos em cima de cobertores, tremendo dentro de cobertores salpicados de neve. Na frente de cada uma, um *gai'shain* se ajoelhava com uma bolsa de água cheia e uma caneca ou xícara, e até Bain e Chiad beberam como mulheres meio mortas de sede. Alguém havia limpado o sangue do rosto de Bain, mas, ao contrário da última vez que Faile as vira, as duas Donzelas estavam tão cansadas e instáveis quanto qualquer outra pessoa. De Alliandre a Lacile, suas companheiras pareciam — qual era a frase de Perrin? — como se tivessem sido arrastadas de costas por um buraco de madeira. Mas todas ainda estavam vivas; isso era o importante. Apenas as vivas poderiam escapar.

Rolan e os outros *algai'd'siswai* que estavam encarregados delas formavam um grupo na extremidade da fila ajoelhada. Cinco homens e três mulheres, a neve no chão quase na altura dos joelhos das Donzelas. Véus negros pendurados no peito, eles observavam seus prisioneiros e os *gai'shain* impassíveis. Por um momento, ela franziu a testa para eles, tentando entender um pensamento escorregadio. Sim; é claro. Onde estavam os outros? A fuga seria mais fácil se o resto tivesse ido por algum motivo. Havia algo mais, outra pergunta nebulosa que ela não conseguia entender. De repente, o que estava além dos oito Aiel saltou para ela, e pergunta e resposta vieram ao mesmo tempo. De onde vieram os *gai'shain*? A cerca de cem passos de distância, escondido pelas árvores espalhadas e pela neve que caía, passava um fluxo constante de pessoas e animais de carga, carroças e carroções. Não era um fluxo. Uma enxurrada de Aiel em movimento. Em vez de cento e cinquenta Shaido, ela tinha todo o clã para enfrentar. Parecia impossível que tantas pessoas pudessem passar dentro de um

ou dois dias de Abila sem causar algum alarme, mesmo com o campo em anarquia, mas a prova estava bem na frente de seus olhos. Por dentro, ela se sentia pesada. Talvez a fuga não fosse mais difícil, mas ela não acreditava. “Como eles me ofenderam?” ela perguntou bruscamente, então fechou a boca para parar de tagarelar. E a abriu novamente quando o *gai'shain* ergueu a caneca para ela mais uma vez. Ela engoliu o precioso calor, engasgando, e se forçou a engolir mais devagar. O mel, tão espesso que seria enjoativo em qualquer outra ocasião, diminuiu um pouco sua fome.

“Vocês aguacentos não sabem de nada,” o homem da cicatriz disse com desdém. “*Gai'shain* não são vestidos de forma alguma até que possam receber mantos apropriados. Mas eles temiam que vocês congelassem até a morte, e tudo o que tinham para embrulhar vocês eram seus casacos. Você foi envergonhada, nomeada como fraca, se os aguacentos têm vergonha. Rolan e muitos dos outros são *Mera'din*, mas Efallin e o resto deviam saber melhor. Efallin não deveria ter permitido.”

Envergonhada? Enfurecido era mais parecido com isso. Não querendo virar a cabeça da caneca abençoada, ela revirou os olhos para o gigante enorme que a carregou como um saco de grãos e a esbofeteou impiedosamente. Vagamente ela parecia se lembrar de receber aquelas palmadas, mas isso era impossível. Claro que era impossível! Rolan não parecia um homem que passou a maior parte de um dia e uma noite a trotar, carregando alguém. Sua respiração embaçada veio facilmente. *Mera'din*? Ela pensou que isso significaria Sem Irmão na Língua Antiga, o que não lhe dizia nada, mas havia um tom de desprezo na voz do *gai'shain*. Ela teria que perguntar a Bain e Chiad, e torcer para que não fosse uma daquelas coisas que Aiel não falariam com aguacentos, nem mesmo aguacentos que eram amigos íntimos. Qualquer pedaço de conhecimento pode ajudar a escapar.

Então eles haviam embrulhado suas prisioneiras contra o frio, não é? Bem, ninguém estaria em perigo de congelar, exceto Rolan e os outros. Ainda assim, ela poderia lhe dever um pequeno favor. Muito pequeno, considerando tudo. Talvez ela apenas cortasse suas orelhas. Se tivesse a chance, cercada por milhares de Shaido. Milhares? Os

Shaido contavam com centenas de milhares, e dezenas de milhares deles eram *algai'd'siswai*. Furiosa consigo mesma, lutou contra o desespero. Ela escaparia; todos eles escapariam, e levaria as orelhas do homem com ela!

"Vou ver Rolan ser retribuído como ele merece", ela murmurou quando o *gai'shain* levou a caneca para reabastecer novamente. Ele deu a ela um olhar desconfiado com os olhos estreitos, e ela se apressou. "Como você diz, sou uma aguacenta. A maioria de nós é. Nós não seguimos *ji'e'toh*. Pelos seus costumes, não deveríamos ser feitos *gai'shain*, não é mesmo?" O rosto cheio de cicatrizes do homem não mudou, nem por um movimento de pálpebra. Um pensamento vago disse que era cedo demais, ela ainda não conhecia o chão onde estava pisando, mas pensamentos gélidos de frio não conseguiram prender sua língua. "E se os Shaido decidirem quebrar outros costumes? Eles podem decidir não deixar você ir quando seu tempo acabar."

"Os Shaido quebram muitos costumes," ele disse placidamente, "mas eu não. Ainda tenho mais de meio ano para usar o branco. Até lá, servirei como o costume obriga. Se você pode falar tanto, talvez já tenha tomado chá suficiente?" Faile arrancou desajeitadamente a caneca dele. Suas sobancelhas se ergueram, e ela reorganizou suas cobertas com uma mão tão rápido quanto podia, suas bochechas esquentando. Ele certamente sabia que estava olhando para uma mulher. Luz, ela estava cambaleando como um boi cego! Ela tinha que pensar, se concentrar. Seu cérebro era a única arma que ela tinha. E no momento, poderia muito bem ser um queijo congelado. Bebendo o chá quente e doce, ela se pôs a pensar em alguma maneira de que estar cercada por milhares de Shaido pudesse ser uma vantagem. Nada veio a ela, no entanto. Nada mesmo.

Capítulo 4

Ofertas

"O que temos aqui?", disse a voz dura de uma mulher. Faile olhou para cima e viu, o chá quente sumiu de seus pensamentos no mesmo momento.

Duas mulheres Aiel com uma mulher *gai'shain* muito mais baixa entre elas saíram da neve rodopiante, afundando até a metade de suas panturrilhas no tapete branco que cobria o chão, mas ainda conseguindo passos poderosos. As mulheres mais altas, pelo menos; a *gai'shain* tropeçou e se debateu tentando acompanhá-las, e uma das outras colocou a mão em seu ombro para ter certeza de que ela o faria. Todas as três eram dignas de um olhar. A mulher de branco mantinha a cabeça humildemente abaixada o máximo que podia e as mãos dobradas nas mangas largas como um *gai'shain* deveria fazer, mas suas vestes tinham o brilho da seda pesada, entre todas as coisas. Joias eram proibidas a *Gai'shain*, mas um cinto largo e elaborado de ouro e gotas de fogo apertava sua cintura e um colar combinando era visível dentro de seu capuz, quase cobrindo seu pescoço. Muito poucos além da realeza podiam pagar por aquilo. Por mais estranho que a *gai'shain* fosse, no entanto, foram as outras que Faile estudou. Algo lhe dizia que eram Sábias. Havia autoridade demais sobre elas para serem qualquer outra coisa; eram mulheres acostumadas a dar ordens e ser obedecidas. Além disso, também, sua simples presença chamava a atenção. A mulher que empurrava a *gai'shain*, uma águia severa de olhos azuis com um xale cinza escuro enrolado na cabeça, tinha um bom palmo de altura a mais, tão alta quanto a maioria dos homens Aiel, enquanto a outra era pelo menos meia mão mais alta que Perrin! Ela não era volumosa, porém, exceto em um lugar particular. O cabelo louro cor de areia fluía até a cintura, preso para trás do rosto por um grande lenço escuro, e o xale marrom caía sobre os ombros, aberto o suficiente para mostrar uma quantidade incrível de seios saindo pela metade da blusa clara. Como ela evitava o congelamento, expondo tanta pele nesse clima? Todos aqueles colares pesados de marfim e ouro deviam parecer anéis de gelo!

Quando elas pararam na frente das prisioneiras ajoelhadas, a mulher com cara de águia franziu a testa em desaprovação para os Shaído que as havia capturado, e fez um gesto curto de despedida com a mão livre. Por alguma razão, ela continuava segurando o ombro da *gai'shain* com força. As três Donzelas se viraram imediatamente, correndo em direção à multidão de Shaído que passava. Um dos homens também foi, mas Rolan e o resto trocaram olhares de olhos chatos antes de seguirem. Talvez significasse alguma coisa, talvez nada. De repente, Faile percebeu como se sentia alguém em um redemoinho, agarrando desesperadamente as rédeas.

"O que temos é mais *gai'shain* para Sevanna", disse a mulher incrivelmente alta em tom divertido. Ela tinha um rosto forte que alguns podem chamar de bonito, mas ao lado da outra Sábida, ela parecia suave. "Sevanna não ficará satisfeita até que o mundo inteiro seja *gai'shain*, Therava. Não que eu mesma me oponha a isso," ela terminou com uma risada.

A Sábida de olhos de águia não riu. Seu rosto era de pedra. Sua voz era pedra.

"Sevanna já tem muitos *gai'shain*, Someryn. Temos muitos *gai'shain*. Eles nos atrasam quando deveríamos correr." Seu olhar de ferro percorreu a fileira ajoelhada.

Faile estremeceu quando aquele olhar a tocou e rapidamente enterrou o rosto na caneca. Ela nunca tinha visto Therava antes, mas naquele olhar ela conhecia o tipo de mulher, ansiosa para esmagar qualquer desafio completamente, e capaz de ver desafio em um olhar casual. Era ruim o suficiente quando era apenas uma nobre tola na corte, alguém encontrado na estrada, mas a fuga poderia se tornar mais que difícil se essa águia tivesse um interesse pessoal. Mesmo assim, ela observou a mulher com o canto do olho. Era como ver uma víbora listrada, as escamas brilhando ao sol, enrolada a trinta centímetros de seu rosto.

Mansa, ela pensou. Estou ajoelhada aqui humildemente, sem pensar em nada além de beber meu chá. Não precisa olhar para mim duas vezes, sua bruxa de olhos frios. Ela esperava que as outras vissem o que ela fazia.

Alliandre não viu. Ela tentou se levantar, cambaleou, e então caiu de joelhos com um estremecimento. Mesmo assim, ela se ajoelhou na neve que caía, de cabeça erguida, um cobertor listrado vermelho em volta dela como se fosse um xale de seda fina sobre um vestido esplêndido. Pernas nuas e cabelos ao vento estragavam um pouco o efeito, mas ela ainda era arrogância em um pedestal.

“Eu sou Alliandre Maritha Kigarin, Rainha de Ghealdan,” ela anunciou em voz alta, como uma rainha se dirigindo a vagabundos rufiões. “Vocês seriam sábias em tratar bem a mim e a minhas companheiras, e punir aqueles que nos trataram tão grosseiramente. Vocês podem ganhar um grande resgate para nós, maior do que vocês podem imaginar, e perdão por seus crimes. Minha senhora suserana e eu precisaremos de acomodação adequada para nós até que os arranjos possam ser feitos, e para sua criada. Menos para as outras, desde que não sejam prejudicadas. Não pagarei nenhum resgate se você maltratar a menor das servas de minha senhora suserana.”

Faile poderia ter gemido — a mulher idiota achava que essas pessoas eram simples bandidos? — só que ela não tinha tempo.

“É verdade, Galina? Ela é uma rainha dos aguacentos?” Outra mulher saiu detrás das prisioneiras, seu alto cavalo castrado preto andando suavemente na neve. Faile pensou que ela devia ser Aiel, mas não tinha certeza. Era difícil dar certeza com a outra mulher a cavalo, mas ela parecia pelo menos tão alta quanto a própria Faile, e poucas mulheres eram, exceto entre as Aiel, certamente não com aqueles olhos verdes em um rosto escuro. E ainda... Com aquela saia larga e escura, que parecia à primeira vista uma das mulheres Aiel, mas era dividida para montar e parecia ser de seda, assim como a blusa creme, e a bainha revelava botas vermelhas nos estribos. O lenço largo dobrado que prendia seu longo cabelo dourado era de seda vermelha com brocado, e tinha um aro de ouro e gotas de fogo aninhado sobre ele. Em contraste com o ouro trabalhado e o marfim esculpido das Sábias, suas contas de pérolas gordas e colares de esmeraldas e safiras e rubis escondiam quase tanto peito quanto Someryn exibia. As pulseiras que subiam quase até os cotovelos eram diferentes das usadas pelas duas Sábias da mesma forma, e Aiel não

usavam anéis, mas gemas brilhavam em cada um de seus dedos. Em vez de um xale escuro, uma capa carmesim brilhante, bordada com bordados dourados e forrada com pele branca, agitava-se ao redor dela na brisa forte. Ela sentava na sela com a estranheza de um Aiel a cavalo, no entanto. “E uma rainha,” sua língua tropeçou estranhamente, “com uma senhora suserana? Isso significa que a rainha se jurou a ela? É uma mulher verdadeiramente poderosa, então. Responda, Galina!”

A *gai'shain* vestida de seda curvou os ombros e favoreceu a mulher montada com um sorriso rastejante. “Uma mulher verdadeiramente poderosa, para ter uma rainha jurando fidelidade, Sevanna,” ela disse ansiosamente. “Nunca ouvi falar de algo assim. No entanto, acho que ela é quem ela afirma. Eu vi Alliandre uma vez, anos atrás, e a garota que eu lembro poderia muito bem ter se tornado essa mulher. E ela foi coroada Rainha de Ghealdan. O que ela está fazendo em Amadicia, eu não sei. Os Mantos Branco ou Roedran, qualquer um, a pegariam em um instante se eles...”

“Chega, Una,” Therava disse com firmeza. A mão no ombro de Galina apertou visivelmente. “Você sabe que eu odeio quando você tagarela.”

A *gai'shain* se encolheu como se tivesse sido atingida, e sua boca se fechou. Praticamente se contorcendo, ela sorriu para Therava, bajulando ainda mais miseravelmente do que fez com Sevanna. O ouro brilhou em um de seus dedos enquanto ela torcia as mãos. O medo brilhou em seus olhos também. Olhos escuros. Definitivamente não era Aiel. Therava parecia alheia à conversa da mulher; um cão tinha sido chamado e tinha obedecido. Sua atenção estava toda em Sevanna. Someryn olhou a *gai'shain* de lado, seus lábios se retorcendo com desprezo, mas ela dobrou o xale sobre o peito e olhou para Sevanna também. Aiel não revelavam muito em seus rostos, mas claramente ela não gostava de Sevanna, e era cautelosa com ela ao mesmo tempo. Os olhos de Faile seguiram a mulher montada também, por cima da outra caneca. De certa forma, era como ver Logain, ou Mazrim Taim. Sevanna também havia pintado seu nome no céu com sangue e fogo. Cairhien precisaria de anos para se recuperar do que havia sido feito

ali, e as ondas se espalharam para Andor e Tear e além. Perrin atribuía a culpa a um homem chamado Couladin, mas Faile tinha ouvido falar o suficiente dessa mulher para ter uma ideia astuta de quem estava por trás de tudo. E ninguém contestou que a chacina em Poços de Dumai foi culpa de Sevanna. Perrin quase morrera ali. Ela tinha uma reclamação pessoal sobre Sevanna por isso. Ela poderia estar disposta a deixar Rolan manter seus ouvidos se ela pudesse resolver essa reivindicação. A mulher vestida extravagantemente caminhou lentamente ao longo da fila de mulheres ajoelhadas, seus olhos verdes firmes quase tão frios quanto os de Therava. O som da neve esmagada sob os cascos do cavalo preto de repente parecia alto. “Qual de vocês é a empregada?” Uma pergunta estranha. Maighdin hesitou, de queixo apertado, antes de levantar a mão de debaixo do cobertor. Sevanna assentiu pensativa. “E a... senhora suserana?”

Faile pensou em se conter, mas de uma forma ou de outra, Sevanna descobriria o que ela queria saber. Relutantemente, ela levantou a mão. E estremeceu mais do que de frio. Therava estava observando com aqueles olhos cruéis, prestando muita atenção. A Sevanna, e àquelas que ela marcou.

Como alguém poderia ignorar aquele olhar raivoso, Faile não entendia, mas Sevanna parecia ignorar enquanto virava seu cavalo castrado para o final da fila. “Elas não podem andar com esses pés”, disse ela depois de um momento. “Não vejo por que elas deveriam andar com as crianças. Cure-as, Galina.”

Faile sobressaltou-se e quase deixou cair a caneca de barro. Ela a empurrou na direção do *gai'shain*, tentando entender que era isso que ela vinha fazendo o tempo todo. Estava vazia de qualquer maneira. O sujeito com cicatrizes calmamente começou a enchê-la novamente de sua bolsa de água de chá. Curar? Certamente ela não queria dizer... “Muito bem”, disse Therava, dando um empurrão na mulher *gai'shain* que a fez cambalear. “Faça isso rápido, pequena Lina. Eu sei que você não quer me decepcionar.” Galina se conteve para não cair, mas apenas para trotar em direção às prisioneiras. Ela afundava acima dos joelhos em alguns lugares, suas vestes arrastando na neve, mas estava decidida a alcançar seu objetivo. Medo nos olhos arregalados e

repulsa se misturavam em seu rosto redondo com... poderia ser, ânsia? Em suma, era uma combinação doentia.

Sevanna completou seu circuito, voltando para onde Faile podia vê-la claramente, e freou para enfrentar as Sábias. A boca cheia da mulher estava apertada. A brisa gelada ondulava seu manto, mas ela parecia não perceber isso, ou a neve caindo em sua cabeça. “Acabei de receber uma notícia, Therava.” A voz dela estava calma, embora os relâmpagos deveriam ter saído de seus olhos. “Esta noite acampamos com os Jonine.”

“Um quinto clã,” Therava respondeu categoricamente. Para ela, também, vento e neve poderiam não ter existido. “Cinco, enquanto setenta e oito permanecem espalhados pelo vento. É bom que você se lembre de sua promessa de reunir os Shaido, Sevanna. Não vamos esperar para sempre.”

Não havia relâmpagos, agora. Os olhos de Sevanna eram vulcões verdes em erupção. “Eu sempre faço o que eu digo, Therava. É bom que você se lembre disso. E lembre-se de que você me aconselha. Eu falo como chefe do clã. Rodando seu cavalo capão, ela bateu os calcanhares nas costelas do animal, tentando fazê-lo galopar de volta para o rio de pessoas e carroças, embora nenhum cavalo pudesse fazer isso naquela profundidade de neve. O animal negro conseguiu algo mais rápido do que uma caminhada, mas não muito. Com os rostos inexpressivos como máscaras, Therava e Someryn observaram cavalo e cavaleira desaparecerem no véu branco que caía.

Uma conversa importante, pelo menos para Faile. Ela reconheceu a tensão apertada como uma corda de harpa quando a viu, e o ódio mútuo. Uma fraqueza que poderia ser explorada, se ela pudesse descobrir como. E parecia que os Shaido não estavam todos aqui, afinal. Embora parecesse mais do que suficiente, a julgar pelo rio interminável deles passando. Galina a alcançou então, e qualquer outra coisa fugiu de sua mente. Deixando o rosto com uma aparência irregular de compostura, Galina agarrou a cabeça de Faile com as duas mãos sem dizer uma palavra. Faile pode ter engasgado; ela não podia ter certeza. O mundo parecia voar quando ela se pôs de pé. Horas passavam, ou batimentos cardíacos se arrastavam. A mulher vestida

de branco deu um passo para trás, e Faile caiu de bruços em cima do cobertor marrom para deitar ofegante contra a lã áspera. Seus pés não doíam mais, mas a Cura sempre trazia sua própria fome, e ela não tinha comido nada desde o café da manhã de ontem. Poderia ter devorado pratos de qualquer coisa que parecesse comida. Não se sentia mais cansada, mas seus músculos eram água em vez de pudim. Empurrando-se para cima com braços que queriam dobrar sob seu peso, ela pegou o cobertor de listras cinza novamente. Ela se sentiu atordoada tão pelo que viu na mão de Galina pouco antes de Galina agarrá-la quanto pela Cura. Agradecida, deixou o homem cheio de cicatrizes levar a caneca fumegante à sua boca. Ela não tinha certeza se seus dedos poderiam tê-la segurado.

Galina não estava perdendo tempo. Uma Alliandre atordoada estava apenas tentando se levantar de bruços, seu cobertor listrado deslizando para o chão sem ser notado. Seus vergões se foram, é claro. Maighdin ainda estava esparramada entre seus dois cobertores, membros soltos aparecendo em todas as direções e se contorcendo enquanto ela debilmente tentava se recompor. Chiad, com as mãos de Galina na cabeça, cambaleou até ficar de pé, os braços abertos, a respiração saindo dela em uma pressa ruidosa. O inchaço amarelado em seu rosto desapareceu enquanto Faile observava. A Donzela caiu como se tivesse sido derrubada quando Galina passou para Bain, embora tenha começado a se mexer quase imediatamente.

Faile se atentou ao chá e pensou furiosamente. O ouro no dedo de Galina era um anel da Grande Serpente. Ela poderia ter achado um presente estranho de quem deu à mulher suas outras joias, se não fosse pela Cura. Galina era Aes Sedai. Ela devia ser. Mas o que uma Aes Sedai estava fazendo ali, em túnicas *gai'shain*? Sem mencionar que aparentemente estava pronta para lambar o pulso de Sevanna e beijar os pés de Therava! Uma Aes Sedai!

De pé sobre uma Arrela flácida, a última da fila, Galina ofegou ligeiramente pelo esforço de curar tantas tão rapidamente, e olhou para Therava como se esperasse uma palavra de elogio. Sem olhar para ela, as duas Sábias se dirigiram para o fluxo Shaido, as cabeças juntas, conversando. Depois de um momento, a Aes Sedai fez uma careta e

levantou suas vestes, correndo atrás delas o mais rápido que podia. Ela olhou para trás mais de uma vez, no entanto. Faile teve a sensação de que ela fez isso mesmo depois que a neve caindo colocou uma cortina entre elas. Mais *gai'shain* vieram da direção oposta, uma dúzia de homens e mulheres, e apenas um era Aiel, um ruivo esguio com uma cicatriz branca fina, que ia da linha do cabelo ao maxilar. Faile reconheceu os cairhienos baixos e pálidos, e outros que ela pensou que poderiam ser amadiciosos ou altaranos, mais altos e mais escuros, e até mesmo uma domanesa de pele bronzeada. A domanesa e uma das outras mulheres usavam cintos largos de corrente dourada e brilhante apertados em torno de suas cinturas e colares de elos de chapéu em volta do pescoço. Assim como um dos homens! De qualquer forma, as joias em *gai'shain* pareciam sem importância, exceto como uma estranheza, especialmente junto com a comida e as roupas que traziam.

Alguns dos recém-chegados carregavam cestas com pães e queijo amarelo e carne seca, e os *gai'shain* já estavam lá com seus sacos de chá forneceram bebida para acompanhar. Faile não foi a único a encher a boca com pressa indecorosa, mesmo enquanto se vestia, desajeitadamente e com mais vontade de correr do que por modéstia. O manto branco com capuz e dois roupões grossos pareciam maravilhosamente quentes, apenas para manter o ar afastado, assim como as pesadas meias de lã e as botas Aiel macias que amarravam até os joelhos — até as botas tinham sido alvejadas de branco! — mas não preencheram o buraco no meio dela. A carne era dura como couro de bota, o queijo quase duro como pedra e o pão não muito mais macio, mas eles tinham gosto de um banquete! Sua boca salivava a cada mordida.

Mastigando um bocado de queijo, ela deu um nó no último cadarço da bota e se levantou, alisando as vestes. Enquanto pegava mais pão, uma das mulheres vestidas de ouro, roliça e simples de olhos cansados, tirou outro cinto de corrente de ouro de um saco de pano pendurado em seu ombro. Engolindo apressadamente, Faile deu um passo para trás. "Eu prefiro não usar isso, obrigada." Ela teve a

sensação de que estava errada ao descartar os adornos como sem importância.

“O que você quer não importa,” a mulher gorda respondeu cansada. Seu sotaque era amadicio e culto. “Você serve a Lady Sevanna, agora. Usará o que lhe for dado e fará o que lhe for dito, ou será punida até ver o erro de seus modos.”

A alguns passos de distância, Maighdin estava afastando a domanesa, resistindo a ser colocada em uma coleira. Alliandre estava se afastando do homem que usava correntes de ouro, com as mãos levantadas e uma expressão doentia no rosto. Ele estendeu um dos cintos para ela. Felizmente, ambas estavam olhando para Faile, no entanto. Talvez aquela mudança na floresta tivesse feito algum bem.

Expirando pesadamente, Faile acenou para elas, então permitiu que a *gai'shain* gorducha prendesse o cinto largo em volta dela. Com o exemplo dela, as outras duas deixaram cair as mãos. Parecia um golpe grande demais para Alliandre, que ficou olhando para o nada enquanto estava com o cinto e a coleira. Maighdin fez o possível para abrir um buraco na magra domanesa. Faile tentou sorrir com encorajamento, mas sorrir era difícil. Para ela, o fecho da coleira soou como uma porta de prisão sendo trancada. O cinto e a coleira podiam ser removidos com a mesma facilidade com que foram colocados, mas os *gai'shain* servindo “a Senhora Sevanna” certamente seriam observados muito de perto. O desastre estava se acumulando sobre o desastre. As coisas tinham que melhorar a partir daqui. Elas tinham.

Logo, Faile se viu andando pela neve com as pernas bambas com uma Alliandre trôpega e de olhos baços e uma Maighdin carrancuda, cercada por *gai'shain* conduzindo animais de carga, carregando grandes cestos cobertos nas costas, arrastando carrinhos de mão carregados com as rodas amarradas a trenós de madeira. As carroças e carroções também tinham trenós ou patins largos, com as rodas amarradas em cima da carga coberta de neve. A neve podia não ser familiar para os Shaído, mas eles aprenderam algo sobre viajar nela. Nem Faile nem as outras duas carregavam qualquer fardo, embora a gorducha amadicia deixasse claro que elas deveriam carregar ou transportar amanhã e a partir de então. Por mais Shaído que

estivessem na coluna, parecia uma grande cidade em movimento, se não uma nação. Crianças de até doze ou treze anos andavam nas carroças e carroções, mas todo mundo andava. Todos os homens usavam o *cadin'sor*, mas a maioria das mulheres usava saias e blusas e xales, como as Sábias, e a maioria dos homens carregava apenas uma única lança ou nenhuma arma e pareciam mais suaves que os outros. Suave significava que havia pedras mais macias que granito. Quando a amadicia partiu, sem dar seu nome ou dizer muito mais do que para obedecer ou ser punida, Faile percebeu que havia perdido Bain e as outras de vista em algum lugar na neve que caía. Ninguém tentou obrigá-la a manter um lugar em particular, então ela andava cansada de um lado para o outro da coluna, acompanhada por Alliandre e Maighdin. Manter as mãos dobradas nas mangas dificultava a caminhada, especialmente na neve, mas as mantinha aquecidas. Mais aquecidas que a alternativa, pelo menos. O vento fez com que elas mantivessem seus capuzes bem levantados. Apesar dos cintos dourados de identificação, nem *gai'shain* nem Shaido olhavam para elas duas vezes. Apesar de cruzar a coluna uma dúzia de vezes ou mais, no entanto, a busca se mostrou infrutífera. Havia pessoas em túnicas brancas em todos os lugares, mais do que fora, e qualquer um daqueles capuzes profundos poderia ter escondido seus outros companheiros.

"Teremos que encontrá-las esta noite", disse Maighdin finalmente. Ela realmente conseguiu espreitar através da neve profunda, ainda que de uma forma desajeitada. Seus olhos azuis eram ferozes dentro da caverna de seu capuz, e ela agarrou a larga corrente dourada em volta do pescoço com uma mão como se quisesse arrancá-la. "Assim, estamos dando dez passos para cada um de todos os outros. Vinte para cada um. De pouco nos servirá chegar ao acampamento desta noite exaustas demais para nos movermos." Do outro lado de Faile, Alliandre despertou de seu torpor o suficiente para levantar uma sobrancelha com a determinação na voz de Maighdin. Faile limitou-se a olhar para a criada, mas isso foi o suficiente para deixar Maighdin ruborizada e gaguejando. O que deu na mulher? Ainda que pudesse não ser o que ela esperava de uma serva, ela não podia culpar o

espírito de Maighdin como uma companheira de fuga. Uma pena que a mulher não pudesse canalizar mais. Faile tivera grandes esperanças disso uma vez, até descobrir que Maighdin possuía tão pouca habilidade que era inútil.

“Esta noite vai ser, Maighdin,” ela concordou. Ou quantas noites fossem necessárias. Ela não mencionou isso. Apressadamente, examinou as pessoas mais próximas para se certificar de que ninguém estava perto o suficiente para ouvir. Os Shaido, em *cadin* ou não, moviam-se com propósito pela neve que caía, avançando em direção a um objetivo invisível. Os *gai’shain* — os outros *gai’shain* — moviam-se com um propósito diferente. Obedeça ou seja punida. “Do jeito que eles nos ignoram,” ela continuou, “deveria ser possível simplesmente cair no esquecimento, contanto que você não tente nada debaixo do nariz de um Shaido. Se alguma de vocês encontrar uma chance, aproveite. Essas vestes vão ajudá-las a se esconder na neve, e assim que vocês encontrarem uma vila, o ouro que eles tão graciosamente nos deram as levará de volta ao meu marido. Ele vai seguir”. Não muito rápido, ela esperava. Não muito perto, pelo menos. Os Shaido tinham um exército aqui. Um pequeno exército, talvez, comparado a alguns, mas maior que o de Perrin.

O rosto de Alliandre endureceu em determinação. “Eu não vou embora sem você,” ela disse suavemente. Suavemente, mas em tons firmes. “Eu não vou tomar meu juramento de fidelidade com ânimo leve, minha Senhora. Eu escaparei com você, ou não escaparei!”

“Ela fala por nós duas”, disse Maighdin. “Posso ser apenas uma simples empregada”, ela torceu a palavra com desprezo, “mas não deixarei ninguém para trás com esses... esses bandidos!” Sua voz não era simplesmente firme; não tolerava oposição. Realmente, depois disso, Lini teria que ter uma longa conversa com ela antes de estar apta a manter sua posição!

Faile abriu a boca para argumentar — não, para comandar; Alliandre era sua mulher jurada, e Maighdin sua empregada, por mais que o cativo a tivesse feito de fogo! Elas seguiriam suas ordens! — mas ela deixou as palavras morrerem em sua língua. Formas escuras se aproximando pela maré de Shaido e a neve caindo se

transformaram em um grupo de mulheres Aiel com seus xales emoldurando seus rostos. Therava as liderava. Uma palavra dela murmurada, e as outras diminuíram a velocidade para manter o ritmo enquanto Therava se juntava a Faile e suas companheiras. Ou seja, ela caminhava ao lado delas. Seus olhos ferozes pareciam esfriar até mesmo o entusiasmo de Maighdin, não que ela lhes desse mais do que um olhar. Para ela, elas não valiam a pena olhar. “Vocês estão pensando em escapar,” ela começou. Ninguém mais abriu a boca, mas a Sábua acrescentou: “Não tentem negar!” com voz desdenhosa.

“Vamos tentar servir como deveríamos, Sábua”, disse Faile cuidadosamente. Ela manteve a cabeça baixa em seu capuz e fez questão de não encontrar os olhos da mulher mais alta.

“Você conhece um pouco dos nossos costumes.” Therava pareceu surpresa, mas isso desapareceu rapidamente. “Bom. Mas você me toma por uma tola se pensa que eu acredito que você servirá mansamente. Vejo espírito em vocês três, para aguacentas. Alguns nunca tentam escapar, mas apenas os mortos conseguem. Os vivos são sempre trazidos de volta. Sempre.”

“Vou ouvir suas palavras, Sábua”, disse Faile humildemente. Sempre? Bem, tinha que haver uma primeira vez. “Todas nós vamos.”

“Ah, muito bom”, murmurou Therava. “Você pode até convencer alguém tão cego quanto Sevanna. Saiba disso, no entanto, *gai’shain*. Aguacentos não são como outros que vestem branco. Em vez de ser solta no final de um ano e um dia, você servirá até estar muito curvada e murcha para trabalhar. Eu sou sua única esperança de evitar esse destino.”

Faile tropeçou na neve, e se Alliandre e Maighdin não tivessem segurado seus braços agitados, ela teria caído. Therava fez um gesto impaciente para que continuassem em movimento. Faile sentiu-se mal. Therava as ajudaria a escapar? Chiad e Bain alegavam que os Aiel não sabiam nada sobre o Jogo das Casas e desprezavam os aguacentos por jogá-lo, mas Faile reconheceu as correntes que giravam em torno dela agora. Correntes que puxariam todas elas para baixo se ela pisasse em falso.

“Não entendo, Sábua.” Ela desejou que sua voz não soasse tão rouca, de repente.

Talvez essa mesma rouquidão tenha convencido Therava, no entanto. Pessoas como ela acreditavam no medo como uma motivação antes de qualquer outra. De qualquer forma, ela sorriu. Não era um sorriso caloroso, apenas uma curva de lábios finos, e a única emoção que transmitia era satisfação. “Vocês três vão assistir e ouvir enquanto servem Sevanna. A cada dia, uma Sábua vai te questionar, e você vai repetir cada palavra que Sevanna disse, e com quem ela falou. Se ela falar durante o sono, você repetirá o que ela murmura. Agrade-me, e eu cuidarei para que você fique para trás.” Faile não queria fazer parte disso, mas a recusa estava fora de questão. Se ela recusasse, nenhuma delas sobreviveria à noite. Ela tinha certeza disso. Therava não se arriscaria. Elas podiam não sobreviver até o anoitecer; essa neve esconderia três cadáveres vestidos de branco rapidamente, e ela duvidava muito que alguém à vista sequer protestasse se Therava decidisse cortar algumas gargantas ali mesmo. De qualquer forma, todos estavam focados em avançar pela neve. Eles podem nem ver. “Se ela souber...”

Faile engoliu em seco. A mulher estava pedindo que elas saíssem em um penhasco em ruínas. Não, ela estava ordenando a elas. Os Aiel matam espiões? Ela nunca tinha pensado em perguntar isso a Chiad ou Bain. “Você vai nos proteger, Sábua?”

A mulher de rosto duro pegou o queixo de Faile com dedos de aço, fazendo-a parar, levantando-a na ponta dos pés. Os olhos de Therava encontraram os dela com a mesma força. A boca de Faile ficou seca. Aquele olhar prometia dor. “Se ela souber disso, *gai’shain*, eu vou te punir e cozinhar eu mesma. Portanto, certifique-se de que ela não saiba. Esta noite você servirá em suas tendas. Você e uma centena de outros, então não terá muitos trabalhos para distraí-la do que é importante.” Um momento de estudo cuidadoso das três, e Therava deu um aceno satisfeito. Ela via três aguacentas moles, fracas demais para fazer qualquer coisa além de obedecer. Sem dizer mais nada, ela soltou Faile e se virou, e em instantes ela e as outras Sábias foram engolidas pela neve.

Por um tempo, as três mulheres lutaram em silêncio. Faile não trouxe à tona ninguém escapando sozinho, muito menos deu ordens. Ela estava certa de que se o fizesse, as outras iriam se recusar novamente. Além de qualquer outra coisa, obedecer agora faria parecer que Therava havia mudado de ideia, aquele medo que as outras tinham. Faile conhecia o suficiente das outras duas mulheres para ter certeza de que morreriam antes de admitir que a mulher as assustava. Therava certamente a assustava. *E eu engoliria minha língua antes de admitir em voz alta*, ela pensou ironicamente.

"Eu me pergunto o que ela quis dizer com... cozinhar", disse Alliandre finalmente. "Questionadores Mantos Brancos às vezes entregam prisioneiros ao fogo no espeto, eu ouvi." Maighdin passou os braços ao redor de si mesma, estremecendo, e Alliandre soltou uma mão de suas mangas tempo suficiente para dar um tapinha no ombro da outra mulher. "Não se preocupe. Se Sevanna tem cem criados, talvez nunca cheguemos perto o suficiente para ouvir qualquer coisa. E podemos escolher o que relatamos, para que não possa ser rastreado até nós."

Maighdin riu amargamente dentro de seu capuz branco. "Você acha que ainda temos pequenas escolhas. Não temos nenhuma. Você precisa aprender sobre não ter escolhas. Aquela mulher não nos escolheu porque temos espírito." Ela quase cuspiu a palavra. "Aposto que todos os outros servos de Sevanna também receberam aquele sermão de Therava. Se perdermos uma palavra que deveríamos ter ouvido, pode ter certeza de que ela saberá."

"Você pode estar certa," Alliandre admitiu depois de um momento. "Mas você não vai falar comigo de novo dessa maneira, Maighdin. Nossas circunstâncias são difíceis, para dizer o mínimo, mas você vai se lembrar de quem eu sou."

"Até escaparmos", respondeu Maighdin, "você é a serva de Sevanna. Se você não pensar em si mesma como uma serva a cada minuto, então pode subir nesse espeto. E deixe espaço para o resto de nós, porque você também nos colocará nele."

O capuz de Alliandre escondia seu rosto, mas suas costas ficavam mais rígidas a cada palavra. Ela era inteligente e sabia fazer o que devia, mas tinha um temperamento de rainha quando não o controlava.

Faile falou antes que ela pudesse explodir. "Até conseguirmos fugir, somos todas servas", disse ela com firmeza. Luz, a última coisa de que ela precisava era as duas brigando. "Mas você vai se desculpar, Maighdin. Agora!" Com a cabeça desviada, sua criada murmurou algo que poderia ser um pedido de desculpas. Ela deixou aquilo passar por um, em qualquer caso. "Quanto a você, Alliandre, espero que seja uma boa serva." Alliandre fez um barulho, meio em protesto, que Faile ignorou. "Se quisermos ter alguma chance de escapar, devemos fazer o que nos mandam, trabalhar duro e atrair o mínimo de atenção possível." Como se já não tivessem atraído o que parecia toda a atenção do mundo. "E vamos contar a Therava toda vez que Sevanna espirra. Não sei o que Sevanna fará se descobrir, mas acho que todas temos uma boa ideia do que Therava fará se a desagradarmos." Isso foi o suficiente para acalmá-los todos de volta ao silêncio. Todas elas tinham uma boa ideia do que Therava faria, e matar podia não ser o pior.

A neve se desvaneceu em alguns flocos dispersos ao meio-dia. Nuvens escuras e turbulentas ainda escondiam o sol, mas Faile decidiu que devia estar perto o suficiente do meio-dia, porque elas foram alimentadas. Ninguém parou de se mover, mas centenas de *gai'shain* abriram caminho pela coluna com cestas e alforjes cheios de pão e carne seca, e bolsas de água que continham água dessa vez, fria o suficiente para fazer seus dentes doerem. Estranhamente, ela não sentia mais fome do que horas de caminhada na neve causariam. Perrin tinha sido curado uma vez, ela sabia, e ele ficou faminto por dois dias. Talvez fosse porque seus ferimentos tinham sido muito menores do que os dele. Ela notou que Alliandre e Maighdin não comiam mais do que ela. A cura a fez pensar em Galina, todas as mesmas perguntas que se resumiam a um incrédulo "por quê"? Por que uma Aes Sedai — ela devia ser Aes Sedai — por que ela bajularia Sevanna e Therava? Ou qualquer pessoa? Uma Aes Sedai podia ajudá-las a escapar. Ou talvez não. Ela poderia traí-las, se isso servisse aos seus propósitos.

As Aes Sedai faziam o que faziam, e não se tem alternativa a não ser aceitar isso, a menos que você seja Rand al'Thor. Mas ele era *ta'veren*, e o Dragão Renascido ainda por cima; ela era uma mulher com muito poucos recursos no momento, e um perigo considerável pairando sobre sua cabeça. Sem mencionar as cabeças daquelas pelas quais ela era responsável. Qualquer ajuda seria bem-vinda, de qualquer pessoa. A brisa fresca diminuiu enquanto ela cutucava Galina de todos os ângulos que podia imaginar, e a neve voltou, ficando mais pesada, até que ela não conseguia ver dez passos. Não conseguia decidir se confiava na mulher.

De repente, percebeu que outra mulher vestida de branco a observava, quase escondida pela neve. No entanto, não havia neve suficiente para mascarar aquele cinto largo e cheio de joias. Faile tocou o braço de suas companheiras e acenou para Galina. Quando Galina viu que tinha sido vista, veio marchar entre Faile e Alliandre. Ela ainda não se movia com graça na neve, mas parecia mais acostumada a andar nela do que elas. Não havia nada de bajulação nela agora. Seu rosto redondo estava duro dentro do capuz, seus olhos afiados. Mas ela continuou virando a cabeça, lançando olhares cautelosos para ver quem mais estava por perto. Parecia uma gata doméstica fingindo ser um leopardo. "Você sabe quem eu sou?" ela exigiu, mas em uma voz que seria inaudível a três metros de distância. "O que eu sou?"

"Você parece ser Aes Sedai" disse Faile com cuidado. "Por outro lado, você tem um lugar muito peculiar aqui para uma Aes Sedai." Nem Alliandre nem Maighdin mostraram a menor surpresa. Claramente elas já tinham visto o anel da Grande Serpente que Galina estava manuseando nervosamente.

A cor floresceu nas bochechas de Galina, e ela tentou entender como raiva. "O que eu faço aqui é de grande importância para a Torre, criança," ela disse friamente. Sua expressão dizia que ela tinha razões que elas não podiam nem começar a compreender. Seus olhos dispararam, tentando perfurar a neve que caía. "Eu não devo falhar. Isso é tudo que você precisa saber."

"Precisamos saber se podemos confiar em você," Alliandre disse calmamente. "Você deve ter treinado na Torre ou não conheceria a

Cura, mas as mulheres ganham o anel sem ganhar o xale, e não posso acreditar que você seja Aes Sedai.” Parecia que Faile não era a única intrigado com a mulher. A boca gorda de Galina endureceu, e ela cerrou o punho para Alliandre, para ameaçar ou mostrar seu anel, ou ambos.

“Você acha que eles vão te tratar de forma diferente porque você usa uma coroa? Porque você costumava usar uma?” Não havia dúvida de sua raiva agora. Ela esqueceu de manter o bloqueio para os ouvintes, e sua voz estava ácida. A saliva voou com a força de seu discurso. “Você trará vinho para Sevanna e o lavará de volta, como o resto. Seus servos são todos nobres, ou mercadores ricos, ou homens e mulheres que sabem servir aos nobres. Todos os dias ela tem cinco deles sucateados, para encorajar o resto, então todos eles carregam histórias para ela na esperança de agradar. A primeira vez que você tentar escapar, eles baterão nas solas dos seus pés até que você não consiga andar, e amarrarão você torcida como um quebra-cabeça de ferreiro para carregar uma carroça até que você consiga. A segunda vez será pior, e a terceira pior novamente. Tem um sujeito aqui que era um Manto Branco. Ele tentou escapar nove vezes. Um homem duro, mas da última vez que o trouxeram de volta, ele estava implorando e chorando antes mesmo de começarem a despi-lo para a punição.”

Alliandre não aceitou bem a arenga. Ela bufou indignada, e Maighdin rosnou: “Foi isso que aconteceu com você? Seja Aes Sedai ou Aceita, você é uma vergonha para a Torre!”

“Fique em silêncio quando seus superiores falarem, Bravia!” Galina disparou.

Luz, se isso fosse mais longe, elas estariam gritando uma com a outra em seguida. “Se você pretende nos ajudar a escapar, então diga”, disse Faile à Aes Sedai vestida de seda. Ela realmente não duvidava disso sobre a mulher. Apenas de todo o resto. “Se não, o que você quer com a gente?”

À frente delas, uma carroça surgiu da neve, encostada onde um dos trenós se soltou. Dirigidos por um Shaido com os braços e ombros de um ferreiro, os *gai'shain* estavam armando uma alavanca para içar a carroça o suficiente para que o trenó fosse amarrado de volta no lugar. Faile e as outras ficaram em silêncio enquanto passavam. “Esta é

realmente sua senhora suserana, Alliandre?" Galina exigiu uma vez que elas estavam fora do alcance dos homens ao redor da carroça. Seu rosto ainda estava vermelho de raiva, seu tom cortante. "Quem é essa que você juraria para ela?"

"Você pode me perguntar", disse Faile friamente. Que se queime Aes Sedai e seu segredo sangrento! Às vezes ela achava que uma Aes Sedai não diria que o céu era azul a menos que visse vantagem nisso. "Eu sou a Lady Faile t'Aybara, e isso é tudo o que você precisa saber. Você pretende nos ajudar?"

Galina tropeçou em um joelho, olhando para Faile com tanta força que começou a se perguntar se havia cometido um erro. Um momento depois, ela sabia que tinha. Recuperando seus pés, a Aes Sedai sorriu desagradavelmente. Ela não parecia mais zangada. Na verdade, parecia tão satisfeita quanto Therava, e pior, da mesma forma. "t'Aybara," ela meditou. "Você é saldaeana. Há um jovem, Perrin Aybara. Seu marido? Sim, vejo que atingi o alvo. Isso explicaria o juramento de Alliandre, certamente. Sevanna tem planos grandiosos para um homem cujo nome está ligado ao seu marido. Rand al'Thor. Se ela soubesse o que tem você em suas mãos... Ah, não tenha medo de que ela descubra por mim." Seu olhar endureceu, e de repente ela parecia um leopardo na verdade. Um leopardo faminto. "Não se todas vocês fizerem o que eu digo. Vou até ajudá-las a fugir."

"O que você quer de nós?" Faile disse, com mais insistência do que sentia. Luz, ela estava com raiva de Alliandre por chamar a atenção para elas ao se identificar, e agora ela tinha feito o mesmo. Ou pior.

E eu pensei que estava me escondendo ao esconder o nome do meu pai, ela pensou amargamente.

"Nada muito difícil," Galina respondeu. "Você viu Therava, certo? Claro que você viu. Todo mundo percebe Therava. Ela mantém algo em sua barraca, uma haste branca e lisa com cerca de trinta centímetros de comprimento. Está em um baú vermelho com faixas de latão que nunca é trancado. Traga isso para mim, e eu a levarei comigo quando for."

"Uma coisa pequena para fazer, ao que parece", disse Alliandre em dúvida. "Mas se é assim, por que você não pega sozinha?"

"Porque eu tenho vocês para pegar para mim!" Percebendo que havia gritado, Galina se encolheu e seu capuz balançou enquanto ela procurava por espiões entre a multidão coberta de neve. Ninguém parecia estar olhando na direção delas, mas sua voz caiu para um silvo feroz. "Se vocês não fizerem isso, vou deixar vocês aqui até que estejam grisalhas e enrugadas. E Sevanna vai ouvir falar de Perrin Aybara."

"Pode levar tempo", disse Faile desesperadamente. "Não estaremos livres para entrar na tenda de Therava sempre que quisermos." Luz, a última coisa no mundo que ela queria era chegar perto da tenda de Therava. Mas Galina disse que iria ajudá-las. Ela podia ser vil, mas Aes Sedai não podiam mentir.

"Você tem todo o tempo de que precisa," Galina respondeu. "O resto de sua vida, Lady Faile t'Aybara, se não tomar cuidado. Não me falhe." Ela lançou um último olhar duro para Faile, depois se virou para andar na neve, segurando os braços como se tentasse esconder o cinto de joias atrás das mangas largas. Faile continuou lutando em silêncio. Nenhuma de suas companheiras tinha nada a dizer também. Não parecia haver nada a dizer. Alliandre parecia afundada em pensamentos, as mãos nas mangas, olhando para a frente como se visse algo além da nevasca. Maighdin voltara a agarrar seu colarinho dourado com um punho apertado. Elas foram pegas em três armadilhas, não uma, e qualquer uma das três poderia matar. O resgate de repente parecia muito atraente. De alguma forma, porém, Faile pretendia sair dessa armadilha. Afastando a mão do próprio colarinho, ela lutou contra a tempestade de neve, planejando.

Capítulo 5

Bandeiras

Ele corria pela planície coberta de neve, nariz contra o vento, procurando por um cheiro, por aquele cheiro precioso. A neve que caía não derretia mais em seu pelo gelado, mas o frio não conseguia detê-lo. As almofadas de suas patas estavam dormentes, mas suas pernas em chamas trabalhavam furiosamente, carregando-o cada vez mais rápido, até que a terra se turvou em seus olhos. Ele tinha que encontrá-la.

De repente, um grande lobo cinza grisalho, com orelhas esfarrapadas e cicatrizes de muitas lutas, desceu do céu para correr contra o sol ao lado dele. Outro grande lobo cinzento, mas não tão grande quanto ele. Seus dentes rasgariam as gargantas daqueles que a levaram. Suas mandíbulas esmagariam seus ossos!

Sua fêmea não está aqui, Saltador mandou para ele, mas você está aqui muito forte e muito longe de seu corpo. Você deve voltar, Jovem Touro, ou morrerá.

Devo encontrá-la. Até seus pensamentos pareciam ofegar. Ele não se considerava Perrin Aybara. Ele era o Jovem Touro. Uma vez, havia encontrado o falcão aqui, e conseguiria novamente. Tinha que encontrá-la. Além dessa necessidade, a morte não era nada. Em um lampejo de cinza, o outro lobo se lançou contra seu lado, e embora o Jovem Touro fosse o maior, ele estava cansado e caiu pesadamente. Ficando de pé no gramado, ele rosnou e se lançou na garganta de Saltador. Nada importava mais do que o falcão. O lobo cheio de cicatrizes voou no ar como um pássaro, e o Jovem Touro se esparramou. Saltador iluminou a neve atrás dele.

Ouçame, filhote! Saltador pensou nele ferozmente. *Sua mente está distorcida de medo! Ela não está aqui, e você vai morrer se ficar mais tempo, encontre-a no mundo desperto. Você só pode encontrá-la lá. Volte e encontre-a!* Os olhos de Perrin se abriram. Os ossos estavam cansados e sua barriga parecia oca, mas a fome era uma sombra ao

lado do vazio em seu peito. Ele estava todo vazio e distante até de si mesmo, como se fosse outra pessoa assistindo Perrin Aybara sofrer.

Acima dele, o teto de uma barraca listrado de azul e dourado ondulava ao vento. O interior da tenda estava escuro e sombrio, mas a luz do sol fazia a superfície de cor forte brilhar suavemente. E o ontem não tinha sido mais um pesadelo do que Saltador. Luz, ele tentou matar Saltador. No Sonho de Lobo, a morte era... definitiva. O ar estava quente, mas ele estremeceu. Estava deitado em um colchão de penas, em uma cama grande com pesadas colunas de canto densamente esculpidas e douradas. Através do cheiro de carvão queimando nos braseiros, ele sentiu o perfume almiscarado, e a mulher que o usava. Ninguém mais estava presente.

Sem levantar a cabeça do travesseiro, ele disse: "Eles já a encontraram, Berelain?" Sua cabeça parecia pesada demais para levantar.

Uma de suas cadeiras de acampamento rangeu fracamente quando ela se mexeu. Ele já estivera ali antes, com Faile, para discutir planos. A tenda era grande o suficiente para abrigar uma família, e os móveis elaborados de Berelain não pareceriam deslocados em um palácio, todo entalhado e dourado, embora tudo, mesas e cadeiras e a própria cama, estivessem presos com cavilhas. Eles podiam ser desmontados para armazenamento em um carrinho, mas os pinos não davam verdadeira robustez. Sob o perfume, Berelain cheirava a surpresa por ele saber que ela estava ali, mas sua voz estava composta. "Não. Seus batedores ainda não voltaram, e os meus... Quando eles não voltaram ao anoitecer, enviei uma companhia completa. Eles encontraram meus homens mortos em uma emboscada, mortos antes de terem percorrido mais de oito ou dez quilômetros. Ordenei a Lord Gallenne que mantivesse uma vigilância apertada ao redor dos acampamentos. Arganda também tem uma guarda forte montada, mas enviou patrulhas. Contra o meu conselho. O homem é um tolo. Ele acha que ninguém pode encontrar Alliandre além dele. Não tenho certeza se ele acredita que mais alguém está realmente tentando. Certamente não os Aiel."

As mãos de Perrin apertaram os cobertores de lã macia que o cobriam. Gaul não seria pego de surpresa, nem Jondyn, nem mesmo os Aiel. Eles ainda estavam caçando, e isso significava que Faile estava viva. Eles teriam voltado há muito tempo se tivessem encontrado o corpo dela. Ele tinha que acreditar nisso. Levantou um dos cobertores azuis um pouco. Abaixo deles, ele estava nu. "Há uma explicação para isso?" Sua voz não mudou, mas cautela brilhou em seu cheiro.

"Você e seu armeiro poderiam ter morrido congelados se eu não tivesse ido procurá-los quando Nurelle voltou com notícias de meus batedores. Ninguém mais teve coragem de perturbá-lo; aparentemente você rosnou como um lobo para todos que o fizeram. Quando te encontrei, você estava tão entorpecido que não conseguia ouvir ninguém falar com você, e o outro homem estava pronto para cair de cara. Sua mulher Lini ficou com ele — tudo que ele precisava era de sopa quente e cobertores — mas eu mandei carregarem você até aqui. Você podia ter perdido alguns dedos do pé na melhor das hipóteses sem Annoura. Ela... Ela parecia com medo de que você morresse mesmo depois que ela o curou. Você dormiu como um homem já morto. Ela disse que você quase se sente como alguém que perdeu a alma, frio, não importa quantos cobertores estivessem empilhados em você. Eu senti isso, também, quando toquei em você."

Muita explicação para poucas respostas. A raiva explodiu, uma raiva distante, mas ele a reprimiu. Faile sempre ficava com ciúmes quando ele levantava a voz para Berelain. A mulher não receberia gritos dele. "Grady ou Neald poderiam ter feito o que fosse necessário", disse ele com uma voz monótona. "Até Seonid e Masuri estavam mais próximas."

"Minha própria conselheira veio à mente primeiro. Nunca pensei nos outros até estar quase de volta aqui. De qualquer forma, importa quem fez a cura?" Tão plausível. E se ele perguntasse por que a própria Primeira de Mayene estava cuidando dele em uma tenda meio escura em vez de suas servas, ou alguns de seus soldados, ou mesmo Annoura, ela teria outra resposta plausível. Ele não queria ouvir.

"Onde estão minhas roupas?" ele perguntou, apoiando-se nos cotovelos. Sua voz ainda não tinha expressão.

Uma única vela em uma mesinha ao lado da cadeira de Berelain dava a única luz real na tenda, mas era mais do que suficiente para seus olhos, mesmo granulados de cansaço. Ela estava vestida com bastante recato, em um vestido de montaria verde-escuro com gola alta que aninhava seu queixo em uma gola grossa de renda. Colocar recato em Berelain era como colocar uma pele de carneiro em um gato do mato. Seu rosto estava levemente sombreado, bonito e indigno de confiança. Ela faria o que prometeu, mas, como uma Aes Sedai, faria isso por suas próprias razões, e as coisas sobre as quais ela não fez promessas poderiam apunhalar você pelas costas.

"No baú ali", disse ela, gesticulando com uma mão graciosa quase escondida em renda clara. "Eu pedi para Rosene e Nana limpá-las, mas você precisa de descanso e comida mais do que roupas. E antes de chegarmos à comida e negócios, quero que você saiba que ninguém espera que Faile esteja viva mais do que eu." Sua expressão era tão aberta e honesta, ele poderia ter acreditado nela se ela fosse qualquer outra pessoa. Ela até conseguiu cheirar honesta!

"Eu preciso das minhas roupas agora." Ele se virou para se sentar ao lado da cama com os cobertores puxados sobre as pernas. As roupas que ele estava usando estavam dobradas cuidadosamente em um baú de viagem com faixas que foi esculpido e ornado por uma polegada de seu material. Sua capa forrada de peles estava pendurada em uma extremidade do baú, e seu machado estava encostado ao lado de suas botas nos tapetes floridos em camadas, formando um piso. Luz, ele estava cansado. Não sabia há quanto tempo estava no Sonho do Lobo, mas estar acordado lá era estar acordado, no que dizia respeito ao seu corpo. Seu estômago roncou alto. "E comida."

Berelain fez um som exasperado em sua garganta e se levantou, alisando suas saias, seu queixo erguido em desaprovação. "Annoura não vai gostar de você quando ela voltar da conversa com os Sábias," ela disse com firmeza. "Você não pode simplesmente ignorar as Aes Sedai. Você não é Rand al'Thor, como elas provarão mais cedo ou mais tarde."

Mas ela saiu da tenda, deixando entrar um redemoinho de ar frio. Em seu desagrado, ela nem se deu ao trabalho de levar uma capa. Através da lacuna momentânea nas abas de entrada, ele viu que ainda estava nevando. Não tão forte quanto ontem à noite, mas flocos brancos caíam de forma constante. Mesmo Jondyn teria dificuldade em encontrar sinais depois da noite passada. Ele tentou não pensar nisso.

Quatro braseiros aqueciam o ar na barraca, mas o gelo penetrou em seus pés assim que eles atingiram os tapetes, e ele correu para suas roupas. Cambaleou até elas, na verdade, embora não fosse cair por isso. Estava tão cansado que poderia ter se deitado nos tapetes e adormecido novamente. Além disso, ele se sentia fraco como um cordeiro recém-nascido. Talvez o Sonho do Lobo também tivesse algo a ver com isso – indo lá com tanta força quanto foi, abandonando seu corpo – mas a Cura provavelmente exacerbou as coisas. Sem nada para comer desde o café da manhã de ontem e uma noite passada na neve, ele não tinha reservas para se alimentar. Agora suas mãos se atrapalhavam com a simples tarefa de vestir suas roupas de baixo. Jondyn a encontraria. Ou Gaul o faria. Encontrá-la viva. Nada mais no mundo importava. Ele se sentiu entorpecido. Não esperava que Berelain voltasse, mas uma rajada de frio entrou carregando seu perfume enquanto ele ainda vestia as calças. O olhar dela nas costas dele era como dedos acariciando, mas ele se obrigou a continuar como se estivesse sozinho. Ela não teria a satisfação de vê-lo apressado porque estava observando. Ele não olhou para ela.

“Rosene está trazendo comida quente”, disse ela. “Há apenas guisado de carneiro, receio, mas eu disse a ela para trazer o suficiente para três homens.” Ela hesitou, e ele ouviu seus chinelos se mexendo nos tapetes. Ela suspirou suavemente. “Perrin, eu sei que você está sofrendo. Há coisas que você pode querer dizer que não pode a outro homem. Não consigo ver você chorando no ombro de Lini, então ofereço o meu. Podemos pedir uma trégua até que Faile seja encontrada.”

"Uma trégua?" ele disse, curvando-se cuidadosamente para puxar uma bota. Cuidando bem para que não caísse. Meias de lã grossas e

solas grossas de couro deixariam seus pés quentes em breve. “Por que precisamos de uma trégua?”

Ela ficou em silêncio enquanto ele vestia a outra bota e dobrava as dobras abaixo dos joelhos, sem falar até que ele tivesse acabado os cadarços da camisa e a estivesse enfiando nas calças. “Muito bem, Perrin. Se é assim que você quer.” O que quer que isso significasse, ela parecia muito determinada. De repente, ele se perguntou se seu nariz havia falhado. Seu cheiro estava ofendido, de todas as coisas! Quando ele olhou para ela, porém, ela exibia um leve sorriso. Por outro lado, aqueles olhos grandes tinham um brilho de raiva. “Os homens do Profeta começaram a chegar antes do amanhecer”, ela disse em uma voz viva, “mas até onde eu sei, ele ainda não veio. Antes de vê-lo novamente...”

“Começaram a chegar?”, ele interrompeu. “Masema concordou em trazer apenas uma guarda de honra, cem homens.”

“Seja o que for que ele concordou, havia três ou quatro mil da última vez que olhei – um exército de rufiões, todos os homens em um raio de quilômetros que podiam carregar uma lança, ao que parecia – e mais vindo de todas as direções.”

Apressadamente, ele vestiu o casaco e afivelou o cinto sobre ele, acomodando o peso do machado em seu quadril. Sempre parecia mais pesado do que deveria. “Vamos ver isso! Que me queime, não serei pesado com seus vermes assassinos!”

“Seus vermes são um aborrecimento comparados ao próprio homem. O perigo está com Masema.” Sua voz era fria, mas o medo firmemente controlado estremeceu em seu cheiro. Sempre acontecia quando ela falava de Masema. “As irmãs e as Sábias têm razão quanto a isso. Se você precisa de mais provas do que seus próprios olhos, ele está se encontrando com os Seanchan.”

Isso o atingiu como um martelo, especialmente depois das notícias de Balwer sobre os combates em Altara. “Como você sabe?” Ele perguntou. “Seus caçadores de ladrões?” Ela tinha um par, trazido de Mayene, e os enviou para descobrir o que podiam em cada cidade ou vila. Entre eles, eles nunca descobriram metade do que Balwer descobria. Não que ela disse a ele, de qualquer maneira.

Berelain balançou a cabeça levemente, com pesar. “Os... retentores de Faile. Três deles nos encontraram pouco antes de os Aiel atacarem. Eles conversaram com homens que viram uma enorme criatura voadora pousar.” Ela estremeceu um pouco ostensivamente, mas pelo seu cheiro, era uma reação verdadeira. Nenhuma surpresa; ele tinha visto algumas das bestas uma vez, e um Trolloc não se parecia mais com uma Cria das Trevas. “Uma criatura carregando um passageiro. Eles a rastrearam até Abila, até Masema. Não acredito que tenha sido um primeiro encontro. Parecia que tinham prática, para mim.”

De repente, seus lábios se curvaram em um sorriso, ligeiramente zombeteiro, paquerador. Desta vez, seu cheiro combinava com seu rosto. “Não foi muito gentil da sua parte me fazer pensar que aquele seu secretário seco estava descobrindo mais do que meus caçadores de ladrões quando você tem duas dúzias de olhos e ouvidos disfarçados de retentores de Faile. Devo admitir, você me enganou. Há sempre novas surpresas para encontrar em você. Por que você parece tão assustado? Você realmente achou que podia confiar em Masema depois de tudo o que vimos e ouvimos?”

O olhar de Perrin tinha pouco a ver com Masema. Essa notícia podia significar muito ou nada. Talvez o homem pensasse que poderia levar os Seanchan ao Lorde Dragão também. Ele estava louco o suficiente para isso. Mas... Faile tinha aqueles tolos espionando? Esgueirando-se em Abila? E a Luz sabia onde mais. Claro, ela sempre disse que espionar era trabalho de esposa, mas ouvir fofocas em um palácio era uma coisa; isso era completamente diferente. Ela poderia ter dito a ele, pelo menos. Ou ela ficou quieta porque seus retentores não eram os únicos a meter o nariz onde não deviam? Seriam como ela. Faile realmente possuía o espírito de um falcão. Ela podia achar divertido espionar a si mesma. Não, ele não ia ficar bravo com ela, certamente não agora. Luz, ela pensaria que era divertido. “Fico feliz em saber que você pode ser discreto” murmurou Berelain. “Eu não teria pensado isso em sua natureza, mas discrição pode ser uma coisa boa. Especialmente agora. Meus homens não foram mortos por Aiel, a menos que Aiel tenham usado bestas e machados.”

Sua cabeça se ergueu e, apesar de suas melhores intenções, ele olhou para ela. “Você diz isso agora? Há mais alguma coisa que você esqueceu de me dizer, alguma coisa que escapou de sua mente?”

“Como você pode perguntar?” ela quase riu. “Eu teria que me despir para revelar mais do que já mostrei.” Abrindo os braços, ela torceu-se ligeiramente como uma cobra, como se quisesse demonstrar.

Perrin rosnou de desgosto. Faile estava desaparecida, só a Luz sabia se ela estava viva – Luz, deixe-a estar viva! — e Berelain escolhia agora para se exhibir mais do que nunca? Mas ela era quem ela era. Ele deveria estar agradecido por ela ter se agarrado à decência por tempo suficiente para ele se vestir. Olhando-o pensativamente, ela passou a ponta do dedo ao longo de seu lábio inferior. “Apesar do que você pode ter ouvido, você será apenas o terceiro homem a compartilhar minha cama.” Seus olhos estavam... esfumaçados... mas ela poderia estar dizendo que ele era o terceiro homem com quem ela falava naquele dia. *O cheiro dela... A única coisa que me veio à mente foi um lobo olhando para um cervo preso em espinheiros.* “Os outros dois eram políticos. Você será por prazer. Em mais de uma maneira,” ela terminou com um toque surpreendente de mordida. Nesse momento, Rosene entrou na tenda em uma onda de ar gelado, sua capa azul jogada para trás e carregando uma bandeja oval de prata coberta com um pano de linho branco. Perrin fechou a boca, rezando para que ela não tivesse ouvido. Sorrindo, Berelain parecia não se importar. Colocando a bandeja na mesa maior, a robusta criada estendeu suas saias listradas de azul e dourado em uma profunda reverência para Berelain e outra, mais curta, para ele. Seus olhos escuros se demoraram nele por um momento, e ela sorriu, tão satisfeita quanto sua dona, antes de juntar a capa e sair correndo novamente com um gesto rápido de Berelain. Ela tinha ouvido, tudo bem. A bandeja exalava o cheiro de ensopado de carneiro e vinho condimentado que fez a barriga de Perrin roncar novamente, mas ele não teria ficado para comer nem se suas pernas estivessem quebradas.

Jogando a capa sobre os ombros, ele caminhou para a neve suave, puxando suas manoplas. Nuvens pesadas encobriam o sol, mas o amanhecer havia passado há algumas horas, pela luz. Caminhos

havam sido abertos pela neve no chão, mas o branco que caía do céu estava se acumulando em galhos nus e dando novos casacos às sempre-vivas. Esta tempestade estava longe de terminar. Luz, como a mulher pôde falar com ele desse jeito? Por que ela falaria daquele jeito, e agora? “Lembre-se”, gritou Berelain atrás dele, sem fazer nenhum esforço para silenciar a voz.

"Descrição." Com um estremecimento, ele acelerou o passo.

A uma dúzia de passos da grande tenda listrada, percebeu que havia esquecido de perguntar a localização dos homens de Masema. À sua volta, os Guarda Alada aqueciam-se em fogueiras, blindados e encapuzados e perto das suas montarias seladas nas linhas dos cavalos. Suas lanças estavam bem próximas em cones com pontas de aço que arrastavam flâmulas vermelhas ao vento. Apesar das árvores, uma linha reta poderia ter sido traçada através de qualquer fileira daquelas fogueiras, e elas eram tão próximas de ser mesmo tamanho quanto humanamente possível. As carroças de suprimentos que haviam adquirido vindo para o sul estavam todas carregadas, os cavalos atrelados e também dispostos em linhas rígidas. As árvores não escondiam completamente a crista do morro. Homens de Dois Rios ainda montavam guarda lá em cima, mas as tendas estavam desmontadas, e ele podia distinguir cavalos de carga carregados. Pensou ter visto um casaco preto também; um dos Asha'man, embora ele não pudesse ver qual. Entre os ghealdanos, grupos de homens olhavam para o topo da colina, mas apesar de tudo, eles pareciam tão prontos quanto os mayenos. Os dois acampamentos foram até mesmo dispostos da mesma forma. Mas em nenhum lugar havia qualquer sinal de que milhares de homens estavam se reunindo, nenhum caminho largo e pisoteado na neve para seguir. Aliás, não havia pegadas entre os três acampamentos. Se Annoura estava com as Sábias, ela estava no morro há algum tempo. O que elas estavam falando? Provavelmente como matar Masema sem ele descobrir que elas eram as responsáveis. Ele olhou para a barraca de Berelain, mas o pensamento de voltar lá com ela fez com que ele se arrepiasse.

Uma outra barraca permanecia montada, não muito longe, a barraca listrada menor pertencente às duas servas de Berelain. Apesar

da garoa da neve, Rosene e Nana sentavam-se em bancos de acampamento em frente à tenda menor, cobertas e encapuzadas, aquecendo as mãos sobre uma pequena fogueira. Semelhantes como duas ervilhas na vagem, nenhuma delas era bonita, mas tinham companhia, provavelmente a razão pela qual não estavam amontoadas em torno de um braseiro lá dentro. Sem dúvida, Berelain insistia em mais decoro em suas servas do que conseguia para si mesma. Normalmente, os caçadores de ladrões de Berelain raramente pareciam falar mais de três palavras juntas, pelo menos aos ouvidos de Perrin, mas estavam animados e rindo com Rosene e Nana. Vestidos com simplicidade, o par era tão indescritível que você não notaria um esbarrando nele na rua. Perrin ainda não tinha certeza de qual era Santes e qual era Gendar. Uma pequena chaleira colocada ao lado do fogo cheirava a ensopado de carneiro; ele tentou ignorá-lo, mas seu estômago roncou de qualquer maneira.

A conversa parou quando ele se aproximou, e antes que ele chegasse ao fogo, Santes e Gendar olharam dele para a tenda de Berelain, os rostos absolutamente inexpressivos, então puxaram suas capas ao redor deles e saíram correndo, evitando seus olhos. Rosene e Nana olharam de Perrin para a barraca e riram com as mãos em concha. Perrin não sabia se corava ou uivava.

“Vocês por acaso sabem onde os homens do Profeta estão se reunindo?” ele perguntou.

Manter seu nível de voz era difícil com todas as sobrancelhas arqueadas e sorrisos. "Sua senhora esqueceu de me dizer exatamente." A dupla trocou olhares escondidos por seus capuzes e riu atrás de suas mãos novamente. Ele se perguntou se elas não teriam cérebro, mas duvidava que Berelain fosse tolerar cérebros moles ao seu redor por muito tempo.

Depois de uma grande quantidade de risadinhas intercaladas com olhares rápidos para ele, uma para a outra, e para a tenda de Berelain, Nana admitiu que não tinha certeza, mas achava que era numa direção, acenando vagamente com a mão em direção ao sudoeste. Rosene tinha certeza de ter ouvido sua ama dizer que não eram mais

de três quilômetros. Ou talvez três. Elas ainda estavam rindo quando ele se afastou. Talvez elas realmente fossem tolas.

Cansado, ele caminhou pela colina pensando no que tinha que fazer. A profundidade da neve que ele teve que atravessar uma vez que deixou o acampamento de mayeno não melhorou seu mau humor. Nem as decisões que ele tomou. Só ficou pior depois que ele chegou onde seu próprio povo estava acampado.

Tudo estava como ele havia ordenado. Cairhienos encapuzados sentavam-se em carroças carregadas com as rédeas enroladas em um pulso ou dobradas sob a anca, e outras figuras baixas moviam-se ao longo das linhas principais de montarias, acalmando os cavalos nos cabrestos. Os homens de Dois Rios que não estavam no topo da colina agachavam-se em torno de dezenas de pequenas fogueiras espalhadas pelas árvores, vestidos para cavalgar e segurando as rédeas de seus cavalos. Não havia ordem neles, não como a dos soldados nos outros acampamentos, mas eles enfrentaram Trollocs e Aiel. Todo homem tinha o arco pendurado nas costas e uma aljava cheia no quadril, às vezes equilibrada por uma espada ou espada curta também. Por incrível que pareça, Grady estava em uma das fogueiras. Os dois Asha'man geralmente se mantinham um pouco afastados dos outros homens, e vice-versa também. Ninguém estava falando, apenas se concentrando em ficar aquecido. Os rostos sombrios diziam a Perrin que Jondyn ainda não havia retornado, nem Gaul, nem Elyas ou qualquer outra pessoa. Ainda havia uma chance de trazê-la de volta. Ou pelo menos descobrir onde ela era mantida. Por um tempo, parecia que esses eram os últimos bons pensamentos que ele teria no dia. A Águia Vermelha de Manetheren e seu próprio estandarte de cabeça de lobo pendiam frouxos na neve que caía, em dois bastões encostados em uma carroça.

Ele havia planejado usar aquelas bandeiras com Masema da mesma forma que tinha usado ao vir para o sul, escondendo-se a céu aberto. Se um homem era louco o suficiente para tentar recuperar as antigas glórias de Manetheren, ninguém procurava mais fundo por qualquer outra razão de ele marchar com um pequeno exército, e desde que ele não demorasse, eles estariam muito satisfeitos em ver

o louco cavalgando para tentar detê-lo. Havia problemas suficientes na terra sem chamar mais para sua cabeça. Deixavam outra pessoa lutar e sangrar e perder homens que seriam necessários no plantio da primavera. As fronteiras de Manetheren corriam quase até onde Murandy estava agora e, com sorte, ele poderia ter entrado em Andor, onde Rand tinha um aperto firme, antes de ter que desistir do disfarce. Isso estava mudado, agora, e ele sabia o preço de mudar. Um preço muito grande. Estava disposto a pagar, só que não seria ele quem pagaria. Teria pesadelos com isso, no entanto.

Capítulo 6

O Cheiro da Loucura

Procurando por Dannil na neve que caía, Perrin o encontrou em uma das fogueiras e se empurrou entre os cavalos. Os outros homens se endireitaram e recuaram o suficiente para lhe dar espaço. Sem saber se deveriam oferecer simpatia, eles mal olharam para ele e desviaram os olhos quando o fizeram, escondendo os rostos em seus capuzes. “Você sabe onde está o pessoal de Masema?” ele perguntou, então teve que esconder um bocejo atrás de sua mão. Seu corpo queria dormir, mas não havia tempo.

“Cerca de cinco quilômetros ao sudoeste” respondeu Dannil com voz azeda, e puxou irritado o bigode. Então, os cérebros de ganso estavam certos, afinal.

“Chegando como patos no Waterwood no outono, e muitos deles parecem que vão esfolar suas próprias mães.” Lem al'Dai, com cara de cavalo, cuspiu desgostoso pela fenda entre os dentes que estava ali porque ele havia brigado com o guarda de um comerciante de lã muito tempo atrás. Lem gostava de lutar com os punhos; ele parecia ansioso para pegar uma briga com alguns dos seguidores de Masema.

“Eles esfolariam se Masema mandasse”, disse Perrin calmamente. “É melhor vocês se certificarem de que todos se lembrem disso. Vocês ouviram sobre como os homens de Berelain morreram?” Dannil deu um aceno brusco, e alguns dos outros trocaram as botas e resmungaram com raiva baixinho.

“Só para você saber. Ainda não há provas de nada.” Lem bufou, e o resto parecia tão sombrio quanto o de Dannil. Eles tinham visto os cadáveres que os seguidores de Masema deixaram para trás.

A neve estava aumentando, flocos grossos que pontilhavam as capas dos homens. Os cavalos mantinham as caudas dobradas contra o frio. Seria uma nevasca completa novamente em algumas horas, se não antes. Sem tempo para deixar o calor do fogo. Sem tempo para estar em movimento.

“Traga todo mundo para fora do morro e vá para onde estava a armadilha”, ele ordenou. Essa foi uma das decisões que ele tomou, voltando. Já havia demorado demais, não importava quem ou o que estivesse lá fora. Os renegados Aiel estavam muito na liderança, e se eles estivessem indo em qualquer direção que não fosse sul ou leste, alguém já teria trazido notícias a essa altura. A essa altura, eles esperariam que ele os estivesse seguindo. “Vamos cavalgar até que eu tenha uma ideia melhor de para onde estamos indo, então Grady ou Neald nos levarão até lá através de um portão. Envie homens para Berelain e Arganda. Eu quero os mayenos e ghealdanos se movendo também. Mande batedores e flanqueadores, e diga a eles para não procurarem por Aiel com tanta força que esqueçam que há outros que podem querer nos matar. Não quero tropeçar em nada antes de saber que está lá. E peça às Sábias que fiquem perto de nós.” Ele não deixaria Arganda tentar colocá-los em questão apesar de suas ordens. Se as Sábias matassem alguns dos ghealdanos se defendendo, o sujeito poderia atacar por conta própria, com fidelidade ou não. Ele tinha a sensação de que ia precisar de todos os lutadores que pudesse encontrar. “Seja tão firme quanto você se atrever.” Dannil absorveu calmamente a enxurrada de ordens, mas por fim sua boca se torceu em uma careta doentia. Provavelmente, ele logo tentaria ser firme com o Círculo de Mulheres em casa.

“Como você disser, Lorde Perrin,” ele disse rigidamente, tocando um dedo na testa antes de balançar em sua sela de cano alto e começar a gritar ordens.

Cercado por homens correndo para montar, Perrin agarrou a manga de Kenly Maerin enquanto o jovem ainda estava com um pé no estribo e pediu que ele selasse e trouxesse Stepper.

Com um largo sorriso, Kenly franziu a testa. “Como você disser, Lorde Perrin. Agora mesmo.”

Perrin rosnou dentro de sua cabeça enquanto Kenly caminhava em direção às linhas de cavalos puxando seu cavalo castrado marrom atrás de. O filhote não deveria deixar crescer a barba se ele fosse coçá-la o tempo todo. A coisa era irregular, de qualquer maneira. Esperando por seu cavalo, ele se aproximou das chamas. Faile disse que tinha

que viver com todo mundo o chamando de Lorde Perrin ou se curvando e puxando saco, e na maioria das vezes ele conseguia ignorar, mas hoje isso era outra gota de bile. Ele podia sentir um abismo crescendo entre ele e os outros homens de casa, e parecia ser o único que queria transpor isso. Gill o encontrou murmurando para si mesmo enquanto estendia as mãos para as chamas.

"Perdoe-me por incomodá-lo, meu Senhor", disse Gill, curvando-se e arrancando brevemente seu chapéu para revelar um couro cabeludo de palha fina.

O chapéu voltou para sua cabeça novamente para evitar a neve. Criado na cidade, ele sentia muito o frio. O homem corpulento não era obsequioso — poucos estalajadeiros de Caemlyn eram — mas parecia gostar de certa formalidade. Ele certamente se encaixara em seu novo emprego o suficiente para agradar Faile. "É o jovem Tallanvor. Ao amanhecer, selou o cavalo e partiu. Ele disse que você deu permissão a ele, se... se os grupos de busca não tivessem retornado até então, mas eu me perguntei, já que você não deixaria mais ninguém ir."

O tolo. Tudo em Tallanvor o marcava como um soldado experiente, embora ele nunca tivesse sido muito claro sobre seu passado, mas sozinho contra Aiel, ele era uma lebre perseguindo doninhas. *Luz, eu quero correr com ele! Eu não deveria ter ouvido Berelain sobre emboscadas.* Mas houve outra emboscada. Os batedores de Arganda podiam terminar da mesma maneira. Mas ele tinha que se mover. Ele tinha. "Sim," ele disse em voz alta. "Eu disse a ele que podia." Se ele dissesse o contrário, poderia ter que punir o homem mais tarde. Lordes tinham que fazer esse tipo de coisa. Se ele visse o homem vivo novamente. "Você soa como se quisesse ir caçar você mesmo."

"Eu gosto muito de Maighdin, meu Senhor," Gill respondeu. A dignidade serena marcava sua voz e um grau de rigidez, como se Perrin tivesse dito que ele era velho e gordo demais para a tarefa. Ele certamente cheirava a aborrecimento, todo espinhoso e ruivo, embora seu rosto avermelhado estivesse liso. "Não como Tallanvor — não é nada disso, é claro — mas sou muito afeiçoado mesmo assim. E a Lady Faile, é claro", acrescentou apressadamente. "É só que parece que conheço Maighdin a vida toda. Ela merece coisa melhor."

A visão de Perrin embaçou na frente de sua boca. “Eu entendo, Mestre Gill.” Ele entendia. Ele mesmo queria resgatar a todas, mas sabia que se tivesse que escolher, pegaria Faile e deixaria as outras irem. Tudo poderia ir embora, para salvá-la. O cheiro de cavalo estava pesado no ar, mas ele sentiu o cheiro de outra pessoa que estava irritada e olhou por cima do ombro.

Lini estava olhando para ele no meio do tumulto, mudando de posição apenas o suficiente para não ser derrubada acidentalmente por homens que se acotovelavam para formar filas irregulares. Uma mão ossuda agarrou a borda de sua capa, e a outra segurava um porrete cravejado de latão, quase tão longo quanto seu braço. Era uma maravilha que ela não tivesse ido com Tallanvor.

“Você vai ouvir notícias assim que eu ouvir”, ele prometeu a ela. Um estrondo em sua barriga o lembrou de repente e com força daquele ensopado que havia desprezado. Quase podia provar o carneiro e as lentilhas. Outro bocejo estalou suas mandíbulas. “Perdoe-me, Lini,” ele disse quando conseguiu falar. “Não dormi muito ontem à noite. Ou tive algo para comer. Há alguma coisa? Um pouco de pão e o que tiver à mão?”

“Todo mundo comeu há muito tempo”, ela retrucou. “Os restos se foram, e as chaleiras foram limpas e guardadas. Coma muitos pratos e você merece uma dor de barriga que vai te abrir. Especialmente quando eles não são seus pratos.” Deixando-se arrastar em murmúrios insatisfeitos, ela fez uma careta para ele por mais um momento antes de se afastar, olhando para o mundo.

“Muitos pratos?” Murmurou Perrin. “Eu não comi um; esse é o meu problema, não uma dor de barriga.” Lini estava atravessando o acampamento, abrindo caminho entre cavalos e carroças. Três ou quatro homens falaram com ela de passagem, e ela latiu para todos, até mesmo sacudindo o cacete se eles não entendessem a dica. A mulher devia estar louca por causa de Maighdin. “Ou aquilo era um dos ditados dela? Eles geralmente fazem mais sentido do que isso.”

“Ah... bem, quanto a isso, agora...” Gill arrancou seu chapéu novamente e olhou para dentro, então o enfiou de volta. “Eu... ah... eu

tenho que cuidar das carroças, meu Senhor. Precisa ter certeza de que tudo está pronto.”

“Um cego pode ver que as carroças estão prontas”, disse Perrin. “O que é?”

A cabeça de Gill balançou descontroladamente em busca de outra desculpa. Não encontrando nenhuma, ele murmurou. “Eu... suponho que você vai ouvir mais cedo ou mais tarde”, ele murmurou. “Você vê, meu Senhor, Lini...” Ele respirou fundo. “Ela foi até o acampamento mayeno esta manhã, antes do nascer do sol, para ver como você estava e... ah... por que você não voltou. A tenda da Primeira estava escura, mas uma de suas criadas estava acordada, e ela disse a Lini... Ela insinuou... quero dizer... Não olhe para mim desse jeito, meu Senhor.”

Perrin amansou o rosnado de seu rosto. Tentou, pelo menos. Aquilo ficou em sua voz. “Que me queime, eu dormi naquela barraca, homem. Isso é tudo que eu fiz! Diga isso a ela!”

Um violento acesso de tosse arrasou o homem corpulento. “Eu?” Gill ofegou quando conseguiu falar. “Você quer que eu diga a ela? Ela vai quebrar minha cabeça se eu mencionar uma coisa dessas! Acho que a mulher nasceu em Far Madding durante uma tempestade. Ela provavelmente disse ao trovão para ficar quieto. Provavelmente sim.”

“Você é *shambayan*”, Perrin disse a ele. “Nem tudo pode ser carregar carrinhos na neve.” Ele queria morder alguém!

Gill pareceu sentir. Resmungando suas cortesias, ele fez uma reverência brusca e saiu correndo segurando seu manto. Não para encontrar Lini, Perrin tinha certeza. Gill colocava ordem a casa, tal como era, mas nunca mandava nela. Ninguém mandava em Lini, exceto Faile.

Tristemente, Perrin observou os batedores cavalgando pela neve que caía, dez homens já observando as árvores ao redor deles antes que estivessem além da vista das carroças. Luz, as mulheres acreditariam em qualquer coisa sobre um homem, desde que fosse ruim. E quanto pior era, mais elas tinham que falar sobre isso. Ele achou que Rosene e Nana eram tudo com que ele precisava se preocupar. Provavelmente Lini havia contado a Breane, a outra empregada de Faile, logo ao voltar, e a essa altura, Breane certamente

havia contado a todas as mulheres do acampamento. Havia muitas entre os tratadores de cavalos e condutores de carroças, e cairhienas sendo cairhienas, elas provavelmente estavam ansiosas para contar tudo para os homens também. Esse tipo de coisa não era visto com bons olhos em Dois Rios. Uma vez que você ganhava a reputação, perdê-la não era fácil. De repente, os homens que se afastavam para lhe dar espaço ganharam uma nova luz, e a forma incerta com que o olhavam, e até Lem cuspiu. Na memória, o sorriso de Kenly se tornou um sorriso malicioso. O único ponto positivo era que Faile não acreditaria. Claro que ela não acreditaria. Certamente não.

Kenly voltou em um trote trôpego pela neve, puxando Stepper e seu próprio cavalo capão atrás. Ambos os cavalos estavam sofrendo com o frio, suas orelhas dobradas para trás e caudas apertadas, e o garanhão pardo não fez nenhum esforço para morder a montaria de Kenly, como normalmente faria.

"Não mostre os dentes o tempo todo", Perrin retrucou, pegando as rédeas de Stepper. O menino olhou para ele em dúvida, então se esgueirou para longe olhando por cima do ombro.

Rosnando baixinho, Perrin verificou a circunferência da sela do garanhão. Era hora de encontrar Masema, mas ele não montou. Disse a si mesmo que era porque estava cansado e com fome, que queria apenas um pouco de descanso e alguma coisa na barriga, se conseguisse encontrar alguma coisa. Ele disse isso a si mesmo, mas continuou vendo fazendas queimadas e corpos pendurados à beira da estrada, homens e mulheres e até crianças. Mesmo que Rand ainda estivesse em Altara, era um longo caminho. Um longo caminho, e ele não tinha escolha. Nenhuma que ele pudesse se fazer tomar.

Estava com a testa afundada na sela de Stepper quando a delegação de jovens tolos que se juntaram a Faile o procurou, quase uma dúzia deles. Ele se endireitou, cansado, desejando que a neve enterrasse todos.

Selando plantou-se ao lado dos quartos traseiros de Stepper, uma mulher baixa e esguia com os punhos com luvas verdes nos quadris e uma carranca raivosa na testa. Ela conseguia se gabar parada. Apesar da neve caindo, um lado de sua capa foi jogado para trás para facilitar

o acesso à espada, expondo seis cortes brilhantes na frente do outro casaco azul escuro. Todas as mulheres usavam roupas masculinas e espadas, e geralmente estavam duas vezes mais prontas para usá-las do que os homens, o que significava bastante. Homens e mulheres igualmente, eles eram sensíveis com todos, e teriam lutado duelos todos os dias se Faile não tivesse parado com isso. Tanto homens quanto mulheres, o grupo com Selande cheirava a raiva, mau humor, impaciência e petulância, todos misturados, um cheiro que estremecia desconfortavelmente em seu nariz. “Eu vejo você, meu Lorde Perrin,” Selande disse formalmente com o sotaque nítido de Cairhien. “Os preparativos estão sendo feitos para sair, mas ainda nos recusam nossos cavalos. Você vai consertar isso?” Ela fez parecer uma exigência. Ela o via, não é? Ele desejou não vê-la.

“Os Aiel andam,” ele rosnou, e abafou um bocejo, não se importando nem um pouco com os olhares furiosos que o olhavam. Ele tentou tirar o sono de sua mente. “Se vocês não vão andar, andem nas carroças.”

“Você não pode fazer isso!” uma das mulheres tairenas anunciou com altivez, uma mão apertada na borda de sua capa, a outra no punho da espada. Medore era alta, com olhos azuis brilhantes em um rosto escuro, e se faltava beleza nela, não era muito. As mangas bufantes e listradas de vermelho de seu casaco pareciam decididamente estranhas com seus seios fartos. “Redwing é minha montaria favorita! Ela não será negada a mim!”

“Terceira vez”, disse Selande enigmaticamente. “Quando pararmos esta noite, falaremos sobre seu assunto, Medore Damara.”

Supostamente, o pai de Medore era um homem idoso que havia se aposentado em suas propriedades rurais anos atrás, mas Astoril ainda era um Grão-Senhor. Como essas coisas foram consideradas, isso colocava sua filha bem acima de Selande, apenas uma nobre menor em Cairhien. No entanto, Medore engoliu em seco e seus olhos se arregalaram até parecer que esperava ser esfolada viva.

Abruptamente, Perrin pensou ter aguentado tudo o que podia desses idiotas e suas maneiras em parte de cachorros e em partes de Aiel e pura bobagem de alto nível. “Quando vocês começaram a

espionar para minha esposa?” Ele perguntou. Eles não poderiam ter ficado mais rígidos se suas espinhas estivessem congeladas.

“Realizamos pequenas tarefas e incumbências que Lady Faile podia exigir de nós de tempos em tempos”, disse Selande depois de um longo momento, em tom muito cuidadoso. A cautela era espessa em seu cheiro. Todo o bando deles cheirava a raposas se perguntando se um texugo havia tomado conta de sua toca.

“Minha esposa realmente foi caçar, Selande?” ele rosnou acaloradamente. “Ela nunca quis antes.” A raiva rugiu nele, chamadas atizadas por todos os eventos do dia. Ele empurrou Stepper com uma mão e se aproximou da mulher, pairando sobre ela. O garanhão sacudiu a cabeça, sentindo o humor de Perrin. Seu punho doía em sua manopla no seu aperto nas rédeas. “Ou ela foi ao encontro de alguns de vocês, recém-chegados de Abila? Ela foi sequestrada por causa da sua maldita espionagem?” Isso não fazia sentido, e ele sabia disso quando as palavras saíram de sua boca. Faile poderia ter falado com eles em qualquer lugar. E ela nunca teria combinado de encontrar seus olhos e seus ouvidos — Luz, seus espiões! — em companhia de Berelain. Era sempre um erro falar sem pensar. Ele sabia sobre Masema e os Seanchan por causa de sua espionagem. Mas ele queria atacar, precisava atacar, e os homens que ele queria martelar para o nada estavam a quilômetros de distância. Com Faile.

Selande não recuou de sua raiva. Seus olhos se estreitaram em fendas. Seus dedos abriram e fecharam no punho de sua espada, e ela não estava sozinha. “Nós morreríamos pela Lady Faile!” ela cuspiu. “Nada que fizemos a colocou em perigo! Estamos jurados a ela pelo juramento da água!” A Faile e não a ele, seu tom acrescentava.

Ele deveria se desculpar. Ele sabia que deveria. Em vez disso, disse: “Vocês podem ficar com seus cavalos se me derem sua palavra de que farão o que eu digo e não tentarão nada precipitado”.

“Precipitado” não era a palavra para este grupo. Eles eram capazes de sair correndo sozinhos assim que souberam onde estava Faile. Eles foram capazes de matar Faile. “Quando a encontrarmos, decidirei como resgatá-la. Se o seu juramento da água disser algo diferente, dê um nó nele, ou eu vou amarrar vocês em nós.”

Sua mandíbula apertou e sua carranca se aprofundou, mas finalmente ela disse: "Eu concordo!" como se as palavras estivessem sendo arrancadas dela. Um dos tairenos, um sujeito de nariz comprido chamado Carlon, grunhiu em protesto, mas Selande ergueu um dedo e ele calou a boca. Com aquele queixo estreito, ele provavelmente se arrependeu de ter raspado a barba. A pequena mulher tinha o resto desses tolos na palma da mão, o que não a tornava menos tola. Juramento da água, de fato! Ela não tirou os olhos dos de Perrin. "Nós o obedeceremos até que Lady Faile seja devolvida. Então, somos dela novamente. E ela pode decidir nossa *toh*. Essa última parte parecia mais para os outros do que para ele.

"É bom o suficiente," ele disse a ela. Tentou moderar seu tom, mas sua voz ainda estava áspera. "Eu sei que vocês são leais a ela, todos vocês. Eu respeito isso." Isso era tudo o que ele respeitava neles. Como um pedido de desculpas, não era muito, e foi assim que eles aceitaram. Um grunhido de Selande foi a única resposta que ele recebeu, isso e os olhares carrancudos do resto enquanto eles se afastavam. Que assim fosse. Desde que mantivessem sua palavra. O grupo inteiro nunca tinha feito um dia de trabalho honesto entre eles. O acampamento estava se esvaziando. As carroças começaram a se mover para o sul, deslizando em seus trenós atrás dos cavalos. Os cavalos deixavam rastros profundos, mas os trenós faziam apenas sulcos rasos que a neve que caía começou a enterrar imediatamente. O último dos homens da colina estava subindo em suas selas e juntando-se aos outros que já cavalgavam com as carroças. De um lado, o grupo das Sábias começou a passar, até os *gai'shain* que conduziam os próprios animais de carga, montados. Por mais firme que Dannil ousasse ser, ou não, como era mais provável, aparentemente tinha sido suficiente. As Sábias pareciam particularmente desajeitadas a cavalo em comparação com a graça de Seonid e Masuri, embora não tão ruins quanto os *gai'shain*. Os homens e mulheres vestidos de branco estavam todos cavalgando desde o terceiro dia na neve, mas eles se agachavam sobre as alças altas de suas selas e se agarravam ao pescoço ou crina como se esperassem cair no próximo degrau. Conseguir fazê-los montar, para começar, exigira comandos diretos

das Sábias, e alguns ainda escorregavam para o chão e caminhavam se não fossem vigiados.

Perrin subiu em Stepper. Ele não tinha certeza se não poderia cair sozinho. Era hora de fazer esse passeio que ele não queria fazer, no entanto. Ele teria matado por um pedaço de pão. Ou um pouco de queijo. Ou um belo coelho. “Aiel chegando!” alguém gritou da cabeça da coluna, e tudo parou. Mais gritos ecoaram, passando a palavra como se todos já não tivessem ouvido, e homens desataram arcos de suas costas. Os motoristas de carroça se levantaram em seus assentos, olhando para a frente, ou pularam para se agachar ao lado da carroça. Rosnando baixinho, Perrin esporeou Stepper nos flancos.

Na frente da coluna, Dannil ainda estava em sua sela, e os dois homens carregando aqueles estandartes ensanguentados, mas uns bons trinta estavam no chão, as capas arrancadas das cordas dos arcos e as flechas engatilhadas. Os homens que seguravam os cavalos para os homens desmontados se acotovelavam, apontando e tentando obter uma visão clara. Grady e Neald também estavam lá, olhando para a frente com rostos atentos, mas sentados em seus cavalos calmamente. Todos os outros cheiravam a agitação. Os Asha'man só cheiravam... prontos.

Perrin podia distinguir o que eles estavam olhando através das árvores com muito mais clareza do que eles. Dez Aiel velados trotando em direção a eles através da neve caindo, um conduzindo um cavalo branco alto. Um pouco atrás deles cavalgavam três homens, encapuzados e escondidos. Parecia haver algo estranho na maneira como os Aiel se moviam. E havia um pacote amarrado à sela do cavalo branco. Um punho apertou o coração de Perrin até que ele percebeu que não era grande o suficiente para ser um corpo. “Abaixem seus arcos”, disse ele. “Esse é o cavalo capão de Alliandre. Deve ser o nosso povo. Vocês não conseguem ver que as Aiel são todas Donzelas?” Nenhum era alto o suficiente para ser um homem Aiel.

“Eu mal posso ver que eles são Aiel,” Dannil murmurou, dando-lhe um olhar de soslaio. Todos sabiam com certeza que seus olhos eram bons, até se orgulhavam disso – ou costumavam –, mas ele tentava

impedir que eles soubessem como eram bons. Naquele momento, ele não se importou, no entanto.

“Eles são nossos”, disse a Dannil. “Todo mundo fica aqui.” Lentamente, ele cavalgou para encontrar o grupo que retornava. As Donzelas começaram a se desvelar quando ele se aproximou. Em um dos capuzes profundos dos homens montados, ele divisou o rosto negro de Furen Alharra. Eram os três Guardiões, então; eles teriam voltado a se juntar. Seus cavalos pareciam tão cansados quanto ele, quase exaustos. Ele queria forçar Stepper a correr, para ouvir o que tinham a relatar. Ele temia ouvir. Corvos estariam nos corpos, e raposas, texugos talvez, e só a Luz sabia o que além disso. Talvez pensassem que o estavam poupando por não trazerem de volta o que haviam encontrado. Não! Faile tinha que estar viva. Ele tentou fixar esse pensamento em sua cabeça, mas doeu como segurar uma lâmina afiada com as mãos nuas. Desmontando na frente deles, ele tropeçou e teve que se segurar na sela para não cair. Ele se sentiu entorpecido com a dor brilhante de se agarrar a esse único pensamento. Ela tinha que estar viva. Pequenos detalhes pareciam grandes, por algum motivo. Nenhum pacote preso à sela elaboradamente trabalhada, mas vários pequenos pacotes que pareciam trapos reunidos. As Donzelas usavam raquetes de neve, feitas de trepadeiras e galhos flexíveis de pinheiro ainda com as agulhas. Era por isso que elas pareciam estar se movendo estranhamente. Jondyn devia ter mostrado a elas como fazê-las. Ele tentou se concentrar. Pensou que seu coração ia explodir em suas costelas.

Segurando lanças e broquel em sua mão esquerda, Sulin pegou um dos pequenos pacotes de pano da sela antes que ela se aproximasse dele. A cicatriz rosa que descia por sua bochecha coriácea se contorceu enquanto ela sorria. “Boas notícias, Perrin Aybara,” ela disse suavemente, entregando-lhe o pano azul escuro. “Sua esposa vive.” Alharra trocou olhares com o outro Guardião de Seonid, Teryl Wynter, que franziu a testa. O homem de Masuri, Rovair Kirklin, olhava para a frente com firmeza. Era tão claro quanto os bigodes encaracolados de Wynter que eles não tinham certeza se era uma boa notícia. “Os outros

pressionam para ver o que mais podem encontrar", ela continuou. "Embora já tenhamos encontrado esquisitices o suficiente."

Perrin deixou o pacote cair aberto em suas mãos. Era o vestido de Faile, cortado na frente e ao longo dos braços. Ele inalou profundamente, puxando o cheiro de Faile para ele, um leve traço de seu sabonete floral, um toque de outro perfume doce, mas acima de tudo, o cheiro que era dela. E nenhum sinal de sangue. O resto dos Donzelas se reuniram ao redor dele, principalmente mulheres mais velhas com rostos duros, embora não tão duros quanto os de Sulin. Os Guardiões desceram, sem mostrar nenhum sinal de que tinham passado a noite toda na sela, mas ficaram atrás dos Donzelas.

"Todos os homens foram mortos", disse a mulher magra, "mas pelas roupas que encontramos, Alliandre Kigarín, Maighdin Dorlain, Lacile Aldorwin, Arrela Shiego e mais duas também foram feitas *gai'shain*." As outras duas deviam ser Bain e Chiad; mencioná-las pelo nome, dizendo que elas haviam sido levadas, as teria envergonhado. Ele tinha aprendido um pouco sobre os Aiel. "Isso vai contra o costume, mas as protege." Wynter franziu a testa em dúvida, então tentou esconder ajustando seu capuz. Os cortes perfeitos eram como aqueles feitos para esfolar um animal. Aquilo atingiu Perrin de repente.

Alguém havia cortado as roupas de Faile! Sua voz tremeu. "Eles só levaram mulheres?" Uma jovem Donzela de rosto redondo chamado Briain balançou a cabeça.

"Três homens teriam sido feitos *gai'shain*, eu acho, mas eles lutaram muito e foram mortos com faca ou lança. Todo o resto morreu por flecha."

"Não é assim, Perrin Aybara," Elienda disse apressadamente, parecendo chocada. Uma mulher alta com ombros largos, ela conseguiu parecer quase maternal, embora ele a tivesse visto derrubar um homem com o punho. "Machucar um *gai'shain* é como machucar uma criança ou um ferreiro. Foi errado levar aguacentos, mas não acredito que vão quebrar o costume indo tão longe. Estou certa de que nem serão punidas, se puderem ser mansas até serem recuperadas. Há outras que vão mostrar a elas." Outras; Bain e Chiad novamente.

“Em que direção eles foram?” ele perguntou. Faile poderia ser mansa? Ele não podia imaginá-la assim. Pelo menos deixe-a tentar, até que ele pudesse encontrá-la.

"Quase o sul", respondeu Sulin. "Muito mais perto do sul do que do leste. Depois que a neve escondeu seus rastros, Jondyn Barran viu outros rastros. O que os outros estão seguindo. Eu acredito nele. Ele vê tanto quanto Elyas Machera. Há muito para ver." Enfiando as lanças atrás do estojo do arco nas costas, ela pendurou o broquel no cabo de seu pesado canivete. Seus dedos piscaram, e Elienda desamarrou um segundo embrulho maior e o entregou a ela. "Muitas pessoas estão se movendo para lá, Perrin Aybara, e coisas estranhas acontecem. Isso você deve ver primeiro, eu acho." Sulin desdobrou outro vestido cortado, este verde. Ele pensou que lembrava de Alliandre. "Estas, nós recuperamos para onde sua esposa foi levada." Dentro, quarenta ou cinquenta flechas Aiel que formavam uma pilha. Havia manchas escuras nas hastes, e ele sentiu o cheiro de sangue seco.

"Taardad", disse Sulin, pegando uma flecha e imediatamente jogando-a no chão. "Miagoma." Ela jogou mais duas de lado. "Goshien." Aquelas trouxeram uma careta ao rosto dela; ela era Goshien. Clã por clã, ela nomeou todos, exceto Shaido, lançando flechas até que pouco mais da metade estivesse espalhada ao seu redor. Ela ergueu o vestido cortado segurando o resto com ambas as mãos, então derrubou-as. "Shaido," ela disse significativamente.

Agarrando o vestido de Faile ao peito – o cheiro dela aliviou a dor em seu coração e piorou ao mesmo tempo – Perrin franziu a testa para as flechas misturadas na neve. Algumas já estavam meio enterrados no outono fresco. "Muitos Shaido," ele disse finalmente. Eles deveriam estar todos seguindo na direção da Adaga do Fratricida, a quinhentas léguas de distância. Mas se algumas de suas Sábias tivessem aprendido a Viajar... Talvez até um dos Abandonados... Luz, ele estava divagando feito um bobo — o que os Abandonados teriam a ver com isso? — divagando quando tinha que pensar. Seu cérebro parecia tão cansado quanto o resto dele. "Os outros são homens que não aceitariam Rand como o Car'a'carn." Essas cores amaldiçoadas brilharam em sua cabeça. Ele não tinha tempo para nada além de Faile.

“Eles se juntaram aos Shaido.” Algumas das Donzelas desviaram os olhos. Elienda olhou para ele. Elas sabiam que alguns tinham feito o que ele dizia, mas era uma daquelas coisas que elas não gostavam de ouvir em voz alta. “Quanto ao todo, você calcula? Não todo o clã, certamente?” Se os Shaido estivessem aqui em um peso, haveria mais do que rumores de ataques distantes. Mesmo entre todos os outros problemas, toda Amadicia saberia.

“Perto disso o suficiente para continuar, eu penso”, Wynter murmurou baixinho. Perrin não deveria ouvir.

Alcançando entre as trouxas amarradas à sela ornamentada, Sulin tirou uma boneca de pano vestida de *cadin'sor*. “Elyas Machera encontrou isso pouco antes de voltarmos, a cerca de sessenta quilômetros daqui.” Ela balançou a cabeça, e por um momento sua voz e cheiro ficaram... assustados. “Ele disse que sentiu o cheiro debaixo da neve. Ele e Jondyn Barran encontraram arranhões nas árvores que disseram terem sido causados por carroças. Muitas carroças. Se houver crianças... Acho que pode ser uma família inteira, Perrin Aybara. Talvez mais de uma. Mesmo uma única família terá pelo menos mil lanças, e mais em caso de necessidade. Todo homem, exceto os ferreiros, pegará uma lança quando precisar. Eles estão dias ao sul de nós. Talvez mais dias do que penso, nesta neve. Mas acredito que aqueles que levaram sua esposa vão encontrá-los.

“Este ferreiro pegou uma lança”, murmurou Perrin. Mil, talvez mais. Tinha mais de dois mil homens, contando os homens da Guarda Alada e os de Arganda. Contra Aiel, porém, os números favoreceriam os Shaido. Ele tocou a boneca na mão musculosa de Sulin. Uma criança Shaido estava chorando pela perda de sua boneca? “Nós vamos para o sul.”

Ele estava se virando para montar Stepper quando Sulin tocou seu braço para detê-lo. “Eu disse que vimos outras coisas. Por duas vezes, Elyas Machera encontrou excrementos de cavalos e fogueiras sob a neve. Muitos cavalos e muitas fogueiras.”

“Milhares”, acrescentou Alharra. Seus olhos negros encontraram os de Perrin, e sua voz era natural. Ele estava simplesmente relatando o que era. “Cinco, talvez dez ou mais; é difícil dizer. Mas acampamentos

de soldados. Os mesmos homens em ambos os lugares, eu acho. Machera e Barran concordam. Quem quer que seja, eles estão indo perto o suficiente para o sul também. Talvez eles não tenham nada a ver com os Aiel, mas podem estar seguindo.” Sulin franziu a testa com impaciência e continuou com apenas uma pausa para sua interrupção. “Três vezes vimos criaturas voadoras como aquelas que você diz que os Seanchan usam, coisas enormes com asas com nervuras e pessoas montando suas costas. E duas vezes vimos rastros como este.” Curvando-se, ela pegou uma das flechas e desenhou uma forma arredondada um pouco como a pata de um grande urso na neve, mas com seis dedos mais longos que os dedos de um homem. “Às vezes aparecem garras”, disse ela, marcando-as, mais compridas até do que as de um dos grandes ursos das Montanhas da Névoa. “Tem um passo largo. Acho que anda muito rápido. Você sabe o que é?” Ele não sabia — nunca tinha ouvido falar de nada com seis dedos, exceto os gatos dos Dois Rios; ele ficou surpreso ao descobrir que os gatos em outros lugares tinham apenas cinco — mas ele podia fazer um palpite seguro. “Outro animal Seanchan.” Então havia Seanchan ao sul, assim como Shaido, e — o quê? — Mantos Branco, ou um exército Seanchan. Não poderia ser mais ninguém. Ele confiava nas informações de Balwer. “Nós ainda vamos para o sul.”

As Donzelas olharam para ele como se ele lhes dissesse que estava nevando. Subindo na sela de Stepper, ele se virou para a coluna. Os Guardiões caminhavam, conduzindo seus cavalos cansados. As Donzelas levaram o cavalo capão de Alliandre com elas enquanto trotavam até onde as Sábias estavam. Masuri e Seonid estavam cavalgando para encontrar seus Guardiões. Ele se perguntou por que todas elas não tinham vindo meter o nariz. Talvez fosse algo tão simples quanto deixá-lo ficar sozinho com sua dor se as notícias fossem ruins. Talvez. Em sua cabeça, ele tentou encaixar tudo. Os Shaido, por mais numerosos que fossem. Os Seanchan. O exército montado, seja de Mantos Brancos ou Seanchan. Era como os quebra-cabeças que o Mestre Luhhan o ensinara a fazer, intrincadas torções de metal que se separavam e voltavam a se encaixar como um sonho, se você conhecesse o truque. Só que sua cabeça parecia confusa,

tateando em pedaços que não deslizavam para lugar nenhum. Os homens de Dois Rios estavam todos montados novamente quando ele os alcançou. Aqueles que estavam no chão com seus arcos prontos pareciam um pouco envergonhados. Todos o olharam inquietos, hesitantes.

"Ela está viva", disse ele, e foi como se todos os homens comessem a respirar novamente. Eles receberam o resto de suas notícias com uma estranha impassibilidade, alguns até assentindo como se não esperassem menos.

"Não será a primeira vez que enfrentamos grandes probabilidades", disse Dannil. "O que vamos fazer, meu Senhor?"

Perrin fez uma careta. O homem ainda estava rígido como um carvalho. "Para começar, estamos viajando quarenta milhas para o sul. Depois disso, vou ver. Neald, vá em frente e encontre Elyas e os outros. Diga a eles o que estou fazendo. Eles serão uma boa coisa estando mais adiante, a esta altura. E tenha cuidado. Você não pode lutar com dez ou uma dúzia de Sábias." Uma família inteira deveria ter pelo menos tantas que pudessem canalizar. E se fosse mais de uma? Um pântano que ele tinha que atravessar quando chegasse lá. Neald assentiu antes de voltar seu cavalo capão para o acampamento, onde já havia memorizado o terreno. Havia apenas mais algumas ordens para dar. Cavaleiros tiveram que ser enviados para encontrar os mayenos e ghealdanos, que estariam se afastando enquanto acampavam separados. Grady pensou que poderia memorizar o terreno ali mesmo antes que eles pudessem se juntar, então não havia necessidade de mudar tudo e seguir Neald de volta. E isso deixava apenas uma coisa.

"Preciso encontrar Masema, Dannil", disse Perrin. "Alguém que possa lhe dar uma mensagem, de qualquer maneira. Com sorte, não vou demorar."

"Se for sozinho no meio dessa imundície, meu senhor, você vai precisar de sorte", respondeu Dannil. "Ouvi alguns deles falando sobre você. Disseram que você é Cria das Trevas, por causa de seus olhos." Seu olhar encontrou os olhos dourados de Perrin e deslizou para o lado. "Disseram que você foi domado pelo Dragão Renascido, mas

ainda é Cria das Trevas. Você deveria levar algumas dúzias de homens para cuidar de sua retaguarda.”

Perrin hesitou, acariciando o pescoço de Stepper. Algumas dezenas de homens não seriam suficientes se o povo de Masema realmente pensasse que ele era Cria das Trevas e decidisse resolver o assunto com as próprias mãos. Todos os homens de Dois Rios juntos podem não ser suficientes. Talvez ele não precisasse contar a Masema, apenas deixá-lo descobrir por si mesmo. Seus ouvidos captaram um trinado de chapim-azul das árvores a oeste, seguido um momento depois por um segundo que todos podiam ouvir, e a decisão foi tirada dele. Ele teve certeza disso e se perguntou se isso fazia parte de ser *ta'veren*. Ele freou Stepper e esperou.

Os homens de Dois Rios sabiam o que significava ouvir aquele pássaro em particular de volta em casa. Homens chegando, mais do que um punhado, e não necessariamente pacíficos. Teria sido um trinado de bico de vigarista se eles fossem amigos, e um grito de alarme de zombador se eles fossem claramente hostis. Desta vez, eles se comportaram melhor. Ao longo do lado oeste da coluna, cada segundo homem até onde Perrin podia ver na neve desmontou e entregou as rédeas ao homem ao lado dele, então preparou seu arco. Os estranhos apareceram por entre as árvores espalhadas, espalhados em uma linha, como que para aumentar a impressão de seus números. Eram talvez uma centena, com dois adiantados, mas seu avanço lento parecia ameaçador. Metade carregava lanças, não deitadas, mas seguras como se estivessem prontas para serem colocadas debaixo do braço. Em uma caminhada firme eles vieram. Alguns usavam armadura, couraça ou capacete, mas raramente ambos. Ainda assim, eles estavam mais bem armados do que a maioria dos seguidores de Masema. Um dos dois na frente era o próprio Masema, seu rosto de fanático olhando para fora do capuz de sua capa como um gato da montanha raivoso olhando para fora de uma caverna. Quantas daquelas lanças traziam uma flâmula vermelha ontem de manhã?

Masema parou seus homens com a mão levantada apenas quando estava a poucos passos de Perrin. Empurrando o capuz para trás, ele correu seu olhar pelos homens desmontados com seus arcos. Ele

parecia não perceber a neve atingindo seu couro cabeludo nu. Seu companheiro, um homem maior com uma espada nas costas e outra no arco da sela, manteve o capuz erguido, mas Perrin achou que sua cabeça também estava raspada. Aquele conseguia estudar a coluna e observar Masema com igual intensidade. Seus olhos escuros ardiam quase tanto quanto os de Masema. Perrin pensou em dizer a eles que, a essa distância, um arco longo Dois Rios colocaria uma estaca bem no meio de um peitoral e, além disso, nas costas de seu usuário. Ele considerou mencionar os Seanchan. Descrição, aconselhara Berelain. Talvez fosse uma coisa boa, nas circunstâncias. “Você estava vindo me encontrar?” Masema disse abruptamente. Até a voz do homem fervia com intensidade. Nada era casual em sua língua. Qualquer coisa que ele tinha a dizer era importante. A pálida cicatriz triangular em sua bochecha puxou seu súbito sorriso torto. Não havia calor nele de qualquer maneira. “Não importa. Eu estou aqui agora. Como você já deve saber, quem segue o Lorde Dragão Renascido — que a Luz ilumine seu nome! — recusa-se a ser deixado para trás. Não posso exigir isso deles. Eles o servem como eu.”

Perrin viu uma onda de chamas rolando por Amadicia até Altara e talvez além, deixando para trás a morte e a devastação. Ele respirou fundo, sugando o ar frio em seus pulmões. Faile era mais importante do que qualquer coisa. Qualquer coisa! Se ele queimasse por isso, então ele queimaria. “Leve seus homens para o leste.” Ele ficou chocado com a firmeza de sua voz. “Vou alcançar quando puder. Minha esposa foi sequestrada por Aiel e estou indo para o sul para recuperá-la.” Pela primeira vez, ele viu Masema surpreso. “Aiel? Então eles são mais do que rumores?” Ele franziu a testa para as Sábias do outro lado da coluna. “Sul, você diz?” Cruzando as mãos enluvadas no punho de sua sela, ele virou seu escrutínio para Perrin. A insanidade encheu o cheiro do homem; Perrin não conseguiu encontrar nada além de loucura nele. “Eu vou com você”, disse Masema finalmente, como se estivesse tomando uma decisão. Estranho, ele estava impaciente para falar com Rand sem demora. Contanto que não tivesse que ser tocado pelo Poder para fazê-lo, pelo menos. “Todos aqueles que seguem o Senhor Dragão Renascido — que a Luz ilumine seu nome! — virão.

Matar os selvagens Aiel é fazer o trabalho da Luz.” Seus olhos se voltaram para as Sábias, e seu sorriso estava ainda mais frio do que antes.

“Eu apreciaria a ajuda,” Perrin mentiu. Essa rale seria inútil contra Aiel. Ainda assim, eram milhares. E eles detiveram exércitos, se não exércitos de Aiel. Uma peça desse quebra-cabeça em sua cabeça mudou. Pronto para cair de cansaço, ele não conseguia entender exatamente como, só que tinha. De qualquer forma, isso não iria acontecer. “Eles têm uma longa vantagem sobre mim, no entanto. Pretendo Viajar, usar o Poder Único, recuperar o atraso. Eu sei como você se sente sobre isso.” Murmúrios inquietos percorreram os homens atrás de Masema, e eles se entreolharam e trocaram as armas. Perrin ouviu maldições murmuradas e também “olhos amarelos” e “Cria das Trevas”. O segundo homem de cabeça raspada olhou para Perrin como se ele tivesse blasfemado, mas Masema apenas olhou, tentando fazer um buraco na cabeça de Perrin e ver o que havia dentro.

“*Ele* ficaria aflito se algo acontecesse com sua esposa,” o louco disse finalmente. A ênfase nomeou Rand tão claramente quanto o nome que Masema não permitiu que fosse falado. “Haverá uma... dispensa, neste caso. Apenas para encontrar sua esposa, porque você é amigo dele. Só isso.” Ele falou calmamente — calmamente para ele — mas seus olhos profundos eram fogo escuro, seu rosto contorcido com raiva desconhecida. Perrin abriu a boca, depois a fechou sem falar. O sol também podia nascer no oeste enquanto Masema dizia o que acabou de dizer. De repente, Perrin pensou que Faile poderia estar mais segura com os Shaido do que estaria aqui e agora.

Capítulo 7

As Ruas de Caemlyn

A comitiva de Elayne atraiu muita atenção enquanto passava por Caemlyn, ao longo de ruas que subiam e desciam com as colinas da cidade. O Lírio Dourado no peito de seu manto carmesim forrado de pele era suficiente para identificá-la para os cidadãos da capital, mas ela manteve o capuz para trás, emoldurando o rosto para que a única rosa dourada na coroa da Filha Herdeira fosse claramente visível. Não apenas Elayne, Alto Assento da Casa Trakand, mas Elayne, a Filha Herdeira. Que todos vejam e saibam.

As cúpulas da Cidade Nova brilhavam brancas e douradas à luz pálida da manhã, e pingentes de gelo brilhavam nos galhos nus das árvores no centro das ruas principais. Mesmo se aproximando de seu ápice, o sol carecia de calor, apesar de um céu abençoadamente sem nuvens. Por sorte, não havia vento hoje. O ar estava frio o suficiente para congelar sua respiração, mas com as pedras do calçamento limpas de neve, mesmo nas estradas mais estreitas e sinuosas, a cidade estava viva novamente, as ruas cheias e movimentadas. Carreiros e condutores de carroças, atrelados ao trabalho com tanta segurança quanto os cavalos entre as varas, agarravam suas capas com resignação enquanto faziam uma passagem lenta pela multidão. Uma enorme carroça de água passou roncando, vazia pelo som, a caminho de ser reabastecida para combater os frequentes incêndios criminosos. Alguns vendedores ambulantes e camelôs enfrentavam o frio para anunciar suas mercadorias, mas a maioria das pessoas se apressava em suas tarefas, ansiosas para estar dentro de casa o mais rápido possível. Não que se apressar significasse se mover muito rápido. A cidade inchou, sua população cresceu mais que a de Tar Valon. Em tal enxame, mesmo os poucos que estavam montados não se moviam mais rápido do que um homem poderia andar. Durante toda a manhã, ela tinha visto apenas duas ou três carruagens avançando lentamente pelas ruas. Se seus passageiros não fossem inválidos ou estivessem a quilômetros de distância, eram tolos.

Todos que a viram e seu grupo pelo menos pararam, alguns apontando-a para os outros, ou içando uma criança para uma visão melhor, para que um dia pudessem dizer a seus próprios filhos que a tinham visto.

Se eles iam dizer que tinham visto a futura rainha ou simplesmente uma mulher que controlou a cidade por um tempo era a questão. A maioria das pessoas simplesmente olhava, mas de vez em quando um punhado de vozes gritava “Trakand! Trakand!” ou mesmo “Elayne e Andor!” quando ela passou. Melhor se houvesse mais aplausos, mas o silêncio era preferível às zombarias. Os andoreanos eram um povo franco, w ninguém mais do que os caemlynenses. As rebeliões começavam e as rainhas perdiam seus tronos porque os caemlynenses expressavam seu descontentamento nas ruas. Um pensamento gelado fez Elayne estremecer. Quem segura Caemlyn segura Andor, dizia o antigo ditado; não era exatamente verdade, como Rand havia demonstrado, mas Caemlyn era o coração de Andor. Ela reivindicou a cidade – a Bandeira do Leão e a Pedra Angular Prateada de Trakand compartilhavam um lugar de destaque nas torres da muralha externa – mas ela ainda não possuía o coração de Caemlyn, e isso era muito mais importante do que segurar pedra e argamassa.

Todos eles vão me adorar um dia, ela prometeu a si mesma. *Eu vou ganhar sua aclamação*. Hoje, porém, os caminhos lotados pareciam solitários entre aquelas poucas vozes erguidas. Ela desejou que Aviendha estivesse lá, apenas para sua companhia, mas Aviendha não via razão para subir em um cavalo simplesmente para se movimentar pela cidade. De qualquer forma, Elayne podia senti-la. Era diferente do vínculo com Birgitte, mas ela podia sentir a presença de sua irmã na cidade, como sentir uma pessoa invisível na mesma sala, e era reconfortante.

Seus companheiros atraíam sua própria parcela de atenção. Depois de apenas três anos como Aes Sedai, o rosto escuro e quadrado de Sareitha ainda não havia atingido a aparência de idade indefinida, e ela parecia uma próspera comerciante em suas belas roupas de lã cor de bronze com um grande broche de prata e safira segurando sua capa. Seu Guardião, Ned Yarman, andava em seus calcanhares, e ele

certamente chamava a atenção. Um jovem alto, de ombros largos, olhos azuis brilhantes e cabelos cor de milho encaracolados até os ombros, ele usava um manto de Guardião cintilante que o fazia parecer uma cabeça sem corpo flutuando acima de um cavalo capão alto e cinza que também não estava inteiramente lá, onde o manto cobria suas ancas. Não havia dúvidas sobre o que ele era, ou que sua presença anunciava uma Aes Sedai. Os outros, mantendo um círculo ao redor de Elayne enquanto abriam caminho pela multidão, atraíram tantos olhos, também. Oito mulheres com casacos vermelhos e elmos e couraças polidas da Guarda da Rainha não eram algo visto todos os dias. Ou nunca antes, para dizer a verdade. Ela mesma as havia escolhido dentre os novos recrutas por esse motivo.

Sua subtenente, Caseille Raskovni, magra e dura como qualquer Donzela Aiel, era a raridade das raridades, uma guarda de mercador, quase vinte anos no comércio, como ela disse. Sinos de prata na crina de seu ruão castrado atarracado a chamavam de arafellina, embora ela fosse vaga sobre seu passado. A única andoreana entre as oito era uma mulher grisalha, de rosto plácido e ombros largos, Deni Colford, que mantinha a ordem em uma taverna de carroceiros na Baixa Caemlyn, fora dos muros, outro trabalho duro e singular para uma mulher. Deni ainda não sabia como usar a espada em seu quadril, mas Birgitte disse que tinha mãos muito rápidas e olhos mais rápidos, e ela era bastante hábil com o cacete longo que estava pendurado em frente à sua espada. O restante era Caçadoras da Trombeta, mulheres díspares, altas e baixas, esguias e largas, de olhos castanhos e cabelos grisalhos, com origens muito variadas, embora algumas fossem tão discretas quanto Caseille e outras claramente inflassem sua antiga posição na vida. Nenhuma das atitudes era incomum entre as Caçadoras. Elas haviam aproveitado a chance de serem listadas na lista dos Guardas, no entanto. Mais importante, elas passaram pela inspeção minuciosa de Birgitte.

“Essas ruas não são seguras para você,” Sareitha disse de repente, colocando sua égua castanha ao lado do cavalo preto de Elayne. Coração de Fogo quase conseguiu beliscar a égua lustrosa antes que Elayne afastasse sua cabeça. A rua era estreita ali, comprimindo a

multidão e forçando as Guardas a se aproximarem mais. O rosto da irmã Marrom mostrava a compostura das Aes Sedai, mas a aparente preocupação aguçou seu tom. “Qualquer coisa pode acontecer em uma confusão como essa. Lembre-se de quem está hospedado no Cisne Prateado, a menos de três quilômetros deste local. Dez irmãs em uma estalagem não estão simplesmente procurando suas próprias companhias. Elaida poderia muito bem tê-las enviado.”

“Ela pode não ter também,” Elayne respondeu calmamente. Mais calma do que se sentia. Muitas irmãs pareciam estar esperando de lado até que a luta entre Elaida e Egwene terminasse. Duas partiram do Cisne Prateado e mais três chegaram logo após sua chegada a Caemlyn. Isso não soava como um grupo enviado em uma missão. E nenhuma era Ajah Vermelha; certamente Elaida incluiria as Vermelhas. Ainda assim, elas estavam sendo vigiadas tão bem quanto ela podia vigiar, embora ela não dissesse isso a Sareitha. Elaida a queria muito, muito mais do que ela ia procurar uma Aceita fugitiva, ou alguém ligada a Egwene e aquelas que Elaida chamava de rebeldes. Ora, ela não conseguia entender muito bem. Uma rainha que fosse Aes Sedai seria um grande prêmio para a Torre Branca, mas ela não se tornaria rainha se fosse arrebatada de volta para Tar Valon. Por falar nisso, Elaida havia emitido a ordem para trazê-la de volta por qualquer meio necessário muito antes de haver qualquer possibilidade de que ela assumisse o trono por muitos anos. Era um quebra-cabeça com o qual ela se preocupava mais de uma vez desde que Ronde Macura lhe dera aquela poção suja que entorpecia a capacidade de canalização de uma mulher. Um quebra-cabeça muito preocupante, especialmente agora que ela estava anunciando sua localização para o mundo.

Seus olhos se demoraram um momento em uma mulher de cabelos pretos com uma capa azul com o capuz jogado para trás. A mulher mal olhou para ela antes de entrar na loja de um fabricante de velas. Uma pesada bolsa de pano pendia de seu ombro. Não era uma Aes Sedai, decidiu Elayne. Apenas outra mulher que envelheceu bem, como Zaida. “De qualquer forma”, ela continuou com firmeza, “não vou ficar presa pelo medo de Elaida.” O que aquelas irmãs no Cisne Prateado estavam fazendo?

Sareitha bufou, e não muito suavemente; ela parecia prestes a revirar os olhos, então pensou melhor. Ocasionalmente Elayne via um olhar estranho de uma das outras irmãs do Palácio, sem dúvida pensando em como ela havia sido elevada, mas na superfície, pelo menos, eles a aceitavam como Aes Sedai, reconheciam que ela era mais alta no poder entre elas do que qualquer outra, exceto Nynaeve. Isso não era o suficiente para impedi-las de falar o que pensavam, muitas vezes com mais franqueza do que teriam feito com uma irmã que estava onde ela estava e tinha conseguido o xale da maneira mais usual. “Esqueça Elaida, então,” Sareitha disse, “e lembre-se de quem mais gostaria de ter você em mãos. Uma pedra bem apontada e você é um pacote inconsciente, facilmente levada pela confusão.”

Sareitha realmente tinha que dizer a ela que a água estava molhada? Afinal, sequestrar outras pretendentes ao trono era quase costumeiro. Todas as Casas que se opunham a ela tinham apoiadores em Caemlyn esperando uma oportunidade, ou ela teria seus chinelos para a refeição do meio-dia. Não que eles pudessem ter sucesso, não enquanto ela pudesse canalizar, mas eles fariam a tentativa se tivessem uma chance. Ela nunca pensou que simplesmente chegar a Caemlyn fornecesse segurança. “Se eu não me atrever a deixar o Palácio, Sareitha, nunca conseguirei as pessoas me apoiando,” ela disse calmamente. “Devo ser vista por aí e sem medo.” Era por isso que ela tinha oito Guardas em vez dos cinquenta que Birgitte queria. A mulher recusava-se a compreender as realidades da política. “Além disso, elas precisariam de duas pedras bem apontadas com você aqui.”

Sareitha bufou novamente, mas Elayne fez o possível para ignorar a obstinação da outra. Desejou poder ignorar a presença da mulher, mas isso era impossível. Ela tinha mais motivos para este passeio do que ser vista. Halwin Norry deu a ela fatos e números em documentos de quinhentas páginas, embora a voz monótona do Primeiro Escriurário quase a fizesse dormir, mas ela queria ver por si mesma. Norry podia fazer um tumulto soar tão sem vida quanto um relatório sobre o estado das cisternas da cidade ou as despesas com a limpeza dos esgotos.

A multidão estava cheia de estrangeiros, kandoreanos com barbas bifurcadas e illianenses com barbas que deixavam o lábio superior à mostra e arafellinos com sinos de prata em suas tranças, domaneses de pele acobreada, altaranos de pele azeitonada e tairenos escuros, cairhienos que se destacavam por sua baixa estatura e pele pálida. Alguns eram mercadores, apanhados pelo súbito início do inverno ou na esperança de roubar os clientes de sua concorrência, pessoas de rosto liso e inchado que sabiam que o comércio era o sangue da vida das nações, e todas eles afirmavam ser uma artéria importante, mesmo quando traídas por um casaco mal tingido ou um broche de latão e vidro. Muitas das pessoas a pé usavam casacos esfarrapados, calças até o joelho, vestidos com bainhas esfarrapadas e mantos puídos ou nenhum manto. Eram refugiados, ou expulsos de seus lares pela guerra, ou errantes com a crença de que o Dragão Renascido havia quebrado todos os laços que os prendiam. Eles se curvavam contra o frio, rostos abatidos e derrotados, e se deixavam ser esbofeteados pelo fluxo dos outros ao seu redor.

Observando uma mulher de olhos opacos cambalear no meio da multidão segurando uma criança pequena no ombro, Elayne tirou uma moeda de sua bolsa e a entregou a uma das guardas, uma mulher com bochechas em forma de maçã e olhos frios. Tzigan alegava ser de Ghealdan, filha de um nobre menor; bem, ela pode ser ghealdana, pelo menos. Quando a Guarda se inclinou para oferecer a moeda, a mulher com seu filho cambaleou sem prestar atenção, sem ver. Havia muitos assim na cidade. O Palácio alimentava milhares de pessoas todos os dias, em cozinhas instaladas por toda a cidade, mas muitas não conseguiam sequer reunir energia para recolher o pão e a sopa. Elayne fez uma oração pela mãe e pelo filho enquanto colocava a moeda de volta na bolsa.

“Você não pode alimentar todo mundo,” Sareitha ofereceu calmamente.

“As crianças não podem passar fome em Andor”, disse Elayne, como se estivesse emitindo um decreto. Mas ela não sabia como parar aquilo. A comida ainda era abundante na cidade, mas nenhum comando podia obrigar as pessoas a comer.

Alguns dos outros estrangeiros tinham vindo para Caemlyn dessa maneira também, homens e mulheres que não usavam mais trapos e rostos assombrados. O que quer que os tenha feito fugir de suas casas, eles começaram a pensar que haviam viajado o suficiente, pensando nos negócios que haviam abandonado, muitas vezes junto com tudo o que possuíam. Em Caemlyn, porém, qualquer pessoa com habilidade em um ofício e um pouco de movimentação sempre poderia encontrar um banqueiro com moedas prontas. Havia novos negócios sendo erguidos na cidade nos dias de hoje. Ela já tinha visto três relojoarias esta manhã! Ao seu alcance, havia duas lojas que vendiam vidro soprado e quase trinta fábricas haviam sido construídas ao norte da cidade. A partir de agora, Caemlyn exportaria vidro, não importaria, e cristal também. A cidade tinha rendeiras, agora, produzindo tão bem quanto Lugard já teve, e não era de admirar, já que quase todas elas vieram de lá. Isso animou um pouco o humor dela – os impostos que esses novos ofícios pagavam ajudariam, embora demorasse algum tempo até que eles pagassem muito – mas ainda eram outros na multidão que ela mais notava. Estrangeiros ou andoreanos, os mercenários eram facilmente distinguidos, homens de rosto duro usando espadas, arrogantes mesmo quando diminuídos pela imprensa. Os guardas dos mercadores também iam armados, sujeitos rudes empurrando para o lado a maioria dos homens que entravam em seu caminho, mas pareciam subjugados e sóbrios em comparação com os mercenários. E no geral, eles exibiam menos cicatrizes. Mercenários pontilhavam a multidão como passas em um bolo. Com uma reserva tão grande para aproveitar, e com o emprego de inverno para suas habilidades sempre em falta, ela não achava que eles seriam muito caros. A menos que, como Dyelin temia, eles lhe custassem Andor. De alguma forma, ela precisava encontrar homens suficientes para que os estrangeiros não fossem maioria na Guarda. E o dinheiro para pagá-los.

Abruptamente, ela se deu conta de Birgitte. A outra mulher estava zangada — muitas vezes estava, ultimamente — e se aproximando. Muito zangada, e vindo muito rapidamente. Uma combinação sinistra que fez soar gongos de alarme na cabeça de Elayne. Imediatamente

ela ordenou a volta ao Palácio pelo caminho mais direto — era assim que Birgitte viria; a ligação a levaria direto para Elayne — e eles pegaram a próxima curva para o sul, na Rua da Agulha. Na verdade, era uma rua bastante larga, embora serpenteasse como um rio, descendo uma colina e subindo a próxima, mas gerações atrás estava cheia de costureiras. Agora, algumas pequenas estalagens e tavernas estavam amontoadas entre cuteleiros e alfaiates e todas as lojas, exceto de costureiras.

Antes mesmo de chegarem ao centro da cidade, Birgitte os encontrou escalando a Travessa do Pereira, onde um punhado de vendedores de frutas ainda se agarrava às lojas herdadas desde os dias de Ishara, embora houvesse muito pouco para ser visto em suas vitrines nesta época do ano. Apesar da multidão, Birgitte apareceu a meio galope, o manto vermelho brilhando atrás dela, espalhando as pessoas à sua esquerda e à sua direita, e só diminuiu a velocidade de seu cavalo cinza esguio quando os viu à frente.

Como se para compensar a pressa, ela levou um momento para estudar as Guardas e retribuir a saudação de Caseille antes de virar sua montaria para caminhar ao lado de Elayne. Ao contrário deles, ela não usava espada nem armadura. As memórias de suas vidas passadas estavam desaparecendo — ela disse que não conseguia se lembrar de nada claramente antes da fundação da Torre Branca, agora, embora fragmentos ainda flutuassem —, mas uma coisa ela afirmava se lembrar absolutamente. Toda vez que ela tentou usar uma espada, ela quase foi morta, e até fez isso mais de uma vez. Seu arco amarrado estava em uma sela de couro, porém, com uma aljava eriçada de flechas do outro lado. A raiva fervia dentro dela, e ela tinha uma carranca que só se aprofundou enquanto falava.

“Um pombo semicongelado voou para a quadra do Palácio há pouco com a palavra de Aringill. Os homens que escoltavam Naeen e Elenia foram emboscados e mortos a menos de oito quilômetros da cidade. Por sorte, um de seus cavalos voltou com sangue na sela, ou não saberíamos nada por semanas ainda. Duvido que nossa sorte se estenda com esse par sendo mantido como refém por bandidos.

Coração de Fogo deu alguns passos e Elayne o freou bruscamente. Alguém na multidão gritou o que poderia ter sido um grito por Trakand. Ou não. Os lojistas que tentavam atrair clientes faziam barulho suficiente para abafar as palavras. "Então nós temos um espião no Palácio," ela disse, então comprimiu os lábios, desejando ter segurado a língua na frente de Sareitha.

Birgitte não pareceu se importar. "A menos que haja um *ta'veren* trotando por aí que não conhecemos", ela respondeu secamente. "Talvez agora você me deixe designar uns guarda-costas. Apenas alguns Guardas, bem escolhidos e..."

"Não!" O Palácio era sua casa. Ela não seria guardada lá. Olhando para a Marrom, ela suspirou. Sareitha estava ouvindo com muita atenção. Não havia sentido em tentar esconder as coisas agora. Isso não. "Você deixou a Primeira Empregada saber?"

Birgitte deu-lhe um olhar de soslaio que, combinado com uma explosão de leve indignação por seu vínculo compartilhado, disse a ela para ensinar a avó a tricotar. "Ela pretende interrogar todos os servos que não serviram sua mãe por pelo menos cinco anos. Não tenho certeza se ela não quer colocá-los em questão. O olhar em seu rosto quando eu disse a ela, eu estava feliz por sair de seu escritório com a pele inteira. Estou vigiando os outros eu mesma." Ela se referia aos Guardas, mas não diria isso perto de Caseille e das outras. Elayne não achou provável. Todo o recrutamento dava a qualquer um a oportunidade perfeita de entrar em contato com os olhos e ouvidos, mas sem qualquer garantia de que algum dia estaria onde poderia descobrir algo útil.

"Se houver espiões no Palácio," Sareitha disse calmamente, "pode ser pior. Talvez você devesse aceitar a sugestão de Lady Birgitte de um guarda-costas. Há precedentes." Birgitte mostrou os dentes à irmã Marrom; mas como um sorriso, aquilo foi um fracasso miserável. Por mais que ela não gostasse de ser tratada por seu título, ela voltou seus olhos esperançosos para Elayne.

"Eu disse não, e quero dizer não!" Elayne retrucou. Um mendigo, aproximando-se do círculo lento de cavalos com um sorriso largo e dentuço e seu chapéu na mão, se encolheu e correu para a multidão

antes que ela pudesse sequer pensar em pegar sua bolsa. Ela não tinha certeza de quanto de sua raiva era sua e quanto de Birgitte, mas era apropriado.

“Eu deveria ter ido buscá-los eu mesma,” ela rosnou amargamente. Em vez disso, ela havia tecido um portal para o mensageiro e passou o resto do dia se reunindo com comerciantes e banqueiros. “Pelo menos, eu deveria ter atrapalhado a guarnição de Aringill na escolta. *Dez homens mortos porque eu erre! Pior — que a Luz me ajude, é pior! — Perdi Elenia e Naeen por causa disso!* A grossa trança dourada de Birgitte, pendurada para fora de sua capa, balançou enquanto ela balançava a cabeça enfaticamente.

“Em primeiro lugar, as rainhas não saem correndo para fazer tudo sozinhas. Elas são malditas rainhas!” Sua raiva estava diminuindo um pouco, mas a irritação queimava em cima dela, e seu tom refletia ambas. Ela realmente queria que Elayne tivesse um guarda-costas, muito provavelmente até no banho. “Seus dias de aventuras terminaram. Se deixasse, você estaria fugindo do Palácio disfarçada, talvez até vagando depois do anoitecer, quando poderia ter seu crânio aberto por algum valentão que você nunca viu.” Elayne se endireitou na sela. Birgitte sabia, é claro — ela não conhecia nenhuma maneira de contornar o vínculo, embora tivesse certeza de que deveria haver um — mas a mulher não tinha o direito de trazer isso à tona agora. Se Birgitte desse dicas suficientes, ela teria outras irmãs tentando segui-la com seus Guardiões e provavelmente esquadrões de Guardas também. Todo mundo era tão ridículo em mantê-la segura. Era de pensar que ela nunca esteve em Ebou Dar, muito menos em Tanchico ou Falme.

Além disso, ela só tinha feito isso uma vez. Até agora. E Aviendha foi com ela. “Ruas frias e escuras não se comparam a um fogo quente e um livro interessante,” Sareitha disse ociosamente, como se estivesse falando consigo mesma. Estudando as lojas pelas quais passavam, ela parecia concentrada nelas. “Não gosto muito de andar na calçada gelada, especialmente no escuro, sem uma vela. Mulheres jovens e bonitas geralmente pensam que roupas simples e um rosto sujo as tornam invisíveis.” A mudança foi tão repentina, sem mudança

de tom, que a princípio Elayne não percebeu o que estava ouvindo. “Ser derrubada e arrastada para um beco por desordeiros bêbados é uma maneira difícil de aprender de forma diferente. Claro, se você tiver a sorte de ter uma amiga com você que também pode canalizar, se ela tiver a sorte de que o durão não a atinja com tanta força quanto deveria... Bem, você não pode ter sorte todas as vezes. Você não concorda, Lady Birgitte?” Elayne fechou os olhos por um momento. Aviendha havia dito que alguém as estava seguindo, mas ela tinha certeza de que era apenas uma pegadinha. De qualquer forma, não tinha sido assim. Não exatamente. O olhar de Birgitte prometia uma conversa mais tarde. Ela se recusava a entender que um Guardião simplesmente não vestia sua Aes Sedai.

“Em segundo lugar,” Birgitte continuou severamente, “dez homens ou quase trezentos, o maldito resultado teria sido o mesmo. Que me queime, foi um bom plano. Alguns homens poderiam ter trazido Naeen e Elenia para Caemlyn sem serem notados. Esvaziar a guarnição teria arrancado todos os olhos flamejantes do leste de Andor, e quem os pegasse teria trazido armas suficientes para ter certeza. Muito provavelmente, eles manteriam Aringill agora por causa disso. Por menor que seja a guarnição, Aringill mantém qualquer um que queira se mover contra você no leste desequilibrado, e quanto mais Guardas saem de Cairhien, melhor fica, já que quase todos são leais a você.” Para alguém que dizia ser uma simples arqueira, ela tinha uma boa noção da situação. A única coisa que ela deixou de fora foi a perda das taxas alfandegárias do comércio fluvial.

“Quem os levou, Lady Birgitte?” Sareitha perguntou, inclinando-se para olhar além de Elayne.

“Com certeza essa é uma pergunta muito importante.” Birgitte suspirou alto, quase um gemido.

“Nós saberemos em breve, eu temo”, disse Elayne. A Marrom arqueou uma sobrancelha duvidosa para ela, e ela tentou não ranger os dentes. Ela parecia estar fazendo isso bastante desde que voltou para casa.

Uma mulher taraboneana com um manto de seda verde saiu do caminho dos cavalos e fez uma profunda reverência, suas tranças finas

balançando para fora do capuz. A criada, uma mulher baixinha com os braços cheios de pequenos embrulhos, imitava desajeitadamente a patroa. Os dois homens largos logo atrás, guardas carregando bastões com hastes de bronze, permaneceram de pé e alertas. Seus longos e pesados casacos de couro desviariam tudo, exceto o mais determinado golpe de uma faca.

Elayne inclinou a cabeça enquanto eles passavam para reconhecer a cortesia da taraboneana. Ela não tinha recebido tanto de nenhum andoreano nas ruas, até agora. O rosto bonito por trás do véu transparente da mulher mostrava idade demais para ser Aes Sedai. Luz, ela tinha muito em seu prato para se preocupar com Elaida agora! “É muito simples, Sareitha,” ela disse em uma voz cuidadosamente controlada. “Se Jarid Sarand os pegou, Elenia dará a Naeen uma escolha. Declarar Arawn para Elenia, com algumas propriedades para Naeen em troca, ou então ter sua garganta cortada em uma cela silenciosa em algum lugar, e seu cadáver enterrado atrás de um celeiro. Naeen não vai desistir facilmente, mas sua Casa está discutindo sobre quem está no comando até que ela volte, então eles hesitarão, Elenia ameaçará torturar e talvez usá-la, e eventualmente Arawn ficará ao lado de Sarand por Elenia. Em breve se juntará a Anshar e Baryn; eles irão para onde veem força. Se o povo de Naeen os tiver, ela oferecerá as mesmas opções para Elenia, mas Jarid irá atacar Arawn, a menos que Elenia diga a ele para não fazer isso, e ela não dirá se achar que ele tem alguma esperança de resgatá-la. Portanto, devemos esperar ouvir nas próximas semanas que as propriedades de Arawn estão sendo queimadas.” *Se não, pensou, tenho quatro casas unidas para enfrentar, e ainda não sei se tenho mesmo duas ao meu lado!*

“Isso é... muito bem fundamentado,” Sareitha disse, parecendo levemente surpresa.

“Tenho certeza de que você também poderia pensar nisso, com o tempo,” Elayne disse, muito docemente, e sentiu uma pontada de prazer quando a outra irmã piscou. Luz, sua mãe esperava que ela visse tanto quando ela tinha dez anos!

O resto da viagem de volta ao Palácio passou em silêncio, e ela mal notou as torres de mosaico brilhantes e as vistas grandiosas do centro da cidade. Em vez disso, ela pensou em Aes Sedai em Caemlyn e espiões no Palácio Real, sobre quem tinha Elenia e Naeen e quanto Birgitte poderia aumentar o recrutamento, sobre se era hora de vender o prato do palácio e o resto de suas joias. Uma lista sombria a considerar, mas ela manteve o rosto suave e reconheceu serenamente os poucos aplausos que a seguiram. Uma rainha não podia demonstrar medo, especialmente quando sentia.

O Palácio Real era uma confecção branca pura de varandas primorosamente trabalhadas e passeios com colunas no topo da colina mais alta da Cidade Interior, a mais alta de Caemlyn. Suas torres delgadas e cúpulas douradas assomavam contra o céu do meio-dia, visíveis por quilômetros, proclamando o poder de Andor. Grandes entradas e saídas foram feitas pela frente, na Praça da Rainha, onde no passado grandes multidões se reuniram para ouvir as proclamações das rainhas e gritar sua aclamação aos governantes de Andor. Elayne entrou pelos fundos do Palácio, os cascos com ferraduras de aço de Coração de Fogo ressoando nas pedras do calçamento enquanto ela trotava para o estábulo principal. Era um amplo espaço com frente em dois lados pelas fileiras de altas portas em arco dos estábulos, com vista para uma única varanda longa de pedra branca, simples e robusta. Vários dos passeios altos e com colunas ofereciam vistas parciais de cima, mas este era um local de trabalho. Diante da simples colunata que dava entrada ao próprio Palácio, uma dúzia de Guardas que se preparavam para substituir os que estavam de serviço na Praça estavam rigidamente ao lado de seus cavalos, sendo inspecionados por seu subtenente, um sujeito grisalho e manco que havia sido vassalo de Gareth Bryne. Ao longo da parede externa, mais trinta estavam montando, prontos para começar patrulhas do Centro da Cidade em pares. Em dias normais, haveria Guardas cuja principal função era policiar as ruas, mas com números tão reduzidos, que aqueles que protegiam o Palácio tinham que fazer isso também.

Careane Fransi também estava lá, uma mulher atarracada com um elegante vestido de montaria listrado verde e manto azul-esverdeado, sentada em seu cavalo castrado cinza enquanto um de seus Guardiões, Venr Kosaan, subia em seu baio. Escuro, com toques de cinza em seu cabelo e barba encaracolados, o homem esguio usava uma capa marrom simples. Aparentemente, eles não pretendiam anunciar quem eram. A chegada de Elayne trouxe um lampejo de surpresa para o estábulo. Não pela parte de Careane ou Kosaan, é claro. A irmã Verde apenas parecia pensativa no capuz protetor de sua capa, e Kosaan nem isso. Ele simplesmente acenou para Birgitte e Yarman, Guardião para Guardiã. Sem outro olhar, eles partiram assim que a última escolta de Elayne passou pelos portões de ferro. Mas alguns dos que montavam ao longo da parede pararam com um pé no estribo, encarando, e as cabeças se voltaram para os recém-chegados entre os homens que estavam na inspeção. Ela não era esperada de volta por pelo menos uma hora, e com exceção de alguns que nunca pensaram além do que suas mãos estavam fazendo, todos no palácio sabiam que a situação era volátil. Rumores se espalharam entre os soldados ainda mais rápido do que entre outros homens, e a Luz sabia, isso queria dizer alguma coisa, a maneira como os homens fofocavam. Estes tinham que saber que Birgitte tinha partido às pressas, e agora ela voltava com Elayne, antes da hora. Uma das outras Casas estava marchando sobre Caemlyn? Pronta para atacar? Deviam ser mandados para as muralhas que não podiam guarnecer completamente, mesmo com o que Dyelin tinha na cidade? Momentos de surpresa e preocupação, então o tenente de couro latiu uma ordem, e os olhos estalaram para a frente, os braços cruzados sobre o peito em saudação. Apenas três além do antigo vassalo estavam nas listas há alguns dias, mas não havia recrutas inexperientes aqui.

Cavaliários de casaco vermelho com o Leão Branco bordado em um ombro saíram correndo do estábulo, embora na verdade houvesse pouco para eles fazerem. As Guardas desmontaram silenciosamente por ordem de Birgitte e começaram a conduzir seus cavalos pelas portas altas. Ela mesma saltou da sela e jogou as rédeas para um dos cavaliários, e não foi mais rápida do que Yarman, que se apressou

para segurar as rédeas de Sareitha enquanto ela descia. Ele era o que algumas irmãs chamavam de “recém-capturado”, vinculado há menos de um ano – o termo datava de uma época em que nem sempre se perguntava aos Guardiões se eles queriam o vínculo – e ele era muito assíduo em seus deveres. Birgitte ficou parada, carrancuda, punhos nos quadris, aparentemente observando os homens que patrulhariam o Centro pelas próximas quatro horas cavalcando em uma coluna de dois a dois. Elayne ficaria surpresa se esses homens passassem pela cabeça de Birgitte, no entanto.

De qualquer forma, ela tinha suas próprias preocupações. Tentando não ser óbvia sobre isso, ela estudou a mulher rija que segurava as rédeas de Coração de Fogo e o sujeito atarracado que colocou um banco de montar coberto de couro e segurou seu estribo enquanto ela desmontava. Ele era sério e deliberado, enquanto ela estava envolvida em acariciar o nariz do animal castrado e sussurrar para ele. Nenhum dos dois olhou para Elayne além de uma respeitosa reverência de cabeça; cortesias vinham em segundo lugar para garantir que ela não fosse arremessada da sela por um cavalo assustado por pessoas que balançavam. Não importava que ela não precisasse da ajuda deles. Ela não estava mais no interior, e havia formulários a serem seguidos. Mesmo assim, ela tentou não franzir a testa. Deixando-os enquanto conduziam Coração de Fogo, ela não olhou para trás. Mas queria.

O salão de entrada sem janelas além da colunata parecia escuro, embora algumas das lâmpadas espelhadas estivessem acesas. Lâmpadas simples aqui, o ferro trabalhado em padrões simples. Tudo era utilitário, as cornijas rebocadas sem adornos, as paredes de pedra branca nuas e lisas. A notícia de sua chegada se espalhou e, antes que estivessem mais para dentro, meia dúzia de homens e mulheres apareceu, curvando-se e fazendo reverências, para pegar capas e luvas. Sua libré diferia da do estábulo por ter colarinhos e punhos brancos, e o Leão de Andor no peito esquerdo em vez do ombro. Elayne não reconheceu ninguém de plantão hoje. A maioria dos servos do Palácio era nova, e outros tinham saído da aposentadoria para ocupar os lugares daqueles que ficaram assustados quando Rand capturou a cidade. Um sujeito calvo e com rosto desfocado não a olhou

nos olhos, mas poderia ter temido que fosse muito atrevido. Uma jovem esbelta e estrábica colocou muito entusiasmo em sua reverência e em seu sorriso, mas talvez ela simplesmente quisesse mostrar entusiasmo. Elayne se afastou, seguida por Birgitte, antes de começar a encará-los. A suspeita tinha um gosto amargo.

Sareitha e seu Guardião as deixaram depois de alguns passos, a Marrom murmurando uma desculpa sobre livros que ela queria ver na biblioteca. A coleção não era pequena, embora nada em comparação com as grandes bibliotecas, e ela passava horas lá todos os dias, frequentemente puxando volumes velhos que ela dizia serem desconhecidos em outros lugares. Yarman a acompanhou enquanto ela deslizava por um corredor de travessia, um cisne escuro e atarracado atraindo uma cegonha estranhamente graciosa em seu rastro. Ele ainda carregava sua capa perturbadora, cuidadosamente dobrada sobre um braço. Os Guardiões raramente deixavam aquilo fora de suas próprias mãos por muito tempo. A de Kosaan provavelmente estava em seus alforjes. “Você gostaria de um manto de Guardião, Birgitte?” Elayne perguntou, caminhando. Não pela primeira vez, ela invejou Birgitte por suas calças volumosas. Mesmo as saias divididas faziam um esforço além de um ritmo tranquilo. Pelo menos ela estava com botas de montar em vez de chinelos. Os ladrilhos vermelhos e brancos do chão estariam congelando se usasse chinelos. Não havia tapetes suficientes para colocar nos corredores, bem como nos quartos; eles teriam se desgastado em pouco tempo, de qualquer maneira, apenas pelo tráfego constante de criados que mantinham o Palácio. “Assim que Egwene tiver a Torre, mandarei fazer um para você. Você deveria ter um.”

“Eu não me importo com mantos flamejantes,” Birgitte respondeu severamente. Uma carranca de mau presságio tornou sua boca em uma linha dura. “Acabou tão rápido que pensei que você tinha tropeçado e batido a cabeça. Sangue e cinzas! Derrubada por valentões de rua! Só a Luz sabe o que podia ter acontecido!”

"Não há necessidade de se desculpar, Birgitte." A indignação e a resignação começaram a inundar o vínculo, mas ela pretendia aproveitar a vantagem. A repreensão de Birgitte era ruim o suficiente

em particular; ela não estava disposta a aguentar isso nos corredores, com os criados ao redor, correndo para levar recados, polindo os painéis de parede esculpidos, cuidando de lampiões que eram dourados ali. Eles mal pararam para oferecer cortesias silenciosas a Birgitte e a ela, mas sem dúvida todos estavam se perguntando por que a Capitã-General parecia uma nuvem de trovoada e tinha os ouvidos bem abertos para captar o que pudessem. “Você não estava lá porque eu não queria você lá. Aposto que Sareitha não tinha Ned com ela.” Dificilmente parecia possível que o rosto de Birgitte pudesse escurecer mais. Talvez mencionar Sareitha tivesse sido um erro. Elayne mudou de assunto. “Você realmente devia tomar cuidado com sua língua. Você está começando a soar como o pior tipo de vagabundo.”

“Minha... língua,” Birgitte murmurou perigosamente. Até seus passos mudaram, para algo como um leopardo andando de um lado para o outro. “Você fala sobre a minha língua? Pelo menos eu sempre sei o que as palavras que eu uso significam. Pelo menos eu sei o que se encaixa e o que não.” Elayne corou, e seu pescoço endureceu. Ela sabia! A maior parte do tempo. Muitas vezes, pelo menos. “Quanto a Yarman,” Birgitte continuou, sua voz ainda suave, e ainda perigosa, “ele é um bom homem, mas ele ainda não ficou surpreso por ser um Guardião. Ele provavelmente pula quando Sareitha estala os dedos. Eu nunca fico de olhos arregalados, e eu não pulo. É por isso que você me deu um título? Você achou que isso iria me controlar? Não teria sido o primeiro pensamento bobo nessa sua cabeça. Para alguém que pensa tão claramente na maior parte do tempo... Bem. Eu tenho uma escrivaninha abarrotada de relatórios inflamados que eu tenho que me enfiar se você pretende conseguir metade dos Guardas que você quer, mas nós teremos uma boa e longa conversa hoje à noite. Minha senhora,” ela adicionou, com muita firmeza. Sua reverência foi quase zombeteiramente formal. Ela se afastou, e sua longa trança dourada deveria estar eriçada como o rabo de um gato raivoso.

Elayne bateu o pé em frustração. O título de Birgitte foi uma recompensa bem merecida, conquistada dez vezes desde que ela se uniu à mulher! E dez mil vezes antes disso. Bem, ela tinha pensado na outra parte, mas não até depois. Era muito bom que tivesse feito, de

qualquer maneira. Seja de suserana ou de Aes Sedai, Birgitte escolhia quais comandos ela obedecia. Não quando era importante — não quando ela achava que era importante, pelo menos —, mas sobre qualquer outra coisa, especialmente o que ela chamava de riscos desnecessários ou comportamento impróprio. Como se Birgitte Arco de Prata pudesse falar com alguém sobre correr riscos! E quanto ao comportamento adequado, Birgitte farreava em tavernas! Ela bebia e jogava, e também cobiçava homens bonitos! Ela gostava de olhar para os bonitos, mesmo que preferisse aqueles que pareciam ter sido espancado na cabeça com frequência. Elayne não queria mudá-la — admirava a mulher, gostava dela, considerava-a amiga —, mas desejava que houvesse um pouco mais de Guardiã de Aes Sedai em seu relacionamento. E muito menos de uma irmã mais velha que debocha da mais nova.

Abruptamente, ela percebeu que estava parada ali, carrancuda para o nada. Os servos hesitaram enquanto passavam e abaixaram a cabeça como se tivessem medo de que ela pudesse estar olhando para eles. Acalmando o rosto, ela gesticulou para um garoto desengonçado e cheio de espinhas que vinha pelo corredor. Ele fez uma reverência tão desajeitada e tão profunda que cambaleou e quase caiu.

“Encontre a Sra. Harfor e peça a ela para me ver imediatamente em meus aposentos,” ela disse a ele, então acrescentou com uma voz não indelicada, “E você deve se lembrar, seus superiores não ficarão satisfeitos se eles o encontrarem boquiaberto no Palácio quando você deveria estar trabalhando.” Sua boca se abriu como se ela tivesse lido sua mente. Talvez ele pensasse que ela tinha. Seus olhos arregalados brilharam para o anel da Grande Serpente, e ele guinchou e fez uma reverência ainda mais profunda antes de sair correndo. Ela sorriu apesar de si mesma. Tinha sido uma facada selvagem, mas ele era jovem demais para ser espião de alguém, e nervoso demais para não fazer algo que não deveria. Por outro lado... Seu sorriso desapareceu.

Por outro lado, ele não era muito mais jovem do que ela.

Capítulo 8

O Povo do Mar e as Kin

Não foi surpresa para Elayne quando ela encontrou a Primeira Empregada antes de chegar a seus aposentos. Afinal, ambas estavam indo para o mesmo lugar. A Sra. Harfor fez uma reverência e se juntou a ela, carregando uma pasta de couro com relevo debaixo do braço. Ela certamente tinha acordado tão cedo quanto Elayne, se não antes, mas seu manto escarlate parecia recém passado, o Leão Branco em sua frente tão limpo e pálido como a neve recém caída. Os servos correram mais rápido e limpavam mais quando a viram. Reese Harfor não era dura, mas mantinha uma disciplina tão rígida em relação ao Palácio quanto Gareth Bryne jamais manteve em relação aos Guardas. “Temo não ter pego nenhum espião ainda, minha senhora,” ela disse em resposta à pergunta de Elayne, sua voz afinada para alcançar apenas os ouvidos de Elayne, “mas acredito que descobri uma dupla. Uma mulher e um homem, ambos contratados durante os últimos meses de reinado da falecida Rainha sua mãe. Eles deixaram o palácio assim que se espalhou a notícia de que eu estava questionando todo mundo. Sem esperar para recolher um pedaço de seus pertences, nem mesmo uma capa. Isso é tão bom quanto uma admissão, eu diria. A menos que eles tenham medo de serem pegos em alguma outra travessura,” ela adicionou relutantemente. “Houve casos de furtos, receio.”

Elayne assentiu pensativa. Naeen e Elenia estiveram muito no Palácio durante os últimos meses do reinado de sua mãe. Oportunidade mais do que suficiente para colocar os olhos e os ouvidos no lugar. Aqueles dois estiveram no Palácio, e outros que se opuseram à reivindicação de Morgase Trakand ao trono, aceitaram sua anistia uma vez que ela a teve e depois a traíram. Ela não cometeria o erro de sua mãe. Ah, devia haver anistia sempre que possível — qualquer outra coisa era plantar as sementes de uma guerra civil —, mas ela planejava observar muito de perto aqueles que pedissem seu perdão. Como um gato observando um rato que alegava ter desistido de se interessar pelos celeiros de grãos. “Eles eram espiões”, disse ela. “E

pode muito bem haver outros. Não apenas para as Casas. As irmãs do Cisne Prateado podem ter comprado olhos e orelhas no Palácio também.”

“Vou continuar procurando, minha senhora,” Reene respondeu, inclinando a cabeça ligeiramente. Seu tom era perfeitamente respeitoso; ela nem sequer ergueu uma sobrancelha, mas mais uma vez, Elayne se viu pensando em ensinar a avó a tricotar. Se ao menos Birgitte pudesse lidar com as coisas como a Sra. Harfor fazia. “Ainda bem que você voltou cedo,” a mulher gorda continuou. “Você tem uma tarde ocupada, eu temo. Para começar, Mestre Norry deseja falar com você. É um assunto urgente, ele diz.” Sua boca endureceu por um instante. Ela sempre exigia saber por que as pessoas queriam se aproximar de Elayne, para que ela pudesse separar o joio em vez de deixar Elayne ser enterrada sob ele, mas o Primeiro Escriturário nunca achou adequado dar a ela uma dica de seus negócios. Mais do que ela dava a ele. Ambos tinham ciúmes de seus postos. Com um aceno de cabeça, ela dispensou Halwin Norry. “Depois dele, uma delegação de comerciantes de tabaco fez uma petição para vê-la, e outra de tecelões, ambas pedindo remissão de impostos porque os tempos estão difíceis. Minha Senhora, não precisa do meu conselho para lhes dizer que os tempos são difíceis para todos. Um grupo de comerciantes estrangeiros também está esperando; sim um grande grupo. Apenas para desejar-lhe o bem de uma maneira que não os sobrecarregue, é claro — eles desejam estar do seu lado sem antagonizar mais ninguém —, mas sugiro encontrá-los brevemente.” Ela colocou os dedos roliços na pasta debaixo do braço. “Além disso, as contas do Palácio exigem sua assinatura antes que possam ir ao Mestre Norry. Elas vão fazê-la suspirar, eu temo. Eu dificilmente esperava isso no inverno, mas grande parte da farinha está cheia de gorgulhos e mariposas, e metade dos presuntos curados estragou, assim como a maioria dos peixes defumados.” Bastante respeitosa. E bem firme.

Eu governo Andor, a mãe de Elayne lhe disse uma vez, em particular, *mas às vezes acho que Reene Harfor me governa*. Sua mãe estava rindo, mas ela soava como se estivesse falando sério também.

Pensando bem, a Sra. Harfor como Guardiã seria dez vezes pior do que Birgitte.

Elayne não queria se encontrar com Halwin Norry ou com mercadores. Ela queria ficar quieta e pensar em espões, em quem tinha Naeen e Elenia, e como ela poderia combatê-los. Exceto que... Mestre Norry manteve Caemlyn viva desde que sua mãe morreu. Na verdade, pelo que ela podia ver nos relatos antigos, ele tinha feito isso quase desde o dia em que ela caiu nas garras de Rahvin, embora Norry fosse vago sobre isso. Ele parecia ofendido pelos acontecimentos daqueles dias, de uma maneira um tanto empoeirada. Ela não podia simplesmente afastá-lo. Além disso, ele nunca expressou urgência sobre nada. E a boa vontade dos mercadores não devia ser desprezada, mesmo dos mercadores estrangeiros. E as contas precisavam ser assinadas. Gorgulhos e mariposas? E presuntos estragando? No inverno? Isso era decididamente estranho. Elas alcançaram as altas portas esculpidas em leões de seus aposentos. Leões menores do que aqueles nas portas dos aposentos que sua mãe usara e aposentos menores, mas ela nunca pensou em usar os aposentos da rainha. Isso teria sido tão presunçoso quanto sentar no Trono do Leão antes que seu direito à Coroa de Rosas fosse reconhecido. Com um suspiro, ela pegou a pasta.

No corredor, ela avistou Solain Morgeillin e Keraille Surtozni, correndo o mais rápido que podiam sem parecer correr. Flashes de prata apareceram no pescoço da mulher taciturna espremida entre elas, embora as Mulheres Kin tivessem colocado um longo lenço verde em volta dela para esconder a coleira do *a'dam*. Isso causaria conversa, e seria visto mais cedo ou mais tarde. Melhor se ela e as outras não precisassem ser movidas, mas não havia como evitar. Entre Mulheres Kin e Chamadoras de Vento do Povo do Mar, foram necessários quartos nos alojamentos dos empregados para conter o transbordamento, mesmo com duas e três para cada cama, e o Palácio tinha porões para armazenamento, não masmorras. Como Rand sempre conseguia fazer a coisa errada? Ser homem não era desculpa suficiente. Solain e Keraille desapareceram em uma esquina com sua prisioneira.

“A senhora Corly pediu para vê-la esta manhã, minha senhora.” A voz de Reese era cuidadosamente neutra. Ela também estava observando as Mulheres Kin, e um traço de carranca permaneceu em seu rosto largo. O Povo do Mar era estranho, mas ela poderia encaixar um clã de Mestra das Ondas e sua comitiva em sua visão do mundo, mesmo que ela não soubesse exatamente o que era um clã de Mestra das Ondas. Um estrangeiro de alto escalão era um estrangeiro de alto escalão, e esperava-se que os estrangeiros fossem estranhos. Mas ela não conseguia entender por que Elayne havia abrigado cerca de cento e cinquenta mercadoras e artesãs. Nem “as Kin” nem “o Círculo de Tricô” teriam significado alguma coisa para ela se tivesse ouvido o nome, e ela não entendia as tensões peculiares entre aquelas mulheres e as Aes Sedai. Tampouco entendia as mulheres que os Asha'man haviam trazido, prisioneiras na verdade, se não confinadas em celas, mantidas isoladas e nunca autorizadas a falar com ninguém além das mulheres que as escoltavam pelos corredores. A Primeira Empregada sabia quando não fazer perguntas, mas não gostava de não entender o que estava acontecendo no Palácio. Sua voz não mudou por um fio de cabelo. “Ela disse que tinha boas notícias para você. De certa forma, ela disse. Ela não pediu uma audiência, no entanto.”

Boas notícias de qualquer tipo eram melhores do que repassar as contas, e ela tinha esperanças de quais seriam essas notícias. Abandonando a pasta nas mãos da Primeira Empregada, ela disse: “Deixe isso na minha escrivaninha, por favor. E diga a Mestre Norry que o verei em breve.”

Partindo na direção de onde as Kin vieram com sua prisioneira, ela caminhou rapidamente, apesar de suas saias. Boas notícias ou não, Norry e os mercadores precisavam ser vistos, e os mercadores, para não mencionar as contas examinadas e assinadas. Governar significava semanas intermináveis de labuta e raras horas de fazer o que você queria. Horas muito raras. Birgitte estava guardada atrás de sua cabeça, uma bola apertada da mais pura irritação e frustração. Sem dúvida, ela estava vasculhando aquela mesa cheia de papéis. Bem, seu próprio relaxamento neste dia seria o tempo necessário para

trocar a roupa de montaria e comer uma refeição apressada. Então ela andou muito rápido, perdida em pensamentos e mal vendo o que estava na frente da outra. O que Norry achava urgente? Certamente não reparos de rua. Quantos espiões? Havia pouca chance de a Sra. Harfor pegar todos eles. Quando ela virou uma esquina, apenas a percepção repentina de outras mulheres que podiam canalizar a impediu de correr de cabeça para Vandene vindo na direção oposta. Elas recuaram uma da outra, assustadas. Aparentemente, a Verde também estava absorta em pensamentos. Suas duas companheiras ergueram as sobancelhas para Elayne. Kirstian e Zarya vestiam branco simples e ficaram um passo cuidadoso atrás de Vandene, as mãos dobradas mansamente na cintura. Seus cabelos estavam presos para trás com simplicidade e não usavam joias. As joias eram fortemente desencorajadas entre as noviças. Elas tinham sido Mulheres Kin — Kirstian na verdade estava no próprio Círculo de Tricô — mas eram fugitivas da Torre, e havia maneiras prescritas de lidar com elas, estabelecidas na lei da Torre, não importava há quanto tempo elas tivessem ido embora. As fugitivas que retornavam eram obrigadas a ser absolutamente perfeitas em tudo o que faziam, o próprio modelo de uma iniciada lutando pelo xale, e pequenos deslizes que poderiam ser esquecidos em outras eram punidos rápida e fortemente. Elas enfrentariam uma punição muito mais forte quando chegassem à Torre, além de uma repreensão pública, e mesmo assim seriam mantidas em seu caminho reto e doloroso por pelo menos um ano. Uma fugitiva que voltava era obrigada a saber em seu coração que ela nunca, nunca ia querer fugir novamente. Nunca! Mulheres meio treinadas eram perigosas demais para serem deixadas soltas.

Elayne tentou ser indulgente, nas poucas vezes em que esteve com elas — as Mulheres Kin não eram realmente meio treinadas; elas tinham tanta experiência com o Poder Único quanto qualquer Aes Sedai, se não o treinamento — ela havia tentado, apenas para descobrir que mesmo a maioria das outras Mulheres Kin desaprovava. Dada outra chance de se tornar Aes Sedai — aquelas que podiam, pelo menos — elas abraçaram todas as leis e costumes da Torre com fervor chocante. Ela não ficou surpresa com a ansiedade contida nos olhos

das duas mulheres ou com a maneira como elas pareciam irradiar uma promessa de bom comportamento — elas queriam essa chance tanto quanto qualquer uma — só que estavam com Vandene. Até agora, ela havia ignorado o par completamente. "Eu estava procurando por você, Elayne", disse Vandene sem preâmbulos. Seu cabelo branco, preso na nuca com uma fita verde escura, sempre lhe deu um ar de idade, apesar de suas bochechas macias. O assassinato de sua irmã havia acrescentado severidade, encharcando até os ossos, então ela parecia uma juíza implacável. Ela era esbelta; agora era ossuda, suas bochechas encovadas. "Essas crianças..." Ela cortou, uma leve careta afinando sua boca.

Era a maneira correta de se referir a noviças — o pior momento para uma mulher que ia à Torre não era quando descobria que não seria considerada totalmente adulta até ganhar o xale, mas quando percebia que, desde que vestisse o branco de noviça, ela realmente era uma criança, alguém que poderia ferir a si mesma ou aos outros por ignorância e erro — a maneira correta, mas mesmo para Vandene devia ter parecido estranho aqui. A maioria das noviças chegava à Torre aos quinze ou dezesseis anos e, até recentemente, nenhuma com mais de dezoito anos, exceto por um punhado que havia conseguido mentir. Ao contrário das Aes Sedai, as Kin usavam a idade para estabelecer sua hierarquia, e Zarya — ela estava se chamando de Garenia Rosoinde, mas Zarya Alkaese era o nome nos livros de noviças, e como Zarya Alkaese ela responderia — Zarya, com seu nariz forte e boca larga, tinha mais de noventa anos, embora parecesse bem aquém da meia-idade. Nenhuma das mulheres tinha a feição de sem idade, apesar de seus anos de uso do Poder, e a bonita Kirstian de olhos negros parecia um pouco mais velha, talvez trinta ou mais. Ela tinha mais de trezentos anos, mais velha que a própria Vandene, Elayne tinha certeza. Kirstian tinha saído da Torre por tanto tempo que se sentiu segura usando seu nome verdadeiro novamente, ou parte dele. Nem um pouco o habitual de noviças.

"Essas crianças," Vandene continuou com mais firmeza, uma carranca profunda vincando sua testa, "estiveram pensando sobre os eventos em Harlon Bridge." Foi lá que sua irmã foi assassinada. E Ispan

Shefar, mas no que dizia respeito a Vandene, a morte de uma irmã negra contava com a morte de um cão raivoso. “Infelizmente, em vez de ficar em silêncio sobre suas conclusões, elas vieram até mim. Pelo menos elas não tagarelaram onde qualquer um pudesse ouvir.”

Elayne franziu a testa ligeiramente. Todos no palácio sabiam dos assassinatos a essa altura. “Eu não entendo”, disse ela lentamente. E com cuidado. Ela não queria dar dicas as duas se elas não tivessem realmente desenterrado segredos meticulosamente escondidos. “Elas descobriram que era Amigos das Trevas em vez de roubo?” Essa era a história que eles tinham inventado, duas mulheres em uma casa isolada, mortas por suas joias. Só ela, Vandene, Nynaeve e Lan conheciam alguma medida real da verdade. Até agora, pelo menos, parecia. Elas deviam ter chegado tão longe em suas conclusões, ou Vandene as mandaria embora com uma pulga atrás de sua orelha coletiva.

“Pior.” Vandene olhou ao redor, então deu alguns passos para o centro de onde os corredores se cruzavam, forçando Elayne a segui-la. Daquele ponto de vista, elas podiam ver qualquer um vindo por qualquer corredor. As noviças mantiveram atentamente as suas posições relativamente à Verde. Talvez elas já tivessem pegado aquela pulga, apesar de toda a ansiedade. Havia muitos servos à vista, mas ninguém se aproximando, ninguém perto o suficiente para ouvir. Vandene baixou a voz de qualquer maneira. A quietude não fez nada para mascarar seu desagrado. “Elas raciocinaram que o assassino deve ser Merilille, Sareitha ou Careane. Bom pensamento da parte delas, suponho, mas elas não deveriam ter pensado nisso em primeiro lugar. Elas deveriam ter sido mantidas em suas aulas com tanto afinco que não tiveram tempo para pensar em mais nada.” Apesar da carranca que dirigiu a Kirstian e Zarya, as duas noviças idosas sorriram de alegria. Houve um elogio enterrado na bronca, e Vandene estava poupando elogios.

Elayne não apontou que a dupla poderia ter ficado um pouco mais ocupada se Vandene estivesse disposta a participar de suas aulas. A própria Elayne e Nynaeve tinham muitas outras tarefas, e como tinham acrescentado aulas diárias para as Chamadoras de Vento — todas

menos Nynaeve tinham, pelo menos — ninguém tinha energia para muito tempo com as duas noviças. Ensinar as mulheres Atha'an Miere era como ser alimentada através do destroço de uma lavadeira! Elas tinham pouco respeito pelas Aes Sedai. E menos ainda para se portar entre “os litorâneos”.

"Pelo menos elas não falaram com mais ninguém", ela murmurou. Uma bênção, se pequena. Ficara óbvio, quando encontraram Adeleas e Ispan, que o assassino devia ser uma Aes Sedai. Elas haviam sido paralisadas com espinheiro carmesim antes de serem mortas, e era quase impossível que as Chamadoras de Vento soubessem de uma erva encontrada apenas longe do mar. E até Vandene tinha certeza de que as Kin não contavam com Amigos das Trevas entre elas. Ispan tinha fugido quando era noviça, e chegou até Ebou Dar, mas foi retomada antes que as Kin se revelassem a ela, dizendo que eram mais do que algumas mulheres expulsas da Torre que decidiram por capricho ajudá-la. Questionada por Vandene e Adeleas, ela revelou muita coisa. De alguma forma, ela conseguiu resistir a dizer qualquer coisa sobre a própria Ajah Negra, exceto para expor velhos esquemas há muito realizados, mas ela estava ansiosa para contar qualquer outra coisa assim que Vandene e sua irmã terminavam com ela. Eles não tinham sido gentis e haviam sondado suas profundezas, mas ela não sabia mais sobre as Kin do que qualquer outra Aes Sedai. Se houvesse algum Amigo das Trevas entre as Kin, a Ajah Negra saberia de tudo. Então, por mais que elas pudessem desejar o contrário, o assassino era uma das três mulheres que todos passaram a gostar. Uma irmã negra no meio delas. Ou mais de uma. Todas estavam desesperadas para manter esse conhecimento em segredo, pelo menos até que a assassina fosse descoberta. A notícia deixaria o palácio inteiro em pânico, talvez a cidade inteira. Luz, quem mais estava pensando nos eventos de Harlon Bridge? Elas teriam o bom senso de manter o silêncio?

“Alguém tem que segurá-las na mão”, disse Vandene com firmeza, “para mantê-las longe de mais travessuras. Elas precisam de aulas regulares e trabalho duro.” Os rostos radiantes do par tinham assumido uma pitada de presunção, mas ela desapareceu um pouco com isso.

Suas lições foram poucas, mas muito duras, a disciplina muito rígida. "Isso significa você, Elayne, ou Nynaeve."

Elayne estalou a língua exasperada. "Vandene, mal tenho um momento para pensar. Já estou me esforçando para dar a elas uma hora de vez em quando. Terá que ser Nynaeve."

"O que terá que ser Nynaeve?" a própria mulher exigiu alegremente, juntando-se a elas. De alguma forma, ela havia adquirido um longo xale de franjas amarelas bordado com folhas e flores brilhantes, mas estava enrolado em seus cotovelos. Apesar das temperaturas, ela usava um vestido azul com um decote bastante baixo para Andor, embora a trança grossa e escura puxada sobre o ombro e aninhada em seu decote impedisse que a exposição fosse muito grande. O pequeno ponto vermelho, o *ki'sain*, no meio de sua testa parecia bem estranho. De acordo com o costume Malkieri, um *ki'sain* vermelho marcava uma mulher casada, e ela insistiu em usá-lo assim que soube. Brincando preguiçosamente com a ponta de sua trança, ela parecia... contente... não uma emoção que alguém normalmente associava a Nynaeve al'Meara. Elayne sobressaltou-se quando notou Lan, a alguns passos de distância, dando uma volta em volta delas e vigiando os dois corredores. Tão alto quanto um homem Aiel em seu casaco verde-escuro, com ombros de ferreiro, o homem de rosto duro ainda conseguia se mover como um fantasma. Sua espada estava afivelada na cintura mesmo aqui no Palácio. Ele sempre fazia Elayne estremecer. Morte olhava de seus frios olhos azuis. Exceto quando ele olhava para Nynaeve, quer dizer.

O contentamento desapareceu do rosto de Nynaeve assim que ela soube qual teria que ser sua tarefa. Ela parou de mexer na trança e a agarrou com força. "Agora você me escuta. Elayne pode ser capaz de brincar de política, mas estou com as mãos ocupadas. Mais da metade das Kin já teria desaparecido se Alise não as estivesse segurando pela nuca, e já que ela não tem esperança de alcançar o xale sozinha, não tenho certeza de quanto tempo mais ela vai segurar qualquer pessoa. O resto acha que pode discutir comigo! Ontem, Sumeko me chamou de... garota!" Ela mostrou os dentes, mas era tudo culpa dela, de um jeito ou de outro. Afinal, fora ela quem havia insistido com as Kin para

que elas mostrassem alguma coragem em vez de se rastejar para as Aes Sedai. Bem, elas certamente tinham parado de rastejar. Em vez disso, elas eram muito propensas a manter as irmãs no padrão de sua Regra. E encontravam a irmã por querer! Podia não ser culpa de Nynaeve, exatamente, que ela parecia ter pouco mais de vinte anos — ela parou de crescer cedo — mas a idade era importante para as Kin, e ela escolheu passar a maior parte do tempo com elas. Ela não estava brincando com sua trança, apenas puxando-a com tanta firmeza que deveria estar pronta para se soltar de seu couro cabeludo.

“E aquelas malditas do Povo do Mar! Mulheres desgraçadas! Miseráveis; miseráveis; miseráveis! Se não fosse por essa maldita barganha...! A última coisa que preciso em minhas mãos é um par de noviças choramingando e balindo!” Os lábios de Kirstian se estreitaram por um instante, e os olhos escuros de Zarya brilharam de indignação antes que ela conseguisse assumir a mansidão novamente. Uma aparência de mansidão. Eles tiveram o bom senso de saber que as noviças não abriam a boca para a Aes Sedai, no entanto. Elayne empurrou o desejo de suavizar tudo. Ela queria dar um tapa em Kirstian e Zarya. Elas complicaram tudo não mantendo a boca fechada em primeiro lugar. Ela queria dar um tapa em Nynaeve. Então ela finalmente fora encurralada pelas Chamadoras de Vento, não é? Isso não ganhou nenhuma simpatia.

“Eu não estou brincando com nada, Nynaeve, e você sabe disso! Já pedi seu conselho com bastante frequência!” Respirando fundo, ela tentou se acalmar. Os criados que ela via além de Vandene e as duas noviças tinham parado de trabalhar para olhar com os olhos arregalados o grupo de mulheres. Ela duvidava que eles mais do que notassem Lan, por mais impressionante que ele fosse. Discussão de Aes Sedai era algo para assistir, e ficar longe. “Alguém tem que cuidar delas,” ela disse mais calmamente. “Ou você acha que pode simplesmente dizer a elas para esquecer tudo isso? Olhe para elas, Nynaeve. Deixados a si mesmas, elas tentarão descobrir quem é em um piscar de olhos. Elas não teriam ido para Vandene a menos que pensassem que ela as deixaria ajudar.” A dupla virou a imagem da inocência de noviça de olhos arregalados, com apenas uma pitada de

ofensa por uma acusação injusta. Elayne não acreditou. Elas tiveram uma vida inteira para se disfarçar.

"E porque não?" Nynaeve disse depois de um momento, mudando seu xale. "Luz, Elayne, você tem que lembrar que elas não são o que normalmente esperamos em noviças." Elayne abriu a boca em protesto — *o que normalmente esperamos, de fato!* — Nynaeve podis nunca ter sido uma noviça, mas foi Aceita há pouco tempo; uma Aceita choringona, e chorona, muitas vezes, também! — ela abriu a boca, e Nynaeve continuou. "Vandene pode fazer bom uso delas, tenho certeza", disse ela. "E quando ela não fizer, ela pode dar aulas regulares. Lembro-me de alguém me dizer que você já ensinou noviças antes, Vandene. É isso. Estamos de acordo."

As duas noviças deram largos e ansiosos sorrisos de expectativa — quase esfregavam as mãos de satisfação —, mas Vandene franziu o cenho. "Não preciso de noviças debaixo dos meus pés enquanto..."

"Você é tão cega quanto Elayne", Nynaeve interrompeu. "Elas têm experiência em fazer Aes Sedai tomá-las por algo diferente do que são. Elas podem trabalhar sob sua direção, e isso lhe dará tempo para dormir e comer. Eu não acredito que você está fazendo isso também." Ela se endireitou, colocando o xale sobre os ombros e ao longo dos braços. Foi uma atuação e tanto. Baixa como era, não mais alta que Zarya e marcadamente mais baixa que Vandene ou Kirstian, ela conseguia parecer a mais alta por centímetros. Era uma habilidade que Elayne desejava dominar. Embora ela não tentasse usar um vestido cortado dessa maneira. Nynaeve estava em perigo de sair imediatamente. Ainda assim, isso não diminuiu sua presença. Ela era a essência do comando. "Você vai fazer isso, Vandene", disse ela com firmeza. A carranca de Vandene desapareceu lentamente, mas desapareceu. Nynaeve era mais alta no Poder do que ela, e mesmo que ela nunca pensasse conscientemente no fato, um costume profundamente arraigado a fez ceder, ainda que a contragosto. No momento em que ela se virou para as duas mulheres de branco, seu rosto estava tão composto quanto estava desde o assassinato de Adeleas. O que significava apenas que o juiz poderia não ordenar uma execução agora. Talvez mais tarde. Seu rosto magro estava calmo e

totalmente sombrio. “Ensinei noviças por um tempo”, disse ela. “Pouco tempo. A mestra das noviças achava que eu era muito dura com as minhas alunas.” A ânsia da dupla esfriou um pouco. “O nome dela era Sereille Bagand.” O rosto de Zarya ficou tão pálido quanto o de Kirstian, e Kirstian balançou como se de repente estivesse tonta. Como Senhora das noviças e depois do Trono de Amyrlin, Sereille era uma lenda. O tipo de lenda que fazia você acordar no meio da noite suando. “Eu como”, disse Vandene a Nynaeve. “Mas tudo tem gosto de cinzas.” Com um gesto brusco para as duas noviças, ela as conduziu por Lan. Elas estavam cambaleando um pouco enquanto a seguiam.

“Mulher teimosa”, Nynaeve resmungou, franzindo a testa para as costas, mas havia mais do que uma pitada de simpatia em sua voz. “Conheço uma dúzia de ervas que a ajudariam a dormir, mas ela não as toca. Estou quase pensando em colocar algo no vinho da noite dela.”

Uma governante sábia, pensou Elayne, *sabe quando falar e quando não falar*. Bem, isso era sabedoria em qualquer um. Ela não disse que Nynaeve chamando alguém de teimoso era o galo chamando o faisão de orgulhoso. “Você sabe quais são as novidades de Reanne?” ela disse em vez disso. “Boas notícias – ‘de alguma espécie’ – pelo que entendi.”

“Eu não a vi esta manhã,” a outra mulher murmurou, ainda olhando para Vandene. “Eu não saí do meu quarto.” De repente, ela se sacudiu e, por algum motivo, franziu a testa desconfiada para Elayne. E então para Lan, de todas as coisas. Imperturbável, ele continuou a ficar de guarda.

Nynaeve alegava que seu casamento era glorioso — ela podia ser chocantemente franca sobre isso com outras mulheres —, mas Elayne pensou que ela devia estar mentindo para encobrir a decepção. Muito provavelmente Lan estava pronto para um ataque, pronto para lutar, mesmo dormindo. Seria como deitar-se ao lado de um leão faminto. Além disso, aquele rosto de pedra era suficiente para gelar qualquer cama conjugal. Felizmente, Nynaeve não tinha ideia do que ela pensava. A mulher realmente sorriu. Um sorriso divertido, estranhamente. Divertido, e... poderia ser condescendente? Claro que não. Era imaginação. “Eu sei onde Reanne está”, disse Nynaeve,

ajeitando o xale de volta para os cotovelos. "Venha comigo. Eu vou te levar até ela."

Elayne sabia exatamente onde Reanne estaria, já que ela não era próxima de Nynaeve, mas mais uma vez ela controlou sua língua e deixou Nynaeve guiá-la. Uma espécie de penitência por discutir antes, quando deveria ter tentado fazer as pazes. Lan as seguiu, aqueles olhos frios examinando os corredores. Os servos pelos quais passaram se encolheram quando o olhar de Lan caiu sobre eles. Uma mulher jovem, de cabelos claros, recolheu as saias e correu, esbarrando em uma lanterna e fazendo-a balançar em seu voo.

Isso lembrou a Elayne de contar a Nynaeve sobre Elenia e Naeon, e sobre os espiões. Nynaeve escutou com bastante calma. Ela concordou com Elayne que elas saberiam em breve quem havia sequestrado as duas mulheres, com um desprezo pelas dúvidas de Sareitha. Por falar nisso, ela expressou surpresa por não terem sido tiradas diretamente de Aringill há muito tempo. "Eu não podia acreditar que elas ainda estavam lá quando chegamos em Caemlyn. Qualquer tolo poderia ver que elas seriam trazidas aqui mais cedo ou mais tarde. Muito mais fácil tirá-las de uma cidade pequena." Uma pequena cidade. Aringill teria parecido uma grande cidade para ela, uma vez. "Quanto a espiões..." Ela franziu a testa para um homem magricela e grisalho enchendo uma lamparina de ouro com óleo, e balançou a cabeça. "Claro que existem espiões. Eu sabia que deveria haver, desde o início. Você só precisa tomar cuidado com o que diz, Elayne. Não diga nada a ninguém que você não conhece bem, a menos que não se importe que todos saibam." Quando falar e quando não, Elayne pensou, franzindo os lábios. Às vezes, isso poderia ser uma verdadeira penitência com Nynaeve.

Nynaeve tinha suas próprias informações para transmitir. Dezoito das Kin que as acompanharam a Caemlyn não estavam mais no Palácio. Elas não tinham fugido, no entanto. Como nenhuma era forte o suficiente para Viajar, Nynaeve havia tecido os portais ela mesma, enviando-as para Altara, Amadicia e Tarabon, para as terras de Seanchan, onde elas tentariam encontrar qualquer uma das Kin que ainda não tivessem fugido e trazê-los de volta para Caemlyn.

Teria sido bom se Nynaeve tivesse pensado em informá-la ontem, quando elas partiram, ou melhor ainda, quando ela e Reanne decidiram enviá-las, mas Elayne não mencionou isso. Em vez disso, ela disse: “Isso é muito corajoso da parte delas. Evitar a captura não será fácil.”

“Corajoso, sim”, disse Nynaeve, parecendo irritada. Sua mão subiu para sua trança novamente. “Mas não é por isso que as escolhemos. Alise pensou que elas eram as mais propensas a fugir se não dermos a elas algo para fazer.” Olhando por cima do ombro para Lan, ela abaixou a mão. “Não vejo como Egwene pretende fazer isso”, ela suspirou. “Tudo muito bem dizer que cada uma das Kin será ‘associada’ à Torre de alguma forma, mas como? A maioria não é forte o suficiente para ganhar o xale. Muitas nem chegam a ser Aceitas. E com certeza não vão aguentar ser noviças ou Aceitas o resto da vida.” Desta vez Elayne não disse nada porque não sabia o que dizer. A promessa tinha que ser mantida; ela mesma a fizera. Em nome de Egwene, é verdade, e por ordem de Egwene, mas ela mesma havia falado as palavras e não quebraria sua palavra. Só que ela não sabia como mantê-la a menos que Egwene criasse algo realmente maravilhoso.

Reanne Corly estava exatamente onde Elayne sabia que estaria, em uma pequena sala com duas janelas estreitas que davam para um pequeno pátio cheio de fontes no fundo do Palácio, embora a fonte estivesse seca, nesta época do ano, e os caixilhos de vidro do quarto um pouco abafados. O piso era de ladrilhos escuros e lisos, sem carpete, e como mobília havia apenas uma mesa estreita e duas cadeiras. Havia duas pessoas com Reanne quando Elayne entrou. Alise Tenjile, em um vestido simples cinza de gola alta, olhou para cima de onde estava na ponta da mesa. Aparentemente na meia-idade, ela era uma mulher de aparência agradável e normal, que era realmente notável quando você a conhecia e podia ser muito desagradável quando era necessário. Um único olhar, e ela voltou ao seu estudo sobre o que estava acontecendo na mesa. Aes Sedai, Guardiãs e Filhas Herdeiras não impressionavam Alise, não mais. A própria Reanne estava sentada em um lado da mesa, com o rosto enrugado e o cabelo mais grisalho do que sem estar, em um vestido verde mais

elaborado que o de Alise; fora expulsa da Torre após ser reprovada no teste para Aceita, e oferecida uma segunda chance, já havia adotado as cores de sua Ajah preferida. Em frente a ela estava sentada uma mulher roliça vestida de lã marrom simples, seu rosto firme em desafio teimoso e seus olhos escuros fixos em Reanne, evitando o *a'dam* segmentado prateado deitado como uma cobra entre elas sobre a mesa. Suas mãos acariciavam a borda da mesa, porém, e Reanne tinha um sorriso confiante que aprofundava as linhas finas nos cantos de seus olhos.

"Não me diga que você fez uma delas ver a razão", disse Nynaeve antes mesmo de Lan fechar a porta atrás deles. Ela fez uma careta para a mulher de marrom como se quisesse dar um tapa em suas orelhas, se não pior, então olhou para Alise. Elayne achou que Nynaeve estava um pouco admirada com Alise. A mulher estava longe de ser forte no Poder — ela nunca alcançaria o xale — mas tinha um jeito de assumir o comando quando queria e fazer com que todos ao seu redor aceitassem isso. Incluindo Aes Sedai. Elayne pensou que poderia estar um pouco admirada com a própria Alise.

"Elas ainda negam que podem canalizar," Alise murmurou, cruzando os braços sob os seios, e franziu a testa para a mulher que enfrentava Reanne. "Elas não podem, realmente, eu suponho, mas eu posso sentir... alguma coisa. Não exatamente a faísca de uma mulher nascida para isso, mas quase. É como se ela estivesse à beira de ser capaz de canalizar, um pé pronto para passar por cima. Eu nunca senti nada parecido antes. Nós iremos descobrir. Pelo menos elas não tentam mais nos atacar com os punhos. Acho que as ensinei direito sobre isso, pelo menos!" A mulher de marrom lançou um olhar mal-humorado e raivoso para ela, mas desviou os olhos do olhar firme de Alise, sua boca torcendo em uma careta doentia. Quando Alise corrigia alguém, suas ordens eram realmente muito claras. Suas mãos continuaram a se mover ao longo da mesa; Elayne achava que não estava ciente disso.

"Elas ainda negam ver os fluxos também, mas estão tentando se convencer", disse Reanne em sua voz alta e musical. Ela continuou a encarar o olhar obstinado da outra com um sorriso. Qualquer irmã

poderia ter invejado a serenidade e a presença de Reanne. Ela tinha sido a mais velha do Círculo de Tricô, a mais alta autoridade entre as Kin. De acordo com sua Regra, o Círculo de Tricô existia apenas em Ebou Dar, mas ela ainda era a mais velha entre as de Caemlyn, cem anos mais velha do que qualquer Aes Sedai na memória viva, e ela poderia igualar qualquer irmã com seu ar de comando calmo. “Elas alegam que as enganamos com o Poder, usamos isso para fazê-las acreditar que o *a’dam* pode segurá-las. Mais cedo ou mais tarde, elas ficarão sem mentiras.” Puxando o *a’dam* para ela, ela abriu o fecho da coleira com um movimento hábil. “Vamos tentar de novo, Marii?” A mulher de marrom — Marii — ainda evitava olhar para o comprimento de metal prateado nas mãos de Reanne, mas enrijeceu e suas mãos se agitaram na borda da mesa.

Elayne suspirou. Que presente Rand havia enviado a ela. Um presente! Vinte e nove Seanchan *sul’dam* cuidadosamente seguradas por *a’dam*, e cinco *damane* — ela odiava essa palavra; significava Mulher Encoleirada, ou simplesmente Encoleirada; mas era isso que elas eram — cinco *damane* que não podiam ser libertadas pela simples razão de que tentariam libertar as mulheres Seanchan que as mantinham prisioneiras. Leopardos amarrados com barbante teriam sido um presente melhor. Pelo menos os leopardos não podiam canalizar. Elas foram entregues às Kin porque ninguém mais tinha tempo. Ainda assim, ela viu imediatamente o que fazer com as *sul’dam*. Convince-las de que elas podem aprender a canalizar e depois as envie de volta aos Seanchan. Além de Nynaeve, apenas Egwene, Aviendha e algumas Kin conheciam seu plano. Nynaeve e Egwene estavam em dúvida, mas por mais que as *sul’dam* tentassem esconder o que eram quando fossem devolvidas, eventualmente uma delas escorregaria. Se elas não relatassem tudo imediatamente. Os Seanchan eram peculiares; até mesmo as Seanchan entre as *damane* realmente acreditavam que qualquer mulher que pudesse canalizar tinha que ser encoleirada para a segurança de todos os outros. *Sul’dam*, com sua habilidade de controlar as mulheres que usavam o *a’dam*, eram altamente respeitadas entre os Seanchan. O conhecimento de que as próprias *sul’dam* eram capazes de canalizar

abalaria os Seanchan em seu núcleo, talvez até os separaria. Parecia tão simples, no começo. "Reanne, eu soube que você tinha boas notícias", disse ela. "Se a *sul'dam* não começou a quebrar, o que é?" Alise franziu a testa para Lan, que estava de guarda silenciosa na frente da porta — ela desaprovava que ele soubesse dos planos delas — mas não disse nada.

"Um momento, por favor," Reanne murmurou. Não era realmente um pedido. Nynaeve realmente tinha feito seu trabalho muito bem. "Não há necessidade de ela ouvir." O brilho de *saidar* de repente brilhou ao redor dela. Ela moveu os dedos enquanto canalizava, como se guiasse os fluxos de ar que prendiam Marii à sua cadeira, então os amarrou e colocou as mãos em concha como se moldando em sua visão a proteção contra o som que ela teceu ao redor da mulher. Os gestos não faziam parte da canalização, é claro, mas eram necessários para ela, já que aprendera as tramas dessa maneira. Os lábios da *sul'dam* se torceram levemente em desprezo. O Poder Único não a assustou em nada.

"Não se apresse," disse Nynaeve com acidez, colocando as mãos nos quadris.

"Não há pressa." Reanne não a intimidou do jeito que Alise fazia. Então, novamente, Nynaeve também não intimidava Reanne. Reanne tomou seu tempo, estudando sua obra, então assentiu com satisfação antes de se levantar. As Kin sempre tentavam canalizar o mínimo necessário, e ela tinha grande prazer na liberdade de usar *saidar* quantas vezes quisesse, assim como orgulho em tecer bem.

"A boa notícia", disse ela, levantando-se e alisando as saias, "é que três das *damane* parecem prontas para serem soltas de seus colarinhos. Talvez." As sobrancelhas de Elayne se ergueram e ela trocou olhares surpresos com Nynaeve. Das cinco *damane* que Taim havia entregue a elas, uma havia sido levada pelos Seanchan em Cabeça de Toman e outra em Tanchico. As outras vieram de Seanchan. "Duas das mulheres Seanchan, Marille e Jillari, ainda dizem que merecem ser encoleiradas, que precisam ser encoleiradas." A boca de Reanne se apertou com desgosto, mas ela parou apenas por um momento. "Elas realmente parecem horrorizadas com a perspectiva

de liberdade. Alivia parou com isso. Agora ela diz que foi apenas porque ela estava com medo de ser retomada. Ela diz que odeia todas as *sul'dam*, e ela certamente faz um bom show disso, rosnando para elas e amaldiçoando-os, mas..." Ela balançou a cabeça lentamente em dúvida. "Ela foi encoleirada aos treze ou quatorze anos, Elayne, ela não tem certeza, e ela é *damane* há quatrocentos anos! E além disso, ela é... ela é... Alivia é consideravelmente mais forte que Nynaeve," ela terminou com pressa. Idade as Kin podiam discutir abertamente, mas eles tinham toda a reticência das Aes Sedai em falar de força no Poder. "Nós ousamos deixá-la livre? Uma Seanchan Bravia que poderia destruir o Palácio inteiro"? As Kin também compartilhavam a visão Aes Sedai de Bravias. A maioria compartilhava.

As irmãs que conheciam Nynaeve aprenderam a tomar cuidado com essa palavra ao seu redor. Ela podia ficar bastante irritada quando era usada em um tom depreciativo. Agora, ela apenas olhou para Reanne. Talvez ela estivesse tentando encontrar a resposta. Elayne sabia qual seria sua própria resposta, mas isso não tinha nada a ver com reivindicar o trono ou Andor. Era uma decisão de Aes Sedai, e aqui, isso significava que cabia a Nynaeve tomar.

"Se você não fizer isso," Lan disse calmamente da porta, "então você pode devolver ela para os Seanchan." Ele não ficou nem um pouco envergonhado com os olhares sombrios que lhe deram as quatro mulheres que ouviram sua voz profunda soar aquelas palavras como um gongo de funeral. "Você terá que observá-la de perto, mas mantenha-a na coleira quando ela quiser ser livre, e você não será melhor do que eles."

"Isso não é para você dizer, Guardiã," Alise disse com firmeza. Ele encontrou seu olhar severo com fria equanimidade, e ela deu um pequeno grunhido de desgosto e ergueu as mãos. "Você deve ter uma boa conversa com ele quando estiver a sós com ele, Nynaeve."

Nynaeve devia sentir sua admiração pelas mulheres de forma particularmente forte, porque suas bochechas ficaram vermelhas. "Não pense que eu não vou," ela disse levemente. Ela não olhou para Lan. Finalmente condescendendo em notar o frio, ela puxou o xale sobre os ombros e limpou a garganta. "Ele está certo, no entanto. Pelo menos

não temos que nos preocupar com as outras duas. Estou surpresa que tenham demorado tanto para parar de imitar aquelas idiotas das Seanchan.”

“Eu não tenho tanta certeza,” Reanne suspirou. “Kara era uma espécie de mulher sábia em Cabeça de Toman, você sabe. Muito influente em sua aldeia. Uma Bravia, claro. Você pensaria que ela odiaria os Seanchan, mas ela não odeia, nem todos eles. Ela gosta muito da *sul’dam* capturada com ela, e está muito ansiosa para que não machuquemos nenhuma das *sul’dam*. Lembre tem apenas dezenove anos, uma nobre mimada com a extrema má sorte de ter a centelha se manifestando nela no mesmo dia em que Tanchico caiu. Ela diz que odeia os Seanchan e quer fazê-los pagar pelo que fizeram com Tanchico, mas ela responde a Larie, seu nome de *damane*, tão prontamente quanto a Lembre, e ela sorri para as *sul’dam* e deixa que elas a acariciem. Não desconfio delas, não do jeito que desconfio de Alivia, mas duvido que qualquer uma delas possa enfrentar uma *sul’dam*. Acho que se uma *sul’dam* ordenasse que qualquer uma delas a ajudasse a escapar, ela o faria, e temo que ela não lutaria muito se a *sul’dam* tentasse prendê-la novamente.” Depois que ela parou de falar, o silêncio se estendeu.

Nynaeve parecia olhar para dentro, lutando consigo mesma. Ela agarrou sua trança, então soltou e cruzou os braços apertados sobre o peito, a franja de seu xale balançando enquanto ela se abraçava. Ela olhou para todos, exceto para Lan. Ele, ela nem sequer olhou para ele.

Finalmente ela respirou fundo e se endireitou para encarar Reanne e Alise. “Devemos remover o *a’dam*. Vamos mantê-las até termos certeza — e Lembre depois; ela precisa ser colocada em branco! — e vamos garantir que elas nunca fiquem sozinhas, especialmente com as *sul’dam*, mas o *a’dam* sai!” Ela falou ferozmente, como se esperasse oposição, mas um largo sorriso de aprovação se espalhou pelo rosto de Elayne. A adição de mais três mulheres das quais elas não podiam ter certeza dificilmente contava como uma boa notícia, mas não havia outra escolha. Reanne apenas concordou com a cabeça — depois de um momento —, mas uma sorridente Alise veio ao redor da mesa para dar um tapinha no ombro de Nynaeve, e Nynaeve realmente corou. Ela

tentou esconder atrás de pigarrear e fazer uma careta para a mulher Seanchan em sua jaula de *saidar*, mas seus esforços não foram muito eficazes, e Lan os estragou de qualquer maneira.

“Tai’shar Manetheren,” ele disse suavemente.

A boca de Nynaeve se abriu, depois se curvou em um sorriso trêmulo. Lágrimas repentinas brilharam em seus olhos quando ela se virou para encará-lo, seu rosto alegre. Ele sorriu de volta para ela, e não havia nada frio em seus olhos.

Elayne lutou para não ficar boquiaberta. Luz! Talvez ele não esfriasse seu leito conjugal, afinal. O pensamento fez suas bochechas ficarem quentes. Tentando não olhar para eles, seus olhos caíram sobre Marii, ainda presa em sua cadeira. A mulher Seanchan estava olhando para frente, lágrimas escorrendo por suas bochechas rechonchudas. Direto para frente. Para as tramas mantendo o som longe dela. Ela não podia negar ver as tramas agora. Mas quando ela disse isso, Reanne balançou a cabeça.

“Todas elas choram se forem obrigadas a olhar para tramas por muito tempo, Elayne,” ela disse cansada. E com um toque de tristeza. “Mas uma vez que as tramas se vão, elas se convencem de que as enganamos. Elas têm que fazer isso, você entende. Caso contrário, seriam *damane*, não *sul’dam*. Não, levará tempo para convencer a Senhora dos Cães de Caça de que ela é realmente um cão de caça. Receio realmente não ter lhe dado nenhuma boa notícia, não é?”

“Não muito,” Elayne disse a ela. Nenhuma, realmente. Apenas mais um problema para empilhar em todo o resto. Quantas notícias ruins poderiam ser empilhadas antes que a pilha a enterrasse? Ela tinha que receber alguma boa logo.

Capítulo 9

Uma Caneca de Chá

Uma vez em seu quarto de vestir, Elayne trocou apressadamente suas roupas de montaria com a ajuda de Essande, a aposentada de cabelos brancos que ela havia escolhido como sua empregada. A mulher esbelta e digna era um pouco lenta, mas conhecia seu trabalho e não perdia tempo tagarelando. Na verdade, ela raramente dizia uma palavra além das sugestões sobre roupas e o comentário feito todos os dias, de que Elayne se parecia com a mãe. As chamas dançavam em cima de grossos troncos em uma ampla lareira de mármore em uma extremidade da sala, mas o fogo fazia pouco para tirar o frio do ar. Rapidamente ela vestiu uma fina lã azul com padrões de pérolas na gola alta e nas mangas, seu cinto prateado com uma pequena adaga embainhada de prata e os chinelos de veludo azul bordados de prata. Podia não haver tempo para se trocar de novo antes de ver os mercadores, e eles deviam ficar impressionados ao vê-la.

Ela teria que ter certeza de que Birgitte estaria lá; Birgitte era mais impressionante em seu uniforme. E Birgitte aceitaria até ouvir os mercadores como forma de intervalo. Pelo nó aquecido de irritação descansando na parte de trás da cabeça de Elayne, a capitã-comandante da Guarda da Rainha estava achando aqueles relatórios pesados. Pendurando brincos de pérolas nos ouvidos, ela dispensou Essande para sua própria lareira, nos aposentos dos aposentados. A mulher negou quando lhe ofereceram a Cura, mas Elayne suspeitava que suas articulações doíam. De qualquer forma, ela mesma estava pronta. Não usaria a coroa da Filha Herdeira; poderia ficar em cima do pequeno baú de joias de marfim em sua penteadeira. Ela não tinha muitas gemas; a maioria já havia sido colocada em penhor, e o resto poderia ter que ir quando os pratos fossem. Não adiantava se preocupar com isso agora. Alguns momentos para si mesma, e ela teria que saltar de volta ao dever.

Sua sala de estar de painéis escuros com suas amplas cornijas de pássaros esculpidos continha duas lareiras altas com cornijas

elaboradas, uma em cada extremidade, que fazia um trabalho melhor de aquecimento do que a do quarto de vestir, embora aqui também os tapetes em camadas sobre os azulejos brancos do piso eram necessários. Para sua surpresa, a sala também continha Halwin Norry. O dever tinha saltado sobre ela, parecia. O Primeiro Escriturário se esticou de uma cadeira de espaldar baixo quando ela entrou, segurando uma pasta de couro em seu peito estreito, e cambaleou ao redor da mesa rodada no meio da sala para fazer uma reverência desajeitada. Norry era alto e magro, com um nariz comprido, sua franja esparsa de cabelo subindo atrás das orelhas como rajadas de plumas brancas. Ele muitas vezes se portava com ela como uma garça. Qualquer número de funcionários sob ele realmente empunhava as canetas, mas uma pequena mancha de tinta estragava uma ponta de seu tabardo escarlate. A mancha parecia velha, porém, e ela se perguntou se a pasta escondia outras. Ele só começou a segurá-la contra o peito quando vestiu o vestido formal, dois dias depois da Sra. Harfor. Se ele tinha feito isso como uma expressão de lealdade, ou simplesmente porque a Primeira Empregada o fez, ainda estava em questão. "Perdoe-me por ser precipitado, minha senhora", disse ele, "mas acredito que tenho assuntos de alguma importância, se não urgentes, para apresentar a você." Importante ou não, sua voz ainda zumbia.

"Claro, mestre Norry. Eu não gostaria de pressioná-lo a se apressar." Ele piscou para ela, e ela tentou não suspirar. Ela pensou que ele poderia ser mais do que um pouco surdo, pela maneira como ele inclinava a cabeça para um lado e para o outro, como se quisesse captar melhor o som. Talvez fosse por isso que sua voz quase nunca mudava de tom. Ela levantou a dela um pouco. Ele podia ser apenas um chato, afinal. "Sente-se e me conte esses assuntos importantes."

Ela tirou uma das cadeiras esculpidas da mesa e fez sinal para outra, mas ele permaneceu de pé. Ele sempre permanecia. Ela se acomodou para ouvir, cruzando os joelhos e ajustando as saias.

Ele não se referiu à sua pasta. Tudo sobre os papéis estaria dentro de sua cabeça, os papéis estavam lá apenas para o caso de ela precisar ver com seus próprios olhos. "O mais imediato, minha senhora,

e talvez o mais importante, grandes depósitos de alúmen foram descobertos em suas propriedades em Danabar. A primeira qualidade do alúmen. Acredito que os banqueiros ficarão... humm... menos hesitantes em relação às minhas perguntas em seu nome assim que souberem disso.” Ele sorriu brevemente, uma curva momentânea de lábios finos. Para ele, isso estava perto de capotar.

Elayne endireitou-se assim que ele mencionou alúmen, e sorriu muito mais amplamente. Ela sentiu um pouco de vontade de pular ela mesma. Se seu companheiro fosse alguém além de Norry, ela poderia ter pulado. Sua exaltação era tão forte que por um momento ela sentiu a irritabilidade de Birgitte diminuir. Tintureiros e tecelões devoravam alúmen, assim como vidraceiros e fabricantes de papel, entre outros. A única fonte de alúmen de primeira qualidade era Ghealdan — ou tinha sido até agora — e apenas os impostos sobre o comércio foram suficientes para sustentar o trono de Ghealdan por gerações. O que vinha de Tear e Arafel não era tão bom, mas colocou tanto dinheiro nos cofres desses países quanto azeite ou pedras preciosas.

“Essa é uma notícia importante, Mestre Norry. A melhor que tive hoje.” A melhor desde que chegou a Caemlyn, muito provavelmente, mas certamente a melhor hoje. “Com que rapidez você pode superar a ‘hesitação’ dos banqueiros?” Tinha sido mais como bater a porta na cara dela, só que não tão rude. Os banqueiros sabiam quantas espadas estavam apoiando ela no momento, e quantas apoiavam seus oponentes. Mesmo assim, ela não tinha dúvidas de que a riqueza do alúmen os traria. Nem Norry.

“Muito rapidamente, minha senhora, e em termos muito bons, eu acredito. Direi a eles que se suas melhores ofertas forem insuficientes, abordarei Tear ou Cairhien. Eles não correrão o risco de perder o costume, minha senhora.” Tudo naquela voz seca e monótona, sem o menor indício da satisfação que qualquer outro homem teria. “Serão empréstimos contra receitas futuras, é claro, e haverá despesas. A própria mineração. Transporte. Danabar fica em uma região montanhosa e a alguma distância da Estrada Lugard. Ainda assim, deve haver o suficiente para atender às suas ambições para os Guardas, minha senhora. E para sua Academia.”

“Suficiente dificilmente é a palavra, se você desistiu de tentar me convencer dos meus planos para a Academia, Mestre Norry,” ela disse, quase rindo. Ele estava tão ciumento do tesouro de Andor quanto uma galinha com um filhote, e ele se opôs categoricamente a que ela tomasse a escola que Rand mandara fundar em Caemlyn, retornando aos seus argumentos repetidamente até que sua voz parecia uma broca perfurando seu crânio. Até agora a escola consistia em apenas algumas dezenas de estudantes como seus alunos, espalhados pela Cidade Nova em várias pousadas, mas mesmo no inverno chegavam mais todos os dias, e eles começaram a clamar por mais espaço. Ela não propôs dar-lhes um palácio, certamente, mas eles precisavam de algo. Norry estava tentando conseguir o ouro de Andor, mas ela estava olhando para o futuro de Andor. Tarmon Gai'don estava chegando, mas ela tinha que acreditar que haveria um futuro depois, quer Rand rompesse o mundo novamente ou não. Caso contrário, não havia sentido em continuar com qualquer coisa, e ela não podia apenas sentar para esperar. Mesmo que ela soubesse com certeza que a Última Batalha acabaria com tudo, ela não achava que poderia ficar de braços cruzados. Rand começou escolas no caso de acabar rompendo o mundo, na esperança de salvar alguma coisa, mas essa escola seria de Andor, não de Rand al'Thor. A Academia da Rosa, dedicada à memória de Morgase Trakand. Haveria um futuro, e o futuro se lembraria de sua mãe. “Ou você decidiu que o ouro cairhieno pode ser atribuído ao Dragão Renascido afinal?”

“Ainda acredito que o risco seja muito pequeno, minha senhora, mas não vale mais a pena em vista do que acabei de aprender com Tar Valon.” Seu tom não mudou, mas claramente ele estava agitado. Seus dedos tamborilaram a pasta de couro contra seu peito, aranhas dançando, depois paradas. “A... hum... Torre Branca emitiu uma proclamação reconhecendo... hum... Lord Rand como o Dragão Renascido e oferecendo-lhe... hum... proteção e orientação. Ela também pronuncia uma maldição a qualquer pessoa que se aproxima dele, exceto através da Torre. É sábio ter cuidado com a raiva de Tar Valon, minha senhora, como você mesma sabe.” Ele olhou significativamente para o anel da Grande Serpente em sua mão

descansando no braço esculpido da cadeira. Ele sabia da cisão na Torre, é claro — talvez um arrendatário em Seleisin não soubesse; ninguém mais poderia deixar de saber agora —, mas ele tinha sido muito discreto para perguntar sua fidelidade. Embora claramente estivesse prestes a dizer “o Trono de Amyrlin” em vez de “a Torre Branca”. E somente a Luz sabia o que estava no lugar de “Lord Rand”. Ela não usaria isso contra ele. Ele era um homem cauteloso, uma qualidade necessária em seu posto.

A proclamação de Elaida a surpreendeu, no entanto. Franzindo o cenho, ela manuseou seu anel pensativamente. Elaida usara aquele anel por mais tempo do que ela mesma vivera. A mulher era arrogante, mal-humorada, cega para qualquer visão, exceto a sua, mas não era estúpida. Longe disso. “Ela pode pensar que ele vai aceitar tal oferta?” ela meditou, metade para si mesma. “Proteção e orientação? Não consigo imaginar uma maneira melhor de erguer as barreiras dele!” Orientação? Ninguém poderia guiar Rand com uma vara de barçaça!

“Ele pode possivelmente já ter aceitado, minha senhora, de acordo com meu correspondente em Cairhien.” Norry teria estremecido com a sugestão de que ele era de alguma forma um espião. Bem, ele teria torcido a boca em desgosto, de qualquer maneira. O Primeiro Escriurário administrava o tesouro, controlava os funcionários que administravam a capital e aconselhava o trono em assuntos de Estado. Ele certamente não tinha rede de olhos e ouvidos, como as Ajahs e até mesmo algumas irmãs individuais tinham. Mas ele trocava cartas regulares com pessoas conhecedoras e muitas vezes bem relacionadas em outras capitais, para que seus conselhos pudessem estar atualizados com os acontecimentos. “Ela envia um pombo apenas uma vez por semana, e parece que logo após o último, alguém atacou o Palácio do Sol usando o Poder Único.”

“O Poder?” ela exclamou, movendo-se para frente em choque.

Norry assentiu uma vez. Ele poderia estar relatando o estado atual dos reparos nas ruas. “É o que meu correspondente relata, minha senhora. Aes Sedai, talvez, ou Asha’man, ou mesmo os Abandonados. Ela repete fofocas, eu temo. A ala dos apartamentos do Dragão Renascido foi em grande parte destruída, e ele próprio desapareceu.

Acredita-se que ele foi a Tar Valon para se ajoelhar diante do Trono de Amyrlin. Alguns acreditam que ele morreu no ataque, mas não muitos. Eu aconselho não fazer nada até que você tenha uma imagem mais clara.” Ele fez uma pausa, a cabeça inclinada em pensamento. “Pelo que eu vi dele, minha senhora,” ele disse lentamente, “eu mesmo não acreditaria que ele estava morto a menos que ficasse três dias sentado com o cadáver.” Ela quase encarou. Isso foi quase uma piada. Uma piada grosseira, pelo menos. De Halwin Norry! Ela também não acreditava que Rand estivesse morto. Ela não acreditaria que ele estava morto. Quanto a se ajoelhar diante de Elaida, o homem era teimoso demais para se submeter a qualquer um. Muitas dificuldades poderiam ser superadas se ele conseguisse se ajoelhar diante de Egwene, mas ele não o faria, e ela era sua amiga de infância. Elaida tinha tanta chance quanto uma cabra em um baile da corte, principalmente depois que ele descobrisse a outra proclamação. Quem o atacou, no entanto? Certamente os Seanchan não poderiam ter alcançado Cairhien. Se os Abandonados tivessem decidido se mover abertamente, isso poderia significar caos e destruição piores do que o mundo já enfrentava, mas o pior seria Asha'man. Se suas próprias criações se voltassem contra ele... Não! Ela não podia protegê-lo, por mais que ele precisasse. Ele teria que se defender sozinho.

Homem tolo! ela murmurou em sua cabeça. *Ele provavelmente está marchando com estandartes, como se ninguém tivesse tentado matá-lo! É melhor você se defender, Rand al'Thor, ou eu vou dar um tapa em você quando eu colocar minhas mãos em você!* “O que mais seus correspondentes têm a dizer, mestre Norry?” ela perguntou em voz alta, colocando Rand de lado. Ela ainda não tinha as mãos sobre ele, e precisava se concentrar em tentar segurar Andor.

Seus correspondentes tinham muito a dizer, embora algumas coisas fossem bastante antigas. Nem todos os escritores usavam pombos, e as cartas dadas ao mercador mais confiável podiam levar meses para chegar à terra na melhor das hipóteses. Comerciantes não confiáveis aceitavam a taxa de postagem e nunca se preocupavam em entregar a carta. Poucas pessoas podiam se dar ao luxo de contratar mensageiros. Elayne tinha a intenção de fundar um Correio Real, se a

situação permitisse. Norry lamentou o fato de que sua última notícia de Ebou Dar e Amador já fora ultrapassada por eventos que foram o assunto das ruas por semanas.

Nem todas as notícias eram importantes, também. Seus escritores de cartas realmente não eram olhos e ouvidos; eles apenas escreviam as notícias de sua cidade, a conversa do tribunal. A conversa de Tear era sobre um número crescente de navios do Povo do Mar que atravessavam os Dedos do Dragão sem pilotos e agora lotavam o rio na cidade, de rumores de que navios do Povo do Mar haviam lutado contra os Seanchan no mar, embora isso fosse puramente rumor. Illian estava quieta e cheia de soldados de Rand, se recuperando de uma batalha contra os Seanchan; nada mais era conhecido; mesmo se Rand estivera na cidade estava em questão. A rainha de Saldeia ainda estava em seu longo retiro no país, que Elayne já sabia, mas parecia que a rainha de Kandor também não era vista em Chachin há meses, e o rei de Shienar supostamente ainda estava em uma inspeção prolongada da fronteira da Praga, embora a Praga tenha sido relatada mais silenciosa do que em qualquer outro momento da memória. Em Lugard, o rei Roedran estava reunindo todos os nobres que trouxessem armas, e uma cidade já preocupada com dois grandes exércitos acampados perto da fronteira com Andor, uma cheia de Aes Sedai e outra cheia de andoreanos, agora também preocupadas com o que um perdulário dissoluto como Roedran pretendia.

"E seu conselho aqui?" ela perguntou quando ele terminou, embora não precisasse. Na verdade, ela não precisava disso nos outros. Os eventos estavam muito distantes para afetar Andor, ou então sem importância, apenas uma visão do que estava ocorrendo em outras terras. Ainda assim, esperava-se que ela perguntasse mesmo quando ambos sabiam que ela já tinha a resposta – “não faça nada” – e ele foi rápido em suas respostas. Murandy não estava longe nem sem importância, mas desta vez ele hesitou, franzindo os lábios. Norry era lento e metódico, mas raramente hesitava.

"Nenhum, a este respeito, minha senhora", disse ele finalmente. "Normalmente, eu aconselharia enviar um emissário a Roedran a tentar sondar seus objetivos e razões. Ele pode estar com medo dos eventos

ao norte dele, ou dos ataques de Aiel sobre os quais ouvimos tanto. Por outro lado, embora ele sempre tenha sido pouco ambicioso, ele pode ter algum empreendimento no norte de Altara. Ou em Andor, dadas as circunstâncias. Infelizmente...” Ainda pressionando a pasta contra o peito, ele abriu as mãos ligeiramente e suspirou, talvez em desculpas, talvez angustiado.

Infelizmente, ela ainda não era rainha, e nenhum emissário dela chegaria perto de Roedran. Se sua reivindicação falhasse, e ele tivesse recebido seu enviado, o reclamante bem-sucedido poderia tomar uma parte de Murandy para lhe ensinar uma lição, e Lorde Luan e os outros já haviam conquistado território. Ela tinha informações melhores do que o Primeiro Escriurário, porém, de Egwene. Ela não tinha intenção de revelar sua fonte, mas decidiu aliviar sua angústia. Devia ser isso que lhe enrugava a boca: saber o que deveria ser feito e não poder ver como fazê-lo. “Conheço os objetivos de Roedran, Mestre Norry, e ele visa a própria Murandy. Os andoreanos em Murandy aceitaram juramentos de nobres murandianos no norte, o que deixa o resto nervoso. E há um grande bando de mercenários — Devotos do Dragão, na verdade, mas Roedran pensa que são mercenários — que ele contratou em segredo, para sentar e representar uma ameaça depois que os outros exércitos se forem. Ele planeja usar essas ameaças para prender os nobres a ele com força suficiente para que cada um tenha medo de ser o primeiro a fugir quando todas as ameaças se forem. Ele pode ser um problema no futuro, se seu plano for bem sucedido – por um lado, ele vai querer as terras do norte de volta – mas ele não apresenta problemas imediatos para Andor.”

Os olhos de Norry se arregalaram e ele inclinou a cabeça primeiro para um lado e depois para o outro, estudando-a. Ele molhou os lábios antes de falar. “Isso explicaria muito, minha senhora. Sim. Sim, explicaria.” Sua língua tocou seus lábios novamente. “Houve um outro ponto mencionado pelo meu correspondente em Cairhien que eu... humm... esqueci de mencionar. Como você deve estar ciente, sua intenção de reivindicar o Trono do Sol é bem conhecida lá e tem grande apoio. Parece que muitos cairhienos falam abertamente de vir a Andor, para ajudá-la a ganhar o Trono do Leão para que você possa tomar o

Trono do Sol mais rápido. Acho que talvez você não precise do meu conselho sobre essas ofertas?”

Ela assentiu, muito graciosamente nas circunstâncias, ela pensou. A ajuda de Cairhien seria pior do que a dos mercenários, pois houve muitas guerras entre Andor e Cairhien. Ele não havia esquecido. Halwin Norry nunca esquecia nada. Então, por que ele decidiu contar a ela, em vez de deixá-la ser pega de surpresa, talvez pela chegada de seus apoiadores de Cairhien? A demonstração de conhecimento dela o impressionou? Ou o fez temer que ela pudesse descobrir que ele se conteve? Ele a esperou pacientemente, uma garça seca esperando... um peixe? “Tenha uma carta preparada para minha assinatura e selo, Mestre Norry, para ser enviada a todas as principais Casas de Cairhien. Comece expondo meu direito ao Trono do Sol como filha de Taringail Damodred, e diga que irei apresentar minha reivindicação quando os eventos em Andor estiverem mais resolvidos. Diga que não trarei nenhum soldado comigo, pois sei que soldados andoreanos em solo cairhienos incitariam toda Cairhien contra mim, e com razão. Termine com minha apreciação pelo apoio oferecido à minha causa por muitos de Cairhien e minha esperança de que quaisquer divisões dentro de Cairhien possam ser curadas pacificamente.” Os inteligentes veriam a mensagem por trás das palavras e, com sorte, a explicariam a qualquer um que não fosse suficientemente inteligente.

“Uma resposta hábil, minha senhora”, disse Norry, curvando os ombros em uma espécie de reverência. “Eu farei assim. Se posso perguntar, minha senhora, teve tempo de assinar as contas? Ah. Não importa. Vou mandar alguém buscá-las mais tarde.” Curvando-se adequadamente, embora não menos desajeitadamente do que antes, ele se preparou para ir, então fez uma pausa. “Perdoe-me por ser tão ousado, minha senhora, mas você me lembra muito a falecida rainha sua mãe.”

Observando a porta se fechar atrás dele, ela se perguntou se poderia contá-lo em seu acampamento. Administrar Caemlyn sem escriturários, muito menos Andor, era impossível, e o Primeiro Escriturário tinha o poder de colocar uma rainha de joelhos se não fosse controlado. Um elogio não era o mesmo que uma declaração de

fidelidade. Ela não teve muito tempo para refletir sobre a questão, pois apenas momentos depois que ele partiu, três empregadas de libré entraram, trazendo bandejas de cúpula de prata que colocaram em uma fileira na longa mesa lateral encostada em uma parede.

“A Primeira Empregada disse que minha Senhora se esqueceu de mandar buscar a refeição do meio-dia”, disse uma mulher redonda de cabelos grisalhos, fazendo uma reverência enquanto gesticulava para que sua companheira mais jovem removesse as cúpulas altas, “então ela enviou uma escolha para minha Senhora.” Uma escolha. Balançando a cabeça para a bandeja, Elayne se lembrou de quanto tempo fazia desde o café da manhã, comido com o sol nascente. Havia fatias de carneiro com molho de mostarda e capão assado com figos secos, pãezinhos com pinhões e sopa cremosa de alho-poró e batata, rolinhos de repolho com passas e pimentão e uma torta de abóbora, sem falar em um pratinho de tortas de maçã e outro de bolo embriagado coberto com creme de leite. Névoas de vapor subiam de dois jarros de prata atarracados de vinho, caso ela preferisse um tipo de tempero a outro. Um terceiro tinha chá quente. E empurrada com desdém para um canto de uma bandeja estava a refeição que ela sempre pedia no meio do dia, caldo claro e pão. Reese Harfor desaprovava isso; ela alegava que Elayne era “magra como um trilho”. A Primeira Empregada espalhara suas opiniões. A mulher de cabelos grisalhos fez uma cara de reprovação enquanto colocava o pão, o caldo e o chá na mesa no meio da sala com um guardanapo de linho branco, uma xícara e pires de porcelana azul fina e um pote de prata de mel. E alguns figos em um prato. O estômago cheio ao meio-dia tornava a cabeça maçante à tarde, como Lini costumava dizer. Suas opiniões não foram compartilhadas, no entanto. As empregadas eram todas mulheres confortavelmente acolchoadas, e até o par mais jovem parecia desapontado ao partir com o resto da comida.

Era um caldo muito bom, quente e levemente condimentado, e o chá estava agradavelmente mentolado, mas ela não ficou sozinha com sua refeição e seus pensamentos de que talvez pudesse ter comido um pouco do bolo embriagado por muito tempo. Antes que ela tivesse engolido dois goles, Dyelin invadiu a sala como um turbilhão em um

vestido verde de montaria, respirando com dificuldade. Largando a colher, Elayne ofereceu chá antes de perceber que havia apenas uma xícara que ela já estava usando, mas Dyelin acenou com a oferta de lado, seu rosto franzido.

“Há um exército em na Mata de Braem,” ela anunciou, “como nada visto desde a Guerra dos Aiel. Um mercador de Nova Braem trouxe a notícia esta manhã. Um homem sólido e confiável, Tormon; um illianense; não dado a voos de fantasia ou saltos em sombras. Ele disse que viu arafellinos, kandoreanos e shienaranos em lugares diferentes. Milhares deles, ao todo. Dezenas de milhares.” Desmoronando em uma cadeira, ela se abanou com uma mão. Seu rosto estava vermelho, como se ela tivesse corrido com a notícia. “O que na Luz os Fronteiriços estão fazendo quase na fronteira de Andor?”

“É Rand, aposto”, disse Elayne. Sufocando um bocejo, ela bebeu o resto de seu chá e voltou a encher a xícara. Sua manhã tinha sido cansativa, mas chá suficiente a animaria.

Dyelin parou de abanar e se endireitou. “Você não acha que ele os enviou, acha? Para ajudá-la?”

Essa possibilidade não ocorrera a Elayne. Às vezes ela se arrependia de deixar a mulher mais velha saber seus sentimentos por Rand. “Eu não posso pensar que ele é... quero dizer, seria... tão tolo.”

Luz, ela estava cansada! Às vezes Rand se comportava como se fosse o Rei do Mundo, mas certamente ele não faria... Não faria... O que ele não faria parecia deslizar para longe dela.

Ela cobriu outro bocejo, e de repente seus olhos se arregalaram acima de sua mão, olhando para sua xícara de chá. Um sabor fresco e mentolado. Com cuidado, ela pousou a xícara, ou tentou. Ela quase errou o pires e a xícara tombou, derramando o chá sobre a mesa. Chá atado com raiz forte. Mesmo sabendo que não adiantava, ela estendeu a mão para a Fonte, tentou se encher com a vida e a alegria de *saidar*, mas ela poderia muito bem ter tentado pegar o vento em uma rede. A irritação de Birgitte, menos quente do que antes, ainda estava alojada em um canto de sua mente. Freneticamente ela tentou puxar o medo, ou pânico. Sua cabeça parecia cheia de lã, tudo embaçado. Ajude-me, Birgitte! ela pensou. Ajude-me! “O que é isso?” Dyelin exigiu,

inclinando-se bruscamente. “Você pensou em algo e, pelo seu rosto, é horrível.”

Elayne piscou para ela. Ela tinha esquecido que a outra mulher estava lá. “Vá!” ela disse com voz rouca, então engoliu em seco para tentar limpar a garganta. Sua língua ainda parecia duas vezes maior. “Encontre ajuda! Eu... fui envenenada!” Explicar levaria muito tempo. “Vai!”

Dyelin ficou boquiaberta para ela, congelada, então se pôs de pé, segurando o cabo do outro canivete.

A porta se abriu e um criado colocou a cabeça para dentro, hesitante. Elayne sentiu uma onda de alívio. Dyelin não a esfaquearia diante de uma testemunha. O homem molhou os lábios, os olhos correndo entre as duas mulheres. Então ele entrou. Tirando uma faca de lâmina longa do cinto. Seguiram-se mais dois homens de libré vermelha e branca, cada um desembainhando uma longa faca.

Não vou morrer como um gatinho num saco, pensou Elayne com amargura. Com esforço, ela se levantou. Seus joelhos vacilaram e ela teve que se apoiar na mesa com uma mão, mas usou a outra para sacar sua própria adaga. A lâmina estampada mal tinha o comprimento de sua mão, mas seria suficiente. Teria sido, se seus dedos não parecessem madeira agarrando o cabo. Uma criança poderia tirá-lo. *Não sem lutar*, ela pensou. Era como empurrar através de xarope, mas estava determinada mesmo assim. *Não sem lutar!* Estranhamente, pouco tempo parecia ter passado. Dyelin estava se virando para seus capangas, o último deles apenas fechando a porta atrás dele. “Assassinato!” Dyelin uivou. Pegando sua cadeira, ela a arremessou nos homens.

“Guardas. Assassinato! Guardas”.

Os três tentaram se esquivar da cadeira, mas um deles era muito lento e a pegou nas pernas. Com um grito, ele caiu no homem ao lado dele, e ambos caíram. O outro, um jovem esguio, ruivo, com olhos azuis brilhantes, passou saltitando com sua faca avançada.

Dyelin o enfrentou com a dela, cortando, esfaqueando, mas ele se moveu como um furão, evitando seu ataque com facilidade. Sua própria lâmina longa cortou, e Dyelin tropeçou para trás com um grito, uma

mão segurando sua cintura. Ele dançou para frente agilmente, esfaqueando, e ela gritou e caiu como uma boneca de pano. Ele passou por cima dela, caminhando em direção a Elayne.

Nada mais existia para ela, exceto ele e a faca em sua mão. Ele não se apressou para ela. Aqueles grandes olhos azuis a estudaram cautelosamente enquanto ele avançava em um ritmo constante. É claro. Ele sabia que ela era Aes Sedai. Devia estar se perguntando se a poção tinha feito seu trabalho. Ela tentou se endireitar, encará-lo, ganhar alguns momentos por blefe, mas ele assentiu para si mesmo, erguendo a faca. Se ela pudesse ter feito alguma coisa, já teria acontecido. Não havia prazer em seu rosto. Ele era apenas um homem com um trabalho a fazer. Abruptamente, ele parou, olhando para si mesmo com espanto. Elayne também olhou. Para o aço saindo de seu peito. O sangue borbulhou em sua boca quando ele caiu sobre a mesa, empurrando-a com força.

Cambaleando, Elayne caiu de joelhos e mal segurou a beirada da mesa novamente para evitar cair ainda mais. Surpresa, ela olhou para o homem sangrando nos tapetes. Havia um punho de espada saindo de suas costas. Seus pensamentos de chumbo estavam vagando. Esses tapetes podiam nunca ficar limpos, com todo aquele sangue. Lentamente, ela ergueu os olhos, passando pela forma imóvel de Dyelin. Ela não parecia estar respirando. Para a porta. A porta aberta. Um dos dois assassinos restantes estava na frente dele, a cabeça em um ângulo estranho, apenas metade presa ao pescoço. O outro estava lutando com outro homem de casaca vermelha, os dois grunhindo e rolando no chão, ambos lutando pela mesma adaga. O suposto assassino estava tentando arrancar o punho do outro de sua garganta com a mão livre. O outro. Um homem com cara de machado. Usando um casaco de colarinho branco de um guarda.

Depressa, Birgitte, ela pensou estupidamente. Por favor, depressa. A escuridão a consumiu.

Capítulo 10

Um Plano Dá Certo

Os olhos de Elayne se abriram na escuridão, olhando para sombras escuras dançando na palidez enevoadada. Seu rosto estava frio, o resto do corpo quente e suado, e algo prendia seus braços e pernas. Por um instante o pânico explodiu. Então ela sentiu a presença de Aviendha na sala, uma consciência simples e reconfortante, e a de Birgitte, um punho de raiva calma e controlada em sua cabeça. Elas a acalmaram estando lá. Ela estava em seu próprio quarto, deitada debaixo de cobertores em sua própria cama e olhando para o dossel de linho esticado com garrafas de água quente ao longo de seus lados. As pesadas cortinas de inverno estavam amarradas contra os postes esculpados, e a única luz no quarto vinha de pequenas chamas bruxuleantes na lareira, apenas o suficiente para fazer as sombras mudarem, não as dissipar.

Sem pensar, ela estendeu a mão para a Fonte e a encontrou. Tocou *saidar*, maravilhosamente, sem recorrer a ela. O desejo de canalizar profundamente brotou forte nela, mas relutantemente ela se retraiu. Ah, tão relutantemente, e não apenas porque seu desejo de ser preenchida com a vida mais profunda de *saidar* era muitas vezes uma necessidade sem fundo que deveria ser controlada. Seu maior medo durante aqueles intermináveis minutos de terror não foi a morte, mas que ela nunca mais tocaria a Fonte novamente. Em algum momento, ela teria achado isso estranho.

Abruptamente, a memória voltou, e ela sentou-se instável, os cobertores deslizando até a cintura. Imediatamente, ela os puxou de volta. O ar estava frio contra sua pele nua escorregadia de suor. Eles não tinham sequer deixado uma troca de roupa para ela, e por mais que tentasse copiar a facilidade de Aviendha em ficar despida na frente dos outros, ela não conseguiu. "Dyelin", disse ela ansiosamente, torcendo-se para enrolar melhor os cobertores em torno de si mesma. Foi uma operação embaraçosa; ela se sentiu torcida e mais do que um pouco vacilante. "E o Guarda. Eles estão...?"

"O homem não sofreu um arranhão", disse Nynaeve, saindo das sombras inconstantes, uma sombra ela mesma. Ela pousou a mão na testa de Elayne e grunhiu de satisfação por achar fria. "Eu curei Dyelin. Ela vai precisar de tempo para recuperar totalmente sua força, no entanto. Ela perdeu muito sangue. Você também está indo bem. Por um tempo, pensei que você estava com febre. Isso pode acontecer de repente quando você está enfraquecida."

"Ela te deu ervas em vez de cura," Birgitte disse amargamente de uma cadeira ao pé da cama. Na quase escuridão, ela era apenas uma forma atarracada e sinistra.

"Nynaeve al'Meara é sábia o suficiente para saber o que ela não pode fazer", disse Aviendha em tom neutro. Apenas sua blusa branca e um brilho de prata polida eram realmente visíveis, perto da parede. Como sempre, ela havia escolhido o chão em vez de uma cadeira. "Ela reconheceu o sabor dessa erva no chá e não sabia como trabalhar suas tramas contra ela, então não se arriscou tolamente."

Nynaeve fungou bruscamente. Sem dúvida tanto pela defesa de Aviendha quanto pela acidez de Birgitte. Talvez mais. Nynaeve sendo Nynaeve, ela provavelmente teria preferido deixar passar o que ela não sabia e não podia fazer. E ela estava mais irritada do que o habitual sobre Cura ultimamente. Desde que ficou claro que várias das Kin já estavam superando sua habilidade. "Você deveria ter reconhecido, Elayne," ela disse com uma voz brusca. "De qualquer forma, erva-verde e língua de cabra podem fazer você dormir, mas são ótimas para cólicas estomacais. Achei que você preferiria dormir." Tirando garrafas de água quente das bolsas de couro de debaixo das cobertas e jogando-as nos tapetes para que ela não voltasse a assar, Elayne estremeceu. Os dias que se seguiram a Ronde Macura dar-lhe uma dose de raiz forte e Nynaeve tinham sido uma miséria que ela tentara esquecer. Quaisquer que fossem as ervas que Nynaeve lhe dera, ela não se sentia mais fraca do que a erva a teria tornado. Ela pensou que poderia andar, desde que não tivesse que andar muito ou ficar de pé por muito tempo. E ela podia pensar com clareza. As janelas mostravam apenas o luar tênue. Quão profundamente na noite estava?

Abraçando a Fonte novamente, ela canalizou quatro fios de Fogo para acender primeiro um lampião, depois um segundo. As pequenas chamas espelhadas iluminaram muito o quarto depois da escuridão, e Birgitte ergueu a mão para proteger os olhos, a princípio. O casaco da Capitã-General realmente combinava com ela; ela teria impressionado infinitamente os mercadores. “Você não deveria estar canalizando ainda,” Nynaeve reclamou, apertando os olhos para a luz repentina. Ela ainda usava o mesmo vestido azul decotado que Elayne a vira antes, com o xale de franjas amarelas preso nos cotovelos. “Alguns dias para recuperar as forças seria o melhor, com bastante sono.” Ela franziu a testa para as garrafas de água quente caídas no chão. “E você precisa se manter aquecida. É melhor evitar a febre do que precisar curá-la.”

“Acho que Dyelin provou sua lealdade hoje”, disse Elayne, mudando os travesseiros para que pudesse se recostar na cabeceira da cama, e Nynaeve ergueu as mãos em desgosto. Uma pequena bandeja de prata em uma das mesas laterais ao lado da cama continha uma única xícara de prata cheia de vinho escuro a que Elayne deu um olhar breve e desconfiado. “Uma maneira difícil de provar isso. Acho que tenho que falar com ela, Aviendha.” Aviendha deu de ombros. Ao chegarem a Caemlyn, ela havia retornado para as roupas de Aiel com uma pressa quase risível, trocando as sedas por blusas de algodão e saias volumosas de lã, como se de repente temesse o luxo aguacento. Com um xale escuro amarrado na cintura e um lenço escuro dobrado segurando seus longos cabelos para trás, ela era a imagem de uma aprendiz de Sábia, embora sua única joia fosse um complicado colar de prata de discos primorosamente trabalhados, um presente de Egwene. Elayne ainda não entendia sua pressa. Melaine e as outras pareciam dispostas a deixá-la seguir seu próprio caminho desde que ela usasse roupas de aguacenta, mas agora a seguravam de volta com tanta força quanto qualquer noviça nas mãos das Aes Sedai. A única razão pela qual permitiram que ela ficasse algum tempo no Palácio — na cidade, aliás — era que ela e Elayne eram irmãs-primeiras.

“Se você pensa que deve, então fale.” Seu tom de apontar o óbvio deslizou em uma repreensão afetuosa. “Mas é um pequeno *toh*, Elayne. Você tinha motivos para duvidar. Você não pode assumir

obrigação por cada pensamento, irmã.” Ela riu como se de repente visse uma piada maravilhosa. “Isso é orgulho demais, e terei que me orgulhar demais de você, só que as Sábias não vão te chamar para prestar contas.”

Nynaeve revirou os olhos ostensivamente, mas Aviendha simplesmente balançou a cabeça, pacientemente calma com a ignorância da outra mulher.

Ela vinha estudando mais que o Poder com os Sábias. “Bem, nós não gostaríamos que vocês duas fossem muito orgulhosas,” Birgitte disse com o que soou suspeitosamente como uma alegria reprimida. Seu rosto estava muito impassível, quase rígido com o esforço de não rir.

Aviendha olhou para Birgitte com uma expressão de cautela. Desde que ela e Elayne se adotaram, Birgitte a adotou também, de certa forma. Não como uma Guardiã, é claro, mas com a mesma atitude de irmã mais velha que ela frequentemente demonstrava em relação a Elayne. Aviendha não tinha certeza do que fazer com isso, ou como responder. Juntar-se ao pequeno círculo que sabia quem Birgitte realmente era certamente não tinha ajudado. Ela saltou entre a determinação feroz de mostrar que Birgitte Arco de Prata não a intimidava e uma mansidão surpreendente, com paradas estranhas no meio. Birgitte sorriu para ela, um sorriso divertido, mas desapareceu quando ela pegou um pacote estreito de seu colo e começou a desdobrar o pano com muito cuidado. No momento em que ela revelou uma adaga com um cabo envolto em couro e uma longa lâmina, sua expressão era severa, e uma raiva apertada fluiu através do vínculo. Elayne reconheceu a faca instantaneamente; ela vira pela última vez sua gêmea na mão de um assassino ruivo.

“Eles não estavam tentando sequestrar você, irmã,” Aviendha disse suavemente.

O tom de Birgitte era sombrio. “Depois que Mellar matou os dois primeiros – o segundo espetando-o com sua espada na largura da sala como alguém em um conto sangrento de trovador”, ela segurou a adaga na ponta do punho, “ele pegou isso do último companheiro e o

matou com ele. Eles tinham quatro punhais quase idênticos entre eles. Este está envenenado.”

“Essas manchas marrons na lâmina são de erva-doce cinza misturada com caroço de pêssego em pó”, disse Nynaeve, sentando-se na beira da cama e fez uma careta de desgosto. “Uma olhada em seus olhos e língua, e eu saberia que era isso que matou o sujeito, não a faca.”

“Bem,” Elayne disse calmamente depois de um momento. Bem, de fato. “Raiz forte para que eu não pudesse canalizar, ou me levantar, e dois homens para me segurar em meus pés enquanto o terceiro colocava uma adaga envenenada em mim. Um plano complicado.”

“Aguacentos gostam de planos complicados”, disse Aviendha. Olhando para Birgitte inquieta, ela se moveu contra a parede e acrescentou: “Alguns gostam.”

“Simples, a seu modo,” disse Birgitte, reembrulhando a faca com tanto cuidado quanto mostrara ao desembulhar. “Você foi fácil de alcançar. Todo mundo sabe que você come sua refeição do meio-dia sozinha.” Sua longa trança balançou quando ela balançou a cabeça. “Foi uma sorte o primeiro homem a chegar até você não ter isso; uma facada, e você estaria morta. Sorte que Mellar estava passando e ouviu um homem xingando em seus aposentos. Sorte suficiente como a de um *ta'veren*.

Nynaeve bufou. “Você podia estar morta por um corte profundo o suficiente em seu braço. O caroço é a parte mais venenosa de um pêssego. Dyelin não teria a menor chance se as outras lâminas tivessem sido envenenadas também.”

Elayne olhou para os rostos impassíveis e inexpressivos de suas amigas e suspirou. Um plano muito complicado. Como se espiões no palácio não fossem ruins o suficiente. “Um pequeno grupo de guardacostas, Birgitte,” ela disse finalmente. “Algo... discreto.” Ela deveria saber que a mulher estaria preparada. O rosto de Birgitte não mudou nem um pouco, mas uma pequena explosão de satisfação brilhou através de seu vínculo compartilhado.

“As mulheres que te protegeram hoje, para começar,” ela disse, sem fingir parar para pensar, “e mais algumas que eu vou escolher. Talvez

vinte ou mais, no total. Muito poucas não podem protegê-la dia e noite, e você deve muito bem ser protegida a todo momento” disse ela com firmeza, embora Elayne não tivesse protestado. “As mulheres podem protegê-la onde os homens não podem, e serão discretas apenas por serem quem são. A maioria das pessoas vai pensar que elas são cerimoniais — suas próprias Donzelas da Lança — e nós vamos dar a elas algo, uma faixa talvez, para fazê-las parecer mais com isso.” Isso lhe rendeu um olhar muito afiado de Aviendha, que ela fingiu não notar. “O problema é quem comandar”, disse ela, franzindo a testa em pensamento. “Duas ou três nobres, Caçadoras, já estão dizendo que tem status ‘suficiente para a posição’. Eu poderia promover Caseille a tenente, mas ela é mais uma vassala de coração, eu acho.” Birgitte deu de ombros. “Talvez uma das outras se mostre promissora, mas acho que elas são melhores seguidoras do que líderes.” Ah sim; tudo pensado. Vinte mais ou menos? Ela teria que ficar de olho em Birgitte para garantir que o número não subisse para cinquenta. Ou mais. Capaz de protegê-la onde os homens não podiam. Elayne estremeceu. Isso provavelmente significava, no mínimo, guardas observando-a tomar banho. “Caseille servirá, com certeza. Uma vassala pode lidar com vinte.” Ela tinha certeza de que poderia convencer Caseille a manter tudo discreto. E a manter os guardas do lado de fora enquanto ela tomava banho. “O homem que chegou bem na hora. Mellar? O que você sabe dele, Birgitte?”

“Doilin Mellar,” Birgitte disse lentamente, suas sobrancelhas se curvando em um ângulo agudo. “Um sujeito de coração frio, embora ele sorria muito. Principalmente para mulheres. Ele belisca as serventes, e ele apronta três em cada quatro dias que eu saiba — ele gosta de falar sobre suas ‘conquistas’ — mas ele não pressiona ninguém que diga não. Afirmo ter sido guarda de um comerciante e depois um mercenário, e agora um caçador da trombeta, e ele certamente tem as habilidades. O suficiente para torná-lo um tenente. Ele é andoreano, de algum lugar do oeste, perto de Baerlon, e diz que lutou por sua mãe durante a Sucessão, embora não pudesse ser muito mais do que um menino na época. De qualquer forma, ele sabe as respostas certas — eu conferi — então talvez ele estivesse envolvido

nisso. Mercenários mentem sobre seu passado sem pensar duas vezes.”

Cruzando as mãos na cintura, Elayne considerou Doilin Mellar. Ela se lembrava apenas da impressão de um homem magro com um rosto afiado, sufocando um de seus agressores enquanto eles lutavam com a adaga envenenada. Um homem com habilidades de soldado suficientes para Birgitte o tornar um oficial. Ela estava tentando certificar-se de que o maior número possível de oficiais, pelo menos, fossem andoreanos. Um resgate bem a tempo, um homem contra três, e uma espada arremessada pela sala como uma lança; muito parecido com o conto de um trovador. “Ele merece uma recompensa adequada. Uma promoção a capitão e o comando dos meus guarda-costas, Birgitte. Caseille pode ser sua segunda.”

“Você está louca?” Nynaeve explodiu, mas Elayne a silenciou.

“Vou me sentir muito mais segura sabendo que ele está lá, Nynaeve. Ele não vai tentar me beliscar, não com Caseille e mais vinte como ela ao seu redor. Com sua reputação, elas o vigiarão como falcões. Você disse vinte, Birgitte? Eu vou lembrá-la disso.”

“Vinte,” Birgitte disse distraidamente. “Ou algo próximo.” No entanto, não havia nada ausente no olhar que ela fixou em Elayne. Ela se inclinou para frente atentamente, as mãos nos joelhos. “Acho que você sabe o que está fazendo.” Bom; ela iria se comportar como uma Guardiã pela primeira vez em vez de discutir. “O Tenente Mellar da Guarda se torna o Capitão Mellar da Guarda, por salvar a vida da Filha Herdeira. Isso aumentará sua arrogância. A menos que você ache que é melhor manter tudo em segredo.”

Elayne balançou a cabeça. “Ah não; de jeito nenhum. Avise a cidade inteira. Alguém tentou me matar, e o tenente — capitão — Mellar salvou minha vida. Vamos manter o veneno para nós mesmas, no entanto. Apenas para o caso de alguém cometer um deslize.”

Nynaeve grunhiu e lhe deu um olhar de soslaio. “Um dia você será muito esperta, Elayne. Tão afiada que você vai se cortar.”

“Ela é inteligente, Nynaeve al’Meara.” Levantando-se suavemente, Aviendha ajeitou as saias pesadas e deu um tapinha no canivete. Não era tão grande quanto a lâmina que ela usava como Donzela, mas

ainda assim uma arma confiável. “E ela me tem para cuidar dela. Tenho permissão para ficar com ela agora.”

Nynaeve abriu a boca com raiva. E, por incrível que pareça, voltou a fechá-la, recompondo-se visivelmente, alisando as saias e as feições. “O que vocês estão olhando?” ela murmurou. “Se Elayne quer esse sujeito perto o suficiente para beliscá-la sempre que ele quiser, quem sou eu para discutir?” A boca de Birgitte se abriu e Elayne se perguntou se Aviendha ia engasgar. Seus olhos certamente estavam saltando.

O som fraco do gongo no topo da torre mais alta do Palácio, marcando a hora, a fez estremecer. Era mais tarde do que ela pensava. “Nynaeve, Egwene pode já estar esperando por nós.” Nenhuma outra roupa estava em qualquer lugar para ser vista. “Onde está minha bolsa? Meu anel está nela.” Seu anel da Grande Serpente estava em seu dedo, mas não era isso que ela queria dizer.

“Vou ver Egwene sozinha”, disse Nynaeve com firmeza. “Você não está em condições de entrar em *Tel’aran’rhiod*. De qualquer forma, você acabou de dormir a tarde toda. Você não vai dormir de novo em breve, aposto. E eu sei que você não teve sorte em se colocar em transe acordada, então é isso.” Ela sorriu presunçosamente, certa de outra vitória. Ela ficou vesga e tonta ao tentar entrar no transe acordada que Egwene tentara ensinar a elas.

“Você vai apostar nisso, vai?” Elayne murmurou. “O que você vai apostar? Porque eu pretendo beber isso,” ela olhou para a taça de prata na mesa lateral, “e aposto que vou dormir logo. Claro, se você não colocasse algo nele, se você não pretendesse tentar me enganar para beber... Bem, é claro, você não faria isso. Então, o que devemos apostar?”

Aquele sorriso insuportável deslizou gorduroso do rosto de Nynaeve, substituído por manchas brilhantes de cor em suas bochechas.

“Que coisa boa”, disse Birgitte, levantando-se. Punhos nos quadris, ela se endireitou ao pé da cama, seu rosto e tom igualmente de censura. “A mulher salva você de uma barriga revolta, e você a ataca como a Senhora Priss. Talvez se você beber aquele copo e dormir e esquecer de se aventurar no Mundo dos Sonhos esta noite, eu decido

que você cresceu o suficiente para que eu possa confiar em menos de cem guardas para mantê-la viva. Ou eu preciso segurar seu nariz para fazer você beber?" Bem, Elayne não esperava que ela continuasse se segurando por muito tempo. *Menos de cem?*

Aviendha virou-se para encarar Birgitte antes que ela terminasse e mal esperou que a última palavra saísse da boca da outra mulher. "Você não deveria falar com ela assim, Birgitte Trahelion," ela disse, erguendo-se para ganhar toda a vantagem de outra altura maior. Dado o salto alto das botas de Birgitte, não era muito, mas com o xale bem apertado sobre os seios, ela parecia mais uma Sábia do que uma aprendiz. Algumas tinham rostos não muito mais velhos que o dela. "Você é a Guardiã dela. Pergunte a *Aan'allein* como se comportar. Ele é um grande homem, mas obedece ao que Nynaeve lhe diz." *Aan'allein* era Lan, O Homem Só, sua história bem conhecida e muito admirada entre os Aiel.

Birgitte a olhou de cima a baixo como se a medisse, e adotou uma postura relaxada que quase perdeu os centímetros extras dos saltos de suas botas. Com um sorriso zombeteiro, ela abriu a boca, claramente pronta para furar a bolha de Aviendha se pudesse. Ela normalmente podia. Antes que ela dissesse uma palavra, Nynaeve falou baixinho e com bastante firmeza.

"Ah, pelo amor da Luz, desista, Birgitte. Se Elayne diz que vai, então ela vai. Agora, nem mais uma palavra sua." Ela apontou um dedo para a outra mulher. "Ou você e eu teremos uma palavrinha mais tarde." Birgitte olhou para Nynaeve, sua boca se mexendo silenciosamente, o vínculo de Guardiã carregando uma intensa mistura de irritação e frustração. Por fim, ela se jogou de volta em sua cadeira, pernas esparramadas e botas equilibradas em suas esporas de cabeça de leão, e começou a murmurar mal-humorada sob sua respiração. Se Elayne não a conhecesse melhor, teria jurado que a mulher estava de mau humor. Ela gostaria de saber como Nynaeve fazia isso. Uma vez, Nynaeve ficara tão admirada com Birgitte quanto Aviendha, mas isso havia mudado. Completamente. Agora Nynaeve intimidava Birgitte tão prontamente quanto qualquer outra pessoa. E com mais sucesso do que com a maioria. *Ela é uma mulher como qualquer outra*, dissera

Nynaeve. *Ela mesma me disse isso, e percebi que ela estava certa.* Como se isso explicasse alguma coisa. Birgitte ainda era Birgitte.

“Minha bolsa?” Elayne disse, e de todas as pessoas, Birgitte foi buscar a bolsa vermelha bordada a ouro no quarto de vestir. Bem, um Guardião fazia esse tipo de coisa, mas Birgitte sempre fazia algum comentário quando o fazia. Embora talvez seu retorno valesse por um. Ela apresentou a bolsa a Elayne com uma reverência floreada. E uma torção de lábios para Nynaeve e Aviendha. Elayne suspirou. Não que as outras mulheres não gostassem umas das outras; eles realmente se davam muito bem, se você ignorasse suas pequenas fraquezas. Elas apenas se esfregavam umas nas outras às vezes.

O anel de pedra estranhamente retorcido, amarrado em um simples laço de couro, estava no fundo da bolsa debaixo de uma mistura de moedas, ao lado do lenço de seda cuidadosamente dobrado cheio de penas que ela considerava seu maior tesouro. O *ter'angreal* parecia ser de pedra, de qualquer maneira, todo manchado e listrado de azul, vermelho e marrom, mas parecia tão duro e liso quanto aço, e pesado demais mesmo para isso. Colocando o cordão de couro em volta do pescoço e o anel entre os seios, ela puxou os cordões apertados e colocou a bolsa na mesa lateral, pegando a taça de prata em vez disso. A fragrância era simplesmente a de um bom vinho, mas ela ergueu uma sobrancelha mesmo assim e sorriu para Nynaeve.

“Eu vou para o meu próprio quarto”, disse Nynaeve rigidamente. Levantando-se do colchão, ela compartilhou um olhar severo entre Birgitte e Aviendha. De alguma forma, o *ki'sain* em sua testa a fazia parecer ainda mais intransigente. “Vocês duas fiquem acordadas e mantenham os olhos abertos! Até que vocês tenham essas mulheres ao seu redor, ela ainda está em perigo. E depois, espero não ter que lembrá-las.”

“Você acha que eu não sei disso?” Aviendha protestou ao mesmo tempo em que Birgitte rosnou: “Eu não sou uma tola, Nynaeve!”

“É o que você diz”, Nynaeve respondeu a ambas. “Espero que sim, pelo bem de Elayne. E para os seus.” Pegando o xale, ela deslizou para fora do quarto, tão imponente quanto qualquer Aes Sedai poderia desejar ser. Ela estava ficando muito boa nisso.

“Você pensaria que ela era a maldita rainha aqui,” Birgitte murmurou.

“Ela é a que é orgulhosa demais, Birgitte Trahelion,” Aviendha resmungou. “Tão orgulhosa como um Shaido com uma cabra.” Elas acenaram uma para a outra em perfeito acordo.

Mas Elayne percebeu que elas esperaram para falar até que a porta se fechasse atrás de Nynaeve. A mulher que tanto negara querer ser Aes Sedai estava se tornando muito Aes Sedai. Talvez Lan tivesse algo a ver com isso. Treinando-a a partir de sua experiência. Ela ainda tinha que trabalhar para ficar composta, às vezes, mas parecia vir mais e mais facilmente desde seu casamento peculiar. O primeiro gole do vinho não teve outro sabor além de vinho, um vinho muito bom, mas Elayne franziu a testa para a taça e hesitou. Até que ela percebeu o que estava fazendo, e por quê. A memória da raiz forte escondida em seu chá ainda era forte. O que Nynaeve colocou aqui? Não raiz forte, é claro, mas o quê? Levantar a xícara para tomar um gole inteiro parecia muito difícil. Desafiadoramente, ela esvaziou a taça de vinho. *Eu estava com sede, só isso*, ela pensou, esticando-se para colocar a xícara de volta na bandeja de prata. *Eu certamente não estava tentando provar nada.*

As outras duas mulheres a estavam observando, mas quando ela começou a se acomodar em uma posição mais confortável para dormir, elas se viraram uma para a outra. “Vou vigiar na sala de estar”, disse Birgitte. “Deixei meu arco e aljava lá. Você fica aqui caso ela precise de você para alguma coisa.”

Em vez de discutir, Aviendha sacou seu canivete e se ajoelhou pronta para se levantar novamente, para um lado, onde ela veria qualquer um que entrasse pela porta antes de vê-la. “Bata duas vezes, depois uma vez, e nomeie-se antes de entrar”, disse ela. “Caso contrário, vou assumir que é um inimigo.” E Birgitte assentiu como se isso fosse a coisa mais razoável do mundo.

“Isso é bob...” Elayne sufocou um bocejo atrás de sua mão. “Bobo,” ela terminou quando pôde falar novamente. “Ninguém vai tentar...” Outro bocejo, e ela poderia ter colocado o punho na boca! *Luz, o que Nynaeve colocou naquele vinho?* “Me matar — esta noite,” ela disse

sonolenta, “e vocês — ambas sabem...” Suas pálpebras estavam pesadas, deslizando para baixo apesar de todos os esforços para mantê-las abertas. Inconscientemente aconchegando o rosto no travesseiro, ela tentou terminar o que estava prestes a dizer, mas...

Ela estava no Grande Salão, a sala do trono do Palácio. No reflexo do Grande Salão em *Tel’aran’rhiod*. Aqui, o anel de pedra retorcido que parecia pesado demais para seu tamanho no mundo desperto parecia leve o suficiente para flutuar entre seus seios. Havia luz, é claro, parecendo vir de todos os lugares e de lugar nenhum. Não era como a luz do sol, ou lâmpadas, mas mesmo que fosse noite aqui também, sempre havia o suficiente daquela luz estranha para ver. Como em um sonho. A sensação sempre presente de olhos invisíveis observando não era como um sonho — mais como um pesadelo —, mas ela havia se acostumado a isso.

Grandes audiências foram realizadas no Grande Salão, embaixadores estrangeiros formalmente recebidos, importantes tratados e declarações de guerra anunciados a dignitários reunidos, e a longa câmara condizia com seu nome e função. Vazio de pessoas, exceto por ela, parecia cavernoso. Duas fileiras de grossas colunas brancas e reluzentes, com dez palmos de altura, marcavam o comprimento da sala, e em uma extremidade, o Trono do Leão estava no topo de um estrado de mármore, com carpete vermelho subindo os degraus brancos do piso vermelho e branco. O trono era do tamanho de uma mulher, mas ainda maciço em suas pesadas pernas de patas de leão, esculpidas e douradas, com o Leão Branco destacado em pedras da lua em um campo de rubis no alto de suas costas altas, anunciando que quem quer que estivesse sentada ali governava uma grande nação. Das grandes janelas coloridas, colocadas no teto abobadado bem alto, as rainhas que fundaram Andor olhavam para baixo, suas imagens alternando com o Leão Branco e cenas das batalhas que travaram para construir Andor a partir de uma única cidade na destruição do império de Artur Asa de Gavião naquela nação. Muitas terras que saíram da Guerra dos Cem Anos não existiam mais, mas Andor sobreviveu aos mil anos desde então e prosperou. Às

vezes, Elayne sentia que aquelas imagens a julgavam, avaliando seu valor para seguir seus passos.

Assim que ela se encontrou no Grande Salão, outra mulher apareceu, sentada no Trono do Leão, uma jovem de cabelos escuros em seda vermelha esvoaçante bordada com leões prateados nas mangas e na bainha, com um fio de gotas de fogo do tamanho de ovos de pombo ao redor seu pescoço e a coroa de rosas em sua cabeça. Uma mão descansando levemente no braço com cabeça de leão do trono, ela olhou majestosamente ao redor do Salão. Então seus olhos caíram sobre Elayne, e o reconhecimento surgiu, junto com a confusão. Coroa, gotas de fogo e sedas desapareceram, substituídas por lã simples e um avental comprido. Um instante depois, a jovem também desapareceu. Elayne sorriu divertida. Até as ajudantes de cozinha sonhavam em sentar-se no Trono do Leão. Ela esperava que a jovem não tivesse acordado assustada com o sobressalto que recebera, ou pelo menos que tivesse continuado com outro sonho agradável. Um sonho mais seguro do que *Tel'aran'rhiod*.

Outras coisas mudaram na sala do trono. As luminárias elaboradamente trabalhadas em fileiras ao longo da câmara pareciam vibrar contra as altas colunas. As grandes portas em arco estavam uma hora abertas, uma hora fechadas, em um piscar de olhos. Somente as coisas que permaneciam em um lugar por um bom tempo tinham um reflexo verdadeiramente permanente no Mundo dos Sonhos.

Elayne imaginou um espelho, e ele estava diante dela, refletindo sua imagem em seda verde de gola alta trabalhada em prata no corpete, com esmeraldas nas orelhas e outras menores presas em seus cachos vermelho-dourados. Ela fez as esmeraldas desaparecerem de seu cabelo e assentiu. Apto para a Filha-Herdeira, mas não muito ostensivo. Tinha que ter cuidado com a forma como se imaginava ali, ou então... Seu modesto vestido de seda verde tornou-se as dobras justas e apertadas de um vestido taraboneano, depois brilhou em calças escuras e largas do Povo do Mar e pés descalços, completos com dourados brincos e argolas no nariz e a corrente cheia de medalhões, e até tatuagens escuras nas mãos. Mas sem blusa, como as Atha'an Miere andavam no mar. Com as bochechas coradas,

ela rapidamente voltou a tudo que estava antes, depois trocou os brincos de esmeralda por argolas de prata simples. Quanto mais simples você imaginava seu traje, mais fácil era mantê-lo.

Deixando o espelho desaparecer — ela simplesmente tinha que parar de se concentrar nele — ela olhou para aqueles rostos severos acima. “As mulheres assumiram o trono tão jovens quanto eu”, ela disse a elas. Não muitas, porém; apenas sete que conseguiram usar a Coroa Rosa por muito tempo. “Mulheres mais novas que eu.” Três. E uma dessas durou apenas um ano. “Não afirmo que serei tão boa quanto vocês, mas também não vou deixá-las envergonhadas. Eu serei uma boa rainha.”

“Conversando com janelas?” Nynaeve disse, fazendo Elayne se assustar. Usando uma cópia do anel que Elayne usava junto à pele, ela parecia enevoada, quase transparente. Franzindo o cenho, ela tentou caminhar na direção de Elayne e cambaleou, quase tropeçando na saia, mancando em um vestido taraboneano azul-escuro que era muito mais justo do que o que Elayne havia imaginado em si mesma. Nynaeve olhou boquiaberta para a coisa, e de repente era um vestido andoreano na mesma cor de seda, bordado em ouro nas mangas e no topo do corpete. Ela ainda falava que “a boa e forte lã de Dois Rios” era boa o suficiente para ela, mas mesmo aqui onde ela poderia aparecer nela se quisesse, quase nunca o fazia.

“O que você colocou naquele vinho, Nynaeve?” Elayne perguntou. “Dormi como uma vela apagada.”

“Não tente mudar de assunto. Se você está falando com janelas, você deveria estar dormindo em vez de estar aqui. Estou pensando em ordenar a você...”

“Por favor, não. Eu não sou Vandene, Nynaeve. Luz, eu nem conheço metade dos costumes que Vandene e as outras dão como certo. Mas eu prefiro não desobedecer a você, então não, por favor.”

Nynaeve a encarou, dando um puxão firme em sua trança. As caudas do vestido mudaram, as saias ficaram um pouco mais cheias, o padrão do bordado se alterou, a gola alta afundando, depois subindo novamente, brotando a renda. Ela simplesmente não era muito boa na

concentração necessária. O ponto vermelho em sua testa nunca vacilou, no entanto.

“Muito bem,” ela disse calmamente, a carranca desaparecendo. Seu xale de franjas amarelas apareceu em seus ombros, e seu rosto assumiu algo da atemporalidade das Aes Sedai. Havia asas brancas em suas têmporas. Suas palavras contrastavam com sua aparência e tom composto, no entanto. “Deixe-me falar quando Egwene chegar aqui. Quero dizer sobre o que aconteceu hoje. Você sempre acaba tagarelando como se estivesse escovando o cabelo um do outro para dormir. Luz! Não quero que ela de uma de Amyrlin para cima de mim, e você sabe que ela vai acabar com nós duas se descobrir.”

“Se eu descobrir o quê?” disse Egwene. A cabeça de Nynaeve virou, os olhos em pânico, e por um momento seu xale de franjas e vestido de seda foram substituídos por uma faixa branca de uma Aceita. Até o *ki'sain* se foi. Apenas por um momento, e ela estava de volta como estava, exceto pelo branco em seu cabelo, mas isso foi o suficiente para colocar uma expressão triste no rosto de Egwene. Ela conhecia Nynaeve muito bem. “Se eu descobrir o que, Nynaeve?” ela perguntou com firmeza.

Elayne respirou fundo. Ela não pretendia esconder nada, exatamente. Não é nada importante para Egwene, de qualquer forma. Mas em seu humor atual, Nynaeve provavelmente balbuciaria tudo, ou então se tornaria teimosa e tentaria insistir que não havia nada para descobrir. O que só faria Egwene cavar com mais força. “Alguém colocou raiz forte no meu chá do meio-dia”, disse ela, e continuou sucintamente sobre os homens com suas adagas e a aparência fortuita de Doilin Mellar, e como Dyelin havia se provado. Para completar, ela acrescentou as notícias de Elenia e Naeen, e a busca da Primeira Empregada por espiões no Palácio, e até Zarya e Kirstian sendo designados para Vandene, e o ataque a Rand e seu desaparecimento. Egwene pareceu não se incomodar com o discurso — ela até interrompeu Elayne sobre Rand, dizendo que já sabia —, mas ela balançou a cabeça com desdém ao ouvir que Vandene não havia feito nenhum progresso em saber quem era a irmã Negra, e isso era da mais grave preocupação para ela. “Ah, e eu vou ter alguns guarda-costas,”

Elayne terminou. “Vinte mulheres, comandadas pelo capitão Mellar. Eu não acho que Birgitte vai me encontrar qualquer Donzela, mas ela vai chegar perto.”

Uma poltrona sem encosto apareceu atrás de Egwene, e ela se sentou sem procurá-la. Ela era muito mais habilidosa aqui do que Elayne ou Nynaeve. Ela usava um vestido de montaria de lã verde-escuro, fino e bem cortado, mas sem adornos, provavelmente o que ela usara acordada naquele dia. E permaneceu um vestido de montaria de lã verde. “Eu diria a vocês para se juntarem a mim em Murandy amanhã — esta noite,” ela disse, “se a chegada das Mulheres Kin não acendesse um incêndio entre as Votantes.”

Nynaeve se recuperou, embora tenha dado uma sacudida desnecessária em suas saias. O bordado em seu vestido era prateado, agora. “Eu pensei que você tinha o Salão da Torre sob seu controle, agora.”

“É como ter um furão sob o polegar”, disse Egwene secamente. “Ele torce e se contorce e se contorce para beliscar seu pulso. Ah, elas fazem exatamente o que eu digo quando se trata da guerra com Elaida — elas não podem me contornar isso, por mais que resmunguem sobre a despesa de mais soldados! — mas o acordo com as Kin não faz parte da guerra, ou deixar as Kin saberem que a Torre sabia sobre elas o tempo todo. Ou que pensava que sim. O Salão inteiro teria uma apoplexia só de descobrir o quanto elas não sabiam. Estão tentando arduamente encontrar uma forma de deixar de aceitar novas noviças.”

“Eles não podem, podem?” Nynaeve exigiu. Ela fez uma cadeira para si mesma, mas era uma cópia da de Egwene quando ela olhou para se certificar de que estava lá, um banquinho de três pernas quando ela começou a se sentar e uma cadeira de fazenda com encosto em escada quando ela se sentou nela. Seu vestido tinha saias divididas, agora. “Você fez uma proclamação. Aceitando qualquer mulher de qualquer idade, se ela fosse verdadeira. Tudo que você tem que fazer é fazer outra, sobre as Kin.” Elayne fez de seu próprio assento uma cópia de uma das cadeiras em sua sala de estar. Muito mais fácil de segurar.

“Ah, uma proclamação de Amyrlin vale tanto quanto a lei”, disse Egwene. “Até que o Salão dê um jeito nisso. A reclamação mais recente é que temos apenas dezesseis Aceitas. Embora a maioria das irmãs trate Faolain e Theodrin como se ainda fossem Aceitas. Mas mesmo dezoito anos não é suficiente para dar as lições de noviça que as Aceitas deveriam aguentar. As irmãs têm que levá-las, em vez disso. Acho que algumas esperavam que o clima mantivesse os números baixos, mas isso não aconteceu.” Ela sorriu de repente, uma luz de malícia em seus olhos escuros. “Há uma nova noviça que eu gostaria que você conhecesse, Nynaeve. Sharina Melloy. Uma vovó. Acho que você vai concordar que ela é uma mulher notável.”

A cadeira de Nynaeve desapareceu completamente e ela caiu no chão com um estalo audível. Ela mal pareceu notar, sentada ali e olhando para Egwene com espanto. “Sharina Melloy?” ela disse com a voz trêmula. “Ela é uma noviça?” Seu vestido era de um estilo que Elayne nunca tinha visto antes, com mangas esvoaçantes e um decote profundo trabalhado com flores em bordados e pérolas. Seu cabelo fluía até a cintura, preso por uma coroa de pedras da lua e safiras em fios de ouro não mais grossos que fios. E havia uma faixa dourada simples em seu dedo indicador esquerdo. Apenas o *ki'sain* e seu anel da Grande Serpente permaneceram os mesmos.

Egwene piscou. “Você conhece o nome?”

Levantando-se, Nynaeve olhou para seu vestido. Ela ergueu a mão esquerda e tocou o anel de ouro liso quase hesitante. Estranhamente, ela deixou tudo como estava. “Pode não ser a mesma mulher,” ela murmurou. “Não pode ser!” Fazendo outra cadeira como a de Egwene, ela franziu a testa como se ordenasse que ficasse, mas ainda tinha um encosto alto e entalhes quando ela se sentou. “Havia uma Sharina Melloy... Foi durante o meu teste para Aceita,” ela disse apressadamente, “eu não tenho que falar sobre isso; é a regra!”

“Claro que não”, disse Egwene, embora o olhar que ela deu a Nynaeve fosse certamente tão estranho quanto Elayne sabia que devia ser. Ainda assim, não havia nada a ser feito; quando Nynaeve queria ser teimosa, ela podia ensinar mulas.

“Já que você citou as kin, Egwene,” Elayne disse, “você pensou mais sobre o Bastão dos Juramentos?”

Egwene ergueu uma mão como se quisesse detê-la, mas sua resposta foi calma e equilibrada. “Não há necessidade de pensar mais, Elayne. Os Três Juramentos, feitos no Bastão dos Juramentos, são o que nos torna Aes Sedai. Eu não vi isso, no começo, mas eu vejo, agora. Logo no primeiro dia que tivermos a Torre, farei os Três Juramentos, no Bastão dos Juramentos.”

“Isso é loucura!” Nynaeve explodiu, inclinando-se para frente em sua cadeira. Surpreendentemente, ainda a mesma cadeira. E ainda o mesmo vestido. Muito surpreendente. Suas mãos eram punhos descansando em seu colo. “Você sabe o que faz; as Kin são a prova! Quantas Aes Sedai vivem além dos trezentos? Ou alcança isso? E não me diga que não devo falar sobre idade. Esse é um costume ridículo, e você sabe disso. Egwene, Reanne era chamada de A Mais Velha porque era a kin mais velha de Ebou Dar. A mais velha de todos os lugares é uma mulher chamada Aloisia Nemosni, uma comerciante de petróleo em Tear. Egwene, ela tem quase seis...centos... anos... de idade! Quando o Salão souber disso, aposto que estarão prontos para colocar o Bastão dos Juramentos na prateleira.”

“A Luz sabe que trezentos anos é muito tempo,” Elayne acrescentou, “mas não posso dizer que estou feliz com a perspectiva de talvez cortar minha vida pela metade, Egwene. E o Bastão dos Juramentos e sua promessa às Kin? Reanne quer ser Aes Sedai, mas o que acontece quando ela jura? E a Aloísia? Será que ela vai cair morta? Você não pode pedir-lhes para jurar, sem saber.”

“Eu não peço nada.” O rosto de Egwene ainda estava impassível, mas suas costas se endireitaram, sua voz esfriou. E endureceu. Seus olhos se arregalaram profundamente. “Qualquer mulher que queira ser irmã vai jurar. E qualquer um que se recusar e ainda se chamar de Aes Sedai sentirá todo o peso da justiça da Torre.” Elayne engoliu em seco sob aquele olhar firme. O rosto de Nynaeve empalideceu. Não havia dúvidas sobre o significado de Egwene. Elas não estavam ouvindo a uma amiga agora, mas ao Trono de Amyrlin, e o Trono de Amyrlin não tinha amigos quando chegava a hora de pronunciar o julgamento.

Aparentemente satisfeita com o que viu nelas, Egwene relaxou. “Eu conheço o problema,” ela disse em um tom mais normal. Mais normal, mas ainda não convidando a discussão. “Espero que qualquer mulher cujo nome esteja nos livros de noviza vá o mais longe que puder, para ganhar o xale se puder, e servir como Aes Sedai, mas não quero que ninguém morra por isso quando puder viver. Uma vez que o Salão saiba sobre as Kin – uma vez que elas cansem de implicar com tudo – acho que posso fazê-las concordar que uma irmã que quer se aposentar deve poder. Com os juramentos removidos.” Elas haviam concluído há muito tempo que o Bastão poderia ser usado para desatar e amarrar, caso contrário, como as irmãs Negras poderiam mentir?

“Acho que não tem problema”, Nynaeve admitiu judiciosamente. Elayne simplesmente assentiu; ela tinha certeza de que havia mais.

“Retire-se para as Kin, Nynaeve,” Egwene disse gentilmente. “Dessa forma, as Kin também estarão ligadas à Torre. As Kin manterão seus próprios caminhos, claro, sua Regra, mas terão que concordar que seu Círculo de Tricô está abaixo da Amyrlin, se não do Salão, e que as Mulheres Kin ficam abaixo das irmãs. Eu quero que elas façam parte da Torre, não sigam seu próprio caminho. Mas acho que elas vão aceitar.” Nynaeve assentiu novamente, feliz, mas seu sorriso desapareceu quando a importância total a alcançou. Ela gaguejou indignada. “Mas...! Estar entre as Kin é por idade! Você terá irmãs recebendo ordens de mulheres que nem conseguiram chegar a Aceita!”

“Ex-irmãs, Nynaeve.” Egwene tocou o anel da Grande Serpente em sua mão direita e suspirou levemente. “Mesmo as mulheres Kin que ganharam o anel não usam. Então, vamos ter que desistir também. Seremos Mulheres Kin, Nynaeve, não mais Aes Sedai.” Ela soava como se já pudesse sentir aquele dia distante, aquela perda distante, mas ela tirou a mão do anel e respirou fundo. “Agora. Mais alguma coisa? Tenho uma longa noite pela frente e gostaria de dormir um pouco antes de enfrentar as Votantes novamente.”

Franzindo o cenho, Nynaeve fechou o punho com força e colocou a outra mão sobre ele para cobrir seus anéis, mas parecia pronta para desistir de discutir sobre as Kin. Por enquanto. “Suas dores de cabeça

ainda a incomodam? Eu acho que se as massagens daquela mulher fizessem algum bem, você pararia de recebê-las.”

“As massagens de Halima fazem maravilhas, Nynaeve. Eu não conseguia dormir sem elas. Agora, há...?” Ela parou, olhando para as portas na entrada da sala do trono, e Elayne se virou para olhar.

Um homem estava ali observando, um homem tão alto quanto um Aiel, com cabelos ruivos escuros levemente salpicados de branco, mas seu casaco azul de gola alta nunca seria usado por um Aiel. Ele parecia musculoso, e seu rosto duro parecia de alguma forma familiar. Quando ele as viu olhando, ele se virou e correu pelo corredor para fora de vista.

Por um instante, Elayne ficou boquiaberta. Ele não apenas sonhava acidentalmente com *Tel'aran'rhiod*, ou já teria desaparecido, mas ela ainda podia ouvir suas botas barulhentas no piso. Ou ele era um andarilho dos sonhos — raro entre os homens, assim diziam as Sábias — ou tinha um *ter'angreal* próprio. Levantando-se de um salto, ela correu atrás dele, mas tão rápido quanto ela era, Egwene era mais rápida. Em um instante, Egwene estava atrás, no próximo ela estava parada na porta, espiando o caminho que o homem tinha ido. Elayne tentou pensar em si mesma ao lado de Egwene, e ela estava. O corredor estava silencioso, agora, e vazio, exceto por lamparinas, baús e tapeçarias, tudo piscando e se movendo. “Como você fez isso?” Nynaeve exigiu, correndo com as saias levantadas acima dos joelhos. Suas meias eram de seda e vermelhas! Apressadamente deixando suas saias caírem quando ela percebeu que Elayne tinha notado suas meias, ela olhou para o corredor. “Onde ele foi? Ele poderia ter ouvido tudo! Você o reconheceu? Ele me lembrou alguém; eu não sei quem.”

“Rand”, disse Egwene. “Ele poderia ter sido o tio de Rand.”

Claro, pensou Elayne. *Se Rand tivesse um tio malvado*. Um clique metálico ecoou do outro lado da sala do trono. A porta dos quartos de vestir atrás do estrado se fechando. As portas estavam abertas ou fechadas ou às vezes no meio do caminho em *Tel'aran'rhiod*; elas não se fechavam.

“Luz!” Nynaeve murmurou. “Quantas pessoas estão nos espionando? Sem mencionar quem, e por quê?”

“Quem quer que sejam”, Egwene respondeu calmamente, “aparentemente, eles não conhecem *Tel’aran’rhiod* tão bem quanto nós. Não são amigos, é seguro dizer, ou eles não estariam escutando. E eu acho que eles podem não ser amigos um do outro, caso contrário, por que ouvir de lados opostos da sala? Aquele homem estava vestindo um casaco shienarano. Há shienaranos no meu exército, mas vocês duas conhecem todos eles. Nenhum se parece com Rand.”

Nynaeve fungou. “Bem, quem quer que seja, há muitas pessoas ouvindo nos cantos. Isso é o que eu acho. Quero estar de volta ao meu próprio corpo, onde tudo com que tenho que me preocupar são espiões e punhais envenenados.”

Shienaranos, pensou Elayne. Fronteiriços. Como isso poderia ter escapado de sua mente? Bem, houve o pequeno problema da raiz forte. “Há mais uma coisa”, disse ela em voz alta, embora com uma voz cuidadosa que ela esperava não usar, e relatou as notícias de Dyelin sobre os Fronteiriços na Mata de Braem. Ela acrescentou a correspondência de Mestre Norry também, o tempo todo tentando observar os dois lados do corredor e da sala do trono também. Ela não queria ser pega cochilando por outro espião. “Acho que esses governantes estão na Mata de Braem,” ela terminou, “todos os quatro.”

“Rand,” Egwene respirou, parecendo irritada. “Mesmo quando ele não pode ser encontrado, ele complica as coisas. Você tem alguma ideia se eles vieram para lhe oferecer lealdade ou para tentar entregá-lo a Elaida? Não consigo pensar em nenhum outro motivo para eles marcharem mil léguas. Eles devem estar fervendo sapatos para sopa agora! Você tem ideia de como é difícil manter um exército abastecido em marcha?”

“Acho que posso descobrir”, disse Elayne. “O motivo, quero dizer. E ao mesmo tempo... Você me deu uma ideia, Egwene.” Ela não pôde deixar de sorrir. Algo bom tinha vindo de hoje. “Acho que posso usá-los para garantir o Trono do Leão.”

Asne examinou o bastidor alto na frente dela e deu um suspiro que se transformou em um bocejo. As lâmpadas piscando davam uma luz fraca para ele, mas não era por isso que seus pássaros pareciam

tortos. Ela queria estar em sua cama e desprezava bordados. Mas precisava estar acordada, e essa era a única maneira de evitar uma conversa com Chesmal. O que Chesmal chamava de conversa. A presunçosa e arrogante Amarela estava concentrada em seu próprio bordado, do outro lado da sala, e supunha que qualquer pessoa que pegasse uma agulha tivesse seu próprio interesse pelo trabalho. Por outro lado, Asne sabia que, se ela se levantasse da cadeira, Chesmal logo começaria a entretê-la com histórias de sua própria importância. Nos meses desde o desaparecimento de Moghedien, ela ouvira a participação de Chesmal em interrogar Tamra Oспенya pelo menos vinte vezes, e como Chesmal havia induzido as Vermelhas a assassinar Sierin Vayu antes que Sierin pudesse ordenar sua prisão, talvez cinquenta! Pelo que ouvia Chesmal contar, ela havia salvado a Ajah Negra sozinha, e ela contaria, se tivesse meia chance. Esse tipo de conversa não era apenas chato, era perigoso. Mesmo mortal, se o Conselho Supremo soubesse disso. Então Asne sufocou outro bocejo, apertou os olhos para o trabalho e empurrou a agulha através do linho bem esticado. Talvez se ela fizesse o cardeal maior, ela poderia até mesmo aumentar as asas.

O clique do trinco da porta trouxe a cabeça das duas mulheres para cima. Os dois criados sabiam que não deviam incomodá-las e, de qualquer forma, a mulher e o marido deveriam estar dormindo profundamente. Asne abraçou *saidar*, preparando uma trama que queimaria um intruso até os ossos, e o brilho cercou Chesmal também. Se a pessoa errada entrasse por aquela porta, ela se arrependeria até morrer. Era Eldrith, de luvas na mão, com sua capa escura ainda pendurada nas costas. O vestido roliço da Marrom também era escuro e sem adornos. Asne odiava usar roupas de lã simples, mas elas precisavam evitar ser notadas. As roupas sem graça combinavam com Eldrith. Ela parou ao vê-las, piscando, um olhar momentâneo de confusão em seu rosto redondo. "Ah, meu...", disse ela. "Quem vocês acharam que eu era?" Jogando as luvas na mesinha perto da porta, ela de repente se deu conta de sua capa e franziu a testa, como se percebesse que a usava no andar de cima. Desalinhando cuidadosamente o broche de prata em seu pescoço, ela jogou a capa

em uma cadeira em uma pilha tombada. A luz do *saidar* piscou ao redor de Chesmal enquanto ela torcia o bastidor de bordar para o lado para poder ficar de pé. Seu rosto severo a fazia parecer mais alta do que era, e ela era uma mulher alta. As flores de cores vivas que ela bordara poderiam estar em um jardim. "Onde você esteve?" ela exigiu. Eldrith era a mais alta entre elas, e Moghedien a havia deixado no comando, mas Chesmal começara a prestar atenção apenas superficialmente. "Você deveria estar de volta à tarde, e a noite já se foi!"

"Perdi a noção da hora, Chesmal," Eldrith respondeu distraidamente, parecendo perdida em pensamentos. "Faz muito tempo desde a última vez que estive em Caemlyn. A Cidade Interna é fascinante, e eu tive uma refeição deliciosa em uma pousada que eu lembrava. Embora eu deva dizer que havia menos irmãos naquela época. Ninguém me reconheceu, no entanto." Ela olhou para o broche como se estivesse se perguntando de onde tinha vindo, então o enfiou na bolsa do cinto.

"Você perdeu o controle", disse Chesmal categoricamente, entrelaçando os dedos na cintura. Talvez para mantê-los longe da garganta de Eldrith. Seus olhos brilharam de raiva. "Você perdeu o rumo."

Mais uma vez Eldrith piscou, como se assustada por ser abordada. "Ah. Você estava com medo de Kennit ter me encontrado de novo? Garanto a você, desde Samara que tenho sido bastante cuidadosa em manter o vínculo mascarado."

Às vezes, Asne se perguntava o quanto da aparente imprecisão de Eldrith era real. Ninguém tão inconsciente do mundo ao seu redor poderia ter sobrevivido por tanto tempo. Por outro lado, ela perdeu o foco o suficiente para deixar o disfarce se dissipar mais de uma vez antes de chegarem a Samara, o suficiente para seu Guardiã rastrearla. Obedientes às ordens de Moghedien para aguardar seu retorno, elas se esconderam entre os tumultos após sua partida, esperaram enquanto as turbas do chamado Profeta varreram para o sul em Amadicia, permaneceram naquela cidade miserável e arruinada mesmo depois que Asne se convenceu de que Moghedien as havia abandonado. Seu lábio se curvou com a memória. O que motivou a

decisão de partir foi a chegada do Kennit de Eldrith à cidade, certo de que ela era uma assassina, meio convencido de que era da Ajah Negra e determinado a matá-la, não importando as consequências para si mesmo. Não surpreendentemente, ela não estava disposta a enfrentar essas consequências e se recusou a deixar alguém matar o homem. A única alternativa era fugir. Então, novamente, Eldrith foi quem apontou Caemlyn como sua única esperança.

“Você descobriu alguma coisa, Eldrith?” Asne perguntou educadamente. Chesmal era uma tolo.

Por mais esfarrapado que o mundo parecesse no momento, as coisas se endireitariam.

De uma forma ou de outra.

"O que? Ah. Só que o molho de pimenta não era tão bom quanto eu lembrava. Claro, isso foi há cinquenta anos."

Asne reprimiu um suspiro. Talvez, afinal, fosse hora de Eldrith sofrer um acidente.

A porta se abriu e Temaile entrou na sala tão silenciosamente que todas foram pegadas de surpresa. A diminuta Cinza com cara de raposa tinha jogado uma túnica bordada com leões sobre os ombros, mas estava aberta na frente, expondo uma camisola de seda cor creme que se moldava a ela indecentemente. Em uma das mãos, ela carregava uma pulseira feita de anéis de vidro retorcidos. Pareciam vidro, pelo menos, mas um martelo não poderia lascá-lo. “Você esteve em *Tel’aran’rhiod*,” Eldrith disse, franzindo a testa para o *ter’angreal*. Ela não falou com força, no entanto. Todas estavam com um pouco de medo de Temaile desde que Moghedien as fizera observar a última parte de Liandrin sendo quebrada. Asne tinha perdido a conta de quantas vezes ela tinha matado ou torturado nos cento e trinta e tantos anos desde que ganhou o xale, mas ela raramente tinha visto alguém tão... entusiasmado... quanto Temaile. Observando Temaile e tentando fingir que não, Chesmal parecia não perceber que ela estava lambendo os lábios nervosamente. Asne rapidamente colocou a própria língua atrás dos dentes e esperou que ninguém tivesse notado. Eldrith certamente não. "Nós concordamos em não usar isso", disse ela, não muito longe de implorar. "Tenho certeza de que foi Nynaeve quem feriu

Moghedien, e se ela pode derrotar um dos Escolhidos em *Tel'aran'rhiod*, que chance temos?" Contornando as outras, ela tentou um tom de repreensão. "Vocês duas sabiam disso?" Ela tinha conseguido soar rabugenta.

Chesmal encontrou o olhar de Eldrith indignado, enquanto Asne lhe deu uma inocência surpresa. Elas sabiam, mas quem iria ficar no caminho de Temaile? Ela duvidava muito que Eldrith tivesse feito mais do que um protesto simbólico se ela estivesse lá.

Temaile sabia exatamente seu efeito sobre elas. Ela deveria ter abaixado a cabeça no sermão de Eldrith, por mais desanimada que fosse, e se desculpado por ir contra sua vontade. Em vez disso, ela sorriu. Aquele sorriso nunca alcançou seus olhos, porém, grande e escuro e muito brilhante. "Você estava certa, Eldrith. Certa que Elayne viria aqui, e certa que Nynaeve viria com ela, parece. Elas estavam juntas, e é claro que ambas estão no Palácio."

"Sim", disse Eldrith, contorcendo-se ligeiramente sob o olhar de Temaile. "Bem." E ela lambeu os lábios e mexeu os pés também. "Mesmo assim, até que possamos ver como passar por todas aquelas Bravias..."

"Elas são Bravias, Eldrith." Temaile se jogou em uma cadeira, os membros esparramados descuidadamente, e seu tom endureceu. Não o suficiente para parecer autoritária, mas ainda mais do que meramente firme. "Há apenas três irmãs para nos incomodar, e podemos eliminá-las. Podemos levar Nynaeve e talvez Elayne na barganha." Abruptamente ela se inclinou para frente, as mãos nos braços da cadeira. Roupas desarrumadas ou não, não havia nenhum pingo de indolência nela agora. Eldrith recuou como se empurrada pelos olhos de Temaile. "Senão, por que estamos aqui, Eldrith? Foi para isso que viemos."

Ninguém tinha nada a dizer sobre isso. Atrás delas havia uma série de fracassos — em Tear, em Tanchico — que poderiam custar-lhes a vida quando o Conselho Supremo lhes impusesse as mãos. Mas não se elas tivessem um dos Escolhidos como patrono, e se Moghedien quisesse tanto Nynaeve, talvez outro deles também a desejasse. A verdadeira dificuldade seria encontrar um dos Escolhidos para

presentear com seu presente. Ninguém além de Asne parecia ter considerado essa parte. “Havia outros lá,” Temaile continuou, recostando-se mais uma vez. Ela parecia quase entediada. “Espionando nossas duas Aceitas. Um homem que as deixou vê-lo, e outra pessoa que eu não podia ver.” Ela fez beicinho irritada. Pelo menos, teria sido um beicinho, exceto por seus olhos. “Tive que ficar atrás de uma coluna para que as meninas não me vissem. Isso deve agradá-la, Eldrith. Que eles não me vejam. Você está satisfeita?”

Eldrith quase gaguejou dizendo o quanto estava satisfeita. Asne deixou-se sentir seus quatro Guardiões, chegando cada vez mais perto. Ela havia parado de se mascarar quando elas deixaram Samara. Apenas Powl era um Amigo das Trevas, é claro, mas os outros fariam o que ela dissesse, acreditariam no que ela dissesse. Seria necessário mantê-los escondidos das outras, a menos que fosse absolutamente necessário, mas ela queria homens armados por perto. Músculos e aço eram muito úteis. E se o pior acontecesse, ela sempre poderia revelar a vara longa e canelada que Moghedien não tinha escondido tão bem quanto pensava que tinha.

A luz da manhã nas janelas da sala de estar era cinza, uma hora mais cedo do que Lady Shiaine normalmente se levantava, mas esta manhã ela estava vestida enquanto ainda estava totalmente escuro. A Senhora Shiaine, era como ela pensava de si mesma agora. Mili Skane, a filha do seleiro, foi quase completamente esquecida. Em todos os aspectos que importavam, ela realmente era a Senhora Shiaine Avarhin, e tinha sido por anos. Lorde Willim Avarhin estava empobrecido, reduzido a viver em uma casa de fazenda em ruínas e incapaz de manter até mesmo isso em boas condições. Ele e sua única filha, a última de uma linhagem em declínio, haviam permanecido no país, longe de qualquer lugar onde sua penúria pudesse ser exposta, e agora eram apenas ossos enterrados na floresta perto daquela casa de fazenda, e ela era a Senhora Shiaine, e se esta casa de pedra alta e bem decorada não era uma mansão, ainda era propriedade de um comerciante bem-feito. Ela também estava morta há muito tempo, depois de entregar seu ouro ao seu “herdeiro”. Os móveis eram bem

feitos, os tapetes caros, as tapeçarias e até as almofadas dos assentos bordadas com fios de ouro, e o fogo crepitava em uma ampla lareira de mármore com veios azuis. Ela mandara esculpir o lintel outrora simples com o Coração e a Mão de Avarhin, fileiras sobre fileiras.

"Mais vinho, garota," ela disse secamente, e Falion correu com o jarro de prata de borda alta para encher sua taça com vinho fumegante e condimentado. A libré de uma empregada, com o Coração Vermelho e a Mão Dourada no peito, combinava com Falion. Seu rosto comprido era uma máscara rígida enquanto ela se apressava para recolocar a jarra no baú com gavetas e ocupar seu lugar ao lado da porta.

"Você joga um jogo perigoso," Marillin Gemalphin disse, rolando seu próprio cálice entre as palmas das mãos. Uma mulher magra com cabelos castanhos claros e sem vida, a irmã Marrom não parecia uma Aes Sedai. Seu rosto estreito e nariz largo ficariam melhor sobre a libré de Falion do que sobre sua fina lã azul, e isso era adequado apenas para um mercador mediano. "Ela está blindada de alguma forma, eu sei, mas quando ela puder canalizar novamente, ela fará você uivar por isso." Seus lábios finos se curvaram em um sorriso sem humor. "Você pode se pegar desejando poder uivar."

"Moridin escolheu isso para ela", respondeu Shiaine. "Ela falhou em Ebou Dar, e ele ordenou que ela fosse punida. Eu não sei os detalhes e não quero saber, mas se Moridin quer o nariz dela na lama, eu vou empurrar tão fundo que ela estará respirando lama daqui a um ano. Ou você sugere que eu desobedeça a um dos Escolhidos?" Ela mal reprimiu um estremecimento só de pensar. Marillin tentou esconder sua expressão bebendo, mas seus olhos se apertaram. "E você, Falion?" Shiaine perguntou. "Você gostaria que eu pedisse a Moridin para levá-la embora? Ele pode achar algo menos oneroso para você. Mulas também podem cantar como rouxinóis."

Falion nem mesmo hesitou. Ela fez uma reverência de costas retas de empregada, seu rosto ficando ainda mais pálido do que já estava. "Não, senhora," ela disse apressadamente. "Estou contente com minha situação, senhora."

"Você vê?" Shiaine disse para as outras Aes Sedai. Ela duvidava muito que Falion fosse algo que se aproximasse de contentamento,

mas a mulher aceitaria o que fosse entregue em vez de enfrentar o desagrado de Moridin diretamente. Pela mesma razão, Shialine a governaria com uma mão muito pesada. Nunca se sabe o que um dos Escolhidos poderia descobrir e errar. Ela mesma achava que seu próprio fracasso estava enterrado profundamente, mas não arriscaria. “Quando ela puder canalizar novamente, não terá que ser uma empregada o tempo todo, Marillin.” De qualquer forma, Moridin havia dito que Shialine poderia matá-la se ela desejasse. Sempre havia isso, se sua posição comesçasse a incomodar demais. Ele havia dito que ela poderia matar as duas irmãs, se ela desejasse.

“Isso é o que pode ser”, disse Marillin sombriamente. Ela lançou um olhar de soslaio para Falion e fez uma careta. “Agora, Moghedien me instruiu a oferecer a você a assistência que eu pensei que poderia dar, mas vou lhe dizer agora, não vou entrar no Palácio Real. A cidade inteira tem muitas irmãs para o meu gosto, mas o Palácio está cheio de Bravias ainda por cima. Eu não chegaria a três metros sem que alguém soubesse que eu estava lá.”

Suspirando, Shialine se inclinou para trás e cruzou as pernas, chutando preguiçosamente um pé de chinelo. Por que as pessoas sempre pensavam que você não sabia tanto quanto elas? O mundo estava cheio de tolos! “Moghedien ordenou que você me obedecesse, Marillin. Eu sei, porque Moridin me contou. Ele não disse isso direito, mas acho que quando ele estala os dedos, Moghedien pula.” Falar sobre os Escolhidos dessa maneira era perigoso, mas ela tinha que deixar as coisas claras. “Você quer me dizer novamente o que você não vai fazer?” A Aes Sedai de rosto estreito lambeu os lábios, lançando outro olhar para Falion. A mulher temia que ela acabasse assim? Verdade seja dita, Shialine teria trocado Falion por uma criada decente em um piscar de olhos. Bem, contanto que ela pudesse manter seus outros serviços. Muito provavelmente, ambas teriam que morrer quando isso terminasse. Shialine não gostava de deixar pontas soltas.

“Eu não estava mentindo sobre isso”, disse Marillin lentamente. “Eu realmente não chegaria a dez pés. Mas já há uma mulher no Palácio. Ela pode fazer o que você precisa. Pode levar tempo para fazer contato, no entanto.”

"Apenas certifique-se que não seja muito tempo, Marillin." Então. Uma das irmãs do Palácio era Ajah Negra, não é? Ela teria que ser Aes Sedai, não apenas uma Amiga das Trevas, para fazer o que Shaiine precisava.

A porta se abriu e Murellin olhou para dentro com ar interrogativo, seu corpo musculoso quase preenchendo a porta. Além dele, ela podia ver outro homem. Ao seu aceno, Murellin deu um passo para o lado e fez sinal para Daved Hanlon entrar, fechando a porta atrás dele. Hanlon estava envolto em uma capa escura, mas ele serpenteou uma mão para cobrir o traseiro de Falion através de seu vestido. Ela o encarou com amargura, mas não se afastou. Hanlon era parte de sua punição. Ainda assim, Shaiine não tinha vontade de vê-lo acariciar a mulher.

"Faça isso mais tarde", ela ordenou. "Correu tudo bem?"

Um largo sorriso dividiu seu rosto como um machado. "Foi exatamente como eu planejei, é claro." Ele jogou um lado da capa escura sobre o ombro, revelando nós dourados de classificação em seu casaco vermelho. "Você está falando com o capitão dos guarda-costas da rainha."

Capítulo 11

Ideais Importantes

Sem sequer dar uma olhada, Rand atravessou o portal para uma grande sala escura. A tensão de segurar a trama, de lutar com *saidin*, o fez oscilar; ele queria vomitar, dobrar e vomitar tudo em seu interior. Manter-se ereto era um esforço. Um pouco de luz rastejou através das frestas entre as venezianas em algumas pequenas janelas colocadas no alto de uma parede, apenas o suficiente para ver com o Poder nele. Móveis e grandes formas cobertas de tecido quase enchiam a sala, intercaladas com grandes barris do tipo usado para armazenar louças, baús de todas as formas e tamanhos, caixas e engradados e bugigangas. Pouco mais do que passarelas de um ou dois passos de largura permaneciam livres. Ele tinha certeza de que não encontraria servos caçando alguma coisa, ou limpando. O andar mais alto do Palácio Real tinha vários desses depósitos, parecendo sótãos de grandes casas de fazenda e quase esquecidos. Além disso, ele era *ta'veren*, afinal. Ainda bem que ninguém estava lá quando o portal se abriu. Uma ponta tinha cortado o canto de um baú vazio encadernado em couro rachado e apodrecido, e a outra tinha raspado o comprimento de uma longa mesa incrustada repleta de vasos e caixas de madeira. Talvez alguma Rainha de Andor tivesse comido naquela mesa, há um século ou dois.

Um século ou dois, Lews Therin riu pesadamente em sua cabeça. *É muito tempo. Pelo amor da Luz, deixe pra lá! Este é o Poço da Perdição!* A voz diminuiu quando o homem fugiu para os recessos da mente de Rand.

Pela primeira vez, ele tinha suas próprias razões para ouvir as reclamações de Lews Therin. Apressadamente ele fez um sinal para Min segui-lo da clareira da floresta do outro lado do portal, e assim que ela o fez, ele o deixou fechar atrás dela em um rápido corte vertical de luz soltando *saidin*. Felizmente, a náusea se foi com ele. Sua cabeça ainda girava um pouco, mas ele não se sentia como se fosse vomitar ou cair, ou ambos.

A sensação de sujeira permaneceu, no entanto, a mácula do Tenebroso escorrendo para dentro das tramas que ele havia amarrado em torno de si. Mudando a alça de sua bolsa de couro de um ombro para o outro, ele tentou usar o movimento para esconder o suor do rosto com a manga. Ele não precisava se preocupar com o fato de Min perceber, no entanto.

Suas botas azuis de salto alto agitaram a poeira do chão em seu primeiro passo, e seu segundo a fez subir. Ela puxou um lenço de renda da manga do casaco bem a tempo de pegar um espirro violento, seguido por um segundo e terceiro, cada um pior que o anterior. Ele desejou que ela estivesse disposta a ficar em um vestido. Flores brancas bordadas decoravam as mangas e lapelas de seu casaco azul, e calças azuis mais claras moldavam suas pernas confortavelmente. Com luvas de montaria azuis brilhantes, bordadas em amarelo, enfiadas atrás do cinto, e uma capa debruada com arabescos amarelos e segura por um alfinete dourado em forma de rosa, ela parecia ter chegado por meios mais normais, mas atrairia todos os olhos. Ele estava em lã marrom grosseira que qualquer trabalhador poderia usar. Na maioria dos lugares nos últimos dias, ele tinha sido descarado com sua presença; desta vez ele não queria simplesmente ir embora antes que alguém soubesse que ele esteve aqui, ele não queria que ninguém, a não ser uns poucos especiais, soubessem que ele esteve.

"Por que você está sorrindo para mim e manuseando sua orelha como um esquisitão?" ela exigiu, enfiando o lenço de volta na manga. A suspeita encheu seus olhos grandes e escuros.

"Eu estava pensando em como você é linda", disse ele calmamente. Ela era. Ele não podia olhar para ela sem pensar assim. Ou sem lamentar que ele fosse fraco demais para mandá-la embora em segurança.

Ela respirou fundo e espirrou antes que pudesse sequer colocar a mão sobre a boca, então olhou para ele como se de alguma forma fosse culpa dele. "Eu abandonei meu cavalo por você, Rand al'Thor. Eu enrolei meu cabelo para você. Eu dei minha vida por você! Eu não vou desistir do meu casaco e calças! Além disso, ninguém aqui nunca me viu em um vestido por mais tempo do que levei para tirá-lo. Você

sabe que isso não funcionará a menos que eu seja reconhecida. Você certamente não pode fingir que saiu da rua com essa cara.”

Sem pensar, ele passou a mão pelo queixo, sentindo o próprio rosto, mas não foi isso que Min viu. Qualquer um que olhasse para ele veria um homem centímetros mais baixo e anos mais velho que Rand al'Thor, com cabelos pretos escorridos, olhos castanhos sem brilho e uma verruga no nariz bulboso. Somente alguém que o tocasse poderia perfurar a Máscara dos Espelhos. Mesmo um Asha'man não o veria, com as tramas invertidas. Embora se houvesse Asha'man no Palácio, isso poderia significar que seus planos deram mais errado do que ele acreditava. Esta visita não podia, não devia, resultar em morte. De qualquer forma, ela estava certa; não era um rosto que teria sido admitido no Palácio Real de Andor sem escolta. "Contanto que possamos terminar isso e ir embora rapidamente", disse ele. "Antes que alguém tenha tempo de pensar que, se você está aqui, talvez eu também esteja.”

“Rand,” ela disse, sua voz suave, e ele a olhou com cautela. Descansando a mão em seu peito, ela olhou para ele com uma expressão séria. “Rand, você realmente precisa ver Elayne. E Aviendha, suponho; você sabe que ela provavelmente está aqui também. Se você...”

Ele balançou a cabeça e desejou que não tivesse feito isso. A tontura ainda não havia desaparecido completamente. "Não!" ele disse secamente. Luz! Não importa o que Min dissesse, ele simplesmente não conseguia acreditar que Elayne e Aviendha o amavam. Ou que o fato de amarem, se fosse um fato, não a aborrecia. As mulheres não eram tão estranhas! Elayne e Aviendha tinham motivos para odiá-lo, não o amar, e Elayne, pelo menos, deixou isso claro. Pior, ele estava apaixonado por ambas, assim como por Min! Ele tinha que ser duro como aço, mas achou que poderia quebrar se tivesse que enfrentar as três ao mesmo tempo. “Encontramos Nynaeve e Mat e vamos o mais rápido que podemos.” Ela abriu a boca, mas ele não lhe deu chance de falar. “Não discuta comigo, Min. Não é hora para isso!”

Inclinando a cabeça para um lado, Min deu um pequeno sorriso divertido. “Quando eu discuti com você? Não faço sempre exatamente

o que você me diz?” Se essa mentira não fosse ruim o suficiente, ela acrescentou: “Eu ia perguntar se você quer se apressar, por que vamos ficar parados neste depósito empoeirado o dia todo?” Para pontuação, ela espirrou novamente. Ela era a menos propensa a causar comentários, mesmo vestida como estava, então colocou a cabeça para fora da sala primeiro. Aparentemente, a despensa não foi totalmente esquecida; as pesadas dobradiças da porta mal rangeram. Um rápido olhar para os dois lados, e ela se apressou, gesticulando para que ele a seguisse. *Ta’veren* ou não, ficou aliviado ao encontrar o longo corredor vazio. O criado mais tímido poderia ter se admirado ao vê-los emergir de um depósito na parte superior do Palácio. Ainda assim, eles encontrariam pessoas em breve. O Palácio Real não tinha tantos servidores como o Palácio do Sol ou a Pedra de Tear, mas ainda havia centenas deles em um lugar daquele tamanho. Caminhando ao lado de Min, ele tentou cambalear e olhar embasbacado para tapeçarias brilhantes e painéis de parede esculpidos e baús polidos. Nenhum era tão bom tão alto quanto seria lá embaixo, mas um trabalhador comum ficaria boquiaberto.

"Precisamos descer para um andar inferior o mais rápido que pudermos", ele murmurou. Ainda não havia ninguém à vista, mas poderia haver dez pessoas na próxima esquina. "Lembre-se, basta perguntar ao primeiro servo que vemos onde encontrar Nynaeve e Mat. Não elabore demais, a menos que você precise."

“Ora, obrigada por me lembrar, Rand. Eu sabia que algo tinha escapado da minha mente, e eu simplesmente não conseguia imaginar o quê.” Seu breve sorriso era muito apertado, e ela murmurou algo baixinho.

Rand suspirou. Isso era muito importante para ela brincar, mas ela brincaria, se ele deixasse. Não que ela visse as coisas dessa forma. Às vezes, porém, as ideias dela sobre importância diferiam muito das dele. Muito amplamente. Ele teria que ficar de olho nela.

"Ora, senhora Farshaw", disse uma voz de mulher atrás deles. “É a Senhora Farshaw, não é?”

O alforje balançou e bateu fortemente nas costas de Rand enquanto ele se virava. A mulher gorda e grisalha que olhava para Min com

espanto era talvez a última pessoa que ele queria encontrar, além de Elayne ou Aviendha. Imaginando por que ela estava usando um tabardo vermelho com o Leão Branco grande na frente, ele se agachou e evitou olhar diretamente para ela. Apenas um trabalhador fazendo seu trabalho. Nenhuma razão para olhar para ele duas vezes. "Senhora Harfor?" Min exclamou, radiante de prazer. "Sim, sou eu. E você é exatamente a mulher que eu estava procurando. tenho medo de estar perdida. Você pode me dizer onde encontrar Nynaeve al'Meara? E Mat Cauthon? Esse sujeito tem algo que Nynaeve pediu para ele entregar."

A Primeira Empregada franziu ligeiramente a testa para Rand antes de voltar sua atenção para Min. Ela ergueu uma sobrancelha para as roupas de Min, ou talvez para a poeira nelas, mas não mencionou nenhum dos dois. "Mat Cauthon? Não acredito que o conheça. A menos que ele seja um dos novos servos ou guardas?" ela acrescentou em dúvida. "Quanto a Nynaeve Sedai, ela está muito ocupada. Suponho que vai ficar tudo bem para ela se eu aceitar o que quer que seja e colocar no quarto dela."

Rand se endireitou. Nynaeve Sedai? Por que as outras — as verdadeiras Aes Sedai — a deixariam brincar com isso ainda? E Mat não estava aqui? Nunca tinha estado aqui, aparentemente. Cores giravam em sua cabeça, quase uma imagem que ele podia distinguir. Em um piscar de olhos desapareceu, mas ele cambaleou. A Sra. Harfor franziu o cenho para ele novamente e fungou. Provavelmente ela pensou que ele estava bêbado.

Min franziu a testa também, mas em pensamento, batendo um dedo no queixo, e isso durou apenas um momento. "Acho que Nynaeve... Sedai quer vê-lo." A hesitação era quase imperceptível. "Você poderia levá-lo aos aposentos dela, Senhora Harfor? Tenho outra tarefa antes de ir. Cuide das suas maneiras, agora, Nuli, e faça o que lhe for dito. Aí está um bom sujeito."

Rand abriu a boca, mas antes que pudesse dizer uma palavra, ela disparou pelo corredor, quase correndo. Seu manto chamejou atrás dela, ela estava se movendo tão rapidamente. Que a queime, ela ia tentar encontrar Elayne! Ela poderia estragar tudo!

Seus planos falham porque você quer viver, louco. A voz de Lews Therin era um sussurro áspero e suado. *Aceite que você está morto. Aceite isso, e pare de me atormentar, louco,* Rand suprimiu a voz para um zumbido abafado, uma mordida zumbindo na escuridão de sua cabeça. Nuli? Que tipo de nome era Nuli? A Sra. Harfor ficou boquiaberta atrás de Min até que ela desapareceu em uma curva, então deu um puxão de ajuste em seu tabardo que não precisava. Ela voltou sua desaprovação para Rand. Mesmo com a Máscara dos Espelhos, ela via um homem que se elevava sobre ela, mas Reese Harfor não era mulher para deixar que uma coisa pequena como aquela a afastasse por um instante. “Eu desconfio da sua aparência, Nuli,” ela disse, suas sobancelhas abaixadas bruscamente, “então você preste atenção no seu passo. Você vai andar com muito cuidado, se você tiver algum cérebro.”

Segurando a alça de ombro do escriturário com uma mão, ele puxou o topete com a outra. “Sim, senhora,” ele murmurou rispidamente. A Primeira Empregada podia reconhecer sua voz real. Min deveria ter falado tudo até encontrarem Nynaeve e Mat. Que diabos ele faria se ela trouxesse Elayne? E talvez Aviendha.

Ela provavelmente estava aqui também. Luz! “Perdão, senhora, mas devemos nos apressar. É urgente que eu veja Nynaeve o mais rápido possível.” Ele ergueu o alforje ligeiramente. “Ela queria esse tipo de coisa realmente importante.” Se ele tivesse terminado quando Min voltasse, poderia escapar com ela antes de ter que enfrentar as outras duas.

“Se Nynaeve Sedai pensasse que era urgente,” a mulher gorda disse a ele com sarcasmo, enfatizando fortemente o título honorífico que ele havia omitido, “ela teria deixado o recado de que você era esperado. Agora, siga-me e guarde seus comentários e opiniões para si mesmo.”

Ela partiu sem esperar resposta, sem olhar para trás, deslizando com uma graça majestosa. Afinal, o que ele poderia fazer, exceto o que lhe foi dito? Como recordava, a Primeira Empregada estava acostumada a que todos fizessem o que mandavam. Caminhando para alcançá-la, ele deu apenas um passo ao lado dela antes que seu olhar

assustado o fizesse ir para trás, puxando seu topete e murmurando desculpas. Ele não estava acostumado a ter que andar atrás de ninguém. Aquilo não foi calculado para moderar seu humor. A ponta da vertigem por um fio também, e a sujeira da mácula. Ele parecia estar de mau humor com mais frequência ultimamente, a menos que Min estivesse com ele. Antes que tivessem ido muito longe, criados de libré começaram a aparecer no corredor, polindo, limpando e carregando, correndo para todos os lados. Claramente, a ausência de pessoas quando ele e Min saíram do depósito era uma ocorrência rara. *Ta'veren* novamente. Descendo um lance de escadas de serviço estreitas embutidas na parede, e havia ainda mais. E outra coisa, muitas mulheres que não usavam libré. Mulheres domanesas de pele de cobre, cairhienas pálidas e baixas, mulheres de pele morena e olhos escuros que certamente não eram andoreanas. Fizeram-no sorrir, um sorriso tenso e satisfeito. Nenhuma tinha o que ele poderia chamar de um rosto sem idade, e um número até tinha linhas e rugas que nunca decoravam o rosto de nenhuma Aes Sedai, mas às vezes arrepios dançavam em sua pele quando ele se aproximava de uma delas. Elas estavam canalizando, ou pelo menos segurando *saidar*. A Sra. Harfor o conduziu por portas fechadas onde aquele formigamento também corria. Atrás daquelas portas, ainda outras mulheres deviam estar canalizando.

“Perdão, Senhora,” ele disse na voz áspera que havia adotado para Nuli. “Quantas Aes Sedai há no Palácio?”

“Isso não é da sua conta”, ela retrucou. Olhando por cima de um ombro para ele, porém, ela suspirou e cedeu. “Acho que não há nenhum mal em você saber. Cinco, contando Lady Elayne e Nynaeve Sedai.” Um toque de orgulho entrou em sua voz. “Faz muito tempo desde que muitas Aes Sedai reivindicaram convidados aqui ao mesmo tempo.”

Rand poderia ter rido, embora sem diversão. Cinco? Não, isso incluía Nynaeve e Elayne. Três verdadeiras Aes Sedai. Três! Quem quer que o resto fosse realmente não importava. Ele começara a acreditar que os rumores de centenas de Aes Sedai movendo-se em direção a Caemlyn com um exército significavam que realmente

poderia haver muitas prontas para seguir o Dragão Renascido. Em vez disso, até mesmo sua esperança original de um punhado duplo delas tinha sido extremamente otimista. Os rumores eram apenas rumores. Ou então algum esquema feito por Elaida. Luz, onde estava Mat? A cor brilhou em sua cabeça — por um instante ele pensou que era o rosto de Mat — e ele tropeçou. “Se você veio aqui bêbado, Nuli,” a Sra. Harfor disse com firmeza, “você vai embora se arrependendo amargamente. Eu mesma cuidarei disso!”

“Sim, Senhora,” Rand murmurou, puxando seu topete. Dentro de sua cabeça, Lews Therin deu uma gargalhada louca e chorosa. Ele teve que vir aqui — era necessário —, mas já estava começando a se arrepender.

Cercados pela luz de *saidar*, Nynaeve e Talaan se encararam a quatro passos em frente à lareira, onde uma chama viva havia conseguido tirar todo o frio do ar. Ou talvez tenha sido o esforço que a aqueceu, Nynaeve pensou com amargura. Esta aula já tinha durado uma hora, pelo relógio ornamentado na lareira esculpida. Uma hora de canalização sem descanso aqueceria qualquer uma. Sareitha deveria estar aqui, não ela, mas a Marrom tinha saído do Palácio deixando um bilhete sobre uma missão urgente na cidade. Careane se recusara a dar aula dois dias seguidos, e Vandene ainda se recusava a dar aulas, alegando que ensinar Kirstian e Zarya não lhe dava tempo. “Assim”, disse ela, chicoteando seu fluxo de Espírito em torno da tentativa da jovem aprendiz do Povo do Mar de afastá-la. Adicionando a força de seu próprio fluxo, ela empurrou o da garota para mais longe e ao mesmo tempo canalizou o Ar em três tramas separadas. Um fez cócegas nas costelas de Talaan através de sua blusa de linho azul. Um estratagema simples, mas a garota engasgou de surpresa e, por um instante, seu abraço à Fonte diminuiu apenas um fio de cabelo, o mais leve lampejo do Poder a preenchendo. Nesse batimento cardíaco, Nynaeve parou o empurrão que ela tinha acabado de começar no fluxo da outra e estalou de volta ao seu alvo original. Forçar a blindagem em Talaan ainda era como bater em uma parede — exceto que a dor estava espalhada uniformemente por sua pele e não apenas na palma

da mão, o que era dificilmente uma melhoria —, mas o brilho de *saidar* desapareceu assim que os dois últimos fluxos de ar prenderam os braços de Talaan ao lado do corpo e juntou os joelhos nas calças largas e escuras. *Muito bem feito*, Nynaeve pensava assim. A garota era muito ágil, muito hábil com suas tramas. Além disso, tentar blindar alguém que detinha o Poder era arriscado na melhor das hipóteses e inútil na pior, a menos que você fosse muito mais forte do que ela — às vezes era —, mas Talaan se igualava a ela, então não fazia diferença. Isso ajudou a manter um sorriso satisfeito em seu rosto. Pareceu muito pouco tempo atrás que as irmãs se surpreenderam com sua força e acreditavam que apenas alguns dos Abandonados possuíam maior. Talaan ainda não havia diminuído o crescimento; ela era pouco mais que uma criança. Quinze? Talvez mais jovem! Só a Luz sabia qual era o seu potencial. Pelo menos, nenhuma das Chamadoras de Vento havia mencionado isso, e Nynaeve não ia perguntar. Ela não tinha interesse em saber o quão mais forte do que ela uma garota do Povo do Mar seria. Nenhum interesse mesmo.

Com os pés descalços no tapete verde estampado, Talaan fez uma tentativa inútil de quebrar a blindagem que Nynaeve segurava facilmente, então suspirou derrotada e abaixou os olhos. Mesmo quando ela conseguia seguir as instruções de Nynaeve, ela se comportava como se tivesse falhado, e agora ela caiu tão desanimada que se poderia ter pensado que as tramas do Ar eram tudo o que a mantinham de pé. Deixando que seus fluxos se dissipassem, Nynaeve ajustou o xale e abriu a boca para contar a Talaan o que havia feito de errado. E para salientar — mais uma vez — que era inútil tentar se libertar a menos que você fosse muito mais forte do que quem a blindou. O Povo do Mar mal parecia acreditar em qualquer coisa que ela dissesse até que ela dissesse dez vezes e mostrasse vinte.

"Ela usou sua própria força contra você", disse Senine din Ryal sem rodeios antes que Nynaeve pudesse falar. "É distração, novamente. É como lutar, menina. Você sabe lutar".

"Tente de novo", Zaida ordenou com um gesto rápido de uma mão escura e tatuada. Todas as cadeiras da sala haviam sido movidas contra a parede, embora não houvesse necessidade real de um espaço

livre, e Zaida ficou sentada assistindo à aula ladeada por seis Chamadoras de Vento, uma profusão de vermelhos, amarelos e azuis em sedas brocadas e tecidos brilhantemente tingidos, uma exibição de brincos e argolas para o nariz e correntes carregadas de medalhões. Sempre era assim; uma das duas aprendizes era usada para a aula propriamente dita — ou Merilille, Nynaeve ouvira dizer, na verdade forçada a assumir o papel de aprendiz, a menos que ela mesma estivesse ensinando — enquanto Zaida e um ou outro grupo de Chamadoras de Vento observavam. A Mestra das Ondas não podia canalizar, é claro, embora estivesse sempre presente, e nenhuma das Chamadoras de Vento se rebaixaria a participar pessoalmente. Ah, isso nunca. Na estimativa de Nynaeve, o agrupamento de hoje era muito estranho, considerando a obsessão do Povo do Mar com a classificação. A própria Chamadora de Vento de Zaida, Shielyn, estava sentada à sua direita, uma mulher esbelta e friamente reservada, quase tão alta quanto Aviendha, e muito alta quanto Zaida. Isso era apropriado, até onde Nynaeve entendia, mas à esquerda de Zaida estava Senine, e ela servia em um planador, um dos navios menores do Povo do Mar, e o dela entre os menores. Claro, a mulher envelhecida, com seu rosto enrugado e cabelos grisalhos, usara mais do que seus seis brincos no passado e mais medalhões dourados na corrente em sua bochecha esquerda escura. Ela havia sido Chamadora de Vento da Mestra dos Navios antes de Nesta din Reas ser eleita para o cargo, mas por sua lei, quando a Mestra dos Navios ou a Mestra das Ondas morria, sua Chamadora de Vento tinha que começar novamente no nível mais baixo. Havia mais do que respeito pela antiga posição de Senine, no entanto, Nynaeve tinha certeza. Rainyn, uma jovem com bochechas de maçã que também servia em um planador, ocupava a cadeira ao lado de Senine, e Kurin de rosto duro e olhos chatos sentava-se ao lado de Shielyn como uma escultura negra. Isso relegava Caire e Tebreille às cadeiras mais externas, e ambas foram Chamadoras de Vento para a própria Mestra das Ondas, com quatro brincos gordos em cada orelha e quase tantos medalhões quanto a própria Zaida. Talvez fosse apenas para manter as irmãs ativas separadas, no entanto. Eles se odiavam com uma paixão que apenas

parentes de sangue poderiam alcançar. Talvez fosse isso. Compreender os Atha'an Miere era pior do que tentar compreender os homens. Uma mulher poderia enlouquecer tentando.

Murmurando para si mesma, Nynaeve deu um puxão em seu xale e se preparou, preparando seus fluxos. A pura alegria de segurar *saidar* dificilmente poderia competir com sua irritação. *Tente novamente, Nynaeve. Mais uma vez, Nynaeve. Faça isso agora, Nynaeve.* Pelo menos Renaile não estava lá. Muitas vezes elas queriam que ela ensinasse coisas que ela não sabia tão bem quanto as outras — muitas vezes, coisas que ela mal sabia, ela admitiu com relutância; ela realmente não tinha muito treinamento na Torre — e sempre que ela se atrapalhava, Renaile positivamente se deliciava em fazê-la suar. As outras também a faziam suar, mas não pareciam sentir tanto prazer nisso. De qualquer forma, depois de uma hora inteira, ela estava cansada. Drat Sareitha e sua missão! Ela atacou novamente, mas desta vez o fluxo do Espírito de Talaan encontrou o dela muito mais levemente do que ela esperava, e seu próprio fluxo varreu o outro mais para o lado do que ela pretendia. Abruptamente, seis feixes de Ar saíram da garota, disparando em direção a Nynaeve, e Nynaeve rapidamente os cortou com Fogo. Os fluxos cortados voltaram para Talaan, sacudindo-a visivelmente, mas antes que eles desaparecessem adequadamente, mais seis apareceram, mais rápido do que antes. Nynaeve cortou. E ficou boquiaberta quando a trama do Espírito de Talaan cintilou ao redor dela e a envolveu, cortando *saidar*. Ela estava blindada! Talaan a havia blindado! Para a indignidade final, fluxos de ar prenderam seus braços e pernas com força, esmagando suas saias. Se ela não estivesse tão chateada com Sareitha, isso nunca teria acontecido. “A garota a pegou,” Caire disse, parecendo surpresa. Ninguém pensaria que ela era a mãe de Talaan pelo olhar frio que ela deu a ela. De fato, Talaan parecia envergonhada por seu próprio sucesso, liberando os fluxos imediatamente e baixando os olhos para o chão.

"Muito bem, Talaan", disse Nynaeve, já que ninguém mais estava oferecendo uma palavra de elogio ou encorajamento. Irritada, ela sacudiu o xale atrás de si e o acomodou nas dobras dos cotovelos. Não

havia necessidade de dizer à garota que ela teve sorte. Ela foi rápida, é verdade, mas Nynaeve não tinha certeza se ela mesma conseguiria continuar canalizando por muito mais tempo. Certamente não estava no seu melhor agora. “Receio que esse seja todo o tempo que tenho hoje, então...”

“Tente de novo”, ordenou Zaida, inclinando-se para frente com atenção. “Quero ver uma coisa.” Isso não era uma explicação, ou qualquer coisa perto de um pedido de desculpas, simplesmente uma declaração de fato. Zaida nunca explicava ou pedia desculpas. Ela só esperava obediência.

Nynaeve pensou em dizer à mulher que não conseguiria ver nada do que elas estavam fazendo, mas rejeitou o pensamento imediatamente. Não com seis Chamadoras de Vento na sala. Dois dias antes, ela havia expressado suas opiniões livremente, e certamente não queria que isso se repetisse. Tentou pensar nisso como uma penitência por falar sem pensar, mas isso não ajudou muito. Ela desejou que nunca as tivesse ensinado a se ligar.

“Mais uma vez,” ela disse firmemente, voltando-se para Talaan, “e então eu devo ir.” Ela estava pronta para o truque da garota desta vez. Canalizando, ela encontrou a trama de Talaan com mais destreza e sem tanta força. A garota sorriu para ela incerta. Pensando que Nynaeve não seria distraída por fluxos de ar estranhos desta vez, não é? A trama de Talaan começou a se enrolar em torno dela, e ela girou agilmente a sua própria para pegá-la. Ela estaria pronta quando a mulher produzisse seus fluxos de Ar. Ou talvez não Ar, desta vez. Nada perigoso com certeza. Isso era prática. Só que o fluxo de Espírito de Talaan não completou essa onda, e o de Nynaeve se alargou enquanto o de Talaan atacou direto nela e agarrou. Mais uma vez, *saidar* piscou para fora dela, e laços do Ar estalaram seus braços para os lados, prendendo seus joelhos. Cuidadosamente, ela respirou fundo. Ela teria que parabenizar a jovem. Não havia como sair disso. Se ela tivesse uma mão livre, ela teria arrancado a trança do couro cabeludo.

"Aguarde!" Zaida ordenou, levantando-se para caminhar graciosamente em direção a Nynaeve, sua calça de seda vermelha balançando suavemente acima de seus pés descalços, a faixa

vermelha intrincada balançando contra sua coxa. As Chamadoras de Vento ficaram com ela e a seguiram, em ordem de classificação. Caire e Tebreille ignoraram-se friamente enquanto corriam para os lugares mais próximos da Mestra das Ondas, enquanto Senine e Rainyn recuavam um passo.

Obedientemente, Talaan segurou a blindagem em Nynaeve e as amarras, deixando-a de pé como uma estátua. E fumegando como uma chaleira por muito tempo fervendo. Ela se recusou a se mexer, uma marionete quebrada, e isso era tudo o que restava para ela, exceto ficar parada. Caire e Tebreille a estudaram com gélido desdém, Kurin com o duro desprezo que ela tinha por todos os habitantes da terra. A mulher de olhos de pedra não zombou ou fez careta ou exibiu qualquer expressão real, mas você não poderia ficar com ela por muito tempo sem tomar conhecimento de sua opinião. Apenas Rainyn exibiu o menor toque de simpatia, um leve sorriso pesaroso.

Os olhos de Zaida encontraram os de Nynaeve. Elas tinham praticamente a mesma altura. "Ela é segurada o mais forte que você pode, aprendiz?"

Talaan curvou-se profundamente, paralela ao chão, tocando sua testa, lábios e coração. "Como você ordenou, Mestra das Ondas," ela quase sussurrou. "Qual o significado disso?" Nynaeve exigiu. "Me deixar ir. Você pode se safar tratando Merilille dessa maneira, mas se pensar por um minuto..."

"Você diz que não há como quebrar esta blindagem a menos que você seja muito mais forte," Zaida a cortou. Seu tom não era áspero, mas ela queria ser ouvida, não ouvir. "Se a Luz quiser, saberemos se você nos disse a verdade. É bem conhecido como as Aes Sedai fazem a verdade girar como um redemoinho. Chamadoras de Vento, vocês formarão um círculo. Kurin, você vai liderar. Se ela se libertar, cuide para que ela não cause nenhum dano. Como incentivo... Aprendiz, prepare-se para virá-la de cabeça para baixo quando eu contar até cinco. Um."

A luz de *saidar* envolveu as Chamadoras de Vento, todas juntas, enquanto se ligavam. Kurin estava com os pés separados e as mãos nos quadris, como se estivesse se equilibrando no convés de um navio.

Sua própria falta de expressão parecia transmitir que ela já estava convencida de que elas descobririam a prevaricação, se não uma mentira descarada. Talaan respirou fundo e, pela primeira vez, ficou muito ereta, nem mesmo piscando enquanto mantinha os olhos ansiosos em Zaida.

Nynaeve piscou. Não! Elas não podiam fazer isso com ela! De novo não! “Estou lhe dizendo,” ela disse, muito mais calma do que ela sentia, “não há como eu quebrar a blindagem. Talaan é muito forte.”

"Dois", disse Zaida, cruzando os braços sob os seios e olhando para Nynaeve como se realmente pudesse ver as tramas.

Nynaeve empurrou timidamente a blindagem. Ela poderia muito bem estar empurrando uma parede de pedra, tentando fazê-la ceder. “Ouça-me, Za... uh... Mestra das Ondas.” Certamente não havia necessidade de antagonizar ainda mais a mulher. Elas eram defensoras das formas adequadas de tratamento. Defensoras de coisas demais. “Tenho certeza de que Merilille lhe disse algo sobre blindagem, pelo menos. Ela jurou os Três Juramentos. Ela não pode mentir.” Talvez Egwene estivesse certa sobre o Bastão dos Juramentos. O olhar de Zaida nunca vacilou, sua expressão nunca mudou. "Três."

"Ouça-me", disse Nynaeve, não se importando se ela parecia um pouco desesperada. Talvez mais do que um pouco. Ela empurrou a blindagem com mais força, depois o mais forte que pôde. Ela poderia muito bem ter batido a cabeça contra uma pedra por todo o efeito que teve. Instintivamente, inutilmente, ela lutou nas amarras do Ar que a seguravam, a franja e as dobras soltas de seu xale dançando ao seu redor. Ela tinha tanta chance de se libertar desses laços quanto de romper a blindagem, mas não conseguiu se conter. De novo não! Ela não podia enfrentar isso! “Você tem que ouvir!”

“Quatro”.

Não! Não! De novo não! Freneticamente, ela arranhou a blindagem. Podia ser dura como pedra, mas parecia mais vidro, lustrosa e escorregadia. Ela podia sentir a Fonte além dela, quase ver a Fonte, como luz e calor logo além do canto da visão. Em desespero, ofegante, ela tateou a superfície lisa. Tinha uma borda, como um círculo ao

mesmo tempo pequeno o suficiente para segurar em suas mãos e grande o suficiente para cobrir o mundo, mas quando ela tentou contornar essa borda, ela se viu de volta ao centro do círculo liso e duro novamente. Isso era inútil. Ela aprendeu tudo isso há muito tempo, tentou tudo isso há muito tempo. Seu coração batia a ponto de explodir para fora de suas costelas. Lutando em vão por calma, ela tateou apressadamente seu caminho de volta para a borda, tateou ao longo dela sem tentar dar a volta. Havia um lugar onde parecia... mais suave. Ela nunca tinha notado isso antes. O ponto mole — um pequeno caroço? — não parecia diferente de qualquer outra forma do resto, e não era muito mais suave, mas ela se atirou nele. E encontrou-se de volta ao centro. Em um frenesi, ela jogou toda a sua força no ponto fraco, uma e outra vez, sendo arremessada de volta para o centro, nem mesmo parando antes de se lançar novamente. Novamente. Ah, Luz! Por favor! Ela tinha que, antes...!

De repente, percebeu que Zaida ainda não havia dito cinco. Engolindo ar como se tivesse corrido dez milhas, ela olhou. O suor escorria por seu rosto, suas costas. Escorria entre seus seios, deslizava por sua barriga. Suas pernas vacilaram. A Mestra das Ondas olhou diretamente nos olhos dela, tocando pensativamente os lábios carnudos com um dedo fino. O brilho ainda envolvia o círculo de seis, Kurin ainda poderia ser uma estátua de pedra desdenhosamente, mas Zaida não disse cinco.

“Ela realmente se esforçou tanto quanto parecia, Kurin,” a Mestra das Ondas finalmente perguntou, “ou tudo isso foi apenas um show?” Nynaeve tentou lançar um olhar indignado. Ela não tinha choramingado! Tinha? Sua carranca, como era, não causou mais impressão em Zaida do que a chuva em uma pedra. “Com tanto esforço, Mestra das Ondas,” Kurin disse relutantemente, “ela poderia ter carregado um *rake* nas costas.” Os seixos pretos e lisos de seus olhos ainda continham desprezo, no entanto. Só os que viviam no mar recebiam algum respeito dela. “Solte-a, Talaan” ordenou Zaida, e a blindagem e as amarras desapareceram quando ela se virou, voltando para as cadeiras sem olhar novamente para Nynaeve. “Chamadoras

de Vento, falarei com vocês depois que ela se for. Vejo você na mesma hora amanhã, Nynaeve Sedai.”

Alisando as saias amarrotadas e sacudindo o xale com irritação, Nynaeve tentou recuperar um pouco de dignidade. Não foi fácil, suada e trêmula. Ela certamente não choramingou! Tentou não olhar para a mulher que a blindou. Duas vezes! Ali parada mansa como manteiga, com os olhos fixos no tapete. Ah! Nynaeve colocou o xale em volta dos ombros. “Sareitha Sedai terá sua vez amanhã, Mestra das Ondas.” Pelo menos sua voz estava firme. “Estarei ocupada até...”

“Sua instrução é mais edificante que a das outras”, disse Zaida, ainda sem se dar ao trabalho de olhar para ela. “Na mesma hora, ou enviarei suas alunas para trazê-la. Você pode sair agora.” E que tinha o som de você vai sair agora. Com esforço, Nynaeve engoliu seus argumentos. Eles tinham um gosto amargo. Mais edificante? O que isso significava? Ela não achava que ela realmente queria saber. Até que ela realmente saísse da sala, ela ainda era a professora — o Povo do Mar era rígido em suas regras; Nynaeve supôs que regras negligentes em navios poderiam levar a problemas, mas ela desejava que elas percebessem que não estavam em um navio — ela ainda era a professora, e isso significava que ela não podia simplesmente sair, por mais que quisesse. Pior, suas regras eram bastante específicas sobre os professores entre os litorâneos. Ela poderia simplesmente ter se recusado a cooperar, ela supôs, mas se ela violasse seu acordo por um fio de cabelo, essas mulheres a espalhariam de Tear para a Luz sabia onde! O mundo inteiro saberia que as Aes Sedai haviam quebrado sua palavra. O que isso faria com a posição das Aes Sedai não dava para pensar. Sangue e cinzas sangrentas! Egwene estava certa, e que queimasse por isso! “Obrigada, Mestra das Ondas, por me permitir instruí-la”, disse ela, curvando-se e tocando os dedos na testa, lábios e coração. Não era uma reverência muito profunda, mas um movimento rápido era tudo o que elas estavam recebendo hoje. Bem, dois. As Chamadoras de Vento tinham que ter uma. “Obrigado, Chamadoras de Vento, por me permitir instruí-las.” As irmãs que finalmente foram para as Atha'an Miere explodiriam quando soubessem que suas alunas podiam dizer-lhes o que ensinar e quando,

e até mesmo ordenar o que elas faziam quando não ensinavam. Em um navio do Povo do Mar, uma professora residente em terra superava os marinheiros comuns, mas apenas por pouco. E as irmãs não conseguiam nem mesmo as gordas bolsas de ouro usadas para atrair outras professoras a bordo.

Zaida e as Chamadoras de Vento reagiram como se o marinheiro mais baixo tivesse anunciado a sua partida. Ou seja, elas estavam em um grupo silencioso, esperando claramente que ela fosse embora, e não muito paciente com isso. Apenas Rainyn a favoreceu com um olhar. Um olhar impaciente. Ela era uma Chamadora de Vento, afinal de contas. Talaan ainda estava onde tinha sido deixada, uma figura mansa olhando para o tapete na frente de outros pés descalços.

Com a cabeça erguida e as costas retas, Nynaeve deixou a sala com toda a dignidade que conseguiu envolver. Pedacos suados e amarrotados. No corredor, ela agarrou a porta com as duas mãos e a bateu com toda a força. O grande e ecoante estrondo foi muito satisfatório. Ela sempre poderia dizer que tinha escapado de suas mãos, se alguém reclamasse. Realmente tinha, depois que ela conseguiu um bom balanço. Afastando-se da porta, ela limpou as mãos com satisfação. E deu um sobressalto com quem a esperava no corredor.

Em um simples vestido azul escuro fornecido por uma das Mulheres Kin, Alivia não parecia nada incomum à primeira vista, uma mulher um pouco mais alta que Nynaeve, com linhas finas nos cantos dos olhos azuis e fios brancos em seus dourados cabelos amarelos. Aqueles olhos azuis estalaram com intensidade, no entanto, como os olhos de um falcão focados na presa.

“A senhora Corly me mandou dizer que gostaria de vê-la no jantar hoje à noite”, disse o falcão de olhos azuis em um lento sotaque de Seanchan. “A senhora Karistovan, a senhora Arman e a senhora Juarde estarão lá.”

“O que você está fazendo aqui sozinha?” Nynaeve exigiu. Ela desejou poder ser como a maioria das outras irmãs, ciente da força de outra mulher sem nunca realmente pensar nisso, mas isso era outra coisa que ela não teve tempo de aprender. Talvez alguns dos

Abandonados tenham superado Alivia, mas certamente mais ninguém. E ela era Seanchan. Nynaeve desejou que houvesse mais alguém ali além das duas. Até Lan, e ela ordenou que ele ficasse longe de suas aulas com o Povo do Mar. Ela não tinha certeza se ele acreditava em sua história sobre escorregar na escada no outro dia. "Você não deve ir a lugar nenhum sem uma escolta!" Alivia deu de ombros, um leve movimento de um ombro. Alguns dias atrás, ela tinha sido um pacote de sorrisos que faziam Talaan parecer ousada. Ela não sorria para ninguém, agora. "Não havia ninguém livre, então eu saí sozinha. De qualquer forma, se você sempre me vigiar, você nunca vai confiar em mim, e eu nunca vou conseguir matar a *sul'dam*." De alguma forma, isso soou ainda mais arrepiante, entregue em um tom tão casual. "Você deveria estar aprendendo comigo. Aqueles Asha'man dizem que são armas, e não são ruins, eu sei, mas eu sou melhor."

"Isso é o que pode ser", Nynaeve respondeu bruscamente, mudando seu xale. "E talvez saibamos mais do que você pensa." Ela não se importaria de demonstrar algumas das tramas que aprendera com Moghedien para esta mulher. Incluindo algumas que todos concordaram que eram muito desagradáveis para fazer a qualquer um. Exceto... Ela estava bastante certa de que a outra mulher poderia dominá-la facilmente, o que quer que ela fizesse. Evitar que seus pés se mexessem sob aquele olhar intenso não foi fácil. "Até — a menos que! — decidimos diferente, você não vai me deixar ver você sem duas ou três Mulheres Kin novamente, se você sabe o que é bom para você."

"Se você diz," Alivia disse, nem um pouco envergonhada. "Que mensagem você quer que eu leve de volta para a Sra. Corly?"

"Diga à srta. Corly que tenho que recusar seu amável convite. E lembre-se do que eu lhe disse!"

"Eu vou dizer a ela", a mulher Seanchan falou lentamente, ignorando completamente a advertência. "Mas não acho que foi exatamente um convite. Uma hora depois do primeiro escurecer, ela disse. Você pode querer se lembrar disso." Com um sorriso leve e conhecedor, ela se afastou, sem pressa de voltar para onde ela pertencia. Nynaeve olhou para as costas da mulher que se afastava, e não por causa de sua falta de reverência. Bem, não só isso. Uma pena

que ela não tivesse se agarrado a alguns de seus sorrisos, para irmãs, de qualquer maneira. Com um olhar para a porta que escondia as Atha'an Miere, Nynaeve pensou em seguir Alivia para ter certeza de que ela faria o que havia sido dito. Em vez disso, ela foi na direção oposta. Não se apressou. Seria desagradável se o Povo do Mar aparecesse e decidisse que ela estava espionando, mas ela definitivamente não se apressou. Ela apenas queria andar rapidamente. Isso foi tudo. Os Atha'an Miere dificilmente eram os únicos no Palácio que ela queria evitar. Não exatamente um convite, não é? Sumeko Karistovan, Chilares Arman e Famelle Juarde estiveram no Círculo de Tricô com Reanne Corly. O jantar era apenas uma desculpa. Eles iriam querer falar com ela sobre as Chamadoras de Vento. Mais especificamente, sobre a relação entre as Aes Sedai do Palácio e as “Bravias” do Povo do Mar. Elas não iriam repreendê-la por não manter a dignidade da Torre Branca. Elas não tinham ido tão longe; ainda não, embora parecessem estar se aproximando. Mas todo o jantar seria cheio de perguntas diretas e comentários mais afiados. Nada que ela pudesse simplesmente ordenar que parassem. Ela duvidava que elas parassem a menos que fossem ordenadas. E elas eram bem capazes de vir procurá-la se ela não fosse até elas. Tentar ensiná-las a mostrar coragem tinha sido um erro terrível. Pelo menos ela não era a única que tinha que aguentar, embora achasse que Elayne tinha conseguido evitar o pior. Ah, como ela estava ansiosa para vê-las de volta no branco de noiva ou vestidos de Aceita. Como ela ansiava por ver a última das Atha'an Miere! “Nynaeve!” veio um grito estranhamente abafado atrás dela. Em sotaques do Povo do Mar.

“Nynaeve!”

Afastando a mão da trança, Nynaeve girou nos calcanhares, pronta para dar uma bronca. Ela não estava ensinando agora, elas não estavam em um navio, e elas poderiam muito bem deixá-la em paz!

Talaan parou na frente dela, os pés descalços deslizando no piso vermelho escuro. Ofegante, a jovem girou a cabeça como se temesse que alguém se aproximasse dela. Ela se encolhia cada vez que um servo de libré se movia no limite de sua visão, e só respirava novamente quando via que era apenas um servo. “Posso ir à Torre

Branca?" ela perguntou sem fôlego, torcendo as mãos e dançando de pé em pé. "Nunca serei escolhida. Um sacrifício, como dizem, deixar o mar para sempre, mas sonho em ser uma noviça. Vou sentir muita falta da minha mãe, mas... Por favor. Você deve me levar para a Torre. Você deve!" Nynaeve piscou com o ataque. Muitas mulheres sonhavam em se tornar Aes Sedai, mas ela nunca tinha ouvido alguém dizer que sonhava em se tornar uma noviça. Além disso... Os Atha'an Miere recusavam passagem para Aes Sedai em qualquer navio cuja Chamadora de Vento pudesse canalizar, mas para evitar que as irmãs tentassem olhar mais fundo, de vez em quando uma aprendiz era escolhida para ir à Torre Branca. Egwene disse que havia apenas três irmãs do Povo do Mar no momento, todas fracas no Poder. Por três mil anos, isso foi o suficiente para convencer a Torre de que a habilidade era rara e pequena com as mulheres Atha'an Miere, não valia a pena investigar. Talaan estava certa; ninguém tão forte quanto ela jamais teria permissão para ir à Torre, mesmo agora que seu subterfúgio estava chegando ao fim. Na verdade, fazia parte do acordo com elas que as irmãs Atha'an Miere pudessem desistir de ser Aes Sedai e retornar aos navios. O Salão da Torre não se queixaria disso!

"Bem, o treinamento é muito difícil, Talaan," ela disse gentilmente, "e você deve ter pelo menos quinze anos. Além disso..." Algo mais que a jovem dissera a atingiu de repente. "Você vai sentir falta da sua mãe?" ela disse incrédula, não se importando com o que soava.

"Tenho dezenove anos!" Talaan respondeu indignada. Olhando para aquele rosto e forma de menino, Nynaeve não tinha certeza se acreditava. "E é claro que vou sentir falta da minha mãe. Pareço antinatural? Ah; entendi. Você não entende. Somos muito carinhosas em particular, mas ela deve evitar qualquer sinal de favor em público. Isso é um crime grave, com a gente. Poderia ter minha mãe destituída de seu posto, e nós duas penduradas de cabeça para baixo no cordame para sermos açoitadas."

Nynaeve fez uma careta com a menção a de cabeça para baixo. "Eu certamente posso ver como você gostaria de evitar isso", disse ela. "Mesmo assim..."

“Todo mundo tenta evitar até mesmo um toque de favor, mas é pior para mim, Nynaeve!” Realmente, a menina — mulher — mocinha — teria que aprender a não pisar no que uma irmã dizia se ela se tornasse uma noviça. Não que ela pudesse, é claro. Nynaeve tentou recuperar a iniciativa, mas as palavras jorraram de Talaan em uma torrente. “Minha avó é Chamadora de Vento da Mestra das Ondas do Clã Rossaine, minha bisavó é Chamadora de Vento do Clã Dacan, e sua irmã do Clã Takana. Minha família está honrada que cinco de nós tenham subido tão alto. E todos ficam atentos aos sinais de que Gelyn abusa de sua influência. Com razão, eu sei — favores não podem ser permitidos —, mas minha irmã foi mantida como aprendiz cinco anos a mais do que o normal, e minha prima seis! Só para que ninguém possa alegar que foram favorecidas. Quando lanço as estrelas e dou nossa posição corretamente, sou punida por ser lenta mesmo quando tenho a resposta tão rápida quanto a Chamadora de Vento Ehvon! Quando provo o mar e nomeio a costa que nos aproximamos, sou castigada porque o sabor que nomeio não é bem o sabor da Chamadora de Vento Ehvon! Eu te blindei duas vezes, mas esta noite eu vou ficar pendurada pelos meus tornozelos por não ter feito isso antes! Sou punida por falhas ignoradas nas outras, por falhas que nunca cometo, porque posso! Seu treinamento de noviça foi mais difícil do que isso, Nynaeve?”

“Meu treinamento de noviça,” Nynaeve disse fracamente. Ela desejou que a mulher não continuasse sendo pendurada pelos tornozelos. “Sim. Bem. Você realmente não quer ouvir sobre isso.” Quatro gerações de mulheres com a habilidade? Luz! Mesmo filha seguindo mãe era bastante raro. A Torre realmente iria querer Talaan. Isso não ia acontecer, no entanto. “Suponho que Caire e Tebreille realmente se amam também?” ela disse, tentando mudar de assunto.

Talaan zombou. “Minha tia é astuta e enganadora. Ela celebra qualquer humilhação que possa causar à minha mãe. Mas minha mãe vai derrubá-la, como ela merece. Um dia, Tebreille se verá servindo em um planador, sob uma velejadora com mão de ferro e dentes doloridos!” Ela deu um aceno sombrio e satisfeito com o pensamento. E então pulou, com os olhos arregalados como um cervo, quando um

criado se apressou atrás dela. Isso a lembrou de seu propósito. Ela voltou a tentar olhar para todos os lados ao mesmo tempo enquanto falava apressadamente. "Você não pode falar durante as aulas, é claro, mas qualquer outro momento serve. Anuncie que vou à Torre, e elas não poderão negar. Você é Aes Sedai!" Nynaeve arregalou os olhos para a garota. E elas teriam esquecido tudo na próxima vez que ela desse uma aula? A tola tinha visto o que elas fizeram com ela! "Eu posso ver o quanto você quer ir, Talaan", disse ela, "mas..."

"Obrigada," Talaan interrompeu, fazendo uma reverência rápida. "Obrigada!" E ela disparou de volta do jeito que ela veio correndo.

"Espere!" Nynaeve gritou, dando alguns passos atrás dela. "Volte! Eu não prometi nada!"

Os servos se viraram para encará-la e continuaram a lançar olhares curiosos em sua direção, mesmo depois de retornarem às suas tarefas. Ela teria corrido atrás da idiota se não tivesse medo de ter que segui-la direto para Zaida e as outras. E a tola provavelmente diria que ela estava indo para a Torre, que Nynaeve havia prometido. Luz, ela provavelmente diria a elas de qualquer maneira! "Você parece que acabou de engolir uma ameixa podre", disse Lan, aparecendo ao lado dela, alto e incrivelmente bonito em seu casaco verde bem ajustado. Ela se perguntou há quanto tempo ele estava lá. Não parecia possível que um homem tão grande, tão imponente em sua presença, pudesse ficar parado o suficiente para que você não o notasse, mesmo sem a capa de um Guardião.

"Uma cesta cheia delas", ela murmurou, pressionando o rosto contra o peito largo de seu marido. Era muito bom apoiar-se contra sua força, só por um momento, enquanto ele acariciava o cabelo dela suavemente. Mesmo que ela tivesse que tirar o punho da espada de suas costelas. E qualquer um que quisesse encarar tal demonstração pública de afeto poderia se enforcar. Ela podia ver desastre se acumulando em desastre. Mesmo que ela dissesse a Zaida e às outras que não tinha intenção de levar Talaan a lugar algum, elas a esfolariam. Não haveria como esconder isso de Lan desta vez. Se ela tivesse conseguido na primeira vez. Reanne e as outras saberiam disso. E Alise! Começariam a tratá-la como tratavam Merilille, ignorando suas

ordens, dando-lhe tanto respeito quanto as Chamadoras de Vento faziam com Talaan. De alguma forma, ela seria encarregada de vigiar Alivia, e alguma catástrofe viria disso, alguma humilhação absoluta. Isso era tudo o que ela parecia apta a fazer, ultimamente; encontrar outra maneira de ser humilhada. E a cada quatro dias, ainda teria que enfrentar Zaida e as Chamadoras de Vento. "Você se lembra de como você me manteve em nossos quartos ontem de manhã?" ela murmurou, olhando para cima a tempo de pegar um sorriso substituindo a preocupação em seu rosto. Claro que ele se lembrava. Seu rosto ficou quente. Falar com amigas era uma coisa, mas ser ousada com o próprio marido parecia outra bem diferente. "Bem, eu quero que você me leve de volta lá agora e me impeça de colocar qualquer roupa por cerca de um ano!" Ela tinha ficado bastante furiosa com isso, no início. Mas ele tinha maneiras de fazê-la esquecer de ficar furiosa.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, um grande som estrondoso, e depois de um momento, ela o ecoou. Ela queria chorar, no entanto. Ela não estava realmente brincando. Ter um marido significava que ela não precisava dividir a cama com outra mulher, ou duas, e isso lhe dava uma sala de estar. Não era grande, mas sempre parecia confortável, com uma boa lareira e uma mesinha com quatro cadeiras. Certamente tanto quanto ela e Lan precisavam. Suas esperanças de privacidade foram frustradas assim que entraram na sala de estar, no entanto. A Primeira Empregada esperava no meio do tapete florido, majestosa como uma rainha, arrumada como se tivesse acabado de se vestir, e nada satisfeita. E em um canto da sala havia um sujeito grosseiro e volumoso com uma verruga horrível no nariz e um alforje pendurado pesadamente no ombro.

"Este homem afirma que tem algo que você quer com urgência", disse a Sra. Harfor, uma vez que fez breves cortesias. Muito breves, se apropriadas; ela não as desperdiçava com ninguém, exceto Elayne. Ela parecia igualmente desaproveitar Nynaeve e o sujeito com a verruga. "Eu não me importo de dizer a você, eu não gosto da aparência dele." Cansada como estava Nynaeve, abraçar a Fonte estava quase além dela, mas ela conseguiu em um flash, estimulada por pensamentos de

assassinos e a Luz sabia o quê. Lan deve ter percebido alguma mudança no rosto dela, porque deu um passo em direção ao sujeito verrugoso; ele não tocou na espada, mas de repente toda a sua postura parecia como se a lâmina já estivesse desembainhada. Como ele às vezes conseguia ler sua mente quando outro segurava seu vínculo, ela não sabia dizer, mas estava satisfeita. Ela conseguiu igualar Talaan — em força, pelo menos! —, mas ela não tinha certeza se poderia canalizar o suficiente para derrubar uma cadeira.

"Eu nunca", ela começou.

"Perdão, senhora," o sujeito gorducho murmurou apressadamente, puxando seu topete gorduroso. "Senhora Thane disse que você queria me ver imediatamente. Negócios do Círculo de Mulheres, ela disse. Algo sobre Cenn Buie.

Nynaeve se sacudiu e, depois de um momento, lembrou-se de fechar a boca. "Sim," ela disse lentamente, olhando para o sujeito. Ver qualquer coisa além daquela horrível verruga era difícil, mas ela tinha certeza de que nunca tinha posto os olhos nele antes. Negócio do Círculo de Mulheres. Nenhum homem seria permitido cheirar isso. Era segredo.

Ela segurou *saidar*, no entanto. "Eu... me lembro, agora. Obrigado, Senhora Harfor. Tenho certeza de que você tem todos os tipos de coisas para ver."

Em vez de entender a dica, a Primeira Empregada hesitou, franzindo a testa para ela com desconfiança. Essa carranca deslizou para o homem volumoso, então pousou em Lan e desapareceu. Ela assentiu para si mesma, como se a presença dele de alguma forma fizesse a diferença! "Eu vou deixar vocês, então. Tenho certeza de que Lord Lan pode lidar com esse sujeito."

Sufocando sua indignação, Nynaeve mal esperou que a porta se fechasse antes de dar a volta no sujeito volumoso e sua verruga. "Quem é Você?" ela exigiu. "Como você conhece esses nomes? Você não é de Dois Rios..." O homem... ondulou. Não havia outra palavra para isso. Ele ondulou e se esticou mais alto, e de repente era Rand, fazendo uma careta e engolindo em seco, em lã amarrotada com aquelas cabeças horríveis brilhando vermelho e dourado nas costas de

suas mãos e uma algema de couro em seu ombro. Onde ele aprendeu isso? Quem o havia ensinado? Ela resistiu à ideia de se disfarçar, só por um momento, para mostrar a ele que podia fazer o mesmo.

“Vejo que você não seguiu seu próprio conselho”, disse Rand a Lan, como se ela não estivesse lá. “Mas por que você a deixa fingir ser Aes Sedai? Mesmo que as verdadeiras Aes Sedai deixem, ela pode se machucar.”

“Porque ela é Aes Sedai, pastor de ovelhas,” Lan respondeu calmamente. Ele também não olhou para ela! E ele ainda parecia pronto para sacar sua espada em um piscar de olhos. “Quanto à outra coisa... Às vezes, ela é mais forte que você. Você entende?” Rand olhou para ela então. Para franzir a testa, incrédulo. Mesmo quando ela ajustou o xale de forma incisiva para que a franja amarela balançasse. O que ele disse, porém, balançando a cabeça lentamente, foi “Não. Você tem razão. Às vezes você é muito fraco para fazer o que deveria.”

“Sobre o que vocês dois estão tagarelando?” ela disse bruscamente.

“Só coisas que os homens falam”, respondeu Lan.

“Você não entenderia”, disse Rand.

Ela sentia o cheiro disso. Fofoca e conversa fiada, isso era o que a conversa dos homens era, nove vezes em dez. Na melhor das hipóteses. Cansada, ela soltou *saidar*. Relutantemente. Ela não precisava se proteger contra Rand, certamente, mas gostaria de aguentar um pouco mais, só para tocá-lo, cansada ou não.

“Nós sabemos sobre Cairhien, Rand,” ela disse, afundando agradecida em uma cadeira. Aquelas malditas do Povos do Mar a esgotaram! “É por isso que você está aqui, vestido desse jeito? Se você está tentando se esconder de quem quer que seja...” Ele parecia cansado. Mais forte do que ela se lembrava, mas muito cansado. Ele permaneceu de pé, no entanto. Estranhamente, ele parecia muito com Lan, pronto para sacar uma espada que não estava usando. Talvez essa tentativa de o matar fosse suficiente para fazê-lo ver sentido. “Rand, Egwene pode te ajudar.”

“Eu não estou me escondendo exatamente”, disse ele. “Pelo menos, apenas até eu matar alguns homens que precisam ser mortos.”

Luz, ele era tão prático quanto Alivia! Por que ele e Lan ficavam se olhando e fingindo que não estavam? “De qualquer forma, como Egwene poderia ajudar?” ele continuou, colocando o alforje sobre a mesa. Ele fez um som suave, mas sólido de peso dentro. “Suponho que ela também seja Aes Sedai?” Ele parecia divertido! “Ela também está aqui? Vocês três e duas verdadeiras Aes Sedai. Só duas! Não. Não tenho tempo para isso. Eu preciso que você guarde algo até...”

“Egwene é o Trono de Amyrlin, seu idiota estúpido,” ela rosnou. Foi bom ser capaz de interromper alguém para variar. “Elaida é uma usurpadora. Espero que você tenha tido bom senso de não chegar perto dela! Você não sairia dessa reunião com suas próprias pernas, posso lhe dizer! Há cinco verdadeiras Aes Sedai aqui, incluindo eu, e mais trezentas com Egwene e um exército, prontas para derrubar Elaida. Olhe para você! Seja qual for a sua conversa corajosa, alguém quase o matou e você está se esgueirando vestido como um cavaliço! Que lugar mais seguro para você do que com Egwene? Mesmo aqueles seus Asha'man não ousariam ir contra trezentas irmãs! Ah sim; muito legal mesmo.” Ele tentou mascarar sua surpresa, mas fez um péssimo trabalho, olhando para ela.

“Você ficaria surpreso com o que meus Asha'man ousariam”, disse ele secamente depois de um minuto. “Suponho que Mat esteja com o exército de Egwene?” Colocando a mão na cabeça, ele cambaleou.

Apenas meio passo, mas ela estava fora de sua cadeira antes que ele pudesse se endireitar. Abraçando *saidar* com esforço, ela estendeu a mão para segurar a cabeça dele entre as mãos e laboriosamente teceu uma Exploração ao redor dele. Ela havia tentado encontrar uma maneira melhor de descobrir o que afligia alguém, até agora sem sucesso. Foi o suficiente. Assim que a trama se instalou nele, ela prendeu a respiração. Ela sabia sobre a ferida em seu lado, de Falme, nunca curando completamente, resistindo a todas as curas que ela conhecia, como uma pústula do mal em sua carne. Agora havia outra ferida meio cicatrizada em cima da velha, e que pulsava com o mal também. Um tipo diferente de mal, de alguma forma, como um espelho do outro, mas igualmente virulento. E ela também não podia tocar com o Poder. Ela realmente não queria — só de pensar nisso fez sua pele

arrepiar! — mas ela tentou. E alguma coisa invisível a manteve afastada. Como uma ala. Uma proteção que ela não podia ver. Uma proteção de *saidin*? Isso a fez parar de canalizar e recuar. Ela se agarrou à Fonte; não importa o quão cansada ela estivesse, teria que se forçar a se soltar. Nenhuma irmã poderia pensar na metade masculina do Poder sem pelo menos um toque de medo. Ele olhou para ela calmamente, e isso a fez estremecer. Ele parecia outro homem inteiramente diferente do Rand al'Thor que ela viu crescer. Ela estava muito feliz por Lan estar lá, por mais difícil que fosse admitir. De repente, ela percebeu que ele não havia relaxado nem um pouco. Ele poderia conversar com Rand como dois homens sobre cachimbos e cerveja, mas achava que Rand era perigoso. E Rand olhou para Lan como se soubesse disso e aceitou.

"Nada disso é importante agora", disse Rand, virando-se para o bilhete sobre a mesa. Ela não sabia se ele se referia aos ferimentos ou onde estava Mat. Do alforje ele tirou duas estatuetas de trinta centímetros de altura, um homem barbudo de aparência sábia e uma mulher igualmente sábia e serena, cada um com mantos esvoaçantes e segurando no alto uma esfera de cristal transparente. Pela maneira como os manuseava, eram mais pesados do que pareciam. "Eu quero que você mantenha isso escondido para mim até que eu mande buscá-los, Nynaeve." Uma mão na figura da mulher, ele hesitou. "E para você. Eu vou precisar de você quando eu os usar. Quando os usamos. Depois que eu cuidar daqueles homens. Isso tem que vir primeiro."

"Usá-los?" ela disse desconfiada. Por que matar alguém tinha que vir primeiro? Essa dificilmente era a pergunta importante, no entanto. "Para que? Eles são *ter'angreal*?"

Ele assentiu. "Com isso, você pode tocar o maior *sa'angreal* já feito para uma mulher. Está enterrado em Tremalking, eu acho, mas isso não importa. Sua mão se moveu para a figura do homem. "Com este, posso tocar seu gêmeo masculino. Foi-me dito por... alguém... uma vez, que um homem e uma mulher usando aqueles *sa'angreal* poderiam desafiar o Tenebroso. Eles podem ter que ser usados para isso, um dia, mas, enquanto isso, espero que sejam suficientes para limpar a metade masculina da Fonte."

“Se isso pudesse ser feito, eles não teriam feito isso na Era das Lendas?” Lan disse baixinho. Silencioso como o aço deslizando de uma bainha era silencioso. “Você disse uma vez que eu poderia machucá-la.” Parecia impossível que sua voz ficasse mais dura, mas ficou. “Você poderia matá-la, pastor de ovelhas.” E seu tom deixou claro que ele não permitiria isso.

Rand encontrou o olhar frio e azul de Lan com outro igualmente frio. “Não sei por que não fizeram. E não me importo por quê. Tem que ser tentado.”

Nynaeve mordeu o lábio inferior. Ela supôs que Rand fez disso uma ocasião pública — mudando de público para privado, decidindo qual era qual, a deixava tonta às vezes —, mas ela não se importava que Lan tivesse falado fora de hora. Ele era ruim assim, em todo caso, mas ela gostava de um homem franco. Ela precisava pensar. Não sobre sua decisão. Ela tinha decidido. Sobre como tomá-la. Rand podia não gostar. Lan certamente não iria. Bem, os homens sempre queriam o seu próprio jeito. Às vezes você só tinha que ensiná-los que nem sempre poderiam tê-lo. “Eu acho que é uma ideia maravilhosa”, disse ela. Isso não era exatamente uma mentira. Era maravilhoso, em comparação com as alternativas. “Mas eu não vejo por que eu deveria sentar aqui esperando por sua convocação como uma criada. Eu vou fazer isso, mas vamos todos juntos.”

Ela estava certa. Eles não gostaram nem um pouco.

Capítulo 12

Um Lírio no Inverno

Outro criado quase caiu de nariz curvado, e Elayne suspirou enquanto deslizava pelo corredor do Palácio. Pelo menos, ela tentava deslizar. A Filha Herdeira de Andor, imponente e serena. Ela queria correr, embora suas saias azul-escuras provavelmente a tivessem feito tropeçar se ela tentasse. Ela quase podia sentir os olhos arregalados do homem corpulento seguindo ela e suas companheiras. Uma irritação menor, e que passaria; um grão de areia em seu chinelo. *Rand achaquesabeoqueémelhorparatodomundo al'Thor está tramando pelas minhas costas!* ela pensou. Se ele conseguisse fugir dela desta vez...! "Apenas lembre-se", disse ela com firmeza. "Ele não deve ouvir nada sobre espiões, ou raiz forte, ou nada disso!" A última coisa que ela precisava era que ele decidisse "resgatá-la". Os homens faziam esse tipo de bobagem; Nynaeve chamava isso de "pensar com os cabelos no peito". Luz, ele provavelmente tentaria levar os Aiel e os saldeanos de volta para a cidade! Para o próprio Palácio! Por mais amargo que fosse admitir, ela não poderia detê-lo se ele o fizesse, não com menos que uma guerra aberta, e mesmo isso poderia não ser suficiente.

"Eu não digo a ele coisas que ele não precisa saber", disse Min, franzindo a testa para uma criada esguia e de olhos arregalados cuja reverência quase desabou no chão de ladrilhos marrom-avermelhados. Olhando para Min de lado, Elayne lembrou-se de seu próprio tempo usando calções e se perguntou se não tentaria novamente. Eles eram certamente mais livres do que saias. Mas não as botas de salto alto, ela decidiu judiciosamente. Elas faziam Min quase tão alta quanto Aviendha, mas até Birgitte balançava nelas, e com as calças justas de Min e um casaco que mal cobria seus quadris, parecia positivamente escandaloso.

"Você mente para ele?" A suspeita tomou conta do tom de Aviendha. Mesmo a maneira como ela ajustou o xale escuro nos ombros carregava desaprovação, e ela olhou além de Elayne para Min.

“Claro que não,” Min respondeu bruscamente, olhando de volta. “Não, a menos que seja necessário.” Aviendha deu uma risadinha, depois pareceu surpresa por ter feito isso, e fez uma cara de pedra.

O que ela deveria fazer com elas? Elas tinham que gostar uma da outra. Elas simplesmente precisavam. Mas as duas mulheres estavam se encarando como gatos estranhos em uma pequena sala desde que se conheceram. Ah, elas haviam concordado com tudo — realmente não havia escolha, não quando nenhuma delas podia adivinhar quando todas teriam o homem à mão novamente —, mas ela esperava que elas não mostrassem uma a outra novamente quão habilmente elas manejavam suas facas. Muito casualmente, não implicando realmente qualquer ameaça, mas muito abertas sobre isso também. Por outro lado, Aviendha ficou bastante impressionada com o número de facas que Min carregava consigo. Um jovem e desengonçado servente carregando uma bandeja de mantos altos para as luminárias de pé fez uma reverência quando ela passou. Infelizmente, ele estava olhando com tanta força que se esqueceu de prestar atenção ao seu fardo. O barulho de vidro se estilhaçando no piso encheu o corredor.

Elayne suspirou novamente. Ela esperava que todos se acostumassem com a nova ordem das coisas logo. Ela não era o objeto de toda aquela surpresa, é claro, ou Aviendha, ou mesmo Min, embora ela provavelmente atraísse alguma. Não, eram Caseille e Deni, logo atrás, que faziam os olhos saltarem e os criados tropeçarem. Ela tinha oito guarda-costas, agora, e aquelas duas estavam montando guarda em sua porta quando ela acordou.

Muito provavelmente, parte da surpresa era apenas que Elayne tinha guardas atrás dela, e quase certamente que eram mulheres. Ninguém estava acostumado com isso, ainda. Mas Birgitte disse que faria com que parecessem cerimoniais, e ela fez. Ela deve ter posto todas as costureiras e modistas do palácio para trabalhar assim que saiu dos aposentos de Elayne na noite anterior. Cada mulher usava um chapéu vermelho brilhante com uma longa pluma branca estendida ao longo da aba larga, e uma larga faixa vermelha debruada em renda nevada no peito com leões brancos desenfreados marchando por ela. Seus casacos carmesim de colarinho branco eram de seda, e o corte

havia sido um pouco alterado, de modo que se ajustavam melhor e pendiam quase até o joelho acima das calças escarlates com uma faixa branca na parte externa das pernas. Rendas claras pendiam grossas de seus pulsos e pescoços, e suas botas pretas tinham sido enceradas até brilharem. Elas pareciam bastante arrojadas, e até mesmo a placidez de Deni se gabava um pouco. Elayne suspeitava que elas ficariam ainda mais orgulhosas quando os cintos de espada e bainhas com ferramentas de ouro estivessem prontos, e os elmos e couraças lacadas. Birgitte estava mandando fazer couraças para mulheres, o que Elayne suspeitava ter feito os olhos do armeiro do Palácio saltarem!

No momento, Birgitte estava ocupada entrevistando mulheres para completar as vinte guarda-costas. Elayne podia senti-la concentrada, sem nenhum sinal de atividade física, então devia ser isso, a menos que estivesse lendo ou jogando pedras, e raramente se afastava um momento de seus deveres para si mesma. Elayne esperava que ela mantivesse apenas vinte. Ela esperava que Birgitte estivesse ocupada o suficiente para não perceber até tarde demais quando mascarasse o vínculo. Pensar que ela estava tão preocupada com Birgitte sentindo o que ela não queria quando a solução estava em uma simples pergunta para Vandene. A resposta tinha sido um triste lembrete de quão pouco ela realmente sabia sobre ser Aes Sedai, especialmente as partes que outras irmãs davam como certas. Aparentemente, todas as irmãs que tinham um Guardiã sabiam, mesmo aquelas que permaneciam celibatárias.

Era estranho como as coisas aconteciam, às vezes. Se não fosse pelas guarda-costas, se não por se perguntar como ela conseguiria iludir a elas e a Birgitte, ela nunca teria pensado em perguntar, nunca teria aprendido a esconder a tempo para isso. Não que ela planejasse iludir suas guardas tão cedo, mas era melhor estar preparada antes da necessidade. Birgitte certamente não ia permitir que ela e Aviendha vagassem sozinhas pela cidade, dia ou noite, não mais. A chegada delas à porta de Nynaeve tirou completamente os pensamentos de Birgitte de sua cabeça. Exceto que ela não devia mascarar o vínculo até o último instante. Rand estava do outro lado daquela porta. Rand

que às vezes enchia seus pensamentos até que ela se perguntava se ela era como uma mulher tola em uma história que jogava a cabeça por cima do muro por causa de um homem. Ela sempre pensara que aquelas histórias deviam ter sido escritas por homens. Só que Rand às vezes a fazia se sentir tola. Pelo menos ele não percebia, graças à Luz.

"Esperem aqui e não permitam a entrada de ninguém," ela ordenou às Guardas. Ela não podia permitir interrupções ou atenção agora. Com sorte, suas guarda-costas eram novas o suficiente para que ninguém sequer reconhecesse o que seus belos uniformes significavam. "Vou demorar apenas alguns minutos."

Eles saudaram rapidamente, um braço sobre o peito, e tomaram posições em ambos os lados da porta, Caseille impassível com uma mão no punho da espada, Deni segurando seu longo porrete com ambas as mãos e sorrindo levemente. Elayne tinha certeza de que a mulher atarracada achava que Min a havia trazido aqui para encontrar um amante secreto. Ela suspeitava que Caseille também pudesse achar. Elas dificilmente foram tão discretas na frente das duas mulheres quanto poderiam ter sido; ninguém havia mencionado seu nome, mas havia mais do que suficiente de "ele isso" e "ele aquilo". Pelo menos nenhuma delas tentou arranjar uma desculpa para sair para que pudesse se reportar a Birgitte. Se elas eram suas guarda-costas, então elas eram suas guarda-costas, não de Birgitte. Exceto que elas não manteriam Birgitte fora se ela mascarasse o vínculo cedo demais.

E ela estava hesitante, ela percebeu. O homem com quem ela sonhava todas as noites estava do outro lado daquela porta, e ela estava ali parada como um murmúrio. Ela esperou tanto, queria tanto, e agora estava quase com medo. Ela não deixaria isso dar errado. Com esforço, ela se recompôs.

"Vocês estão prontas?" Sua voz não era tão forte quanto ela esperava, mas pelo menos não tremeu. Borboletas do tamanho de raposas esvoaçavam em seu estômago. Isso não acontecia há muito tempo.

"Claro", disse Aviendha, mas ela teve que engolir primeiro.

"Estou pronta," Min disse fracamente.

Entraram sem bater, fechando apressadamente a porta atrás delas. Nynaeve se levantou de um salto, de olhos arregalados, antes que elas estivessem bem na sala de estar, mas Elayne mal notou ela ou Lan, embora o cheiro doce do cachimbo do Guardião enchesse a sala. Rand realmente estava lá; tinha sido difícil acreditar que ele estaria. Aquele disfarce terrível que Min havia descrito se foi, exceto pelas roupas surradas e luvas ásperas, e ele estava... lindo. Ele pulou de sua cadeira ao vê-la também, mas antes que estivesse completamente de pé, cambaleou e agarrou a mesa com ambas as mãos, engasgando e arfando com ânsia de vômito. Elayne abraçou a Fonte e deu um passo em direção a ele, então parou e se obrigou a soltar o Poder. Sua habilidade com Cura era pequena e, de qualquer forma, Nynaeve havia se movido tão rápido quanto ela, o brilho de *saidar* de repente ao redor dela, as mãos levantadas em direção a Rand.

Ele recuou, acenando para ela. "Não é nada que você possa curar, Nynaeve," ele disse asperamente. "De qualquer forma, parece que você ganhou a discussão." Seu rosto era uma máscara rígida que escondia a emoção, mas seus olhos pareciam a Elayne absorvê-la. E Aviendha também. Ela ficou surpresa ao se sentir feliz por isso. Ela esperava que fosse assim, esperava que pudesse lidar pelo bem de sua irmã, e agora não era necessário lidar. Endireitar-se foi um esforço visível para ele e afastar o olhar dela e de Aviendha, embora tentasse esconder as duas coisas. "Já passou da hora de ir embora, Min", disse ele.

O queixo de Elayne caiu. "Você acha que pode simplesmente ir sem falar comigo, com a gente?" ela conseguiu.

"Homens!" Min e Aviendha bufaram quase no mesmo instante e trocaram olhares assustados. Apressadamente, elas descruzaram os braços. Por um instante, apesar da disparidade em quase tudo sobre elas, elas eram quase imagens espelhadas de desgosto feminino.

"Os homens que tentaram me matar em Cairhien transformariam este palácio em um monte de escória se soubessem que eu estava aqui," Rand disse calmamente. "Talvez se eles apenas suspeitassem. Suponho que Min lhe disse que eram Asha'man. Não confie em nenhum deles. Exceto por três, talvez. Darner Flinn, Jahar Narishma e

Eben Hopwil. Você pode ser capaz de confiar neles. Mas o resto..." Ele cerrou os punhos enluvados ao seu lado, aparentemente inconsciente. "Às vezes uma espada gira em sua mão, mas ainda é preciso de uma espada. Apenas fique longe de qualquer homem de casaco preto. Olha, não há tempo para falar. É melhor eu ir rápido." Ela estava errada. Ele não era exatamente como ela havia sonhado. Havia uma certa infantilidade nele algumas vezes, mas havia desaparecido como se tivesse sido queimada. Ela lamentava isso por ele. Ela não achava que ele lamentava, ou que pudesse.

"Ele está certo em uma coisa," Lan disse em torno de seu cachimbo com o mesmo tipo de silêncio. Outro homem que parecia nunca ter sido um menino. Seus olhos eram gelo azul sob o cordão de couro trançado que circundava suas sobrancelhas. "Qualquer um perto dele está em grande perigo. Qualquer um." Por alguma razão, Nynaeve bufou. Em seguida, colocou a mão em uma bolsa de couro com protuberâncias duras sobre a mesa e sorriu. Embora depois de um momento seu sorriso vacilou.

"Minha irmã-primeira e eu tememos o perigo?" Aviendha exigiu, plantando os punhos nos quadris. Seu xale escorregou de seus ombros e caiu no chão, mas ela estava tão concentrada que parecia não perceber a perda. "Este homem tem *toh* para nós, *Aan'allein*, e nós para ele. Isso deve ser trabalhado."

Min abriu as mãos. "Eu não sei o que o tom de ninguém têm a ver com nada, nem a música, mas não vou a lugar nenhum até que você fale com elas, Rand!" Ela fingiu não notar o olhar indignado de Aviendha. Suspirando, Rand encostou-se a um canto da mesa e passou os dedos enluvados pelos cachos escuros e avermelhados que pendiam de seu pescoço. Ele parecia estar discutindo consigo mesmo em voz baixa.

"Sinto muito que você acabou com as *sul'dam* e *damane*", disse ele finalmente. Parecia arrependido, mas não muito; ele poderia estar lamentando o frio. "Taim deveria entregá-las para as irmãs que eu pensei que estavam com você. Mas suponho que qualquer um pode cometer um erro como esse. Talvez ele pensasse que todas aquelas

Sabedorias e Mulheres Sábias que Nynaeve reuniu eram Aes Sedai. Seu sorriso era fraco. Não tocou em seus olhos.

“Rand,” Min disse em um tom baixo de advertência.

Ele teve a coragem de olhar para ela interrogativamente, como se não entendesse. E seguiu em frente. “De qualquer forma, você parece ter o suficiente delas para segurar um punhado de mulheres até que você possa entregá-las para as... as outras irmãs, aquelas com Egwene. As coisas nunca saem do jeito que se espera, não é? Quem teria pensado que algumas irmãs fugindo de Elaida se tornariam uma rebelião contra a Torre Branca? Com Egwene como Amyrlin! E o Bando da Mão Vermelha como seu exército. Suponho que Mat pode ficar lá por algum tempo.” Por alguma razão ele piscou e tocou sua testa, então continuou naquele tom irritantemente casual. “Nós iremos. Uma estranha reviravolta de eventos ao redor. Nesse ritmo, não ficarei surpreso se minhas amigas na Torre criarem coragem suficiente para se expor.” Arqueando uma sobrancelha, Elayne olhou para Nynaeve. Sabedorias e mulheres sábias? O Bando era o exército de Egwene, e Mat estava com ele? A tentativa de Nynaeve de inocência de olhos arregalados a fez parecer culpa pregada em uma porta. Elayne supôs que não importava. Ele saberia a verdade em breve, se pudesse ser convencido a ir até Egwene. De qualquer forma, ela tinha assuntos mais importantes para tratar com ele. O homem estava balbuciando, por mais improvisado que conseguisse soar, jogando fora qualquer coisa que elas pudessem atacar na esperança de distraí-las.

“Não vai dar certo, Rand.” Elayne apertou as mãos nas saias para evitar sacudir um dedo para ele. Ou um punho; ela não tinha certeza de qual seria. As outras irmãs? As verdadeiras Aes Sedai, ele estava prestes a dizer. Como ele ousa? E suas amigas na Torre! Ele ainda podia acreditar na estranha carta de Alviarin? A voz dela era fria, firme e forte, não tolerando tolices. “Nada disso importa um fio de cabelo, não agora. Você, Aviendha, Min e eu somos o assunto que precisamos conversar. E nós vamos. Todos nós iremos, Rand al'Thor, e você não vai sair do Palácio até que o façamos!”

Por muito tempo, ele simplesmente olhou para ela, sua expressão nunca mudando.

Então ele inalou audivelmente, e seu rosto se transformou em granito. “Eu te amo, Elayne.”

Sem uma pausa, ele continuou, as palavras correndo para fora dele, como água de uma represa estourada. E seu rosto uma parede de pedra. “Eu te amo, Avienda. Eu te amo, Min. E nenhum pinga a mais ou menos do que as outras duas. Não quero apenas uma de vocês, quero as três. Então aí está. Eu sou um lixo. Agora vocês podem ir embora e não olhar para trás. É uma loucura, de qualquer maneira. Eu não posso me dar ao luxo de amar ninguém!”

“Rand al’Thor”, Nynaeve gritou, “essa é a coisa mais ultrajante que já ouvi da sua boca! A própria ideia de dizer a três mulheres que você as ama! Você é pior que um devasso! Você peça desculpas agora!” Lan havia arrancado o cachimbo de sua boca e estava olhando para Rand.

“Eu amo você, Rand,” Elayne disse simplesmente, “e embora você não tenha pedido, eu quero me casar com você.” Ela corou levemente, mas pretendia ser muito mais ousada em pouco tempo, então ela supôs que isso não contava. A boca de Nynaeve se mexeu, mas nenhum som saiu.

“Meu coração está em suas mãos, Rand”, disse Aviendha, tratando seu nome como algo raro e precioso. “Se você fizer uma coroa de noiva para mim e minha irmã-primeira, eu vou buscá-la.” E ela também corou, tentando esconder isso, curvando-se para pegar o xale do chão e ajeitando-o nos braços. Pelos costumes de Aiel, ela nunca deveria ter dito nada disso. Nynaeve finalmente conseguiu fazer um som. Um chiado.

“Se você ainda não sabe que eu te amo”, disse Min, “então você está cego, surdo e morto!” Ela certamente não corou; havia uma luz travessa em seus olhos escuros, e ela parecia pronta para rir. “E quanto ao casamento, bem, vamos resolver isso entre nós três, então pronto!” Nynaeve segurou sua trança com as duas mãos e deu um puxão firme, respirando pesadamente pelo nariz. Lan havia começado um estudo intenso do conteúdo da tigela de seu cachimbo.

Rand examinou as três como se nunca tivesse visto uma mulher antes e se perguntou o que seriam. “Vocês estão todas loucas”, disse

ele finalmente. “Eu me casaria com qualquer uma de vocês – todas vocês, a Luz me ajude! – mas não pode ser, e vocês sabem disso.” Nynaeve desabou em uma cadeira, balançando a cabeça. Ela murmurou para si mesma, embora tudo que Elayne pudesse entender fosse algo sobre o Círculo de Mulheres engolindo suas línguas.

“Há algo mais que precisamos discutir”, disse Elayne. Luz, Min e Aviendha poderiam estar olhando um pastel! Com um esforço, ela conseguiu fazer seu próprio sorriso um pouco menos... ansioso. “Nos meus quartos, eu acho. Não há necessidade de incomodar Nynaeve e Lan.” Ou melhor, ela estava com medo de que Nynaeve tentasse detê-los, se ela ouvisse. A mulher era muito rápida em usar sua autoridade quando se tratava de assuntos de Aes Sedai.

“Sim,” Rand disse lentamente. E então, estranhamente, acrescentou: “Eu disse que você ganhou, Nynaeve. Não vou embora sem te ver de novo.”

“Ah!” Nynaeve deu um pulo. “Sim. Claro que não. Eu o vi crescer,” ela balbuciou, dando um sorriso doentio para Elayne. “Quase desde o início. Assisti a seus primeiros passos. Ele não pode ir sem uma boa e longa conversa comigo.” Elayne a olhou desconfiada. Luz, ela soava para todo o mundo como uma enfermeira idosa. Embora Lini nunca tivesse balbuciado. Ela esperava que Lini estivesse viva e bem, mas estava com muito medo de que nenhuma das duas coisas fosse verdade. Por que Nynaeve estava agindo dessa maneira? A mulher estava tramando algo, e se ela não ia usar sua posição para descobrir o que era, isso era algo que até ela sabia que estava errado. De repente, Rand pareceu vacilar, como se o ar ao redor dele estivesse brilhando com o calor, e todo o resto voou para fora da cabeça de Elayne. Em um instante, ele era... outra pessoa, mais baixo e mais largo, grosseiro e bruto. E tão repulsivo de se olhar que ela nem sequer considerou o fato de que ele estava usando a metade masculina do Poder. Cabelos pretos e oleosos pendiam sobre um rosto insalubre e pálido dominado por verrugas peludas, incluindo uma em um nariz bulboso acima de lábios grossos e flácidos que pareciam à beira de babar. Ele fechou os olhos com força e engoliu em seco, as mãos

agarrando os braços da cadeira, como se não pudesse suportar vê-las olhar para ele.

"Você ainda é lindo, Rand," ela disse gentilmente.

"Há!" disse Min. "Esse rosto faria uma cabra desmaiar!" Bem, faria, mas ela não deveria ter dito isso.

Avienda riu. "Você tem senso de humor, Min Farshaw. Aquele rosto faria um rebanho de cabras desmaiar." Ah, Luz, faria! Elayne engoliu uma risadinha bem a tempo.

"Eu sou quem eu sou", disse Rand, levantando-se da cadeira. "Vocês simplesmente não vão ver."

Na primeira olhada em Rand em seu disfarce por Deni, o sorriso deslizou torto do rosto da mulher atarracada. A boca de Caseille caiu aberta. *Chega de pensamentos sobre amantes secretos*, pensou Elayne, rindo para si mesma, divertida. Ela tinha certeza de que ele atraía tantos olhares quanto as Guardas, cambaleando entre elas com uma expressão carrancuda. Certamente ninguém poderia suspeitar de quem ele era. Os criados nos corredores provavelmente pensaram que ele havia sido preso em algum crime. Ele certamente tinha a aparência. Caseille e Deni ficaram de olho nele como se também pensassem assim.

As Guardas chegaram a discutir quando perceberam que ela pretendia que esperassem do lado de fora de seus apartamentos enquanto as três o levavam para dentro. De repente, o disfarce de Rand não parecia mais divertido. A boca de Caseille se estreitou, e o rosto largo de Deni se consolidou em teimoso desagrado. Elayne quase teve que acenar com o anel da Grande Serpente debaixo de seus narizes antes que elas se posicionassem ao lado de sua porta, carrancudas. Ela fechou a porta suavemente, cortando a visão de suas carrancas, mas ela queria bater. Luz, o homem poderia ter escolhido algo um pouco menos desagradável como seu disfarce.

E quanto a ele, foi direto para a mesa incrustada, encostando-se nela enquanto o ar ao seu redor tremeluzia e ele voltava a ser ele mesmo. As cabeças do Dragão nas costas de suas mãos brilhavam metalicamente, em escarlate e dourado. "Eu preciso de uma bebida",

ele murmurou com voz grossa, avistando o jarro prateado de boca alta na longa mesa lateral contra a parede.

Ainda sem olhar para ela, para Min ou Aviendha, ele se aproximou cambaleante e encheu uma taça de vinho de prata que esvaziou pela metade em um longo gole. Aquele vinho doce e picante havia sido deixado quando seu café da manhã foi levado. Devia estar frio como gelo agora. Não se esperava que ela voltasse para seus aposentos tão cedo, e o fogo na lareira havia sido abafado sob cinzas. Mas ele não fez nenhum movimento que ela pudesse ver para aquecer o vinho canalizando. Ela teria visto vapor, pelo menos. E por que ele foi até o vinho, em vez de canalizar para trazê-lo para ele? Esse era o tipo de coisa que ele sempre fazia, flutuando taças de vinho e lamparinas em fluxos de ar.

“Você está bem, Rand?” Elayne perguntou. “Quero dizer, você está doente?” Seu estômago se apertou com o pensamento de que doença poderia ser, com ele. “Nynaeve pode...”

“Estou tão bem quanto posso estar”, disse ele categoricamente. Ainda de costas para eles. Esvaziando o copo, ele começou a enchê-lo novamente. “Agora, o que você não quer que Nynaeve ouça?”

As sobrancelhas de Elayne se ergueram e ela trocou olhares com Aviendha e Min. Se ele tinha visto através de seu subterfúgio, Nynaeve certamente tinha. Por que ela os deixou ir? E como ele tinha visto através disso? Aviendha balançou a cabeça levemente, maravilhada. Min sacudiu a dela também, mas com um sorriso que dizia que você tinha que esperar esse tipo de coisa de vez em quando. Elayne sentiu a menor pontada de — não exatamente ciúme; ciúme estava fora de questão para elas — apenas irritação por Min ter passado tanto tempo com ele e ela não. Bem, se ele queria fazer surpresas... “Nós queremos te ligar como nosso Guardião,” ela disse, alisando seu vestido sob ela enquanto ela se sentava em uma cadeira. Min estava sentada na beirada da mesa, com as pernas penduradas, e Aviendha se acomodou no tapete com as pernas cruzadas, estendendo cuidadosamente suas pesadas saias de lã. “Nós três. É costume perguntar primeiro.”

Ele se virou, o vinho esguichando de seu copo, mais derramando do jarro antes que ele pudesse colocá-lo de pé. Com um xingamento murmurado, ele saiu apressadamente da umidade que se espalhava no tapete e colocou a jarra de volta na bandeja. Uma grande mancha úmida decorava a frente de seu casaco áspero e gotas de vinho escuro que ele tentava limpar com a mão livre. Muito satisfatório. "Você realmente está louca", ele rosnou. "Você sabe o que está à minha frente. Você sabe o que isso significa para qualquer um a quem eu esteja ligado. Mesmo que eu não enlouqueça, ela tem que viver enquanto vou morrer! E o que você quer dizer com vocês três? Min não pode canalizar. De qualquer forma, Alanna Mosvani chegou antes de vocês e não se incomodou em perguntar. Ela e Verin estavam levando algumas meninas de Dois Rios para a Torre Branca. Estou ligado a ela há meses, agora."

"E você escondeu isso de mim, seu pastor de ovelhas cabeça de lã?" Min exigiu. "Se eu soubesse...!" Ela habilmente tirou uma faca fina de sua manga, então olhou para ela e a colocou de volta com tristeza. Essa cura teria sido tão difícil para Rand quanto para Alanna. "Isso foi contra o costume", disse Aviendha, meio questionando. Ela se mexeu no tapete e tocou seu canivete.

"Muito" respondeu Elayne, sombria. Que uma irmã fizesse isso com qualquer homem era nojento. Que Alanna tenha feito isso com Rand...! Ela se lembrou da Verde escura e ardente com seu humor de mercúrio e seu temperamento de mercúrio. "Alanna deve mais dinheiro para ele do que ela poderia pagar em uma vida! E para nós. Mesmo que ela não o faça, ela vai desejar que eu a tivesse matado depois que eu colocar as mãos nela!"

"Depois de colocarmos as mãos nela", disse Aviendha, acenando para dar ênfase.

"Então." Rand espiou seu vinho. "Você pode ver que não há sentido nisso. Eu... acho melhor voltar para Nynaeve agora. Você vem, Min?" Apesar do que lhe contaram, ele parecia não acreditar de verdade, como se Min pudesse abandoná-lo agora. Ele não parecia com medo disso, apenas resignado.

"Há uma questão", disse Elayne insistentemente. Ela se inclinou para ele, tentando pela força de sua vontade fazê-lo aceitar o que ela estava dizendo. "Um vínculo não protege você contra outro. Irmãs não unem o mesmo homem por causa do costume, Rand, porque não querem compartilhá-lo, não porque não pode ser feito. E também não é contra a lei da Torre. Claro, alguns costumes eram fortes como a lei, pelo menos aos olhos das irmãs."

Nynaeve parecia falar mais a cada dia sobre a defesa dos costumes e da dignidade das Aes Sedai. Quando ela soubesse disso, ela provavelmente explodiria direto pelo telhado. "Bem, nós queremos compartilhar você! Nós compartilharemos você, se você concordar."

Como era fácil dizer isso! Ela teve certeza de que não poderia uma vez. Até que ela percebeu que amava Aviendha tanto quanto a ele, apenas de uma maneira diferente. E Min também; outra irmã, mesmo que não tivessem adotado uma à outra. Ela iria espancar Alanna de cima a baixo por tocá-lo, se tivesse a chance, mas Aviendha e Min eram diferentes. Elas eram parte dela. De certa forma, elas eram ela, e ela era elas.

Ela suavizou o tom. "Estou pedindo, Rand. Estamos pedindo. Por favor, deixe-nos ligá-lo a nós."

"Min," ele murmurou, quase acusadoramente. Seus olhos no rosto de Min estavam cheios de desespero. "Você sabia, não é? Você sabia se eu colocasse os olhos nelas..." Ele balançou a cabeça, incapaz ou relutante em continuar.

"Eu não sabia sobre a ligação até que elas me disseram menos de uma hora atrás", disse ela, encontrando seu olhar com o olhar mais manso que Elayne já viu. "Mas eu sabia, eu esperava, o que aconteceria se você as visse novamente. Algumas coisas têm que ser, Rand. Elas têm que ser."

Rand olhou para a taça de vinho, momentos parecendo se estender como horas, e finalmente a colocou de volta na bandeja. "Tudo bem", ele disse calmamente. "Não posso dizer que não quero isso, porque quero. Que Luz me queima por isso! Mas pensem no custo. Pensem no preço que vocês vão pagar."

Elayne não precisava pensar no preço. Ela sabia disso desde o início, discutira com Aviendha para ter certeza de que também entenderia. Ela havia explicado para Min. *Pegue o que quiser e pague por isso*, dizia o velho ditado. Nenhuma delas teve que pensar no preço; elas sabiam e estavam dispostas a pagar. Não havia tempo a perder, no entanto. Mesmo agora, ela não se deixou decidir que o preço era muito alto. Como se essa fosse sua decisão a tomar! Abrindo-se para *saidar*, ela se ligou a Aviendha, compartilhando um sorriso com ela. O aumento da consciência uma da outra, o compartilhamento mais íntimo de emoções e sentimentos físicos, sempre era um prazer com sua irmã. Era muito parecido com o que elas logo compartilhariam com Rand.

Ela havia elaborado isso cuidadosamente, estudado de todos os ângulos. O que ela conseguiu aprender sobre as tramas de adoção dos Aiel foi de grande ajuda. Na cerimônia tinha sido quando a ideia lhe ocorreu.

Cuidadosamente ela teceu o Espírito, um fluxo de mais de cem fios, cada fio colocado exatamente assim, e colocou a trama em Aviendha sentada no chão, depois fez o mesmo com Min na beirada da mesa. De certa forma, elas não eram duas tramas separadas. Elas brilhavam com uma semelhança precisa, e parecia que, olhando para uma, ela via a outra também. Essas não eram as tramas usadas na cerimônia de adoção, mas usavam os mesmos princípios. Elas incluíam; o que acontecia com alguém enredado naquela trama, acontecia com todos nela. Assim que as tramas estavam no lugar, ela passou a liderança do círculo de duas para Aviendha. As tramas já feitas permaneceram, e Aviendha imediatamente teceu tramas idênticas em torno de Elayne, e em torno de Min novamente, misturando-a até ficar indistinguível da de Elayne antes de passar o controle de volta. Elas faziam isso com muita facilidade agora, depois de muita prática. Quatro tramas, ou melhor, três agora, mas todas pareciam a mesma trama.

Tudo estava pronto. Aviendha era uma rocha de confiança tão forte quanto qualquer coisa que Elayne já sentira de Birgitte. Min estava sentada segurando a beirada da mesa, os tornozelos travados; ela não podia ver os fluxos, mas deu um sorriso seguro que só foi estragado um pouco quando ela lambeu os lábios. Elayne respirou fundo. Aos

olhos dela, as três estavam cercadas e conectadas por um rendilhado do Espírito que fazia a renda mais fina parecer monótona. Agora veria se funcionaria como ela acreditava que funcionaria.

De cada uma delas, ela estendeu a trama em linhas estreitas em direção a Rand, torcendo as três linhas em uma, transformando-a no laço do Guardiã. Isso, ela colocou em Rand tão suavemente como se estivesse colocando um cobertor em um bebê. A teia de aranha do Espírito se instalou ao redor dele, instalou-se nele. Ele nem piscou, mas foi feito. Ela soltou *saída*. Estava feito.

Ele as encarou, inexpressivo, e lentamente levou os dedos às têmporas.

“Ah, Luz, Rand, a dor,” Min murmurou com uma voz magoada. “Eu nunca soube; eu nunca imaginei. Como você pode suportar isso? Há dores que você nem parece conhecer, como se convivesse tanto com elas que fizessem parte de você. Essas garças em suas mãos; você ainda pode sentir a marca. Essas coisas em seus braços doem! E o seu lado. Ah, Luz, o seu lado! Por que você não está chorando, Rand? Por que você não está chorando?”

“Ele é o *Car’a’carn*”, disse Aviendha, rindo, “tão forte quanto a própria Terra Tríplice!” Seu rosto estava orgulhoso — ah, tão orgulhoso —, mas mesmo enquanto ela ria, lágrimas escorriam por suas bochechas escuras. “Os veios de ouro. Ah, os veios de ouro. Você me ama, Rand.”

Elayne simplesmente o encarou, sentiu-o em sua cabeça. A dor de feridas e mágoas ele realmente tinha esquecido. A tensão e descrença; a maravilha. Suas emoções eram muito rígidas, porém, como um nó de seiva de pinheiro endurecido, quase pedra. No entanto, entrelaçadas nelas, veias douradas pulsavam e brilhavam sempre que ele olhava para Min, ou Aviendha. Ou ela. Ele a amava. Ele amava as três. E isso a fez querer rir de alegria. Outras mulheres poderiam ter dúvidas, mas ela sempre saberia a verdade de seu amor.

“A Luz manda você saber o que você fez,” ele disse em voz baixa. “A Luz manda você não...” A seiva do pinheiro ficou um pouco mais dura. Ele tinha certeza de que elas seriam feridas, e já estava se preparando. “Eu... eu tenho que ir, agora. Pelo menos saberei que

vocês estão bem agora; eu não vou ter que me preocupar com vocês.” De repente, ele sorriu; poderia ter parecido quase infantil se o sorriso tivesse alcançado seus olhos. “Nynaeve vai ficar frenética pensando que eu escapuli sem vê-la. Não que ela não mereça um pouco de confusão.”

“Há mais uma coisa, Rand,” Elayne disse, e parou para engolir. Luz, ela pensou que essa seria a parte fácil.

“Acho que Aviendha e eu temos que conversar enquanto podemos,” Min disse apressadamente, saltando da mesa. “Em algum lugar onde possamos ficar sozinhas. Se vocês nos derem licença?” Aviendha levantou-se graciosamente do tapete, alisando as saias. “Sim. Min Farshaw e eu devemos aprender uma sobre a outra.” Ela olhou para Min em dúvida, ajustando seu xale, mas elas saíram de braços dados.

Rand as observou com cautela, como se soubesse que sua partida havia sido planejada. Um lobo encurralado. Mas aquelas veias de ouro brilhavam em sua cabeça. “Há algo que elas receberam de você que eu não”, começou Elayne, e engasgou, um rubor escaldando seu rosto. Sangue e cinzas! Como outras mulheres faziam isso? Cuidadosamente ela considerou o pacote de sensações em sua cabeça que era ele, e o pacote que era Birgitte. Ainda não houvera mudança no segundo. Ela se imaginou embrulhando-o em um lenço, dando um nó bem apertado no lenço, e Birgitte se foi. Havia apenas Rand. E aquelas veias douradas brilhantes. Borboletas do tamanho de cães de caça batucavam suas asas no meio dela. Engolindo em seco, ela respirou fundo. “Você terá que me ajudar com meus botões,” ela disse vacilante. “Eu não posso tirar este vestido sozinha.”

As duas Guardas se mexeram quando Min entrou no corredor com a mulher Aiel, e ficaram eretas quando perceberam, enquanto Min fechava a porta, que ninguém mais estava saindo.

“Seu gosto não pode ser tão ruim”, a atarracada de olhos sonolentos murmurou baixinho, as mãos apertando seu longo porrete. Min achava que ninguém deveria ouvir.

“Muita coragem e muita inocência,” a esguia e masculina rosnou. “A Capitã-General nos avisou sobre isso.” Ela colocou a mão enluvada no trinco da porta com cabeça de leão.

“Você vai lá agora, e ela pode esfolar você também,” Min disse alegremente. “Você já a viu em um temperamento ruim? Ela poderia fazer um urso chorar!” Aviendha soltou seu braço do de Min e colocou uma pequena distância entre elas. Mas foram as Guardas que receberam sua carranca. “Vocês duvidam que minha irmã possa lidar com um homem sozinho? Ela é Aes Sedai, e tem o coração de um leão. E vocês juraram segui-la! Vocês seguem onde ela leva, não enfiam o nariz na manga dela.”

As Guardas trocaram um longo olhar. A mulher mais pesada deu de ombros. A rija fez uma careta, mas ela tirou a mão do trinco da porta. “Eu jurei manter aquela garota viva,” ela disse com uma voz dura, “e eu pretendo. Agora vocês, crianças, vão brincar com suas bonecas e me deixem fazer meu trabalho.”

Min considerou pegar uma faca e executar um dos vistosos rolos de dedos que Thom Merrilin havia ensinado a ela. Só para mostrar a eles quem era uma criança. A mulher magra não era jovem, mas não havia cabelos grisalhos e parecia bastante forte. E rápida. Min queria acreditar que parte do volume da outra mulher era gordura, mas ela não acreditava. Ela também não conseguia ver nenhuma imagem ou aura ao redor, mas também não parecia nem um pouco com medo de fazer o que achasse que precisava ser feito. Bem, pelo menos elas estavam deixando Elayne e Rand sozinhos. Talvez a faca fosse desnecessária. Pelo canto do olho, ela viu a Aiel relutantemente deixando uma mão cair de seu canivete. Se a mulher não parasse de se espelhar nela dessa maneira, ela começaria a pensar que havia mais nesse esquema com o Poder do que ela havia dito. Então, novamente, tinha começado antes do esquema. Talvez elas apenas pensassem da mesma forma. Uma ideia perturbadora. Luz, toda essa conversa sobre ele se casar com as três era muito boa na teoria, mas com qual ele realmente iria se casar?

“Elayne é corajosa”, disse ela às guardas, “tão corajosa quanto qualquer pessoa que já conheci. E ela não é burra. Se vocês

começarem achando que ela é, logo vão dar errado com ela.” Elas olharam para ela do ponto de vista de mais quinze ou vinte anos, sólidos, imperturbáveis e determinados. Em um momento elas diriam a ela para correr, de novo. “Bem, não podemos ficar aqui se vamos conversar, podemos, Aviendha?”

“Não,” a mulher Aiel respirou com uma voz tensa, olhando para as Guardas. “Não podemos ficar aqui.”

As mulheres da Guarda nem notaram sua partida. Elas tinham um trabalho a fazer, e não tinha nada a ver com vigiar as amigas de Elayne. Min esperava que elas fizessem bem o seu trabalho. *Ela não é nada estúpida, pensou. Ela apenas deixa sua coragem liderar o caminho, às vezes.* Ela esperava que elas não deixassem Elayne subir em arbustos dos quais ela não conseguia sair. Caminhando pelo corredor, ela olhou para a mulher Aiel de lado. Aviendha caminhava o mais longe possível dela e ainda permanecia no mesmo corredor. Nem mesmo olhando na direção de Min, ela puxou um bracelete de marfim grosso e esculpido da bolsa do cinto e o deslizou sobre o pulso esquerdo com um pequeno sorriso satisfeito. Ela tinha o nariz erguido desde o início, e Min não entendia por quê. Aiel deveriam estar acostumadas com mulheres compartilhando um homem. Muito mais do que ela poderia dizer de si mesma. Ela simplesmente o amava tanto que estava disposta a compartilhar, se precisasse, então não havia ninguém no mundo com quem ela preferisse compartilhar do que Elayne. Com ela, quase não era como compartilhar. Essa mulher Aiel era uma estranha, no entanto. Elayne havia dito que era importante que se conhecessem, mas como poderiam se a mulher não falasse com ela? Ela não passou muito tempo se preocupando com Elayne, porém, ou com Aviendha. O que estava em sua cabeça era maravilhoso demais. Rand. Uma bolinha que lhe dizia tudo sobre ele. Ela tinha certeza que a coisa toda iria falhar, pelo menos para ela. Como seria fazer amor com ele depois disso, quando ela sabia de tudo! Luz! Claro, ele também saberia tudo sobre ela. Ela estava definitivamente incerta como ela se sentia sobre isso!

Abruptamente ela percebeu que o pacote de emoções e sensações não era mais o mesmo que no início. Havia um... rugido vermelho...

nele, agora, como um fogo selvagem assolando uma floresta seca. O que poderia...? Luz! Ela tropeçou, e apenas controlou o pé antes de cair. Se ela soubesse que essa fornalha, essa fome feroz, estava dentro dele, ela teria medo de deixá-lo tocá-la! Por outro lado... Poderia ser bom, sabendo que ela tinha provocado tanto inferno. Ela mal podia esperar para ver se produzia o mesmo efeito que... Ela tropeçou novamente, e desta vez teve que se segurar em um peito alto esculpido. *Ah, Luz! Elayne!* Seu rosto parecia uma fornalha. Era como espiar pelas cortinas da cama!

Apressadamente, ela tentou o truque que Elayne lhe contara, imaginando aquela bola de emoções amarrada em um lenço. Nada aconteceu. Freneticamente ela tentou novamente, mas o fogo ainda estava lá! Ela tinha que parar de olhar para isso, parar de sentir isso. Qualquer coisa para chamar a atenção dela para qualquer lugar, menos para ali! Nada! Talvez se ela começasse a falar.

“Ela deveria ter bebido aquele chá de folhas de coração,” ela balbuciou. Ela nunca contava o que via, exceto para os envolvidos, e só se eles quisessem ouvir, mas ela tinha que dizer alguma coisa. “Ela vai ficar grávida com isso. Dois deles; um menino e uma menina; saudáveis e fortes.”

“Ela quer seus bebês,” a mulher Aiel murmurou. Seus olhos verdes olhavam para frente; sua mandíbula estava apertada, e suor escorria em sua testa. “Eu não vou beber o chá se eu...” Dando-se uma sacudida, ela franziu a testa em toda a largura do salão em Min. “Minha irmã e as Sábias me falaram de você. Você realmente vê coisas sobre as pessoas que se tornam realidade?”

“Às vezes vejo coisas e, se sei o que significam, elas acontecem”, disse Min.

Suas vozes, levantadas para se alcançarem, foram carregadas pelo corredor. Servos de libré branca e vermelha se viraram para encará-las. Min moveu-se para o centro do corredor. Ela encontraria a outra mulher no meio do caminho, não mais. Depois de um momento, Aviendha se juntou a ela.

Min se perguntou se deveria contar a ela o que tinha visto enquanto estavam todos juntos. Aviendha também teria os bebês de Rand.

Quatro deles de uma vez! Algo soava estranho nisso, no entanto. Os bebês seriam saudáveis, mas ainda assim era algo estranho. E as pessoas muitas vezes não gostavam de ouvir sobre seu futuro, mesmo quando diziam que queriam. Ela gostaria que alguém pudesse dizer a ela se ela mesma os teria... Caminhando em silêncio, Aviendha enxugou o suor do rosto com os dedos e engoliu em seco. Min também teve que engolir. Tudo que Rand estava sentindo estava naquele quarto. Tudo!

"O truque do lenço também não funcionou para você?" ela disse com a voz rouca. Aviendha piscou, e o carmesim escureceu seu rosto. Um momento depois, ela disse: "Assim está melhor. Obrigada. Eu... Com ele na minha cabeça, eu esqueci." Ela franziu a testa. "Não funcionou para você?"

Min balançou a cabeça miseravelmente. Isso era indecente! "Ajuda se eu falar, no entanto." Ela tinha que fazer amizade com essa mulher, de alguma forma, para que todo esse negócio peculiar tivesse esperança de funcionar. "Me desculpa pelo que eu disse. Sobre o tom, quero dizer. Conheço um pouco dos seus costumes. Há algo sobre aquele homem que me deixa atrevida. Não consigo controlar minha língua. Mas não pense que vou deixar você começar a me bater ou me esculpir. Talvez eu tenha *toh*, mas teremos que encontrar outra maneira. Eu sempre poderia preparar seu cavalo, quando tivermos tempo."

"Você é tão orgulhosa quanto minha irmã," Aviendha murmurou, franzindo a testa. O que ela quis dizer com isso? "Você também tem um bom senso de humor." Ela parecia estar falando sozinha. "Você não fez papel de boba sobre Rand e Elayne como a maioria das mulheres aguacentas faria. E você me lembrou..." Com um suspiro, ela jogou o xale sobre os ombros. "Eu sei onde há alguns *oosquai*. Se você estiver bêbada demais para pensar, então..." Olhando para o corredor, ela parou. "Não!" ela rosnou. "Ainda não!"

Vindo em direção a elas veio uma aparição que fez o queixo de Min cair. A consternação levou Rand além da consciência. Pelos comentários, ela sabia que a Capitã-General da Guarda de Elayne era uma mulher, e também a Guardiã de Elayne, mas nada mais. Essa

mulher tinha uma trança dourada grossa e intrincada puxada sobre um ombro, outro casaco vermelho curto de colarinho branco, e suas volumosas calças azuis estavam enfiadas em botas com saltos tão altos quanto os de Min. Auras dançavam ao redor dela e imagens piscavam, mais do que Min já tinha visto ao redor de alguém, milhares ao que parecia, caindo em cascata umas sobre as outras. A Guardiã de Elayne e a Capitã-General da Guarda da Rainha... cambaleou... um pouco, como se ela já tivesse tomado o *oosquai*. Os criados que a avistaram decidiram que tinham trabalho em outra parte do Palácio, deixando as três sozinhas no corredor. Ela não parecia ver Min e Aviendha até que quase bateu nelas. “Você a ajudou muito nisso, não foi?” ela rosnou, concentrando os olhos azuis vidrados em Aviendha. “Primeiro, ela em chamas desaparece da minha cabeça, e então...” Ela tremeu, e visivelmente se controlou, mas mesmo assim ela estava respirando com dificuldade. Suas pernas não pareciam querer mantê-la ereta. Lambendo os lábios, ela engoliu em seco e continuou com raiva. “Que a queime, não consigo me concentrar o suficiente para me livrar disso! Deixe-me dizer a você, se ela estiver fazendo o que eu acho que ela está fazendo, eu vou chutar seu coração inconstante pelo maldito Palácio, e então eu vou queimar ela até que ela não consiga se sentar por um mês — e você junto com ela! — mesmo se eu tiver que encontrar raiz forte para fazer isso!”

“Minha irmã-primeira é uma mulher adulta, Birgitte Trahelion,” Aviendha disse truculentamente. Apesar de seu tom, seus ombros estavam curvados, e ela não encontrou o olhar da outra mulher. “Você deve parar de tentar nos tratar como crianças!”

“Quando ela se comporta bem como uma adulta, eu a trato bem como uma, mas ela não tem o direito de fazer isso, não na minha cabeça em chamas, ela não tem! Não na minha...” Abruptamente, os olhos azuis vidrados de Birgitte se arregalaram. A boca da mulher de cabelos dourados se abriu, e ela teria caído se Min e Aviendha não tivessem agarrado um braço cada.

Apertando os olhos fechados, ela soluçou, apenas uma vez, e choramingou: “Dois meses!” Sacudindo-se delas, ela se endireitou e fixou Aviendha com olhos azuis claros como água e duros como gelo.

"Proteja-a para mim, e eu vou deixar você sem a sua parte." O olhar mal-humorado e indignado de Aviendha simplesmente sumiu dela.

"Você é Birgitte Arco de Prata!" Min respirou. Ela tinha certeza antes mesmo de Aviendha dizer o nome. Não admirava que a mulher Aiel estivesse se comportando como se temesse que essas ameaças fossem executadas ali mesmo. Birgitte Arco de Prata! "Eu vi você em Falme!"

Birgitte deu um sobressalto como se estivesse arrepiada, depois olhou ao redor apressadamente. Uma vez que ela percebeu que elas estavam sozinhas, ela relaxou. Um pouco. Ela olhou para Min de cima a baixo. "Seja lá o que você viu, Arco de Prata está morta," ela disse sem rodeios. "Eu sou Birgitte Trahelion, agora, e isso é tudo." Seus lábios se torceram ironicamente por um momento. "A flamejante Lady Birgitte Trahelion, se você puder. Beije uma ovelha no Dia das Mães se puder fazer alguma coisa sobre isso, suponho. E quem você é quando está em casa? Você sempre mostra suas pernas como uma maldita dançarina de penas?"

"Eu sou Min Farshaw," ela respondeu secamente. Esta era Birgitte Arco de Prata, heroína de uma centena de lendas? A mulher era desbocada! E o que ela quis dizer com Arco de Prata estava morta? A mulher estava bem na frente dela! Além disso, aquelas multidões de imagens e auras passavam rápido demais para ela ver claramente, mas ela estava certa de que indicavam mais aventuras do que uma mulher poderia ter em uma vida. Estranhamente, algumas estavam ligados a um homem feio que era mais velho que ela, e outras a um homem feio que era muito mais jovem, mas de alguma forma Min sabia que eles eram o mesmo homem. Lenda ou não, aquele ar superior a irritava infinitamente. "Elayne, Aviendha e eu acabamos de criar um vínculo com um Guardião," ela disse sem pensar. "E se Elayne está comemorando um pouco, bem, é melhor você pensar duas vezes antes de invadir, ou você será a única a não se sentar direito."

Isso foi o suficiente para deixá-la ciente de Rand novamente. Aquela fornalha furiosa ainda estava lá, quase nada diminuída, mas graças à Luz, ele não estava mais... O sangue correu para suas bochechas. Ele deitou-se muitas vezes em seus braços, recuperando o fôlego no

emaranhado de sua cama, mas isso realmente parecia espiar! "Ele?" Birgitte disse suavemente. "Leite materno em copo! Ela poderia ter se apaixonado por um ladrão de bolsa ou um ladrão de cavalos, mas ela tinha que escolhê-lo, mais tola ela é. Pelo que vi dele naquele lugar que você mencionou, o homem é bonito demais para ser bom para qualquer mulher. De qualquer forma, ela tem que parar."

"Você não tem direito!" Aviendha insistiu com a voz amuada, e Birgitte assumiu um ar de paciência. Paciência esticada, mas ainda paciência.

"Ela pode ser adequada como uma Donzela Talmouri, exceto quando se trata de colocar a cabeça no cepo, mas acho que ela vai ganhar coragem para colocá-lo em seu caminho novamente, e mesmo que ela faça o que quer que ela tenha feito, ela vai esquecer e estar de volta na minha cabeça. Eu não vou passar por isso de novo!" Ela se endireitou, claramente pronta para marchar e confrontar Elayne.

"Pense nisso como uma boa piada", disse Aviendha suplicante. Suplicante! "Ela fez uma boa brincadeira com você, isso é tudo." Uma curva do lábio de Birgitte expressou o que ela pensava disso.

"Tem um truque que Elayne me contou," Min disse apressadamente, pegando a manga de Birgitte. "Não funcionou para mim, mas talvez..." Infelizmente, uma vez que ela explicou...

"Ela ainda está lá", disse Birgitte sombriamente depois de um momento. "Saia do meu caminho, Min Farshaw," ela disse, soltando seu braço, "ou..."

"*Oosquai!*" A voz de Aviendha se elevou desesperadamente, e ela estava torcendo as mãos! "Eu sei onde há *oosquai!* Se você estiver bêbada... Por favor, Birgitte! Eu... eu me comprometo a obedecê-la, como uma aprendiz a uma patroa, mas por favor, não a interrompa! Não a envergonhe tanto!"

"*Oosquai?*" Birgitte meditou, esfregando o queixo. "Isso é algo como conhaque? Hum. Acho que a menina está corando! Ela realmente é empertigada a maior parte do tempo, você sabe. Uma piada, você disse?" De repente, ela sorriu e abriu os braços expansivamente. "Leve-me a este seu *oosquai*, Aviendha. Não sei vocês duas, mas

pretendo ficar bêbada o suficiente para... bem... tirar a roupa e dançar em cima da mesa. E não um pouco bêbada.”

Min não entendeu nada disso, ou por que Aviendha olhou para Birgitte e de repente começou a rir sobre aquilo ser “uma piada maravilhosa”, mas ela tinha certeza de que sabia por que Elayne estava corando, se ela realmente estava. Aquela bola dura de sensações em sua cabeça era um incêndio violento novamente.

“Podemos ir encontrar aquele *oosquai*, agora?” ela disse. “Quero ficar bêbada como um rato afogado, e rápido!”

Quando Elayne acordou na manhã seguinte, o quarto estava gelado, uma neve leve caía sobre Caemlyn e Rand tinha ido embora. Exceto dentro de sua cabeça. Isso serviria. Ela sorriu, um sorriso lento. Por enquanto, serviria. Estendendo-se languidamente sob os cobertores, ela se lembrou de sua ousadia na noite anterior — e a maior parte do dia também! Ela mal podia acreditar que tinha sido ela! — e pensou que deveria estar corando como o sol! Mas ela queria ser ousada com Rand, e ela não achava que iria corar novamente, não por nada relacionado a ele. O melhor de tudo, ele havia deixado um presente para ela. No travesseiro ao lado dela quando acordou estava um lírio dourado em plena floração, o orvalho fresco nas pétalas exuberantes. Onde ele poderia ter conseguido tal coisa no meio do inverno, ela não podia começar a imaginar. Mas ela teceu uma Preservação em torno dele e o colocou em uma mesa lateral onde ela o veria todas as manhãs quando acordasse. A trama era ensinamento de Moghedien, mas manteria a flor fresca para sempre, as gotas de orvalho nunca evaporando, uma lembrança constante do homem que lhe dera seu coração. Sua manhã foi ocupada com a notícia de que Alivia havia desaparecido durante a noite, um assunto sério que colocou as Kin em tumulto. Foi só quando Zaida apareceu em uma torrente porque Nynaeve não tinha vindo para uma aula com as Atha'an Miere, que Elayne soube que Nynaeve e Lan também tinham ido embora do Palácio, e ninguém sabia quando ou como. Só muito mais tarde ela soube que a coleção de *angreal* e *ter'angreal* que elas haviam levado de Ebou Dar estava faltando o mais poderoso dos três *angreal*, e vários

outros itens além dele. Alguns deles, ela tinha certeza, eram destinados a uma mulher que esperava ser agredida a qualquer momento com o Poder Único. O que tornou a nota rabiscada às pressas que Nynaeve havia deixado escondida entre os restantes ainda mais perturbadora.

Capítulo 13

Notícias Maravilhosas

A marquise do Palácio do Sol era fria, apesar do fogo crepitando nas lareiras nas duas extremidades da sala, tapetes em camadas grossas e um telhado de vidro inclinado que deixava entrar a luz brilhante da manhã nos lugares onde a neve nas finas montanhas não a bloqueava, mas era um local adequado para ter audiências. Cadsuane achou melhor não se apropriar da sala do trono. Até agora, Lorde Dobraine tinha permanecido calado sobre ela segurar Caraline Damodred e Darlin Sisnera – ela não via melhor maneira de evitar que elas continuassem com suas travessuras do que mantê-las em um aperto firme – mas Dobraine poderia começar a se preocupar com isso se ela pressionasse além do que ele considerava adequado. Ele era muito próximo do menino para ela querer forçá-lo, e fiel aos seus juramentos. Ela podia olhar para trás em sua vida e recordar fracassos, alguns amargamente lamentados, e erros que haviam custado vidas, mas não podia permitir erros ou fracassos aqui. Definitivamente não o fracasso. Luz, ela queria morder alguém!

“Exijo a devolução da minha Chamadora de Vento, Aes Sedai!” Harine din Togara, toda em seda verde brocada, estava sentada rigidamente na frente de Cadsuane, com a boca cheia e apertada. Apesar de um rosto sem rugas, o branco manchava seu cabelo preto liso. Mestre das Ondas de seu clã por dez anos, ela havia comandado uma grande embarcação muito antes disso. Sua velejadora, Derah din Selaan, uma mulher mais jovem toda de azul, estava sentada em uma cadeira colocada cuidadosamente um pé mais para trás, de acordo com suas noções de decoro. O par poderia ter sido esculturas escuras de indignação, e suas joias estranhas de alguma forma contribuíam para o efeito. Nem sequer olhou para Eben quando ele se curvou e ofereceu taças de prata de vinho quente condimentado em uma bandeja.

O menino parecia não saber o que fazer a seguir quando elas não pegaram nada. Franzindo o cenho incerto, ele permaneceu curvado até

que Daigian puxou seu casaco vermelho e o levou embora sorrindo, um divertido pombo em azul escuro com branco. Um rapaz esguio, de nariz grande e orelhas grandes, que nunca poderia ser chamado de bonito, muito menos lindo, mas ela era muito possessiva com ele. Eles se sentaram juntos em um banco acolchoado em frente a uma das lareiras e começaram a brincar de cama de gato. "Sua irmã está nos ajudando a saber o que aconteceu no dia infeliz", disse Cadsuane suavemente, e um pouco ausente. Tomando um gole de seu próprio vinho condimentado, ela esperou, sem se importar se elas viam sua impaciência. Não importa o quanto Dobraine resmungava sobre o quão impossível era cumprir os termos daquele acordo incrível que Rafela e Merana fizeram em nome do menino al'Thor, ele ainda poderia ter lidado com o Povo do Mar. Ela mal podia dar a elas metade de sua mente. Provavelmente fosse bom o suficiente para elas. Se ela se concentrasse nas Atha'an Miere, seria duramente pressionada para não as golpear como mordidas, embora elas não fossem a verdadeira fonte de sua exasperação.

Cinco irmãs estavam dispostas ao redor da lareira na outra extremidade da marquise, de Daigian a Eben. Nesune tinha um grande volume encadernado em madeira da biblioteca do Palácio espalhado em um suporte de leitura na frente de outra cadeira. Como as outras, ela usava um vestido simples de lã mais adequado para uma mercadora do que para uma Aes Sedai. Se alguém lamentava a falta de sedas, ou dinheiro para sedas, não demonstrava. Sarene, com suas tranças finas de contas, estava trabalhando em um grande bastidor de bordar, sua agulha fazendo os pontos minúsculos de mais uma flor em um campo de flores. Brian e Beldeine jogavam pedras, observadas por Elza, que esperava sua vez de enfrentar a vencedora. Ao que tudo indicava, elas estavam desfrutando de uma manhã ociosa, sem nenhuma preocupação no mundo. Talvez elas soubessem que estavam aqui porque ela queria estudá-las. Por que elas juraram fidelidade ao garoto al'Thor? Pelo menos Kiruna e as outras estavam em sua presença quando decidiram jurar. Ela estava disposta a admitir que ninguém poderia resistir à influência de um *ta'veren* quando ele pegasse você. Mas essas cinco haviam feito uma dura penitência por

sequestrá-lo e chegaram à decisão de prestar juramento antes de serem trazidas para perto dele. No começo, ela estava inclinada a aceitar suas várias explicações, mas nos últimos dias, essa inclinação tinha sofrido duros golpes. Golpes perturbadoramente fortes.

“Minha Chamadora de Vento não está sujeita à sua autoridade, Aes Sedai,” Harine disse bruscamente, como se negasse a conexão de sangue. “Shalon deve e será devolvida para mim imediatamente.” Derah assentiu com a cabeça.

Cadsuane pensou que a Mestra das Velas poderia fazer o mesmo se Harine ordenasse que ela saltasse de um penhasco. Na hierarquia dos Atha'an Miere, Derah estava muito abaixo de Harine. E isso era quase tudo o que Cadsuane sabia deles. O Povo do Mar poderia ser útil ou não, mas ela poderia encontrar uma maneira de controlá-los de qualquer maneira. “Este é um inquérito das Aes Sedai,” ela respondeu suavemente. “Devemos seguir a lei da Torre.” Aquilo foi interpretado vagamente, com certeza. Ela sempre acreditou que o espírito da lei era muito mais importante do que a letra.

Harine bufou como uma víbora e começou outra arenga, listando seus direitos e exigências, mas Cadsuane ouviu com metade do ouvido. Ela quase podia entender Erian, uma illianense pálida e de cabelos pretos, insistindo ferozmente que ela deveria estar ao lado do garoto quando ele lutasse na Última Batalha. E Beldeine, tão nova no xale que ainda não alcançara a eternidade, tão determinada a ser tudo o que uma Verde deveria ser. E Elza, uma andoreana de cara simpática cujos olhos quase brilhavam quando ela falava em garantir que ele vivesse para enfrentar o Tenebroso. Outra Verde, e ainda mais intensa que a maioria. Nesune, curvada para frente para olhar seu livro, parecia um pássaro de olhos negros examinando um verme. Uma Marrom, ela subiria em uma caixa com um escorpião se quisesse estudá-lo. Sarene podia ser tola o bastante para se assustar que alguém a achasse bonita, muito menos deslumbrante, mas a Branca insistiu na fria precisão de sua lógica; al’Thor era o Dragão Renascido e, logicamente, ela deveria segui-lo. Razões tempestuosas, razões idiotas, mas ela poderia tê-las aceitado, se não fossem as outras.

A porta do Salão se abriu para a entrada de Verin e Sorilea. A mulher Aiel, de cabelos brancos e cara enrugada, entregou algo pequeno a Verin que a Marrom enfiou na bolsa do cinto. Verin estava usando um broche florido em seu vestido simples cor de bronze, a primeira joia que Cadsuane já tinha visto nela, além do anel da Grande Serpente.

“Isso vai te ajudar a dormir,” Sorilea disse, “mas lembre-se, apenas três gotas em água ou uma em vinho. Um pouco mais, e você pode dormir um dia ou mais. Muito mais, e você não vai acordar. Não há gosto para avisá-la, então você deve ter cuidado.”

Então Verin estava tendo problemas para dormir também. Cadsuane não tinha uma boa noite de descanso desde que o menino fugiu do Palácio do Sol. Se ela não conseguisse uma logo, ela pensou que poderia morder alguém. Nesune e as outras olhavam para Sorilea inquietas. O menino as havia feito aprendizes das Sábias, e elas descobriram que as mulheres Aiel levavam isso muito a sério. Um estalar dos dedos ossudos de Sorilea poderia acabar com sua manhã ociosa.

Harine se inclinou para a frente da cadeira e deu um tapinha forte na bochecha de Cadsuane com os dedos! “Você não está me ouvindo”, disse ela asperamente. Seu rosto era uma nuvem de trovoada, e o da Mestra das Velas dela uma um pouco menos tempestuosa. “Você vai ouvir!”

Cadsuane juntou as mãos e observou a mulher por cima da ponta dos dedos. Não. Ela não suportaria a Mestra das Ondas aqui e agora. Ela não mandaria a mulher de volta para seus aposentos chorando. Ela seria tão diplomática quanto Coiren poderia desejar. Apressadamente, ela examinou o que tinha ouvido. “Você fala pela Mestra dos Navios dos Atha’an Miere, com toda a autoridade dela, o que é mais do que posso imaginar,” ela disse suavemente. “Se sua Chamadora de Vento não lhe for devolvida dentro de uma hora, você fará que o *Coramoor* me castiga severamente. Você precisa de um pedido de desculpas pela prisão de sua Chamadora de Vento. E você exige que eu faça Lorde Dobraine deixar de lado a terra prometida pelo *Coramoor*”

imediatamente. Acredito que isso cobre os pontos essenciais.” Exceto aquele sobre tê-la açoitado!

"Bom", disse Harine, recostando-se confortavelmente, no comando agora. Seu sorriso era doentiamente satisfeito. "Você vai descobrir que..."

"Eu não me importo nem um pouco com seu *Coramoor*," Cadsuane continuou, sua voz ainda suave. Todos os figos do mundo para o Dragão Renascido, mas nenhum para o *Coramoor*. Ela não alterou seu tom por um fio de cabelo. "Se você me tocar novamente sem permissão, eu vou desnudá-la, listá-la, amarrá-la e levá-la de volta para seus aposentos em um saco." Bem, a diplomacia nunca foi seu ponto forte. "Se você não parar de me importunar sobre sua irmã... Bem, eu posso realmente ficar com raiva."

De pé, ela ignorou a respiração indignada da mulher do Povo do Mar e levantou a voz para ser ouvida no final da sala. "Sarene!" A esbelta taraboneana girou de seu bordado, tranças de contas estalando, e correu para o lado de Cadsuane, mal hesitando antes de abrir suas saias cinza-escuras em uma reverência. As Sábias tiveram que ensiná-las a pular quando uma Sábida falava, mas mais do que o costume as fazia pular por ela. Realmente havia vantagens em ser uma lenda, especialmente uma lenda imprevisível.

"Escolte essas duas para seus quartos," Cadsuane comandou. "Elas desejam jejuar e meditar sobre civilidade. Veja que elas fazem. E se elas oferecerem uma palavra incivil, espanque as duas. Mas seja diplomática sobre isso."

Sarene deu um sobressalto, meio abrindo a boca como que para protestar contra a falta de lógica disso, mas um olhar para o rosto de Cadsuane e ela rapidamente se virou para as mulheres Atha'an Miere, gesticulando para que elas se levantassem. Harine ficou de pé, seu rosto escuro duro e carrancudo. Antes que ela pudesse pronunciar uma palavra de seu discurso sem dúvida furioso, porém, Derah tocou seu braço e se inclinou para sussurrar em seu ouvido pesado atrás de uma mão em concha coberta de tatuagens escuras. O que quer que a Mestra das Velas tivesse a dizer, Harine fechou a boca. Sua expressão certamente não suavizou, mas ela olhou para as irmãs no outro

extremo da sala e depois de um momento gesticulou para Sarene liderar o caminho. Harine poderia fingir que era sua decisão de sair, mas Derah a seguiu tão de perto que parecia estar conduzindo-a e lançou um olhar inquieto por cima do ombro antes que a porta a fechasse da vista.

Cadsuane quase se arrependeu de ter dado aquela ordem frívola. Sarene faria exatamente como lhe havia dito. As mulheres do Povo do Mar eram irritantes e inúteis até agora. A irritação deveria ser removida para que ela pudesse se concentrar no que era importante, e se ela encontrasse um uso para elas, as ferramentas precisavam ser moldadas de uma maneira ou de outra. Ela estava muito zangada com elas para se importar como isso era feito, e poderia muito bem começar agora ou mais tarde. Não, ela estava zangada com o menino, mas ainda não podia colocar as mãos nele.

Com uma gargalhada alta, Sorilea deixou de ver Sarene e as Atha'an Miere partirem e dirigiu sua carranca para as irmãs reunidas no final do solar. Pulseiras batiam em seus pulsos enquanto ela ajustava o xale. Outra mulher que não estava em seu melhor humor. O Povo do Mar tinha noções peculiares dos “selvagens Aiel” — embora na verdade não muito mais estranhas do que a própria Cadsuane acreditava antes de conhecer Sorilea — e a Sábua não gostava deles nem um fio de cabelo. Cadsuane foi ao seu encontro com um sorriso. Sorilea não era uma mulher que você fez vir até você. Todos pensavam que se tornariam amigas — o que ainda poderia acontecer, ela percebeu surpresa —, mas ninguém sabia de sua aliança. Eben apareceu com sua bandeja e pareceu aliviado quando ela colocou sua taça meio vazia sobre ela. “Na noite passada,” Sorilea disse enquanto o garoto de casaca vermelha corria de volta para Daigian, “Chisaine Nurbaya pediu para servir o Car’a’carn.” A desaprovação estava pesada em sua voz. “Antes do amanhecer, Janine Pavlara pediu, depois Innina Darenhold, depois Vayelle Kamsa. Elas não tinham permissão para falar uma com a outra. Não poderia haver conluio. Aceitei seus apelos.”

Cadsuane fez um som aborrecido. “Suponho que você já as tenha cumprindo penitência,” ela murmurou, pensando muito. Dezenove

irmãs haviam sido prisioneiras no campo dos Aiel, dezenove irmãs enviadas por aquela tola Elaida para sequestrar o menino, e agora todas juraram segui-lo! Estas últimos foram os piores. “O que poderia fazer as irmãs Vermelhas jurarem fidelidade a um homem que pode canalizar?”

Verin começou a fazer uma observação, mas ficou em silêncio para a mulher Aiel. Estranhamente, Verin havia adotado seu próprio aprendizado forçado como uma garça do pântano. Ela passava mais tempo no acampamento Aiel do que fora dele. “Não é penitência, Cadsuane Melaidhrin.” Sorilea fez um gesto de desprezo com uma mão musculosa em outro chocalho de pulseiras de ouro e marfim. “Elas estão tentando atender a coisas que não podem ser atendidas. Tão tolas à sua maneira quanto chamá-las de *da’tsang* em primeiro lugar, mas talvez elas não estejam além da redenção se estiverem dispostas a tentar”, ela permitiu de má vontade. Sorilea mais do que simplesmente não gostava daquelas dezenove irmãs. Ela deu um sorriso fino. “De qualquer forma, ensinaremos a elas muito do que elas precisam aprender.” A mulher parecia acreditar em tudo o que as Aes Sedai podiam fazer com o tempo de aprendizado com as Sábias.

“Espero que você continue a observá-las de perto”, disse Cadsuane. “Especialmente estas últimos quatro.” Ela tinha certeza de que elas manteriam aquele juramento ridículo, nem sempre do jeito que o garoto gostaria, mas sempre havia a possibilidade de que uma ou duas fossem da Ajah Negra. Uma vez ela pensou que estava a ponto de erradicar a Negra apenas para ver sua presa escorregar por entre os dedos como fumaça, seu pior fracasso, exceto possivelmente por não saber o que o primo de Caraline Damodred estava fazendo nas Fronteiras até que o conhecimento estivesse anos atrasado para fazer algum bem. Agora, até mesmo a Ajah Negra parecia um desvio do que era realmente importante.

“As aprendizes são sempre observadas de perto”, respondeu a mulher envelhecida. “Acho que devo lembrar a essas outras que devem ser gratas por terem permissão para descansar como chefes de clãs.”

As quatro irmãs restantes em frente à lareira se levantaram com entusiasmo à sua aproximação, fizeram profundas reverências e

ouviram atentamente o que ela lhes disse em voz baixa com muito tremor de dedos. Sorilea podia achar que tinha muito a lhes ensinar, mas elas já tinham aprendido que um xale de Aes Sedai não oferecia proteção a uma aprendiz de Sábia. Aquilo parecia muito com uma penitência para Cadsuane. “Ela é... formidável”, murmurou Verin. “Estou muito feliz por ela estar do nosso lado. Se ela estiver.”

Cadsuane lançou-lhe um olhar penetrante. “Você tem a aparência de uma mulher com algo a dizer que você não quer. Sobre Sorilea?” Essa aliança foi muito vagamente negada. Amizade ou não, ela e a Sábia ainda podem ter objetivos diferentes.

“Não é isso,” a mulher pequena e robusta suspirou. Apesar de um rosto quadrado, inclinar a cabeça para um lado a fazia parecer um pardal muito rechonchudo. “Sei que não era da minha conta, Cadsuane, mas Bera e Kiruna não estavam chegando a lugar nenhum com nossas convidadas, então conversei um pouco a sós com Shalon. Depois de um pequeno questionamento gentil, ela desabafou toda a história, e Ailil confirmou tudo quando percebeu que eu já sabia. Logo depois que o Povo do Mar chegou aqui, Ailil se aproximou de Shalon na esperança de saber o que eles queriam com o jovem al'Thor. De sua parte, Shalon queria saber tudo o que pudesse sobre ele e sobre a situação aqui. Isso levou a encontros, que levaram à amizade, que as levou a se tornarem amigas de travesseiro. Tanto pela solidão quanto por qualquer outra coisa, eu suspeito. De qualquer forma, era isso que elas estavam escondendo além de sua bisbilhotice mútua.”

“Elas aguentaram dias sob questionamento para esconder isso?” Cadsuane disse incrédula. Bera e Kiruna fizeram o par uivar! Os olhos de Verin brilharam com alegria reprimida. “As cairhienas são empertigadas e pudicas, Cadsuane, pelo menos em público. Elas podem fazer como coelhos quando as cortinas são fechadas, mas não admitiriam tocar seus próprios maridos se alguém pudesse ouvir! E o Povo do Mar é quase tão rígido. Pelo menos, Shalon é casada com um homem com deveres em outro lugar, e quebrar os votos matrimoniais é um crime muito sério. Uma violação da disciplina adequada, ao que parece. Se a irmã dela descobrisse, Shalon seria – ‘uma Chamadora de Vento de um barco a remo’, acho que foram as palavras exatas

dela.” Cadsuane estava ciente de seus enfeites de cabelo balançando enquanto ela balançava a cabeça. Quando as duas mulheres foram descobertas logo após o ataque ao Palácio, amarradas, amordaçadas e enfiadas debaixo da cama de Ailil, ela suspeitou que elas sabiam mais do ataque do que estavam admitindo. Uma vez que elas se recusaram a dizer por que estavam se encontrando em segredo, ela teve certeza. Talvez até que elas estivessem envolvidas de alguma forma, embora o ataque aparentemente tenha sido obra dos renegados Asha’man. Supostamente renegados, pelo menos. Todo aquele tempo e esforço desperdiçado em nada. Ou talvez não exatamente nada, se eles estavam tão desesperados para manter as coisas escondidas. “Devolva Lady Ailil a seus aposentos com desculpas por seu tratamento, Verin. Dê a ela muito... tênuas... garantias de que suas confidências serão mantidas. Certifique-se de que ela está ciente de quão tênue. E sugira fortemente que ela pode querer me manter a par de qualquer coisa que ela ouvir sobre sua irmã. Chantagem era uma ferramenta que ela não gostava de usar, mas ela já a havia usado nos três Asha'man, e Toram Riatin ainda poderia causar problemas, mesmo que sua rebelião parecesse ter evaporado. Na verdade, ela pouco se importava com quem se sentava no Trono do Sol, mas as tramas e esquemas daqueles que consideravam os tronos importantes muitas vezes tinham um jeito de interferir em assuntos mais significativos.

Verin sorriu, seu coque balançando enquanto ela assentiu. “Ah, sim, acho que vai funcionar muito bem. Especialmente porque ela não gosta de sua irmã intensamente. O mesmo para Shalon, suponho? Exceto que você vai querer ouvir sobre os eventos entre os Atha'an Miere? Não tenho certeza de até onde ela vai trair Marine, não importa as consequências para si mesma.”

“Ela vai trair o que eu exijo que ela traia,” Cadsuane disse severamente. “Mantenha-a até amanhã, bem tarde.” Harine não devia pensar nem por um momento que suas exigências estavam sendo atendidas. O Povo do Mar era outra ferramenta a ser usada no garoto, nada mais. Todos e tudo tinha que ser visto sob essa luz. Atrás de Verin, Corele entrou no solário e fechou a porta cuidadosamente atrás de si, como se esperasse não incomodar ninguém. Esse não era o jeito

dela. Esbelta como um menino, com grossas sobrancelhas pretas e uma massa de cabelo preto brilhante caindo pelas costas que lhe dava uma aparência selvagem, não importa o quão arrumadas fossem suas roupas, a Amarela era muito mais propensa a entrar em uma sala rindo. Esfregando a ponta do nariz arrebitado, ela olhou para Cadsuane hesitante, sem o brilho habitual em seus olhos azuis.

Cadsuane fez um gesto peremptório para ela, e Corele respirou fundo e deslizou pelos tapetes segurando suas saias azuis amareladas com ambas as mãos. Observando as irmãs agrupadas ao redor de Sorilea na extremidade da sala, e Daigian brincando de cama de gato com Eben na outra extremidade, ela falou com uma voz suave que carregava os sotaques cadenciados de Murandy.

"Tenho uma notícia maravilhosa, Cadsuane." Pelo outro som, ela não tinha certeza de quão maravilhoso era. "Eu sei que você disse que eu deveria manter Darner ocupado aqui no Palácio, mas ele insistiu em ver as irmãs ainda no acampamento Aiel. De temperamento brando, é muito insistente quando quer, e está certo como o sol de que não há nada que não possa ser curado. E, bem, o fato é que ele se foi e Curou Irgain. Cadsuane, é como se ela nunca tivesse sido..." Ela parou, incapaz de dizer a palavra. Ficou no ar mesmo assim. Parada.

"Notícias maravilhosas", disse Cadsuane sem rodeios. Era. Cada irmã carregava o medo em algum lugar profundo dentro de que poderia ser cortada do Poder. E agora uma forma de Curar o que não podia ser Curado havia sido descoberta. Por um homem. Haveria lágrimas e recriminações antes que isso terminasse. De qualquer forma, enquanto todas as irmãs que ouviram, considerariam uma descoberta que abalou o mundo – em mais de uma maneira; um homem! — aquilo era uma tempestade em uma xícara de chá em comparação com Rand al'Thor. "Suponho que ela está se oferecendo para ser espancada como as outras?"

"Ela não vai precisar", disse Verin distraidamente. Ela estava franzindo a testa para uma mancha de tinta no dedo, mas parecia estar estudando algo além. "As Sábias aparentemente decidiram que Rand puniu Irgain e as outras duas suficientemente quando ele... fez o que fez. Ao mesmo tempo em que tratavam as outras como animais inúteis,

trabalhavam para manter as três vivas. Ouvi falarem sobre encontrar um marido para Ronaille.”

“Irgain sabe tudo sobre os juramentos que as outras fizeram.” A voz de Corele assumiu tons de espanto. “Ela começou a chorar pela perda de seus Guardiões assim que Darner terminou com ela, mas ela está pronta para jurar também. A questão é que Darner quer tentar com Sashalle e Ronaille também.” Surpreendentemente, ela se ergueu quase desafiadoramente. Ela sempre foi tão arrogante quanto qualquer outra Amarela, mas sempre soube onde estava com Cadsuane. “Não vejo a possibilidade de deixar uma irmã nessa condição se houver uma saída, Cadsuane. Eu quero deixar Damer tentar a sorte com elas.”

“Claro, Corele.” Parecia que parte da insistência de Darner estava passando para ela. Cadsuane estava disposta a deixar isso passar, desde que não fosse muito longe. Ela começou a reunir irmãs em quem confiava, aquelas que estavam com ela e outras, no dia em que ouviu pela primeira vez sobre eventos estranhos em Shienar – seus olhos e ouvidos vigiaram Siuan Sanche e Moiraine Damodred por anos sem descobrir nada útil até então – mas apenas porque ela confiava nelas não significava que ela pretendia deixá-las seguir seu próprio caminho. Muito estava em jogo. Mas de qualquer forma, ela também não podia deixar uma irmã assim.

A porta se abriu para permitir a entrada de Jahar correndo, os sinos de prata nas pontas de suas tranças escuras tilintando. Cabeças se viraram para olhar para o jovem no casaco azul bem ajustado que Merise havia escolhido para ele – até Sorilea e Sarene olharam –, mas as palavras que saíram dele rapidamente afastaram os pensamentos de quão bonito era seu rosto escuro.

“Alanna está inconsciente, Cadsuane. Ela acabou de desmaiar no Corredor. Merise a levou para um quarto e me mandou buscá-la.”

Passando por exclamações de choque, Cadsuane reuniu Corele e Sorilea — que não podiam ser deixadas para trás nisso — e ordenou que Jahar mostrasse o caminho. Verin veio também, e Cadsuane não a impediu. Verin tinha um jeito de perceber o que os outros perdiam.

Os servos de libré preta não tinham ideia de quem ou o que era Jahar, mas deram um passo animado para sair do caminho de

Cadsuane enquanto ela caminhava rapidamente atrás dele. Ela teria dito a ele para ir mais rápido, mas se fosse mais rápido, ela teria que correr. Antes que tivesse ido muito longe, um homem baixo com a frente da cabeça raspada, com um casaco escuro com listras horizontais coloridas na frente, entrou em seu caminho e fez uma reverência. Ela teve que parar para ele.

“Que a Graças favoreça você, Cadsuane Sedai,” ele disse suavemente, “Por me deixar incomodá-la quando você está com tanta pressa, mas eu pensei que deveria lhe dizer que Lady Caraline e o Grão-Senhor Darlin não estão mais no Lady Palácio de Arilyn. Eles estão em um navio fluvial com destino a Tear. Além do seu alcance a essa altura, temo.”

“Você pode se surpreender com o que está ao meu alcance, Lorde Dobraine,” ela disse com uma voz fria. Ela deveria ter deixado pelo menos uma irmã no palácio de Arilyn, mas tinha certeza de que o par estava seguro. “Isso foi sábio?” Ela não tinha dúvidas de que era obra dele, embora duvidasse que ele tivesse coragem de admitir. Não admira que ele não a tivesse pressionado sobre eles.

Seu tom não impressionou o sujeito. E ele a surpreendeu. “O Grão-Senhor Darlin será o Regente de Tear do Lorde Dragão, e pareceu sábio enviar Lady Caraline para fora do país. Ela renunciou à sua rebelião e suas reivindicações ao Trono do Sol, mas outros ainda podem tentar usá-la. Talvez, Cadsuane Sedai, não fosse prudente deixá-los a cargo de criados. Sob a Luz, você não deve culpá-los. Eles foram capazes de acomodar dois... convidados... mas não para enfrentar meus homens armados.”

Jahar estava dançando com ansiedade para continuar. Merise tinha uma mão firme.

A própria Cadsuane estava ansiosa para falar com Alanna.

“Espero que você tenha a mesma opinião em um ano”, disse ela. Dobraine apenas fez uma reverência. O quarto onde Alanna fora levada era o mais próximo disponível, e não era grande, parecendo menor para os painéis escuros de que Cairhienos tanto gostavam. Parecia bastante lotado quando todos estavam lá dentro. Merise

estalou os dedos e apontou, e Jahar recuou para um canto, mas isso pouco ajudou.

Alanna estava deitada na cama, com os olhos fechados, com seu Guardião, Ihvon, ajoelhado ao lado dela esfregando seu pulso. "Ela parece com medo de acordar", disse o homem alto e esbelto. "Não há nada de errado com ela que eu possa dizer, mas ela parece com medo."

Corele o empurrou de lado para que ela pudesse segurar o rosto de Alanna em suas mãos. O brilho do *saidar* cercou a Amarela, e a trama da Cura se instalou em Alanna, mas a fina Verde nem sequer se moveu. Corele recuou, balançando a cabeça. "Minha habilidade com a cura pode não ser igual à sua, Corele," Merise disse secamente, "mas eu tentei." Os sotaques de Tarabon ainda eram fortes em sua voz depois de todos esses anos, mas ela usava o cabelo escuro puxado severamente para trás de seu rosto severo. Cadsuane confiava nela talvez mais do que em qualquer uma das outras. "O que fazemos agora, Cadsuane?"

Sorilea olhou para a mulher estendida na cama sem expressão além de um aperto de lábios. Cadsuane se perguntou se ela estava reavaliando sua aliança. Verin também estava olhando para Alanna, e ela parecia absolutamente aterrorizada. Cadsuane não achava que nada pudesse assustar Verin a esse ponto. Mas ela mesma sentiu um arrepio de terror. Se ela perdesse essa conexão com o menino agora... "Nós sentamos e esperamos ela acordar," ela disse com uma voz calma. Não havia mais nada a fazer. Nada.

"Onde ele está?" Demandred rosnou, cerrando os punhos atrás das costas. De pé com os pés separados, ele estava ciente de que dominava a sala. Ele sempre dominava. Mesmo assim, desejou que Semirhage ou Mesaana estivessem presentes. A aliança deles era delicada — um simples acordo de que não se voltariam um contra o outro até que os outros fossem eliminados —, mas se manteve durante todo esse tempo. Trabalhando juntos, eles desequilibraram oponente após oponente, derrubando muitos para a morte ou pior. Mas era difícil para Semirhage comparecer a essas reuniões, e Mesaana andava

tímida ultimamente. Se ela estivesse pensando em acabar com a aliança... “Al’Thor foi visto em cinco cidades, incluindo aquele lugar amaldiçoado no Deserto, e uma dúzia de cidades desde aqueles idiotas cegos — aqueles idiotas! — falharam em Cairhien. E isso inclui apenas os relatórios que temos! Só o Grande Senhor sabe o que mais está rastejando em nossa direção a cavalo, ou ovelha, ou qualquer outra coisa que esses selvagens possam encontrar para levar uma mensagem.

Graendal escolhera o cenário, já que ela fora a primeira a chegar, e isso o irritou. Paredes de vista faziam o piso de madeira listrado parecer cercado por uma floresta cheia de trepadeiras floridas e pássaros esvoaçantes que eram ainda mais coloridos. Aromas doces e suaves cantos de pássaros enchiam o ar. Apenas o arco da porta estragava a ilusão. Por que ela queria um lembrete do que foi perdido? Eles poderiam fazer lances de choque ou exposições como uma parede de visão fora deste lugar, perto de Shayol Ghul. De qualquer forma, ela desprezava qualquer coisa que tivesse a ver com a natureza, como ele se lembrava.

Osan’gar franziu o cenho para “idiotas” e “tolos cegos”, como podia fazer, mas rapidamente alisou e endireitou o rosto pleno e enrugado, tão diferente daquele com o qual nascera. Por qualquer nome que o chamassem, sempre soubera quem ousava desafiar e quem não. “Uma questão de sorte”, disse ele calmamente, embora tenha começado a lavar as mãos a seco. Um velho hábito. Ele estava vestido como um governante desta Era, com um casaco tão pesado com bordados dourados que quase escondia o vermelho do tecido, e botas com franjas douradas. Havia renda branca suficiente em seu pescoço e pulsos para vestir uma criança. O homem nunca conhecera o significado de excesso. Se não fosse por suas habilidades particulares, ele nunca teria sido escolhido. Percebendo o que suas mãos estavam fazendo, Osan’gar pegou a taça de vinho em *cuendillar* alta da mesa redonda ao lado de sua cadeira e inalou profundamente o aroma do vinho escuro. “Simplesmente probabilidades,” ele murmurou, tentando soar de improviso. “Da próxima vez, ele será morto ou levado. O acaso não pode protegê-lo para sempre.”

“Você vai depender do acaso?” Aran’gar estava estendido em uma cadeira longa e esvoaçante como se fosse uma cadeira de cama. Dirigindo um sorriso esfumaçado para Osan’gar, ela arqueou uma perna sobre os dedos dos pés descalços de modo que a fenda em sua saia vermelha brilhante a expôs até o quadril. Cada respiração ameaçava libertá-la do cetim vermelho que apenas continha seus seios fartos. Todos os seus maneirismos mudaram desde que ela se tornou uma mulher, mas não o núcleo do que foi colocado naquele corpo feminino. Exigiu prazeres carnavais mal desprezados, mas um dia seus desejos seriam a morte dela. Como já tinham sido uma vez. Não que ele lamentasse, é claro, se a próxima vez fosse definitiva. “Você foi responsável por observá-lo, Osan’gar,” ela continuou, sua voz acariciando cada sílaba. “Você e Demandred.” Osan’gar se encolheu, sacudindo a língua contra os lábios, e ela riu roucamente. “Minha própria responsabilidade é...” Ela pressionou o polegar na beirada da cadeira como se estivesse prendendo algo e riu novamente.

“Achei que você ficaria mais preocupada, Aran’gar”, murmurou Graendal por cima do vinho. Ela escondia seu desprezo tão bem quanto a névoa prateada quase transparente de seu vestido escondia suas curvas maduras. “Você, Osan’gar e Demandred. E Moridin, onde quer que esteja. Talvez você devesse temer o sucesso de Al’Thor tanto quanto o fracasso dele.”

Rindo, Aran’gar segurou a mão da mulher de pé uma na outra. Seus olhos verdes brilharam. “E talvez você pudesse explicar melhor o que queria dizer se estivéssemos sozinhas?”

O vestido de Graendal transformou-se em uma fumaça totalmente preta. Soltando a mão com um xingamento grosseiro, ela se afastou da cadeira. Aran’gar... deu uma risadinha. “O que você quer dizer?” Osan’gar disse bruscamente, lutando para sair da cadeira. Uma vez de pé, ele fez uma pose de conferencista, segurando suas lapelas, e seu tom tornou-se pedante. “Em primeiro lugar, minha cara Graendal, duvido que até mesmo eu pudesse inventar um método para remover a sombra do Grande Senhor de *saidin*. Al’Thor é um primitivo. Qualquer coisa que ele tente inevitavelmente será insuficiente, e eu, por exemplo, não posso acreditar que ele possa imaginar como começar.

De qualquer forma, vamos impedi-lo de tentar porque o Grande Senhor ordena. Posso entender o medo do descontentamento do Grande Senhor se de alguma forma falharmos, por mais improvável que seja, mas por que aqueles de nós que você citou deveriam ter algum medo especial?”

“Cego como sempre e seco como sempre”, murmurou Graendal. Com o retorno da compostura, seu vestido era uma névoa clara novamente, embora vermelha. Talvez ela não estivesse tão calma quanto fingia. Ou talvez ela quisesse que eles acreditassem que estava controlando alguma agitação. Exceto pelo vestido, todos os seus adornos vinham dessa época, gotas de fogo em seus cabelos dourados, um grande rubi pendurado entre os seios, braceletes de ouro ornamentados em ambos os pulsos. E algo bastante estranho, que Demandred se perguntou se mais alguém havia notado. Um simples anel de ouro no dedo mindinho da mão esquerda. O simples nunca foi associado ao Graendal. “Se o jovem de alguma forma remover a sombra, bem... Vocês que canalizam *saidin* não precisarão mais da proteção especial do Grande Senhor. Ele confiará em sua... lealdade... então? Sorrindo, ela tomou um gole de vinho.

Osan'gar não sorriu. Seu rosto empalideceu, e ele esfregou a mão na boca.

Aran'gar sentou-se na beirada de sua longa cadeira, não mais tentando ser sensual. Suas mãos formaram garras em seu colo, e ela olhou para Graendal como se estivesse pronta para pular em sua garganta.

Os punhos de Demandred se abriram. Estava finalmente a céu aberto. Ele esperava ter al'Thor morto — ou, na falta disso, cativo — antes que essa suspeita surgisse. Durante a Guerra do Poder, mais de uma dúzia de Escolhidos morreram devido à suspeita do Grande Senhor.

"O Grande Senhor tem certeza de que todos vocês são fiéis", anunciou Moridin, caminhando como se fosse o próprio Grande Senhor das Trevas. Muitas vezes ele parecia acreditar que sim, e o rosto de menino que ele usava agora não havia mudado isso. Apesar de suas palavras, aquele rosto era sombrio, e seu preto ininterrupto fazia seu

nome, Morte, se encaixar. “Vocês não precisam se preocupar até que ele pare de ter certeza.” A garota, Cyndane, trotava em seus calcanhares como um bichinho peitudo de cabelos prateados em vermelho e preto. Por alguma razão, Moridin tinha um rato montado em seu ombro, nariz pálido farejando o ar, olhos negros estudando a sala com cautela. Ou sem motivo, talvez. Um rosto jovem também não o tornara mais são.

“Por que você nos chamou aqui?” Demandred exigiu. “Tenho muito o que fazer e não tenho tempo para conversa fiada.” Inconscientemente, ele tentou ficar mais alto, para igualar o outro homem.

“Mesaana está ausente de novo?” Moridin disse em vez de responder. “Uma pena. Ela deveria ouvir o que tenho a dizer.” Arrancando o rato do ombro pelo rabo, ele observou o animal balançar as pernas inutilmente. Nada além do rato parecia existir para ele. “Assuntos pequenos e aparentemente sem importância podem se tornar muito importantes”, ele murmurou. “Esse rato. Se Isam conseguir encontrar e matar aquele outro verme, Fain. Uma palavra sussurrada no ouvido errado, ou não dita no ouvido certo. Uma borboleta agita suas asas em um galho, e do outro lado do mundo uma montanha desaba.” De repente, o rato se contorceu, tentando cravar os dentes em seu pulso. Casualmente, ele jogou a criatura para longe. No ar, houve uma explosão de chamas, algo mais quente que chamas, e o rato desapareceu. Moridin sorriu.

Demandred se encolheu apesar de si mesmo. Esse tinha sido o Verdadeiro Poder; ele não sentiu nada. Uma mancha preta flutuou pelos olhos azuis de Moridin, depois outra, em um fluxo constante. O homem deve ter usado o Verdadeiro Poder exclusivamente desde a última vez que o viu para ganhar tantos *saa* tão rapidamente. Ele mesmo nunca havia tocado o Verdadeiro Poder, exceto por necessidade. Grande necessidade. Claro, apenas Moridin tinha esse privilégio agora, desde sua... união. O homem realmente era louco por usá-lo tão livremente. Era uma droga mais viciante que *saidin*, mais mortal que veneno. Atravessando o piso listrado, Moridin pousou a mão no ombro de Osan’gar, seu sorriso tornado mais sinistro pelo *saa*. O

homem mais baixo engoliu em seco e deu um sorriso vacilante em troca. “É bom que vocês nunca tenham considerado como remover a sombra do Grande Senhor,” Moridin disse calmamente. Há quanto tempo ele estava do lado de fora? O sorriso de Osan’gar ficou ainda mais doentio. “Al’Thor não é tão sábio quanto você. Diga a eles, Cyndane.”

A pequena mulher se endireitou. De rosto e forma ela era uma ameixa deliciosa, pronta para ser colhida, mas seus grandes olhos azuis eram glaciais. Um pêssogo, talvez. Pêssogos eram venenosos, aqui e agora. “Vocês se lembram de Choedan Kal, suponho.” Nenhuma quantidade de esforço poderia fazer aquela voz baixa e ofegante, soar de um jeito diferente de sensual, mas ela conseguiu injetar sarcasmo. “Lews Therin tem duas chaves de acesso, uma para cada. E ele conhece uma mulher forte o suficiente para usar a metade feminina do par. Ele planeja usar o Choedan Kal para sua ação.” Quase todos começaram a falar ao mesmo tempo.

“Achei que as chaves estavam todas destruídas!” Aran’gar exclamou, levantando-se rapidamente. Seus olhos estavam arregalados de medo. “Ele poderia destruir o mundo apenas tentando usar o Choedan Kal!”

“Se você já tivesse lido qualquer coisa além de um livro de história, você saberia que elas são quase impossíveis de destruir!” Osan’gar rosnou para ela. Mas ele estava puxando o colarinho como se estivesse muito apertado, e seus olhos pareciam prestes a cair do rosto. “Como essa garota pode saber que ele os tem? Como?”

A taça de vinho de Graendal caiu de sua mão assim que as palavras saíram da boca de Cyndane, quicando de ponta a ponta pelo chão. Seu vestido ficou vermelho como sangue fresco, e sua boca se torceu como se fosse vomitar. “E você só estava esperando para trombar nela!” ela gritou para Demandred. “Esperando que alguém a encontrasse para você! Idiota! Idiota!”

Demandred achava que Graendal tinha sido um tanto extravagante até para ela. Ele apostaria que o anúncio não foi surpresa para ela. Parecia que ela estava entediada assistindo. Ele não disse nada.

Colocando a mão sobre o coração, para todo o mundo como um amante, Moridin inclinou o queixo de Cyndane na ponta dos dedos. O ressentimento queimava em seus olhos, mas seu rosto poderia ser o rosto imutável de uma boneca. Ela certamente aceitou suas atenções como uma boneca maleável. "Cyndane sabe muitas coisas," Moridin disse suavemente, "e ela me conta tudo o que sabe. Tudo." A expressão da pequena mulher nunca se alterou, mas ela tremia visivelmente.

Ela era um quebra-cabeça para Demandred. A princípio, ele pensou que ela fosse a reencarnação de Lanfear. Corpos para transmigração supostamente eram escolhidos pelo que estava disponível, mas Osan'gar e Aran'gar eram a prova do senso de humor cruel do Grande Senhor. Ele tinha certeza, até Mesaana lhe dizer que a garota era mais fraca que Lanfear. Mesaana e o resto pensavam que ela era desta Era. No entanto, ela falou de al'Thor como Lews Therin, assim como Lanfear, e falou de Choedan Kal como alguém familiarizado com o terror que inspiraram durante a Guerra do Poder. Apenas fogo devastador tinha sido mais temido, e era de se esperar. Ou Moridin a ensinou para seus próprios propósitos? Se ele tivesse algum propósito real. Sempre houve momentos em que as ações do homem foram pura loucura.

"Então parece que ele deve ser morto, afinal", disse Demandred. Esconder sua satisfação não foi fácil. Rand al'Thor ou Lews Therin Telamon, ele descansaria melhor quando o sujeito estivesse morto. "Antes que ele possa destruir o mundo, e nós. O que torna ainda mais urgente encontrá-lo."

"Morto?" Moridin moveu as mãos como se pesasse alguma coisa. "Se for para isso, sim", disse ele finalmente. "Mas encontrá-lo não é problema. Quando ele tocar Choedan Kal, você saberá onde ele está. E você vai até lá e o pega. Ou mata, se necessário. O Nae'blis disse."

"Como o Nae'blis ordena", disse Cyndane ansiosamente, baixando a cabeça, e ecos dela correram pela sala, embora Aran'gar soasse mal-humorada, Osan'gar desesperado e Graendal estranhamente pensativa.

Dobrar o pescoço doía tanto em Demandred quanto falar essas palavras. Então eles pegariam al'Thor — enquanto ele estivesse tentando usar os Choedan Kal, nada menos, ele e uma mulher bebendo o suficiente do Poder Único para derreter continentes! — mas não havia indicação de que Moridin estaria com eles. Ou seus animais de estimação gêmeos, Moghedien e Cyndane. O homem era Nae'blis por enquanto, mas talvez as coisas pudessem ser arranjadas para que ele não recebesse outro corpo na próxima vez que morresse.

Talvez isso pudesse ser arranjado em breve.

Capítulo 14

O que o Véu Esconde

O Vitória de Cedron rolava nas longas ondas do mar, fazendo as lâmpadas douradas da cabine de popa balançarem em seus estabilizadores, mas Tuon sentou-se calmamente enquanto a navalha na mão segura de Selucia deslizava por seu couro cabeludo. Através das janelas altas e de popa, ela podia ver outros grandes navios atravessando as ondas verde-acinzentadas em borrifos brancos, centenas deles em fileiras, estendendo-se até o horizonte. Quatro vezes mais haviam sido deixados em Tanchico. Os *Rhyagelle*, aqueles que voltam para casa. O *Corenne*, o Retorno, havia começado.

Um albatroz voando parecia estar seguindo o Cedron, um presságio de vitória de fato, embora as longas asas do pássaro fossem pretas em vez de brancas. Ainda devia significar a mesma coisa. Os presságios não mudavam de acordo com a localização. Uma coruja chamando ao amanhecer significava uma morte e chuva sem nuvens, um visitante inesperado, seja em Imfaral ou Noren M'Shar.

O ritual matinal com a navalha de sua criada era calmante, e ela precisava disso hoje. Na noite anterior, havia dado uma ordem com raiva. Nenhum comando deve ser emitido com raiva. Ela se sentiu quase *sei'mosiev*, como se tivesse perdido a honra. Seu equilíbrio estava perturbado, e isso era tão ruim para o Retorno quanto a perda de *sei'taer*, com albatroz ou sem albatroz.

Selucia enxugou o resto da espuma com um pano úmido e quente, depois usou um pano seco e, finalmente, passou um pouco de pó no couro cabeludo liso com uma escova. Quando sua criada deu um passo para trás, Tuon se levantou e deixou seu roupão de seda azul elaboradamente bordado deslizar para o tapete dourado e azul. Instantaneamente, o ar frio atingiu sua pele escura e nua. Quatro de suas dez criadas se levantaram graciosamente de onde estavam ajoelhadas contra as paredes, membros limpos e graciosos em suas vestes brancas transparentes. Todas haviam sido compradas tanto por sua aparência quanto por suas habilidades, e eram muito habilidosas.

Elas se acostumaram com os movimentos do navio durante a longa viagem de Seanchan, e correram para buscar as roupas que já haviam sido colocadas em cima dos baús esculpidos e trazê-las para Selucia. Selucia nunca permitiu que as *da'covale* realmente a vestissem, nem meias ou chinelos.

Quando ela colocou um vestido plissado da cor de marfim bem envelhecido sobre a cabeça de Tuon, a mulher mais jovem não pôde deixar de comparar as duas no espelho alto preso à parede interna. Selucia de cabelo dourado possuía uma beleza majestosa de pele creme e olhos azuis frios. Qualquer um poderia tê-la tomado por alguém do Sangue, e de alto escalão, ao invés de *so'jhin*, se o lado esquerdo de sua cabeça não tivesse sido raspado. Uma noção que teria chocado a mulher rapidamente, se expressa em voz alta. A própria ideia de qualquer passo acima de sua posição designada horrorizava Selucia. Tuon sabia que ela mesma nunca teria uma presença tão imponente. Seus olhos eram muito grandes, e de um marrom líquido. Quando ela esquecia de manter uma máscara severa, seu rosto em forma de coração pertencia a uma criança travessa. O topo de sua cabeça mal chegava aos olhos de Selucia, e sua criada não era uma mulher alta. Tuon podia cavalgar com os melhores, ela se destacava na luta greco-romana e no uso de armas adequadas, mas sempre teve que exercitar sua mente para impressionar. Ela treinou aquela ferramenta tão duro quanto treinou em todos os outros talentos juntos. Pelo menos o largo cinto de ouro enfatizava sua cintura o suficiente para que ela não fosse tomada por um menino em um vestido. Os homens observavam quando Selucia passava, e Tuon ouvia algum murmúrio sobre seus seios fartos. Talvez isso não tivesse nada a ver com uma presença dominante, mas teria sido bom possuir um pouco mais de seios.

"Que a Luz esteja sobre mim", murmurou Selucia, parecendo divertida, enquanto as *da'covale* voltavam correndo para se ajoelhar contra as paredes. "Você faz isso todas as manhãs desde o primeiro dia em que sua cabeça foi raspada. Você ainda acha que depois de três anos eu vou deixar um pedaço de cabelo por fazer?"

Tuon percebeu que ela havia esfregado a mão no couro cabeludo nu. Procurando por cabelo por fazer, ela admitiu para si mesma com tristeza. “Se você deixasse,” ela disse com severidade simulada, “eu teria batido em você. Um reembolso por todas as vezes que você usou um chicote em mim.”

Colocando uma corda de rubis no pescoço de Tuon, Selucia riu. “Se você me pagar por tudo isso, nunca mais poderei me sentar.” Tuon sorriu. A mãe de Selucia a havia dado a Tuon como presente de berço, para ser sua babá e, mais importante, sua sombra, uma guarda-costas que ninguém conhecia. Os primeiros vinte e cinco anos da vida de Selucia foram treinando para esses empregos, treinando em segredo para a segunda parte. No décimo sexto dia do nome de Tuon, quando sua cabeça foi raspada pela primeira vez, ela havia feito os tradicionais presentes de sua Casa para Selucia, uma pequena propriedade pelo cuidado que demonstrara, um perdão pelos castigos que havia dado, um saco de cem tronos de ouro para cada vez que ela precisou punir sua ama. O Sangue reunido para vê-la apresentada como adulta pela primeira vez ficou impressionado com todos aqueles sacos de moedas, mais do que muitos deles poderiam ter colocado a mão por si mesmos. Ela tinha sido... indisciplinada... quando criança, para não mencionar teimosa. E o último presente tradicional: a oferta para Selucia escolher onde seria indicada em seguida. Tuon não tinha certeza se ela ou a multidão que assistia ficou mais surpresa quando a mulher digna deu as costas ao poder e à autoridade e pediu para ser a criada de Tuon, sua empregada-chefe. E sua sombra ainda, é claro, embora isso não tenha sido tornado público. Ela mesma ficara encantada.

“Talvez em pequenas doses, espalhadas por dezesseis anos”, disse ela. Ao se ver no espelho, ela segurou o sorriso o suficiente para ter certeza de que não havia ardência em suas palavras, então o substituiu por severidade. Ela certamente sentia mais afeição pela mulher que a criara do que pela mãe que vira apenas duas vezes por ano antes de se tornar adulta, ou pelos irmãos e irmãs que aprendera desde os primeiros passos a lutar pelo favor de sua mãe. Dois deles morreram nessas lutas, até agora, e três tentaram matá-la. Uma irmã e um irmão foram feitos *da’covaile* e tiveram seus nomes riscados dos

registros tão firmemente como se tivessem descoberto que eles poderiam canalizar. Seu lugar estava longe de ser seguro mesmo agora. Um único passo em falso poderia tê-la morta, ou pior, despojada e vendida no quarteirão público. Bênçãos da Luz, quando ela sorria, ainda parecia ter dezesseis anos! No máximo!

Rindo, Selucia virou-se para pegar a touca de renda dourada do suporte laqueado vermelho sobre a penteadeira. A renda escassa exporia a maior parte de seu couro cabeludo raspado e a marcaria com o *CorvoERosas*. Talvez ela não fosse *sei'mosiev*, mas pelo bem de Corenne, ela precisava restaurar seu equilíbrio. Ela poderia pedir a Anath, sua *Soe'feia*, que administrasse uma penitência, mas fazia menos de dois anos desde a morte inesperada de Neferi, e ela ainda não estava totalmente confortável com sua substituição. Algo lhe dizia que ela deveria fazer isso sozinha. Talvez ela tivesse visto um presságio que não reconhecera conscientemente. Formigas provavelmente não estavam em um navio, mas vários tipos de besouros podiam estar. "Não, Selucia," ela disse calmamente. "Um véu."

A boca de Selucia se apertou em desaprovação, mas ela recolocou a tampa no suporte silenciosamente. Em particular, como agora, ela tinha licença para soltar a língua, mas sabia o que podia ser falado e o que não. Tuon só teve que puni-la duas vezes, e pela verdade da Luz, ela se arrependeu tanto quanto Selucia. Sem dizer nada, sua criada produziu um véu longo e transparente, colocando-o sobre a cabeça de Tuon e prendendo-o com uma estreita faixa de trança dourada cravejada de rubis. Ainda mais transparente que as vestes das *da'covale*, o véu não escondia seu rosto. Mas escondia o que era mais importante.

Colocando uma longa capa azul bordada em ouro nos ombros de Tuon, Selucia deu um passo para trás e curvou-se profundamente, a ponta de sua trança dourada tocando o tapete. As *da'covale* ajoelhadas inclinaram o rosto para o convés. A privacidade estava prestes a acabar. Tuon deixou a cabine sozinho.

Na segunda cabine estavam seis de suas *sul'dam*, três de cada lado, com suas encarregadas ajoelhadas na frente delas nas tábuas

largas e polidas do convés. As *sul'dam* se endireitaram quando a viram, orgulhosas como o relâmpago prateado nos painéis vermelhos de suas saias. As *damane* vestidas de cinza ajoelharam-se eretas, cheias de seu próprio orgulho. Exceto pela pobre Lidya, que se agachou sobre os joelhos e tentou pressionar o rosto manchado de lágrimas contra o convés. Lanelle, segurando a coleira da *damane* ruiva, fez uma careta para ela.

Tuon suspirou. Lidya fora responsável por sua raiva na noite anterior. Não, ela havia causado isso, mas a própria Tuon era responsável por suas próprias emoções. Ela havia ordenado à *damane* que lesse sua sorte, e não deveria ter usado sua bengala porque não gostou do que ouviu.

Curvando-se, ela segurou o queixo de Lidya, colocando longas unhas pintadas de vermelho contra a bochecha sardenta da *damane*, e puxou-a para sentar sobre os calcanhares. O que produziu um estremecimento e um novo conjunto de lágrimas que Tuon enxugou cuidadosamente com os dedos enquanto puxava a *damane* de joelhos. "Lidya é uma boa *damane*, Lanelle", disse ela. "Pinte seus vergões com tintura de sorfa e dê coração de leão para a dor até que os vergões desapareçam. E até que eles se vão, ela deve comer um creme doce em todas as refeições."

"Como a Alta Dama ordenar," Lanelle respondeu formalmente, mas ela sorriu levemente.

Todas as *sul'dam* gostavam de Lidya, e ela não gostava de punir a *damane*.

"Se ela ficar gorda, eu vou levá-la para correr, Alta Dama."

Lidya virou a cabeça para beijar a palma da mão de Tuon e murmurou: "A ama de Lidya é gentil. Lidya não vai engordar."

Fazendo seu caminho ao longo das duas linhas, Tuon falou algumas palavras para cada *sul'dam* e acariciou cada uma das *damane*. As seis que ela trouxera eram as melhores, e elas sorriam para ela com um carinho igual ao dela por elas. Elas competiram ansiosamente para serem escolhidas. Dali e Dani, gorduchas e de cabelos louros, irmãs que dificilmente precisavam da orientação de uma *sul'dam*. Charral, seu cabelo tão grisalho quanto seus olhos, mas

ainda a mais ágil em sua fiação. Sera, com fitas vermelhas em seu cabelo preto bem encaracolado, a mais forte e orgulhosa como uma *sul'dam*. A minúscula Mylen, mais baixa até do que a própria Tuon. Mylen era o orgulho especial de Tuon entre as seis. Muitos acharam estranho quando Tuon fez o teste para *sul'dam* ao atingir a idade adulta, embora ninguém pudesse contestá-la, na época. Exceto sua mãe, que permitiu isso, permanecendo em silêncio. Na verdade, tornar-se uma *sul'dam* era impensável, é claro, mas ela se divertia tanto em treinar *damane* quanto em treinar cavalos, e ela era tão boa em um quanto em outro. Mylen era a prova disso. A pálida *damane* estava meio morta de choque e medo, recusando-se a comer ou beber, quando Tuon a comprou nas docas de Shon Kifar. Todas as *der'sul'dam* se desesperaram, dizendo que ela não viveria muito, mas agora Mylen sorriu para Tuon e se inclinou para beijar sua mão antes mesmo de acariciar o cabelo escuro da *damane*. Uma vez pele e ossos, ela estava se tornando um pouco gordinha. Em vez de repreendê-la, Catrona, que segurava sua coleira, deixou um sorriso enrugado seu rosto geralmente severo e murmurou que Mylen era uma *damane* perfeita. Era verdade, ninguém acreditaria agora que uma vez ela se chamara de Aes Sedai. Antes de partir, Tuon deu algumas ordens sobre a dieta e os exercícios das *damane*. As *sul'dam* sabiam o que fazer, assim como as outras doze na comitiva de Tuon, ou não estariam a seu serviço, mas ela acreditava que ninguém deveria ter permissão para possuir *damane*, a menos que tivesse um interesse ativo. Ela conhecia as peculiaridades de cada uma das suas tão bem quanto conhecia seu próprio rosto. Na cabine externa, os Guardas da Vigília da Morte, revestindo as paredes em armaduras laqueadas de vermelho sangue e verde quase preto, endureceram com sua entrada. Ou seja, eles endureceriam se as estátuas pudessem endurecer. Homens de rosto duro, eles e mais quinhentos como eles foram nomeados pessoalmente para a segurança de Tuon. Qualquer um ou todos morreriam para protegê-la. Eles morreriam se ela o fizesse. Cada homem se ofereceu, pediu para estar na guarda. Vendo o véu, o grisalho capitão Musenge ordenou que apenas dois a acompanhassem no convés, onde duas dúzias de Jardineiros Ogier de vermelho e verde

formavam uma fila de cada lado da porta, grandes machados com borlas pretas erguidos na frente deles e olhos sombrios atentos a qualquer perigo, mesmo aqui. Eles não morreriam se ela morresse, mas eles também pediram para ficar em guarda, e ela descansaria sua vida em qualquer uma daquelas mãos enormes sem escrúpulos.

As velas nervuradas nos três mastros altos do Kiaron estavam retesadas com o vento frio que impelia a embarcação em direção à terra à frente, uma costa escura, perto o suficiente para que ela pudesse distinguir colinas e promontórios. Homens e mulheres enchiam o convés, todos os Sangue do navio em suas melhores sedas, ignorando o vento que açoitava seus mantos enquanto ignoravam os homens e mulheres descalços da tripulação do navio que corriam entre eles. Alguns dos nobres eram muito ostensivos em ignorar a tripulação, como se pudessem dirigir o navio ajoelhados ou curvados a cada dois passos. Preparado para a prostração, o Sangue fez ligeiras reverências, uma igual à outra, quando viram seu véu. Yuril, o homem de nariz pontudo que todos pensavam ser seu secretário, se ajoelhou. Ele era seu secretário, é claro, mas também sua Mão, comandando seus Buscadores. A mulher Macura se prostrou e beijou o convés antes que algumas palavras calmas de Yuril a fizessem ficar de pé corando e alisando suas saias vermelhas plissadas. Tuon estava incerta sobre levá-la ao serviço, em Tanchico, mas a mulher implorou como um *da'covale*. Ela odiava Aes Sedai até os ossos, por algum motivo, e apesar das recompensas já dadas por suas informações extremamente valiosas, ela esperava causar mais danos a elas.

Curvando a cabeça para o Sangue, Tuon subiu ao tombadilho seguido pelos dois Guardas da Vigília da Morte. O vento dificultou o manuseio de sua capa e pressionou o véu contra o rosto em um momento, depois o sacudiu sobre a cabeça no próximo. Isso não importava; que ela o usava era suficiente. Seu estandarte pessoal, dois leões dourados atrelados a um antigo carro de guerra, voava na popa acima dos seis timoneiros que lutavam para controlar o longo leme. O CorvoERosas teria sido empacotado assim que o primeiro tripulante a ver seu véu pudesse passar a palavra. A capitã do Kidron, uma mulher larga e envelhecida com cabelos brancos e os olhos verdes mais

incríveis, curvou-se quando o chinelo de Tuon tocou o tombadilho e imediatamente voltou sua atenção para seu navio.

Anath estava de pé junto ao parapeito, vestida de seda preta sem relevos, exteriormente imperturbável pelo vento frio, apesar de não ter manto ou capa. Uma mulher esbelta, ela teria sido alta mesmo para um homem. Seu rosto escuro como carvão era lindo, mas seus grandes olhos negros pareciam perfurar como furadeiras. A *Soe'feia* de Tuon, sua Oradora da Verdade, nomeada pela Imperatriz, que vivesse para sempre quando Neferi morresse. Uma surpresa, com a Mão Esquerda de Neferi treinada e pronta para substituí-la, mas quando a Imperatriz falava do Trono de Cristal, sua palavra era lei. Você certamente não deveria ter medo de sua *Soe'feia*, mas Tuon tinha um pouco. Juntando-se à mulher, ela agarrou o corrimão e teve que soltar as mãos antes de quebrar um prego laqueado. Isso significaria muito azar. "Então", disse Anath, a palavra como um prego cravado no crânio de Tuon. A mulher alta franziu a testa para ela, e o desprezo estava pesado em sua voz. "Você esconde seu rosto — de certa forma — e agora você é apenas a Grã-Senhora Tuon. Exceto que todos ainda sabem quem você realmente é, mesmo que não mencionem isso. Por quanto tempo você pretende continuar com essa farsa?" Os lábios carnudos de Anath zombaram, e ela fez um gesto curto e desdenhoso com uma mão fina. "Acho que essa idiotice acabou com a bengalada na *damane*. Você é uma tola em pensar que seus olhos estão abatidos por uma coisinha dessas. O que ela disse para te deixar com raiva? Ninguém parece saber, exceto que você fez uma birra que lamento ter perdido."

Tuon fez com que suas mãos permanecessem no parapeito. Elas queriam tremer. Ela forçou seu rosto a manter uma aparência severa. "Vou usar o véu até que um presságio me diga que chegou a hora de removê-lo, Anath," ela disse, moldando sua voz para se acalmar. Apenas a sorte impediu que alguém ouvisse as palavras enigmáticas de Lidya. Todos sabiam que a *damane* poderia prever o futuro, e se algum Sangue tivesse ouvido, todos estariam tagarelando sobre o destino dela. Anath riu rudemente e começou a dizer a ela novamente que ela era tola, com mais detalhes dessa vez. Muito mais detalhes. Ela não se incomodou em baixar a voz. A capitã Tehan estava olhando

para frente, mas seus olhos estavam quase caindo do outro rosto enrugado. Tuon ouviu atentamente, embora suas bochechas ficassem cada vez mais quentes, até que ela pensou que seu véu poderia explodir em chamas. Muitos do Sangue chamavam suas Vozes de *Soe'feia*, mas as Vozes do Sangue eram *so'jhin*, e sabiam que poderiam ser punidas se seus donos ficassem descontentes com o que diziam, mesmo que fossem chamadas de *Soe'feia*. Uma Oradora da Verdade não podia ser comandada, coagida ou punida de forma alguma. Uma Oradora da Verdade era obrigada a dizer a verdade absoluta, quer você quisesse ou não a ouvir, e ter certeza de que você a ouviu. Aqueles Sangue que chamavam suas Vozes de *Soe'feia* pensavam que Alwyn, o último homem a sentar-se no Trono de Cristal, há quase mil anos, tinha sido louco porque deixou sua *Soe'feia* viver e continuar em seu posto depois que ela lhe deu um tapa na cara perante todo o tribunal. Eles não entendiam as tradições de sua família mais do que a capitã de olhos arregalados. As expressões dos Guardas da Vigília da Morte nunca se alteraram por trás das bochechas semiocultas de seus capacetes. Eles entendiam.

“Obrigada, mas eu não preciso de penitência,” ela disse educadamente quando Anath finalmente cessou sua arenga.

Certa vez, depois de amaldiçoar Neferi por morrer por algo tão estúpido quanto cair de uma escada, ela pediu a sua nova *Soe'feia* para realizar esse serviço para ela. Amaldiçoar os mortos era o suficiente para tornar você *sei'mosiev* por meses. A mulher tinha sido quase carinhosa com isso, de uma maneira estranha, embora ela a deixasse chorando por dias, incapaz de vestir nem mesmo uma camisola. Mas não foi por isso que ela recusou a oferta; uma penitência deve ser severa ou seria inútil para restabelecer o equilíbrio. Não, ela não tomaria o caminho mais fácil porque havia tomado sua decisão. E, ela tinha que admitir, porque ela queria resistir ao conselho de sua *Soe'feia*. Não queria ouvi-la de jeito nenhum. Como Selucia disse, ela sempre foi teimosa. Recusar-se a ouvir sua Oradora da Verdade era abominável. Talvez ela devesse aceitar, afinal, para restabelecer esse equilíbrio. Três longas toninhas cinzentas ergueram-se ao lado do navio e soaram. Três, e elas não se levantaram novamente.

Mantiveram o curso escolhido. “Quando estivermos em terra,” ela disse, “a Alta Senhora Suroth deve ser elogiada.” Mantenha o curso escolhido. “E sua ambição deve ser investigada. Ela fez mais com os Precursores do que a Imperatriz, que ela viva para sempre, sonhou, mas o sucesso em tal escala muitas vezes gera ambições de mesmo nível.” Irritada com a mudança de assunto, Anath se endireitou, comprimindo os lábios. Seus olhos brilharam. “Tenho certeza de que Suroth tem apenas os melhores interesses do Império como sua ambição,” ela disse secamente.

Tuon assentiu. Ela mesma não tinha certeza. Esse tipo de certeza poderia levar à Torre dos Corvos até mesmo para ela. Talvez especialmente para ela. “Devo encontrar uma forma de entrar em contato com o Dragão Renascido o quanto antes. Ele deve se ajoelhar diante do Trono de Cristal antes de Tarmon Gai’don, ou tudo estará perdido.” As Profecias do Dragão diziam isso, claramente.

O humor de Anath mudou em um piscar de olhos. Sorrindo, ela colocou a mão no ombro de Tuon quase possessivamente. Isso estava indo longe demais, mas ela era *Soe’feia*, e a sensação de posse poderia estar apenas na mente de Tuon. “Você deve ter cuidado,” Anath ronronou. “Você não deve deixá-lo saber o quão perigosa você é para ele até que seja tarde demais para ele escapar.”

Ela tinha mais conselhos, mas Tuon deixou-os tomar conta dela. Ela escutou o suficiente para ouvir, mas não era nada que ela não tivesse ouvido uma centena de vezes antes. À frente do navio, ela podia ver a boca de um grande porto. Ebou Dar, de onde o Coreenne se espalharia, como se espalhava em Tanchico. O pensamento deu-lhe um arrepio de prazer, de realização. Atrás de seu véu, ela era apenas a Grã-Senhora Tuon, não de posição mais alta do que muitas outras do Sangue, mas em seu coração, sempre, ela era *Tuon Athaem Kore Paendrag*, Filha das Nove Luas, e ela veio para reivindicar o que havia sido roubado de seu antepassado.

Capítulo 15

Em Necessidade de um Fundador

A carroça em forma de caixa lembrava a Mat as carroças de Latoeiro que ele tinha visto, uma casinha sobre rodas, embora esta, cheia de armários e bancadas embutidas nas paredes, não fosse feita para habitação. Enrugando o nariz com os cheiros estranhos e acres que enchiam o interior, ele se mexeu desconfortavelmente em seu banquinho de três pernas, o único lugar para alguém se sentar. A perna e as costelas quebradas estavam quase curadas, e os cortes que sofrera quando todo aquele maldito edifício caiu em sua cabeça, mas os ferimentos ainda lhe doíam de vez em quando. Além disso, ele esperava simpatia. As mulheres adoravam mostrar simpatia, se você jogasse direito. Ele se obrigou a parar de torcer o longo anel de sinete no dedo. Deixe uma mulher saber que você estava nervoso, e ela colocou sua própria força nisso, a simpatia indo direto pela janela.

“Ouça, Aludra,” ele disse, assumindo seu sorriso mais cativante, “a esta altura você deve saber que os Seanchan não vão olhar duas vezes para fogos de artifício. Essas *damane* fazem algo chamado Luzes no Céu que faz seus melhores fogos de artifício parecerem algumas faíscas voando pela chaminé, pelo que ouvi. Sem intenção de ofender.”

“Eu, eu mesmo não vi essas chamadas Luzes no Céu”, ela respondeu com desdém em seu forte sotaque de taraboneana. Sua cabeça estava curvada sobre um pilão de madeira do tamanho de um grande barril em uma das bancadas de trabalho, e apesar de uma larga fita azul prendendo seu cabelo escuro na altura da cintura frouxa na nuca, ele caiu para frente para esconder seu rosto. O longo avental branco com suas manchas escuras não fazia nada para esconder o quão bem seu vestido verde escuro se encaixava em seus quadris, mas ele estava mais interessado no que ela estava fazendo. Bem, fingindo interesse. Ela estava moendo um pó preto grosso com um pilão de madeira quase tão longo quanto seu braço. O pó parecia um pouco com o que ele tinha visto dentro dos fogos de artifício que ele havia aberto, mas ele ainda não sabia o que havia dentro dele. “Em

qualquer caso,” ela continuou, inconsciente de seu escrutínio, “eu não vou te dar os segredos da Guilda. Você deve entender isso, sim?”

Mat estremeceu. Ele estava trabalhando nela há dias para trazê-la a este ponto, desde que uma visita casual ao show itinerante de Valan Luca revelou que ela estava aqui em Ebou Dar, e o tempo todo ele temia que ela mencionasse a Guilda dos Iluminadores. “Mas você não é mais uma Iluminadora, lembra? Eles chutaram... ah... você disse que deixou a Guilda.” Não pela primeira vez ele considerou um pequeno lembrete de que ele uma vez a salvou de quatro membros da Guilda que queriam cortar sua garganta. Esse tipo de coisa era o suficiente para fazer a maioria das mulheres cair no seu pescoço com beijos e ofertas do que você quisesse. Mas houve uma notável falta de beijos quando ele realmente a salvou, então era improvável que ela começasse agora.

“De qualquer forma,” ele continuou alegremente, “você não precisa se preocupar com a Guilda. Você faz flores noturnas há quanto tempo? E ninguém apareceu tentando impedi-la. Ora, aposto que você nunca verá outro Iluminador.”

“O que você ouviu?” ela perguntou baixinho, sua cabeça ainda baixa.

A rotação do pilão diminuiu quase até parar. “Diga-me.”

O cabelo em seu couro cabeludo quase se arrepiou. Como as mulheres faziam isso? Esconda cada pista, e elas ainda vão direto para o que você quer esconder. “O que você quer dizer? Ouço as mesmas fofocas que você, suponho. Principalmente sobre os Seanchan.” Ela girou tão rápido que seu cabelo balançou como um mangual, e pegou o pesado pilão com ambas as mãos, brandindo-o acima. Talvez dez anos mais velha que ele, ela tinha grandes olhos escuros e uma boca pequena e gorda que geralmente parecia pronta para ser beijada. Ele tinha pensado em beijá-la uma ou duas vezes. A maioria das mulheres era mais receptiva depois de alguns beijos. Agora, seus dentes estavam à mostra, e ela parecia pronta para morder o nariz dele. “Diga-me!” ela ordenou.

“Eu estava jogando dados com alguns Seanchan perto do cais”, disse ele relutantemente, mantendo um olhar cuidadoso no pilão

erguido. Um homem pode blefar e se gabar e ir embora se o assunto não for sério, mas uma mulher pode quebrar seu crânio por capricho. E seu quadril estava dolorido e rígido por ficar muito tempo sentado. Ele não tinha certeza de quão rápido ele poderia se mover do banco. “Eu não queria ser a pessoa a te contar, mas... A Guilda não existe mais, Aludra. A casa do Capítulo em Tanchico se foi.” Essa tinha sido a única verdadeira casa do Capítulo da Guilda. A de Cairhien estava abandonada há muito tempo e, quanto ao resto, os Iluminadores viajavam apenas para exibir exibições para governantes e nobres. “Eles se recusaram a deixar os soldados Seanchan dentro do complexo e lutaram, ou tentaram, quando eles invadiram de qualquer maneira. Não sei o que aconteceu — talvez um soldado tenha levado uma lanterna para onde não deveria —, mas metade do complexo explodiu, pelo que entendi. Provavelmente é exagero. Mas o Seanchan acreditou que um dos Iluminadores usou o Poder Único, e eles...” Ele suspirou, e tentou fazer sua voz ser gentil. Sangue e cinzas, ele não queria dizer isso a ela! Mas ela estava olhando para ele, aquele maldito porrete pronto para dividir seu couro cabeludo. “Aludra, os Seanchan reuniram todos os que ficaram vivos na casa do Capítulo, e alguns Iluminadores que foram para Amador, e todos no meio do caminho que até pareciam um Iluminador, e eles os tornaram todos *da’covaile*. Isso significa...”

"Eu sei o que isso significa!" ela disse ferozmente. Voltando-se para o grande almofariz, ela começou a bater com o pilão com tanta força que ele temeu que a coisa pudesse explodir, se aquele pó fosse realmente o que entrasse nos fogos de artifício. “Tolos!” ela murmurou com raiva, batendo o pilão ruidosamente no almofariz. “Grandes tolos cegos! Com os poderosos, você deve dobrar o pescoço um pouco e seguir em frente, mas eles não o veriam!” Fungando, ela esfregou as bochechas com as costas da mão. “Você está errado, meu jovem amigo. Enquanto um Iluminador viver, a Guilda, ela também viverá, e eu, eu ainda viverei!” Ainda sem olhar para ele, ela enxugou as bochechas com a mão novamente. “E o que você faria se eu lhe desse os fogos de artifício? Atirá-los nos Seanchan com a catapulta, suponho?” Sua bufada disse o que ela pensava disso.

“E o que há de errado com a ideia?” ele perguntou defensivamente. Uma boa catapulta de campo, uma escorpião, poderia arremessar uma pedra de cinco quilos a quinhentos passos, e cinco quilos de fogos de artifício causariam mais danos do que qualquer pedra. “De qualquer forma, eu tenho uma ideia melhor. Eu vi aqueles tubos que você usa para jogar as flores noturnas no céu. A trezentos passos ou mais, você disse. Vire um de lado mais ou menos, e aposto que ele pode arremessar uma flor noturna a mil passos.”

Olhando para o almofariz, ela murmurou quase em voz baixa. “Eu, eu falo demais”, ele pensou que era verdade, e algo sobre olhos bonitos que não fazia sentido. Ele se apressou para impedi-la de começar a falar sobre os segredos da Guilda novamente. “Esses tubos são muito menores que uma catapulta, Aludra. Se estivessem bem escondidos, os Seanchan nunca saberiam de onde vieram. Você poderia pensar nisso como dar o troco pela casa do Capítulo.”

Virando a cabeça, ela deu a ele um olhar de respeito. Misturado com surpresa, mas ele conseguiu ignorar isso. Seus olhos estavam avermelhados e havia manchas de lágrimas em suas bochechas. Talvez se ele pusesse um braço em volta dela... As mulheres geralmente apreciavam um pouco de conforto quando choravam.

Antes que ele pudesse mudar seu peso, ela balançou o pilão entre eles, apontando-o para ele como uma espada com uma mão. Aqueles braços esbeltos deviam ser mais fortes do que pareciam; o porrete de madeira nunca vacilou. *Luz*, ele pensou, *ela não poderia saber o que eu estava prestes a fazer!*

“Isso não é ruim, para alguém que só viu os tubos de lançamento alguns dias atrás,” ela disse, “mas eu, eu pensei sobre isso muito antes de você. Eu tinha razão.” Por um momento, sua voz ficou amarga, mas se acalmou novamente e ficou um pouco divertida. “Vou montar o quebra-cabeça, já que você é tão inteligente, não?” ela disse, arqueando uma sobrancelha. Ah, ela definitivamente estava se divertindo com alguma coisa! “Diga-me que utilidade posso ter para um fundador do sino, e eu lhe contarei todos os meus segredos. Mesmo aqueles que vão fazer você corar, sim?”

Agora, isso soou interessante. Mas os fogos de artifício eram mais importantes do que uma hora se aconchegando com ela. Que segredos ela tinha que poderiam fazê-lo corar? Ele poderia surpreendê-la, ali. Nem todas as memórias daqueles outros homens que estavam enfiadas em sua cabeça tinham a ver com batalhas. "Um fabricante de sinos", ele meditou, sem noção de para onde ir a partir daí. Nenhuma daquelas memórias antigas deu sequer uma dica. "Bem, suponho... Um fabricante de sinos poderia... Talvez..."

"Não," ela disse, repentinamente enérgica. "Você irá e retornará em dois ou três dias. Eu tenho trabalho a fazer, e você está muito distraído com todas as suas perguntas e bajulação. Não; sem argumentos! Você vai agora."

Carrancudo, ele se levantou e colocou seu chapéu preto de abas largas na cabeça. *Bajulação? Bajulação! Sangue e cinzas sangrentas!* Ele deixou cair sua capa em uma pilha perto da porta ao entrar, e resmungou baixinho, curvando-se para pegá-la. Estava sentado naquele banco a maior parte do dia. Mas talvez tivesse feito um pequeno progresso com ela. Se ele pudesse resolver seu quebra-cabeça, de qualquer maneira. Sinos de alarme. Gongos para soar a hora. Não fazia sentido.

"Eu poderia pensar em beijar um jovem tão inteligente como você se você não pertencesse a outra," ela murmurou em tons decididamente quentes. "Você tem um traseiro tão bonito." Ele se empertigou até ficar ereto, mantendo-se de costas para ela. O calor em seu rosto era puro ultraje, mas ela tinha certeza de que ele estava corando. Ele geralmente conseguia esquecer o que estava vestindo, a menos que alguém mencionasse. Houve um ou três incidentes em tavernas. Enquanto ele estava deitado de costas com a perna em talas e suas costelas amarradas e bandagens em quase todos os outros lugares, Tylin havia escondido todas as suas roupas. Ele ainda não tinha encontrado onde, mas certamente elas estavam escondidas, não queimadas. Afinal, ela não podia querer segurá-lo para sempre. Tudo o que restava dele era o chapéu e o lenço de seda preto amarrado no pescoço. E o medalhão prateado de cabeça de raposa, é claro, pendurado em um cordão de couro por baixo da camisa. E suas facas;

ele realmente teria se sentido perdido sem isso. Quando ele finalmente conseguiu rastejar para fora daquela maldita cama, a maldita mulher mandou fazer roupas novas para ele, com ela sentada lá assistindo as malditas costureiras medindo e ajustando! Rendas nevadas em seus pulsos quase escondiam suas malditas mãos, a menos que ele tomasse cuidado, e mais derramavam de seu pescoço quase até sua cintura flamejante. Tylin gostava de renda em um homem. Seu manto era de um escarlate brilhante, tão vermelho quanto suas calças apertadas, e debruado com arabescos dourados e rosas brancas, de todas as coisas sangrentas. Sem mencionar um oval branco em seu ombro esquerdo com a Espada e Âncora verdes da Casa Mitsobar. Seu casaco era azul o suficiente para um Latoeiro, trabalhado em labirintos tairenos vermelhos e dourados no peito e nas mangas, para garantir. Ele não gostava de lembrar o que tinha sido forçado a passar para convencer Tylin a deixar de fora as pérolas e safiras e só a Luz sabia o que mais ela queria. E era curto, para começar. Indecentemente curto! Tylin também gostava de seu maldito traseiro, e ela não parecia se importar com quem o visse! Colocando a capa em volta dos ombros — era alguma cobertura, pelo menos — ele agarrou seu cajado na altura dos ombros de onde estava encostado ao lado da porta. Seu quadril e perna iam doer até que ele pudesse ir embora. "Em dois ou três dias, então", disse ele com toda a dignidade que conseguiu reunir. Aludra riu baixinho. Não baixinho o suficiente para que ele não pudesse ouvir, no entanto. Luz, mas uma mulher poderia fazer mais com uma risada do que um valentão do porto com uma série de maldições! E tão deliberadamente quanto.

Saindo mancando da carroça, ele bateu a porta atrás de si assim que desceu os degraus de madeira que estavam presos à carroça. O céu da tarde estava exatamente como o céu da manhã, cinza e tempestuoso, coberto de nuvens sombrias. Um vento cortante soprou irregularmente. Altara não tinha inverno de verdade, mas o que tinha era o suficiente para continuar. Em vez de neve, havia chuvas geladas e trovoadas correndo do mar, e no meio disso estava úmido o suficiente para fazer o frio parecer mais difícil. O chão tinha uma sensação encharcada sob suas botas, mesmo quando estava seco. Carrancudo,

ele mancou para longe da carroça. Mulheres! Aludra era bonita, no entanto. E ela sabia fazer fogos de artifício. Um fazedor de sino? Talvez ele pudesse fazer isso em dois dias curtos. Contanto que Aludra não comesse a persegui-lo. Um bom número de mulheres parecia estar fazendo isso, ultimamente. Tylin mudou alguma coisa nele, para fazer as mulheres o perseguirem do jeito que ela mesma fazia? Não. Isso era ridículo. O vento pegou seu manto, balançando-o atrás dele, mas ele estava absorto demais para dominá-lo. Um par de mulheres esbeltas — acrobatas, ele pensou — deu-lhe sorrisos maliciosos enquanto passavam, e ele sorriu e fez sua melhor medida.

Tylin não o havia mudado. Ele ainda era o mesmo homem de sempre. O show de Luca era cinquenta vezes maior do que o que Thom lhe contara, talvez mais, uma miscelânea de barracas e carroças do tamanho de uma grande aldeia. Apesar do clima, vários artistas estavam praticando onde ele pudesse vê-los. Uma mulher com uma blusa branca esvoaçante e calças tão apertadas quanto as dele balançava para frente e para trás em uma corda frouxa pendurada entre dois postes altos, depois se jogou e de alguma forma prendeu os pés na corda pouco antes de cair no chão abaixo. Então ela se torceu para pegar a corda com as mãos, puxou-se de volta para seu assento e começou a mesma coisa novamente.

Não muito longe, um sujeito corria em cima de uma roda em forma de ovo que devia ter uns seis metros de comprimento, montada em uma plataforma que o colocava mais alto acima do chão quando atravessava a ponta estreita do que a mulher que ia quebrar o pescoço tolo em breve. Mat olhou para um homem de peito nu que rolava três bolas brilhantes pelos braços e ombros sem nunca tocá-las com as mãos. Isso era interessante. Ele podia ser capaz de gerenciar isso sozinho. Pelo menos essas bolas não o deixariam sangrando e quebrado. Ele teve o suficiente daquilo para servir a ele por toda a vida. O que realmente chamou sua atenção, no entanto, foram os cavalos. Longas linhas de cavalos, onde duas dúzias de homens amontoados contra o frio estavam jogando esterco em carrinhos de mão. Centenas de cavalos. Supostamente, Luca tinha dado abrigo a algum treinador de animais Seanchan, e sua recompensa tinha sido um mandado,

assinado pela própria Alta Senhora Suroth, permitindo-lhe manter todos os seus animais. O próprio Pips de Mat estava seguro, salvo da loteria ordenada por Suroth porque ele estava nos estábulos do Palácio Tarasin, mas tirar o capão daqueles estábulos estava além dele. Tylin praticamente tinha uma coleira em volta do seu pescoço, e ela não pretendia deixá-lo ir tão cedo.

Afastando-se, ele considerou que Vanin roubasse alguns dos cavalos do show se as conversas com Luca fossem ruins. Pelo que Mat sabia de Vanin, seria um passeio noturno para o homem improvável. Gordo como era, Vanin podia roubar e cavalgar qualquer cavalo já parido. Infelizmente, Mat duvidava que ele mesmo pudesse sentar em uma sela por mais de um quilômetro e meio. Ainda assim, era algo a considerar. Ele estava ficando desesperado. Mancando, olhando preguiçosamente ginastas, malabaristas e acrobatas em seu treinamento, ele se perguntou como as coisas chegaram a esse ponto. Sangue e cinzas! Ele era *ta'veren*! Deveria moldar o mundo ao seu redor! Mas aqui estava ele, preso em Ebou Dar, o bichinho de estimação e brinquedo de Tylin — a mulher não o deixou curar completamente antes de pular nele novamente como um pato em um besouro! — enquanto todo mundo estava se divertindo muito. Com aquelas Mulheres Kin bajulando em seus calcanhares, provavelmente Nynaeve estava dominando todos à vista. Assim que Egwene percebeu que aquelas Aes Sedai delirantes e loucas que a chamaram de Amyrlin não estavam realmente falando sério, Talmanes e o Bando da Mão Vermelha estariam prontos para levá-la embora. Luz, Elayne poderia estar usando a Coroa de Rosas agora, se ele a conhecesse! Rand e Perrin provavelmente estavam descansando em frente a uma fogueira em algum palácio, bebendo vinho e contando piadas. Ele fez uma careta e esfregou a testa enquanto uma leve onda de cores parecia girar dentro de sua cabeça. Isso acontecia ultimamente sempre que ele pensava em qualquer um dos homens. Ele não sabia por que, e não queria saber. Só queria que isso parasse. Se ele pudesse fugir de Ebou Dar... E levar o segredo dos fogos de artifício com ele, é claro, mas ele fugiria sem o segredo a qualquer dia. Thom e Beslan ainda estavam onde ele os havia deixado, bebendo com Luca na frente da carroça

elaboradamente decorada de Luca, mas ele não se juntou a eles imediatamente. Por alguma razão, Luca sentiu uma antipatia instantânea por Mat Cauthon. Mat retribuiu o favor, mas com razão. Luca tinha um rosto presunçoso e satisfeito consigo mesmo, e um jeito de sorrir para qualquer mulher à vista. E ele parecia pensar que todas as mulheres do mundo gostavam de olhar para ele. Luz, o homem era casado!

Esparramado em uma cadeira dourada que ele deve ter roubado de um palácio, Luca estava rindo e fazendo gestos expansivos e nobres para Thom e Beslan, sentados em bancos de cada lado dele. Estrelas douradas e cometas cobriam o manto e o manto vermelho brilhante de Luca. Um Latoeiro teria corado! Sua carroça faria um Latoeiro chorar! Muito maior que a carroça de Aludra, a coisa parecia ter sido laqueada! As fases da lua se repetiam em prata ao redor da carroça, e estrelas douradas e cometas de todos os tamanhos cobriam o resto da superfície vermelha e azul. Naquele cenário, Beslan parecia quase comum em um casaco e manto trabalhado em pássaros voando. Thom, tirando vinho de seus longos bigodes brancos, parecia positivamente monótono em lã simples cor de bronze e um manto escuro. Uma pessoa que deveria estar lá não estava, mas com uma rápida olhada ao redor encontrou um grupo de mulheres em uma carroça próxima. Elas tinham todas as idades, desde a dele até os cabelos grisalhos, mas cada uma delas estava rindo do que cercavam. Suspirando, Mat foi até lá.

“Ah, eu simplesmente não consigo decidir,” veio a voz de um menino do meio das mulheres. “Quando olho para você, Merici, seus olhos são os mais bonitos que já vi. Mas quando olho para você, Neilyn, os seus que são. Seus lábios são cerejas maduras, Gillin, e os seus me fazem querer beijá-los, Adria. E seu pescoço, Jameine, gracioso como o de um cisne...”

Engolindo um xingamento, Mat apressou o passo o máximo que pôde e empurrou as mulheres murmurando desculpas a torto e a direito. Olver estava no meio delas, um garoto baixo e pálido fazendo pose e sorrindo para uma mulher e depois para outra. Aquele sorriso

cheio de dentes era o suficiente para que qualquer uma delas decidisse dar um tapa em suas orelhas em um momento.

"Por favor, perdoem-no", murmurou Mat, pegando a mão do menino. "Vamos, Olver; temos que voltar para a cidade. Parem de agitar suas capas por causa dele. Ele não sabe o que está dizendo, na verdade. Eu não sei onde ele aprende esse tipo de coisa." Por sorte, as mulheres riram e bagunçaram o cabelo de Olver enquanto Mat o levava. Algumas murmuraram que ele era um menino doce, de todas as coisas! Uma deslizou a mão sob a capa de Mat e beliscou seu traseiro. Mulheres!

Uma vez claro, ele fez uma careta para o menino tropeçando alegremente ao seu lado. Olver crescera desde que Mat o conheceu, mas ainda era pequeno para sua idade. E com aquela boca larga e orelhas para combinar, ele nunca seria bonito. "Você pode se meter em sérios apuros falando com mulheres dessa maneira," Mat disse a ele. "As mulheres gostam de um homem quieto e bem-educado. E reservado. Reservado, e talvez um pouco tímido. Cultive essas qualidades e você se sairá bem."

Olver deu-lhe um olhar boquiaberto e incrédulo, e Mat suspirou. O rapaz tinha um punhado de tios cuidando dele, e todos, exceto o próprio Mat, eram uma má influência.

Thom e Beslan foram suficientes para restaurar o sorriso de Olver. Puxando sua mão livre, ele correu na frente deles rindo. Thom estava ensinando-o a fazer malabarismos e tocar harpa e flauta, e Beslan estava ensinando-o a usar uma espada. Seus outros "tios" lhe deram outras lições, em um conjunto notavelmente variado de habilidades. Mat pretendia começar a ensiná-lo a usar o bastão e o arco Dois Rios, assim que recuperasse as forças. O que o garoto estava aprendendo com Chel Vanin, ou os Braços Vermelhos, Mat não queria saber.

Luca se levantou de sua cadeira elegante com a aproximação de Mat, seu sorriso fátuo se transformando em uma careta amarga. Olhando Mat de cima a baixo, ele varreu aquele manto ridículo em torno de si com um floreio largo e anunciou com uma voz retumbante: "Sou um homem ocupado. Eu tenho muito o que fazer. Pode ser que em breve eu tenha a honra de convidar a Grã-Senhora Suroth para uma

exibição privada.” Sem outra palavra, ele se afastou segurando o manto ornamentado com apenas uma mão, então rajadas ondulavam atrás dele como uma bandeira.

Mat pegou o seu com as duas mãos. Um manto era para o calor. Ele tinha visto Suroth no Palácio, embora nunca de perto. Tão perto quanto ele queria, no entanto. Ele não conseguia imaginá-la dando um momento para o Grande Show Itinerante de Valan Luca e a Magnífica Exposição de Maravilhas e Surpresas, enquanto a serpentina pendurada entre dois postes altos na entrada do show anunciava em letras vermelhas um passo alto. Se ela fizesse isso, provavelmente comeria os leões. Ou os assustaria até a morte. “Ele já concordou, Thom?” ele perguntou baixinho, franzindo a testa para Luca.

“Podemos viajar com ele quando ele sair de Ebou Dar”, respondeu o homem envelhecido. “Por um preço.” Ele bufou, soprando os bigodes, e irritado passou a mão pelos cabelos brancos. “Devemos comer e dormir como reis pelo tanto que ele quer, mas conhecendo o homem, duvido que façamos isso. Ele não acha que somos criminosos, pois ainda estamos andando livres, mas sabe que estamos fugindo de alguma coisa, ou viajaríamos de outra maneira. Infelizmente, ele não pretende partir até a primavera, no mínimo.”

Mat considerou várias maldições à sua escolha. Não partiria até a primavera. A Luz sabia o que Tylin teria feito com ele, e faria, na primavera. Talvez Vanin roubando cavalos não fosse uma ideia tão ruim. “Me dá mais tempo com os dados”, disse ele, como se isso não importasse. “Se ele quer tanto quanto você diz, eu preciso engordar minha bolsa. Uma coisa que você pode dizer sobre os Seanchan, eles não parecem se importar em perder.” Ele tentou ser cuidadoso por quanto tempo ele deixou sua sorte correr, e ele não enfrentou nenhuma ameaça de ter sua garganta cortada por trapaça, pelo menos desde que conseguiu sair do Palácio por conta própria. A princípio, ele acreditou que era sua sorte se espalhando, ou talvez ser *ta’veren* finalmente chegava para algo útil.

Beslan olhou para ele com gravidade. Um homem moreno e esbelto um pouco mais jovem que Mat, ele tinha sido alegremente libertino quando Mat o conheceu, sempre pronto para uma rodada de tavernas,

especialmente se terminasse com mulheres ou uma briga. Desde que os Seanchan chegaram, ele ficou mais sério, no entanto. Para ele, eram negócios muito sérios. “Minha mãe não ficará satisfeita se souber que o estou ajudando a deixar Ebou Dar, Mat. Ela vai me casar com alguém com estrabismo e bigode, como um Soldado de infantaria de taraboneano.”

Depois de todo esse tempo, Mat ainda estremeceu. Ele nunca poderia se acostumar com o filho de Tylin pensando que o que sua mãe estava fazendo com Mat estava bem. Bem, Beslan acreditava que ela havia se tornado um pouco possessiva demais — só um pouco, veja bem! —, mas essa era a única razão pela qual ele estava disposto a ajudar. Beslan afirmou que Mat era o que sua mãe precisava para esquecer os acordos que ela havia sido forçada a fazer pelos Seanchan! Às vezes, Mat desejava estar de volta a Dois Rios, onde pelo menos sabia como as outras pessoas pensavam. Às vezes ele queria. “Podemos voltar ao Palácio agora?” Olver disse, mais uma exigência do que uma pergunta. “Eu tenho uma aula de leitura com Lady Riselle. Ela me deixa descansar minha cabeça em seu peito enquanto ela lê para mim.”

“Uma conquista notável, Olver”, disse Thom, acariciando os bigodes para esconder um sorriso. Inclinando-se para mais perto dos outros dois homens, ele lançou sua voz para escapar dos ouvidos do menino. “A mulher me faz tocar harpa para ela antes de me deixar descansar a cabeça naquele travesseiro magnífico.”

“Riselle faz todo mundo entretê-la primeiro,” Beslan riu de uma forma astuta, e Thom olhou para ele com espanto.

Mat gemeu. Não era sua perna, desta vez, ou o fato de que todos os homens em Ebou Dar pareciam estar escolhendo o peito em que descansavam a cabeça, exceto Mat Cauthon. Aqueles malditos dados tinham acabado de começar a rolar em sua cabeça novamente. Algo ruim estava vindo em sua direção. Algo muito ruim.

Capítulo 16

Um Encontro Inesperado

A caminhada de volta para a cidade foi melhor do que três quilômetros, atravessando colinas baixas que aliviavam a dor da perna de Mat e a colocavam de volta antes que eles chegassem ao topo de uma elevação e vissem Ebou Dar à frente, atrás de sua parede de gesso branco extravagantemente grossa que nenhum cerco de catapulta alguma vez foi capaz de fazer desmoronar. A cidade lá dentro também era branca, embora aqui e ali cúpulas pontiagudas exibissem finas listras coloridas. Os prédios rebocados de branco, pináculos e torres brancas, palácios brancos, brilhavam mesmo em um dia cinzento de inverno. Aqui e ali uma torre terminava em um topo recortado ou uma abertura mostrava onde um prédio havia sido destruído, mas na verdade, a conquista dos Seanchan causou poucos danos. Eles tinham sido muito rápidos, muito fortes e no controle da cidade antes que mais do que uma resistência dispersa pudesse se formar.

Surpreendentemente, o comércio que havia nessa época do ano quase não vacilou com a queda da cidade. Os Seanchan o encorajaram, embora os mercadores e capitães de navios e tripulações fossem obrigados a fazer um juramento de obedecer aos Precursores, aguardar o Retorno e servir Aqueles que Voltam para Casa. Na prática, isso significava em grande parte seguir sua vida como de costume, então poucos se opuseram. O largo porto estava mais cheio de navios cada vez que Mat olhava para ele. Esta tarde, parecia que ele poderia ter caminhado de Ebou Dar até o Rahad, um bairro difícil que ele nunca mais visitaria. Muitas vezes, nos dias depois que ele conseguiu andar novamente, ele desceu ao cais para olhar. Não para os navios com velas nervuradas ou para os navios do Povo do Mar que os Seanchan estavam reequipando e tripulando com suas próprias tripulações, mas para embarcações voadoras das Abelhas Douradas de Illian, ou a Espada e Mão de Arad Doman, ou os Crescentes de Tear. Ele não olhava mais. Hoje, ele mal olhou para o porto. Aqueles dados girando em sua cabeça pareciam rugir como um trovão. O que quer que fosse

acontecer, ele duvidava muito que fosse gostar. Raramente gostava, quando os dados avisavam.

Embora um fluxo constante de tráfego fluísse do grande portão em arco e as pessoas a pé parecessem se espremer para entrar, uma espessa coluna de carroças e carros de bois, estendendo-se por todo o caminho até a elevação, esperava para entrar e mal se movia. Todo mundo que partia a cavalo era Seanchan, fosse com a pele escura como a de um Povo do Mar ou pálida como um cairhieno, e eles se destacavam por mais do que estar montados. Alguns dos homens usavam calças volumosas e casacos estranhos e apertados com gola alta que se ajustava confortavelmente ao queixo e fileiras de botões de metal brilhantes na frente, ou casacos esvoaçantes, elaborados e bordados, quase tão compridos quanto o vestido de uma mulher. Eram do Sangue, assim como as mulheres em vestidos de montaria estranhamente cortados que pareciam feitos de pregas estreitas, com saias divididas cortadas para expor os tornozelos com botas coloridas e mangas largas que pendiam até os pés nos estribos. Algumas usavam véus de renda que escondiam tudo, menos os olhos, para que seus rostos não ficassem expostos aos de baixo nascimento. A maioria dos cavaleiros de longe, no entanto, usava armaduras pintadas de placas sobrepostas. Alguns dos soldados também eram mulheres, embora não houvesse como saber qual deles com aqueles capacetes pintados como cabeças de insetos monstruosos. Pelo menos nenhum usava o preto e vermelho da Guarda da Vigília da Morte. Até mesmo os outros Seanchan pareciam nervosos ao redor deles, e isso foi o suficiente para avisar a Mat para andar longe deles. De qualquer forma, nenhum dos Seanchan lançou um olhar para três homens e um menino caminhando lentamente em direção à cidade ao longo da coluna de carroças e carroções que esperavam. Bem, os homens andavam devagar. Olver pulava. A perna de Mat estava marcando o ritmo, mas ele tentou não deixar os outros verem o quanto ele estava apoiado em seu cajado. Os dados geralmente anunciavam incidentes a que ele conseguiu sobreviver por um triz, batalhas, um prédio caindo em sua cabeça. Tylin. Ele temia o que aconteceria quando parassem desta vez.

Quase todas as carroças e carroções que saíam da cidade tinham Seanchan dirigindo ou caminhando ao lado, vestidos com mais simplicidade do que aqueles a cavalo, de aparência nada peculiar, mas os que estavam na fila de espera eram mais propensos a pertencer a eboudarianos ou pessoas das redondezas, homens de colete comprido, mulheres com as saias costuradas de um lado para expor uma perna de meia ou anáguas coloridas, suas carroças, assim como seus carroções, puxadas por bois. Forasteiros pontilhavam a coluna, mercadores com pequenas caravanas de carroças puxadas por cavalos. Havia mais comércio no inverno aqui no sul do que no norte, onde os mercadores tinham de enfrentar estradas cobertas de neve, e vinham de longe, alguns deles. Uma mulher corpulenta domanesa com uma mancha escura de beleza na bochecha acobreada, montando a guia de quatro carroças, agarrou seu manto florido em volta dela e fez uma careta para um homem cinco carroças à sua frente na fila, um sujeito de aparência gordurosa, escondendo bigodes longos e grossos atrás de um véu de taraboneano, ao lado do cocheiro. Um concorrente, sem dúvida. Uma kandoreanosana esguia, com uma grande pérola na orelha esquerda e correntes de prata no peito, sentou-se calmamente na sela, a mão enluvada dobrada no punho, talvez ainda inconsciente de que seu cavalo castrado cinza e suas equipes de carroça seriam colocadas na loteria assim que ela fosse dentro da cidade. Um cavalo em cada cinco tinha sido roubado de locais, e para não desencorajar o comércio, um em cada dez de forasteiros. Pago, é verdade, e preço justo em outros dias, mas não perto do que o mercado suportaria, dada a demanda. Mat sempre notava cavalos, mesmo que com apenas metade de sua mente ou menos. Um cairhieno gordo com um casaco tão monótono quanto os de seus cocheiros gritava raivosamente por causa do atraso e deixava sua bela égua baia dançar nervosamente. Uma conformação muito boa a dessa égua. Ela iria para um oficial, muito provavelmente. O que iria acontecer quando os dados parassem?

Os amplos portões em arco para a cidade tinham seus guardas, embora fosse provável que apenas os Seanchan os reconhecessem como tal. *Sul'dam* em seus vestidos azuis com painéis de raios

enfiados para frente e para trás através dos fluxos de tráfego, com *damane* vestidas de cinza em *a'dam* prateado. Apenas um desses pares teria sido suficiente para reprimir qualquer distúrbio que não fosse um ataque em grande escala, e talvez até isso, mas esse não era o verdadeiro motivo de sua presença. Nos primeiros dias após a queda de Ebou Dar, enquanto ele ainda estava confinado à cama, elas devastaram a cidade em busca das mulheres que chamavam de *Marath'damane*, e agora se certificavam de que nenhuma pudesse entrar. A *sul'dam* carregava uma coleira extra enrolada no ombro para garantir. Pares também patrulhavam as docas, encontrando todos os navios e barcos que chegavam. Ao lado do amplo portão em arco para a cidade, uma longa plataforma exibia, em estacas a seis metros do chão, as cabeças cobertas de alcatrão, mas ainda reconhecíveis, de mais de uma dúzia de homens e duas mulheres que haviam entrado em conflito com a justiça dos Seanchan. Acima deles estava pendurado o símbolo dessa justiça, um machado inclinado de carrasco com o cabo enrolado em um cordão branco intrincado. Uma placa abaixo de cada cabeça anunciava o crime que a havia colocado ali, assassinato ou estupro, roubo com violência, agressão a um dos Sangue. Ofensas menores traziam multas ou flagelação, ou serem feitos de *da'covale*. Os Seanchan foram imparciais sobre isso. Nenhum dos Sangue em si estava em exibição — um daqueles que ganhassem a execução seria enviado de volta a Seanchan, ou estrangulado com o cordão branco — mas três dessas cabeças haviam sido presas a Seanchan, e o peso de sua justiça valia para o alto bem como para o baixo. Dois cartazes marcados como rebelião estavam pendurados abaixo das cabeças da mulher que havia sido Mestra dos Navios dos Atha'an Miere e seu Mestre das Lâminas.

Mat tinha passado por aquele portão com frequência suficiente para mal notar a exibição agora. Oliver pulava cantando uma música rimada. Beslan e Thom andavam com as cabeças juntas, e uma vez Mat pegou um suave “negócio arriscado” de Thom, mas ele não se importou com o que eles estavam falando. Então eles entraram no túnel longo e escuro que levava a estrada através do muro, e o estrondo das carroças que passavam teria tornado impossível ouvir, mesmo que ele

quisesse. Mantendo-se perto do lado, bem longe das rodas da carroça, Thom e Beslan avançaram conversando em murmúrios baixos, Olver correndo atrás deles, mas quando Mat emergiu novamente à luz do dia, ele caminhou até as costas de Thom antes de perceber que todos haviam parado congelados, ao lado da boca do túnel. A ponto de fazer um comentário cáustico, ele de repente viu o que eles estavam olhando. As pessoas a pé empurrando para fora do túnel atrás dele os empurraram para o lado, mas ele apenas olhou também. As ruas de Ebou Dar estavam sempre cheias de gente, mas não assim, como se uma represa tivesse estourado e enviado uma enxurrada de humanos para a cidade. A multidão enchia a rua à sua frente de um lado para o outro, cercando grupos de gado como ele nunca tinha visto antes, gado branco com chifres longos e arrebitados, cabras castanho claras cobertas de pelos finos que pendiam do chão pedras, ovelhas com quatro chifres. Todas as ruas que ele podia ver pareciam congestionadas. Carroças e carroções avançavam lentamente pela massa onde se moviam, os gritos e xingamentos dos carroceiros e guias quase afogados no balbúcio de vozes e no barulho dos animais. Ele não conseguia distinguir palavras, mas conseguia distinguir sotaques. Sotaques lentos e arrastados de Seanchan. Alguns deles cutucaram um vizinho e apontaram para ele em suas roupas brilhantes. Eles estavam boquiabertos e apontando para tudo, como se nunca tivessem visto uma estalagem ou uma cutelaria antes, mas ele ainda rosnu baixinho e puxou o chapéu para baixo sobre os olhos.

“O Retorno,” Thom murmurou, e se Mat não estivesse bem ao seu lado, ele não teria ouvido. “Enquanto estávamos descansando com Luca, o Coreenne chegou.”

Mat estava pensando nesse Retorno sobre o qual os Seanchan continuavam falando como uma invasão, um exército. Um dos guias de carroça gritou e acenou com seu chicote de cabo longo para alguns garotos que haviam se arrastado pela lateral da carroça para cutucar o que pareciam ser videiras em vasilhas de madeira com terra. Outra carroça carregava uma prensa longa, e outra ainda, conseguindo entrar no túnel, carregava o que pareciam tonéis de cerveja e um leve cheiro de lúpulo. Caixas de galinhas, patos e gansos de cores estranhas

decoravam algumas dessas carroças, não aves à venda, mas o estoque de um fazendeiro. Era mesmo um exército, só que não do tipo que ele imaginara. Esse tipo de exército seria mais difícil de combater do que soldados. “Esfaqueie meus olhos, teremos que atravessar para passar por isso!” Beslan resmungou desgostoso, ficando na ponta dos pés para tentar espiar mais à frente sobre a multidão. “Quanto tempo antes de encontrarmos uma rua limpa?”

Mat se pegou lembrando do que realmente não tinha visto quando estava diante de seus olhos, o porto cheio de navios. Cheio de navios. Talvez duas ou três vezes os navios que estavam lá quando partiram para o acampamento de Luca ao amanhecer, muitos deles ainda manobrando a vela. O que significava que poderia haver mais ainda esperando para entrar no porto. Luz! Quantos poderiam ter despejado sua carga desde a manhã? Quantos faltavam para serem descarregados? Luz, quantas pessoas poderiam ser transportadas nesse número de navios? E por que vieram todas para cá em vez de Tanchico? Um arrepio percorreu sua espinha. Talvez não fossem todos eles.

“É melhor você tentar encontrar o caminho pelas ruas e becos”, disse ele, levantando a voz para que pudessem ouvir sobre a cacofonia. “Você não chegará ao Palácio antes da noite, caso contrário.”

Beslan fez uma careta para ele. “Você não vai voltar com a gente? Mat, se você tentar comprar passagem em um navio de novo... Você sabe que ela não vai pegar leve com você desta vez.”

Mat igualou a carranca do filho da rainha. “Eu só quero andar um pouco”, ele mentiu. Assim que voltasse ao Palácio, Tylin começaria a acariciá-lo. Não teria sido tão ruim, realmente — não realmente — exceto que ela não se importava com quem a visse acariciar suas bochechas e sussurrar carinhos em seu ouvido, até mesmo seu filho. Além disso, e se os dados em sua cabeça parassem quando ele a alcançasse? Possessiva dificilmente era a palavra para Tylin nos dias de hoje. Sangue e cinzas, a mulher poderia ter decidido se casar com ele! Ele não queria se casar, ainda não, mas sabia com quem ia se casar, e não era Tylin Quintara Mitsobar. Mas o que ele poderia fazer

se ela decidisse algo diferente? De repente, lembrou-se do murmúrio de Thom sobre “negócios arriscados”. Ele conhecia Thom e conhecia Beslan. Olver estava boquiaberto com os Seanchan, tão duro quanto eles mesmos para tudo ao seu redor.

Ele começou a se afastar para olhar mais de perto, e Mat agarrou seu ombro bem a tempo e o empurrou, protestando, nas mãos de Thom. “Leve o menino de volta ao Palácio e dê a ele suas aulas quando Riselle terminar com ele. E esqueça qualquer loucura que você tenha em mente. Você poderia colocar a cabeça dele em risco do lado de fora do portão, e a de Tylin também. E as suas. Nunca deixe isso ser esquecido!”

Os dois homens olharam para ele sem qualquer expressão, o suficiente para confirmar suas suspeitas.

“Talvez eu devesse andar com você,” Thom disse finalmente. “Nós poderíamos conversar. Você é incrivelmente sortudo, Mat, e tem um certo talento para, digamos, aventuras?” Beslan assentiu. Olver se contorceu no aperto de Thom, tentando olhar para todas as pessoas estranhas ao mesmo tempo e despreocupado com o que os mais velhos estavam falando.

Mat grunhiu azedo. Por que as pessoas sempre queriam que ele fosse um herói? Mais cedo ou mais tarde esse tipo de coisa iria matá-lo. “Não preciso falar sobre nada. Eles estão aqui, Beslan. Se você não conseguiu impedi-los de entrar, com certeza, você não será capaz de empurrá-los para fora. Rand vai lidar com eles, se os rumores servirem de base.” Mais uma vez, aquelas cores rodopiantes giraram em sua cabeça, quase apagando o som dos dados por um instante. “Você fez aquele juramento maldito de esperar o Retorno; todos nós fizemos.” A recusa significava ser acorrentado e posto a trabalhar nas docas, ou limpar os canais do Rahad. O que não era nenhum juramento, em sua opinião. “Espere Rand.” As cores vieram mais uma vez e desapareceram. Sangue e cinzas! Ele tinha que parar de pensar em... Em certas pessoas. Novamente eles giraram. “Pode dar certo ainda, se você der um tempo.”

“Você não entende, Mat”, disse Beslan ferozmente. “Minha mãe ainda está sentada no trono, e Suroth diz que vai governar toda Altara,

não apenas o que temos em torno de Ebou Dar, e talvez mais, mas a mãe teve que se deitar de bruços e jurar fidelidade a alguma mulher do outro lado do Oceano Aryth. Suroth diz que eu deveria me casar com um dos Sangue deles e raspar os lados da minha cabeça, e minha mãe está ouvindo. Suroth pode fingir que são iguais, mas ela tem que ouvir quando Suroth fala. Não importa o que Suroth diga, Ebou Dar não é mais nossa, e o resto também não será. Talvez não possamos expulsá-los pela força das armas, mas podemos tornar o país quente demais para segurá-los. Os Mantos Brancos descobriram. Pergunte a eles o que eles querem dizer com 'meio-dia de altarano'." Mat podia adivinhar sem perguntar a ninguém. Ele mordeu a língua para não apontar que havia mais soldados Seanchan em Ebou Dar do que Mantos Brancos em toda Altara durante a Guerra dos Mantos Brancos. Uma rua cheia de Seanchan não era lugar para uma língua agitada, mesmo que a maioria parecesse ser fazendeiros e artesãos. "Eu entendo que você está com vontade de colocar sua cabeça em uma lança", disse ele calmamente. Tão silenciosamente quanto podia e ainda ser ouvido naquele barulho de vozes e gado mugindo e gansos grasnando. "Você sabe sobre seus Ouvintes. Aquele sujeito ali que parece um cavaleiro pode ser um, ou aquela mulher magrinha com a trouxa nas costas."

Beslan olhou com tanta raiva para o par que Mat havia apontado que, se eles realmente fossem Ouvintes, poderiam denunciá-lo apenas por isso. "Talvez você cante uma música diferente quando eles chegarem a Andor," ele rosnou, e abriu caminho para a multidão, empurrando qualquer um que estivesse em seu caminho. Mat não ficaria surpreso ao ver uma briga começar. Ele suspeitava que era isso que o homem estava procurando. Thom virou-se para seguir com Olver, mas Mat segurou sua manga. "Acalme o temperamento dele se puder, Thom. E esfrie seu próprio enquanto você faz isso. Acho que a essa altura você já estaria farto de se barbear às cegas."

"Minha cabeça está fria e estou tentando esfriar a dele", disse Thom secamente. "Ele não pode apenas sentar, no entanto; é o seu país." Um leve sorriso cruzou seu rosto enrugado. "Você diz que não vai correr riscos, mas vai. E quando o fizer, fará qualquer coisa que Beslan e eu tentarmos parecer um passeio noturno no jardim. Com você por

perto, até o barbeiro fica cego. Venha, garoto,” ele disse, balançando Olver em seus ombros. “Riselle pode não deixar você descansar a cabeça se estiver atrasado para sua aula.”

Mat franziu a testa enquanto ele se afastava, progredindo muito melhor com Olver escarranchado em seu pescoço do que Beslan. O que Tom quis dizer? Ele nunca assumia riscos, a menos que fossem forçados a ele. Nunca. Ele olhou casualmente para a mulher magra e para o sujeito com esterco nas botas. Luz, eles podiam ser Ouvintes. Qualquer um poderia ser. Foi o suficiente para colocar um formigamento entre seus ombros, como se estivesse sendo observado.

Ele avançou uma boa distância ao longo de ruas que na verdade ficavam mais cheias de pessoas, animais e carroças à medida que se aproximava das docas. As barracas das pontes sobre os canais estavam com as venezianas abaixadas, os mascates pegaram seus cobertores, e os acrobatas e malabaristas que costumavam entreter em cada cruzamento de rua não teriam espaço para se apresentar se não tivessem ido embora também. Havia muitos Seanchan, era quantos eram, e talvez um em cada cinco um soldado, bastante claros por seus olhos duros e pela postura de seus ombros, tão diferentes de fazendeiros ou artesãos, mesmo quando não usavam armadura. De vez em quando, um grupo de *sul'dam* e *damane* se movia pela rua em um pequeno redemoinho de espaço livre, mais até do que os soldados conseguiam. Não era por medo, pelo menos não por parte dos Seanchan. Eles se curvaram respeitosamente para as mulheres com painéis vermelhos com relâmpagos nos vestidos azuis e sorriram com aprovação enquanto os pares passavam. Beslan estava fora de si. Os Seanchan não seriam expulsos por ninguém, exceto por um exército com Asha'man, como o rumor dizia que havia lutado contra eles no leste uma semana atrás. Ou um armado com os segredos dos Iluminadores. O que na Luz Aludra poderia querer com um fazedor de sinos? Ele se esforçou para não ver as docas. Tinha aprendido a lição sobre isso. O que ele realmente queria era um jogo de dados, um que durasse até tarde da noite. De preferência tarde o suficiente para que Tylin estivesse dormindo quando voltasse ao Palácio. Ela havia tirado seus dados, alegando que não gostava que ele jogasse, embora tenha

feito isso depois que ele a convenceu a perder as apostas, enquanto ele ainda estava confinado à cama. Felizmente, os dados sempre podiam ser encontrados e, com sua sorte, era sempre melhor usar os dados dos outros homens de qualquer maneira. Infelizmente, uma vez que ele descobriu que ela não estava disposta a pagar uma multa por deixá-lo ir — a mulher fingiu não saber do que ele estava falando! — ele os usou para devolver a ela um pouco de outro remédio próprio. Um grave erro, por mais divertido que tenha sido na época. Desde que as multas acabaram, ela estava duas vezes pior do que antes. As tavernas e salões comuns em que ele entrou estavam tão lotados quanto as ruas, com apenas espaço para levantar uma caneca, muito menos jogar dados, cheios de Seanchan rindo e cantando, e eboudarianos carrancudo que olhavam para os Seanchan em silêncio taciturno. Ele ainda questionou os estalajadeiros e os empregados de bar sobre a chance de eles terem um cubículo que ele pudesse alugar, mas todos eles balançaram a cabeça. Ele realmente não esperava outra coisa. Não havia nada disponível mesmo antes de todos os recém-chegados. Ainda assim, ele começou a se sentir tão triste quanto os mercadores estrangeiros que via olhando para o vinho e se perguntando como eles iriam tirar suas mercadorias da cidade sem cavalos. Ele tinha ouro para pagar o que Luca quisesse, e mais, mas estava tudo em um baú no Palácio Tarasin, e ele não estava disposto a tentar tirar o suficiente de uma só vez, não depois que os servos do Palácio o levaram de volta das docas como um veado capturado na caça. Tudo o que ele estava fazendo então era conversar com capitães de navios; se Tylin soubesse, e ela saberia, que ele estava tentando deixar o Palácio com mais ouro do que precisava para uma noite de jogo... Ah, não! Ele tinha que ter um quarto, um sótão no sótão de alguma pousada do tamanho de um guarda-roupa, qualquer coisa, onde pudesse esconder o ouro um pouco de cada vez, ou tinha que ter uma chance com os dados, um ou outro. Com sorte ou sem sorte, porém, ele finalmente percebeu que não encontraria nenhum dos dois hoje. E aqueles malditos dados ainda estavam caindo em sua cabeça, caindo.

Ele não ficava muito tempo em nenhum lugar, e não apenas pela falta de um jogo ou de um quarto. Suas roupas coloridas, suas roupas vergonhosas brilhantes de Latoeiro, chamavam a atenção. Alguns dos Seanchan pensaram que ele estava lá para os divertir e tentaram pagar para ele cantar! Ele quase deixou, uma ou duas vezes, mas uma vez que o ouvissem, teriam exigido o dinheiro de volta. Alguns dos homens eboudarianos, com longas facas curvas enfiadas atrás do cinto e uma barriga cheia de raiva que não podiam descarregar nos Seanchan, pensaram em descontar no bufão que não tinha apenas um rosto pintado para parecer o tolo de um nobre. Mat voltava para a rua movimentada sempre que via esses sujeitos olhando para ele. Ele aprendera da maneira mais difícil que ainda não estava em condições de lutar, e a cabeça de seu assassino subindo ao lado do portão da cidade não lhe faria nenhum bem.

Mat descansou onde pôde, num barril vazio abandonado à beira de um beco, no raro pedaço de banco em frente a uma taverna que tinha lugar para mais um, em um degrau de pedra até que o dono do prédio saiu e derrubou o chapéu dele com um golpe de sua vassoura. Sua barriga estava beijando sua espinha dorsal, ele estava começando a sentir que todos estavam boquiabertos com suas roupas berrantes, o frio úmido estava penetrando em seus ossos, e os únicos dados que ele iria encontrar eram aqueles que ainda trovejavam em sua cabeça como cascos de cavalo . Ele não achava que eles já tinham feito tanto barulho antes.

"Nada resta além de voltar e ser o maldito animal de estimação da Rainha!" ele rosnou, usando seu cajado para se erguer de um caixote de madeira rachado ao lado da rua. Vários transeuntes olharam para ele como se seu rosto já estivesse pintado. Ele os ignorou. Sob seu aviso, ele estava. Ele não estava batendo na cabeça deles com seu cajado como eles mereciam, olhando para um homem daquele jeito. As ruas estavam realmente tão cheias quanto antes, ele percebeu, e seria bem depois do anoitecer que ele voltasse ao Palácio se tentasse abrir caminho entre a multidão. Claro, Tylin podia estar dormindo até então. Podia ser. Seu estômago roncou, quase alto o suficiente para

abafar os dados. Ela poderia ordenar que as cozinhas não o alimentassem, se ele chegasse tarde demais.

Dez passos duramente conquistados pela bengala, e ele virou por um beco, estreito e escuro. Não havia pedras de pavimentação. O reboco branco nas paredes sem janelas estava rachado e caindo para expor o tijolo embaixo, muitas vezes. O ar estava impregnado com o fedor fétido de decomposição, e ele esperava que o que se espremia sob suas botas fosse lama, mesmo quando exalava um odor repugnante. Também não havia pessoas. Ele poderia sair com um bom passo. Ou o que passasse por um, hoje. Ele mal podia esperar pelo dia em que poderia andar alguns quilômetros novamente sem ofegar e doer e precisar se apoiar em uma bengala. Vias sinuosas, a maioria tão estreitas que seus ombros roçavam em ambos os lados, cruzavam a cidade em um labirinto que era fácil se perder se você não conhecesse o caminho. Ele nunca pegava uma curva errada, mesmo quando uma passagem estreita e tortuosa de repente se bifurcava em três ou mesmo quatro que pareciam serpentear mais ou menos na mesma direção. Houve muitas vezes em Ebou Dar em que ele precisou evitar os olhos, e ele conhecia esses becos como se conhecesse sua própria mão. Embora, curiosamente, ele ainda tivesse a sensação de que estava sendo observado. Ele esperava sentir isso enquanto tivesse que usar aquelas malditas roupas.

Se ele tivesse que lutar através de uma massa de pessoas e animais de um beco para outro, e ocasionalmente empurrar seu caminho através de uma ponte que parecia uma sólida parede de humanidade, ele ainda estava quase de volta ao Palácio no tempo que teria levado para cruzar três ruas de outra forma. Apressando-se para a passagem sombreada entre uma taverna bem iluminada e uma loja de laca fechada, ele se perguntou o que as cozinhas teriam preparado. Mais espaçoso do que a maioria, largo o suficiente para três se fossem amigáveis, este beco dava para a Praça Mol Hara quase em frente ao Palácio Tarasin. Suroth estava morando lá, e os cozinheiros estavam se superando desde que ela mandara açoitá-los muitos deles depois de sua primeira refeição. Pode haver ostras com creme, e talvez peixes dourados e lulas com pimentas. Dez passos nas sombras, seu pé pisou

em algo que não esmagou, e ele caiu na lama gelada com um grunhido, torcendo-se no último instante para não cair na perna ruim. Líquido gelado imediatamente encharcou seu casaco. Ele esperava que fosse água.

Ele grunhiu novamente quando as botas pousaram em seu ombro. O sujeito caiu de cima dele, praguejando e derrapando mais fundo no beco na lama, e caiu sobre um joelho, apenas conseguindo se apoiar contra a lateral da taverna sem cair no chão. Os olhos de Mat estavam acostumados à luz fraca, o suficiente para ele distinguir um homem esbelto e indescritível. Um homem com o que parecia ser uma grande cicatriz na bochecha. Não um homem, no entanto. Uma criatura que ele viu rasgar a garganta de seu amigo com uma mão nua e tirar uma faca de seu próprio peito e jogá-la de volta nele. E a coisa teria pousado bem na frente dele, de fácil acesso, se ele não tivesse tropeçado. Talvez uma pequena reviravolta na modelagem de *ta'veren* tenha funcionado a seu favor, graças à Luz! Tudo isso passou por sua cabeça no tempo que levou para o *gholam* se encostar na parede e virar a cabeça para encará-lo.

Com um xingamento, Mat pegou seu cajado caído e atirou-o desajeitadamente na criatura como uma lança. Em suas pernas, na esperança de enredá-las, ganhar um momento. A coisa fluiu para o lado como água, evitando o cajado, as botas deslizando um pouco na lama, depois se jogou na direção de Mat. O atraso tinha sido suficiente, no entanto. Assim que o cajado saiu de sua mão, Mat remexeu dentro de sua camisa em busca do medalhão de cabeça de raposa, quebrando o cordão de couro enquanto pegava o medalhão. O *gholam* se atirou nele, e ele balançou o medalhão desesperadamente. A prata que estava fria em seu peito roçou uma mão estendida com um silvo como bacon fritando e um cheiro de carne queimada. Fluida como mercúrio, rosnando, a coisa tentou se esquivar pelo medalhão rodopiante, para agarrar alguma parte de Mat. Uma vez que colocasse as mãos sobre ele, ele estava praticamente morto. Não tentaria brincar com ele desta vez, como fizera no Rahad. Batendo continuamente, ele o pegou com a cabeça de raposa do outro lado, no rosto, cada vez com um silvo e fedor de queimado, como se tivesse golpeado com um ferro

quente. Com os dentes à mostra, o *gholam* recuou, mas agachado nas pontas dos pés, com as mãos em garras, pronto para pular à menor fraqueza.

Não deixando o medalhão girar devagar, Mat levantou vacilante para seus pés, observando a coisa que parecia um homem. *Ele quer você morto tanto quanto a quer*, dissera-lhe no Rahad, sorrindo. Não estava falando ou sorrindo agora. Ele não sabia quem era “ela” ou “ele”, mas o resto era claro como um bom vidro. E aqui estava ele, mal conseguindo ficar de pé. Sua perna e quadril doíam como fogo, e suas costelas também. Sem mencionar o ombro em que o *gholam* havia pousado. Ele tinha que voltar para a rua, estar de volta entre as pessoas. Talvez pessoas suficientes dissuassem a coisa. Uma pequena esperança, mas a única esperança que ele podia ver.

A rua não estava longe. Ele podia ouvir o murmúrio de vozes, dificilmente suavizadas pela distância.

Ele deu um passo cuidadoso para trás. Sua bota deslizou em algo que exalou um cheiro ruim e o jogou contra a parede da taverna. Apenas os movimentos frenéticos da cabeça de raposa prateada mantinham o *gholam* para trás. Aquelas vozes na rua estavam tão tentadoramente próximas. Elas poderiam muito bem estar em Barsine. Barsine estava morto há muito tempo, e ele estaria muito em breve.

"Ele está neste beco!" um homem gritou. "Me siga! Depressa! Ele vai fugir!" Mat manteve os olhos no *gholam*. Seu olhar cintilou além dele, em direção à rua, e hesitou. "Tenho ordens para evitar ser avistado, exceto por aqueles que colho," cuspiu nele, "assim você viverá um pouco mais. Um pouco mais." Girando, ele correu pelo beco, escorregando um pouco na lama, mas ainda parecendo fluir enquanto se esquivava atrás da taverna.

Mat correu atrás dele. Ele não saberia dizer por quê, exceto que ele tentara matá-lo, tentaria de novo, e seus pelos estavam duros. Então ia matá-lo à vontade, não é? Se o medalhão podia machucá-lo, talvez o medalhão pudesse matá-lo.

Chegando ao canto da taverna, ele viu o *gholam* ao mesmo tempo em que ele olhou para trás e o viu. Mais uma vez, a coisa hesitou por um instante. A porta dos fundos da taverna estava entreaberta,

deixando escapar os sons da folia. A criatura enfiou as mãos em um buraco deixado por um tijolo que faltava na parede dos fundos do prédio em frente à taverna, e Mat enrijeceu. Dificilmente parecia precisar de armas, mas se tivesse escondido uma ali... Ele não achava que sobreviveria enfrentando aquela coisa com qualquer tipo de arma. Mãos seguiram os braços, e então a cabeça do *gholam* entrou no buraco. O queixo de Mat caiu. O peito do *gholam* deslizou, suas pernas, e desapareceu. Através de uma abertura talvez do tamanho das duas mãos de Mat.

"Acho que nunca vi algo assim", alguém disse baixinho ao lado dele, e Mat deu um pulo ao perceber que não estava mais sozinho. O dono da voz era um velho de ombros caídos, cabelos brancos, um grande nariz adunco plantado no meio de um rosto triste e um pacote pendurado nas costas. Ele estava deslizando uma adaga muito longa em uma bainha sob o casaco.

"Eu já", disse Mat oco. "Em Shadar Logoth." Às vezes, pedaços de sua própria memória que ele achava perdidos flutuavam do nada, e esse tinha acabado de surgir, observando o *gholam*. Era uma lembrança que ele desejava que tivesse permanecido perdida.

"Poucos sobrevivem a uma visita lá", disse o velho, olhando para ele. Seu rosto desgastado parecia familiar, de alguma forma, mas Mat não conseguiu identificá-lo. "O que o levou a Shadar Logoth?"

"Onde estão seus amigos?" disse Mat. "As pessoas para quem você estava gritando?" O beco continha apenas os dois. Os sons da rua continuaram inabaláveis, e não foram perturbados por nenhum grito de alguém fugindo se eles não se apressassem.

O velho deu de ombros. "Não tenho certeza se alguém por aí entendeu o que eu estava gritando. Já é difícil entendê-los. De qualquer forma, pensei que poderia assustar o sujeito. Vendo isso, no entanto..." Gesticulando em direção ao buraco na parede, ele riu sem alegria, mostrando lacunas em seus dentes. "Acho que talvez você e eu tenhamos a sorte do Tenebroso."

Mat fez uma careta. Ele tinha ouvido isso muitas vezes sobre si mesmo, e ele não gostou.

Principalmente porque ele não tinha certeza de que não era verdade. "Talvez sim", ele murmurou. "Me perdoe; eu deveria me apresentar ao homem que salvou meu pescoço. Eu sou Mat Cauthon. Você é recém-chegado a Ebou Dar?" Aquele pacote amarrado às costas do sujeito dava-lhe a aparência de um homem em movimento. "Você terá dificuldade em encontrar um lugar para dormir." Ele tomou cuidado com a mão nodosa que o outro homem colocou na sua. Eram protuberâncias, como se todos os ossos tivessem sido quebrados ao mesmo tempo e tivessem cicatrizado mal. Tinha um aperto forte, no entanto.

"Sou Noal Charin, Mat Cauthon. Não, estou aqui há algum tempo. Mas meu catre no sótão da Os Patos de Ouro agora está ocupado por um gordo mercador de óleo ilianense que foi expulso de seu quarto esta manhã em favor de um oficial Seanchan. Achei que encontraria algum lugar neste beco para esta noite. Esfregando a lateral de seu nariz grande com um dedo torto e nodoso, ele riu como se dormir em um beco não tivesse importância. "Não será a primeira vez que durmo mal, mesmo em uma cidade."

"Acho que posso fazer melhor por você do que isso," Mat disse a ele, mas o resto do que ele ia dizer morreu em sua língua. Os dados ainda estavam girando em sua cabeça, ele percebeu. Ele conseguiu esquecê-los com o *gholam* tentando matá-lo, mas eles ainda estavam saltando, ainda esperando para pousar. Se eles estavam avisando de algo pior do que o *gholam*, ele não queria saber. Só que saberia.

Não havia dúvida disso. Ele saberia, quando fosse tarde demais.

Capítulo 17

Fitas Rosas

Ventos frios sopraram através do Mol Hara, levantando o manto de Mat e ameaçando congelar a lama que cobria suas roupas enquanto ele e Noal saíam correndo do beco. O sol pairava sobre os telhados, meio escondido, e as sombras se estendiam por muito tempo. Com uma mão no cajado e a outra segurando o cordão quebrado da cabeça de raposa, enfiado no bolso do casaco de onde ele poderia pegá-lo se necessário, ele teve que deixar sua capa ir para onde quisesse. Sentia dor da cabeça aos pés, os dados chacoalhavam alerta dentro de seu crânio, e ele mal notou nenhuma das duas coisas. Estava muito ocupado tentando observar todas as direções ao mesmo tempo, e imaginando o quão pequeno um buraco que aquela coisa poderia passar. Ele se viu inquieto olhando as rachaduras entre as pedras do calçamento da praça. Embora dificilmente parecesse provável que a coisa o atacasse abertamente.

Um zumbido vinha das ruas ao redor, mas aqui apenas um cachorro esfolado se movia, passando correndo pela estátua da falecida rainha Nariene. Alguns diziam que sua mão erguida apontava para a generosidade do oceano que enriqueceu Ebou Dar, e alguns que apontavam para alertar sobre os perigos. Outros diziam que seu sucessor queria chamar a atenção para o fato de que apenas um dos seios da estátua estava descoberto, proclamando que Nariene tinha apenas uma honestidade mediana. Em outros dias, o Mol Hara estaria cheio de amantes perambulando, vendedores ambulantes e mendigos esperançosos a esta hora, mesmo no inverno, mas os mendigos se viram arrancados das ruas e postos para trabalhar desde que os Seanchan chegaram, e o resto ficava longe mesmo à luz do dia. A razão era o Palácio Tarasin, aquele grande monte de cúpulas brancas e torres de mármore e varandas de ferro forjado, a residência de Tylin Quintara Mitsobar, pela Graça da Luz, Rainha de Altara — ou tanto de Altara quanto havia há alguns dias de cavalgada de Ebou Dar — Senhora dos Quatro Ventos e Guardiã do Mar das Tempestades. E, talvez mais importante, a residência da Alta Senhora Suroth Sabelle

Meldarath, comandante dos Precursores da Imperatriz dos Seanchan, que ela viva para sempre. Uma posição de muito maior destaque em Ebou Dar, no momento. Os guardas de botas verdes de Tylin ficavam em cada entrada com suas calças brancas largas e couraças douradas usadas sobre casacos verdes, assim como homens e mulheres com aqueles capacetes de inseto com armaduras listradas em azul e amarelo ou verde e branco ou qualquer outra combinação que você possa imaginar. A Rainha de Altara exigia segurança e silêncio para descansar. Ou melhor, Suroth dizia que sim, e o que Suroth dizia que Tylin queria, Tylin logo decidia que ela realmente queria.

Após um momento de consideração, Mat levou Noal até um dos portões do estábulo. Havia mais chance de um estranho entrar lá do que se ele usasse as grandes escadas de mármore que desciam para a praça. Sem mencionar uma chance muito maior de tirar toda a lama dele antes que ele tivesse que enfrentar Tylin. Ela havia manifestado seu desagrado na última vez que ele voltou desganhado, depois de uma briga de taverna.

Um punhado de guardas eboudarianos estava de um lado dos portões abertos com alabardas, e o mesmo número de Seanchan do outro com lanças com borlas, todos tão rígidos quanto a estátua de Nariene.

“A bênção da Luz para todos aqui,” Mat murmurou educadamente para os guardas eboudarianos. Era sempre melhor ser educado com eboudarianos até ter certeza deles. E depois também, para falar a verdade. Mesmo assim, eles eram mais... flexíveis... que os Seanchan.

“E para você, meu senhor,” seu oficial atarracado respondeu, avançando lentamente, e Mat o reconheceu, Surlivan Sarat, um bom sujeito, sempre pronto para uma piada e possuindo um bom olho para cavalos. Balançando a cabeça, Surlivan bateu na lateral de seu elmo pontudo com a haste fina e dourada de seu ofício. “Você esteve em outra briga, meu Senhor? Ela subirá como uma tromba d'água, quando te vir.” Endireitando os ombros e tentando não se apoiar tão obviamente em seu cajado, Mat se eriçou. Pronto para uma piada? Parando para pensar sobre isso, o homem queimado de sol tinha uma língua como uma lixa. E seu olho para cavalos também não era tão

bom assim. “Haverá alguma dúvida se meu amigo aqui dormir com meus homens?” Mat perguntou grosseiramente. “Não deveria haver. Há espaço para mais um com meus companheiros.” Espaço para mais de um, verdade seja dita. Oito homens morreram até agora, por segui-lo até Ebou Dar.

“Nada de mim, meu Senhor,” Surlivan disse, embora ele olhasse para o homem esquelético ao lado de Mat e franzisse os lábios judiciosamente. O casaco de Noal parecia de boa qualidade, no entanto, pelo menos na penumbra, e ele tinha sua renda, e em melhor estado do que a de Mat. Talvez isso desequilibrasse a balança. “E ela não precisa saber de tudo, então nada dela também.”

Mat fez uma careta, mas antes que palavras intemperantes pudessem colocar ele e Noal na panela de sopa, três Seanchan blindados galoparam até o portão, e Surlivan virou-se para encará-los.

"Você e sua esposa moram no Palácio da Rainha?" Noal perguntou, indo em direção ao portão.

Mat o puxou de volta. "Espere por eles", disse ele, acenando para os Seanchan. Sua esposa? Malditas mulheres! Malditos dados em sua maldita cabeça!

“Eu tenho despachos para a Alta Dama Suroth,” uma das Seanchan anunciou, batendo em uma bolsa de couro pendurada em um ombro blindado. Seu capacete tinha uma única pluma fina, marcando-a como uma oficial de baixa patente, mas seu cavalo era um capão alto com um olhar de velocidade. Os outros dois animais eram robustos o suficiente, mas não havia nada a ser dito sobre eles além disso.

“Entre com as bênçãos da Luz,” Surlivan disse, curvando-se levemente. O arco da mulher Seanchan de sua sela era um espelho dela. “As bênçãos da Luz estejam com você também,” ela falou lentamente, e os três entraram no pátio do estábulo.

“É muito estranho,” Surlivan meditou, olhando atrás dos três. “Eles sempre pedem permissão a nós, não a eles.” Ele apontou sua vara para os guardas Seanchan do outro lado dos portões. Eles não se mexeram um centímetro de sua postura rígida, ou sequer olharam para as chegadas, pelo que Mat notou. “E o que eles fariam se você

disse que eles não poderiam entrar?” Noal perguntou baixinho, soltando o pacote nas costas.

Surlivan girou nos calcanhares. “Basta que eu tenha prestado juramento à minha rainha,” ele disse em uma voz inexpressiva, “e ela prestou o dela... onde quer que seja. Dê uma cama ao seu amigo, meu Senhor. E avise-o, há coisas que é melhor não serem ditas em Ebou Dar, perguntas que é melhor não serem feitas.” Noal pareceu confuso e começou a protestar que estava apenas curioso, mas Mat trocou mais bençãos e cortesias com o oficial altarano — o mais rápido que pôde, com certeza — e empurrou seu recém-conhecido pelos portões, explicando sobre os Ouvintes em voz baixa. O homem poderia ter salvado seu couro do *gholam*, mas isso não significava que ele deixaria o sujeito entregá-lo aos Seanchan. Eles tinham pessoas chamadas de Buscadores também, e pelo pouco que ele tinha ouvido — até mesmo as pessoas que falavam livremente sobre a Guarda da Morte travavam os dentes quando se tratava dos Buscadores — pelo pouco que ele tinha ouvido, Buscadores faziam os Questionadores dos Manto Branco parecerem moscas atormentadoras: desagradáveis, mas quase nada para preocupar um homem.

“Entendo,” o velho disse lentamente. “Eu não sabia disso.” Ele parecia irritado consigo mesmo. “Você deve passar muito tempo com os Seanchan. Você conhece a Grã-Senhora Suroth também, então? Devo dizer que não fazia ideia de que você tinha conexões tão altas.”

“Passo tempo com soldados em tavernas, quando posso”, respondeu Mat azedamente. Quando Tyiin deixava. Luz, ele poderia muito bem ser casado! “Suroth não sabe que estou vivo.” E ele esperava devotadamente que continuasse assim.

Os três Seanchan já estavam fora de vista, seus cavalos sendo conduzidos para os estábulos, mas várias dúzias de *sul'dam* estavam com as *damane* praticando seu exercício noturno, andando com elas em um grande círculo ao redor do pátio pavimentado de pedra. Quase metade das *damane* vestidas de cinza eram mulheres de pele escura, sem as joias que usavam quando eram Chamadoras de Vento. Havia mais como elas no Palácio e em outros lugares; os Seanchan tiveram uma rica colheita de navios do Povo do Mar que não conseguiram

escapar. A maioria tinha uma resignação carrancuda ou rostos empedernidos, mas sete ou oito olhavam à frente, perdidas e confusas, ainda incrédulas. Cada uma delas tinha uma *damane* nascida Seanchan ao seu lado, segurando sua mão ou com um braço em volta dela, sorrindo e sussurrando para ela sob os olhos aprovadores das mulheres que usavam as pulseiras presas em seus colares prateados. Algumas daquelas mulheres atordoadas agarravam a *damane* andando, com elas como se estivessem segurando cordas de salvamento. Teria sido o suficiente para fazer Mat estremecer, se suas roupas úmidas já não estivessem fazendo o trabalho.

Ele tentou apressar Noal pelo pátio, mas o círculo trouxe uma *damane* que não era nem Seanchan nem Atha'an Miere para perto dele, ligada a uma *sul'dam* gorducha e grisalha, uma mulher de pele morena que poderia ter passado por altarana e mãe de alguém. Uma mãe severa com uma criança possivelmente rebelde, pelo modo como ela encarava sua responsabilidade. Teslyn Baradon tinha se desenvolvido depois de um mês e meio no cativeiro dos Seanchan, mas seu rosto sem idade ainda parecia como se ela comesse urzes três refeições por dia. Por outro lado, ela andou placidamente na coleira e obedeceu sem hesitação às instruções murmuradas da *sul'dam*, parando para se curvar profundamente para ele e Noal. Por um instante, porém, seus olhos escuros lançaram ódio para ele antes que ela e a *sul'dam* continuassem seu circuito pelo estábulo. Placidamente, obedientemente. Ele tinha visto *damane* viradas e castigadas até que elas uivassem neste mesmo estábulo por fazer qualquer tipo de confusão, Teslyn entre elas. Ela não tinha feito nada bom para ele, e talvez um pouco ruim, mas ele não teria desejado isso para ela. "Melhor do que estar morto, suponho", ele murmurou, seguindo em frente. Teslyn era uma mulher dura, provavelmente planejando a cada momento como escapar, mas a dureza só levava você até certo ponto. A Mestra dos Navios e seu Mestre das Lâminas morreram na fogueira sem nunca gritar, mas isso não os salvou.

"Você acredita nisso?" Noal perguntou distraidamente, atrapalhando-se desajeitadamente com seu pacote novamente. Suas

mãos quebradas haviam manuseado bem aquela faca, mas pareciam desajeitadas em todo o resto.

Mat franziu a testa para ele. Não; ele não tinha certeza se acreditava nisso. Aqueles *a'dam* de prata pareciam muito com o colar invisível que Tylin tinha nele. Então, novamente, Tylin poderia fazer cócegas no queixo dele pelo resto de sua vida se isso o mantivesse fora da estaca. Luz, ele desejou que aqueles malditos dados em sua cabeça parassem e acabassem com isso! Não, isso era uma mentira. Desde que ele finalmente percebeu o que eles significavam, ele nunca quis que os dados parassem.

O quarto que Chel Vanin e os Braços Vermelhos sobreviventes dividiam não ficava longe dos estábulos, uma longa câmara rebocada de branco com teto baixo e muitas camas para aqueles que permaneceram vivos. Vanin, um montão calvo, estava deitado em uma em mangas de camisa, um livro aberto apoiado no peito. Mat ficou surpreso que o homem pudesse ler. Cuspindo por uma fresta em seus dentes, Vanin olhou para as roupas sujas de lama de Mat. "Você esteve lutando de novo?" ele perguntou. "Ela não vai gostar disso, eu acho." Ele não se levantou. Com algumas surpreendentes exceções, Vanin se considerava tão bom quanto qualquer lorde ou dama.

"Problemas, Lorde Mat?" Harnan rosnou, saltando para seus pés. Ele era um homem sólido, fisicamente e no temperamento, mas sua mandíbula pesada apertou, torcendo o falcão grosseiramente tatuado em sua bochecha. "Desculpe, mas você não está em condições para isso. Diga-nos como ele se parece, e nós resolveremos para você." Os três últimos se reuniram atrás dele com expressões ansiosas, dois agarrando seus casacos enquanto ainda enfiavam as camisas para dentro. Metwyn, um cairhieno com aparência de menino que era dez anos mais velho que Mat, em vez disso pegou sua espada de onde estava apoiada ao pé de sua cama e tirou um pouco da lâmina da bainha para verificar o fio. Ele era o melhor deles com uma espada, muito bom mesmo, embora Gorderan chegasse perto, por mais que parecesse um ferreiro. Gorderan não era tão lento quanto seus ombros grossos o faziam parecer. Uma dúzia de Braços Vermelhos seguiram Mat Cauthon até Ebou Dar, oito deles estavam mortos, e o resto estava

preso aqui no palácio, onde não podiam beliscar as empregadas, entrar em uma briga por dados e beber até cair de cara, como eles poderiam ter ficado em uma estalagem e sabendo que o estalajadeiro os veria sendo carregados para suas camas, embora talvez com suas bolsas um pouco mais leves do que antes. "Noal aqui pode lhe dizer o que aconteceu melhor do que eu", respondeu Mat, empurrando o chapéu para trás na cabeça. "Ele vai se deitar aqui com vocês. Ele salvou minha vida esta noite." Isso trouxe exclamações de choque e gritos de aprovação para Noal, sem falar nos tapas nas costas que quase derrubaram o velho. Vanin chegou ao ponto de marcar seu lugar no livro com um dedo gordo e se sentar na lateral de seu colchão fino.

Colocando sua trouxa em uma cama vazia, Noal contou a história com gestos elaborados, minimizando seu próprio papel e até se tornando um palhaço, escorregando na lama e olhando boquiaberto para o *gholam* enquanto Mat lutava como um campeão. O homem era um contador de histórias nato, tão bom quanto um trovador por fazer você ver o que ele descrevia. Harnan e os Braços Vermelhos riram alegremente, sabendo o que ele estava fazendo, não roubando o trovão de seu capitão, e aprovando isso, mas o riso morreu quando ele chegou ao atacante de Mat escapando por um pequeno buraco na parede. Ele fez você ver isso também. Vanin largou o livro e cuspiu entre os dentes novamente. O *gholam* havia deixado Vanin e Harnan semimortos no Rahad. Meio mortos porque estava atrás de outra presa.

"A coisa me quer por algum motivo, parece," Mat disse levemente quando o velho terminou e afundou na cama com seus pertences, aparentemente exausto. "Provavelmente jogou dados comigo em algum momento que não me lembro. Nenhum de vocês precisa se preocupar, contanto que não fiquem entre aquilo e eu. Ele sorriu, tentando fazer de tudo uma piada, mas ninguém sorriu. "De qualquer forma, vou distribuir o ouro para vocês pela manhã. Vocês reservarão a passagem no primeiro navio que partirá para Illian e levarão Olver com vocês. Thom e Juilin também, se eles forem. Ele imaginou que o apanhador de ladrões iria, de qualquer maneira. "E Nerim e Lopin, é claro." Ele tinha se acostumado a ter um par de servos cuidando dele,

mas dificilmente precisava deles aqui. “Talmanes deve estar em algum lugar perto de Caemlyn neste momento. Vocês não devem ter muita dificuldade em encontrá-lo.” Quando eles se fossem, ele ficaria sozinho com Tylin. Luz, ele preferiria enfrentar o *gholam* novamente!

Harnan e os outros três Braços Vermelhos trocaram olhares, Fergin coçando a cabeça por não entender muito bem. Ele podia não entender. O homem ossudo era um bom soldado — não o melhor, veja bem, mas bom o suficiente —, mas não era muito inteligente quando se tratava de outras coisas.

“Isso não seria certo”, Harnan finalmente se permitiu. “Em primeiro lugar, o Lorde Talmanes arrancaria nossas peles se voltássemos sem você.” Os outros três assentiram. Fergin podia entender isso.

“E você, Vanin?” perguntou Mat.

O gordo deu de ombros. “Eu tiro aquele garoto de Riselle, e ele vai me estripar como uma truta na primeira vez que eu for dormir. Eu também faria isso, no lugar dele. Enfim, eu tenho tempo para ler aqui. Não tenho muita chance de trabalhar como ferrador.” Esse era um dos ofícios itinerantes que ele dizia seguir. O outro era cavaliço. Na verdade, ele era um ladrão de cavalos e caçador furtivo, o melhor em dois países e talvez mais.

“Vocês estão todos loucos”, disse Mat com uma carranca. “Só porque ele me quer, não significa que não vai te matar se você ficar no caminho. A oferta permanece aberta. Qualquer um que caia em si pode ir.”

“Eu já vi seu tipo antes”, disse Noal de repente. O velho curvado era a imagem da dura idade e da exaustão, mas seus olhos estavam brilhantes e afiados estudando Mat. “Alguns homens têm um ar que faz com que outros homens sigam onde eles lideram. Alguns levam à devastação, outros à glória. Acho que seu nome pode entrar nos livros de história.”

Harnan parecia tão confuso quanto Fergin. Vanin cuspiu e se deitou, abrindo seu livro.

“Se toda a minha sorte for embora, talvez,” Mat murmurou. Ele sabia o que era preciso para entrar nas histórias. Um homem poderia ser morto, fazendo esse tipo de coisa.

"Melhor se limpar antes que ela te veja," Fergin saltou de repente. "Toda essa lama vai colocar um carrapicho debaixo da sela dela, com certeza."

Tirando o chapéu com raiva, Mat saiu sem dizer uma palavra. Bem, ele seguiu o melhor que pôde, mancando em um cajado. Antes que a porta se fechasse atrás dele, ele ouviu Noal começando uma história sobre uma vez que ele navegou em um navio do Povo do Mar e aprendeu a se banhar em água fria e salgada. Pelo menos, foi assim que começou. Ele pretendia se limpar antes que Tylin o visse — ele pretendia — mas, enquanto mancava pelos Corredores, pendurava as tapeçarias floridas que os eboudarianos chamavam de arte de verão, pela estação que evocavam, quatro servos com a libré verde e branca do palácio e nada menos que sete empregadas sugeriram que ele poderia tomar banho e trocar de roupa antes que a rainha o visse, oferecendo-se para preparar um banho e buscar roupas limpas sem que ela soubesse. Eles não sabiam tudo sobre ele e Tylin, graças à Luz — ninguém além de Tylin e ele mesmo sabiam as piores partes —, mas eles sabiam demais. Pior, eles aprovavam, cada servo maldito em todo o maldito Palácio Tarasin. Por um lado, Tylin era a Rainha e podia fazer o que quisesse, no que lhes dizia respeito. Por outro lado, seu temperamento estava no fio da navalha desde que os Seanchan capturaram a cidade, e se Mat Cauthon se esfregasse e brilhasse em renda a impedisse de quebrar seus narizes por ninharias, então eles esfregariam atrás de suas orelhas e o envolveriam em rendas como um presente de domingo!

"Lama?" ele disse para uma empregada bonita e sorridente espalhando suas saias em uma reverência. Havia um brilho em seus olhos escuros, e o decote profundo de seu corpete exibia uma quantidade razoável de seios quase rivalizando com os de Riselle. Em outro dia, ele poderia ter tirado um tempinho para gostar de olhar. "Que lama? Não vejo lama!" Sua boca caiu aberta, e ela esqueceu de se endireitar, olhando para ele com os joelhos dobrados enquanto ele mancava para longe.

Juilin Sandar, virando uma esquina rapidamente, quase esbarrou nele. O apanhador de ladrões taireno saltou para trás com um palavrão

abafado, seu rosto moreno ficando cinza até que percebeu quem quase o atropelou. Então ele murmurou um pedido de desculpas e começou a se apressar.

“Thom te convenceu de sua tolice, Juilin?” disse Mat. Juilin e Thom dividiam um quarto no fundo dos aposentos dos criados, e não havia desculpa para ele estar aqui. Com aquele casaco tairino escuro, esvoaçando sobre as botas, Juilin se destacava entre os criados como um pato em um galinheiro. Suroth era rigorosa com coisas assim, mais rígida que Tylin. A única razão para isso que Mat podia ver era com o que Thom e Beslan estavam se metendo. “Não; não se preocupe em me dizer. Fiz uma oferta para Harnan e os outros, e está aberta para você também. Se você quiser sair, eu lhe darei o dinheiro para isso.”

Na verdade, Juilin não parecia pronto para lhe dizer nada. O apanhador de ladrões enfiou os polegares atrás do cinto e encontrou o olhar de Mat. “O que Harnan e os outros disseram? E o que Thom está fazendo que você chama de tolo? Este é um conjunto de telhados que ele conhece melhor do que você ou eu.”

“O *gholam* ainda está em Ebou Dar, Juilin.” Thom sabia que o Jogo das Casas era o que ele conhecia e adorava meter o nariz na política. “A coisa tentou me matar esta noite.”

Juilin grunhiu como se tivesse sido atingido na boca do estômago, e passou a mão pelo cabelo preto curto. “Tenho um motivo para ficar mais um pouco”, disse ele, “mesmo assim”. Seu ar mudou ligeiramente, para algo teimoso e defensivo e tingido de culpa. Ele nunca tinha mostrado um olhar errante que Mat tinha visto, mas quando um homem parecia assim, só podia significar uma coisa.

“Leve-a com você”, disse Mat. “E se ela não for, bem, você não estará em Tear uma hora antes de ter uma mulher em cada joelho. Essa é a coisa sobre as mulheres, Juilin. Se uma disser não, sempre há outra que dirá sim.”

Um criado que passava correndo com uma braçada de toalhas de linho olhou espantado para a lama de Mat, mas Juilin achou que era para ele, tirou os polegares do cinto e tentou adotar uma postura mais humilde. Sem muito sucesso. Thom poderia dormir com os criados, mas desde o início, ele de alguma forma fez parecer que era sua

própria escolha, uma excentricidade, e ninguém achou estranho vê-lo aqui em cima, talvez entrando nos aposentos de Riselle que um dia foram de Mat. Juilin falou longamente sobre ser um apanhador de ladrões — nunca um caçador de ladrões — e encarou tantos fidalgos espinhosos e mercadores complacentes para mostrar que ele era tão bom quanto eles, que todos no Palácio sabiam quem e o que ele era. E onde ele deveria estar, que era embaixo.

"Meu Senhor é sábio", disse ele, muito alto, e fazendo uma reverência dura e brusca. "Meu Senhor sabe tudo sobre as mulheres. Se meu Senhor perdoar um homem humilde, devo retornar ao meu lugar". Virando-se para sair, ele falou por cima do ombro, ainda com uma voz carregada. "Ouvi hoje que se meu Senhor voltar mais uma vez parecendo que foi arrastado na rua, a Rainha pretende dar uma chicotada na pessoa de meu Senhor." E essa foi a pedra que partiu a carroça em duas. Abrindo as portas dos aposentos de Tylin, Mat entrou a passos largos, jogou seu chapéu pela largura da sala... E parou, sua boca aberta e tudo o que ele planejava dizer congelado em sua língua. Seu chapéu bateu nos tapetes e rolou, ele não viu para onde. Uma rajada de vento sacudiu as altas janelas de três arcos que davam para uma varanda comprida e telada com vista para o Mol Hara. Tylin se virou em uma cadeira esculpida para parecer bambu dourado e olhou para ele por cima de sua taça de vinho dourada. Ondas de cabelo preto brilhante com toques grisalhos nas têmporas emolduravam um belo rosto com olhos de ave de rapina, e não muito satisfeito no momento. Coisas inconsequentes pareciam saltar para ele. Ela chutou levemente a perna cruzada, ondulando anáguas verdes e brancas em camadas. Renda verde-clara recortava a abertura oval de seu vestido que expunha parcialmente seus seios fartos, onde pendia o cabo cravejado de joias de sua faca de casamento. Ela não estava sozinha. Suroth estava sentada de frente para ela, franzindo a testa em sua taça de vinho e batendo as unhas compridas no braço de sua cadeira, uma mulher bonita o suficiente, apesar de seu cabelo ser raspado naquela longa crista, exceto que ela fazia Tylin parecer um coelho em comparação. Duas dessas unhas em cada mão eram pintadas de azul. Sentada ao seu lado estava uma garotinha, de todas as coisas,

também em um roupão elaboradamente florido sobre saias brancas plissadas, mas com um véu transparente cobrindo toda a cabeça — parecia estar completamente raspada! — e usando uma fortuna em rubis.

Mesmo em estado de choque, ele notou rubis e ouro. Uma mulher esbelta, quase tão escura quanto seu vestido preto, e alta, mesmo se fosse Aiel, estava atrás da cadeira da garota com os braços cruzados e impaciência mal disfarçada. Seu cabelo preto ondulado era curto, mas não raspado, então ela não era nem do Sangue nem *so'jhin*. Imperiosamente bela, ela colocou Tylin e Suroth na sombra. Ele também notava mulheres bonitas, mesmo quando se sentia atingido na cabeça por um martelo. No entanto, não foi a presença de Suroth ou das estranhas que o fez parar. Os dados pararam, caindo com um trovão que fez seu crânio ressoar. Isso nunca tinha acontecido antes. Ficou ali esperando que um dos Abandonados saltasse das chamas da lareira de mármore, ou que a terra engolissem o Palácio abaixo dele.

"Você não está me ouvindo, pombo," Tylin murmurou em tons perigosos. "Eu disse, vá até a cozinha e coma um bolo até que eu tenha tempo para você. Tome um banho enquanto isso." Seus olhos escuros brilharam. "Vamos discutir sua lama mais tarde."

Atordado, ele passou de novo em sua cabeça. Ele entrou na sala, os dados pararam e... Nada aconteceu. Nada! "Este homem foi atacado", disse a pequena figura velada, levantando-se. Seu tom ficou frio como o vento lá fora. "Você me disse que as ruas eram seguras, Suroth! Estou descontente."

Alguma coisa tinha que acontecer! Já deveria ter acontecido! Algo sempre acontecia quando os dados paravam.

"Eu lhe asseguro, Tuon, as ruas de Ebou Dar são tão seguras quanto as ruas de Seandar", respondeu Suroth, e isso tirou Mat de seu estupor. Ela parecia... ansiosa. Suroth deixava outras pessoas ansiosas. Um jovem esguio e gracioso com o manto quase transparente de um *da'covale* apareceu ao lado dela com um jarro alto de porcelana azul, inclinando a cabeça e oferecendo-se silenciosamente para reabastecer seu vinho. E dando a Mat outro começo. Ele não tinha percebido que mais alguém estava presente na

sala. O homem de cabelos louros em sua roupa indecente também não era o único. Uma mulher ruiva esbelta, mas bem arredondada, usando o mesmo manto transparente, estava ajoelhada ao lado de uma mesa que continha garrafas de especiarias e mais jarras de porcelana do povo do mar e um pequeno braseiro de latão dourado com os atizadores necessários para aquecer o vinho, enquanto uma criada grisalha de olhos nervosos vestindo a libré verde e branca da Casa Mitsobar estava na outra extremidade. E em um canto, tão imóvel que ele ainda quase a perdeu, mais uma Seanchan, uma mulher baixa com metade da cabeça dourada raspada e um busto que poderia superar o de Riselle se seu vestido de babados vermelho e amarelo não cobrisse seu pescoço até o queixo. Não que ele tivesse algum desejo real de descobrir. Seanchan eram muito sensíveis sobre suas *so'jhin*. Tylin era sensível a qualquer mulher. Não havia uma criada mais jovem do que sua avó em seus aposentos desde que ele conseguiu sair da cama.

Suroth olhou para o homem gracioso como se estivesse se perguntando o que ele era, então balançou a cabeça em silêncio e voltou sua atenção para a criança, Tuon, que acenou para que o sujeito se afastasse. A criada de libré correu para pegar a jarra dele e tentar encher a xícara de Tylin, mas a rainha fez um gesto muito pequeno que a mandou de volta para a parede. Tylin estava sentado muito, muito quieta. Não é de admirar que ela quisesse evitar ser notada se esta Tuon assustava Suroth, como ela claramente fazia.

“Estou descontente, Suroth,” a garota disse novamente, franzindo a testa severamente para a outra mulher. Mesmo de pé, ela não tinha muito para baixo para olhar para a Alta Dama sentada. Mat supôs que ela também devia ser uma Alta Dama, só que Superior a Suroth. “Você se recuperou muito, e isso agradará à Imperatriz, que ela viva para sempre, mas seu ataque imprudente ao leste foi um desastre que não deve ser repetido. E se as ruas desta cidade são seguras, como ele pode ter sido atacado?”

Os nós dos dedos de Suroth estavam brancos de tanto segurar o braço da cadeira e sua taça de vinho. Ela olhou para Tylin como se a reprimenda fosse culpa dela, e Tylin lhe deu um sorriso de desculpas e inclinou a cabeça. Ah, sangue e cinzas, ele ia pagar por isso!

“Eu caí, isso é tudo.” Sua voz poderia muito bem ser fogos de artifício pela forma como as cabeças giraram. Suroth e Tuon pareciam chocados por ele ter falado. Tylin parecia uma águia que queria seu coelho frito. “Minhas senhoras”, acrescentou, mas isso não parecia melhorar nada.

A mulher alta de repente estendeu a mão e arrancou a taça de vinho da mão de Tuon, jogando-a na lareira. Faíscas cobriram a chaminé. A serva se mexeu para recuperar a xícara antes que pudesse ser danificada ainda mais, então se acalmou com um toque do *so'jhin*.

“Você está sendo tola, Tuon”, disse a mulher alta, e sua voz fez a severidade da garota parecer riso. O sotaque muito familiar de Seanchan parecia quase totalmente ausente. “Suroth tem a situação aqui sob controle. O que aconteceu a leste pode acontecer em qualquer batalha. Você deve parar de perder tempo com ninharias ridículas.”

Suroth ficou boquiaberta para ela por um instante antes que ela pudesse assumir uma máscara congelada. Mat ficou um pouco boquiaberto de sua parte. Use esse tom de voz para um dos Sangue, e você terá sorte de escapar com apenas uma ida ao posto de açoitamento! Surpreendentemente, Tuon inclinou a cabeça ligeiramente. “Você pode estar certa, Anath,” ela disse calmamente, e até mesmo com um toque de deferência. “O tempo e os presságios dirão. Mas o jovem claramente está mentindo. Talvez ele tema a raiva de Tylin. Mas seus ferimentos claramente são mais do que ele poderia suportar caindo, a menos que haja penhascos na cidade que eu não tenha visto.”

Então ele temia a raiva de Tylin, não é? Bem, sobre isso, ele temia, um pouco. Só um pouco, veja. Mas ele não gostou de ser lembrado disso. Apoiando-se em seu bastão na altura dos ombros, ele tentou ficar confortável. Afinal, elas poderiam pedir a um homem que se sentasse. “Fui machucado no dia em que seus rapazes tomaram a cidade”, disse ele com seu sorriso mais atrevido. “Seu grupo estava lançando relâmpagos e bolas de fogo, algo feroz. Estou quase curado, porém, obrigado por perguntar.” Tylin enterrou o rosto em sua taça de

vinho, e ainda conseguiu lançar a ele um olhar por cima da borda que prometia retribuição mais tarde.

As saias de Tuon farfalharam quando ela cruzou os tapetes até ele. O rosto escuro por trás daquele véu transparente poderia ser bonito, sem a expressão de um juiz sentenciando à morte. E com uma cabeleira decente em vez de uma careca. Seus olhos eram grandes e líquidos, mas totalmente impessoais. Todas as outras unhas compridas estavam pintadas, ele notou, de um vermelho vivo. Ele se perguntou se isso significava alguma coisa.

Luz, um homem poderia viver no luxo por anos com o preço desses rubis.

Ela estendeu uma mão, colocando as pontas dos dedos sob o queixo dele, e ele começou a recuar. Até que Tylin olhou para ele por cima da cabeça de Tuon, prometendo retribuição aqui e agora, se ele fizesse algo assim. Carrancudo, ele deixou a garota mudar a cabeça para seu estudo.

"Você lutou contra nós?" ela exigiu. "Você fez os juramentos?"

"Eu jurei", ele murmurou. "Sobre o resto, não tive chance."

"Então você teria", ela murmurou. Circulando-o lentamente, ela continuou seu estudo, tocando a renda em seu pulso, tocando o lenço de seda preto amarrado em seu pescoço, levantando a borda de sua capa para examinar o bordado. Ele aguentou, recusando-se a mudar sua postura, carrancudo para combinar com Tylin. Luz, ele havia comprado cavalos sem um exame tão minucioso! Em seguida, ela iria querer olhar para os dentes dele!

"O menino lhe contou como ele foi ferido," Anath disse em tom gelado de comando. "Se você o quiser, compre-o e pronto. O dia foi longo e você deveria estar na sua cama."

Tuon fez uma pausa, examinando o longo anel de sinete em seu dedo. Tinha sido esculpido como um tripé, para mostrar as habilidades do escultor, uma raposa correndo e dois corvos em voo, todos cercados por luas crescentes, e ele o comprara por acaso, embora tivesse gostado. Ele se perguntou se ela queria isso. Endireitando-se, ela olhou para o rosto dele. "Bom conselho, Anath," ela disse. "Quanto por ele, Tylin? Se ele é um favorito, diga seu preço e eu dobro." Tylin

engasgou com o vinho e começou a tossir. Mat quase caiu do cajado. A garota queria comprá-lo? Bem, ela poderia muito bem estar olhando para um cavalo por toda a expressão em seu rosto.

“Ele é um homem livre, Alta Dama,” Tylin disse instável quando ela conseguiu falar. “Eu... eu não posso vendê-lo.” Mat poderia ter rido, se Tylin não soasse como se estivesse tentando evitar que seus dentes batessem, se a maldita Tuon não tivesse acabado de perguntar o preço. Um homem livre! Ah!

A garota se afastou dele como se o dispensasse de sua mente. “Você está com medo, Tylin, e sob a Luz, você não deveria estar.” Deslizando para a cadeira de Tylin, ela levantou o véu com as duas mãos, expondo a metade inferior do rosto, e se inclinou para beijar Tylin levemente, uma vez em cada olho e outra nos lábios. Tylin parecia surpresa. “Você é uma irmã para mim e para Suroth,” Tuon disse em uma voz surpreendentemente mansa. “Eu mesma escreverei seu nome como um dos Sangue. Você será a Alta Dama Tylin, assim como a Rainha de Altara, e mais, como foi prometido a você.” Anath bufou, alto.

“Sim, Anath, eu sei,” a garota suspirou, endireitando e abaixando o véu. “O dia foi longo e árduo, e estou cansada. Mas vou mostrar a Tylin quais terras estão em mente para ela, para que ela saiba e fique tranquila em sua mente. Há mapas em meus aposentos, Tylin. Você vai me honrar me acompanhando até lá? Tenho excelentes massagistas.”

“A honra é minha,” disse Tylin, soando não muito mais firme do que antes.

A um gesto da *so'jhin*, o homem de cabelos louros correu para abrir a porta e se ajoelhou segurando-a aberta, mas ainda havia todo o alisamento e ajuste de roupas que as mulheres tinham que fazer antes de irem a qualquer lugar, Seanchan ou altaranas ou de qualquer outro lugar. No entanto, a *da'covale* ruiva desempenhou a função para Tuon e Suroth. Mat aproveitou a oportunidade para chamar Tylin um pouco de lado, longe o suficiente para que ele não fosse ouvido. Os olhos azuis da *so'jhin* continuavam voltando para ele, ele percebeu, mas pelo menos Tuon, aceitando as atenções da esbelta mulher *da'covale*, parecia ter esquecido que ele existia. “Eu não só caí,” ele disse a Tylin

suavemente. “O *gholam* tentou me matar não muito mais do que uma hora atrás. Talvez fosse melhor se eu saísse. Essa coisa me quer, e vai matar qualquer um perto de mim também.” O plano acabara de lhe ocorrer, mas ele achava que tinha uma boa chance de sucesso.

Tylin fungou. “Ele — aquilo — não pode ter você, leitão.” Ela dirigiu um olhar para Tuon que poderia ter feito a garota esquecer que Tylin era uma irmã se ela tivesse visto. “E ela também não.” Pelo menos ela teve bom senso o suficiente para sussurrar.

“Quem é ela?” ele perguntou. Bem, nunca tinha sido mais do que uma chance.

“A Alta Dama Tuon, e você sabe tanto quanto eu,” Tylin respondeu, com a mesma calma. “Suroth pula quando ela fala, e pula quando Anath fala, embora eu quase jurasse que Anath é algum tipo de serva. Eles são um povo muito peculiar, querido.” De repente, ela tirou um pouco de lama da bochecha dele com um dedo. Ele não tinha percebido que tinha lama no rosto também. De repente, a águia era forte em seus olhos. “Você se lembra das fitas cor-de-rosa, querido? Quando eu voltar, veremos como você fica de rosa.”

Ela saiu da sala com Tuon e Suroth, seguida por Anath, a *so’jhin* e os *da’covale*, deixando Mat com a empregada que começou a limpar a mesa de vinho. Ele afundou em uma das cadeiras de bambu esculpido e descansou a cabeça nas mãos.

Em qualquer outro momento, aquelas fitas cor-de-rosa o fariam balbuciar. Ele nunca deveria ter tentado se vingar dela. Mesmo o *gholam* não ocupava muito de seus pensamentos. Os dados pararam e... O quê? Ele ficou cara a cara, ou perto o suficiente, com três pessoas que não conhecia antes, mas não podia ser isso. Talvez fosse algo a ver com Tylin se tornando um dos Sangue. Mas sempre antes, quando os dados paravam, algo havia acontecido com ele, pessoalmente.

Ele ficou ali se preocupando com isso enquanto a serva chamava outras pessoas para levar tudo embora, ficou ali sentado até Tylin voltar. Ela não tinha esquecido as fitas cor-de-rosa, e isso o fez esquecer de qualquer outra coisa por um bom tempo.

Capítulo 18

Uma Oferta

Os dias depois que o *gholam* tentou matá-lo se estabeleceram em ritmos que irritaram Mat sem fim. O céu cinza nunca se alterou, exceto para dar chuva ou não. Falou-se nas ruas de um homem sendo morto por um lobo não muito longe da cidade, sua garganta rasgada. Ninguém estava preocupado, apenas curioso; lobos não eram vistos perto de Ebou Dar há anos. Mat estava preocupado. As pessoas da cidade podem acreditar que um lobo chegaria tão perto das muralhas da cidade, mas ele era mais esperto. O *gholam* não tinha ido embora. Harnan e os outros Braços Vermelhos se recusaram teimosamente a sair, alegando que podiam cuidar dele, e Vanin recusou sem motivos, a menos que um comentário murmurado de que Mat tinha um bom olho para cavalos velozes fosse um. Ele cuspiu depois de dizer isso, no entanto. Riselle, seu rosto moreno bonito o suficiente para fazer um homem engolir, seus grandes olhos escuros sabendo o suficiente para secar sua língua, perguntou sobre a idade de Olver, e quando ele disse perto de dez, ela pareceu surpresa e bateu os lábios cheios pensativamente, mas se ela mudasse alguma coisa nas aulas do menino, ele ainda saía delas borbulhando igualmente sobre o peito dela e os livros que ela lia para ele. Mat pensou que Olver quase teria desistido de seus jogos noturnos de Cobras e Raposas por Riselle e os livros. E quando o rapaz corria para fora dos aposentos que um dia haviam sido de Mat, Thom muitas vezes entrava com sua harpa debaixo do braço. Por si só, isso era o suficiente para fazer Mat ranger os dentes, só que não era nem a metade. Thom e Beslan frequentemente saíam juntos, sem convidá-lo, e passavam metade do dia ou metade da noite fora. Nenhum dos dois disse mais uma palavra sobre seus esquemas, embora Thom tivesse a graça de parecer envergonhado. Mat esperava que eles não matassem pessoas por nada, mas eles mostraram pouco interesse em suas opiniões. Beslan olhava com raiva ao vê-lo. Juilin continuou a escorregar escada acima e foi visto por Suroth, o que lhe rendeu uma chicotada pendurado pelos pulsos em um poste nos estábulos. Mat viu Vanin cuidar de seus

vergões — o homem alegou que cuidar de homens era o mesmo que cuidar de cavalos — e o avisou que poderia ser pior da próxima vez, mas o idiota estava de volta aos andares superiores naquela mesma noite, ainda estremecendo com o peso de seu corpo e da camisa nas costas. Tinha que ser uma mulher, embora o apanhador de ladrões se recusasse a dizer. Mat suspeitava de uma das nobres Seanchan. Uma das criadas do Palácio poderia tê-lo encontrado em seu próprio quarto, com Thom sempre fora dele.

Não era Suroth ou Tuon, com certeza, mas elas não eram as únicas Seanchan de Sangue Alto no Palácio. A maioria dos nobres Seanchan alugava quartos, ou mais frequentemente casas inteiras, na cidade, mas vários tinham vindo com Suroth e um punhado com a garota também. Mais de uma das mulheres parecia um tanto agradável, apesar de suas cabeças cheias de cristas e sua maneira de encarar todo mundo sem as têmporas raspadas. Se elas os notassem mais do que aos móveis, quer dizer. Se parecia improvável que uma daquelas mulheres arrogantes olhasse duas vezes para um homem que dormia nos aposentos dos criados, bem, a Luz sabia que as mulheres tinham gostos peculiares para os homens. Ele não teve escolha a não ser deixar Juilin em paz. Quem quer que fosse a mulher, ela ainda poderia decapitar o apanhador de ladrões, mas esse tipo de febre tinha que se esgotar antes que um homem pudesse pensar direito. As mulheres faziam coisas estranhas na cabeça de um homem.

Os navios recém-chegados despejaram pessoas, animais e carga por dias a fio, o suficiente para que as enormes muralhas da cidade tivessem explodido por dentro se todos tivessem ficado, mas fluíram pela cidade e para o campo com suas famílias e seus ofícios e seu gado, preparados para criar raízes. Os soldados também passaram aos milhares, infantaria e cavalaria bem ordenadas com o talento dos veteranos, movendo-se para o norte em armaduras de cores vivas e para o leste do outro lado do rio. Mat desistiu de contá-los. Às vezes ele via criaturas estranhas, embora a maioria delas fosse descarregadas acima da cidade para evitar as ruas. *Torm*, como gatos de escamas de bronze com três olhos e do tamanho de cavalos, deixando a maioria dos cavalos reais ao seu redor em um frenesi

apenas por sua presença, e *corim*, como pássaros peludos sem asas tão altos quanto um homem, orelhas altas se contorcendo constantemente e bicos longos parecendo ansiar por carne para comer e enormes *s'redit* com seus narizes compridos e presas mais compridas. *Raken* e os *to'raken* maiores voaram de seu local de pouso abaixo do Rahad, enormes lagartos abrindo asas como morcegos e carregando homens nas costas. Os nomes eram fáceis de entender; qualquer soldado Seanchan estava ansioso para discutir a necessidade de batedores em *raken* e as habilidades dos *corim* em rastreamento, se *s'redit* era útil para mais do que mover cargas pesadas e inteligentes demais para confiar. Ele aprendeu muito interesse de homens que queriam o que a maioria dos soldados queria, uma bebida e uma mulher e um pouco de jogo, não necessariamente em uma determinada ordem. Esses soldados eram realmente veteranos. Seanchan era um Império maior do que todas as nações entre o Oceano Aryth e a Espinha do Mundo, todos sob uma Imperatriz, mas com uma história de rebeliões e revoltas quase constantes que mantinham as habilidades de seus soldados aguçadas. Os agricultores seriam mais difíceis de desenterrar.

Nem todos os soldados foram embora, é claro. Uma forte guarnição permaneceu, não apenas de Seanchan, mas lanceiros taraboneanos com véu de aço e lanceiros amadícios com seus peitorais pintados para se assemelhar à armadura dos Seanchan. E altaranos também, além dos armeiros da Casa de Tylin. De acordo com os Seanchan, os altaranos do interior, com barras vermelhas cruzando suas couraças, eram de Tylin tanto quanto os companheiros que guardavam o Palácio Tarasin, o que, estranhamente, não parecia mais agradá-la. Também não agradou muito aos camaradas do interior. Eles e os homens no verde e branco de Mitsobar se entreolharam como gatos estranhos em uma pequena sala. Havia muitos flagrantes acontecendo, taraboneanos em amadícios, amadícios em altaranos, e vice-versa, animosidades de longa data borbulhando para a superfície, mas ninguém foi além de punhos trêmulos e algumas maldições. Quinhentos homens dos Guardas Vigília da Morte saíram dos navios e permaneceram em Ebou Dar por algum motivo. O tipo comum de crime

esperado em qualquer cidade grande caiu drasticamente sob os Seanchan, mas os Guardas começaram a patrulhar as ruas como se esperassem que ladrões, valentões e talvez bandos de bandidos armados saltassem da calçada. Os altaranos, os amadícos e os taraboneanos mantiveram seus temperamentos controlados. Ninguém, a não ser um tolo, discutia com os Guardas Vigília da Morte, não mais de uma vez. E outro contingente de Guardas também se estabelecera na cidade, cem Ogier, entre todas as coisas, de vermelho e preto. Às vezes eles patrulhavam com os outros, e às vezes vagavam com seus machados de cabo longo nos ombros. Eles não eram nada parecidos com o amigo de Mat, Loial. Ah, eles tinham os mesmos narizes largos e orelhas em tufo e sobrancelhas compridas que caíam até as bochechas ao lado de olhos do tamanho de xícaras de chá, mas os Jardineiros olhavam para um homem como se estivessem se perguntando se ele precisava podar alguns membros. Ninguém foi tolo o suficiente para discutir nem uma vez com os Jardineiros.

Seanchan fluía de Ebou Dar, e as notícias fluíam. Mesmo quando tinham que dormir no sótão, os mercadores se enfeitavam nas salas comuns das estalagens, fumando seus cachimbos e contando o que sabiam que ninguém mais sabia. Desde que a revelação não afetasse seus lucros. Os guardas dos mercadores pouco se importavam com os lucros que não compartilhariam e contavam tudo, algumas verdades. Os marinheiros espalhavam histórias para quem quisesse comprar uma caneca de cerveja, ou melhor, vinho quente e temperado, e quando bebiam o suficiente, falavam ainda mais, dos portos que visitaram, dos eventos que testemunharam e provavelmente dos sonhos que tiveram. Depois da última vez, suas cabeças estavam cheias de fumaça. Ainda assim, estava claro que o mundo fora de Ebou Dar estava fervendo como o Mar de Tempestades. Contos de saques e incêndios de Aiel vieram de todos os lugares, e exércitos estavam em movimento além dos Seanchan, exércitos em Tear e Murandy, em Arad Doman e Andor, em Amadicia, que ainda não estava totalmente sob controle Seanchan, e dezenas de reuniões armadas pequenas demais para ser chamado de exército no coração de Altara. Exceto pelos homens em Altara e Amadicia, ninguém realmente parecia ter certeza

de quem pretendia lutar contra quem, e havia alguma dúvida sobre Altara. Os altaranos tinham um jeito de aproveitar os problemas para tentar pagar as queixas contra seus vizinhos.

A notícia que mais abalou a cidade, porém, foi de Rand. Mat fez o possível para não pensar nele, nem em Perrin, mas evitar aqueles estranhos redemoinhos de cor em sua cabeça era difícil quando o Dragão Renascido estava na boca de todos. O Dragão Renascido estava morto, diziam alguns, assassinado por Aes Sedai, por toda a Torre Branca que desceu imediatamente sobre ele em Cairhien, ou talvez em Illian, ou Tear. Não, elas o sequestraram, e ele estava preso na Torre Branca. Não, ele tinha ido sozinho à Torre Branca e jurado fidelidade ao Trono de Amyrlin. O último ganhou grande credibilidade porque vários homens afirmaram ter visto uma proclamação, assinada pela própria Elaida, que anunciava isso. Mat tinha suas dúvidas, sobre Rand estar morto ou jurar fidelidade, pelo menos. Por alguma estranha razão, ele tinha certeza de que saberia se Rand morresse, e quanto ao outro, ele não acreditava que o homem se colocaria a cem milhas da Torre Branca voluntariamente. Dragão Renascido ou não, ele tinha que ter mais juízo do que isso.

Essa notícia — todas as versões dela — agitou os Seanchan como uma vara agita um formigueiro. Oficiais de alto escalão percorriam os Salões do Palácio Tarasin a cada hora do dia e da noite, seus estranhos capacetes emplumados sob os braços, as botas ressoando no piso, os rostos fixos. Os mensageiros corriam para longe de Ebou Dar, em cavalos e em *to'raken*. *Sul'dam* e *damane* começaram a patrulhar as ruas em vez de apenas ficar de guarda nos portões, mais uma vez caçando mulheres que pudessem canalizar. Mat manteve-se fora do caminho dos oficiais e acenou educadamente para as *sul'dam* quando passou por um nas ruas. Qualquer que fosse a situação de Rand, ele não podia fazer nada a respeito em Ebou Dar. Primeiro, ele tinha que sair da cidade. Na manhã depois que o *gholam* tentou matá-lo, Mat queimou cada uma das longas fitas cor-de-rosa, todo o grande maço delas, na lareira, assim que Tylin deixou seus aposentos. Ele também queimou um casaco cor-de-rosa que ela havia feito para ele, dois pares de calças cor-de-rosa e uma capa cor-de-rosa. Um fedor de

lã queimada e seda encheu os aposentos, e ele abriu algumas janelas para deixá-lo sair, mas realmente não se importou. Ele sentiu um grande alívio vestindo-se com calças azuis brilhantes e casaco verde bordado, e uma capa azul com trabalhos dolorosamente ornamentados. Nem todas as rendas o incomodavam. Pelo menos nada era rosa. Ele nunca mais queria ver nada daquela cor em particular novamente!

Colocando o chapéu na cabeça, ele saiu do Palácio Tarasin com uma determinação renovada de encontrar aquele cubículo para guardar o que precisava para sua fuga, se tivesse que visitar todas as tavernas, pousadas e mergulhos dos marinheiros na cidade dez vezes. Mesmo aquelas na Rahad. Cem vezes! Gaivotas cinzentas e gaivotas de asas negras rodopiavam no céu de chumbo que prometia mais chuva, e um vento gélido carregando o cheiro de sal açoitava o Mol Hara, agitando capas. Ele bateu nas pedras do pavimento como se pretendesse quebrar cada uma delas.

Luz, se for preciso, iria com Luca no que vestisse. Talvez Luca o deixasse trabalhar como um bufão! O homem provavelmente insistiria nisso. Pelo menos isso o manteria perto de Aludra e seus segredos.

Ele caminhou por toda a largura da praça antes de perceber que estava na frente de um grande edifício branco que ele conhecia bem. A placa sobre a porta em arco proclamava A Mulher Errante. Um sujeito alto de armadura vermelha e preta saiu, três finas plumas pretas na frente do capacete debaixo do braço, e ficou esperando que seu cavalo fosse trazido. Um homem de rosto escondido com cabelo grisalho nas têmporas, ele não olhou para Mat, e Mat evitou olhar para ele. Não importava o quão agradável o homem podia parecer na superfície, ele era um Guarda da Vigília da Morte, afinal, e um general de bandeira ainda por cima. A Mulher Errante, tão perto do Palácio, tinha todos os quartos alugados por altos oficiais Seanchan, e por isso não tinha voltado desde que voltou a andar. Soldados comuns Seanchan não eram sujeitos tão ruins, prontos para jogar metade da noite e comprar uma rodada quando chegasse a sua vez, mas oficiais de alta patente poderiam muito bem ser nobres. Ainda assim, ele tinha que começar em algum lugar. A sala comunal era quase como ele se lembrava, com

teto alto e bem iluminado por lamparinas acesas em todas as paredes, apesar de ser cedo. As venezianas sólidas cobriam as altas janelas em arco agora, para se aquecer, e o fogo crepitava em ambas as longas lareiras. Uma leve névoa de fumaça de cachimbo encheu o ar, e o cheiro de boa comida das cozinhas. Duas mulheres com flautas e um sujeito com um tambor entre os joelhos tocavam uma melodia rápida e estridente de Ebou Dar, para a qual ele assentiu a tempo. Não muito diferente de quando ele ficou lá, até onde podia ver. Mas todas as cadeiras continham Seanchan, agora, alguns em armadura, outros em longos casacos bordados, bebendo, conversando, estudando mapas espalhados nas mesas. Uma mulher grisalha com a chama de uma *der'sul'dam* bordada no ombro parecia estar fazendo um relatório em uma mesa, e em outra uma magrela *sul'dam* com uma *damane* de rosto redondo nos calcanhares parecia estar recebendo ordens. Alguns dos Seanchan tinham os lados e a parte de trás de suas cabeças raspados para que parecessem estar usando tigelas, com o cabelo permanecendo na parte de trás longo em uma espécie de cauda larga que pendia até os ombros nos homens e muitas vezes até a cintura nas mulheres. Aqueles eram senhores e senhoras simples, nada dos Altos, mas isso pouco importava. Um lorde era um lorde e, além disso, os homens e mulheres que iam buscar uma criada para mais bebidas tinham o olhar desdenhoso e impassível dos próprios oficiais, o que significava que as pessoas que procuravam tinham uma posição para causar problemas a um homem. Vários o notaram e franziram a testa, e ele quase foi embora.

Então ele viu a estalajadeira descendo as escadas sem corrimão na parte de trás do quarto, uma mulher majestosa de cabelos castanhos com grandes argolas douradas nas orelhas e um pouco de cabelos grisalhos. Setalle Anan não era eboudariana, nem mesmo altarana, ele suspeitava, mas ela usava a faca de casamento, pendurada no punho de um colar de prata em um decote profundo e estreito, e uma longa lâmina curvada na cintura. Ela sabia que ele deveria ser um lorde, mas ele não tinha certeza de quão longe ela ainda acreditava ou de que adiantaria se ela ainda engolissem a mentira inteira. De qualquer forma, ela o viu no mesmo instante e sorriu, um sorriso amigável e acolhedor

que deixou seu rosto ainda mais bonito. Não havia nada a fazer a não ser ir cumprimentá-la e perguntar sobre sua saúde, não muito elaboradamente. Seu marido musculoso era um capitão de barco de pesca com mais cicatrizes de duelo do que Mat queria pensar. Imediatamente ela quis saber sobre Nynaeve e Elayne, e para sua surpresa, se ele sabia alguma coisa sobre as Kin. Ele não tinha ideia de que ela tinha ouvido falar delas.

“Elas foram com Nynaeve e Elayne,” ele sussurrou, cautelosamente vigiando para ter certeza de que nenhum Seanchan estava prestando atenção neles. Ele não pretendia falar muito, mas falar sobre as Kin onde os Seanchan poderiam ouvir fez sua nuca formigar. “Até onde eu sei, elas estão todas seguras.”

“Bom. Eu ficaria magoada se alguma delas tivesse um colar.” A tola nem baixou a voz!

“Sim; isso é bom,” ele murmurou, e explicou apressadamente suas necessidades antes que ela pudesse começar a gritar o quão feliz ela estava que as mulheres que podiam canalizar haviam escapado dos Seanchan. Ele também estava feliz, mas não o suficiente para se acorrentar de alegria.

Balançando a cabeça, ela se sentou nos degraus e colocou as mãos nos joelhos. Suas saias verde-escuras, costuradas do lado esquerdo, exibiam anáguas vermelhas. Eboudarianos realmente pareciam acertar os Latoeiros na hora de escolher as cores. O zumbido das vozes de Seanchan lutou com a música aguda ao redor deles, e ela ficou sentada olhando para ele com severidade. “Você não conhece nossos caminhos, esse é o problema”, disse ela. “Beldades são um costume antigo e respeitado em Altara. Muitos rapazes ou moças têm uma última aventura como beldades, mimados e regados de presentes, antes de se estabelecerem. Mas você vê, uma beldade se liberta quando escolhe. Tylin não deveria estar tratando você como eu ouvi que ela está. Ainda assim,” ela acrescentou judiciosamente, “devo dizer que ela te veste bem.” Ela fez um movimento circular com uma mão. “Estenda sua capa e vire-se para que eu possa dar uma olhada melhor.” Mat respirou fundo e se acalmou. E depois mais três. A cor que inundava seu rosto era pura fúria. Ele não estava corando.

Certamente não! Luz, a cidade inteira sabia? "Você tem um espaço que eu possa usar ou não?" ele exigiu com uma voz estrangulada.

Acontece que ela tinha. Ele poderia usar uma prateleira em seu porão, que ela disse que ficava seca o ano todo, e havia um pequeno buraco sob o chão de pedra da cozinha onde ela guardava seu baú de ouro. Acontece que o preço do aluguel era para ele segurar sua capa e se virar para que ela pudesse dar uma olhada melhor. Ela sorriu como um gato! Uma das Seanchan, uma mulher com cara de urubu e armadura vermelha e azul, gostou tanto do show que jogou para ele uma moeda de prata gorda com marcas estranhas, um rosto de mulher ameaçador de um lado e uma espécie de cadeira pesada do outro.

Ainda assim, ele tinha seu lugar para guardar roupas e dinheiro, e assim que voltou ao Palácio, aos apartamentos de Tylin, descobriu que tinha roupas para guardar nele. "Temo que as vestes de meu Senhor estejam em um estado terrível", Nerim disse de modo lúgubre. O cairhieno magro e grisalho teria sido tão doloroso anunciando o presente de um saco de gotas de fogo. Seu rosto comprido estava perpetuamente de luto. Ele ficou de olho na porta contra o retorno de Tylin, no entanto. "Tudo está muito imundo, e temo que o mofo tenha arruinado vários dos melhores casacos do meu Senhor."

"Eles estavam todos em um armário com os brinquedos de infância do príncipe Beslan, meu senhor", Lopin riu, puxando as lapelas de um casaco escuro como o de Juilin. O homem calvo era o reverso de Nerim, corpulento em vez de ossudo, moreno em vez de pálido, sua barriga redonda sempre tremendo de tanto rir. Por um tempo após a morte de Nalesean, parecia que ele pretendia competir com Nerim em suspirar, do jeito que eles faziam em todo o resto, mas as semanas que se seguiram o recuperaram ao seu estado normal. Contanto que ninguém mencionasse seu antigo mestre, de qualquer maneira. "Eles estão empoeirados, porém, meu Senhor. Duvido que alguém tenha estado naquele armário desde que o príncipe guardou seus soldadinhos de brinquedo."

Sentindo que sua sorte finalmente estava acabando, Mat disse a eles para começarem a levar suas roupas para a Mulher Errante, algumas peças de cada vez, e um bolso cheio de ouro a cada viagem.

Sua lança de cabo preto, apoiada em um canto do quarto de Tylin com seu arco Dois Rios solto, teria que esperar por último. Tirar isso podia ser tão difícil quanto sair sozinho. Ele sempre poderia fazer um novo arco para si mesmo, mas não abandonaria o *ashandarei*. *Paguei um preço muito alto pela maldita coisa para deixá-lo*, pensou ele, tocando a cicatriz escondida sob o lenço em volta do pescoço. Uma das primeiras, entre muitas. Luz, seria bom pensar que ele tinha mais o que esperar do que cicatrizes e batalhas que não queria. E uma esposa que ele não queria e nem mesmo conhecia. Tinha que haver mais do que isso. Primeiro vinha sair de Ebou Dar com uma pele inteira, no entanto. Isso acima de tudo, em primeiro lugar.

Lopin e Nerim se curvaram fora de sua presença com o equivalente a duas bolsas gordas espalhadas sobre suas roupas, para não criar protuberâncias, mas assim que eles foram embora, Tylin apareceu, querendo saber por que seus servos estavam correndo nos salões como se estivessem apostando corrida. Se ele estivesse se sentindo suicida, poderia ter dito a ela que eles estavam correndo para ver quem seria o primeiro a chegar à pousada com seu ouro, ou talvez apenas o primeiro a começar a limpar suas roupas. Em vez disso, ele se ocupou em distraí-la, e logo isso afugentou qualquer outro pensamento de sua cabeça, exceto por um vislumbre de que sua sorte finalmente começava a valer a pena em algo além do jogo. Tudo o que precisava para terminar seria que Aludra lhe desse o que ele queria antes de partir. Tylin colocou sua mente no que estava fazendo, e por um tempo ele esqueceu fogos de artifício, de Aludra e de escapar. Por um tempo.

Depois de pesquisar um pouco pela cidade, ele finalmente localizou um fabricante de sinos. Havia vários fabricantes de gongos em Ebou Dar, mas apenas um fabricante de sinos, com uma fundição fora do muro ocidental. O sineiro, um sujeito cadavérico e impaciente, suava no calor de sua imensa fornalha de ferro. A única sala longa da fundição sufocante poderia ter sido uma espécie de câmara de tortura. Correntes de içamento pendiam das vigas, e chamas repentinas jorraram da fornalha, lançando sombras bruxuleantes e deixando Mat meio cego. E assim que ele piscasse para afastar a imagem do fogo furioso, outra erupção o deixaria semicerrando os olhos novamente.

Trabalhadores encharcados de suor despejaram bronze derretido do caldeirão da fornalha em um molde quadrado, com a metade da altura de um homem, que havia sido colocado em posição por rolos. Outros grandes moldes como este estavam espalhados pelo chão de pedra, em meio a uma ninhada de moldes menores em vários tamanhos.

“Meu Senhor tem o prazer de brincar.” Mestre Sutoma forçou uma risada, mas ele não parecia divertido, com seu cabelo preto úmido caindo e grudado em seu rosto. Sua risada soou tão oca quanto suas bochechas, e ele continuou lançando carrancas para seus trabalhadores como se suspeitasse que eles iriam se deitar e dormir se ele não mantivesse uma vigilância rigorosa sobre eles. Um morto não poderia ter dormido com aquele calor. A camisa de Mat grudava nele, úmida, e ele estava começando a suar no casaco. “Não sei nada de Iluminadores, meu Senhor, e não desejo saber nada. Ninharias inúteis, os fogos de artifício. Não são como sinos. Se meu Senhor me desculpar, eu estou muito ocupado. A Alta Dama Suroth encomendou treze sinos para um conjunto de vitória, os maiores sinos já forjados em qualquer lugar. E Calwyn Sutoma os forjará!” Que fosse uma vitória sobre sua própria cidade não parecia incomodar Sutoma nem um pouco. A última parte foi o suficiente para fazê-lo sorrir e esfregar as mãos ossudas. Mat tentou fazer Aludra ceder, mas a mulher poderia muito bem ter sido moldada em bronze. Bem, ela era consideravelmente mais suave do que bronze uma vez que ela finalmente o deixou colocar um braço ao redor dela, mas os beijos que a deixaram trêmula não fizeram nada para afrouxar sua determinação.

“Eu, eu não acredito em dizer a um homem mais do que ele precisa saber”, disse ela sem fôlego, sentada ao lado dele em um banco acolchoado em sua carroça. Ela não permitia mais do que beijos, mas estava muito entusiasmada com eles. As finas tranças de contas que ela voltara a usar eram um emaranhado. “Homens fofocam, sim? Conversam, conversam, conversam, e vocês mesmos não sabem o que vão dizer a seguir. Além disso, talvez eu tenha feito o desafio apenas para fazer você voltar, sim? E ela começou a desarrumar ainda mais seu cabelo, e o dele também.

Ela não fez mais flores noturnas, porém, não depois que ele lhe contou sobre a casa do Capítulo em Tanchico. Ele tentou mais duas visitas ao Mestre Sutoma, mas na segunda, o sineiro teve as portas trancadas contra ele. Ele estava forjando os maiores sinos já feitos, e nenhum estrangeiro tolo com perguntas tolas poderia interferir nisso.

Tylin começou a pintar de verde as duas primeiras unhas de cada mão, embora não tenha raspado os lados da cabeça. Ela iria, eventualmente, ela disse a ele, puxando o cabelo solto para trás com as mãos para estudar a si mesma no espelho de moldura dourada na parede do quarto, mas ela queria se acostumar com a ideia primeiro. Ela estava se acomodando com os Seanchan, e ele não podia culpá-la por isso, não importava quantas carrancas Beslan lançasse para sua mãe. Não havia como ela suspeitar de algo sobre Aludra, mas um dia depois que ele beijou a Iluminadora pela primeira vez, as empregadas vovós desapareceram de seus aposentos, substituídas por mulheres de cabelos brancos e mirradas. Tylin começou a enfiar seu canivete curvo em um dos postes da cama à noite, perto da mão, e refletindo em voz alta sobre como ele ficaria com as vestes transparentes de um *da'covale*. Na verdade, a noite não foi a única vez que ela enfiou a faca na cabeceira da cama. As serviçais sorridentes começaram a chamar os aposentos de Tylin simplesmente dizendo a ele que ela havia esfaqueado a cabeceira da cama, e ele começou a tentar evitar qualquer mulher de libré que visse com um sorriso no rosto. Não que ele não gostasse de estar na cama de Tylin, além do fato de que ela era uma rainha, tão esnobe quanto qualquer outra nobre. E o fato de que ela o fazia se sentir como um camundongo que foi transformado em animal de estimação por um gato. Mas havia apenas algumas horas de luz do dia, se mais do que ele estava acostumado no inverno, e por um momento ele teve que se perguntar se ela pretendia consumir todas elas.

Felizmente, Tylin começou a passar cada vez mais tempo com Suroth e Tuon. Suas acomodações pareciam ter abraçado a amizade, pelo menos com Tuon. Ninguém poderia ser amigo de Suroth. Tylin parecia ter adotado a garota, ou a garota a adotou.

Tylin falava pouco sobre o que elas conversavam, exceto nos rascunhos mais esboçados, e muitas vezes nem mesmo isso, mas elas se trancavam sozinhas por horas e percorriam os corredores do Palácio conversando baixinho, ou às vezes rindo. Frequentemente Anath ou Selucia, a *so'jhin* de cabelos dourados de Tuon, seguia atrás, e de vez em quando um par de Guardas da Morte de olhos duros. Ele ainda não conseguira descobrir a relação entre Suroth, Tuon e Anath. Na superfície, Suroth e Tuon se comportavam como iguais, chamando uma a outra pelo nome, rindo das brincadeiras uma da outra. Tuon certamente nunca dava nenhuma ordem a Suroth, pelo menos não em sua audiência, mas Suroth parecia tomar as sugestões de Tuon como ordens. Anath, por outro lado, atormentava a garota impiedosamente com críticas afiadas, chamando-a de tola e pior.

“Essa é a pior estupidez, menina”, ele a ouviu dizer friamente a um meio-dia nos Salões. Tylin não havia enviado sua convocação grosseira — ainda — e ele estava tentando escapar antes que ela pudesse, deslizando pelas paredes e espiando pelos cantos. Ele tinha uma visita a Sutoma planejada e outra a Aludra. As três mulheres Seanchan — quatro, contando Selucia, mas ele não achava que elas viam dessa forma — estavam agrupadas logo na próxima curva. Tentando ficar de olho nas servas com um sorriso, ele esperou impientemente que elas se mexessem. O que quer que elas estivessem falando, elas não gostariam que ele passasse no meio disso. “Um gosto do chicote vai te endireitar, e limpar sua cabeça de bobagens”, a mulher alta continuou com uma voz como gelo. “Peça e pronto.” Mat colocou um dedo no ouvido e balançou a cabeça. Ele deve ter ouvido errado. Selucia, de pé placidamente com as mãos cruzadas na cintura, certamente não virou um fio de cabelo.

Suroth ofegou, no entanto. “Certamente você vai puni-la por isso!” ela falou com raiva, abrindo buracos em Anath. Ou tentando. Suroth poderia muito bem ter sido uma cadeira por todo o aviso que a mulher alta lhe deu. “Você não entende, Suroth.” O suspiro de Tuon agitou o véu que cobria seu rosto. Cobrindo, mas não escondendo. Ela parecia... resignada. Ele ficou chocado ao saber que ela era apenas alguns anos mais nova que ele. Ele teria dito que tinha mais perto de

dez. Bem, seis ou sete. “Os presságios dizem o contrário, Anath,” a garota disse calmamente, e não com raiva. Ela estava simplesmente relatando fatos. “Tenha certeza, eu vou te dizer se eles mudarem.”

Alguém lhe deu um tapinha no ombro, e ele olhou de volta para o rosto de uma criada com um sorriso largo. Bem, ele não estava realmente ansioso para sair imediatamente.

Tuon o incomodava. Ah, quando elas passavam pelos corredores, ele fazia sua melhor mesura educadamente, e em troca ela o ignorava tão completamente quanto Suroth ou Anath faziam, mas começou a lhe parecer que elas passavam nos corredores com muita frequência. Uma tarde, ele entrou nos aposentos de Tylin, tendo verificado e descoberto que Tylin estava trancado com Suroth em algum negócio ou outro, e no quarto, ele encontrou Tuon examinando seu *ashandarei*. Ele congelou ao vê-la dedilhando as palavras na Língua Antiga esculpidas na haste preta. Um corvo em algum metal ainda mais escuro foi embutido em cada extremidade da linha de escrita, e um par deles gravado na lâmina ligeiramente curvada. Corvos eram um símbolo imperial para os Seanchan. Sem respirar, ele tentou se mover para trás sem fazer barulho. Aquele rosto velado virou-se para ele. Um rosto bonito, na verdade, poderia até ter sido bonito se ela parasse de parecer como se estivesse prestes a morder um pedaço de madeira. Ele não achava mais que ela parecia um menino — aqueles cintos largos e apertados que ela sempre usava faziam com que você notasse as curvas que havia — mas ela era uma coisa próxima. Ele raramente via uma mulher adulta mais jovem do que sua avó que ele não pensava ociosamente em como seria dançar com ela, talvez beijá-la, mesmo aqueles arrogantes do Sangue Seanchan, mas nunca um vislumbre disso passou pela cabeça sobre Tuon. Uma mulher tinha que ter algo para colocar um braço em volta, ou qual era o ponto?

“Eu não vejo Tylin possuindo uma coisa dessas,” ela falou friamente, colocando a lança de lâmina longa de volta ao lado de seu arco, “então deve ser sua. O que é isso? Como você veio a possuí-lo?” Aquelas demandas frias por informações apertaram sua mandíbula. A maldita mulher poderia estar ordenando um servo. Luz, até onde ele

sabia, ela nem sabia o nome dele! Tylin disse que nunca perguntou sobre ele ou o mencionou desde a oferta de compra.

"Chama-se lança, minha senhora", disse ele, resistindo à vontade de se encostar no batente da porta e enfiar os polegares atrás do cinto. Ela era do Sangue Seanchan, afinal. "Eu comprei."

"Eu lhe darei dez vezes o preço que você pagou", disse ela. "Diga." Ele quase riu. Ele queria, e não por prazer, isso era certo. Nada de 'você pensaria em vender?' apenas um 'vou comprar e aqui está o que vou pagar'. "O preço não era ouro, minha senhora." Involuntariamente, sua mão foi para o lenço preto para se certificar de que ainda escondia a cicatriz que circundava seu pescoço. "Só um tolo pagaria uma vez, quanto mais dez."

Ela o estudou por um momento, sua expressão indecifrável não importa o quão transparente fosse seu véu. E então, ele poderia muito bem ter desaparecido. Ela deslizou por ele como se ele não estivesse mais lá e saiu dos aposentos. Essa não foi a única vez que ele a encontrou sozinha. Claro, ela nem sempre era seguida por Anath ou Selucia, ou guardas, mas parecia-lhe que muitas vezes ele decidia voltar para buscar alguma coisa e se virar para encontrá-la sozinha, olhando para ele, ou ele poderia deixar um quarto de repente e encontrá-la do lado de fora da porta. Mais de uma vez, ele olhou por cima do ombro saindo do Palácio e viu o rosto velado dela espiando por uma janela. Verdade, não havia nada de uma encarada naquilo. Ela olhava para ele e se afastava como se ele tivesse deixado de existir, espiava por uma janela e voltava para o quarto assim que ele a via. Ele era um poste de luz no corredor, uma pedra de pavimentação no Mol Hara. Mas começou a deixá-lo nervoso. Afinal, a mulher havia se oferecido para comprá-lo. Uma coisa daquelas tendia a deixar um homem nervoso por si só. Mesmo Tuon não podia realmente perturbar sua sensação de que as coisas estavam finalmente dando certo, no entanto. O *gholam* não voltou e ele começou a pensar que talvez tivesse ido fazer uma "colheita" mais fácil. De qualquer forma, ele estava ficando longe de lugares escuros e solitários onde poderia dar uma chance para ele. Seu medalhão era muito bom para o que fazia, mas uma boa multidão era melhor. Em sua última visita a Aludra, ela

quase deixou escapar alguma coisa — ele tinha certeza disso — antes de voltar a si e tirá-lo apressadamente de sua carroça. Não havia nada que uma mulher não lhe diria se você a beijasse o suficiente. Ele ficou longe d'A Mulher Errante, para evitar levantar suspeitas de Tylin, mas Nerim e Lopin discretamente transferiram suas roupas reais para o porão da pousada. Pouco a pouco, metade do conteúdo do baú sob a cama de Tylin atravessou o Mol Hara até o buraco escondido sob a cozinha da pousada.

Aquele buraco sob o chão da cozinha começou a incomodá-lo, no entanto. Tinha sido bom o suficiente para esconder o baú. Um homem poderia quebrar pisos se metendo lá. Ele também estava morando no andar de cima da pousada. Agora o ouro seria simplesmente derramado no buraco quando Setalle limpasse a cozinha. E se alguém começasse a se perguntar por que ela expulsou todo mundo quando Lopin e Nerim chegaram? Qualquer um poderia levantar aquela pedra do piso, se soubesse onde procurar. Ele tinha que ter certeza por si mesmo. Depois, muito tempo depois, ele se perguntaria por que os malditos dados não o haviam avisado.

Capítulo 19

Três Mulheres

O vento vinha do norte com o sol ainda não totalmente acima do horizonte, o que os moradores diziam sempre significar chuva, e um céu cheio de nuvens certamente ameaçava enquanto ele atravessava o Mol Hara. Os homens e mulheres particulares na sala comunal da Mulher Errante haviam mudado, não havia *sul'dam* ou *damane* desta vez, mas o lugar ainda estava cheio de Seanchan e fumaça de cachimbo, embora os músicos ainda não tivessem aparecido. A maioria das pessoas na sala estava tomando café da manhã, às vezes olhando para as tigelas com incerteza, como se não soubessem o que eles estavam pedindo para comer – ele se sentia assim sobre o estranho mingau branco que os eboudarianos gostavam no café da manhã – mas nem todos estavam concentrados na comida. Três homens e uma mulher com aqueles longos mantos bordados estavam jogando cartas e fumando cachimbos em uma mesa, todos com a cabeça raspada à moda dos nobres menores. As moedas de ouro na mesa chamaram a atenção de Mat por um momento; eles estavam jogando por apostas altas. As maiores pilhas de moedas estavam na frente de um homenzinho de cabelos pretos, tão moreno quanto Anath, que sorria como um lobo para seus oponentes ao redor da longa haste de um cachimbo prateado. Mat tinha seu próprio ouro, porém, e sua sorte nas cartas nunca foi tão boa quanto nos dados.

A senhora Anan, no entanto, tinha saído para uma missão ou outra enquanto ainda estava escuro, assim disse sua filha Marah, deixando a própria Marah no comando. Uma jovem agradavelmente rechonchuda com olhos grandes e bonitos do mesmo tom avelã dos da mãe, ela usava as saias costuradas até o meio da coxa do lado esquerdo, algo que a Sra. Anan não teria permitido quando ele estava hospedado lá. Marah não gostou muito de vê-lo, franzindo a testa assim que ele se aproximou dela. Dois homens morreram por suas mãos na estalagem quando ele estava hospedado lá; ladrões que tentaram rachar seu crânio, com certeza, mas esse tipo de coisa não

acontecia n'A Mulher Errante. Ela deixou claro que estava feliz em vê-lo pelas costas quando ele se mudou.

Marah também não estava interessada no que ele queria agora, e ele realmente não conseguia explicar. Apenas a Sra. Anan sabia o que estava escondido na cozinha, então ele esperava com devoção, e certamente não estava disposto a balir a informação na sala comunal. Então ele inventou uma história sobre sentir falta dos pratos que o cozinheiro preparava, e olhando para aquela saia descaradamente costurada, ele deslizou na implicação de que ele sentia falta de olhar para ela ainda mais. Ele não conseguia entender por que expor um pouco mais de anágua era escandaloso quando todas as mulheres em Ebou Dar andavam por aí mostrando metade de seus seios, mas se Marah estivesse se sentindo libertina, talvez algumas adulações pudessem facilitar seu caminho.

Ele deu a ela seu melhor sorriso. Dando-lhe pouca atenção em troca, Marah agarrou uma criada que passava, uma gata de olhos esfumaçados de uma mulher que ele conhecia bem. "O copo do capitão do ar Yulan está quase vazio, Caira," Marah disse com raiva. "Você deveria mantê-lo cheio! Se você não pode fazer seu trabalho, garota, há muitos em Ebou Dar que o farão!" Caira, vários anos mais velha que Marah, fez uma reverência zombeteira. E fez uma careta para Mat. Antes que Caira pudesse endireitar os joelhos novamente, Marah se virou para pegar um menino que estava andando equilibrando cuidadosamente uma bandeja cheia de pratos sujos. "Pare de tagarelar, Ross!" ela estalou. "Há trabalho a ser feito. Faça isso, ou eu vou levá-lo para os estábulos, e você não vai gostar disso, eu lhe digo!" O irmão mais novo de Marah olhou para ela. "Mal posso esperar até a primavera, quando poderei trabalhar nos barcos novamente", ele murmurou mal-humorado. "Você está de mau humor desde que Frielle se casou, só porque ela é mais nova que você e você ainda não foi pedida em casamento."

Ela deu um soco na cabeça dele que ele escapou facilmente, embora as xícaras e pratos empilhados chacoalhassem e quase caíssem. "Por que não pendura suas anáguas nas docas de pesca?" ele gritou, disparando antes que ela pudesse dar um tapa nele

novamente. Mat suspirou quando ela finalmente voltou toda sua atenção para ele. Pendurar as anáguas era uma novidade para ele, mas pelo rosto de Marah, ele podia adivinhar. O vapor deveria estar saindo de suas orelhas. “Se você quer comer, você deve voltar mais tarde. Ou você pode esperar, se quiser. Eu não sei quanto tempo antes que você possa ser servido.”

Seu sorriso era malicioso. Ninguém escolheria esperar naquela sala comunal. Cada assento era ocupado por um Seanchan, e havia mais Seanchan de pé, o suficiente para que as empregadas de avental fossem forçadas a abrir caminho com cuidado, segurando bandejas de comida e bebida no alto. Caira estava enchendo a xícara do homenzinho escuro e oferecendo-lhe o tipo de sorrisos sensuais que uma vez havia oferecido a Mat. Ele não sabia por que ela tinha azedado com ele, mas ele tinha tantas mulheres em sua vida quanto podia lidar no momento. O que era um capitão do ar, afinal? Ele teria que descobrir. Mais tarde. “Vou esperar na cozinha”, disse a Marah. “Quero dizer a Enid o quanto gostei de sua comida.”

Ela começou a protestar, mas uma mulher Seanchan levantou a voz exigindo vinho. De olhos sujos em armadura azul e verde, com um capacete carregando duas plumas debaixo do braço, ela queria seu estribo naquele momento. Todas as empregadas pareciam ocupadas, então Marah fez uma careta para ele uma última vez e saiu correndo, tentando colocar um sorriso agradável em seu rosto. E não foi longe com isso. Segurando seu cajado, Mat fez uma reverência para ela recuando.

Os cheiros bons que se misturavam com a fumaça do cachimbo na sala comunal permeavam a cozinha, peixe assado, pão assando, carnes chiando nos espetos. A sala estava quente por causa dos fogões de ferro e dos fornos e do fogo na longa lareira de tijolos, e seis mulheres suadas e três meninos lavadores de panela estavam correndo sob as ordens do cozinheiro-chefe. Vestindo um avental branco como a neve como se fosse um tabardo de escritório e empunhando uma colher de madeira de cabo longo para reinar sobre seus domínios, Enid era a mulher mais redonda que Mat já vira. Ele

não achava que poderia tê-la abraçado se quisesse. Ela o reconheceu imediatamente, e um sorriso malicioso dividiu seu largo rosto moreno.

"Então, você descobriu que eu estava certa", disse ela, apontando a colher para ele. "Você espremeu o melão errado, e acabou que o melão era um peixe-leão disfarçado e você era apenas um resmungão rechonchudo." Jogando a cabeça para trás, ela gargalhou.

Mat forçou um sorriso. Sangue e malditas cinzas! Todo mundo realmente sabia! *Eu tenho que sair desta maldita cidade*, ele pensou sombriamente, *ou eu vou ouvi-los rindo de mim pelo resto da minha vida!*

De repente, seus temores sobre o ouro começaram a parecer tolos. O piso de pedra cinza na frente dos fogões parecia firme no lugar, não diferente de qualquer outro na cozinha. Você tinha que saber o truque para levantá-lo. Lopin e Nerim teriam lhe contado se uma única moeda tivesse desaparecido entre suas visitas. A senhora Anan provavelmente teria rastreado e esfolado o culpado se alguém tentasse roubar em sua pousada. Ele poderia muito bem ir embora. Talvez a força de vontade de Aludra fosse mais fraca a esta hora. Talvez ela lhe desse o café da manhã. Ele havia saído do Palácio sem esperar para comer.

Para não despertar curiosidade sobre sua visita, contou a Enid o quanto havia gostado do peixe dourado dela, como era melhor do que o servido no Palácio Tarasin, sem precisar exagerar nem um fio. Enid era uma maravilha. A mulher sorriu positivamente e, para sua surpresa, tirou um do forno em uma travessa só para ele. Alguém na sala comunal poderia esperar, ela disse a ele, colocando o prato no final da longa mesa de trabalho da cozinha. Um aceno de sua colher trouxe um lavador de panela robusto com um banquinho.

Olhando para o peixe chato com crosta dourada, ele sentiu água na boca. Aludra provavelmente não seria mais fraca agora do que em qualquer outro momento. E se ela ficasse chateada por ter sido perturbada tão cedo, poderia não lhe dar o café da manhã. Seu estômago roncou alto. Pendurando sua capa em um cabide ao lado da porta do estábulo e apoiando seu cajado embaixo, ele enfiou o chapéu sob o banco e virou a renda para mantê-la fora da travessa.

Quando a Sra. Anan entrou pela porta do estábulo, tirando a capa e jogando a chuva no chão, pouco restava além de um gosto picante em sua língua e ossos brancos e finos na travessa. Ele aprendera a gostar de várias coisas estranhas desde que chegara a Ebou Dar, mas deixou os olhos de lado, olhando para ele. As coisas estavam do mesmo lado da cabeça do peixe! Outra mulher deslizou atrás da senhora Anan enquanto ele enxugava a boca com um guardanapo de linho. Ela fechou a porta atrás de si rapidamente e manteve a capa úmida com o capuz bem puxado para cima. Levantando-se, ele teve um vislumbre do rosto dentro daquele capuz e quase derrubou seu banco. Ele pensou que disfarçou bem, porém, fazendo uma mesura para as mulheres, mas sua cabeça estava girando. “É bom que você esteja aqui, meu Senhor,” a Sra. Anan disse rapidamente, entregando sua capa para um lavador de panela. “Eu teria enviado alguém para te buscar, caso contrário. Enid, limpe a cozinha, por favor, e vigie a porta. Preciso falar com o jovem lorde a sós.” A cozinheira apressou-se a levar os cozinheiros e os ajudantes de cozinha para o estábulo e, apesar de suas queixas resmungadas sobre a chuva e os lamentos sobre a comida queimar, ficou claro que eles estavam tão acostumados a isso quanto Enid. Ela mesma nem olhou para a senhora Anan e sua companheira novamente antes de correr pela porta da sala comunal com sua colher comprida erguida como uma espada. “Que surpresa”, disse Joline Maza, jogando o capuz para trás. Seu vestido de lã escura, com um decote profundo no estilo local, estava folgado e parecia gasto e puído. Você nunca teria pensado isso por sua atitude despreocupada, no entanto. “Quando a senhora Anan me disse que conhecia um homem que poderia me levar com ele quando deixasse Ebou Dar, nunca imaginei que fosse você.” Bonita e de olhos castanhos, ela tinha um sorriso quase tão caloroso quanto o de Caira. E um rosto sem idade que gritava Aes Sedai. Com dezenas de Seanchan do outro lado de uma porta guardada por uma cozinheira com uma colher.

Removendo sua capa, Joline virou-se para pendurá-la em um dos cabides, e a senhora Anan fez um som irritado em sua garganta. “Isso ainda não é seguro, Joline,” ela disse, soando mais como se estivesse falando com uma de suas filhas do que com uma Aes Sedai.

“Até que eu tenha você em segurança...”

De repente, uma comoção se ergueu na porta da sala comunal, Enid protestando com um grito que ninguém podia entrar, e uma voz quase tão alta, com sotaque de Seanchan, exigindo que ela se afastasse.

Ignorando os protestos de sua perna, Mat se moveu mais rápido do que pensou que já havia feito em sua vida, agarrando Joline pela cintura e se jogando no banco perto da porta do estábulo com a Aes Sedai no colo. Abraçando-a, ele fingiu estar beijando-a. Era uma maneira tola de tentar esconder o rosto dela, mas tudo o que ele conseguia pensar era jogar a capa sobre a cabeça. Ela engasgou indignada, mas o medo arregalou seus olhos quando ela finalmente ouviu a voz do Seanchan, e ela serpenteou seus braços ao redor dele em um flash. Rezando para ter sorte, ele viu a porta se abrir.

Ainda protestando em voz alta, Enid voltou para a cozinha batendo com a colher no *so'jhin* com uma capa molhada pendurada nas costas que a empurrava para a frente dele. Um homem pesado e carrancudo com um toco de trança que não chegava nem perto de atingir seu ombro, ele se defendia da maioria dos golpes dela com a mão livre e parecia ignorar os poucos que não conseguia. Ele foi o primeiro *so'jhin* que Mat viu com barba, e isso lhe dava uma aparência torta, descendo pelo lado direito do queixo e subindo pelo esquerdo para parar no meio da orelha. Uma mulher alta com olhos azuis afiados em um rosto pálido e severo o seguiu, jogando para trás uma capa azul elaboradamente bordada, presa em sua garganta por um grande alfinete de prata em forma de espada, para revelar um vestido plissado de um azul mais pálido. Seu cabelo escuro curto era cortado na cuia, o resto raspado em toda a volta acima de suas orelhas. Ainda assim, ela era melhor do que uma *sul'dam* com uma *damane*. Um pouco melhor. Percebendo que a batalha estava perdida, Enid se afastou do homem, mas pelo jeito que ela agarrou a colher e olhou, ela estava pronta para saltar sobre ele novamente em um piscar de olhos se a Sra. Anan desse a ordem.

“Um sujeito na frente disse que viu a estalajadeira dando a volta nos fundos”, anunciou o *so'jhin*. Ele estava olhando para Setalle, mas

olhando para Enid com cautela. "Se você é Setalle Anan, então saiba que esta é a Capitã da Senhora Verde Egeanin Tamarath, e ela tem um pedido de quartos assinado pela própria Alta Senhora Suroth Sabelle Meldarath." Seu tom mudou, tornando-se menos um pronunciamento e mais a voz de um homem querendo acomodações. "Seus melhores quartos, lembre-se, com uma boa cama, com vista para a praça lá fora e uma lareira que não faz fumaça." Mat sobressaltou-se quando o homem falou, e Joline, talvez pensando que alguém estivesse vindo em direção a eles, gemeu contra sua boca de medo. Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas, e ela tremeu em seus braços. Lady Egeanin Tamarath olhou para o banco quando Joline gemeu, depois fez uma careta de desgosto e se virou para evitar ver o par. Mas foi o homem que intrigou Mat. Como na Luz um illianense veio a ser *so'jhin*? E o sujeito parecia familiar, de alguma forma. Provavelmente outro daqueles milhares de rostos mortos há muito tempo que ele não podia deixar de lembrar. "Eu sou Setalle Anan, e meus melhores quartos são ocupados pelo Capitão do Ar Abaldar Yulan," a Senhora Anan disse calmamente, não intimidada por *so'jhin* ou Sangue. Ela cruzou os braços sob os seios. "Meus segundos melhores quartos são ocupados pelo General de Estandarte Furyk Karede. Da Guarda da Vigília da Morte. Não sei se uma Capitã da Verde os supera, mas de qualquer forma, você terá que decidir por si mesmo quem fica e quem tem que ir para outro lugar. Tenho uma política firme de não expulsar nenhum convidado Seanchan. Desde que ele pague o aluguel." Mat ficou tenso, esperando a explosão — Suroth mandaria açoitá-la pela metade disso! — mas Egeanin sorriu. "É um prazer lidar com alguém que tem um pouco de coragem", disse ela. "Acho que vamos nos dar bem, senhora Anan. Desde que você não tenha coragem demais. A capitã dá as ordens e a tripulação obedece, mas nunca fiz ninguém rastejar no meu convés." Mat franziu a testa. Convés. O convés de um navio. Por que isso puxava algo em sua cabeça? Essas velhas memórias eram um incômodo, às vezes.

A Senhora Anan assentiu, sem tirar os olhos escuros do azul do Seanchan. "Como você diz, minha senhora. Mas espero que você se lembre de que A Mulher Errante é meu navio." Felizmente para ela, a

mulher Seanchan tinha senso de humor. Ela riu. “Então você seja a capitã do seu navio,” ela riu, “e eu serei a Capitã do Ouro.” O que quer que isso significasse. Com um suspiro, Egeanin balançou a cabeça. “A verdade é que não supero muitos aqui, suspeito, mas Suroth me quer por perto, então alguns descem e outros saem, a menos que queiram dividir.” De repente, ela franziu a testa, meio que olhando para Mat e Joline, e seus lábios se curvaram em desgosto. “Eu acredito que você não deixe esse tipo de coisa acontecer em todos os lugares, senhora Anan?”

“Eu lhe asseguro, você nunca verá algo assim novamente sob meu teto”, respondeu a estalajadeira suavemente.

O *so'jhin* estava franzindo a testa para Mat e a mulher em seu colo também, e Egeanin teve que puxar a manga do casaco antes que ele desse um pulo e a seguisse de volta para a sala comunal. Mat grunhiu com desprezo. O sujeito podia fingir estar ultrajado como sua amante o quanto quisesse; Mat tinha ouvido falar sobre os festivais em Illian, porém, e eles eram quase tão ruins quanto festivais em Ebou Dar quando se tratava de pessoas correndo seminuas ou usando menos. Não melhor do que *da'covale*, ou aquelas dançarinas de *karité* sobre as quais os soldados falavam.

Ele tentou tirar Joline de seu colo quando a porta se fechou atrás do par, mas ela se agarrou a ele e enterrou o rosto em seu ombro, chorando baixinho. Enid soltou um grande suspiro e caiu contra a mesa de trabalho como se seus ossos tivessem amolecido. Até a senhora Anan parecia abalada. Ela se jogou no banquinho que Mat havia desocupado e colocou a cabeça entre as mãos. Só por um momento, porém, e então ela estava de pé novamente.

“Conte até cinquenta e depois tire todo mundo da chuva, Enid”, disse ela rapidamente. Ninguém saberia que ela estava tremendo um momento antes. Recolhendo a capa de Joline de seu cabide, ela pegou uma longa lasca de uma caixa sobre a lareira e se inclinou para acendê-la no fogo sob os espetos. “Estarei no porão se você precisar de mim, mas se alguém perguntar, você não sabe onde estou. Até que eu diga o contrário, ninguém além de você ou eu vai lá.” Enid assentiu

como se isso não fosse nada fora do comum. “Traga-a”, disse a estalajadeira a Mat, “e não demore. Carregue-a se precisar.”

Ele teve que carregá-la. Ainda chorando quase sem fazer barulho, Joline não afrouxou seu abraço nem sequer levantou a cabeça de seu ombro. Ela não era pesada, graças à Luz, mas mesmo assim, uma dor surda começou em sua perna enquanto ele seguia a senhora Anan até a porta do porão com seu fardo. Ele poderia ter gostado, apesar da pulsação, se a Sra. Anan não tivesse tomado seu tempo com tudo.

Como se não houvesse nenhum Seanchan num raio de 160 quilômetros, ela acendeu uma lâmpada em uma prateleira ao lado da porta pesada e soprou cuidadosamente a lasca antes de recolocar a cúpula de vidro alta, depois colocou a lasca fumegante em uma pequena bandeja de lata. Tirando sem pressa uma chave comprida da bolsa do cinto, ela abriu a fechadura de ferro e, finalmente, fez sinal para que ele passasse. As escadas além eram largas o suficiente para trazer um barril, mas íngreme, desaparecendo na escuridão. Ele obedeceu, mas esperou no segundo degrau enquanto ela fechava a porta e a trancava novamente, esperando que ela assumisse a liderança com a lâmpada erguida. A última coisa que ele precisava era de um tombo. “Você faz isso com frequência?” ele perguntou, movendo Joline. Ela havia parado de chorar, mas ainda o segurava com força, tremendo. “Quero dizer, esconde Aes Sedai?”

“Ouvi rumores de que ainda havia uma irmã na cidade”, respondeu a Sra. Anan, “e consegui encontrá-la antes dos Seanchan. Eu não poderia deixar uma irmã para eles.” Ela olhou para trás por cima do ombro, desafiando-o a dizer algo diferente. Ele queria, mas não conseguia fazer as palavras saírem. Ele supôs que teria ajudado qualquer um a fugir dos Seanchan, se pudesse, e tinha uma dívida com Joline Maza.

A Mulher Errante era uma estalagem bem abastecida, e o porão escuro era grande. Corredores se estendiam entre barris de vinho e cerveja empilhados de lado, latas altas de ripas de batatas e nabos que se erguiam do chão de pedra, fileiras de prateleiras altas segurando sacos de feijões secos e ervilhas e pimentas, montes de caixotes de madeira segurando só a Luz sabia o quê. Parecia haver pouca poeira,

mas o ar tinha o cheiro seco comum dos depósitos. Ele viu suas roupas, cuidadosamente dobradas em uma prateleira vazia — a menos que alguém estivesse guardando roupas lá embaixo —, mas não teve chance de olhar para elas. A senhora Anan liderou o caminho até a extremidade do porão, onde ele colocou Joline sobre um barril virado. Ele teve que soltar os braços dela para deixá-la encolhida ali. Chorando, ela puxou um lenço da manga e enxugou os olhos avermelhados. Com o rosto manchado, ela dificilmente era a imagem de uma Aes Sedai, muito menos seu vestido gasto.

“A coragem dela está quebrada”, disse a Sra. Anan, colocando a lâmpada em um barril que também estava em pé, sem a tampa na ponta. Vários outros barris vazios estavam espalhados pelo chão, onde outros haviam sido removidos, aguardando o retorno ao cervejeiro. Era o mais próximo de um espaço livre que ele tinha visto no porão. “Ela está se escondendo desde que os Seanchan chegaram. Nos últimos dias, seus Guardiões tiveram que movê-la várias vezes quando Seanchan decidiram revistar os prédios em vez de apenas as ruas. O suficiente para quebrar a coragem de qualquer um, suponho. Duvido que eles tentem procurar aqui, no entanto.”

Pensando em todos aqueles oficiais lá em cima, Mat teve que admitir que ela provavelmente estava certa. Ainda assim, ele estava feliz que não era ele que estava assumindo o risco. Agachado na frente de Joline, ele grunhiu com uma pontada de dor em sua perna. “Eu vou ajudá-la se eu puder”, disse ele. Como, ele não sabia dizer, mas havia aquela dívida. “Apenas fique feliz por você ter tido a sorte de evitá-los todo esse tempo. Teslyn não teve tanta sorte.” Arrebatando o lenço de seus olhos, Joline olhou para ele. “Sorte?” ela cuspiu com raiva. Se ela não fosse Aes Sedai, ele teria dito que ela estava mal-humorada, esticando o lábio inferior daquele jeito. “Eu poderia ter escapado! Foi tudo confusão no primeiro dia, pelo que entendi. Mas eu estava inconsciente. Fen e Blaeric mal conseguiram me levar para fora do Palácio antes que os Seanchan se espalhassem sobre ele, e dois homens carregando uma mulher flácida atraíam muita atenção para eles chegarem perto dos portões da cidade antes de estarem protegidos. Estou feliz que Teslyn foi pega! Alegre! Ela me deu algo;

tenho certeza de que ela deu! É por isso que Fen e Blaeric não conseguiram me acordar, por isso tenho dormido em estábulos e me escondido em becos, com medo de que aqueles monstros me encontrassem. Isso serve bem para ela!” Mat piscou com o discurso. Ele duvidava que já tivesse ouvido tanto veneno puro em uma voz antes, mesmo naquelas memórias antigas. A senhora Anan franziu o cenho para Joline, e sua mão se contraiu.

"De qualquer forma, vou ajudá-la tanto quanto puder", disse ele apressadamente, levantando-se para poder se mover entre as duas mulheres. Ele não deixaria passar a Sra. Anan dar um tapa em Joline, Aes Sedai ou não, e Joline não parecia disposta a considerar a possibilidade de uma *damane* estar lá em cima para sentir o que quer que ela fizesse em retaliação. Era uma verdade simples; o Criador fez as mulheres para que os homens não achassem a vida muito fácil. Como na Luz ele poderia tirar uma Aes Sedai de Ebou Dar? “Estou em dívida com você.”

Uma pequena carranca enrugou a testa de Joline. "Em dívida?"

“A nota pedindo para eu avisar Nynaeve e Elayne,” ele disse lentamente. Ele lambeu os lábios e acrescentou: "Aquela que você deixou no meu travesseiro."

Ela acenou com a mão com desdém, mas seus olhos, focados em seu rosto, nunca piscaram. “Todas as dívidas entre nós são liquidadas no dia em que você me ajudar a sair dos muros da cidade, Mestre Cauthon,” ela disse, em um tom tão real quanto uma rainha em seu trono.

Mat engoliu em seco. O bilhete estava de alguma forma preso no bolso do casaco, não deixado no travesseiro. E isso significava que ele estava enganado sobre a quem devia a dívida.

Ele foi embora sem ligar para Joline sobre sua mentira — uma mentira, mesmo que apenas deixasse seu erro passar — e também foi embora sem contar à sra. Anan. Era problema dele. Isso o fez sentir-se doente. Desejou nunca ter descoberto. De volta ao Palácio Tarasin, ele foi direto aos aposentos de Tylin e estendeu sua capa sobre uma cadeira para secar. Uma chuva forte batia contra as janelas. Colocando o chapéu em cima de um dos guarda-roupas esculpidos e dourados,

enxugou o rosto e as mãos com uma toalha e pensou em trocar de casaco. A chuva havia encharcado seu manto em alguns lugares. Seu casaco estava úmido aqui e ali. Úmido. Luz! Rosnando de desgosto, ele amassou a toalha listrada e a jogou na cama. Ele estava atrasando, até esperando — um pouco — que Tylin pudesse entrar e esfaquear a cabeceira da cama, para que ele pudesse adiar o que tinha que fazer. O que ele tinha que fazer. Joline o deixou sem escolha.

O Palácio foi projetado de forma simples, se você se importasse em vê-lo dessa maneira. Os criados moravam no nível mais baixo, onde ficavam as cozinhas, e alguns nos porões. O andar seguinte continha as espaçosas salas públicas e os estúdios apertados dos funcionários, e o terceiro, aposentos para hóspedes menos favorecidos, a maioria ocupada agora por Sangue Seanchan. O andar mais alto abrigava os apartamentos de Tylin e quartos para hóspedes mais favorecidos, como Suroth e Tuon e alguns outros. Exceto que até os palácios tinham sótãos, de certa forma.

Parando ao pé de um lance de escadas escondido em um canto inócuo onde eles não seriam notadas, Mat respirou fundo antes de subir lentamente. A enorme sala sem janelas no topo da escada, de teto baixo e piso de tábuas ásperas, havia sido esvaziada de tudo o que continha antes dos Seanchan, e o espaço preenchido com uma grade de pequenas salas de madeira, cada uma com sua própria porta fechada. Candeeiros de ferro simples iluminavam os estreitos salões entre eles. A chuva que batia nas telhas era alta aqui, logo acima. Ele parou novamente no degrau mais alto, e só respirou novamente quando percebeu que não conseguia ouvir passos. Uma mulher estava chorando em um dos quartos minúsculos, mas nenhuma *sul'dam* apareceria e exigiria saber o que ele estava fazendo ali. Provavelmente elas descobririam que ele tinha ido ali, mas não até que ele descobrisse o que precisava, se fosse rápido. Ele não sabia qual era o quarto dela, esse era o problema. Ele caminhou até o primeiro e abriu a porta tempo suficiente para espiar. Uma mulher Atha'an Miere em um vestido cinza estava sentada ao lado de uma cama estreita, as mãos cruzadas no colo. A cama e um lavatório com tigela e jarro e um pequeno espelho ocupavam a maior parte do quarto. Vários vestidos cinzas estavam

pendurados em cabides na parede. A trela de prata segmentada de um *a'dam* corria em um arco do colar de prata em volta do pescoço para uma pulseira de prata enrolada em um gancho na parede. Ela podia alcançar qualquer parte do quarto minúsculo. Os pequenos buracos onde estavam os brincos e o piercing no nariz ainda não tiveram tempo de cicatrizar. Pareciam feridas. Quando a porta se abriu, sua cabeça surgiu com uma expressão de medo que se transformou em especulação. E talvez esperança. Ele fechou a porta sem dizer uma palavra. *Eu não posso salvar todas elas*, ele pensou asperamente. *Não posso!* Luz, mas ele odiava isso.

As portas ao lado revelaram quartos idênticos e mais três mulheres do Povo do Mar, uma delas chorando alto em sua cama, e depois uma mulher adormecida de cabelos amarelos, todas com o *a'dam* frouxamente esticado em ganchos. Ele fechou a porta como se estivesse tentando roubar uma das tortas da Sra. al'Vere bem debaixo do nariz dela. Talvez a mulher de cabelo amarelo não fosse Seanchan, mas ele não estava disposto a arriscar. Uma dúzia de portas depois, ele exalou pesadamente de alívio e entrou, fechando a porta atrás dele.

Teslyn Baradon estava deitada na cama, o rosto apoiado nas mãos. Apenas seus olhos escuros se moveram, apunhalando-o. Ela não disse nada, apenas olhou para ele como se tentasse fazer buracos em seu crânio.

"Você colocou uma nota no bolso do meu casaco", disse ele suavemente. As paredes eram finas; ele ainda podia ouvir a mulher chorando. "Por que?"

"Elaida quer essas garotas tanto quanto ela sempre quis o cajado e o roubou," Teslyn disse simplesmente, sem se mover. A voz dela ainda tinha uma aspereza, mas menos do que ele se lembrava. "Especialmente Elayne. Eu queria... incomodar... Elaida, se pudesse. Deixá-la assobiar para elas." Ela deu uma risada suave tingida de amargura. "Eu até mesmo embriaguei Joline com raiz forte, então ela não poderia interferir com aquelas garotas. E olha o que isso me trouxe. Joline escapou, e eu..." Seus olhos se moveram novamente, para a pulseira de prata pendurada no gancho. Suspirando, Mat encostou-se na parede ao lado dos vestidos pendurados em cabides. Ela sabia o

que estava no bilhete, um aviso para Elayne e Nynaeve. Luz, mas ele esperava que ela não soubesse, que outra pessoa tivesse colocado a maldita coisa em seu bolso. Não tinha feito nenhum bem, de qualquer maneira. Ambas sabiam que Elaida estava atrás delas. A nota não mudou nada! A mulher não estava realmente tentando ajudá-las, de qualquer maneira, mas apenas... incomodar... Elaida. Ele poderia ir embora com a consciência limpa. Sangue e cinzas! Ele nunca deveria ter falado com ela. Agora que ele tinha realmente trocado palavras com ela...

"Vou tentar ajudá-la a escapar, se puder", disse ele com relutância. Ela permaneceu imóvel na cama. Nem sua expressão nem seu tom de voz mudaram. Ela poderia estar explicando algo simples e sem importância. "Mesmo que você possa remover o colar, não irei muito longe, talvez nem mesmo para fora do Palácio. E se eu fizer isso, nenhuma mulher que possa canalizar pode atravessar os portões da cidade a menos que ela use um *a'dam*. Eu mesma fiquei de guarda lá, e eu sei.

"Eu vou descobrir alguma coisa", ele murmurou, passando os dedos pelo cabelo. Descobrir alguma coisa? O que? "Luz, você nem soa como se quisesse escapar."

"Você está falando sério," ela sussurrou, tão baixo que ele quase não ouviu. "Eu pensei que você só veio para me provocar." Lentamente ela se sentou, balançando os pés até o chão. Seus olhos se fixaram nos dele atentamente, e sua voz assumiu uma urgência baixa. "Se eu quero escapar? Quando faço algo que as agrada, a *sul'dam* me dá doces. Eu me vejo ansiosa por essas recompensas." Horror ofegante penetrou em sua voz. "Não por gostar de doces, mas porque agradei a *sul'dam*." Uma única lágrima escorreu de seu olho. Ela inalou profundamente. "Se você me ajudar a escapar, farei qualquer coisa que você me peça que não inclua traição à Torre Branca..." Seus dentes se fecharam, e ela se endireitou, olhando através dele. Abruptamente, ela assentiu para si mesma. "Ajude-me a escapar, e eu farei qualquer coisa que você me pedir", disse ela. "Farei o que puder", disse a ela. "Preciso pensar em um jeito." Ela assentiu como se ele tivesse prometido uma

fuga ao anoitecer. “Há outra irmã mantida prisioneira aqui no Palácio. Edesina Azzedin. Ela deve vir conosco.”

“Uma outra?” disse Mat. “Pensei ter visto três ou quatro, contando com você. De qualquer forma, não tenho certeza se posso tirar você, muito menos...”

“As outras estão... mudadas.” A boca de Teslyn se apertou. “Guisin e Mylen — eu a conhecia como Sheraine Caminelle, mas ela responde apenas a Mylen agora — essas duas nos trairiam. Edesina ainda é ela mesma. Eu não vou deixá-la para trás, mesmo que ela seja uma rebelde.”

“Agora, olhe,” Mat disse com um sorriso, tranquilizador, “eu disse que vou tentar tirar você, mas não vejo nenhuma maneira de tirar vocês duas...”

“É melhor se você for agora”, ela interrompeu novamente. “Homens não são permitidos aqui e, de qualquer forma, você levantará suspeitas se for encontrado.” Franzindo o cenho para ele, ela fungou. “Ajudaria se você não se vestisse tão extravagantemente. Dez Latoeiros bêbados não poderiam atrair tanta atenção quanto você. Vá agora. Rapidamente. Vai!” Ele foi, murmurando para si mesmo. Assim como uma Aes Sedai. Ofereça-se para ajudá-la, e quando percebe, ela fez você escalar um penhasco no meio da noite para tirar cinquenta pessoas de uma masmorra sozinho. Aquele tinha sido outro homem, morto há muito tempo, mas ele se lembrava e se encaixava. Sangue e malditas cinzas! Ele não sabia como resgatar uma Aes Sedai, e ela o fez tentar resgatar duas! Ele contornou o canto inócuo ao pé da escada e quase esbarrou em Tuon.

“Os canis das *damane* são proibidos aos homens,” ela disse, olhando para ele friamente através do véu. “Você pode ser punido apenas por entrar.”

“Eu estava procurando uma Chamadora de Vento, Alta Dama,” ele disse apressadamente, fazendo uma perna e pensando o mais rápido que ele já havia feito em sua vida. “Ela me fez um favor uma vez, e eu pensei que ela poderia gostar de algo da cozinha. Alguns doces, ou algo parecido. Eu não a vi, no entanto. Suponho que ela não foi pega quando...” Ele parou, encarando. A severa máscara judicial que a

garota sempre usava como rosto se derreteu em um sorriso. Ela realmente era linda.

"Isso é muito gentil de sua parte", disse ela. "É bom saber que você é gentil com as *damane*. Mas você deve ter cuidado. Há homens que realmente levam *damane* para suas camas." Sua boca cheia se torceu em desgosto. "Você não gostaria que ninguém pensasse que você é pervertido." Aquela expressão severa se estabeleceu em seu rosto novamente. Todos os prisioneiros seriam executados imediatamente.

"Obrigado pelo aviso, Alta Dama," ele disse, um pouco instável. Que tipo de homem queria dormir com uma mulher que estava na coleira?

Ele desapareceu então, no que lhe dizia respeito. Ela simplesmente deslizou pelo salão como se não visse ninguém. Por uma vez, porém, a Alta Dama Tuon não o preocupava. Ele tinha uma Aes Sedai escondida no porão da Mulher Errante e duas usando coleiras de *damane* que esperavam que o maldito Cauthon salvasse seus pescoços. Ele tinha certeza de que Teslyn informaria a Edesina sobre isso assim que pudesse. Três mulheres que poderiam começar a ficar impacientes se ele não as levasse para a segurança em breve. As mulheres gostavam de falar e, quando falavam o suficiente, deixavam escapar as coisas que era melhor não serem ditas. Mulheres impacientes falavam ainda mais do que o resto. Ele não podia sentir os dados em sua cabeça, mas quase podia ouvir o tique-taque do relógio. E a hora podia ser marcada pelo machado de um carrasco. Batalhas que ele poderia planejar em seu sono, mas aquelas velhas memórias não pareciam de muita ajuda aqui. Ele precisava de alguém intrigante, alguém acostumado a tramar e pensar de forma tortuosa. Era hora de fazer Thom sentar e conversar. E Juilin.

Partindo em busca de qualquer um, ele inconscientemente começou a cantarolar "Eu Estou no Fundo do Poço". Bem, ele estava, e a noite estava caindo e a chuva realmente caindo. Como muitas vezes acontecia, outra música surgiu dessas velhas memórias, uma canção da Corte de Takedo, em Farashelle, esmagada há mais de mil anos por Artur Asa de Gavião. Os anos que se seguiram fizeram notavelmente pouca mudança na melodia em si, no entanto. Na época,

foi chamada de “A Última Resistência em Mandenhar”. De qualquer forma, ela se encaixava muito bem.

Capítulo 20

Questões de Traição

Subindo para os canis apertados no topo do Palácio Tarasin, Bethamin segurou sua prancheta com cuidado. Às vezes, a rolha do pote de tinta se soltava e as manchas de tinta eram difíceis de remover da roupa. Ela manteve-se tão apresentável em todos os momentos como se ela tivesse sido chamada para comparecer perante um dos Sangue Altos. Ela não falou com Renna, que tinha o dever de inspeção com ela hoje, enquanto subiam as escadas. Elas deveriam estar fazendo uma tarefa designada, não tagarelando à toa. Isso era parte de sua razão. Enquanto outras lutavam para ser completas com sua *damane* favorita, e se escondiam com as estranhas visões desta terra, e especulavam sobre as recompensas a serem ganhas aqui, ela se concentrou em seus deveres, pedindo a *marath'damane* mais difícil de domar para o *a'dam*, trabalhando o dobro e duas vezes mais do que qualquer outra pessoa. A chuva havia parado, finalmente, deixando os canis em silêncio. As *damane* fariam algum exercício pelo menos hoje — a maioria ficava mal-humorada se confinada aos canis por muito tempo, e esses canis improvisados eram decididamente confinantes —, mas, infelizmente, ela não foi designada para caminhar hoje. Renna nunca era, embora uma vez tenha sido a melhor treinadora de Suroth e muito respeitada. Um pouco dura, às vezes, mas altamente qualificada. Uma vez, todos disseram que ela logo se tornaria *der'sul'dam*, apesar de sua juventude. As coisas haviam mudado. Sempre havia mais *sul'dam* do que *damane*, mas ninguém conseguia se lembrar de Renna sendo completa desde Falme, ela ou Seta, que Suroth havia levado a serviço pessoal depois de Falme. Bethamin gostava de fofocar bebendo vinho sobre o Sangue e aqueles que os serviam tanto quanto qualquer outra pessoa, mas ela nunca ousava qualquer opinião quando a conversa se voltava para Renna e Seta. Ela pensava nelas com frequência, no entanto.

“Você começa do outro lado, Renna,” ela ordenou. “Bem? Você quer ser denunciada a Essonde por preguiça mais uma vez?”

Antes de Falme, a mulher mais baixa tinha sido quase irresistível em sua autoconfiança, mas um músculo se contraiu em sua bochecha pálida, e ela deu a Bethamin um sorriso doentio e obsequioso antes de correr para o labirinto de passagens estreitas do canil, acariciando seu cabelo comprido como se estivesse com medo de que pudesse estar bagunçado. Todos, exceto os amigos mais próximos de Renna, a intimidavam pelo menos um pouco, retribuindo seu antigo orgulho. Fazer o contrário era se destacar, algo que Bethamin evitava, exceto de maneiras cuidadosamente escolhidas. Seus próprios segredos foram enterrados tão profundamente quanto ela poderia enterrá-los, e ela manteve silêncio sobre os segredos que ninguém sabia que ela conhecia, mas queria fixar na mente de todos que Bethamin Zeami era a imagem da *sul'dam* perfeita. Perfeição absoluta era o que ela buscava, em si mesma e na *damane* que ela treinava.

Ela começou sua inspeção rápida e eficientemente, verificando se as *damane* tinham mantido a si mesmas e a seus canis individuais arrumados, fazendo uma pequena anotação com sua mão livre na primeira página presa ao quadro de escrita quando uma falhava, e ela não se demorava, exceto para distribuir balas para algumas que estavam se saindo particularmente bem no treinamento. A maioria daquelas com quem ela tinha terminado cumprimentou sua entrada com sorrisos, mesmo quando se ajoelharam. Seja do Império ou deste lado do oceano, elas sabiam que ela era firme, mas justa. Outras não sorriram. Na maioria das vezes, as *damane* Atha'an Miere a encontravam com rostos de pedra tão sombrios quanto o dela, ou raiva mal-humorada que pareciam acreditar que estavam escondendo.

Ela não marcou a raiva delas para punição, como algumas teriam feito. Elas ainda achavam que estavam resistindo, mas as exigências impróprias para a devolução de suas joias extravagantes já eram coisa do passado, e elas se ajoelharam e falaram corretamente. Um novo nome era uma ferramenta útil nos casos mais difíceis, criando uma ruptura com o que estava feito e passado, e elas responderam aos seus, ainda que com relutância. A relutância desapareceria, junto com as carrancas, e eventualmente elas dificilmente se lembrariam de que já tiveram outros nomes. Era um padrão familiar e infalível como o

nascer do sol. Algumas aceitavam imediatamente, e algumas entravam em choque ao saber o que eram. Sempre houve um punhado que cedeu de má vontade ao longo de meses, enquanto com outras, um dia davam gritos de protesto de que um erro terrível havia sido cometido, que elas nunca poderiam ter falhado nos testes, e no dia seguinte vinha a aceitação e a calma. Os detalhes diferiam deste lado do oceano, mas aqui ou no Império, o resultado final permanecia o mesmo.

Para duas das *damane*, ela fez anotações que não tinham nada a ver com limpeza. Zushi, uma *damane* Atha'an Miere ainda mais alta que ela, certamente estava marcada para uma mudança. Seu vestido estava amarrotado, seu cabelo despenteado, sua cama desfeita. Mas seu rosto estava inchado de tanto chorar, e assim que ela se ajoelhou, um novo conjunto de soluços a atormentou, lágrimas escorrendo por suas bochechas. O vestido cinza que tinha sido ajustado com tanto cuidado agora estava solto, e ela não era gorda para começar. Bethamin nomeou Zushi ela mesma, e ela sentiu uma preocupação especial. Soltando a caneta com ponta de aço, ela mergulhou-a e escreveu uma sugestão de que Zushi fosse transferida do Palácio para algum lugar onde pudesse ser mantida em um canil duplo com uma *damane* do Império, de preferência uma com experiência em tornar-se amiga do coração de uma *damane* recém capturada. Mais cedo ou mais tarde, isso sempre acabava com as lágrimas. Ela não tinha certeza se Suroth permitiria, no entanto. Suroth havia reivindicado essas *damane* para a Imperatriz, é claro — qualquer um que possuísse um décimo dessas pessoalmente seria suspeito de tramar uma rebelião, ou mesmo acusado diretamente —, mas ela se comportava como se fossem sua própria propriedade. Se Suroth não permitisse, alguma outra maneira teria que ser encontrada. Bethamin recusava-se a perder uma *damane* para o desânimo. Ela se recusava a perder uma *damane* por qualquer motivo! A segunda a receber um comentário especial foi Tessi, e ela não esperava objeções.

A *damane* illianense ajoelhou-se graciosamente, com as mãos cruzadas na cintura, assim que Bethamin abriu a porta. Sua cama estava feita, seus vestidos cinza extras estavam pendurados

ordenadamente em seus cabides, sua escova e pente estavam dispostos precisamente em seu lavatório, e o chão tinha sido varrido. Bethamin não esperava menos. Tessi tinha sido tranquila desde o início. Ela estava se desenvolvendo muito bem agora que aprendera a limpar o prato. Além de guloseimas, as dietas de *damane* eram estritamente regulamentadas; uma *damane* insalubre era um desperdício. Tessi nunca seria enfeitada com fitas e entraria nas competições para a *damane* mais bonita, no entanto. Seu rosto parecia perpetuamente zangado mesmo em repouso. Mas hoje ela usava um leve sorriso que Bethamin tinha certeza que estava no lugar antes de ela entrar. Tessi não era alguém de quem ela esperasse sorrisos, ainda não.

“Como minha pequena Tessi está se sentindo hoje?” ela perguntou.

“Tessi se sente muito bem,” a *damane* respondeu suavemente. Sempre antes ela teve que se esforçar para falar corretamente, e ganhou sua última chicotada por recusa total ainda ontem.

Dedilhando o queixo pensativamente, Bethamin estudou a *damane* ajoelhada. Ela desconfiava de qualquer *damane* que se chamasse Aes Sedai. A história a fascinava, e ela até lera traduções de uma miríade de idiomas que existiam antes do início da Consolidação. Esses antigos governantes se deleitavam com seu governo assassino e caprichoso e se deliciavam em estabelecer como chegaram ao poder e como esmagaram os estados vizinhos e minaram outros governantes. A maioria havia morrido por assassinato, muitas vezes nas mãos de seus próprios herdeiros ou seguidores. Ela sabia muito bem como eram as Aes Sedai.

“Tessi é uma boa *damane*,” ela murmurou calorosamente, pegando um dos doces duros do papel enrolado em sua bolsa de cinto. Tessi se inclinou para recebê-lo e beijou sua mão em agradecimento, mas o sorriso sumiu um pouco, embora estivesse de volta quando ela enfiou o doce vermelho na boca. Então. Era assim, né? Fingir aceitar para acalmar a *sul'dam* não era algo desconhecido, mas dado o que Tessi tinha sido, muito provavelmente ela também estava planejando uma fuga. De volta ao estreito corredor, Bethamin escreveu uma forte sugestão de que o treinamento de Tessi fosse redobrado, junto com

suas punições, e suas recompensas fossem esporádicas, para que ela nunca pudesse ter certeza de que mesmo a perfeição ganharia mais que um tapinha na cabeça. Era um método duro, que ela normalmente evitava, mas, por algum motivo, transformava até a mais recalcitrante *marath'damane* em uma *damane* flexível em um tempo notavelmente curto. Também produzia a mais mansa das *damane*. Ela não gostava de quebrar o espírito de uma *damane*, mas Tessi precisava ser quebrada até o *a'dam*, para que pudesse esquecer o passado. Ela ficaria mais feliz por isso, no final. Terminando à frente de Renna, Bethamin esperou ao pé da escada até que a outra *sul'dam* descesse. “Leve isso para Essonde quando você entregar a sua,” ela disse, empurrando sua prancheta para Renna antes de dar o passo final. Como era de se esperar, Renna aceitou a tarefa com a mesma humildade com que aceitara o pedido anterior e saiu apressada, olhando para a prancheta extra, como se estivesse se perguntando se as páginas continham um relatório sobre ela. Ela era uma mulher muito diferente do que era antes de Falme.

Pegando sua capa e deixando o Palácio, Bethamin pretendia retornar à estalagem onde era forçada a dividir a cama com outras duas *sul'dam*, mas apenas por tempo suficiente para tirar algumas moedas de seu cofre. A inspeção tinha sido seu único dever hoje, e o resto das horas eram suas. Para variar, em vez de procurar tarefas extras, ela as gastava comprando lembranças. Talvez uma daquelas facas que as mulheres locais usavam no pescoço, se ela pudesse encontrar uma sem as gemas que pareciam gostar no cabo. E laca, é claro; isso era tão bom aqui quanto qualquer outra no Império, e os projetos eram tão... estranhos. Seria reconfortante fazer compras. Ela precisava de calma.

As pedras do calçamento do Mol Hara ainda brilhavam úmidas da chuva da manhã, e um cheiro agradável de sal enchia o ar, lembrando-a da vila no mar de L'Heye onde ela havia nascido, embora o frio congelante a fizesse seu manto dobrar em torno de si mesma. Nunca fazia frio em Abunai, e ela nunca se acostumara com ele, por mais longe que tivesse viajado. Pensamentos de casa não eram nenhum conforto agora, no entanto. Enquanto percorria as ruas apinhadas,

Renna e Seta enchiam sua cabeça a ponto de esbarrar nas pessoas e uma vez quase andou bem na frente de um comboio de carroças de um mercador que saía da cidade. Um grito de uma motorista de carroça chamou sua atenção, e ela saltou para trás bem a tempo. A carroça roncou pelas pedras do calçamento onde ela deveria estar, e a mulher que empunhava o chicote nem sequer olhou para ela. Esses estrangeiros não tinham ideia do respeito devido a uma *sul'dam*. Renna e Seta. Todas que estiveram em Falme tinham lembranças que queriam esquecer, lembranças das quais não falavam, exceto quando bebiam demais. Ela também, só que a dela não era sobre o choque de lutar contra fantasmas quase reconhecidos da lenda, ou o horror da derrota, ou as visões loucas no céu. Quantas vezes ela desejou não ter subido naquele dia? Se ao menos ela não tivesse se perguntado como estava Tuli, a *damane* que tinha uma habilidade maravilhosa com metais. Mas ela havia examinado o canil de Tuli. E ela tinha visto Renna e Seta tentando freneticamente remover o *a'dam* do pescoço uma da outra, gritando de dor, vacilando de joelhos com náusea, e ainda tateando nas coleiras. O vômito manchava as frentes de seus vestidos. Em seu frenesi, elas não haviam notado que ela se afastava, horrorizada.

Não apenas horror ao ver duas *sul'dam* reveladas como *marath'damane*, mas seu próprio terror pessoal repentino. Muitas vezes ela achava que quase podia ver as tramas das *damane*, e ela sempre podia sentir a presença de uma *damane* e saber o quão forte ela era. Muitas *sul'dam* podiam; todas sabiam que isso vinha de uma longa experiência em lidar com o *a'dam*. No entanto, a visão daquele par desesperado despertou pensamentos indesejados, colocando uma aparência diferente e assustadora no que ela sempre aceitou. Ela quase via as tramas, ou ela realmente via? Às vezes ela achava que sentia a canalização também. Até *sul'dam* tinham que passar pelo teste anual, até o vigésimo quinto dia de nomeação, e ela passou por reprovação todas as vezes. Só que... Haveria um novo teste depois que Renna e Seta fossem descobertas, um novo teste para encontrar as *marath'damane* que de alguma forma haviam escapado do primeiro. O próprio Império poderia tremer diante de tal golpe. E com a imagem

de Renna e Seta gravada em seu cérebro, ela sabia com total certeza que depois desses testes, Bethamin Zeami não seria mais uma cidadã respeitada. Em vez disso, uma *damane* chamada Bethamin serviria ao Império.

A vergonha ainda a coagulava. Ela colocou os medos pessoais à frente das necessidades do Império, à frente de tudo que ela sabia ser certo, verdadeiro e bom. A batalha chegou a Falme, e o pesadelo, mas ela não se apressou em completar-se com uma *damane* e se juntar à linha de batalha. Em vez disso, ela usou a confusão para pegar um cavalo e fugir, para correr o mais rápido que podia. Ela percebeu que havia parado, olhando para a vitrine de uma costureira sem realmente ver o que estava exposto lá dentro. Não que ela quisesse ver. O vestido azul com seus painéis vermelhos com relâmpagos era o único que ela pensava em usar em anos. E ela certamente não usaria algo que a expusesse tão indecentemente. Com as saias girando em torno de seus tornozelos, ela continuou andando, mas não conseguia tirar Renna e Seta de seus pensamentos, ou Suroth.

Obviamente, Alwhin havia encontrado o par de *sul'dam* com coleira e as reportou a Suroth. E Suroth havia protegido o Império protegendo Renna e Seta, por mais perigoso que isso fosse. E se elas de repente comesçassem a canalizar? Melhor talvez para o Império se ela tivesse arranjado a morte delas, embora matar uma *sul'dam* fosse assassinato até mesmo para o Sangue Alto. Duas mortes suspeitas entre as *sul'dam* certamente teriam trazido Buscadores. Portanto, Renna e Seta estavam livres, se é que se podia chamar assim quando nunca se permitiam que fossem completas. Alwhin cumpriu seu dever e foi honrada ao se tornar a Voz de Suroth. Suroth também cumprira seu dever, por mais desagradável que fosse. Não houve novos testes. Seu próprio voo tinha sido em vão. E se ela tivesse permanecido, ela não teria acabado em Tanchico, um pesadelo que ela queria esquecer ainda mais do que Falme. Um pelotão da Guarda da Vigília da Morte passou, resplandecente em suas armaduras, e Bethamin parou para vê-los passar. Eles deixaram um rastro no meio da multidão como um grande navio a pleno vapor.

Haveria alegria na cidade, na terra, quando Tuon finalmente se revelasse, e comemorações como se ela tivesse acabado de chegar. Ela sentiu um prazer culpado ao pensar na Filha das Nove Luas assim, como quando ela fez algo proibido quando criança, embora, é claro, até que Tuon removesse seu véu, ela fosse apenas a Grã-Senhora Tuon, não superior a Suroth. Os Guardas da Vigília da Morte seguiram em frente, dedicados de corpo e alma à Imperatriz e ao Império, e Bethamin foi na direção oposta. Apropriadamente, já que ela se dedicou de corpo e alma a preservar sua própria liberdade. Os Cisnes Dourados do Céu era um grande nome para uma pequena estalagem espremida entre um estábulo público e uma loja de laca. A loja de laca estava cheia de oficiais militares comprando tudo que a loja continha, o estábulo estava cheio de cavalos comprados na loteria e ainda não atribuídos, e Os Cisnes Dourados estava cheio de *sul'dam*. Embalada com eles, de fato, pelo menos uma vez a noite chegou. Bethamin teve a sorte de ter apenas duas companheiras de cama. Ordenada para acomodar o máximo que pudesse, a estalajadeira empurrou quatro e cinco em uma cama quando achou que caberiam. Ainda assim, a roupa de cama estava limpa e a comida muito boa, se peculiar. E dado que a alternativa era provavelmente um palheiro, ela estava feliz em compartilhar. A essa hora, as mesas redondas da sala comunal estavam vazias. Algumas das *sul'dam* que moravam lá certamente tinham deveres, e o resto simplesmente queria evitar a estalajadeira. Braços cruzados, franzindo a testa, Darnella Shoran observava várias criadas varrem o chão de ladrilhos verdes diligentemente. Uma mulher magra com cabelos grisalhos enrolados na nuca e um maxilar comprido que lhe dava uma aparência beligerante, ela poderia ter sido uma *der'sul'dam* apesar da faca ridícula que ela usava, seu punho cravejado de vermelho barato e gemas brancas. Supostamente as servas eram livres, mas saltavam como propriedade sempre que a estalajadeira falava. Bethamin deu um leve pulo quando a mulher se virou para ela. "Você está ciente das minhas regras sobre os homens, Senhora Zeami?" ela exigiu. Depois de todo esse tempo, a maneira lenta como essas pessoas falavam ainda soava estranha. "Eu ouvi sobre seus costumes estrangeiros, e se é assim que você é, é problema seu, mas

não sob o meu teto. Se você quiser se encontrar com homens, você fará isso em outro lugar!”

"Eu lhe asseguro, eu não tenho encontrado homens aqui ou em qualquer outro lugar, Senhora Shoran."

A estalajadeira franziu o cenho para ela com suspeita. “Bem, ele apareceu perguntando por você pelo nome. Um homem bonito, de cabelos louros. Não é um menino, mas também não é muito velho. Um de vocês, arrastando as palavras dele para que mal se pudesse entendê-lo.” Fazendo seu tom apaziguador, Bethamin fez o possível para convencer a mulher de que não conhecia ninguém que se encaixasse nessa descrição e que não tinha tempo para homens com seus deveres. Ambos eram verdade, mas ela teria mentido se necessário. Os Cisnes Dourados não haviam sido requisitados, e três em uma cama era muito preferível a um palheiro. Ela tentou descobrir se a mulher gostaria de algum pequeno presente quando foi às compras, mas a mulher realmente pareceu ofendida quando sugeriu uma faca com pedras mais coloridas. Ela não quis dizer nada caro, nada em forma de suborno — não realmente —, mas a Sra. Shoran pareceu entender isso, bufando e franzindo a testa indignada. De qualquer forma, ela não tinha certeza se conseguia mudar a ideia da mulher nem um fio de cabelo. Por alguma razão, a estalajadeira parecia acreditar que elas passavam todas as suas horas livres envolvidas em devassidão. Ela ainda estava franzindo a testa quando Bethamin começou a subir as escadas sem corrimão ao lado da sala comunal, fingindo que não tinha um pensamento em sua mente além de fazer compras. A identidade do homem a preocupava, no entanto. Ela certamente não reconheceu a descrição. Com toda a probabilidade, ele veio sobre suas investigações, mas se esse era o caso, se ele pudesse localizá-la aqui, então ela não tinha sido suficientemente discreta. Talvez perigosamente. Ainda assim, ela esperava que ele voltasse. Ela precisava saber. Ela precisava!

Abrindo a porta de seu quarto, ela congelou. Incrivelmente, seu cofre de ferro estava na cama com a tampa aberta. Era uma fechadura muito boa, e a única chave estava no fundo da bolsa do cinto. O ladrão ainda estava lá, e estranhamente, ele estava folheando o diário dela!

Como na Luz o homem conseguiu passar pela vigilância da Senhora Shoran?

A paralisia durou apenas um instante. Arrancando o canivete da bainha, ela abriu a boca para gritar por socorro.

A expressão do sujeito nunca mudou, e ele não tentou correr nem atacá-la. Ele apenas pegou algo pequeno de sua bolsa e segurou-o onde ela pudesse ver, e sua respiração se tornou chumbo em sua garganta. Entorpecida, ela enfiou a faca de volta na bainha e estendeu as mãos para mostrar a ele que não segurava nenhuma arma e não estava tentando alcançá-la. Entre seus dedos havia uma placa de marfim com bordas douradas, gravada com um corvo e uma torre. De repente, ela realmente viu o homem, de cabelos louros e na meia-idade. Talvez ele fosse bonito, como a Sra. Shoran havia dito, mas apenas uma louca pensaria em um Buscador da Verdade dessa maneira. Graças à Luz ela não havia registrado nada perigoso em seu diário. Mas ele devia saber. Ele a havia perguntado pelo nome. Ah, Luz, ele devia saber! "Feche a porta", disse ele calmamente, devolvendo a placa à sua bolsa, e ela obedeceu. Ela queria correr. Ela queria implorar por misericórdia. Mas ele era um Buscador, então ela ficou ali, tremendo. Para sua surpresa, ele deixou o diário dela de volta no cofre e apontou para a única cadeira da sala. "Sente-se. Não há necessidade de você se sentir desconfortável."

Lentamente, ela pendurou a capa e se acomodou na cadeira, pela primeira vez não se importando com o desconforto das estranhas costas em forma de escada. Ela não tentou esconder seus arrepios. Mesmo um do Sangue, mesmo um do Sangue Superior, poderia tremer ao ser questionado por um Buscador. Ela tinha uma pequena esperança. Ele não tinha simplesmente ordenado que ela o acompanhasse. Talvez ele não soubesse, afinal.

"Você tem feito perguntas sobre uma capitã de navio chamada Egeanin Sarna", disse ele. "Por que?"

Esperança vacilou com um baque que ela podia sentir em seu peito. "Eu estava procurando por uma velha amiga", ela estremeceu. As melhores mentiras sempre continham o máximo de verdade possível. "Estávamos juntas em Falme. Não sei se ela sobreviveu." Mentir para

um Buscador era traição, mas ela cometera sua primeira traição ao desertar durante a batalha em Falme.

“Ela vive,” ele disse secamente. Ele se sentou na ponta da cama sem tirar os olhos dela. Eles eram azuis, e a fizeram querer sua capa de volta. “Ela é uma heroína, uma Capitã da Verde e a Senhora Egeanin Tamarath, agora. Sua recompensa da Alta Senhora Suroth. Ela também está aqui em Ebou Dar. Você vai renovar sua amizade com ela. E me conte quem ela vê, onde ela vai, o que ela diz. Tudo.”

Bethamin cerrou os maxilares para não rir histericamente. Ele estava atrás de Egeanin, não dela. A Luz seja louvada! A Luz seja louvada em toda a sua infinita misericórdia! Ela só queria saber se a mulher ainda vivia, se ela tinha que tomar precauções. Egeanin a libertara uma vez, mas nos dez anos que Bethamin a conhecia antes disso, ela tinha sido um modelo de dever. Sempre pareceu possível que ela se arrependesse dessa aberração, não importava o custo para si mesma, mas, maravilha das maravilhas, ela não se arrependeu. E o Buscador estava atrás dela, não...! Possibilidades surgiram à sua frente, certezas, e ela não queria mais rir. Em vez disso, ela lambeu os lábios.

"Como...? Como posso renovar nossa amizade?" De qualquer forma, nunca tinha sido amizade, apenas conhecimento, mas era tarde demais para dizer isso agora. “Você me diz que ela foi elevada ao Sangue. Qualquer abertura deve vir dela.” O medo a encorajou. E a deixou em pânico como em Falme. “Por que você precisa que eu seja sua Ouvinte? Você pode levá-la para interrogatório a qualquer momento que decidir.” Ela mordeu o interior de sua bochecha para acalmar sua língua. Luz, ela não queria nada menos do que queria que ele fizesse isso. Os Buscadores eram a mão secreta da Imperatriz, que ela viva para sempre; em nome da Imperatriz, ele poderia colocar até Suroth em questão, ou a própria Tuon. É verdade que ele morreria horrivelmente se descobrisse que estava errado, mas o risco era pequeno com Egeanin. Ela era apenas do Sangue baixo. Se ele colocasse Egeanin em questão...

Para sua surpresa, em vez de simplesmente dizer a ela para obedecer, ele sentou-se estudando-a. "Vou explicar certas coisas",

disse ele, e isso foi um choque maior. Buscadores nunca explicavam, pelo que ela tinha ouvido. “Você não serve para mim, ou para o Império, a menos que sobreviva, e você não sobreviverá se não entender o que enfrenta. Se você revelar uma palavra do que eu lhe digo a alguém, você sonhará com a Torre dos Corvos como uma parte leve de onde você vai parar. Ouça e aprenda. Egeanin foi enviada para Tanchico antes que a cidade caísse para nós, entre outras coisas, como parte do esforço para encontrar *sul'dam* que haviam sido deixadas para trás em Falme. Estranhamente, ela não encontrou nenhuma, embora outras tenham encontrado, como aquelas que ajudaram seu próprio retorno. Em vez disso, Egeanin assassinou a *sul'dam* que encontrou. Eu mesmo coloquei a acusação contra ela, e ela não se incomodou em negar. Ela nem sequer demonstrou ultraje, nem mesmo indignação. Tão ruim quanto isso, ela se ligou em segredo com Aes Sedai.” Ele disse o nome sem rodeios, não com o desgosto normal, mas como uma acusação. “Quando ela partiu de Tanchico, ela estava viajando em um navio comandado por um homem chamado Bayle Domon. Ele fez alguma perturbação ao ter seu navio abordado e foi feito propriedade. Ela o comprou e imediatamente o fez *so'jhin*, tão claramente ele é de alguma importância para ela. Curiosamente, ela trouxe o mesmo homem ao Grão-Senhor Turak em Falme. Domon atraiu a atenção do Grão-Senhor na medida em que o sujeito era frequentemente convidado a conversar com ele. Ele fez uma careta. “Você tem vinho? Ou conhaque?”

Bethamin deu um pulo. “Lona tem uma garrafa de conhaque local, eu acho. É uma bebida áspera...”

Ele ordenou que ela lhe servisse uma xícara de qualquer maneira, e ela obedeceu apressadamente. Ela queria mantê-lo falando, qualquer coisa para atrasar o inevitável. Ela sabia que Egeanin não estava matando *sul'dam*, mas sua prova a condenaria a compartilhar o destino amargo de Renna e Seta. Se ela tivesse sorte. Se este Buscador visse seu dever para com o Império como Suroth. Ele olhou para o copo de estanho, girando o conhaque de maçã escuro enquanto ela se sentava novamente.

“O Grão-Senhor Turak era um grande homem,” ele murmurou. “Talvez um dos maiores que o Império já viu. Uma pena que seus *so'jhin* decidiu segui-lo até a morte. Honrado da parte deles, mas torna impossível ter certeza de que Domon estava no grupo que assassinou o Grão-Senhor.” Bethamina se encolheu. Às vezes o Sangue morria nas mãos um do outro, é claro, mas a palavra assassinato nunca era mencionada. O Buscador continuou, ainda olhando para sua xícara sem beber. “O Grão-Senhor me ordenou que vigiasse Suroth. Ele suspeitava de que ela era um perigo para o próprio Império. Suas próprias palavras. E com a morte dele, ela conseguiu ganhar o comando dos Precursores. Não tenho provas de que ela ordenou sua morte, mas há muitas coisas sugestivas. Suroth trouxe uma *damane* para Falme, uma jovem que era Aes Sedai”, novamente, o nome era monótono e duro, “e que de alguma forma escapou no mesmo dia em que Turak morreu. Suroth também tem uma *damane* em sua comitiva que já foi Aes Sedai. Ela nunca foi vista sem colarinho, mas...” Ele deu de ombros, como se isso fosse algo sem importância. Os olhos de Bethamin saltaram. Quem descolaria uma *damane*? Uma *damane* bem treinada era um deleite e uma alegria, mas solta era um grunhido bêbado! “Parece muito provável que ela também tenha uma *marath'damane* escondida em sua propriedade”, continuou ele, como se não estivesse listando crimes pouco abaixo de traição. “Acredito que Suroth deu ordem para que *sul'dam* que conseguissem chegar a Tanchico fossem mortas, talvez para esconder os encontros de Egeanin com as Aes Sedai. Vocês *sul'dam* sempre dizem que podem enxergar uma *marath'damane* à primeira vista, correto?” Ele olhou para cima de repente, e de alguma forma ela conseguiu encontrar aqueles olhos congelados com um sorriso. Seu rosto poderia pertencer a qualquer homem, mas aqueles olhos... Ela estava feliz por estar sentada. Seus joelhos tremiam tanto que ela ficou surpresa por não aparecer através de suas peles. “Não é tão fácil assim, receio.” Ela quase conseguiu manter a voz firme. “Você... Certamente você sabe o suficiente para acusar Suroth com o assassinato do Grão-Senhor Turak.” Se ele pegasse Suroth, não haveria necessidade de envolvê-la, ou Egeanin.

“Turak foi um grande homem, mas meu dever é com a Imperatriz, que ela viva para sempre, e através dela, com o Império.” Ele bebeu o conhaque em um longo gole, e seu rosto ficou tão duro quanto sua voz. “A morte de Turak é poeira ao lado do perigo que o Império enfrenta. As Aes Sedai dessas terras buscam poder no Império, um retorno aos dias de caos e assassinato, quando nenhum homem podia fechar os olhos à noite sabendo que acordaria, e elas são auxiliados por um verme venenoso de traição perfurando por dentro. Suroth pode nem ser a cabeça daquele verme. Pelo bem do Império, não ouse levá-la até matar o verme inteiro. Egeanin é um fio que posso seguir para o verme, e você é um fio para Egeanin. Assim, você renovará sua amizade com ela, custe o que custar. Você me entende?”

“Eu entendo e vou obedecer.” Sua voz tremeu, mas o que mais ela poderia dizer?

Que Luz a salvasse, o que mais ela poderia dizer?

Capítulo 21

Uma Questão de Propriedade

Egeanin estava deitada de costas na cama com as mãos levantadas, as palmas voltadas para o teto e os dedos abertos. Suas saias azul claras formavam um leque sobre suas pernas, e ela tentou ficar muito quieta para não enrugar demais as pregas estreitas. Pela forma como os vestidos confinavam o movimento, eles deviam ser uma invenção do Lorde das Trevas. Deitada lá, ela estudou as unhas grandes demais para ela colocar as mãos em uma linha sem quebrar pelo menos metade. Não que ela tenha lidado pessoalmente com linhas em alguns anos, mas ela sempre esteve pronta e capaz, quando necessário. “...pura tolice!” Bayle rosnou, cutucando os troncos em chamas na lareira de tijolos. “A sorte está me alfinetando, o Falcão do Mar poderia navegar mais perto do vento e mais rápido do que qualquer navio Seanchan já feito. Havia rajadas à frente também, e...” Ela ouviu apenas o suficiente para saber que ele havia parado de resmungar pela sala e retomado a mesma velha discussão. O aposento de painéis escuros não era o melhor d’A Mulher Errante, nem perto disso, mas satisfazia seus requisitos, exceto a vista. As duas janelas davam para o estábulo. Uma Capitã Verde estava com um General de Estandarte, mas neste lugar, a maioria dos que ela superava eram ajudantes ou secretários de oficiais superiores do Exército Sempre Vitorioso. Tanto no exército como no mar, ser do Sangue pouco acrescentava, a não ser que fosse o Sangue Alto.

O esmalte verde-mar nas unhas de seus dedinhos brilhava.

Ela sempre esperou ascender, eventualmente talvez a Capitã Dourada, comandando frotas, como sua mãe. Quando menina, ela até sonhava em ser nomeada Mão da Imperatriz no Mar, assim como sua mãe, ficar à esquerda do Trono de Cristal, *so’jhin* para a própria Imperatriz, que ela vivesse para sempre, autorizada a falar diretamente a ela. As mulheres jovens tinham sonhos tolos. E ela teve que admitir que uma vez escolhida para os Precursores, ela considerou a possibilidade de um novo nome. Não esperando por isso, certamente

— isso seria demais até para ela —, mas todos sabiam que a recuperação das terras roubadas significaria novas adições ao Sangue. Agora ela era a Capitã Verde, dez anos antes de ter qualquer esperança nisso, e estava nas encostas daquela montanha íngreme que se erguia através das nuvens até o sublime pináculo da Imperatriz, que ela vivesse para sempre.

Ela duvidava que receberia o comando de um grande navio, muito menos de um esquadrão. Suroth alegou aceitar sua história, mas se sim, por que ela foi deixada sentada em Cantorin? Por que, quando as ordens finalmente chegaram, eles deveriam se apresentar aqui e não em um navio? Claro, havia apenas uma quantidade limitada de comandos disponíveis, mesmo para uma Capitã Verde. Podia ser isso. Ela poderia ter sido escolhida para um cargo perto de Suroth, embora suas ordens dissessem apenas que ela deveria viajar para Ebou Dar pelos primeiros meios disponíveis e aguardar novas instruções. Podia ser. O Sangue Alto podia falar ao baixo sem a intervenção de uma Voz, mas parecia-lhe que Suroth a havia esquecido assim que ela foi dispensada depois de receber suas recompensas. O que também podia significar que Suroth estava desconfiada. Argumentos que corriam em círculos. De qualquer forma, ela poderia viver na água do mar se aquele Buscador tivesse desistido de suas suspeitas. Ele não tinha muita coisa, ou ela já estaria em uma masmorra gritando, mas se estivesse na cidade também, ele a estaria observando, esperando por um passo em falso. Ele não podia derramar uma única gota de sangue dela agora, mas os Buscadores eram experientes em lidar com essa pequena dificuldade. Contanto que ele ficasse só assistindo, porém, ele poderia olhar para ela até seus olhos murcharem. Ela tinha um porto estável sob seus pés, agora, e dali em diante ela tomaria muito cuidado como pisaria. Capitã Dourada pode não ser mais possível, mas aposentar-se como Capitã Verde era algo honroso.

"Bem?" Bayle exigiu. "Que tal?"

Largo, sólido e forte, exatamente o tipo de homem que ela sempre gostara, ele estava de pé ao lado da cama em mangas de camisa, uma carranca no rosto e os punhos nos quadris. Não era uma pose que um *so'jhin* deveria fazer com sua senhora. Com um suspiro, ela deixou as

mãos caírem sobre o estômago. Bayle simplesmente não aprenderia como um *so'jhin* deveria se comportar. Ele tomava tudo como uma piada, ou brincadeira, como se nada daquilo fosse real. Às vezes até dizia que queria ser a Voz dela, por mais que ela explicasse que não era do Sangue Alto. Uma vez, ela o havia espancado, e depois ele se recusou a dormir na mesma cama que ela até que ela pedisse desculpas. Pedir desculpas!

Apressadamente, ela repassou o que tinha ouvido falar de seu rosnado. Sim; ainda os mesmos argumentos depois de todo esse tempo. Nada de novo. Balançando as pernas para o lado da cama, ela se sentou e marcou pontos em seus dedos. Ela tinha feito isso tantas vezes que poderia entregá-los de cor. “Se você tentasse correr, a *damane* no outro navio teria quebrado seus mastros como galhos. Não foi uma parada casual, Bayle, e você sabe disso; sua primeira saudação foi uma exigência para saber se você era o Gavião do Mar. Ao trazer você ao vento e anunciar que estávamos a caminho de Cantorin com um presente para a imperatriz, que ela viva para sempre, acalmei suas suspeitas. Qualquer outra coisa — qualquer coisa! — e todos seríamos acorrentados no porão e vendidos assim que chegássemos a Cantorin. Duvido que tivéssemos tido a sorte de enfrentar o carrasco em vez disso.” Ela levantou o polegar. “E por último, se você tivesse mantido a calma como eu lhe disse, você também não teria ido para o leilão. Você me custou muito!” Várias outras mulheres em Cantorin aparentemente tinham o mesmo gosto por homens. Elas aumentaram os lances de forma extravagante. Homem teimoso que era, fez uma careta e esfregou a barba curta irritado. “Eu ainda digo que poderíamos ter jogado tudo pelo lado”, ele murmurou. “Aquele Buscador não tinha provas do que eu tinha a bordo.”

“Buscadores não precisam de provas,” ela disse, zombando do sotaque dele. “Buscadores encontram provas, e a descoberta é dolorosa.” Se ele foi reduzido a trazer à tona o que ele mesmo havia concedido há muito tempo, talvez ela estivesse finalmente chegando ao fim da coisa toda. “De qualquer forma, Bayle, você já admitiu que não há mal nenhum em Suroth ter esse colar e pulseiras. Eles não

podem ser colocados nele a menos que alguém se aproxime o suficiente, e eu não ouvi nada que sugira que alguém tenha feito isso ou vá fazer.” Ela se absteve de acrescentar que não importaria se alguém o fizesse. Bayle não estava realmente familiarizado nem mesmo com as versões das Profecias que eles tinham deste lado do Mar do Mundo, mas ele foi inflexível que ninguém mencionou a necessidade do Dragão Renascido ajoelhar-se ao Trono de Cristal. Podia ser necessário que ele fosse equipado com esse *a’dam* masculino, mas Bayle nunca veria isso. “O que está feito está feito, Bayle. Se a Luz brilhar sobre nós, viveremos muito a serviço do Império. Agora, você conhece esta cidade, então me diga. O que há de interessante para ver ou fazer?”

“Sempre há festivais de algum tipo”, disse ele lentamente, de má vontade. Ele nunca gostou de desistir de seu argumento, não importa o quão fútil. “Alguns podem ser do seu gosto. Alguns não, eu acho. Você é... exigente.” O que ele quis dizer com isso? De repente, ele sorriu. “Nós poderíamos encontrar uma Mulher Sábia. Elas ouvem votos de casamento aqui.” Ele passou os dedos pelo lado raspado do couro cabeludo, revirando os olhos para cima como se tentasse ver a cena. “Claro, se eu me lembro da palestra que você me deu sobre os ‘direitos e privilégios’ da minha posição, *so’jhin* só pode se casar com outro *so’jhin*, então você precisa me libertar primeiro. A sorte me pica, você ainda não tem um pé dessas propriedades prometidas. Posso retomar meu antigo ofício e lhe dar uma propriedade em breve.”

Sua boca se abriu. Isso não era algo antigo. Isso era muito, muito novo. Ela sempre se orgulhou de ser equilibrada. Havia chegado ao comando por habilidade e ousadia, uma veterana de batalhas navais, tempestades e naufrágios. E naquele momento ela se sentiu como um filhote de primeira viagem olhando para baixo do cume principal, em pânico e tonta, com o mundo inteiro girando ao seu redor e uma queda aparentemente inevitável no mar enchendo seus olhos.

“Não é tão simples”, disse ela, levantando-se para que ele fosse forçado a recuar. Verdade da Luz, ela odiava soar sem fôlego! “A alforria exige que eu forneça seu sustento como um homem livre, para ver que você pode se sustentar.” Luz! As palavras que fluíam com

pressa eram tão ruins quanto ficar sem fôlego. Ela se imaginou em um convés. Ajudou, um pouco. “No seu caso, isso significa comprar um navio, suponho,” ela disse, soando serena, pelo menos, “e como você me lembrou, ainda não tenho propriedades. Além disso, eu não poderia permitir que você voltasse ao contrabando, e você sabe disso.” Isso era simples verdade, e o resto não era realmente uma mentira. Seus anos no mar tinham sido lucrativos, e se o ouro que ela pudesse chamar fossem pequenos respingos para um dos Sangue, ela poderia comprar um navio, contanto que ele não quisesse um grande navio, mas ela não havia negado ser capaz de pagar por um. Ele abriu os braços, outra coisa que não deveria fazer, e depois de um momento ela encostou o rosto em seu ombro largo e deixou que ele a envolvesse. “Vai ficar tudo bem, namorada,” ele murmurou suavemente. “De alguma forma, vai ficar bem.”

"Você não deve me chamar de 'namorada', Bayle", ela repreendeu, olhando por cima do ombro em direção à lareira. Não pareceu entrar em foco. Antes de deixar Tanchico, ela decidiu se casar com ele, uma daquelas decisões relâmpago que faziam sua reputação. Ele podia ser um contrabandista, mas ela poderia ter posto um fim nisso, e ele era firme, forte e inteligente, um marinheiro. Essa última parte sempre foi uma necessidade para ela. Só que ela não conhecia seus costumes. Em alguns lugares do Império, os homens faziam o pedido e ficavam realmente ofendidos se uma mulher sugerisse. Ela também não sabia nada sobre seduzir um homem. Seus poucos amantes tinham sido todos homens de mesma posição, homens de quem ela podia se aproximar abertamente e se despedir quando um ou outro deles fosse mandado para outro navio ou promovido. E agora ele era *so'jhin*. Não havia nada de errado em colocar seu próprio *so'jhin* na cama, é claro, desde que você não ostentasse o fato. Ele arrumava um catre ao pé da cama como de costume, mesmo que nunca dormisse nele. Mas libertar um *so'jhin*, descartá-lo dos direitos e privilégios que Bayle zombava, era o cúmulo da crueldade. Não, ela estava mentindo por evasão novamente, e pior, mentindo para si mesma. Ela queria sinceramente se casar com o homem Bayle Domon. Ela estava

amargamente insegura se conseguiria se casar com uma propriedade alforriada.

“Como minha Senhora manda, assim seja feito,” ele disse em uma alegre zombaria de formalidade.

Ela o socou sob as costelas. Não com força. Apenas o suficiente para fazê-lo grunhir. Ele tinha que aprender! Ela não queria mais ver os pontos turísticos de Ebou Dar. Ela só queria ficar onde estava, envolta nos braços de Bayle, não precisando tomar decisões, ficar exatamente onde estavam para sempre.

Uma batida forte soou na porta, e ela o empurrou. Pelo menos ele sabia o suficiente para não protestar contra isso. Enquanto ele vestia o casaco, ela sacudiu as pregas do vestido e tentou alisar as rugas deitadas na cama. Parecia haver muitas, apesar de ela estar quieta. Essa batida poderia ser uma convocação de Suroth ou de uma empregada para ver se ela precisava de alguma coisa, mas quem quer que fosse, ela não deixaria ninguém vê-la parecendo estar rolando no convés.

Desistindo da tentativa inútil, ela esperou até que Bayle se abotoasse e adotasse a atitude que ele achava adequada para um *so'jhin* — *Como um capitão em seu tombadilho pronto para gritar ordens*, ela pensou, suspirando para si mesma — então latiu: “Entra” A mulher que abriu a porta era a última que esperava ver. Bethamin a olhou hesitante antes de entrar e fechar a porta suavemente atrás dela. A *sul'dam* respirou fundo, então se ajoelhou, mantendo-se rigidamente ereta. Seu vestido azul escuro com seus painéis vermelhos iluminados por relâmpagos parecia recém-lavado e passado. O nítido contraste com seu próprio desalinho irritou Egeanin. “Minha Senhora,” Bethamin começou incerta, então engoliu. “Minha senhora, eu imploro uma palavra com você.” Olhando para Bayle, ela lambeu os lábios. “Em particular, se isso lhe agradar, minha senhora?”

A última vez que Egeanin viu essa mulher foi em um porão em Tanchico, quando ela removeu um *a'dam* de Bethamin e disse para ela ir. Isso bastaria para chantagem se ela fosse do Sangue Alto! Sem dúvida, a acusação seria a mesma de libertar uma *damane*. Traição.

Exceto que Bethamin não poderia revelar aquilo sem se condenar também.

“Ele pode ouvir qualquer coisa que você tem a dizer, Bethamin,” ela disse calmamente. Ela estava em águas rasas, e aquele não era lugar para nada além de calmaria. “O que você quer?”

Bethamin se mexeu de joelhos e perdeu mais tempo lambendo os lábios. Então, de repente, as palavras saíram com pressa. “Um Buscador veio até mim e me ordenou que reassumisse nosso... nosso *conhecimento* e delatasse você a ele.” Como se quisesse parar de balbuciar, ela prendeu o lábio inferior entre os dentes e olhou para Egeanin. Seus olhos escuros estavam desesperados e suplicantes, assim como naquele porão do Tanchico.

Egeanin encontrou seu olhar friamente. Águas rasas e um vendaval inesperado. Suas ordens estranhas para Ebou Dar de repente foram explicadas. Ela não precisava de uma descrição para saber que devia ser o mesmo homem. Nem precisava perguntar por que Bethamin estava cometendo traição ao trair o Buscador. Se ele decidisse que suas suspeitas eram fortes o suficiente para levá-la para interrogatório, eventualmente Egeanin lhe contaria tudo o que sabia, inclusive sobre um certo porão, e Bethamin logo se encontraria novamente usando um *a'dam*. A única esperança da mulher era ajudar Egeanin a evitá-lo.

“Levante-se,” ela disse. “Sente-se.” Por sorte, havia duas cadeiras, embora nenhuma parecesse confortável. “Bayle, acho que há conhaque naquele frasco na cômoda.”

Bethamin estava tão trêmula que Egeanin teve que ajudá-la a se levantar e guiá-la até uma cadeira. Bayle trouxe taças de prata trabalhadas contendo um pouco de conhaque e lembrou-se de se curvar e apresentar a primeira a Egeanin, mas quando ele voltou para o baú, ela viu que ele havia servido para si mesmo também. Ele ficou ali, xícara na mão, observando-as como se fosse a coisa mais natural do mundo. Bethamin olhou para ele com olhos arregalados. “Você acha que está parada sobre uma estaca, empalada”, disse Egeanin, e a *sul'dam* se encolheu, seu olhar assustado voltando para o rosto de Egeanin. “Você está errada, Bethamin. O único crime real que cometi foi libertar você.” Não era exatamente verdade, mas no final, ela

mesma colocou o *a'dam* masculino nas mãos de Suroth. E conversar com a Aes Sedai não era crime. O Buscador poderia suspeitar — ele tentara escutar em uma porta em Tanchico —, mas ela não era uma *sul'dam*, acusada de falar com *marath'damane*. Na pior das hipóteses, isso significava uma reprimenda. “Desde que ele não saiba disso, ele não tem motivos para me prender. Se ele quiser saber o que eu digo, ou qualquer outra coisa sobre mim, diga a ele. Apenas lembre-se de que, se ele decidir me prender, darei seu nome a ele.” Um lembrete poderia evitar que Bethamin pensasse de repente que havia uma saída segura, passando-a para trás. “Ele não terá que me fazer gritar nem uma vez.” Para sua surpresa, a *sul'dam* começou a rir histericamente. Até que Egeanin se inclinou para frente e lhe deu um tapa, de qualquer maneira.

Esfregando a bochecha mal-humorada, Bethamin disse: “Ele sabe quase tudo, exceto o porão, minha senhora.” E ela começou a descrever uma fantástica teia de traição conectando Egeanin e Bayle e Suroth e talvez até a própria Tuon com Aes Sedai, e *marath'damane*, e *damane* que tinham sido Aes Sedai. A voz de Bethamin começou a ficar em pânico quando ela disparou de uma acusação incrível para outra, e em pouco tempo, Egeanin começou a beber conhaque.

Apenas goles. Ela estava calma. Ela estava no comando de si mesma. Ela estava... Isso estava além das águas rasas. Ela estava cavalgando perto de uma costa a sotavento, e o próprio *Cega-Almas* montava aquele vendaval, vindo roubar seus olhos. Depois de ouvir por um tempo com seus próprios olhos cada vez maiores, Bayle bebeu um copo cheio de licor escuro de uma só vez. Ela ficou aliviada ao ver o choque dele, e culpada por se sentir aliviada. Ela não acreditaria que ele era um assassino. Além disso, ele era muito bom usando as mãos, mas apenas bom com a espada; com armas ou com as mãos nuas, o Grão-Senhor Turak teria estripado Bayle como uma carpa. Sua única desculpa para sequer pensar nisso era que ele estivera com duas Aes Sedai em Tanchico. A coisa toda era um absurdo. Tinha que ser! Aquelas duas Aes Sedai não tinham feito parte de nenhuma trama, apenas um encontro casual. Para falar a verdade, elas eram pouco mais do que garotas, e quase inocentes, de coração mole demais para

aceitar sua sugestão de que cortassem a garganta do Buscador quando tivessem a chance. Uma pena, isso. Elas haviam entregado a ela o *a'dam* masculino. Gelo desceu por sua espinha. Se o Buscador soubesse que ela pretendia se desfazer do *a'dam* da maneira que aquelas Aes Sedai sugeriram, se alguém descobrisse, ela seria julgada como culpada de traição como se tivesse conseguido jogá-lo nas profundezas do oceano. *E você não é?* ela exigiu de si mesma. O Tenebroso vinha roubar-lhe os olhos.

Lágrimas escorrendo pelo rosto, Bethamin apertou a xícara contra os seios como se estivesse se abraçando. Se ela estava tentando não tremer, ela falhou miseravelmente. Tremendo, ela olhou para Egeanin, ou talvez para algo além dela. Algo horripilante. O fogo ainda não havia aquecido muito a sala, mas o suor cobria o rosto de Bethamin. "... e se ele souber sobre Renna e Seta," ela balbuciou, "ele vai saber com certeza! Ele virá atrás de mim e das outras *sul'dam*! Você tem que pará-lo! Se ele me levar, darei seu nome a ele! Eu vou!" Abruptamente, ela se inclinou, levantou a xícara até a boca, vacilante, e engoliu o conteúdo, engasgando e tossindo, em seguida, empurrou para Bayle, pedindo mais. Ele não se moveu. Ele parecia empolgado.

"Quem são Renna e Seta?" Egeanin perguntou. Ela estava tão assustada quanto a *sul'dam*, mas, como sempre, manteve seu medo reprimido. "O que o Buscador pode descobrir sobre elas?" Os olhos de Bethamin deslizaram para longe, recusando-se a encontrar os dela, e abruptamente ela soube. "Elas são *sul'dam*, não são, Bethamin? E elas também estavam com coleira, assim como você."

"Elas estão a serviço de Suroth," a mulher choramingou. "Elas nunca podem ser completas, no entanto. Suroth sabe."

Egeanin esfregou os olhos com cansaço. Talvez houvesse uma conspiração, afinal. Ou Suroth podia estar escondendo o que o par era para proteger o Império. O Império dependia de *sul'dam*; sua força foi construída sobre elas. A notícia de que *sul'dam* eram mulheres que podiam aprender a canalizar poderia destruir o Império em sua essência. Isso certamente a abalou. Talvez a despedaçou. Ela mesma não havia libertado Bethamin do dever. Tanta coisa havia mudado em Tanchico. Ela não acreditava mais que qualquer mulher que pudesse

canalizar merecia um colar. Criminosas, certamente, e talvez aquelas que recusaram juramentos ao Trono de Cristal, e... Ela não sabia. Antigamente, sua vida tinha sido feita de certezas sólidas como rochas, como estrelas guias que nunca falhavam. Ela queria sua antiga vida de volta. Ela queria algumas certezas. “Eu pensei,” Bethamin começou. Ela não teria lábios se não parasse de lambê-los. “Minha Senhora, se o Buscador... sofrer um acidente... talvez o perigo passasse com ele.” Luz, a mulher acreditou nessa intriga contra o Trono de Cristal, e estava pronta para deixar passar para salvar sua própria pele!

Egeanin se levantou, e a *sul'dam* não teve escolha a não ser segui-la. “Vou pensar nisso, Bethamin. Você virá me ver todos os dias que estiver livre. O Buscador vai esperar isso. Até que eu tome minha decisão, você não fará nada. Você me entende? Nada, exceto seus deveres e o que eu lhe digo.” Bethamin entendeu. Ela ficou tão aliviada que outra pessoa estava lidando com o perigo que ela se ajoelhou novamente e beijou a mão de Egeanin.

Quase tirando a mulher do quarto, Egeanin fechou a porta e jogou a xícara na lareira. Ela bateu nos tijolos e ricocheteou, rolando pelo pequeno tapete no chão. Estava amassada. Seu pai lhe dera aquele conjunto de xícaras quando ela ganhou seu primeiro comando. Toda a força parecia ter se esvaído. O Buscador havia tricotado raios de luar e acaso em um cordão estrangulador para seu pescoço. Se ela não fosse nomeada a uma propriedade em vez disso. Ela estremeceu com a possibilidade. O que quer que ela fizesse, o Buscador a tinha em uma armadilha. “Eu posso matá-lo.” Bayle flexionou as mãos, largas como o resto dele. “Ele é um homem magro, se bem me lembro. Acostumado a todos obedecendo a sua palavra. Ele não vai esperar que alguém quebre seu pescoço.”

“Você nunca o encontrará para matar, Bayle. Ele não vai encontrá-la no mesmo lugar duas vezes, e mesmo que você a siga dia e noite, ele pode estar disfarçado. Você não pode matar todos os homens com quem ela fala.”

Enrijecendo a coluna, ela marchou para a mesa onde sua escrivaninha estava e abriu a tampa. A escrivaninha esculpida em ondas, com seu tinteiro de vidro engastado em prata e jarra de areia

prateada, tinha sido o presente de sua mãe naquele primeiro comando. As folhas bem empilhadas de papel fino traziam seu selo recém-concedido, uma espada e uma âncora suja. “Vou escrever sua alforria”, disse ela, molhando a caneta prateada, “e lhe darei moedas suficientes para comprar passagem.” A caneta deslizou pela página. Ela sempre teve uma boa mão. As entradas de registro tinham que ser legíveis. “Não o suficiente para comprar um navio, temo, mas deve servir. Você partirá no primeiro navio disponível. Raspe o resto da cabeça e não terá problemas. Ainda é um choque ver homens carecas sem perucas, mas até agora ninguém parece...” Ela engasgou quando Bayle puxou a página debaixo de sua caneta. “Se você me libertar, você não pode me dar ordens”, disse ele. “Além disso, você deve garantir que eu possa me sustentar se você me libertar.” Ele enfiou a página no fogo e observou enquanto ela enegrecia e enrolava. “Um navio, você disse, e eu vou querer isso.”

“Ouça bem e escuta”, disse ela em sua melhor voz de capitã no tombadilho, mas não o impressionou. Tinha que ser o maldito vestido.

“Você precisa de uma tripulação,” ele disse bem em cima dela, “e eu posso encontrar uma para você, mesmo aqui.”

“Que bem uma tripulação me fará? Eu não tenho um navio. Se tivesse, para onde eu poderia navegar que o Buscador não pudesse me encontrar?”

Bayle deu de ombros como se isso não fosse importante. “Uma tripulação, primeiro. Eu reconheci aquele rapaz na cozinha, aquele com a moça no colo. Pare de fazer caretas. Não há mal nenhum em um pequeno beijo.”

Ela se endireitou, preparada para colocá-lo em ordem. Ela estava franzindo a testa, não fazendo careta, aquele casal estava se apalpando em público como animais, e ele era propriedade dela! Ele não podia falar com ela dessa maneira! “Seu nome é Mat Cauthon,” Bayle continuou enquanto ela abria a boca. “Por suas roupas, ele subiu na vida, e muito. A primeira vez que o vi, ele estava com um casaco de fazendeiro, fugindo dos Trollocs em um lugar que até os Trollocs têm medo. Da última vez, metade da cidade de Ponte Branca estava queimando, perto o suficiente disso, e um Myrddraal estava tentando

matar ele e seus amigos. Eu não vi isso por mim mesmo, mas qualquer outra coisa seria mais do que eu posso acreditar. Qualquer homem que possa sobreviver a Trollocs e Myrddraal será útil, eu acho. Especialmente agora."

"Algum dia," ela rosnou, "eu vou ter que ver alguns desses Trollocs e Myrddraal sobre os quais você fala." As coisas não podiam ser tão assustadoras quanto ele descreveu.

Ele sorriu e balançou a cabeça. Ele sabia o que ela pensava sobre essas chamadas Cria das Trevas. "Melhor ainda, o jovem Mestre Cauthon tinha companheiros no meu navio. Bons homens para esta situação, também. Um você conhece. Thom Merrill." A respiração de Egeanin ficou presa. Merrill era um velho inteligente. Um velho perigoso. E ele estava com aquelas duas Aes Sedai quando ela conheceu Bayle. "Bayle, há uma conspiração? Diga-me. Por favor?" Ninguém dizia 'por favor' à propriedade, nem mesmo a um *so'jhin*. Não, a menos que eles quisessem muito algo, de qualquer maneira. Balançando a cabeça novamente, ele apoiou a mão na peça de pedra da lareira e franziu a testa para as chamas. "As Aes Sedai traçam a maneira como os peixes nadam. Elas poderiam tramar com Suroth, mas a questão é: ela poderia tramar com elas? Eu a vi olhar para as *damane*, como se fossem cães sarnentos com pulgas e pegando doenças. Ela poderia falar com uma Aes Sedai?" Ele olhou para cima, e seus olhos estavam claros e abertos, não escondendo nada. "Eu digo isso de verdade. Pelo tumulto da minha avó, não conheço nenhuma conspiração. Mas se eu souber de dez, ainda não vou deixar que esse Buscador ou qualquer outra pessoa te machuque, custe o que custar." Era o tipo de coisa que qualquer *so'jhin* leal poderia dizer. Bem, nenhum *so'jhin* de que ela já tivesse ouvido falar teria sido tão direto, mas os sentimentos eram os mesmos. Só que ela sabia que ele não queria dizer isso dessa maneira, nunca poderia dizer dessa maneira.

"Obrigado, Bayle." Uma voz firme era uma necessidade de comando, mas ela estava orgulhosa de que a sua estava firme agora. "Encontre este Mestre Cauthon e Thom Merrill, se puder. Talvez alguma coisa possa ser feita."

Ele não se curvou antes de deixar sua presença, mas ela nem sequer considerou repreendê-lo. Ela também não pretendia deixar o Buscador levá-la. Faria o que fosse preciso para detê-lo. Essa foi uma decisão que ela tomou antes de libertar Bethamin. Ela encheu o copo amassado até a borda com conhaque, querendo ficar tão bêbada que não conseguisse pensar, mas em vez disso ficou olhando para o líquido escuro sem tocar em uma gota. O que fosse preciso. Luz, ela não era melhor do que Bethamin! Mas saber disso não mudou nada. O que fosse preciso.

Capítulo 22

A Partir do Nada

O Mercado Amhara era um dos três em Far Madding onde os estrangeiros podiam comerciar, mas, apesar do nome, a enorme praça não tinha nada da aparência de um mercado, sem barracas de mercado ou exposições de mercadorias. Alguns cavaleiros montados, um punhado de liteiras fechadas carregadas por carregadores de librés brilhantes e uma carruagem ocasional com as cortinas das janelas fechadas abriam caminho por entre uma multidão esparsa, porém agitada, que poderia ser vista em qualquer cidade grande. A maioria estava bem embrulhada em suas capas contra os ventos matinais que sopravam do lago que cercava a cidade, e era o frio que os fazia se apressar mais do que qualquer negócio urgente. Ao redor da praça, como nos outros dois Mercados de Estrangeiros da cidade, as altas casas de pedra dos banqueiros se misturavam com as estalagens de pedra onde os mercadores estrangeiros ficavam, e os armazéns de pedra sem janelas, onde suas mercadorias eram armazenadas, todas misturadas entre estábulos de pedra e paredes de pedra com jardas de vagões. Far Madding era uma cidade de paredes de pedra e telhados de ardósia. Nesta época do ano, as estalagens estavam um quarto cheias, na melhor das hipóteses, e os armazéns e pátios de carroças mais vazios do que isso.

Na chegada da primavera e do renascimento total do comércio, porém, os comerciantes pagariam o triplo por qualquer espaço que pudessem encontrar.

Um pedestal redondo de mármore no centro da praça sustentava uma estátua de Savion Amhara, de dois palmos de altura e orgulhosa em mantos de mármore forrados de pele, com elaboradas correntes de ofício de mármore em volta do pescoço. Seu rosto de mármore estava severo sob o diadema de mármore cravejado de joias do Primeiro Conselho, e sua mão direita segurava firmemente o punho de uma espada de mármore, sua ponta descansando entre seus pés calçados com chinelos, enquanto sua mão esquerda erguida apontava um dedo

de mármore de advertência para o Portão de Tear, alguns três quartos de milha de distância. Far Madding dependia de mercadores de Tear, Illian e Caemlyn, mas o Alto Conselho sempre desconfiava de estrangeiros e seus costumes corruptos no exterior.

Um dos Guardas da Rua com malha de aço, com um casaco de couro costurado com placas de metal quadradas sobrepostas e uma Mão Dourada no ombro esquerdo, estava abaixo da estátua usando uma vara longa e flexível para espantar pombos cinzentos de asas negras. Savion Amhara foi uma das três mulheres mais reverenciadas da história de Far Madding, embora nenhuma fosse conhecida muito além das margens do lago. Dois homens da cidade eram mencionados em todas as histórias do mundo, embora a cidade se chamasse Aren Mador quando um nasceu e Fel Moreina na época do outro, mas Far Madding fez o possível para esquecer Raolin Darksbane e Yurian Stonebow. Na verdade, esses dois homens eram o motivo de Rand estar em Far Madding. Algumas pessoas no Amhara olharam para ele quando ele passou, mas ninguém olhou duas vezes. Que ele era de longe era bastante claro, com seus olhos azuis e seu cabelo cortado no ombro. Os homens aqui usavam o cabelo às vezes pendurado até a cintura, amarrado na nuca ou preso com um clipe. Suas roupas de lã marrons simples eram indescritíveis, porém, não melhores do que um mercador moderadamente bem-sucedido poderia usar, e ele não era o único sem manto, apesar dos ventos do lago. A maioria dos outros eram kandoreanos ou arafellinos de barbas bifurcadas com tranças em forma de sino, ou saldaeanos de nariz de gavião, homens e mulheres que achavam o clima ameno comparado ao inverno da Fronteira, mas nada nele dizia que não era um Fronteiriço também. De sua parte, ele simplesmente se recusava a deixar o frio tocá-lo, ignorava-o como se fosse uma mosca zumbindo. Uma capa poderia atrapalhar seu caminho, se ele encontrasse sua chance de agir.

Pela primeira vez, nem mesmo sua altura atraiu atenção. Havia muitos homens muito altos em Far Madding, poucos deles nativos. O próprio Manel Rochaid era apenas uma mão mais baixo que Rand, se tanto. Rand ficou bem atrás do homem, deixando pessoas e liteiras passarem entre eles e às vezes até esconder sua presa. Com o cabelo

tingido de preto pelas ervas que Nynaeve havia fornecido, ele duvidava que o renegado Asha'man o notasse mesmo que o homem se virasse. De sua parte, não estava preocupado em perder Rochaid. A maioria dos homens locais usava cores opacas, com bordados mais brilhantes no peito e nos ombros e talvez um grampo de cabelo com joias para os mais prósperos, enquanto os comerciantes do exterior preferiam roupas sóbrias e despretensiosas, para não parecerem excessivamente ricos, e seus guardas e motoristas embrulhavam-se em lã áspera. O casaco de seda vermelho brilhante de Rochaid se destacou. Ele atravessava a praça como um rei, uma mão descansando levemente no punho de sua espada, um manto de peles ondulando atrás dele ao vento. Era um tolo. Aquele manto esvoaçante e a espada atraíram os olhos. Seus bigodes encerados e encaracolados o chamavam de murandiano, que deveria estar tremendo como qualquer ser humano normal, e aquela espada... Um puro touro tolo. *Você é o tolo, vindo para este lugar*, Lews Therin ofegou loucamente dentro de sua cabeça. *Louco! Louco! Temos que sair daqui! Temos que sair!* Ignorando a voz, Rand apertou mais as luvas apertadas e manteve um ritmo constante atrás de Rochaid. Vários guardas de rua na praça observavam o homem. Os estrangeiros eram considerados encenqueiros e cabeça-quentes, e os murandianos tinham uma reputação espinhosa. Um estrangeiro carregando uma espada sempre atraía a atenção dos Guardas. Rand estava feliz por ter decidido deixar a dele na pousada com Min. Ela se aninhava na parte de trás de sua cabeça com mais força do que Elayne ou Aviendha, ou Alanna. Ele estava apenas vagamente ciente das outras. Min parecia viva dentro dele. Quando Rochaid deixou o Amhara, indo mais fundo na cidade, bandos de pombos surgiram dos telhados, mas em vez de fazer as investidas infalíveis que normalmente os levariam para o céu, os pássaros colidiram uns com os outros e alguns caíram esvoaçando na calçada. As pessoas ficaram boquiabertas, incluindo os guardas da rua que estavam observando Rochaid tão atentamente um momento antes. O homem não olhou para trás, mas não teria importado se ele tivesse visto. Ele sabia que Rand estava na cidade sem ver os efeitos de um *ta'veren*, ou ele não estaria lá.

Seguindo Rochaid até a Rua da Alegria, na verdade duas ruas largas e retas separadas por uma fileira de árvores de casca cinzenta sem folhas, Rand sorriu. Rochaid e seus amigos provavelmente se achavam muito espertos. Talvez eles tivessem encontrado o mapa das Planícies de Maredo do norte de cabeça para baixo nas prateleiras da Pedra de Tear, ou o livro sobre as cidades do sul mal arquivado na biblioteca do Palácio Aesdaishar em Chachin, ou uma das outras dicas que ele havia deixado para trás. Pequenos erros que um homem com pressa podia cometer, mas dois ou três juntos pintavam uma seta apontando para Far Madding. Rochaid e os outros foram rápidos em ver isso, mais rápido do que ele esperava, ou então tiveram ajuda para apontá-la. De qualquer forma, não importava.

Ele não tinha certeza por que o murandiano tinha vindo antes dos outros, mas sabia que eles viriam, Torval e Dashiva, Gedwyn e Kisman, para tentar terminar o que haviam estragado em Cairhien. Uma pena que nenhum dos Abandonados seria tolo o suficiente para vir atrás dele aqui. Eles apenas enviariam os outros. Ele queria matar Rochaid antes que o resto chegasse, se pudesse. Mesmo aqui, onde todos estavam em pé de igualdade, seria melhor reduzir as chances. Fazia dois dias que Rochaid estava em Far Madding, fazendo perguntas abertamente sobre um homem alto e ruivo, gabando-se como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. O homem tinha visto qualquer número que correspondia mais ou menos à sua descrição, mas ainda pensava que era o caçador, não a caça.

Você nos trouxe aqui para morrer! Lews Therin gemeu. *Estar aqui é tão ruim quanto a morte!*

Rand deu de ombros desconfortavelmente. Ele concordava com a voz sobre isso. Ele ficaria tão feliz quanto Lews Therin em partir. Mas às vezes a única escolha era entre o ruim e o pior. Rochaid estava à sua frente, quase ao seu alcance. Isso era tudo o que importava agora.

As lojas e pousadas de pedra cinzenta ao longo da Rua da Alegria mudavam à medida que Rand se afastava do Mercado Amhara. Os prateiros substituíram os couteiros e, em seguida, os ourives substituíram os prateiros. Costureiras e alfaiates exibiam sedas e brocados bordados em vez de lãs. As carruagens que roncavam sobre

as pedras do calçamento agora tinham símbolos laqueados nas portas e equipes de quatro ou seis iguais em tamanho e cor, e mais cavaleiros estavam montados em sangues puros tairenos ou animais tão bons quanto eles. Cadeiras de liteira carregadas por carregadores que trotavam tornaram-se quase tão comuns quanto as pessoas a pé; e, a pé, lojistas de casacos ou vestidos fortemente bordados no peito e nos ombros eram superados em número por pessoas com librés tão brilhantes quanto a dos carregadores de liteiras. Muitas vezes, pedaços de vidro colorido agora decoravam os grampos de cabelo dos homens, ou ocasionalmente pérolas ou pedras preciosas mais ricas, embora poucos homens cujas esposas pudessem comprar pedras preciosas andassem. Apenas o vento frio era o mesmo, isso e os guardas da rua patrulhando em grupos de três, olhos alertas para problemas. Não havia tantos como nos Mercados de Estrangeiros, mas assim que uma patrulha desaparecia de vista, outra aparecia, e onde quer que uma rua mais larga do que um beco encontrasse a Rua da Alegria, havia um posto de vigia de pedra com dois guardas esperando ao pé para caso o homem no topo visse problemas. A paz era mantida rigorosamente em Far Madding. Rand franziu a testa enquanto Rochaid continuava pela rua. Estaria ele indo para a Praça dos Conselhos, no meio da ilha? Ali não havia nada além do Salão dos Conselhos, monumentos de mais de quinhentos anos antes, quando Far Madding fora a capital de Maredo, e as casas de contagem das mulheres mais ricas da cidade. Em Far Madding, um homem rico era aquele cuja esposa lhe dava uma mesada generosa ou um viúvo que havia sido provido. Talvez Rochaid estivesse encontrando Amigos das Trevas. Mas se fosse o caso, por que o homem esperou? De repente, uma onda de tontura o atingiu, um rosto sombrio preenchendo sua visão por um instante, e ele cambaleou contra um transeunte. Mais alto que o próprio Rand, com uma libré verde brilhante, o homem de cabelos louros moveu a grande cesta que carregava e afastou Rand gentilmente. Uma cicatriz longa e enrugada descia pela lateral de seu rosto moreno. Inclinando a cabeça, ele murmurou um pedido de desculpas e se apressou. Endireitando-se, Rand grunhiu uma maldição baixinho.

Você já os destruiu, sussurrou Lews Therin em sua cabeça. Agora você tem outra pessoa para destruir, e não antes do tempo. Quantos nós três mataremos antes do fim, eu me pergunto.

Cale-se! Rand pensou ferozmente, mas uma risada cacarejante e irônica o respondeu. Não foi o encontro com um homem Aiel que o aborreceu. Ele tinha visto muitos desde que chegara a Far Madding. Por alguma razão, centenas de Aiel que fugiram depois de saber a verdade de sua história acabaram lá, tentando seguir o Caminho da Folha quando não tinham mais ideia do que isso implicava, exceto que deveriam ser *gai'shain* ao longo da vida. Ele nem estava preocupado com a tontura, ou de quem era o rosto que ele viu quando ela o atingiu. À sua frente, uma carruagem puxada por seis cavalos cinzas atravessou ruidosamente o fluxo de liteiras e pessoas apressadas em libré, e homens e mulheres entrando e saindo das lojas, mas não havia sinal de um casaco vermelho. Ele bateu um punho enluvado em sua palma em irritação.

Seguir em frente às cegas era idiota. Ele podia correr direto para o homem, ou pelo menos ser visto. Até agora, Rochaid achava que Rand não sabia que ele estava na cidade, uma vantagem importante demais para ser desperdiçada. Ele sabia onde Rochaid tinha seus aposentos, uma das estalagens que atendia aos estrangeiros. Ele poderia ficar lá fora amanhã e esperar por outra chance. Os outros podiam chegar à noite também. Ele pensou que poderia matar dois juntos, ou talvez até mesmo todos os cinco, mas isso não poderia ser feito em silêncio. Ele sofreria ferimentos contra cinco e, na melhor das hipóteses, teria que abandonar sua espada, o que estava relutante em fazer. Foi um presente da Aviendha. Na pior das hipóteses...

Um resquício de um manto forrado de pele chamou sua atenção, esvoaçando ao vento enquanto desaparecia em uma esquina à frente, e ele correu em direção a ele. Os Guardas no posto de vigia ali se endireitaram, o homem no topo tirando o chocalho do cinto. Um dos que estavam no fundo da arquibancada ergueu seu longo porrete, enquanto o outro ergueu um mastro de onde estava encostado nos degraus do suporte. A extremidade bifurcada era feita para prender e segurar um braço, uma perna ou um pescoço, e a própria vara era

amarrada com ferro, à prova de qualquer espada ou machado. Eles o observavam de perto, com olhos duros.

Ele acenou para eles e sorriu, então ostensivamente olhou para a rua lateral, procurando a multidão ali. Não como um ladrão correndo, apenas um homem tentando alcançar alguém. O porrete voltou para o gancho do cinto, o mastro voltou para os degraus. Ele não olhou para os guardas novamente. À frente, ele teve um vislumbre da capa, e talvez um casaco vermelho, quando o usuário virou para outra rua. Erguendo a mão como se fosse chamar alguém, Rand acelerou atrás do homem, esquivando-se entre as pessoas e os carrinhos de mão dos vendedores ambulantes. Os vendedores ambulantes exibindo alfinetes, agulhas ou pentes em suas bandejas tentavam chamar a atenção dele, ou de qualquer pessoa, com seus gritos. Poucas pessoas aqui usavam bordados, e um simples cordão amarrando o cabelo de um homem era muito mais comum do que o grampo mais simples. Essas ruas eram, na melhor das hipóteses, apertadas e tortuosas, um labirinto aleatório onde estalagens baratas e prédios de apartamentos de três e quatro andares se erguiam sobre as lojas de açougueiros, fabricantes de velas e barbeiros, funileiros, oleiros e tanoeiros. As carruagens não caberiam nessas ruas, e também não havia liteiras, nem cavaleiros, e apenas um punhado de criados uniformizados, carregando cestas com afazeres, mas passeando e olhando de nariz empinado para todos ao redor, exceto os guardas da rua. Suas patrulhas e arquibancadas estavam presentes mesmo aqui. Por fim, ele chegou perto o suficiente para ter uma visão clara do homem que estava seguindo. Rochaid finalmente mostrara bom senso para puxar sua capa sobre ele, escondendo seu casaco vermelho e sua espada inútil, mas não havia dúvida de quem ele era. Na verdade, ele parecia estar tentando evitar ser notado agora, esgueirando-se pela lateral da rua com o ombro roçando as fachadas das lojas. De repente, ele olhou em volta furtivamente, então disparou para um beco entre uma pequena loja de cestaria e uma pousada com uma placa tão suja que o nome estava completamente obscurecido. Rand quase sorriu e não perdeu tempo correndo atrás dele. Não havia guardas de rua ou arquibancadas nos becos de Far Madding.

Aqueles becos eram ainda mais tortuosos do que as ruas que Rand acabara de deixar, formando um labirinto próprio pelo interior de cada quarteirão da cidade, e Rochaid já estava fora de vista, mas Rand podia ouvir suas botas batendo na terra úmida e pedregosa. O som ricocheteou e se multiplicou entre as paredes de pedra sem janelas até que ele mal podia dizer de onde vinha, mas ele o seguiu, correndo por passagens mal largas o suficiente para dois homens lado a lado. Se eles fossem amigáveis. Por que Rochaid entrou neste labirinto? Aonde quer que ele fosse, ele queria estar lá rapidamente. Mas ele não sabia como usar os becos para ir de um lugar a outro.

Abruptamente, Rand percebeu que as únicas botas que estava ouvindo eram as suas e parou. Silêncio. De onde ele estava, ele podia ver mais três becos estreitos se separando daquele em que ele estava. Mal respirando, ele forçou os ouvidos. Silêncio. Ele quase decidiu voltar. E então ouviu um barulho distante da boca do beco mais próximo, como se alguém tivesse acidentalmente chutado uma pedra contra um muro de pedra ao passar. Melhor matar o homem e pronto. Rand virou a esquina para o beco e encontrou Rochaid esperando por ele.

O murandiano teve seu manto jogado para trás novamente, e ambas as mãos no punho de sua espada. O elo da paz de Far Madding tecia o cabo e a bainha dentro de uma rede de arame fino. Ele usava um sorriso pequeno e conhecedor. "Você foi tão fácil de atrair como um pombo", disse ele, começando a desembainhar sua espada. Os fios tinham sido cortados, então fixados para que ainda parecessem sólidos a um olhar casual. "Corra, se você quiser."

Rand não correu. Em vez disso, ele deu um passo à frente, batendo com a mão esquerda na ponta do punho da espada de Rochaid, prendendo a lâmina ainda pela metade na bainha. A surpresa arregalou os olhos do homem, mas ele ainda não percebeu que parar para se vangloriar já o havia matado. Ele recuou, tentando conseguir espaço para completar sua sacada, mas Rand o seguiu suavemente, mantendo a espada presa e girando os quadris, enfiando os nós dos dedos dobrados na garganta de Rochaid. A cartilagem estalou ruidosamente, e o renegado esqueceu de tentar matar qualquer um.

Cambaleando para trás, de olhos arregalados e encarando, ele colocou as duas mãos na garganta e tentou desesperadamente puxar o ar através de sua traqueia arruinada. Rand já estava começando o golpe mortal, abaixo do esterno, quando um sussurro de som veio até ele por trás, e de repente a provocação de Rochaid assumiu um novo significado. Apoiando-se em Rochaid, Rand se deixou cair no chão em cima do homem. Metal duro balançado contra uma parede de pedra, e um homem amaldiçoou. Agarrando a espada de Rochaid, Rand deixou que o movimento de queda se transformasse em um rolo, puxando a lâmina para longe enquanto caía sobre o próprio ombro. Rochaid deu um grito agudo e gorgolejante quando Rand apareceu agachado de frente para o caminho por onde tinha vindo.

Raefar Kisman ficou boquiaberto para Rochaid, a lâmina que ele pretendia esfaquear Rand, em vez disso, cravada no peito de Rochaid. O sangue borbulhou nos lábios do murandiano, e ele cravou os calcanhares no chão e ensanguentou as mãos no aço afiado como se pudesse empurrá-lo para fora. De estatura mediana e pálido para um taireno, Kisman usava roupas tão simples quanto as de Rand, exceto pelo cinto da espada. Escondendo isso sob sua capa, ele poderia ter ido a qualquer lugar em Far Madding sem ser notado.

Seu desânimo durou apenas um instante. Quando Rand se levantou, com a espada pronta em ambas as mãos, Kisman puxou sua própria lâmina e não olhou para seu cúmplice de novo. Ele observou Rand, e suas mãos se mexeram nervosamente no longo punho de sua espada. Sem dúvida, ele era um daqueles tão orgulhosos de poder usar o Poder como arma que desdenhava de realmente aprender a usar espada. Rand não desdenhava. Rochaid deu um último puxão e ficou imóvel, olhando para o céu. “Hora de morrer,” Rand disse calmamente, mas quando ele começou a avançar, um chocalho soou em algum lugar atrás do taireno, uma tagarelice incessante, e então outra. Os Guardas de Rua.

“Eles vão levar nós dois,” Kisman respirou, parecendo frenético. “Se eles nos encontrarem de pé sobre um cadáver, eles vão enforcar nós dois! Você sabe que eles vão!” Ele estava certo, pelo menos em parte. Se os Guardas os encontrassem ali, ambos seriam rebocados para as

celas sob o Salão dos Conselhos. Mais chocalhos bateram, aproximando-se. Os Guardas deviam ter notado três homens entrando um por um no mesmo beco. Talvez eles tenham visto a espada de Kisman. Relutantemente, Rand assentiu.

O taireno recuou cautelosamente, e quando viu Rand não fazer nenhum movimento para segui-lo, ele embainhou sua lâmina e correu descontroladamente, o manto escuro queimando atrás dele. Rand jogou sua espada emprestada em cima do corpo de Rochaid e correu para o outro lado. Não havia chocalhos nessa direção ainda. Com sorte, ele poderia estar nas ruas, misturando-se à multidão, antes de ser visto. Ele tinha outros medos além do laço. Tirar as luvas, mostrar os Dragões que marcavam seus braços, seria o suficiente para evitar seu enforcamento, ele tinha certeza. Mas os Conselhos haviam proclamado a aceitação daquele estranho decreto que Elaida havia emitido. Uma vez que estivesse em uma cela, ficaria lá até que a Torre Branca o chamasse. Então ele correu o mais que pôde.

Misturando-se à multidão na rua, Kisman soltou um suspiro de alívio quando três Guardas de Rua correram para o beco de onde ele tinha acabado de sair. Segurando a capa perto para esconder a espada embainhada, ele se moveu com o fluxo do tráfego, não mais rápido do que ninguém e mais lento do que alguns. Nada para chamar a atenção de um guarda. Dois deles passaram com um prisioneiro amarrado enfiado em um grande saco pendurado em um bastão carregado em seus ombros. Apenas a cabeça do homem se projetava, seus olhos selvagens e penetrantes. Kisman estremeceu. Que seus olhos queimassem, poderia ter sido ele! Ele!

Ele tinha sido um tolo ao deixar Rochaid convencê-lo disso em primeiro lugar. Eles deveriam esperar até que todos chegassem, entrando na cidade um por um para evitar serem notados. Rochaid queria a glória de ser a pessoa a matar al'Thor; o murandiano ardia de desejo de provar que era um homem melhor do que al'Thor. Agora ele estava morto, e quase Raefar Kisman com ele, e isso deixou Kisman furioso. Ele queria poder mais do que glória, talvez para governar Tear da Pedra. Talvez mais. Ele queria viver para sempre. Essas coisas

foram prometidas; elas eram suas por direito. Parte de sua raiva era porque ele não tinha certeza de que eles realmente deveriam matar al'Thor. O Grande Senhor sabia que ele queria — ele não dormiria profundamente até que o homem estivesse morto e enterrado! — e ainda assim... “Matem-no,” o M'Hael ordenou antes de enviá-los para Cairhien, mas ele ficou tão descontente que eles foram descobertos quanto por terem falhado. Far Madding seria sua última chance; ele tornara isso tão claro quanto latão polido. Dashiva simplesmente desapareceu. Kisman não sabia se ele havia fugido ou se o M'Hael o havia matado, e ele não se importou.

“Matem-no”, Demandred ordenou mais tarde, mas acrescentou que seria melhor que eles morressem do que deixassem que os descobrissem novamente. Por qualquer um, até mesmo o M'Hael, como se não soubesse da ordem de Taim.

E mais tarde ainda, Moridin havia dito: “Mate-o se for preciso, mas acima de tudo, traga tudo em sua posse para mim. Isso redimirá suas transgressões anteriores.” O homem disse que ele era um dos Escolhidos, e ninguém era louco o suficiente para fazer essa afirmação a menos que fosse verdade, mas ele parecia pensar que os pertences de al'Thor eram mais importantes do que sua morte, o assassinato incidental e não realmente necessário.

Aqueles dois eram os únicos Escolhidos que Kisman conhecera, mas faziam sua cabeça doer. Eles eram piores do que cairhienos. Ele suspeitava que o que eles não diziam poderia matar um homem mais rápido do que uma ordem assinada por um Grão-Senhor. Bem, uma vez que Torval e Gedwyn chegassem, eles poderiam dar um jeito...

De repente, algo picou seu braço direito, e ele olhou consternado para a mancha de sangue que se espalhava em seu manto. Não parecia um corte profundo, e nenhuma bolsa cortaria seu antebraço.

“Ele pertence a mim”, um homem sussurrou atrás dele, mas quando ele se virou, havia apenas a multidão na rua, todos cuidando de seus negócios. Os poucos que notaram a mancha escura em sua capa desviaram o olhar rapidamente. Nesse lugar, ninguém queria ser associado nem mesmo à menor violência. Eles eram bons em ignorar o que não queriam ver.

A ferida latejava, queimando mais do que no início. Soltando sua capa ao vento, Kisman pressionou a mão esquerda sobre o corte sangrento em sua manga. Seu braço estava inchado ao seu toque e quente. De repente, ele olhou horrorizado para sua mão direita, olhando enquanto ela ficava preta e inchada como um cadáver de uma semana. Freneticamente, ele começou a correr, empurrando as pessoas para fora de seu caminho, derrubando-as. Ele não sabia o que estava acontecendo com ele, como aquilo tinha sido feito, mas tinha certeza do resultado. A menos que pudesse sair da cidade, além do lago, subindo as colinas. Ele tinha uma chance, então. Um cavalo. Ele precisava de um cavalo! Ele tinha que ter uma chance. Ele havia prometido que viveria para sempre! Tudo o que ele podia ver eram pessoas em pé, e elas estavam se espalhando diante de sua investida. Ele pensou ter ouvido os chocalhos dos guardas, mas podia ter sido o sangue latejando em seus ouvidos. Tudo estava ficando escuro. Seu rosto bateu em algo duro, e ele sabia que tinha caído. Seu último pensamento foi que um dos Escolhidos havia decidido puni-lo, mas pelo que, ele não saberia dizer.

Apenas alguns homens estavam sentados nas mesas redondas na sala comunal d'A Coroa de Maredo quando Rand entrou. Apesar do grande nome, era uma pousada modesta, com duas dúzias de quartos em dois andares acima. As paredes rebocadas da sala comunal eram pintadas de amarelo, e os homens que serviam à mesa usavam longos aventais amarelos. Uma lareira de pedra em cada extremidade da sala dava-lhe um calor marcante depois de estar do lado de fora. As venezianas estavam trancadas, mas as lâmpadas penduradas nas paredes diminuía a penumbra. Os cheiros que vinham das cozinhas prometiam um saboroso almoço de peixe do lago. Rand lamentaria perder isso. Os cozinheiros d'A Coroa de Maredo eram muito bons.

Ele viu Lan em uma mesa sozinho contra a parede. O cordão de couro trançado que prendia o cabelo de Lan atraía olhares de soslaio de alguns dos outros homens, mas ele se recusava a desistir de usar o hadori mesmo por um tempo. Ele encontrou o olhar de Rand, e quando Rand acenou para as escadas no fundo da sala, ele não perdeu

tempo com olhares questionadores; apenas largou sua taça de vinho e se levantou, começando a subir as escadas. Mesmo com apenas uma pequena faca no cinto, ele parecia perigoso, mas também não havia nada a ser feito sobre isso. Vários homens nas mesas olharam na direção de Rand, mas por algum motivo, eles desviaram o olhar apressadamente quando ele encontrou seus olhos.

Perto da cozinha, na porta do banheiro feminino, Rand parou. Homens não eram permitidos lá. Além de algumas flores pintadas nas paredes amarelas, o Salão das Mulheres não era muito mais chique do que o Salão Comunal, embora as luminárias também fossem pintadas de amarelo, e as fachadas da lareira. Os aventais amarelos usados pelas mulheres que serviam a mesa aqui não eram diferentes dos usados pelos homens na sala comunal. Dona Nalhera, a estalajadeira magra e grisalha, estava sentada na mesma mesa que Min, Nynaeve e Alivia, todas conversando e rindo enquanto tomavam chá.

A mandíbula de Rand se apertou ao ver a *ex-damane*. Nynaeve alegou que a mulher insistiu em ir junto, mas ele não acreditava que alguém pudesse “insistir” em nada com Nynaeve. Ela queria Alivia junto por algum motivo secreto. Ela vinha se comportando misteriosamente, como se estivesse se esforçando ao máximo para ser Aes Sedai, desde que ele voltou para buscá-la depois de deixar Elayne. As três mulheres haviam adotado vestidos à moda de Far Madding de gola alta, fortemente bordados com flores e pássaros no corpete e nos ombros e até o queixo, embora às vezes Nynaeve resmungasse sobre eles. Sem dúvida, ela teria preferido a lã robusta de Dois Rios ao material mais fino que encontrou aqui. Por outro lado, se o ponto vermelho do *ki'sain* em sua testa não fosse suficiente para atrair todos os olhos, ela se enfeitava com joias como se estivesse participando de uma audiência real, um cinto fino dourado e um longo colar e qualquer número de braceletes, todos, exceto um, cravejados de safiras azuis brilhantes e pedras verdes polidas que ele não conhecia, e cada dedo da mão direita tinha um anel para combinar. Seu anel da Grande Serpente estava escondido em algum lugar, para não atrair atenção, mas o resto atraía dez vezes mais. Muitas pessoas não teriam

conhecido o anel de uma Aes Sedai à primeira vista, mas qualquer um podia ver dinheiro nessas gemas.

Rand limpou a garganta e inclinou a cabeça. "Esposa, preciso falar com você lá em cima", disse ele, lembrando no último momento de acrescentar: "se isso lhe agradar". Ele não poderia tornar seu tom mais urgente do que isso, não se quisesse manter as aparências, mas esperava que tudo não demorassem. Elas poderiam, mesmo que apenas para demonstrar à estalajadeira que não estavam à sua disposição. Por alguma razão, as pessoas em Far Madding realmente pareciam acreditar que as mulheres pulavam quando os homens mandavam!

Min se virou na cadeira para sorrir para ele, do jeito que ela fazia toda vez que ele a chamava de sua esposa. A sensação dela em sua cabeça era de calor e prazer, de repente brilhando com diversão. Ela achava a situação deles em Far Madding muito divertida. Inclinando-se para a senhora Nalhera sem tirar os olhos dele, ela disse algo em voz baixa que fez a mulher mais velha gargalhar e deu a Nynaeve uma expressão de dor.

Alivia se levantou, parecendo em nada com a mulher subjugada que ele lembrava vagamente de entregar a Taim. Todas aquelas *sul'dam* e *damane* capturadas eram um fardo do qual ele estava feliz por se livrar, nada mais. Havia fios brancos em seu cabelo dourado e linhas finas nos cantos de seus olhos, mas aqueles olhos eram ferozes agora. "Podemos?" ela falou lentamente, olhando para Nynaeve, mas de alguma forma ela fez da palavra uma crítica e uma ordem.

Nynaeve olhou para a mulher e levou um bom tempo para se levantar e alisar as saias, mas pelo menos ela se levantou.

Rand não esperou mais antes de subir correndo. Lan estava esperando no alto da escada, fora da vista da sala comunal abaixo. Silenciosamente, Rand deu um relato básico do que havia acontecido. O rosto duro de Lan nunca mudou de expressão.

"Pelo menos um deles está morto", disse ele, virando-se para o quarto que dividia com Nynaeve. "Vou preparar nossas coisas."

Rand já estava no quarto que ele e Min dividiam, tirando apressadamente suas roupas do guarda-roupa alto e enfiando-as de

qualquer maneira em um dos cestos de vime, quando ela finalmente entrou no quarto. Seguida por Nynaeve e Alivia.

"Luz, você vai arruinar nossas coisas desse jeito", Min exclamou, empurrando-o para longe do cesto. Ela começou a tirar as roupas e a dobrá-las cuidadosamente na cama ao lado de sua espada pacificada. "Por que estamos fazendo as malas?" ela perguntou, mas não lhe deu chance de responder. "A dona Nalhera diz que você não ficaria tão mal-humorado se eu chicoteasse você todas as manhãs", ela riu, sacudindo um dos casacos que não usava aqui. Ele lhe disse que compraria um novo, mas ela se recusou a deixar os casacos e as calças bordadas para trás. "Eu disse a ela que consideraria isso. Ela gosta muito de Lan." De repente, ela ergueu a voz, imitando a estalajadeira. "Um homem bem-educado e domado é preferível a um rosto bonito, eu sempre digo."

Nynaeve bufou. "Quem quer um homem que pode fazer saltar pelos aros sempre que quiser?" Rand olhou para ela, e a boca de Min caiu aberta. Era exatamente isso que Nynaeve fazia com Lan, e como o homem aguentava era mais do que Rand conseguia entender.

"Você pensa demais nos homens, Nynaeve," Alivia falou lentamente. Nynaeve franziu a testa, mas em vez de dizer qualquer coisa, ela apenas ficou ali dedilhando uma de suas pulseiras, uma peça peculiar com correntes douradas planas que se estendiam pelas costas de sua mão esquerda até anéis em todos os quatro dedos. A mulher mais velha balançou a cabeça como se estivesse desapontada por não conseguir uma briga.

"Estou fazendo as malas porque temos que ir, e sejam rápidas", disse Rand apressadamente. Nynaeve podia ficar quieta no momento, por mais estranho que fosse, mas se seu rosto ficasse mais escuro, ela estaria puxando a trança e gritando até que ninguém pudesse dizer uma palavra por horas.

Antes que ele terminasse o mesmo relato que havia dado a Lan, Min parou de dobrar as coisas e começou a recolocar seus livros no segundo cesto, com pressa suficiente para não os acolchoar com capas como costumava fazer. As outras duas mulheres ficaram olhando para ele como se nunca o tivessem visto antes. Caso elas não

estivessem sendo tão rápidas em enxergar quanto Min, ele acrescentou impacientemente: "Rochaid e Kisman me emboscaram. Eles sabiam que eu os estava seguindo. Kisman fugiu. Se ele conhece esta pousada, ele e Dashiva e Gedwyn e Torval podem aparecer aqui, talvez em dois ou três dias, ou talvez em uma hora ou mais."

"Eu não sou cega", disse Nynaeve, ainda olhando para ele. Não havia calor em sua voz; ela estava protestando apenas por fazer? "Se você quer se apressar, ajude Min em vez de ficar parado como um idiota." Ela o encarou por mais um momento e balançou a cabeça antes de sair.

Alivia fez uma pausa no ato de seguir e olhou para Rand. Não, não havia mais nada de uma pessoa subjugada nela. "Você poderia se matar assim", disse ela em desaprovação. "Você tem muito o que fazer para ser morto ainda. Você deve nos deixar ajudar."

Ele franziu a testa para a porta se fechando atrás dela. "Você teve alguma visão sobre ela, Min?"

"O tempo todo, mas não do tipo que você quer dizer, nada que eu entenda." Ela torceu o nariz para um dos livros e o colocou de lado. Pequena chance de ela abandonar um único volume de sua biblioteca não tão pequena. Sem dúvida, ela pretendia levar aquele e lê-lo na primeira oportunidade. Ela passava horas com o nariz naqueles livros. "Rand," ela disse lentamente, "você fez tudo isso, matou um homem e enfrentou outro, e... Rand, eu não senti nada. No vínculo, quero dizer. Nem medo, nem raiva. Nem mesmo preocupação! Nada."

"Eu não estava com raiva dele." Balançando a cabeça, ele começou a empurrar roupas no cesto novamente. "Ele só precisava ser morto, só isso. E por que eu teria medo?"

"Ah," ela disse em uma voz baixa. "Entendo." Ela se inclinou de volta para os livros. O vínculo tinha ficado muito quieto, como se ela estivesse mergulhada em pensamentos, mas havia um fio perturbado percorrendo a quietude.

"Min, eu prometo que não vou deixar nada acontecer com você." Ele não sabia se poderia cumprir essa promessa, mas pretendia tentar.

Ela sorriu para ele, quase rindo. Luz, ela era linda. "Eu sei disso, Rand. E eu não vou deixar nada acontecer com você." O amor fluíu ao

longo do vínculo como o brilho do sol do meio-dia. “Alivia está certa, no entanto. Você tem que nos deixar ajudar de alguma forma. Se você descrever esses companheiros bem o suficiente, talvez possamos fazer perguntas. Você certamente não pode vasculhar a cidade inteira sozinho.”

Somos homens mortos, murmurou Lews Therin. *Homens mortos deveriam ficar quietos em seus túmulos, mas nunca ficam.*

Rand mal ouviu a voz em sua cabeça. De repente, ele sabia que não precisava descrever Kisman e os outros. Ele poderia desenhá-los tão bem que qualquer um reconheceria os rostos. Exceto que, ele nunca tinha sido capaz de desenhar em sua vida. Lews Therin era, no entanto. Isso deveria tê-lo assustado. Deveria.

Isam andou pela sala, estudando a luz sempre presente de *Tel'aran'rhiod*. A roupa de cama mudou de amarrotada para bem feita entre um olhar e o outro. A colcha mudou de florida para vermelho escura, lisa para acolchoada. O efêmero sempre mudava aqui, e ele mal notava mais. Ele não podia usar *Tel'aran'rhiod* do jeito que os Escolhidos podiam, mas aqui era onde ele se sentia mais livre. Aqui, ele poderia ser quem ele queria ser. Ele riu com o pensamento. Parando ao lado da cama, ele cuidadosamente desembainhou as duas adagas envenenadas e saiu do Mundo Invisível para a vigília. Ao fazê-lo, tornou-se Luc. Parecia apropriado.

O quarto estava escuro no mundo desperto, mas a única janela deixava entrar luz da lua suficiente para Luc distinguir as formas amontoadas de duas pessoas dormindo sob seus cobertores. Sem hesitar, ele enfiou uma lâmina em cada um. Eles acordaram com pequenos gritos, mas ele puxou as lâminas e as enfiou de novo e de novo. Com o veneno, era improvável que qualquer um deles tivesse forças para gritar alto o suficiente para ser ouvido do lado de fora do quarto, mas ele queria que essa matança fosse sua de uma maneira que o veneno não podia conceder. Logo eles pararam de se contorcer quando ele enfiou uma lâmina entre as costelas.

Limpando as adagas na colcha, ele as embainhou com tanto cuidado quanto as havia pegado. Ele recebeu muitos presentes, mas a

imunidade ao veneno, ou qualquer outra arma, não estava entre eles. Então ele tirou uma vela curta do bolso e soprou cinzas suficientes das brasas na lareira para acender o pavio. Ele sempre gostou de ver as pessoas que matava, depois se não podia enquanto matava. Ele havia gostado especialmente daquelas duas Aes Sedai na Pedra de Tear. A incredulidade em seus rostos quando ele apareceu do nada, o horror quando perceberam que ele não tinha vindo para salvá-los, eram lembranças preciosas. Aquele tinha sido Isam, não ele, mas as memórias não eram menos valorizadas por isso. Nenhum deles conseguia matar uma Aes Sedai com muita frequência.

Por um momento, ele estudou os rostos do homem e da mulher na cama, depois apagou a chama da vela e a devolveu ao bolso antes de voltar para *Tel'aran'rhiod*.

Seu patrono do momento estava esperando por ele. Um homem, disso ele tinha certeza, mas Luc não conseguia olhar para ele. Não era como era com aqueles Homens Cinzas viscosos, que você simplesmente não notava. Ele havia matado um deles, uma vez, na própria Torre Branca. Eles pareciam frios e vazios ao toque. Foi como matar um cadáver. Não, este homem tinha feito algo com o Poder, então os olhos de Luc deslizavam para longe dele como água escorrendo pelo vidro. Mesmo visto no canto do olho, ele era um borrão.

"O casal dormindo neste quarto vai dormir para sempre", disse Luc, "mas o homem era careca, a mulher grisalha."

"Uma pena", disse o homem, e a voz pareceu derreter nos ouvidos de Luc. Ele não seria capaz de reconhecê-lo se o ouvisse sem o disfarce. O homem tinha que ser um dos Escolhidos. Poucos, exceto os Escolhidos, sabiam como alcançá-lo, e nenhum dos homens entre aqueles poucos poderia canalizar, ou ousaria tentar comandá-lo. Seus serviços eram sempre implorados, exceto pelo próprio Grande Senhor, e mais recentemente pelos Escolhidos, mas nenhum dos Escolhidos que Luc conheceu jamais tomou precauções como esta.

"Você quer que eu tente de novo?" Luc perguntou.

"Talvez. Quando eu te mandar. Não antes. Lembre-se, nem uma palavra disso para ninguém."

"Como você ordena", Luc respondeu, curvando-se, mas o homem já estava fazendo um portão, um buraco que se abria em uma clareira da floresta nevada. Ele se foi antes de Luc se endireitar.

Realmente era uma pena. Ele estava ansioso para matar seu sobrinho e a moça. Mas se havia tempo para passar, a caça era sempre um prazer. Ele se tornou Isam. Isam gostava de matar lobos ainda mais do que Luc.

Capítulo 23

Para Perder o Sol

Tentando segurar o manto de lã desconhecido firmemente ao redor dela com uma mão, tentando não cair da sela ainda mais desconhecida, Shalon desajeitadamente puxou seu cavalo para a frente e seguiu Harine e seu Mestre de Espada Moad através do buraco no ar que saía de um estábulo no Palácio do Sol para... Ela não tinha certeza de onde, exceto que era uma longa área aberta — uma clareira, como se chamava? Ela achou que estava certa — uma clareira maior que o convés de um navio raker, entre árvores raquíticas espaçadas nas colinas. Os pinheiros, as únicas árvores entre elas que ela reconhecia, eram pequenos e retorcidos demais para qualquer uso que não fosse alcatrão e terebintina. A maior parte do resto mostrava galhos cinzentos nus que a faziam pensar em ossos. O sol da manhã estava logo acima das copas das árvores e, se alguma coisa, o frio parecia mais amargo aqui do que na cidade que ela havia deixado para trás. Ela esperava que o cavalo não desse um passo em falso e a derrubasse sobre as rochas que se erguiam onde quer que pedaços de neve não cobrissem as folhas apodrecidas no chão. Ela desconfiava de cavalos. Ao contrário dos navios, os animais tinham mente própria. Eram coisas traiçoeiras para subir em cima. E cavalos tinham dentes. Sempre que sua montaria mostrava os dele, tão perto de suas pernas, ela se encolhia e acariciava seu pescoço e fazia sons suaves. Pelo menos, ela esperava que a besta os achasse calmantes.

A própria Cadsuane, vestida de verde-escuro sem bordados, sentava-se facilmente em um cavalo alto com crina e cauda pretas, mantendo a trama que formava o portão. Os cavalos não a incomodavam. Nada a incomodava. Uma brisa repentina agitou o manto cinza escuro que cobria a parte de trás de sua montaria, mas ela não deu nenhum sinal de sentir frio. Os enfeites de cabelo dourados pendurados em seu coque cinza-escuro balançaram quando ela virou a cabeça para observar Shalon e seus companheiros. Ela era uma mulher bonita, mas você não a notaria duas vezes em uma multidão, exceto que seu rosto liso não combinava com seu cabelo. Uma vez que

você vinha a conhecê-la, já era tarde demais. Shalon teria dado muito para ver como aquela trama era feita, mesmo que isso significasse estar perto de Cadsuane, mas ela não teve permissão para entrar no estábulo até que o portão estivesse completo, e ver uma vela estendida na verga não lhe ensinava como zarpar, muito menos fazer uma. Tudo o que ela sabia era o nome. Passando, ela evitou encontrar o olhar da Aes Sedai, mas o sentiu. Os olhos da mulher fizeram seus dedos dos pés se curvarem, buscando um apoio que os estribos não podiam dar. Ela não via maneira de escapar, mas esperava encontrar uma através do estudo das Aes Sedai. Que ela sabia muito pouco sobre Aes Sedai, ela estava prontamente disposta a admitir — ela nunca havia conhecido uma antes de navegar para Cairhien, e pensava nelas apenas para agradecer a Luz que ela não havia sido escolhida para se tornar uma —, mas havia correntes entre as companheiras de Cadsuane, nas profundezas abaixo da superfície. Correntes profundas e fortes podiam alterar tudo o que parecia aparente na superfície. As quatro Aes Sedai que passaram logo depois de Cadsuane estavam esperando em seus cavalos em um lado da... clareira... com três Guardiões. Pelo menos, Shalon tinha certeza de que Ihvon era o ardente Guardião de Alanna, e Tomas era da robusta e pequena Venn, mas ela também tinha certeza de ter visto o jovem que ficou tão perto da roliça Daigian, vestindo o casaco preto de um Asha'man. Certamente ele não poderia ser um Guardião. Poderia? Eben era apenas um menino. No entanto, quando a mulher olhou para ele, seu habitual orgulho inchado pareceu aumentar ainda mais. Kumira, uma mulher de aparência agradável com olhos azuis que podiam se transformar em facas quando algo a interessava, moveu a sela um pouco para o lado, estudando o jovem Eben com tanta atenção que era uma maravilha que ele não estivesse deitado no chão esfolado. "Eu não vou aguentar isso por muito mais tempo", resmungou Marine, batendo em sua égua com os calcanhares nus para mantê-la em movimento. Suas sedas amarelas brocadas não a ajudavam a manter um bom assento na sela mais do que a azul de Shalon. Ela balançava e deslizava com os movimentos do animal, a ponto de cair no chão a cada passo. A brisa soprou novamente, sacudindo as pontas

penduradas de sua faixa, fazendo sua capa ondular, mas ela desdenhou de controlar a roupa. Os mantos não eram muito usados nos navios; eles atrapalhavam e podiam emaranhar seus braços e pernas quando você precisasse deles para sobreviver. Moad recusara um, confiando no casaco azul acolchoado que usava nos mares mais frios. Nesune Bihara, toda em lã bronze, atravessou o portão olhando ao redor como se tentasse ver tudo de uma vez, e então Elza Penfel, que por algum motivo estava com uma expressão carrancuda, apertou seu manto verde com forro de pele. Nenhuma das outras Aes Sedai parecia se importar muito em se proteger do frio.

“Eu posso ver o *Coramoor*, ela diz,” Harine murmurou, puxando suas rédeas até que a égua virou para o lado da clareira longe de onde as Aes Sedai estavam se reunindo. “Poderia! E ela oferece essa chance como se estivesse concedendo um privilégio.” Harine não precisou dar um nome; quando Harine disse “ela” daquele jeito, como a picada de uma água-viva, só podia haver uma mulher a quem ela se referia. “Eu tenho o direito, negocie e concordei! Ela me nega a comitiva acordada! Devo deixar minha Mestra das Velas para trás e meus atendentes!” Erian Boroleos apareceu pela abertura, tão determinada como se esperasse encontrar uma batalha, seguida por Beldeine Nyrarn, que nem parecia uma Aes Sedai. Ambas usavam verde, Erian completamente, Beldeine em barras nas mangas e saias. Isso significava algo? Provavelmente não. “Devo me aproximar do *Coramoor* como uma garota do convés tocando meu coração para uma Mestra das Velas?” Quando várias Aes Sedai estavam juntas, você podia ver claramente a velhice de rosto liso, então você não podia dizer se qualquer uma tinha vinte ou o dobro disso, mesmo que seu cabelo fosse branco, Beldeine simplesmente parecia uma garota de vinte. E isso não dizia mais do que suas saias. “Devo arejar minha própria roupa de cama e lavar meus próprios lençóis? Ela joga o protocolo direto ao vento! Eu não vou permitir! Não mais!” Essas eram queixas antigas, pronunciadas uma dúzia de vezes desde a noite anterior, quando Cadsuane estabeleceu suas condições para que a acompanhassem. Essas condições eram rígidas, mas Harine não teve escolha a não ser concordar, o que só aumentou a amargura.

Shalon ouviu com metade da atenção, balançando a cabeça e murmurando as respostas apropriadas. Acordo, claro. Sua irmã esperava um acordo. A maioria das outras atenções estava na Aes Sedai. Sorrateiramente. Moad não fingiu ouvir, mas então, ele era o Mestre de Espadas da Marinha. Harine podia ser apertada como um nó molhado com todas as outras, mas ela dava a Moad tanta margem de manobra, que qualquer um poderia pensar que o homem de cabelos grisalhos e olhos duros era seu amante, especialmente porque ambos eram viúvos. Pelo menos, eles poderiam pensar assim se não conhecessem Harine. Harine nunca aceitaria um amante que fosse inferior a ela, e agora, é claro, isso significava que ela não poderia ter nenhum. De qualquer forma, assim que pararam os cavalos perto das árvores, Moad apoiou um cotovelo no alto pomo de sua sela, descansou a mão no longo punho de marfim esculpido da espada enfiada atrás de sua faixa verde e estudou abertamente as Aes Sedai e os homens com elas. Onde ele aprendeu a andar a cavalo? Ele realmente parecia... confortável. Qualquer um poderia dizer sua posição de relance, pelos oito brincos de peso mais pesado e pelo nó de sua faixa, mesmo que ele não estivesse usando sua espada e adaga combinando. As Aes Sedai não tinham como fazer o mesmo? Elas poderiam realmente ser tão desorganizadas? Supostamente, a Torre Branca era como um dispositivo mecânico que triturava troncos e os remodelava à sua vontade. Claro, a maquinaria parecia estar quebrada, agora.

"Eu disse, onde ela nos trouxe, Shalon?"

A voz de Harine, como uma navalha gelada, drenou o sangue do rosto de Shalon. Servir a uma irmã mais nova sempre era difícil, mas Harine tornava ainda mais difícil. Em privado era mais do que tranquila, e em público era capaz de ter uma Mestra das Velas pendurada pelos tornozelos, para não falar de uma Chamadora de Vento. E desde que aquela jovem litorânea, Min, lhe dissera que um dia seria a Mestra dos Navios, ela ficou cada vez mais afiada. Olhando fixamente para Shalon, ela ergueu sua caixa de perfume dourada como se quisesse cobrir um odor desagradável, embora o frio matasse todo o perfume.

Apressadamente, Shalon olhou para o céu, tentando julgar o sol. Ela desejou que seu sextante não estivesse trancado no Espuma Branca — os litorâneos nunca tinham permissão para ver um sextante, muito menos ver um sendo usado —, mas não tinha certeza de que isso lhe faria algum bem. Essas árvores podiam ser curtas, mas ela ainda não conseguia distinguir um horizonte. Perto do norte, as colinas se erguiam em montanhas que se inclinavam de nordeste para sudoeste. Ela não podia dizer o quão alto ela estava. Havia muito para cima e para baixo sobre a terra para se adequar a ela. Mesmo assim, qualquer Chamadora de Vento sabia fazer aproximações grosseiras.

E quando Harine exigia informações, ela esperava recebê-las. “Só posso adivinhar, Mestra das Ondas”, disse ela. A mandíbula de Harine se apertou, mas nenhuma Chamadora de Vento apresentaria um palpite como uma posição firme. “Acho que estamos trezentas ou quatrocentas léguas ao sul de Cairhien. Mais, não posso dizer com certeza.” Qualquer aprendiz de primeiro dia usando uma vara que desse um palpite tão solto teria se curvado para uma chicotada do mestre de convés, mas as palavras gelaram a língua de Shalon quando ela ouviu o que estava dizendo. Cem léguas ao longo da virada de um dia era uma boa navegação para um barco raker. Moad franziu os lábios pensativamente. Harine assentiu lentamente, olhando através de Shalon como se pudesse ver rakers a toda vela deslizando por buracos tecidos no ar com o Poder. Os mares realmente seriam delas, com isso. Dando uma sacudida em si mesma, ela se inclinou para Shalon, seus olhos pegando os de Shalon como ganchos. “Você deve aprender isso, custe o que custar. Diga a ela que você vai me espionar se ela te ensinar. Se você convencê-la, ela pode ensinar, se a Luz quiser. Ou pelo menos você pode se aproximar o suficiente de uma das outras para aprender.”

Shalon lambeu os lábios. Ela esperava que Harine não tivesse visto sua careta. “Eu a recusei antes, Mestra das Ondas.” Ela precisava de alguma explicação sobre por que a Aes Sedai a havia retido por uma semana, e uma versão da verdade parecia mais segura. Harine sabia de tudo. Exceto o segredo que Verin havia revelado. Exceto que Shalon concordara com as exigências de Cadsuane para esconder esse

segredo. Que a Graça da Luz esteja com ela, lamentara Ailil, mas tinha estado tão solitária que navegou para muito longe antes que percebesse. Com Harine, não havia conversas noturnas sobre vinho com mel para suavizar os longos meses separados de seu marido Mishael. Na melhor das hipóteses, muitos meses se passariam antes que ela pudesse deitar em seus braços. "Com todo o respeito, por que ela deveria acreditar em mim agora?"

"Porque você quer o aprendizado." Harine cortou o ar com uma mão. "Os litorâneos sempre acreditam na ganância. Você terá que dizer algumas coisas, é claro, para provar a si mesma. Eu decidirei o que a cada dia. Talvez eu possa guiá-la para onde eu quiser."

Dedos duros pareciam cavar o couro cabeludo de Shalon. Ela tinha a intenção de contar a Cadsuane o mínimo que pudesse, e raramente, até encontrar uma maneira de se livrar dela. Se ela tivesse que falar com a Aes Sedai todos os dias, e pior, mentir para ela descaradamente, a mulher iria forçar mais do que Shalon queria. Mais do que Harine queria. Muito mais. Era tão certo quanto o nascer do sol. "Perdoe-me, Mestra das Ondas" disse ela com toda a deferência que pôde encontrar, "mas se me permitem dizer..." Ela parou quando Sarene Nemdahl se aproximou e parou diante delas. As últimas Aes Sedai e Guardiões haviam passado, e Cadsuane deixara o portal desaparecer. Corele, uma mulher magra, embora bonita, estava rindo e sacudindo sua juba de cabelo preto enquanto falava com Kumira. Merise, uma mulher alta com olhos mais azuis que os de Kumira e um rosto mais do que bonito, que era severo o suficiente para fazer até Harine parar, estava usando gestos bruscos para direcionar os quatro homens conduzindo cavalos de carga. Todas as outras estavam juntando as rédeas. Parecia que todos estavam se preparando para deixar a clareira.

Sarene era adorável, embora a ausência de joias diminuísse sua aparência, é claro, assim como o vestido branco simples que ela usava. Os litorâneos pareciam não ter a menor alegria da cor. Até seu manto escuro estava forrado de pele branca. "Cadsuane, ela me pediu... instruiu... a ser sua atendente, Mestra das Ondas", disse ela, inclinando a cabeça respeitosamente. "Vou responder às suas perguntas, na

medida do possível, e ajudá-la com os costumes, tão bem quanto os conheço. Percebo que você pode sentir desconforto por estar comigo, mas quando Cadsuane ordena, devemos obedecer.”

Shalon sorriu. Duvidava que a Aes Sedai soubesse que, nos navios, atendente era o que os litorâneos chamariam de servo. Harine provavelmente ria e exigiria saber se a Aes Sedai poderia lavar a roupa de cama adequadamente. Seria bom tê-la de bom humor.

Em vez de rir, porém, Harine enrijeceu na sela como se sua espinha dorsal tivesse se tornado um mastro principal, e seus olhos saltaram. “Não sinto desconforto!” ela estalou. “Eu simplesmente prefiro... fazer qualquer pergunta para outra pessoa... para Cadsuane. Sim. Para Cadsuane. E eu certamente não tenho que obedecer a ela ou a ninguém! Ninguém! Exceto a Mestra dos Navios!” Shalon franziu a testa; não era o caso de sua irmã soar descuidada. Respirando fundo, Harine continuou em um tom mais firme, embora de certa forma, tão estranhamente quanto antes. “Falo pela Mestra dos Navios dos Atha’an Miere e exijo o devido respeito! Eu exijo, você está me ouvindo? Está?”

“Posso pedir a ela para nomear outra pessoa,” Sarene disse em dúvida, como se ela não esperasse que sua pergunta fosse mudar alguma coisa. “Você deve entender que ela me deu instruções bastante específicas naquele dia. Mas eu não deveria ter perdido a calma. Isso é uma falha minha. O temperamento destrói a lógica.”

“Entendo obedecer ordens”, grunhiu Harine, agachando-se na sela. Ela parecia pronta para se lançar na garganta de Sarene. “Eu aprovo obedecer ordens!” ela quase rosnou. “No entanto, as ordens que foram cumpridas podem ser esquecidas. Elas não precisam mais ser faladas. Você me entende?” Shalon olhou de lado para ela. Do que ela estava falando? Que ordens Sarene havia cumprido e por que Harine queria que fossem esquecidas? Moad não fingiu esconder as sobrancelhas erguidas. Harine estava ciente de seu escrutínio, pelo menos, e seu rosto se tornou uma nuvem de tempestade.

Sarene pareceu não notar. “Não vejo como alguém pode esquecer deliberadamente,” ela disse lentamente, uma pequena carranca vincando sua testa, “mas suponho que você quer dizer que devemos fingir. É isso?” As tranças de contas penduradas em seu capuz se

juntaram quando ela balançou a cabeça com essa tolice. "Muito bem. Vou responder a suas perguntas da melhor forma que puder. O que você deseja saber?" Harine suspirou alto. Shalon podia ter tomado isso como impaciência, mas achou que era alívio. Alívio!

Aliviada ou não, Harine voltou ao normal, controlada e autoritária, encontrando o olhar da Aes Sedai como se tentasse fazê-la baixar os olhos. "Você pode me dizer onde estamos e para onde vamos", ela exigiu.

"Estamos nas Colinas de Kintara", disse Cadsuane, aparecendo diante delas de repente, sua montaria empinando e arranhando o ar, jogando neve, "e estamos indo para Far Madding." Não só ela ficou na sela, ela nem pareceu notar o arfar do animal!

"O *Coramoor* está nesta Far Madding?"

"Paciência é uma virtude, me disseram, Mestra das Ondas." Apesar de Cadsuane usar o título próprio de Harine, não havia respeito em seus modos. Longe disso. "Você vai cavalgar comigo. Continue e tente não cair. Seria desagradável, se eu tivesse que carregar você como sacos de grãos. Assim que chegarmos à cidade, fique em silêncio a menos que eu diga para você falar. Não quero que você crie problemas por ignorância. Você vai deixar Sarene guiá-la. Ela tem suas instruções." Shalon esperava uma explosão de raiva, mas Harine segurou a língua, embora com esforço óbvio. Assim que Cadsuane se virou, Harine resmungou raivosamente baixinho, mas apertou os dentes quando o cavalo de Sarene se moveu. Claramente, seus murmúrios não deveriam ser ouvidos por Aes Sedai.

Cavalgar com Cadsuane, descobriu-se, significava cavalgar atrás dela, em direção ao sul através das árvores. Alanna e Verin realmente cavalgavam ao lado da mulher, mas um olhar dela quando Harine tentou se juntar a elas deixou claro que ninguém mais era bem-vindo. Mais uma vez, a explosão esperada não veio. Em vez disso, Harine franziu a testa para Sarene por algum motivo, então virou sua montaria para se posicionar entre Shalon e Moad. Ela não se incomodou em fazer mais perguntas a Sarene, do outro lado de Shalon, apenas encarou as costas das mulheres à frente. Se Shalon não conhecesse

Harine, ela teria dito que havia mais mau humor do que raiva naquele olhar.

De sua parte, Shalon ficou feliz em cavalgar em silêncio. Andar a cavalo já era difícil o suficiente sem ter que falar ao mesmo tempo. Além disso, ela de repente entendeu por que Harine estava se comportando de maneira tão peculiar. Harine devia estar tentando suavizar as águas com as Aes Sedai. Tinha que ser isso. Harine nunca controlava seu temperamento sem grande necessidade. A tensão de controlá-lo agora devia deixá-la fervendo por dentro. E se seus esforços não terminassem como ela queria, ela iria ferver Shalon. Pensar nisso fez a cabeça de Shalon doer. Que a Luz a ajudasse e a guiasse, tinha que haver uma maneira de evitar espionar sua irmã sem encontrar sua bochecha despojada de honras, e ela mesma designada para uma barcaça abaixo de uma Mestra das Velas, meditando sobre por que ela nunca havia subido mais alto, e pronta para descontar suas queixas sobre todos ao seu redor. Igualmente ruim, Mishaël poderia declarar seus votos de casamento quebrados. Só tinha que haver um jeito. Às vezes, ela se virava na sela para olhar as Aes Sedai cavalgando atrás dela. Não havia nada a aprender com as mulheres na frente, certamente. De vez em quando, Cadsuane e Verin trocavam palavras, mas se inclinavam uma para a outra e falavam baixinho demais para serem ouvidas. Alanna parecia concentrada em tudo o que estava à frente, seus olhos sempre olhando para o sul. Duas ou três vezes, ela acelerou o passo de seu cavalo por algum tempo antes de Cadsuane trazê-la de volta com uma palavra calma que Alanna obedeceu com relutância, com um olhar quente ou uma careta carrancuda. Cadsuane e Verin pareciam solícitas com a mulher, Cadsuane acariciando seu braço quase como Shalon acariciava o pescoço de sua montaria e Verin sorrindo para ela, como se Alanna estivesse se recuperando de uma doença. O que não dizia nada a Shalon. Então ela pensou nas outras.

Uma pessoa não subia nos navios apenas por sua habilidade de Tecer os Ventos ou prever o clima ou fixar uma posição. A pessoa precisava ler a intenção que estava entre as palavras de suas ordens, interpretar pequenos gestos e expressões faciais; tinha que notar quem

se submetia a quem, mesmo sutilmente, pois a coragem e a habilidade por si só a levantariam até certo ponto.

Quatro delas, Nesune e Erian, Beldeine e Elza, cavalgavam em um grupo não muito atrás dela, embora não estivessem realmente juntas, apenas ocupando o mesmo espaço. Elas não conversavam entre si, nem olhavam uma para a outra. Elas não pareciam gostar muito uma da outra. Em sua mente, Shalon as tinha no mesmo barco que Sarene. As Aes Sedai fingiam que eram todas uma sob o comando de Cadsuane, mas isso era claramente mentira. Merise, Corele, Kumira e Daigian tripulavam outro barco, comandado por Cadsuane. Às vezes Alanna parecia estar em um barco, às vezes no outro, enquanto Verin parecia estar de alguma forma no barco de Cadsuane, mas não dentro dele. Nadando ao lado, talvez, com Cadsuane segurando sua mão. Se isso não fosse estranho o suficiente, havia a questão da deferência.

Estranhamente, parecia que as Aes Sedai valorizavam a força do Poder acima da experiência ou habilidade. Elas se classificavam por força, como homens de convés brigando em tavernas à beira-mar. Todas deferiam a Cadsuane, é claro, mas havia esquisitices entre as demais. Por sua própria hierarquia, algumas no barco de Nesune estavam em posição de esperar deferência de algumas no barco de Cadsuane, mas embora aquelas no barco de Cadsuane que deveriam deferir o fizessem, elas o faziam como se fosse uma superior que havia cometido um crime grave conhecido por todos. Por essa hierarquia, Nesune estava mais alta do que qualquer uma, exceto Cadsuane e Merise, mas ela enfrentava Daigian, que estava bem no fundo, como se desafiasse intencionalmente a cometer esse crime, assim como as outros em seu barco. Era tudo muito discreto, um queixo levemente erguido, um pequeno arco de sobrancelha, uma torção de lábios, mas óbvio para um olho treinado dos navios. Talvez não houvesse nada que pudesse ajudá-la, mas se ela tivesse que colher estopa, a única maneira seria encontrar um fio e puxar. O vento começou a aumentar; rajadas de vento achataram seu manto contra suas costas e o fizeram bater em ambos os lados à sua frente. Ela mal estava ciente disso. Os Guardiões podiam ser outro tópico. Eles estavam todos na retaguarda, escondidos pelas Aes Sedai que cavalgavam atrás de Nesune e das

outras três. Na verdade, Shalon esperava que entre as doze Aes Sedai houvesse mais de sete Guardiões. Cada Aes Sedai deveria ter um, se não mais. Ela balançou a cabeça irritada. Exceto a Ajah Vermelha, é claro. Ela não era totalmente ignorante sobre as Aes Sedai.

De qualquer forma, a questão não era quantos Guardiões, mas se todos eram Guardiões. Ela tinha certeza de que tinha visto o velho grisalho Damer e o elegante Jahar em casacos pretos também, antes que eles de repente se envolvessem com as Aes Sedai. Na época, ela não estava disposta a olhar muito de perto para os casacos pretos e, na verdade, ela também estava meio cega com a delicada Ailil, mas tinha certeza. E qualquer que fosse o caso de Eben, ela tinha quase certeza de que os outros dois eram Guardiões, agora. Quase. Jahar pulava tão rápido quanto Nethan ou Bassane quando Merise apontava, e pelo jeito que Corele sorria para Darner, ele era seu Guardião ou seu aquecedor de cama, e Shalon não conseguia imaginar uma mulher como Corele aceitando um velho quase careca e mancando na cama dela. Ela podia saber pouco sobre Aes Sedai, mas tinha certeza de que unir homens que podiam canalizar não era uma prática aceita. Se ela pudesse provar que elas tinham feito isso, talvez fosse uma faca afiada o suficiente para se libertar de Cadsuane.

“Os homens, eles não podem mais canalizar agora,” Sarene murmurou. Shalon se endireitou na sela tão rapidamente que teve que agarrar a crina do cavalo com as duas mãos para não cair. O vento soprou seu manto sobre sua cabeça, e ela teve que lutar contra isso antes que pudesse se sentar. Elas estavam saindo das árvores acima de uma estrada larga que se curvava para o sul, saindo das colinas para um lago a cerca de um quilômetro e meio de distância, na beira de uma terra plana coberta de grama marrom, um mar marrom se estendendo até o horizonte. O lago, margeado a oeste por uma estreita faixa de juncos, era algo lamentável para um corpo de água, com não mais de dezesseis quilômetros de comprimento no máximo e menos que isso de largura. Uma ilha de tamanho razoável fincada no meio, cercada por muros altos e cravejados de torres até onde ela podia ver, e coberta por uma cidade. Ela viu tudo isso de relance, os olhos fixos em Sarene. Era quase como se a mulher estivesse lendo sua mente.

“Por que eles não podem canalizar?” ela perguntou. “Vocês...? Vocês... amansaram... eles?” Ela pensou que era a palavra certa, mas era para matar o homem. Ela sempre supôs que era apenas uma maneira estranha de suavizar a execução por algum motivo desconhecido.

Sarene piscou e Shalon percebeu que a Aes Sedai estava falando sozinha. Por um momento ela estudou Shalon enquanto seguiam Cadsuane pela encosta, então voltou seu olhar para a cidade na ilha. “Você percebe as coisas, Shalon. Seria melhor se você guardasse para si o que notou sobre os homens.”

“Como o fato de eles serem Guardiões?” Shalon disse calmamente. “É por isso que vocês podem ligá-los? Porque vocês os amansaram?” Ela esperava conseguir alguma admissão, mas a Aes Sedai apenas olhou para ela. Ela não voltou a falar até que chegaram ao pé da colina e viraram na estrada atrás de Cadsuane. A estrada era larga, a terra compactada por muito tráfego, mas elas tinham tudo para si. “Não é exatamente um segredo,” Sarene disse finalmente, e não muito disposta para algo que não era um segredo, “mas também não é bem conhecido. Não falamos de Far Madding com frequência, exceto pelas irmãs nascidas lá, e mesmo elas raramente nos visitam. Ainda assim, você deve saber antes de entrar. A cidade possui um *ter'angreal*. Ou talvez sejam três *ter'angreal*. Ninguém sabe. Eles — ou ele — não podem ser estudados mais do que podem ser removidos. Eles devem ter sido feitos durante a Ruptura, quando o medo de loucos canalizando o Poder era o assunto de todos os dias. Mas pagaram esse preço pela segurança.” As tranças de contas penduradas em seu peito chacoalharam quando ela balançou a cabeça em descrença. “Esses *ter'angreal*, eles duplicam um pouso. Pelo menos nos aspectos importantes, temo, embora suponha que um Ogier não pensaria assim.” Ela deu um suspiro triste.

Shalon ficou boquiaberta para ela e trocou olhares confusos com Harine e Moad. Por que as fábulas assustariam uma Aes Sedai? Harine abriu a boca, então fez sinal para Shalon fazer a pergunta óbvia. Talvez ela fosse fazer amizade com Sarene para ajudar a suavizar sua conduta também? A cabeça de Shalon realmente doía. Mas ela também estava curiosa.

“Que aspectos são esses?” ela perguntou com cuidado. A mulher realmente acreditava em pessoas de cinco palmos de altura que cantavam para as árvores? Havia algo sobre machados, também. *Aí vem o Ael roubar todo o seu pão; aqui vem o Ogier cortar sua cabeça.* Luz, ela não tinha ouvido isso desde que Harine ainda estava nas cordas principais. Com a mãe subindo nos navios, ela foi encarregada de criar Harine junto com seu primeiro filho.

Os olhos de Sarene se arregalaram de surpresa. “Você realmente não sabe?” Seu olhar voltou para a cidade-ilha à frente. Pela sua expressão, ela estava prestes a entrar nos porões. “Dentro do pouso, você não pode canalizar. Você não pode nem sentir a Fonte Verdadeira. Nenhuma trama feita do lado de fora pode afetar o que está dentro, não que isso importe. Na verdade, aqui há dois pousos, um dentro do outro. O maior afeta os homens, mas entraremos no menor antes de chegarmos à ponte.”

“Você não será capaz de canalizar lá?” disse Harine. Quando a Aes Sedai assentiu sem desviar o olhar da cidade, um sorriso fino e gélido tocou os lábios de Marine. “Talvez depois de encontrarmos alojamentos, você e eu possamos discutir instruções.”

“Você leu a filosofia?” Sarene pareceu assustada. “A Teoria das Instruções, não é bem pensada hoje em dia, mas sempre acreditei que havia muito a aprender nela. Uma conversa será agradável, para tirar minha mente de outros assuntos. Se Cadsuane nos der tempo.”

A boca de Harine se abriu. Olhando boquiaberta para a Aes Sedai, ela se esqueceu de se agarrar à sela, e só Moad agarrando seu braço a salvou de uma queda. Shalon nunca tinha ouvido Harine mencionar filosofia, mas não se importava com o que sua irmã estava falando. Olhando para Far Madding, ela engoliu em seco. Ela aprendeu a embainhar alguém contra o uso do Poder, é claro, e foi embainhada como parte de seu treinamento, mas quando você estava embainhado, você ainda podia sentir a Fonte. Como seria não a sentir, como o sol fora de vista além do canto do olho? Como seria perder o sol?

À medida que se aproximavam do lago, ela se sentiu mais consciente da Fonte do que desde sua primeira alegria ao tocá-la. Era tudo o que ela podia fazer para não beber dela, mas a Aes Sedai veria

a luz e saberia, e provavelmente saberia por quê. Ela não se envergonharia ou a Harine dessa maneira. Pequenas embarcações pontiagudas pontilhavam a água, nenhuma com mais de seis ou sete palmos de comprimento, algumas puxando redes, outras rastejando em longas varreduras. A julgar pelas ondas varridas pelo vento que rolavam pela superfície, às vezes colidindo umas com as outras em fontes de espuma como as ondas, as velas podiam tanto atrapalhar quanto ajudar. Ainda assim, os barcos pareciam quase uma coisa familiar, embora nada parecido com os elegantes quatros, oitos ou dozes carregados nos navios. Um pequeno conforto em meio à estranheza. A estrada virou para um pedaço de terra que se projetava meia milha ou mais para dentro do lago, e de repente a Fonte desapareceu. Sarene suspirou, mas não deu nenhum outro sinal de que havia notado. Shalon molhou os lábios. Não foi tão ruim quanto ela temia. Isso a fez se sentir... vazia... mas ela podia suportar isso. Desde que ela não tivesse que aguentar muito tempo. O vento, soprando e enrolando e tentando roubar capas, de repente ficou muito mais frio.

No final da travessia, um vilarejo de casas de pedra cinza com telhados de ardósia mais escuros ficava entre a estrada e a água de um lado. Mulheres do vilarejo correndo com grandes cestos pararam ao ver o grupo montado. Mais de uma sentiu seu próprio nariz enquanto ela olhava. Shalon quase se acostumou a esses olhares, em Cairhien. De qualquer forma, a fortificação em frente à aldeia atraía seus olhos, um monte de pedra apertada de cinco palmos de altura com soldados observando através das proteções de seus capacetes do alto de torres nos cantos. Alguns seguravam bestas puxadas onde ela pudesse vê-las. De uma grande porta de ferro na extremidade mais próxima da ponte, mais soldados com capacetes saíam pela estrada, homens em armaduras de escamas quadradas com uma espada dourada trabalhavam no lado esquerdo. Alguns usavam espadas na cintura e outros carregavam longas lanças ou bestas. Shalon se perguntou se eles esperavam que as Aes Sedai tentassem passar por cima. Um oficial com uma pluma amarela no capacete fez sinal para que Cadsuane parasse, depois se aproximou dela e tirou o capacete,

soltando mechas de cabelos grisalhos que desciam pelas costas até a cintura. Ele tinha um rosto duro e descontente.

Cadsuane inclinou-se na sela para trocar algumas palavras calmas com o homem, depois tirou uma bolsa gorda de debaixo dos alforjes. Ele a pegou e deu um passo para trás, apontando um dos soldados para a frente, um homem alto e ossudo que não estava usando capacete. Ele carregava uma prancheta, e seu cabelo, preso na nuca como o do oficial, também ia até a cintura. Ele inclinou o pescoço respeitosamente antes de perguntar o nome de Alanna, e escreveu com muito cuidado, com a língua presa entre os dentes, molhando a caneta com frequência. Capacete na cintura, o oficial descontente ficou estudando os outros atrás de Cadsuane sem expressão. A bolsa pendia de sua mão como se estivesse esquecida. Ele parecia não saber que estava falando com uma Aes Sedai. Ou talvez, ele não se importasse. Aqui, uma Aes Sedai não era diferente de qualquer outra mulher. Shalon estremeceu. Aqui, ela não era diferente de qualquer outra mulher, privada de seus dons durante sua estada. Privada.

“Eles pegam os nomes de todos os estrangeiros”, disse Sarene. “Os Conselhos, eles gostam de saber quem está na cidade.”

“Talvez eles admitissem uma Mestra das Ondas sem suborno,” Harine disse secamente. O soldado ossudo, afastando-se de Alanna, deu a habitual encarada litorânea nas joias de Shalon e Harine antes de vir em sua direção. “Seu nome, Senhora, se lhe agrada?” ele disse educadamente para Sarene, abaixando a cabeça novamente. Ela deu sem mencionar que ela era Aes Sedai. Shalon deu o dela tão simplesmente, mas Harine ofereceu os títulos também, Harine din Togara Dois Ventos, Mestra das Ondas do Clã Shodein, Embaixadora Extraordinária da Mestra dos Navios dos Atha’an Miere. O sujeito piscou, depois mordeu a língua e curvou o pescoço sobre a lousa. Harine fez uma careta. Quando ela queria impressionar alguém, ela esperava que eles ficassem impressionados. Enquanto o homem ossudo escrevia, um soldado atarracado de capacete com uma algema de couro pendurada no ombro se empurrou entre o cavalo de Harine e o de Moad. Atrás das barras de seu protetor facial, uma cicatriz enrugada em seu rosto puxava um lado de sua boca em um sorriso de

escárnio, mas ele inclinou a cabeça para Harine com bastante respeito. E então ele tentou pegar a espada de Moad.

“Você deve permitir isso ou deixar suas lâminas aqui até partir,” Sarene disse rapidamente quando o Mestre de Espadas puxou a bainha das mãos do homem atarracado. “Esse serviço é o que a Cadsuane estava pagando, Mestra das Ondas. Em Far Madding, nenhum homem pode carregar mais do que o canivete, a menos que esteja ligado à paz, de modo que não possa ser sacado. Mesmo os Guardas da Muralha como esses homens não podem tirar uma espada de seu local de trabalho. Não é assim?” ela perguntou ao soldado magrelo, e ele respondeu que sim, e uma coisa boa também. Com um encolher de ombros, Moad ergueu a espada de sua faixa, e quando o sujeito com o escárnio perpétuo exigiu também sua adaga de marfim, ele a entregou. Enfiando a longa adaga atrás do cinto, o homem tirou um carretel de fio fino de seu alforje e habilmente começou a enrolar a espada em uma rede fina. De vez em quando, ele parava para pegar uma prensa de selo de seu cinto e enrolar um pequeno disco de chumbo em volta dos fios, mas ele tinha mãos rápidas e experientes.

“A lista de nomes será distribuída para as outras duas pontes”, continuou Sarene, “e os homens terão que mostrar os fios intactos ou ficarão detidos até que um magistrado determine que nenhum outro crime foi cometido. Mesmo que nenhum tenha, a penalidade é uma multa muito pesada e açoitamento. A maioria dos estrangeiros depositam suas armas antes de entrar para economizar o dinheiro, mas isso significaria que devemos sair por esta ponte. Só a Luz sabe em que direção queremos ir quando sairmos daqui.” Olhando para Cadsuane, que parecia estar impedindo Alanna de atravessar a longa ponte sozinha, Sarene acrescentou quase em voz baixa: “Pelo menos, espero que seja esse o raciocínio dela.” Harine bufou. “Isto é ridículo. Como ele vai se defender?”

“Não há necessidade de nenhum homem se defender em Far Madding, Senhora.” A voz do homem atarracado era áspera, mas ele não soava zombeteiro. Ele estava afirmando o óbvio. “Os Guardas de Rua cuidam disso. Deixe qualquer homem que queira começar a carregar uma espada, e logo seremos tão ruins quanto em qualquer

outro lugar. Ouvi como eles são, senhora, e não queremos isso aqui.” Curvando-se para Harine, ele desceu a coluna seguido pelo homem com a prancheta. Moad examinou brevemente a espada e a adaga, tanto o punho quanto a bainha cuidadosamente embrulhados, depois os colocou de volta no lugar, tomando cuidado para não prender a faixa nos selos. “As espadas só se tornam úteis quando a inteligência falha”, disse ele. Harine bufou novamente. Shalon se perguntou como aquele sujeito ganhou sua cicatriz se Far Madding estava tão segura.

Sons de protesto surgiram da retaguarda, onde estavam os outros homens, mas foram rapidamente silenciados. Por Merise, Shalon teria apostado. Às vezes, a mulher fazia Cadsuane parecer relaxada.

Seus Guardiões eram como os cães de guarda treinados que os Amayar usavam, prontos para pular a um apito, e ela não hesitava em chamar os outros Guardiões das Aes Sedai. Logo todas as espadas foram unidas pela paz, e os cavalos de carga revistados por armas escondidas, e eles cavalgaram para a ponte, os cascos ressoando nas pedras. Shalon tentou absorver tudo, não tanto por interesse, mas por distrair sua mente do que estava faltando.

A ponte era plana e tão larga quanto a estrada atrás, com bordas baixas de pedra na lateral que impediam uma carroça de cair, mas não davam abrigo aos atacantes, e também era longa, talvez até três quartos de milha, e reta como uma flecha. De vez em quando, um dos barcos passava por baixo, o que eles não poderiam ter feito se tivessem mastros. Altas torres flanqueavam os portões de ferro da cidade — o Portão de Caemlyn era o nome que Sarene deu — onde guardas com a espada de ouro nos ombros curvavam a cabeça para as mulheres e lançavam olhares desconfiados sobre os homens. A rua além...

Tentar ser observadora não adiantou. A rua era larga e reta, cheia de gente e carroças, ladeada por prédios de pedra de dois ou três andares, e tudo parecia um borrão. A Fonte se foi! Ela sabia que voltaria quando ela deixasse este lugar, e Luz, ela queria sair agora. Mas quanto tempo antes que pudesse? O *Coramoor* poderia estar nesta cidade, e Harine pretendia se aproximar do *Coramoor*, talvez por quem ele era, talvez porque pensasse que ele a ajudaria a subir à

Mestra dos Navios. Até que Harine partisse, até que Cadsuane as libertasse do acordo, Shalon estava ancorada aqui. Aqui, onde não havia Fonte Verdadeira.

Sarene falava sem parar, mas Shalon mal a ouvia. Atravessaram uma grande praça com uma enorme estátua de uma mulher no centro, mas Shalon captou apenas seu nome, Einion Avharin, embora soubesse que Sarene estava lhe contando por que a mulher era famosa em Far Madding e por que sua estátua apontava para o Portão de Caemlyn. Uma fileira de árvores sem folhas dividia a rua além da praça. Poltronas e carruagens e homens em armaduras de escamas quadradas atravessavam a multidão, mas isso era registrado apenas em seus olhos. Tremendo, ela se encolheu. A cidade desapareceu. O tempo desapareceu. Tudo desapareceu, exceto seu medo de que ela nunca mais sentiria a Fonte novamente. Ela nunca tinha percebido o conforto que ela tinha em sua presença invisível. Sempre esteve lá, prometendo alegria além do conhecimento, vida tão rica que as cores empalideceram quando o Poder se foi dela. E agora a própria Fonte se foi. Se foi. Isso era tudo o que ela estava ciente, tudo o que ela podia estar ciente. Ela se foi.

Capítulo 24

Entre as Conselheiras

Alguém apertou o braço de Shalon. Era Sarene, e a Aes Sedai estava falando com ela.

“Está lá”, disse Sarene, “no Salão dos Conselhos. Sob a cúpula.” Retirando a mão, ela respirou fundo e pegou as rédeas. “É ridículo pensar que o efeito é pior só porque estamos perto”, ela murmurou, “mas parece que sim.”

Shalon despertou com esforço. O vazio não iria embora, mas ela se forçou a ignorá-lo. No entanto, na verdade, ela se sentia sem caroço como um pedaço de fruta. Elas estavam em um enorme — ela supôs que ainda era chamado de quarteirão, embora este fosse redondo — um enorme quarteirão pavimentado com pedra branca. No centro havia um grande palácio, uma estrutura redonda toda branca, exceto pela alta cúpula azul no topo, como a metade de uma bola. Colunas caneladas maciças cercavam os dois níveis superiores abaixo da cúpula, e um fluxo constante de pessoas subia e descia as largas escadas de pedra branca que levavam ao segundo nível de cada lado. Exceto por um par de altos portões de bronze em arco abertos diretamente à frente delas, o nível mais baixo era todo em pedra branca esculpida com mulheres com diademas, com mais de duas vezes o tamanho natural, e entre elas, feixes de grãos de pedra branca e rolos de tecido que pareciam ter suas extremidades livres ondulando ao vento, e pilhas de lingotes que poderiam ter sido feitos para ouro ou prata ou ferro ou talvez todos os três, e sacos derramando o que parecia moedas e pedras preciosas. Sob os pés das mulheres, figuras de pedra branca muito menores conduziam carroças e trabalhavam forjas e teares em uma faixa contínua. Essas pessoas fizeram um monumento proclamando seu sucesso no comércio. Isso era tolice. Quando as pessoas decidiam que você era melhor no comércio do que elas, elas não apenas ficavam com inveja, elas se tornavam teimosas e tentavam exigir barganhas ridículas. E às vezes você não tinha alternativa a não ser aceitar. Ela percebeu que Harine estava franzindo

a testa para ela e se endireitou na sela. “Perdoe-me, Mestra das Ondas”, disse ela. A Fonte se foi, mas voltaria — claro que voltaria! — e ela tinha seu dever. Ela estava envergonhada por ter se entregado ao medo, mas o vazio permaneceu. Ah, Luz, o vazio! “Estou melhor agora. Vou ficar melhor daqui para frente.” Harine apenas assentiu, ainda franzindo a testa, e o couro cabeludo de Shalon se arrepiou. Quando Harine falhava em entregar uma bronca esperada, era porque ela pretendia entregar algo pior.

Cadsuane atravessou a praça e atravessou os portões abertos do Salão dos Conselhos até uma grande sala de teto alto que parecia ser um estábulo interno. Uma dúzia de homens de casaco azul, agachados ao lado de liteiras com uma espada dourada e uma mão dourada pintada nas portas, ergueram os olhos surpresos quando entraram. O mesmo fizeram os homens de colete azul que desatrelavam a parelha de uma carruagem com a espada e o brasão de mão, e os que varriam o chão de pedra com grandes vassouras. Mais dois cavaleiros conduziam cavalos por um corredor largo que exalava o cheiro de feno e esterco.

Um homem roliço e de rosto liso, na meia-idade, veio correndo pelas pedras do calçamento, balançando a cabeça em pequenas reverências e esfregando as mãos. Onde os outros homens tinham seus longos cabelos amarrados na nuca, o dele estava preso com um pequeno grampo de prata, e seu casaco azul parecia de lã de boa qualidade, com a espada e a mão douradas bordadas no peito esquerdo. “Perdoe-me”, disse ele com um sorriso untuoso, “não quero ofender, mas vocês devem ter confundido sua direção. Este é o Salão dos Conselhos, e...

“Diga à Primeira Conselheira Barsalla que Cadsuane Melaidhrin está aqui para vê-la,” Cadsuane o interrompeu enquanto desmontava.

O sorriso do homem deslizou para o lado, e seus olhos se arregalaram. “Cadsuane Melaidhrin? Achei que você estivesse...!” Ele se interrompeu com o olhar de repente duro dela, então tossiu em sua mão e reassumiu seu sorriso cheio de graça. “Perdoe-me, Cadsuane Sedai. Você me permite levar você e seus companheiros a uma sala de espera onde você pode receber as boas-vindas enquanto eu mando uma mensagem à Primeira Conselheira?” Seus olhos se arregalaram

um pouco quando ele viu aqueles companheiros. Claramente ele também podia reconhecer Aes Sedai, pelo menos em grupo. Shalon e Harine o fizeram piscar, mas ele tinha autocontrole, para um dos litorâneos. Ele não ficou boquiaberto. "Vou permitir que você corra e diga a Aleis que estou aqui o mais rápido que suas pernas podem levá-lo, garoto", respondeu Cadsuane, desabotoando sua capa e jogando-a sobre a sela. "Diga a ela que estarei no domo, e diga a ela que não tenho o dia todo. Bem? Vá!" Desta vez o sorriso do homem não desapareceu, tornou-se doentio, mas ele apenas hesitou um momento antes de sair correndo enquanto gritava para os cavaleiros virem pegar os cavalos.

No entanto, Cadsuane o dispensou de sua atenção assim que ela terminou de lhe dar suas ordens. "Verin, Kumira, vocês duas virão comigo," ela anunciou vivamente. "Merise, mantenha todos juntos e prontos até que eu... Alanna, volte e apeie. Alana!" Relutantemente, Alanna afastou sua montaria dos portões e desceu com um olhar carrancudo. Seu esbelto Guardião, Ihvon, a observava ansiosamente. Cadsuane suspirou como se sua paciência estivesse quase no fim. "Sente-se sobre ela se você precisar mantê-la aqui, Merise," ela disse, entregando suas rédeas para um cavaleiro pequeno e rijo. "Quero que todos estejam prontos para sair quando eu terminar com Aleis." Merise assentiu e Cadsuane virou-se para o cavaleiro. "Um pouco de água é tudo o que ele precisa", disse ela, dando um tapinha afetuoso em seu cavalo. "Eu não o exercitei muito hoje."

Shalon ficou mais do que feliz em entregar seu próprio cavalo a um cavaleiro sem instruções. Ela não se importaria se ele matasse a criatura. Ela não sabia até onde havia cavalgado atordoada, mas sentia como se tivesse estado naquela sela percorrendo cada milha das centenas de léguas até Cairhien. Ela se sentia amarrotada em sua carne, assim como em suas roupas. Abruptamente, ela percebeu que o rosto bonito de Jahar não estava com os outros homens. O Tomas de Verin, um grisalho atarracado tão duro quanto qualquer um dos outros, conduzia o animal de carga cinza manchado que fora de Jahar. Onde o jovem foi parar? Merise certamente não parecia preocupada com sua ausência.

"Esta Primeira Conselheira," Marine rosnou, deixando Moad ajudá-la a descer. Ela se moveu tão rigidamente quanto Shalon. Ele simplesmente saltou de seu cavalo. "Ela é uma mulher importante aqui, Sarene?"

"Você pode dizer que ela é a governante de Far Madding, embora as outras Conselheiras a chamam de primeira entre iguais, seja lá o que isso signifique." Entregando sua própria montaria a um cavaleiro, Sarene parecia bastante desarrumada. Talvez ela já tivesse ficado chateada antes com esse *ter'angreal* que roubava a Fonte, mas agora ela estava totalmente desapegada, como gelo esculpido. O cavaleiro tropeçou nos próprios pés olhando para o rosto dela. "Uma vez, a Primeira Conselheira aconselhou as rainhas de Maredo, mas desde a... dissolução de Maredo... a maioria das Primeiras Conselheiras se considera as herdeiras naturais das governantes de Maredo."

Shalon sabia que seu conhecimento da história dos litorâneos era tão incerto quanto seu conhecimento de geografia longe da costa, mas nunca tinha ouvido falar de uma nação chamada Maredo. Mas foi o suficiente para Harine. Se esta Primeira Conselheira governava ali, a Mestra das Ondas do Clã Shodein devia conhecê-la. A dignidade de Harine não exigia menos. Ela mancou determinada pelo estábulo até Cadsuane. "Ah, sim" disse a insuportável Aes Sedai antes que Harine pudesse abrir a boca. "Você virá comigo, também. E sua irmã. Acho que não o seu Mestre de Espadas, no entanto. Um homem na cúpula já seria ruim o suficiente, mas um homem com uma espada poderia fazer as Conselheiras caírem em ataques. Tem alguma pergunta, Mestra das Ondas?" Harine fechou a boca com um estalo audível de dentes. "Bom" Cadsuane murmurou. Shalon gemeu. Isso não estava melhorando o temperamento de sua irmã em nada.

Cadsuane as conduziu por corredores largos de azulejos azuis, cobertos de tapeçarias brilhantes e iluminados por lamparinas douradas com espelhos reluzentes, onde criados de azul primeiro as olhavam surpresos, depois faziam apressadas cortesias litorâneas à medida que passavam. Ela as conduziu por longos lances de escada de pedra branca que pendiam sem apoio, exceto onde tocavam uma parede pálida, o que nem sempre acontecia. Cadsuane deslizava como

um cisne, mas a uma velocidade que fez a dor nas pernas de Shalon começar a arder. O rosto de Harine se transformou em uma máscara de madeira, escondendo o esforço de subir as escadas. Até Kumira parecia um pouco surpresa, embora o ritmo de Cadsuane não lhe causasse nenhum esforço aparente. A pequena Verin redonda se agitava ao lado de Cadsuane, de vez em quando sorrindo por cima do ombro para Harine e Shalon. Às vezes Shalon pensava que ela odiava Verin, mas não havia rancor ou diversão naqueles sorrisos, apenas encorajamento.

Cadsuane as levou por um último lance de escada em espiral, cercado por paredes, e de repente elas estavam em uma sacada com um intrincado corrimão de metal dourado que percorria toda a volta... Por um momento, Shalon ficou boquiaberta. Acima dela erguia-se uma cúpula azul abrangente de trinta metros ou mais de altura em seu pico. Nada a sustentava a não ser ela mesma. Seu desconhecimento dos litorâneos se estendia tanto à arquitetura quanto à geografia e história — e Aes Sedai — na verdade, seu desconhecimento dos litorâneos era quase total, exceto por Cairhien. Ela sabia como desenhar os planos para um navio raker e vê-lo construído, mas ela não conseguia imaginar como construir isso.

Portas em arco com bordas de pedra branca, como aquela pela qual haviam passado, sinalizavam escadas em três outros lugares ao redor da longa sacada, mas elas estavam sozinhas, e isso pareceu agradar a Cadsuane, embora tudo o que ela fez foi acenar para si mesma. “Kumira, mostre a Mestra das Ondas e à sua irmã o Guardião de Far Madding.” Sua voz ecoou fracamente dentro da vasta cúpula. Ela afastou Verin um pouco e as duas juntaram as cabeças. Não houve eco do que eles sussurraram.

“Você deve perdoá-las,” Kumira disse a Harine e Shalon calmamente. Mesmo isso produziu um leve som, se não exatamente um eco. “Paz, mas isso deve ser constrangedor, mesmo para Cadsuane.” Ela passou os dedos pelo cabelo castanho curto e balançou a cabeça para colocá-lo de volta no lugar. “As Conselheiras raramente ficam felizes em ver Aes Sedai, especialmente as irmãs nascidas aqui. Acho que elas gostariam de fingir que o Poder não

existe. Bem, sua história lhes dá razão, e nos últimos dois mil anos elas tiveram os meios para sustentar a pretensão. De qualquer forma, Cadsuane é Cadsuane. Ela raramente vê uma cabeça inchada sem decidir esvaziá-la, mesmo quando está usando uma coroa. Ou o diadema de uma Conselheira. Sua última visita foi há mais de vinte anos, durante a Guerra dos Aiel, mas suspeito que algumas que se lembram disso vão querer se esconder debaixo da cama quando souberem que ela voltou.” Kumira deu uma risada pequena e divertida. Shalon não viu nada para rir. Harine torceu os lábios, mas isso a fez parecer que sofria de uma dor de barriga. "Você deseja ver o... Guardião?" Kumira continuou. “Um nome tão bom quanto qualquer outro, suponho. Não há muito o que ver.” Ela se aproximou cautelosamente da grade dourada e espiou como se temesse cair, mas aqueles olhos azuis se aguçaram novamente. “Eu daria tudo para estudá-lo, mas isso é impossível, claro. Quem sabe o que mais ele pode fazer além do que já sabemos?” Seu tom continha tanto espanto quanto arrependimento.

Shalon não tinha medo de altura e se pressionou contra o metal trabalhado ao lado da Aes Sedai, querendo ver aquela coisa que havia levado a Fonte embora. Depois de um momento, Harine se juntou a elas. Para surpresa de Shalon, a queda que incomodou Kumira era de menos de seis metros, abaixo, um piso liso ladrilhado em azul e branco para formar um labirinto convoluto, centrado em uma oval vermelha de duas pontas com bordas amarelas. Abaixo da varanda, três mulheres de branco estavam sentadas em bancos igualmente espaçados ao redor da borda do chão, bem contra a parede da cúpula, e ao lado de cada mulher, um disco de um palmo inteiro que parecia cristal nublado havia sido colocado no chão e embutido com uma longa e fina cunha de cristal transparente que apontava para o centro da câmara. Colares de metal cercavam os discos escuros, marcados como uma bússola, mas com marcas cada vez menores entre as maiores. Shalon não tinha certeza, mas o colar mais próximo dela parecia estar inscrito com numerais. Isso era tudo. Nada de formas monstruosas. Ela tinha imaginado algo enorme e preto que sugava a luz. Suas mãos apertaram o corrimão para não tremer, e ela trancou os joelhos para se

manter imóvel. O que quer que estivesse lá embaixo, havia roubado a Luz.

Um sussurro de chinelos anunciou recém-chegadas à varanda pela mesma porta que haviam usado, cerca de uma dúzia de mulheres sorridentes com os cabelos no alto da cabeça, em mantos de seda azul esvoaçantes usados sobre os vestidos como casacos sem mangas, ricamente bordados em ouro e atrás delas no chão. Essas pessoas sabiam como marcar sua posição. Cada mulher usava um grande pingente na forma daquele oval vermelho de aro dourado suspenso em um colar de pesados elos dourados, e a mesma forma se repetia na frente de cada estreito diadema dourado. Em uma mulher, as ovas vermelhas eram feitas de rubis, não de esmalte, e safiras e pedras da lua quase escondiam a argola dourada em suas sobrancelhas, e ela usava um pesado anel de sinete dourado no dedo indicador direito. Ela era alta e imponente, seu cabelo preto preso em uma grande bola, fortemente tingido com branco, embora seu rosto não tivesse rugas. As outras eram altas, baixas, robustas, magras, bonitas e simples, nenhuma jovem, e cada uma delas tinha um ar de autoridade sobre ela, mas ela se destacava por mais do que suas joias. Compaixão e sabedoria enchiam seus grandes olhos escuros, e era comando que ela irradiava, não simples autoridade. Shalon não precisava ser informada de que esta era a Primeira Conselheira, mas a mulher anunciou mesmo assim. “Sou Aleis Barsalla, Primeira Conselheira de Far Madding.” Sua voz melíflua, profunda para uma mulher, parecia estar fazendo uma proclamação e esperando aplausos. O som de sua voz saltando dentro da cúpula deu algo como aclamação. “Far Madding dá as boas-vindas a Harine din Togara Dois Ventos, Mestra das Ondas do Clã Shodein e Embaixadora Extraordinária para a Mestra dos Navios dos Atha'an Miere. Que a Luz te ilumine e te veja prosperar. Sua vinda alegra todos os corações de Far Madding. Eu abraço a chance de aprender mais sobre os Atha'an Miere, mas você deve estar cansada dos rigores de sua jornada. Arranjei aposentos agradáveis para você em meu palácio. Depois de descansar e comer, podemos conversar; para nossa vantagem mútua, se isso agradar à Luz.” As

outras estenderam as abas de suas vestes e fizeram meias reverências.

Harine inclinou a cabeça ligeiramente, um toque de satisfação em seu sorriso. Aqui, finalmente, estavam aqueles que lhe mostravam o devido respeito. E muito provavelmente ajudou que elas não ficassem boquiabertos com as joias dela e de Shalon.

“Os mensageiros dos portões são mais rápidos do que nunca, ao que parece, Aleis”, disse Cadsuane. “Não há boas-vindas para mim?” O sorriso de Aleis diminuiu por um momento, e alguns dos outros sorrisos desapareceram completamente quando Cadsuane se moveu para ficar ao lado de Marine. Os que ficaram foram forçados. Uma mulher bonita com uma expressão séria no rosto chegou ao ponto de fazer uma carranca.

“Estamos gratas a você por trazer a Mestra das Ondas aqui, Cadsuane Sedai.” A Primeira Conselheira não parecia particularmente grata. Ela se endireitou e olhou para a frente, por cima da cabeça de Cadsuane e não para ela. “Tenho certeza de que podemos encontrar uma maneira de mostrar a profundidade de nossa gratidão antes de você partir.”

Ela não poderia ter feito sua dispensa mais clara sem uma ordem, mas a Aes Sedai sorriu para a mulher mais alta. Não era exatamente um sorriso desagradável, mas também não era nem um pouco divertido. “Eu posso não sair por um tempo, Aleis. Agradeço a oferta de hospedagem, e aceito. Um palácio nas Alturas é sempre preferível até mesmo à melhor estalagem.” Os olhos da Primeira Conselheira se arregalaram de espanto, depois se estreitaram em determinação. “Cadsuane deve ficar comigo” disse Harine, conseguindo soar não mais do que meio estrangulado, antes que Aleis pudesse falar. “Onde ela não é bem-vinda, eu também sou.” Isso tinha sido parte do trato imposto a ela, se elas fossem acompanhar Cadsuane. Entre outras coisas, elas deviam ir quando e onde ela dissesse até se juntarem ao *Coramoor*, e incluí-la em todos os convites que recebessem. Essa última parte parecia muito pequena na época, especialmente em comparação com o resto, mas claramente a mulher sabia exatamente a recepção que receberia. “Não precisa ficar desanimada, Aleis.”

Cadsuane inclinou-se em confiança para a Primeira Conselheira, mas não baixou a voz. As reverberações na cúpula ampliaram suas palavras. "Tenho certeza que você não tem mais nenhum mau hábito para eu corrigir."

O rosto da Primeira Conselheira inundou-se de carmesim, e pelas costas dela, carrancas especulativas passaram entre as outras Conselheiras. Algumas a contemplavam como se estivessem com novos olhos. Como elas alcançaram a posição e como a perderam? Além de Aleis, eram doze, certamente uma coincidência, mas as Doze Primeiras entre a Mestra das Velas de um clã escolhiam a Mestra das Ondas, geralmente uma de seu próprio número, assim como as Doze Primeiras entre as Mestra das Ondas escolhiam a Mestra dos Navios. Foi por isso que Harine aceitou as palavras daquela garota estranha, porque ela era das Doze Primeiras. Isso, e o fato de que duas Aes Sedai disseram que a garota teve visões verdadeiras. A Mestra das Ondas ou mesmo a Mestra dos Navios podiam ser depostas, mas apenas por causas específicas, como incompetência grosseira ou perda de juízo, e as Doze Primeiras tinham de falar com uma voz unânime. As coisas pareciam ser feitas de forma diferente entre os litorâneos, e muitas vezes de forma descuidada. Os olhos de Aleis, agora fixos em Cadsuane, estavam cheios de ódio e fúria. Talvez ela pudesse sentir doze pares de olhos em suas costas. As outras Conselheiras a colocaram na balança. Mas se Cadsuane tinha escolhido se intrometer na política deste lugar, por quê? E por que tão sem rodeios? "Um homem acabou de canalizar", disse Verin de repente. Ela não havia se juntado ao resto e estava espiando por cima do parapeito, a dez passos de distância. A cúpula fez sua voz se carregar. "Você tem muitos homens canalizando ultimamente, Primeira Conselheira?"

Shalon olhou para baixo e piscou. As cunhas anteriormente claras agora estavam pretas e, em vez de apontar para o coração da câmara, de alguma forma elas haviam virado mais ou menos na mesma direção. Uma das mulheres abaixo estava de pé, curvando-se para estudar para onde ao longo da borda marcada a fina cunha preta apontava, e as outras duas mulheres já estavam correndo em direção a uma porta de

topo redondo. De repente, Shalon sabia. A triangulação era uma questão simples para qualquer Chamadora de Vento. Em algum lugar além daquela porta havia um mapa, e logo a posição de onde o homem havia canalizado estaria marcada nele.

"Seria vermelho para uma mulher, não preto", disse Kumira em quase um sussurro. Ela ainda estava um pouco afastada do corrimão, mas o segurava com as duas mãos e se inclinava para olhar a cena abaixo. "Isso avisa, localiza e defende. E o que mais? As mulheres que o projetaram teriam desejado mais, talvez precisassem de mais. Não saber mais o que poderia ser incrivelmente perigoso." Ela não parecia assustada, no entanto. Ela parecia animada.

"Um Asha'man, eu espero", disse Aleis calmamente, desviando o olhar de Cadsuane. "Eles não podem nos incomodar. Eles são livres para entrar na cidade, desde que obedeçam à lei". Por mais calma que estivesse, algumas das mulheres atrás dela riam como novas garotas de convés em sua primeira vez entre os litorâneos. "Perdoe-me, Aes Sedai. Far Madding dá-lhe as boas-vindas. Receio não saber seu nome, no entanto." Verin ainda olhava para o chão da cúpula. Shalon olhou por cima do parapeito novamente e piscou quando as finas cunhas pretas... mudaram. Em um momento, elas estavam pretas e apontando para o norte, no outro, claras e mais uma vez apontando para o centro do labirinto. Elas não se viraram; elas eram apenas uma coisa, depois a outra. "Todos vocês podem me chamar de Eadwina", disse Verin. Shalon mal reprimiu um susto. Kumira nem sequer piscou. "Você considera a história, Primeira Conselheira?" Verin continuou sem olhar para cima. "O cerco de Far Madding por Guaire Amalasan durou apenas três semanas. Um negócio selvagem, no final."

"Duvido que elas queiram ouvir sobre isso," disse Cadsuane bruscamente, e de fato, por algum motivo mais de uma das Conselheiras parecia desconfortável. Quem na Luz era esse Guaire Amalasan? O nome soava vagamente familiar, mas Shalon não conseguia identificá-lo. Algum litorâneo conquistador, obviamente.

Aleis olhou para Cadsuane e sua boca se apertou. "A história registra Guaire Amalasan como um notável general, Eadwina Sedai,

talvez perdendo apenas para o próprio Artur Asa de Gavião. O que o traz à mente?”

Shalon nunca tinha visto uma das Aes Sedai viajando com Cadsuane deixar de prestar atenção à sua advertência mais casual tão rapidamente quanto obedeceram às suas ordens, mas desta vez Verin não prestou atenção. Ela não olhou para cima. “Eu estava pensando que ele não poderia usar o Poder, mas ele esmagou Far Madding como uma ameixa madura demais.” A pequena e robusta Aes Sedai parou como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. “Sabe, o Dragão Renascido tem exércitos em Illian e Tear, em Andor e Cairhien. Sem mencionar muitas dezenas de milhares de Aiel. Muito feroz, os Aiel. Eu me pergunto se você pode ser tão complacente com os Asha'man dele explorando você.”

“Acho que você as assustou o bastante”, disse Cadsuane com firmeza. Verin finalmente se afastou da amurada dourada, os olhos bem abertos, uma ave limícola redonda e assustada. Suas mãos rechonchudas até se agitaram como asas. “Ah. Eu não quis dizer... Ah, não. Acho que o Dragão Renascido já teria se movido contra você se quisesse. Não, eu suspeito que os Seanchan... Você já ouviu falar deles? O que ouvimos de Altara e mais a oeste é realmente horrível. Eles parecem varrer tudo diante deles. Não, suspeito que sejam um pouco mais importantes para os planos dele do que capturar Far Madding. A menos que você faça algo para irritá-lo, é claro, ou chatear seus seguidores. Mas tenho certeza de que você é inteligente demais para fazer isso.” Ela parecia muito inocente. Houve uma agitação entre as Conselheiras, a ondulação que os peixinhos faziam na superfície quando um peixe-leão nadava abaixo.

Cadsuane suspirou, sua paciência claramente no fim. “Se você quer discutir o Dragão Renascido, Eadwina, deve fazer isso sem mim. Quero lavar o rosto e tomar um chá quente.

A Primeira Conselheira estremeceu como se ela tivesse esquecido a existência de Cadsuane, por incrível que parecesse. “Sim. Sim claro. Cumere, Narvais, por favor, escoltem a Mestra das Ondas e Cadsuane Sedai até... o meu palácio e dê-lhes as boas-vindas?” Esse pequeno problema foi o único sinal que ela deu de desconforto por ter Cadsuane

em sua residência “Eu gostaria de ter mais alguma conversa com Eadwina Sedai, se isso lhe agradar.” Seguida pela maioria das Conselheiras, Aleis deslizou pela sacada. Verin pareceu subitamente alarmada e incerta quando elas a pegaram no colo e a arrastaram. Shalon não acreditou na surpresa ou desconforto mais do que acreditara na inocência anterior. Ela pensou que agora sabia onde Jahar estava. Ela só não sabia por quê.

As mulheres que Aleis nomeou, a bonita que fez uma careta para Cadsuane, e uma mulher magra de cabelos grisalhos, tomaram o pedido da Primeira Conselheira como uma ordem, o que talvez fosse. Elas estenderam suas vestes e fizeram aquelas meias reverências, perguntando a Harine se ela gostaria de acompanhá-las e anunciando em termos floreados seu prazer em acompanhá-la. Harine escutou com um rosto azedo. Elas poderiam jogar cestas de pétalas de rosa em seu caminho se quisessem, mas a Primeira Conselheira a deixou para as subordinadas. Shalon se perguntou se havia alguma maneira de evitar sua irmã até que seu temperamento esfriasse.

Cadsuane não viu Verin sair com Aleis, não abertamente, mas sua boca se curvou em um leve sorriso quando elas desapareceram pela próxima porta em arco ao longo da sacada. “Cumere e Narvais,” ela disse abruptamente. “Seria Cumere Powys e Narvais Maslin? Ouvi coisas sobre vocês.” Isso desviou a atenção delas de Harine. “Existem padrões que qualquer Conselheira deve cumprir,” Cadsuane continuou em um tom firme, pegando cada uma pela manga e virando-as para as escadas de cada lado dela. Trocando olhares preocupados, elas a deixaram, Harine aparentemente completamente esquecida. Na porta, Cadsuane parou para olhar para trás, mas não para Harine ou Shalon. “Kumira? Kumira!”

A outra Aes Sedai sobressaltou-se e, com um último olhar demorado por cima do parapeito, afastou-se para seguir Cadsuane. O que deixou Harine e Shalon sem opção a não ser seguir também, ou ser deixadas para tentar encontrar sua própria saída. Shalon disparou atrás das outras, e Harine não foi menos rápida. Ainda segurando as Conselheiras ao seu lado, Cadsuane desceu as escadas curvas, falando em voz baixa. Com Kumira entre ela e as três, Shalon não

conseguia ouvir nada. Cumere e Narvais tentaram falar, mas Cadsuane não permitiu mais do que algumas palavras antes de recomeçar. Ela parecia calma, prática. O par com ela começou a parecer ansioso. O que na Luz Cadsuane estava tramando? "Este lugar incomoda você?" Harine disse de repente.

"É como se eu tivesse perdido os olhos." Shalon estremeceu com a verdade disso. "Tenho medo, Mestra das Ondas, mas se a Luz quiser, posso controlar meu medo." Luz, ela esperava que pudesse. Ela precisava desesperadamente.

Harine assentiu, franzindo a testa para as mulheres à frente delas descendo as escadas. "Não sei se o palácio de Aleis tem uma banheira grande o suficiente para tomarmos banho juntas, e duvido que conheçam vinho com mel, mas encontraremos alguma coisa." Olhando para longe de Cadsuane e das outras, ela tocou o braço de Shalon sem jeito. "Eu tinha medo do escuro quando era criança, e você nunca me deixou sozinha até que o medo passasse. Também não vou deixar você sozinha, Shalon."

Shalon errou um passo e mal conseguiu cair de cabeça para baixo. Harine não usava seu nome, exceto em particular, desde que foi feita pela primeira vez Mestra das Velas. Ela não tinha sido tão amigável em particular desde antes disso. "Obrigada", disse ela, e com esforço acrescentou: "Harine". Sua irmã deu um tapinha em seu braço novamente e sorriu. Harine não tinha prática em sorrir, mas o esforço desajeitado continha calor.

Não havia calor no olhar que ela dirigiu para as mulheres à frente, no entanto. "Talvez eu realmente possa fazer uma barganha aqui. Cadsuane já trocou o lastro para que elas andem com uma lista. Você deve tentar descobrir o porquê, Shalon, quando chegar perto dela. Eu gostaria de colocar os dentes de Aleis em uma corda — se afastando de mim sem dizer uma palavra! —, mas não à custa de deixar Cadsuane enredar o *Coramoor* em alguns problemas aqui. Você precisa descobrir, Shalon."

"Acho que talvez Cadsuane se intrometa como qualquer outra pessoa respira," Shalon respondeu com um suspiro, "mas vou tentar, Harine. Farei o meu melhor."

“Você sempre faz, irmã. Você sempre faz. Eu sei que sim.” Shalon suspirou novamente. Era muito cedo para testar a profundidade do calor recém-descoberto de sua irmã. A confissão poderia trazer a absolvição ou não, e ela não poderia viver com a perda de seu casamento e sua posição de uma só vez. Mas pela primeira vez desde que Verin havia exposto sem rodeios os termos de Cadsuane para manter seu segredo, Shalon começou a considerar a confissão.

Capítulo 25

Vínculos

Em seu quarto n'A Cabeça do Conselho, Rand estava sentado na cama com as pernas cruzadas e as costas contra a parede, tocando a flauta de prata que Thom Merrill lhe dera há muito tempo. Uma Era atrás. Este quarto, com painéis de parede esculpidos e janelas com vista para o Mercado Nethvin, era melhor do que o que haviam abandonado n'A Coroa de Maredo. Os travesseiros empilhados ao lado dele eram de penas de ganso, a cama tinha um dossel e cortinas bordados, e o espelho acima do lavatório não tinha uma única bolha. O travessão acima da lareira de pedra tinha até um pouco de escultura simples. Era um quarto para um comerciante estrangeiro bem de vida. Ele estava feliz por ter pensado em trazer ouro suficiente quando partiu de Cairhien. Havia perdido o hábito de carregar muito. Tudo estava previsto para o Dragão Renascido. Ainda assim, ele poderia ter ganhado uma cama de algum tipo com a flauta. A música se chamava "Lamento pela Longa Noite", e ele nunca a ouvira antes na vida. Lews Therin tinha ouvido, no entanto. Era como a habilidade de desenhar. Rand achou que isso deveria assustá-lo ou deixá-lo zangado, mas ele simplesmente se sentou e tocou enquanto Lews Therin chorava.

"Luz, Rand," Min murmurou, "você vai ficar aí sentado fumando essa coisa?" Suas saias giravam enquanto ela andava para cima e para baixo no tapete florido. O vínculo com ela, Elayne e Aviendha era como se ele nunca tivesse conhecido ou desejado saber de mais nada. Ele respirava e estava ligado a elas; um era tão natural quanto o outro. "Se ela disser uma palavra errada que possa ser ouvida, se ela já disse isso... eu não vou deixar ninguém te levar para uma cela e para Elaida!" O vínculo de Alanna nunca foi assim. Não havia mudado, não em si mesmo, mas cada vez mais desde aquele dia em Caemlyn, o vínculo de Alanna parecia uma intrusão, um estranho olhando por cima do ombro, um esporão em sua bota. "Você tem que tocar isso? Isso me faz querer chorar, e faz minha pele arrepiar ao mesmo tempo. Se ela te colocar em perigo..." Pegando uma de suas facas de seu esconderijo em uma manga folgada, ela floreou em seu punho. Ele tirou

a flauta da boca e silenciosamente olhou para ela por cima. Seu rosto ficou vermelho, e com um rosnado súbito, ela arremessou a lâmina para enfiar trêmula na porta.

"Ela está lá", disse ele, usando a flauta para apontar. Inconscientemente, ele deslocou o instrumento, seguindo Alanna exatamente. "Ela estará aqui em breve." Ela estava em Far Madding desde o dia anterior, e ele não entendia por que ela havia esperado até agora. Alanna era um emaranhado de emoções dentro de seu crânio, nervosa e cautelosa, preocupada e determinada e, acima de tudo, zangada. Em uma fúria mal contida. "Se você preferir não estar aqui, pode esperar..." Min balançou a cabeça ferozmente. Bem ao lado de Alanna em sua cabeça estava o pacote que era ela. Ela borbulhava de preocupação e raiva também, mas o amor brilhava como um farol sempre que ela olhava para ele e muitas vezes quando ela não olhava. O medo brilhava, também, embora ela estivesse tentando esconder isso.

Ele colocou a flauta de volta aos lábios e começou "O mascate bêbado". Isso era alegre o suficiente para animar os mortos. Lews Therin rosnou para ele. Min ficou estudando-o, os braços cruzados, então abruptamente deu um puxão em seu vestido, colocando-o em seus quadris. Com um suspiro, ele abaixou a flauta e esperou. Quando uma mulher ajustava suas roupas sem motivo, era como um homem apertando as correias de sua armadura e verificando a circunferência de sua sela; ela pretendia levar uma acusação para casa, e você seria morto como um cachorro se corresse. A determinação era tão forte em Min agora quanto em Alanna, sóis gêmeos brilhando na parte de trás de seu cérebro.

"Não falaremos mais sobre Alanna até que ela chegue aqui," ela disse com firmeza, como se ele tivesse sido a pessoa insistindo. A determinação, e ainda o medo, mais forte agora do que antes, continuamente pisoteado e continuamente saltando de volta.

"Ora, é claro, esposa, se isso lhe agrada" respondeu ele, dobrando o pescoço à maneira aprovada de Far Madding. Ela fungou alto.

"Rand, eu gosto de Alivia. Eu gosto, mesmo que ela faça Nynaeve ter um filho toda hora." Com um punho plantado em seu quadril, Min se

inclinou para frente e apontou um dedo para o nariz. “Mas ela vai te matar.” Ela mordeu cada palavra.

“Você disse que ela ia me ajudar a morrer,” ele disse calmamente. “Essas foram suas palavras.” Como ele se sentiria ao morrer? Tristeza por deixá-la, por deixar Elayne e Aviendha. Tristeza pela dor que lhes trouxera. Ele gostaria de ver seu pai novamente antes do fim. Além dessas coisas, ele quase pensava que a morte seria um alívio.

A morte é um alívio, disse Lews Therin com fervor. *Eu quero a morte. Merecemos a morte!* “Ajudar-me a morrer não é o mesmo que me matar”, continuou Rand. Ele era muito bom em ignorar a voz, agora. “A menos que você tenha mudado de ideia sobre o que viu.”

Min levantou as mãos em exasperação. “Eu vi o que vi e é o que eu te disse, mas que o Poço da Perdição me engula se eu puder ver alguma diferença. Não consigo ver o motivo de você achar que existe!”

“Mais cedo ou mais tarde, eu tenho que morrer, Min,” ele disse pacientemente. Ele tinha sido informado por aqueles em quem ele tinha que acreditar. *Para viver, você deve morrer*. Isso ainda não fazia sentido para ele, mas era um fato frio e duro. Assim como as Profecias do Dragão pareciam dizer, ele tinha que morrer. “Não em breve, eu espero. Eu não planejo em breve. Sinto muito, Min. Eu nunca deveria ter deixado você me vincular.” Mas ele não tinha sido forte o suficiente para recusar, não mais do que ele tinha sido forte o suficiente para afastá-la. Ele estava muito fraco para o que tinha que ser feito. Precisava beber no inverno, até fazer o coração do inverno parecer meio-dia de domingo.

“Se você não tivesse deixado, nós teríamos amarrado você e feito isso de qualquer maneira.” Melhor não perguntar como isso seria diferente do que Alanna tinha feito, ele decidiu. Certamente, ela via a diferença. Subindo na cama de joelhos, ela segurou o rosto dele em suas mãos, “Você me escute, Rand al'Thor. Eu não vou deixar você morrer. E se você conseguir isso apenas para me irritar, eu vou te seguir e te trazer de volta.” De repente, uma veia grossa de diversão ondulou através da seriedade que ele sentiu em sua cabeça. Sua voz assumiu uma severidade simulada: “E então eu vou trazer você de volta para viver aqui. Vou fazer você deixar o cabelo crescer abaixo da

cintura e usar grampos de cabelo com pedras da lua.” Ele sorriu para ela. Ela ainda podia fazê-lo sorrir. “Nunca ouvi falar de um destino pior que a morte, mas acho que se encaixa.”

Alguém bateu na porta e Min congelou. Em uma pergunta silenciosa, ela murmurou o nome de Alanna. Rand assentiu e, para seu espanto, Min o empurrou sobre os travesseiros e se jogou em seu peito. Contorcendo-se, ela levantou a cabeça, e ele percebeu que ela estava tentando se ver no espelho do lavatório. Finalmente ela encontrou uma posição de que gostou, deitando metade em cima dele com uma mão atrás de seu pescoço e a outra ao lado de seu rosto em seu peito. “Entre,” ela gritou. Cadsuane entrou na sala e parou, franzindo a testa para a faca presa na porta. Com um vestido de fina lã verde-escura e um manto com forro de pele preso por um broche de prata no pescoço, ela poderia passar por uma mercadora ou banqueira de sucesso, embora os pássaros e peixes dourados, estrelas e luas penduradas no coque cinza-ferro em cima da cabeça dela teria sido ostensiva para qualquer uma. Ela não estava usando seu anel da Grande Serpente, então parecia que ela estava fazendo algum esforço para evitar ser muito notada. “Vocês crianças estão discutindo?” ela perguntou suavemente. Rand quase podia sentir Lews Therin ficar imóvel, como um gato-do-mato agachado nas sombras. Lews Therin era quase tão cauteloso com essa mulher quanto ele mesmo. Com o rosto vermelho, Min ficou de pé, alisando furiosamente seu vestido. “Você disse que era ela!” ela disse acusadoramente, assim que Alanna entrou. Cadsuane fechou a porta.

Alanna olhou uma vez para Min e a dispensou, concentrando-se em Rand. Sem tirar os olhos escuros dele, ela tirou a capa e a jogou sobre uma das duas cadeiras da sala. Suas mãos pousaram em suas saias cinza-escuras, agarrando-as com força. Ela também não estava usando seu anel de ouro de Aes Sedai. A partir do momento em que seus olhos caíram sobre ele, a alegria floresceu ao longo do vínculo. Todo o resto ainda estava lá, o nervosismo, a fúria, mas ele nunca esperava que ela sentisse alegria!

Sem mudar a forma de deitar, pegou a flauta e brincou com ela. “Eu deveria ficar surpreso em ver você, Cadsuane? Você aparece quando

eu não quero vê-la com muita frequência para isso. Quem te ensinou a Viajar?” Tinha que ser isso. Em um momento Alanna tinha sido uma vaga consciência à beira do pensamento, e no próximo ela saltou para a vida com força total em sua cabeça. A princípio, ele pensou que ela mesma havia aprendido a Viajar de alguma forma, mas vendo Cadsuane, ele sabia que não. A boca de Alanna se apertou, e até Min parecia desaprovadora. As emoções que fluíam ao longo do vínculo de Guardião de uma saltavam e deslizavam; da outra, havia apenas raiva misturada com prazer agora. Por que Alanna sentia alegria?

“Ainda não tem mais modos do que uma cabra, eu vejo,” Cadsuane disse secamente. “Rapaz, acho que dificilmente preciso de sua permissão para visitar minha cidade natal. Quanto a Viajar, não é da sua conta onde ou quando aprendi alguma coisa.” Soltando o manto, ela prendeu o broche no cinto, pronto para a mão, e dobrou o manto sobre um braço, como se arrumá-lo fosse muito mais importante do que ele. Sua voz assumiu uma ponta de irritação. “Você me carregou com muitas companheiras de viagem, de um jeito ou de outro. Alanna estava tão frenética para vê-lo novamente, apenas um coração de pedra poderia se recusar a trazê-la, e Sorilea disse que algumas das outras que se comprometeram com você não serviriam para nada até que fossem autorizadas a ir com Alanna, então eu acabei trazendo Nesune, Sarene, Erian, Beldeine e Elza também. Sem falar na Harine, mais sua irmã e aquele Mestre de Espadas e outros. Ela não sabia se deveria desmaiar, gritar ou morder alguém quando descobriu que Alanna estava indo atrás de você. E depois há aqueles seus três amigos de casaca preta. Eu não sei o quanto eles estão ansiosos para vê-lo, mas eles estão aqui também. Bem, agora que localizamos você, posso enviar o Povo do Mar e as irmãs até você e deixá-lo lidar com eles.”

Rand ficou de pé com um xingamento murmurado. “Não! Mantenha-os longe de mim!”

Os olhos escuros de Cadsuane se estreitaram. “Já avisei antes sobre sua linguagem; eu não vou avisá-lo novamente.” Ela franziu a testa para ele por mais um momento, então assentiu como se pensasse

que ele havia levado a lição a sério. "Agora, o que faz você pensar que pode me dizer o que fazer, garoto?"

Rand lutou consigo mesmo. Ele não podia dar ordens aqui. Ele nunca tinha conseguido mandar em Cadsuane em lugar nenhum. Min disse que precisava da mulher, que ela lhe ensinaria algo que ele precisava aprender, mas isso só o deixava mais inquieto com ela. "Quero terminar meus negócios aqui e sair em silêncio", disse ele finalmente. "Se você contar a eles, pelo menos certifique-se de que eles entendam que não posso permitir que cheguem perto de mim, não até que eu esteja pronto para sair." A mulher ergueu uma sobrancelha para ele, esperando, e ele respirou fundo. Por que ela sempre precisava tornar tudo difícil? "Eu agradeceria muito se você não dissesse a nenhum deles onde estou." Relutante, muito relutantemente, ele acrescentou: "Por favor". Min exalou como se estivesse prendendo a respiração.

"Bom", disse Cadsuane depois de um momento. "Você pode mostrar boas maneiras quando tenta, mesmo que pareça que seus dentes estão doendo. Suponho que posso guardar seu segredo para você, por enquanto. Nem todos sabem que você está na cidade. Ah, sim. Devo dizer a você, Merise se uniu a Narishma, Corele tem Darner e o jovem Hopwil é de Daigian. Ela disse isso como se fosse apenas uma informação casual que poderia facilmente ter escapado de sua mente. Ele não se deu ao trabalho de murmurar seu xingamento desta vez, e o tapa de Cadsuane de braços cruzados quase desequilibrou sua mandíbula. Manchas pretas brilhavam na frente de seus olhos. Uma das outras mulheres engasgou.

"Eu te disse", disse Cadsuane placidamente. "Chega de avisos." Min deu um passo em direção a ele, e ele balançou a cabeça levemente. Ajudou a limpar as manchas. Ele queria esfregar o queixo, mas manteve as mãos ao lado do corpo. Ele teve que se forçar a soltar a flauta. Da parte de Cadsuane, o tapa podia nunca ter ocorrido.

"Por que Flinn e os outros aceitariam ser vinculados?" Ele perguntou.

"Pergunte a eles quando você os vir", ela respondeu. "Min, eu suspeito que Alanna quer ficar sozinha com ele por um tempo."

Virando-se para a porta sem esperar pela resposta de Min, ela acrescentou: “Alanna, estarei esperando lá embaixo, no banheiro feminino. Não demore muito. Quero voltar para as Alturas. Min?”

Min olhou para Alanna. Olhou para Rand. Então ergueu as mãos e saiu atrás de Cadsuane, murmurando baixinho. Ela bateu a porta atrás dela.

“Gosto mais de você com seu próprio cabelo.” Alanna cruzou os braços sob os seios e o estudou. Raiva e alegria guerrearam uma com a outra no vínculo. “Eu esperava que estar perto de você fosse melhor, mas você ainda é como uma pedra na minha cabeça. Mesmo de pé aqui, mal posso dizer se você está chateado ou não. Mesmo assim, estar aqui é melhor. Não gosto de me separar de um Guardião por tanto tempo.”

Rand a ignorou e a alegria ondulante que fluía ao longo do vínculo. “Ela não perguntou por que eu vim para Far Madding,” Rand disse calmamente, olhando para a porta como se pudesse ver Cadsuane através da floresta. Certamente, ela tinha que saber. “Você disse a ela que eu estava aqui, Alanna. Tinha que ser você. O que aconteceu com o seu juramento?” Alanna respirou fundo, e um momento se passou antes que ela respondesse. “Não tenho certeza se Cadsuane se importa com você”, ela retrucou. “Eu mantenho esse juramento o melhor que posso, mas você torna difícil mantê-lo.” Sua voz começou a endurecer, e a raiva brotou mais fortemente através do vínculo. “Devo fidelidade a um homem que se afasta e me deixa para trás. Apenas como eu deveria servir você? Mais importante, o que você fez?” Atravessando o tapete, ela ficou olhando para ele, a fúria queimando em seus olhos. Ele a ultrapassava por mais de trinta centímetros, e ela pareceu não notar. “Você fez alguma coisa, eu sei. Fiquei inconsciente por três dias! O que você fez?”

“Decidi que se eu fosse ser vinculado, poderia muito bem ser por alguém que eu permitisse.” Ele mal pegou a mão dela antes que ela pousasse em seu rosto. “Já levei tapas o suficiente por um dia.”

Ela olhou para ele, os dentes à mostra como se estivesse pronta para morder sua garganta. O vínculo carregava apenas fúria e indignação, agora, destiladas em punhais. “Você deixou outra pessoa

vincular você?" ela rosnou. "Como você ousa? Quem quer que seja, vou vê-la diante de um tribunal! Eu vou vê-la castigada! Você é meu!"

"Porque você me tomou, Alanna," ele disse friamente. "Se mais irmãs soubessem, você seria a única castigada." Min lhe disse uma vez que ele podia confiar em Alanna, que ela tinha visto a Verde e outras quatro irmãs "na mão dele". Ele confiava nela, de uma maneira estranha, mas também estava nas mãos de Alanna, e não queria estar. "Liberte-me, e eu vou negar que isso tenha acontecido." Ele nem sabia que isso era possível até Lan lhe contar sobre ele e Myrelle. "Liberte-me, e eu o libertarei de seu juramento."

A raiva turva que fluiu através do vínculo diminuiu sem desaparecer, mas seu rosto ficou calmo e sua voz era composta. "Você está machucando meu pulso." Ele sabia que estava. Ele podia sentir a dor através do vínculo. Ele a soltou, e ela massageou o pulso muito mais ostensivamente do que o exigido pela dor que ele sentiu. Ainda esfregando o pulso, ela se sentou na segunda cadeira e cruzou as pernas. Ela parecia estar pensando.

"Pensei em libertar você," ela disse finalmente. "Eu sonhei com isso." Ela deu uma pequena risada triste. "Até pedi a Cadsuane que me deixasse passar o vínculo para ela. Um sinal de quão desesperada eu estava, para pedir uma coisa dessas. Mas se alguém pode lidar com você, é Cadsuane. Só que ela recusou. Ela ficou furiosa por eu ter sugerido isso sem perguntar a você, indignada, mas mesmo que você concordasse, ela não o faria." Ela estendeu as mãos. "Então você é meu." Seu rosto não mudou, mas quando ela disse isso, a alegria brilhou novamente. "De qualquer forma que eu tenha adquirido você, você é meu Guardião, e eu tenho uma responsabilidade. Isso é tão forte em mim quanto o juramento que prometi obedecer. Tão forte quanto. Portanto, não o liberarei para ninguém a menos que saiba que ela pode lidar com você adequadamente. Quem te vinculou? Se ela for capaz, vou deixá-la ter você." Apenas a possibilidade de que Cadsuane pudesse ter recebido sua fiança enviou pingentes de gelo na espinha de Rand. Alanna nunca foi capaz de controlá-lo com o vínculo, e ele não achava que qualquer irmã poderia, mas ele nunca arriscaria com essa. Luz!

"O que faz você pensar que ela não se importa comigo?" ele exigiu em vez de responder a pergunta de Alanna. Confiar ou não confiar, ninguém saberia a resposta se pudesse evitar. O que Elayne, Min e Aviendha tinham feito podia ser permitido pela lei da Torre, mas elas tinham mais a temer do que a punição de outras Aes Sedai se descobrissem que estavam ligadas a ele dessa maneira. Sentando-se na beira da cama, ele virou a flauta em suas mãos. "Só porque ela recusou meu vínculo? Talvez ela não seja tão indiferente com as consequências quanto você. Ela veio até mim em Cairhien, e ficou muito tempo depois que poderia haver qualquer outra razão além de mim. Eu realmente devo acreditar que ela decidiu visitar amigos enquanto eu estou aqui? Ela trouxe você para Far Madding para que ela pudesse me encontrar."

"Rand, ela queria saber onde você estava todos os dias," Alanna disse com desdém, "mas duvido que haja um pastor em Seleisin que não se pergunte onde você está. O mundo inteiro quer saber disso. Eu sabia que você estava bem ao sul, que não se movia há dias. Não mais. Quando descobri que ela e Verin estavam vindo para cá, tive que implorar a ela — implorar de joelhos! — antes que ela me deixasse vir junto. Mas eu mesma não sabia que você estava aqui até sair do portal nas colinas acima da cidade. Antes disso, pensei que talvez tivesse que Viajar metade do caminho para Tear para encontrar você. Cadsuane me ensinou a Viajar, quando viemos para cá, então não pense que você pode fugir de mim tão facilmente no futuro."

Cadsuane tinha ensinado Alanna a Viajar? Isso ainda não dizia quem havia ensinado Cadsuane, no entanto. Não que isso importasse, ele supôs. "E Darner e os outros dois se permitiram ser vinculados? Ou aquelas irmãs apenas os pegaram do jeito que você me pegou?"

Um leve rubor manchou suas bochechas, mas sua voz era firme. "Eu ouvi Merise pedir a Jahar. Ele levou dois dias para aceitar, e ela nunca o pressionou, pelo que vi. Não posso falar pelos outros, mas como disse Cadsuane, pode sempre perguntar a eles. Rand, você deve entender, aqueles homens estavam com medo de voltar para essa sua 'Torre Negra'." Sua boca se torceu amargamente ao redor do nome. "Eles estavam com medo de serem culpados pelo ataque a você. Se

eles simplesmente corressem, seriam caçados como desertores. Eu entendo que é a sua ordem permanente? Para onde mais eles poderiam ir, exceto para Aes Sedai? E uma coisa boa que eles fizeram também.” Ela sorriu como se tivesse acabado de ver algo maravilhoso, e sua voz ficou animada. “Rand, Darner descobriu uma maneira de curar uma pessoa estancada! Luz, posso dizer essa palavra sem congelar minha língua. Ele curou Irgain e Ronaille e Sashalle. Elas juraram fidelidade a você também, assim como todas as outras.

“O que você quer dizer com todas as outras?”

“Quero dizer, todas as irmãs que as Aiel estavam segurando. Até as Vermelhas.” Ela parecia meio incrédula sobre isso, e também deveria, mas a descrença se derreteu em intensidade quando ela colocou os dois pés no chão e se inclinou em direção a ele, seus olhos fixos nos dele. “Cada uma delas jurou e aceitou a penitência que você colocou em Nesune e as outras, as cinco primeiras que juraram. Cadsuane não confia nelas. Ela não as deixaria trazer nenhum de seus Guardiões. Admito que fiquei incerta no início, mas acredito que você pode confiar nelas. Elas se juraram a você. Você sabe o que isso significa para uma irmã. Não podemos quebrar um juramento, Rand. Não é possível.” Até as Vermelhas. Ele ficou surpreso quando aquelas cinco primeiras cativas ofereceram fidelidade. Elaida as havia enviado para sequestrá-lo, e elas o fizeram. Ele tinha certeza de que era ele sendo *ta'veren* que tinha feito isso, mas isso só alterou o acaso, fez o que poderia acontecer uma vez em um milhão se tornar uma certeza. Era difícil acreditar que uma Vermelha se juraria em qualquer circunstância a um homem que pudesse canalizar. “Você precisa de nós, Rand.” Levantando-se, ela se mexeu como se quisesse andar de um lado para o outro, mas em vez disso ficou olhando para ele, sem piscar. Suas mãos alisaram as saias como se não soubesse o que estavam fazendo. “Você precisa do apoio das Aes Sedai. Sem ele, você terá que conquistar todas as nações, e você não se saiu muito bem nisso até agora. A rebelião em Cairhien pode parecer acabada para você, mas nem todo mundo gosta de Dobraine sendo nomeado seu Regente. Muitos podem ir para o lado de Toram Riatin, se ele reaparecer. O Lorde Supremo Darlin está acomodado na Pedra, pelo

que ouvimos, anunciado como seu Regente em Tear, mas os rebeldes de lá não saíram de Haddon Mirk para apoiá-lo. Quanto a Andor, Elayne Trakand pode dizer que irá apoiá-lo assim que tiver o trono, mas ela manobrou seus soldados para fora de Caemlyn, e eu usarei sinos na Praga se ela permitir que eles permaneçam em Andor quando ela conseguir. As irmãs podem ajudá-lo. Elayne vai nos ouvir. Os rebeldes em Cairhien e Tear vão ouvir. A Torre Branca parou guerras e acabou com rebeliões por três mil anos. Você pode não gostar do tratado que Rafela e Merana negociaram com Harine, mas elas conseguiram tudo o que você pediu. Luz, homem, deixe-nos ajudá-lo!”

Rand assentiu lentamente. Parecia apenas uma maneira de impressionar as pessoas com seu poder, que Aes Sedai lhe dessem fidelidade. O medo de que pudessem manipulá-lo para seus próprios fins o cegou para qualquer outra coisa. Ele não gostava de admitir isso. Ele tinha sido um tolo.

Um homem que confia em todos é um tolo, disse Lews Therin, e *um homem que não confia em ninguém é um tolo. Somos todos tolos, se vivermos o suficiente*. Ele quase parecia são. “Volte para Cairhien”, disse ele. “Diga a Rafela e Merana que eu quero que elas se aproximem dos rebeldes em Haddon Mirk. Diga-lhes para levar Bera e Kiruna também.” Essas eram as quatro além de Alanna em quem Min disse que podia confiar. O que ela disse sobre as cinco outras que Cadsuane trouxe com ela? Que cada uma o serviria à sua maneira. Isso não era forte o suficiente, ainda não. “Quero Darlin Sisnera como meu Regente e as leis que fiz serão mantidas. Elas podem negociar qualquer outra coisa desde que acabem com a rebelião. Depois disso... Qual é o problema?” O rosto de Alanna caiu, e ela caiu para trás em sua cadeira. “É só que eu vim até aqui, e você está me mandando embora de novo. Suponho que seja melhor, com aquela garota aqui,” ela suspirou. “Você não tem ideia do que eu passei em Cairhien, mascarando o vínculo apenas o suficiente para evitar que o que vocês dois estavam fazendo me deixasse acordada a noite toda. Isso é muito mais difícil do que simplesmente mascará-lo completamente, mas não gosto de perder completamente o contato com meus Guardiões. Só que voltar para Cairhien será quase tão ruim.”

Rand limpou a garganta. “É isso que eu quero que você faça.” As mulheres, ele aprendera, falavam sobre algumas coisas muito mais abertamente do que os homens, mas ainda era um choque quando o faziam. Ele esperava que Elayne e Aviendha mascarassem o vínculo quando ele estivesse fazendo amor com Min. Quando os dois estavam juntos na cama, não existia mais ninguém além dela, como havia acontecido com Elayne. Ele certamente não queria falar sobre isso com Alanna. “Talvez eu termine aqui quando você terminar em Cairhien. Se não tiver... Se não tiver, pode voltar aqui. Mas você terá que ficar longe de mim até que eu diga o contrário.” Mesmo com essa restrição, a alegria cresceu dentro dela novamente.

“Você não vai me dizer quem vinculou você, vai?” Ele balançou a cabeça, e ela suspirou. “É melhor eu ir.” Levantando-se, ela pegou sua capa e a pendurou no braço. “Cadsuane é impaciente na melhor das hipóteses. Sorilea a aconselhou a cuidar de nós como uma mãe galinha, e ela o faz. À moda dela.” Na porta, ela parou para uma última pergunta. “Por que você está aqui, Rand? Cadsuane pode não se importar, mas eu sim. Eu vou manter isso em segredo, se você quiser. Nunca consegui ficar mais do que alguns dias em um pouso. Por que você estaria disposto a ficar aqui, onde você nem pode sentir a Fonte?”

“Talvez não seja tão ruim para mim,” ele mentiu. Ele poderia dizer a ela, ele percebeu. Ele confiava nela para manter isso em segredo. Mas ela o via como seu Guardião, e ela era uma Verde. Nenhuma explicação poderia fazê-la deixá-lo enfrentar aquilo sozinho, mas em Far Madding, ela não era mais capaz de se defender do que Min, talvez menos. “Vá em frente, Alanna. Já perdi tempo suficiente.”

Uma vez que ela se foi, ele se moveu para colocar as costas contra a parede novamente e sentou-se tocando a flauta. Ele pensou em vez de tocar, no entanto. Min disse que precisava de Cadsuane, mas Cadsuane não estava interessada nele, exceto por curiosidade. Uma curiosidade mal-educada. De alguma forma, ele tinha que deixá-la interessada. Como na Luz ele iria fazer isso?

Com alguma dificuldade, Verin se espremeu para fora da liteira no pátio do palácio de Aleis. Ela simplesmente não foi construída para caber

nas coisas, mas eles eram a maneira mais rápida de se locomover em Far Madding. Carruagens sempre se atolavam na multidão, mais cedo ou mais tarde, e não podiam ir a alguns lugares que ela queria. Os ventos úmidos do lago estavam ficando mais frios à medida que a noite se aprofundava no crepúsculo, mas ela deixou o vento chicotear sua capa enquanto tirava duas moedas de prata de sua bolsa e as entregava aos carregadores. Ela não deveria, é claro, já que eles eram filhos de Aleis, mas Eadwina não sabia disso. Eles não deveriam ter aceitado, mas a prata desapareceu em seus casacos em um piscar de olhos, e o mais novo dos dois, um belo sujeito de meia-idade, até fez uma reverência nutritiva antes de pegarem a cadeira e trotarem em direção ao estábulo, uma estrutura baixa colocada em um canto contra a parede frontal. Verin suspirou. Um menino na meia-idade. Não demorou muito para que ela voltasse a Far Madding para começar a pensar como se nunca tivesse ido embora. Ela tinha que ter cuidado com isso. Poderia ser perigoso, principalmente se Aleis ou as outras descobrissem seu engano. Ela suspeitava que os mandados de exílio de Verin Mathwin nunca tivessem sido suspensos. Far Madding ficava calada quando uma Aes Sedai entrava em conflito com a lei, mas as Conselheiras não tinham motivos para temer Aes Sedai e, por suas próprias razões, a Torre, por sua vez, ficava calada nas raras ocasiões em que uma irmã se via enforcada por uma flagelação judicial. Ela não tinha intenção de ser a última razão para a Torre ficar em silêncio.

O palácio de Aleis não era um pedaço do Palácio do Sol, é claro, ou o Palácio Real em Andor, ou qualquer um dos palácios dos quais reis e rainhas governavam. Era sua própria propriedade, não ligada à sua posição como Primeira Conselheira. Outros, maiores e menores, estavam de ambos os lados, cada um cercado por um muro alto, exceto na extremidade onde as Alturas, o único ponto que se aproximava de uma colina em toda a ilha, caíam na água em um penhasco. Ainda assim, também não era pequeno. As mulheres de Barsalla lidavam com comércio e política desde que a cidade ainda se chamava Fel Moreina. Caminhadas com colunas altas cercavam o palácio Barsalla em ambos os níveis, e o cubo de mármore branco cobria a maior parte dos terrenos murados. Ela encontrou Cadsuane em uma sala de estar que

teria oferecido uma boa vista do lago se as cortinas não estivessem fechadas para manter o calor do fogo na ampla lareira de mármore. Cadsuane estava sentada, com sua cesta de costura em uma mesinha marchetada ao lado da cadeira, trabalhando calmamente com agulha e bastidor. Ela não estava sozinha. Verin dobrou a capa sobre o encosto de uma cadeira acolchoada e pegou outra para esperar.

Elza mal olhou para ela. A Verde de rosto geralmente agradável, estava parada no tapete na frente de Cadsuane parecendo bastante feroz, seu rosto vermelho e seus olhos brilhantes. Elza sempre foi muito consciente de sua posição em relação às outras irmãs, talvez até demais. Para ela ignorar Verin, muito menos confrontar Cadsuane, ela deve ter estado em uma boa reviravolta. “Como você pôde deixá-la ir?” ela exigiu de Cadsuane. “Como vamos encontrá-lo sem ela?” Ah, então era isso. A cabeça de Cadsuane permaneceu curvada sobre o bastidor e a agulha continuou a fazer pequenos pontos. “Você pode esperar até que ela volte”, disse ela calmamente. As mãos de Elza se fecharam em punhos ao seu lado. “Como você pode ser tão distante?” ela exigiu. “Ele é o Dragão Renascido! Este lugar pode ser uma armadilha mortal para ele! Você tem que...!” Seus dentes se fecharam quando Cadsuane levantou um dedo. Isso foi tudo que Cadsuane fez, mas dela foi o suficiente.

“Já aguentei seu discurso por tempo suficiente, Elza. Você pode ir. Agora!” Elza hesitou, mas ela realmente não tinha escolha. Seu rosto ainda estava vermelho quando ela fez uma reverência com suas saias verde-escuras apertadas em seus punhos, mas se ela saiu da sala de estar, ainda saiu sem mais demora. Cadsuane colocou o bastidor no colo e se recostou. “Você pode me fazer um chá, Verin?”

Apesar de tudo, Verin teve um pequeno sobressalto. A outra irmã não olhou em sua direção nenhuma vez. “Claro, Cadsuane.” Um bule de prata pesadamente trabalhado estava em um suporte de quatro pernas em uma das mesas laterais, e ainda estava quente, felizmente. “Foi sábio deixar Alanna ir?” ela perguntou.

“Eu dificilmente poderia impedi-la sem deixar o menino saber mais do que deveria, poderia?” Cadsuane respondeu secamente.

Sem pressa, Verin inclinou o bule para servir em uma fina xícara de porcelana azul. Não porcelana do Povo do Mar, mas muito fina. “Você tem alguma ideia de por que ele veio para Far Madding, de todos os lugares? Eu quase engoli minha língua quando me ocorreu que a razão pela qual ele parou de pular pode ser porque ele estava aqui. Se for algo perigoso, talvez devêssemos tentar detê-lo.”

“Verin, ele pode fazer o que seu coração desejar, qualquer coisa, desde que ele viva para alcançar Tarmon Gai’don. E enquanto eu puder estar ao seu lado o tempo suficiente para fazê-lo aprender a rir novamente e chorar.” Fechando os olhos, ela esfregou as têmporas com a ponta dos dedos e suspirou. “Ele está se transformando em uma pedra, Verin, e se ele não reaprender que é humano, vencer a Última Batalha pode não ser muito melhor do que perder. A jovem Min disse a ele que ele precisa de mim; eu tirei muito dela sem levantar suspeitas. Mas devo esperar que ele venha até mim. Você vê o jeito que ele atropela Alanna e as outras. Será bastante difícil ensiná-lo, se ele pedir. Ele luta contra a orientação, ele acha que deve fazer tudo, aprender tudo sozinho, e se eu não o fizer trabalhar para isso, ele não vai aprender nada.” Suas mãos caíram sobre o bastidor de bordado em seu colo. “Parece que estou confiante esta noite. Algo inusitado, para mim. Se você terminar de servir o chá, posso contar mais um pouco.”

“Ah sim; é claro.” Enchendo apressadamente uma segunda xícara, Verin colocou o pequeno frasco de volta na bolsa sem abrir. Era bom ter finalmente certeza sobre Cadsuane. “Você toma mel?” ela perguntou em sua voz mais confusa. “Nunca consigo me lembrar.”

Capítulo 26

Expectativa

Atravessando a grama marrom da vila de Campo de Emond com Egwene, Elayne sentiu-se triste com as mudanças. Egwene parecia atordoada com elas. Quando ela apareceu pela primeira vez em *Tel'aran'rhiod*, uma longa trança pendia das costas de Egwene e ela estava com um vestido de lã simples, com sapatos grossos aparecendo sob a saia enquanto ela andava. Elayne supôs que era o tipo de roupa que ela usava quando morava em Dois Rios. Agora seus cabelos escuros caíam sobre os ombros, presos por um pequeno gorro de renda fina, e suas roupas eram tão finas quanto as de Elayne, um vestido azul rico bordado com prata no corpete e gola alta, bem como ao longo da bainha da saia e das mangas. Chinelos de veludo trabalhado em prata substituíram os sapatos grossos de couro. Elayne precisava manter o foco para evitar que seu próprio vestido de montaria de seda verde se alterasse, talvez de maneira embaraçosa, mas para sua amiga, sem dúvida, as mudanças foram deliberadas. Ela esperava que Rand ainda pudesse amar Campo de Emond, mas não era mais a aldeia onde ele e Egwene haviam crescido. Não havia pessoas, aqui no Mundo dos Sonhos, mas claramente Campo de Emond era agora uma cidade considerável, uma cidade próspera, com quase uma em cada três casas feitas de pedra bem cuidada, algumas de três andares, e mais cobertas com telhas em cada matiz do arco-íris do que com palha. Algumas ruas eram pavimentadas com pedras lisas e bem encaixadas, novas e ainda não usadas, e havia até um grosso muro de pedra subindo ao redor da cidade, com torres e portões de ferro que seriam adequados para uma cidade da Fronteira. Fora dos muros havia moinhos e serrarias, uma fundição de ferro e grandes oficinas para tecelões de lãs e tapetes, e no interior havia lojas dirigidas por fabricantes de móveis, oleiros, costureiras, cuteleiros e ourives, muitos tão bons quanto os encontrados em Caemlyn, embora alguns dos estilos parecessem ser de Arad Doman ou Tarabon.

O ar estava frio, mas não gelado, e não havia sinal de neve no chão, pelo menos por enquanto. O sol estava bem alto aqui, embora Elayne

esperasse que ainda fosse noite no mundo desperto. Queria dormir de verdade antes de enfrentar a manhã. Ela estava sempre cansada, nos últimos dias; havia tanta coisa a ser feita e tão poucas horas. Elas tinham vindo para cá porque parecia improvável que qualquer espião pudesse encontrá-las aqui, mas Egwene havia se demorado para observar as mudanças no lugar em que havia nascido. E Elayne tinha suas próprias razões, além de Rand, para querer olhar Campo de Emond. O problema, um dos problemas, era que uma hora poderia passar no mundo desperto enquanto você passava cinco ou dez no Mundo dos Sonhos, mas poderia facilmente ser o contrário. Podia já ser de manhã em Caemlyn.

Parando na beira do gramado, Egwene olhou de volta para a larga ponte de pedra que se arqueava sobre o riacho que se alargava rapidamente, saindo de uma nascente que jorrava de um afloramento de pedra com força suficiente para derrubar um homem. Um enorme poço de mármore esculpido com nomes estava no meio do gramado, e dois mastros altos em bases de pedra. “Um monumento de batalha,” ela murmurou. “Quem poderia imaginar uma coisa dessas em Campo de Emond? Embora Moiraine tenha dito que uma vez uma grande batalha foi travada neste local, na Guerra dos Trollocs, quando Manetheren morreu.”

“Estava na história que eu estudei,” Elayne disse calmamente, olhando para os mastros nus. Nus no momento. Ela não podia sentir Rand, aqui. Ah, ele ainda estava em sua cabeça tanto quanto Birgitte, um nó rochoso de emoções e sensações físicas que era ainda mais difícil de interpretar agora que ele estava longe, mas aqui em *Tel'aran'rhiod*, ela não sabia em que direção ele estava. Ela sentia falta desse conhecimento, por menor que fosse. Ela sentia falta dele. Estandartes apareceram no topo dos mastros, permanecendo apenas o tempo suficiente para ondular uma vez preguiçosamente. Tempo suficiente para ver em um deles uma águia vermelha voando sobre um campo azul. Não uma águia vermelha; a Águia Vermelha. Certa vez, ao visitar este lugar com Nynaeve em *Tel'aran'rhiod*, ela pensou que a vislumbra, mas decidiu que devia estar enganada. Mestre Norry tinha começado a corrigi-la. Ela amava Rand, mas se alguém no lugar onde

ele cresceu estava tentando levantar Manetheren de seu túmulo antigo, ela teria que tomar conhecimento, por mais que isso lhe doesse. Aquela bandeira e aquele nome ainda carregavam poder suficiente para ameaçar Andor. “Ouvi falar de mudanças por Bode Cauthon e pelas outras noviças de casa”, Egwene continuou, franzindo a testa para as casas ao redor do gramado, “mas nada assim.” A maioria dessas casas eram de pedra. Uma pequena estalagem ainda estava ao lado da fundação de pedra de algum edifício muito maior, com um enorme carvalho crescendo no meio dela, mas o que parecia ser uma estalagem muitas vezes maior estava quase terminada do outro lado da fundação, com uma grande placa com os arqueiros já pendurada acima da porta. “Eu me pergunto se meu pai ainda é prefeito. Minha mãe está bem? Minhas irmãs?”

“Sei que você vai transferir o exército amanhã”, disse Elayne, “se já não for amanhã, mas com certeza você pode encontrar algumas horas para visitar este lugar quando chegar a Tar Valon.” Viajar tornava essas coisas fáceis. Talvez ela mesma devesse enviar alguém a Campo de Emond. Se ela soubesse em quem confiar para a missão. Se ela pudesse poupar alguém em quem confiasse.

Egwene balançou a cabeça. “Elayne, tive que mandar chicotear as mulheres com quem cresci porque elas não acreditam que eu sou o Trono de Amyrlin, ou se acreditam, pensam que podem quebrar as regras porque me conhecem.” De repente, a estola de sete listras pendurou em seus ombros. Até que ela percebeu com uma careta, e desapareceu novamente. “Acho que não posso enfrentar Campo de Emond como Amyrlin”, disse ela tristemente. “Ainda não.” Ela se sacudiu, e sua voz se firmou. “A roda gira, Elayne, e tudo muda. Devo me acostumar. Vou me acostumar.” Ela soava muito como Siuan Sanche, como Siuan soara em Tar Valon antes de tudo mudar. Com ou sem estola, Egwene soava como o Trono de Amyrlin. “Tem certeza de que não posso enviar alguns dos soldados de Gareth Bryne? O suficiente para ajudar a proteger Caemlyn, pelo menos.”

Abruptamente, elas foram cercadas por neve brilhante, de pé na altura dos joelhos. A neve formava montes brancos reluzentes no topo dos telhados, como se de uma forte queda. Esta não foi a primeira vez

que tal coisa aconteceu, e elas simplesmente se recusaram a deixar o frio repentino tocá-las, em vez de imaginar capas e roupas mais quentes. “Ninguém vai se mover contra mim antes da primavera”, disse Elayne. Exércitos não se moviam no inverno, pelo menos, a menos que tivessem o benefício de Viajar, como o exército de Egwene. A neve atolava tudo, e lama sempre que a neve derretia. Aqueles Fronteiriços provavelmente começaram sua marcha para o sul pensando que o inverno nunca chegaria este ano. “Além disso, você precisará de todos os homens quando chegar a Tar Valon.”

Sem surpresa, Egwene assentiu em aceitação sem fazer a oferta novamente. Mesmo com o último mês de duro recrutamento atrás dela, Gareth Bryne ainda não tinha mais da metade dos soldados que ele disse que seriam necessários para tomar Tar Valon. De acordo com Egwene, ele estava pronto para começar com o que tinha, mas claramente isso a incomodava. “Tenho decisões difíceis a tomar, Elayne. A Roda tece como a Roda quer, mas ainda sou eu quem tem que decidir.”

Impulsivamente, Elayne atravessou a neve e jogou os braços em volta de Egwene para abraçá-la. Pelo menos, ela começou a atravessar. Quando ela apertou a outra mulher contra ela, a neve desapareceu, deixando nem uma mancha úmida em seus vestidos. As duas cambalearam como se dançassem uma com a outra e quase caíram. “Eu sei que você vai tomar a decisão certa”, disse Elayne, rindo apesar de si mesma. Egwene não se juntou ao riso.

“Espero que sim”, disse ela gravemente, “porque o que quer que eu decida, as pessoas vão morrer por isso.” Ela deu um tapinha no braço de Elayne. “Bem, você entende esse tipo de decisão, não é. Nós duas precisamos estar de volta em nossas camas.” Ela hesitou antes de continuar. “Elayne, se Rand vier até você novamente, você deve me contar o que ele diz, se ele lhe dá alguma pista do que pretende fazer ou para onde pretende ir.”

“Vou te dizer o que puder, Egwene.” Elayne sentiu uma pontada de culpa. Ela havia contado tudo a Egwene — quase tudo —, mas não que ela havia vinculado Rand a Min e Aviendha. A lei da torre não proibia o que elas tinham feito. O questionamento muito cuidadoso de

Vandene deixou isso muito claro. Mas se isso seria permitido não estava claro. Ainda assim, como ela ouviu um mercenário arafellino recrutado por Birgitte dizer, “o que não era proibido era permitido”. Isso soou quase como um dos velhos ditados de Lini, embora ela duvidasse que sua babá fosse tão permissiva. “Você está incomodada com ele, Egwene. Mais do que o normal, quero dizer. Eu posso ver. Por que?”

“Eu tenho razão de estar, Elayne. Os olhos e ouvidos relatam rumores muito preocupantes. Apenas rumores, espero, mas se não forem...” Ela era muito o Trono de Amyrlin agora, uma jovem baixa e esguia que parecia forte como aço e alta como uma montanha. Determinação encheu seus olhos escuros e apertou sua mandíbula. “Eu sei que você o ama. Eu também o amo. Mas eu não estou tentando Curar a Torre Branca apenas para que ele possa acorrentar Aes Sedai como *damane*. Durma bem e tenha bons sonhos, Elayne. Sonhos agradáveis são mais valiosos do que as pessoas imaginam.” E com isso, ela se foi, de volta ao mundo desperto.

Por um momento, Elayne ficou olhando para o local onde Egwene estivera. Do que ela estava falando? Rand nunca faria isso! Mesmo que apenas por amor a ela, ele não faria! Ela cutucou aquele nó duro como pedra na parte de trás de sua cabeça. Com ele tão longe, os veios de ouro brilhavam apenas na memória. Certamente ele não faria. Perturbada consigo mesma, ela saiu do sonho, de volta ao seu corpo adormecido. Ela precisava dormir, mas assim que voltou para seu próprio corpo, a luz do sol caiu em suas pálpebras. Que horas eram? Tinha compromissos a cumprir, deveres a cumprir. Ela queria dormir por meses. Ela lutou com o dever, mas o dever venceu. Ela tinha um dia cheio pela frente. Todo dia era um dia cheio. Seus olhos se abriram, parecendo granulados, como se ela não tivesse dormido nada. Pela inclinação da luz através das janelas, estava bem além do nascer do sol. Ela poderia simplesmente ficar ali. Dever. Aviendha se mexeu durante o sono e Elayne a cutucou com força nas costelas. Se ela tinha que estar acordada, então Aviendha não ia ficar de bobeira.

Aviendha acordou com um sobressalto, esticando-se para pegar sua faca em cima da mesinha ao seu lado da cama. Antes que sua mão tocasse o cabo de chifre escuro, ela o deixou cair. “Algo me acordou”,

ela murmurou. “Eu pensei que um Shaido estava – Olhe para o sol! Por que você me deixou dormir tão tarde?” ela exigiu, se levantando da cama. “Só porque tenho permissão para ficar com você...” as palavras foram abafadas por um instante enquanto ela tirava a camisola enrugada do sono pela cabeça “não significa que Monaelle não vai me castigar se achar que estou sendo preguiçosa. Você pretende ficar aí o dia todo?”

Com um gemido, Elayne saiu da cama. Essande já estava esperando na porta do quarto de vestir; ela nunca acordava Elayne a menos que Elayne se lembrasse de pedir. Elayne se rendeu aos cuidados quase silenciosos da mulher de cabelos brancos enquanto Aviendha se vestia, mas sua irmã compensou o silêncio de Essande com uma série de comentários risonhos durante aquele tempo, sobre como ter outra pessoa vestindo suas roupas faria você se sentir como um bebê novamente, e como Elayne poderia esquecer como vestir suas próprias roupas e precisar de alguém para vesti-la. Ela tinha feito a mesma coisa todas as manhãs desde que começaram a compartilhar a mesma cama. Aviendha achou muito engraçado. Elayne não disse uma palavra, exceto para responder às sugestões de camareira sobre o que ela deveria vestir, até que o último botão de madrepérula foi abotoado e ela ficou se examinando no espelho.

“Essande”, ela disse então, casualmente, “as roupas de Aviendha estão prontas?” A fina lã azul com um pequeno bordado prateado serviria bem o suficiente para o que ela enfrentava hoje.

Essande se iluminou. “Todas as lindas sedas e rendas de Lady Aviendha, minha senhora? Ah sim. Tudo escovado, limpo, passado a ferro e guardado.” Ela gesticulou para os guarda-roupas alinhados em uma parede.

Elayne sorriu por cima do ombro para a irmã. Aviendha olhou para os guarda-roupas como se contivessem víboras, depois engoliu em seco e terminou de enrolar o lenço escuro dobrado na cabeça.

Quando Elayne dispensou Essande, ela disse: “Apenas no caso de você precisar delas.”

“Muito bem”, murmurou Aviendha, colocando seu colar de prata. “Chega de piadas sobre a mulher vestindo você.”

"Bom mesmo. Ou direi a ela para começar a vestir você. Agora, isso seria divertido." Resmungando baixinho sobre pessoas que não aceitavam uma piada, Aviendha claramente não concordava. Elayne meio que esperava que ela exigisse que todas as roupas que adquirira fossem descartadas. Ela estava um pouco surpresa que Aviendha ainda não tinha providenciado isso.

Para Aviendha, o café da manhã servido na sala de estar consistia em presunto curado com passas, ovos cozidos com ameixas secas, peixe seco preparado com pinhões, pão fresco untado com manteiga e chá feito com xarope de mel. Bem, não realmente xarope, mas parecia que sim. Elayne não comia manteiga no pão, muito pouco mel no chá e, em vez do resto, um mingau quente de grãos e ervas que deveriam ser especialmente saudáveis. Ela não se sentia grávida, não importava o que Min dissesse a Aviendha, mas Min também contara a Birgitte, assim que as três começaram a ficar bêbadas. Entre sua Guardiã, Dyelin e Reene Harfor, ela agora se via limitada a uma dieta "adequada para uma mulher em sua condição". Se ela pedia uma guloseima para a cozinha, de alguma forma, ela nunca chegava, e se ela mesma se esgueirava até lá, os cozinheiros lhe lançavam olhares de desaprovação tão taciturnos que ela voltava sem nada.

Ela realmente não lamentava pelo vinho condimentado e os doces e outras coisas que ela não tinha mais permissão — não tanto, pelo menos, exceto quando Aviendha estava devorando tortas ou pudins —, mas todos no palácio sabiam que ela estava grávida. E, claro, isso significava que eles sabiam como ela tinha ficado daquele jeito, se não com quem. Os homens não eram tão ruins, além do fato de que eles sabiam, e ela sabia que eles sabiam, mas as mulheres não se incomodavam em esconder o conhecimento. Quer aceitassem ou rejeitassem a situação, metade olhava para ela como se ela fosse uma espevitada e a outra metade com especulação. Obrigando-se a engolir o mingau — não era tão ruim, na verdade, mas ela adoraria um pouco do presunto que Aviendha estava cortando, ou um pouco do ovo com ameixas —, colocando mingau grumoso na boca, ela quase ansiava por o início dos males da gravidez, para que ela pudesse compartilhar o enjoo com Birgitte.

O primeiro visitante a entrar em seus aposentos naquela manhã, além de Essande, era o principal candidato para as mulheres do palácio a pai de seu filho recém-nascido.

“Minha rainha” disse o capitão Mellar, tirando o chapéu emplumado com uma reverência floreada. “O Escriturário-Chefe aguarda o prazer de Vossa Majestade.” Os olhos escuros e sem piscar do capitão diziam que ele nunca sonharia com os homens que matou, e a faixa amarrada no peito e a renda no pescoço e nos pulsos só o faziam parecer mais duro. Limpando a gordura do queixo com um guardanapo de linho, Aviendha o observou sem expressão no rosto. As duas Guardas de pé uma de cada lado das portas fizeram uma careta fraca. Mellar já tinha fama de beliscar os traseiros das Guardas, pelo menos das mais bonitas, para não falar de menosprezar suas habilidades nas tavernas da cidade.

A segunda era muito pior, aos olhos das Guardas.

“Ainda não sou uma rainha, capitão,” Elayne disse vivamente. Ela sempre tentou manter aquele ponto o máximo possível com o homem. “Como está indo o recrutamento para as minhas guarda-costas?”

“Apenas trinta e dois, até agora, minha senhora.” Ainda segurando o chapéu, o homem com cara de machado descansou as duas mãos no punho da espada, sua postura relaxada dificilmente era adequada para a presença de alguém que ele chamava de rainha. Nem seu sorriso era. “Lady Birgitte tem padrões exigentes. Não são muitas as mulheres que podem combinar com eles. Dê-me dez dias, e eu posso encontrar cem homens que vão melhorá-los e ter você tão querida em seus corações quanto eu.”

“Acho que não, capitão Mellar.” Foi um esforço para manter um calafrio fora de sua voz. Ele tinha que ter ouvido os rumores sobre ele e ela. Ele poderia pensar que só porque ela não os negava, ela poderia realmente achá-lo... atraente? Empurrando a tigela de mingau meio vazia, ela reprimiu um estremecimento. Trinta e dois, até agora? Os números cresciam rapidamente. Algumas das Caçadoras da Trombeta que exigiam patente decidiram que servir na guarda-costas de Elayne tinha um certo atrativo. Ela admitiu que nem todas as mulheres podiam estar de plantão dia e noite, mas não importa o que Birgitte dissesse, a

meta de cem parecia excessiva. A mulher cravava seus calcanhares agora a qualquer sugestão de menos, no entanto. “Por favor, diga ao escriturário-chefe que ele pode entrar,” ela disse a ele. Ele fez outra reverência elaborada.

Ela se levantou para segui-lo, e quando ele abriu uma das portas esculpidas com leões, ela colocou a mão em seu braço e sorriu. “Obrigada novamente por salvar minha vida, capitão”, disse ela, desta vez quente o suficiente para uma carícia. O sujeito sorriu para ela! As Guardas olhavam para a frente, congeladas, aquelas que ela podia ver no salão antes que as portas se fechassem atrás dele, assim como as do lado de dentro, e quando Elayne se virou, Aviendha estava olhando para ela com um pouco mais de expressão do que mostrara a Mellar. Esse pouco era puro espanto, no entanto. Elayne suspirou.

Atravessando os tapetes, ela se inclinou para colocar um braço em volta da irmã e falou baixinho, só para seu ouvido. Ela confiava nas mulheres de sua guarda-costas com coisas que contava a pouquíssimas outras, mas havia alguns assuntos que ela não ousava confiar a elas. “Eu vi uma empregada passando, Aviendha. As empregadas fofocam mais do que os homens. Quanto mais pessoas pensarem que esta criança é de Doilin Mellar, mais seguro será. Se necessário, deixo o homem beliscar meu traseiro.”

“Entendo,” Aviendha disse lentamente, e franziu a testa em seu prato como se estivesse vendo algo além dos ovos e ameixas que ela começou a empurrar com a colher. Mestre Norry apresentou sua habitual mistura de manutenção mundana do Palácio e da cidade, notícias de seus correspondentes em capitais estrangeiras e informações recolhidas de mercadores e banqueiros e outros que tinham negócios além das fronteiras, mas sua primeira notícia foi de longe a mais importante para ela, se não a mais interessante.

“Os dois banqueiros mais proeminentes da cidade são... receptivos, minha senhora,” ele disse com aquela sua voz seca. Agarrando a pasta de couro ao peito estreito, ele olhou para Aviendha de lado. Ele ainda não estava acostumado com a presença dela enquanto fazia seus relatórios. Ou das Guardas. Aviendha mostrou os dentes para ele, e ele piscou, depois tossiu em uma mão ossuda. “O mestre Hoffley e a

senhora Andscale estavam um pouco... hesitantes... no começo, mas eles conhecem o mercado de alume tão bem quanto eu. Não seria seguro dizer que os cofres deles agora são seus, mas providenciei vinte mil coroas de ouro para serem transferidas para a sala-forte do Palácio, e mais virão conforme necessário.”

“Informe Lady Birgitte,” Elayne disse a ele, escondendo seu alívio. Birgitte ainda não havia contratado novos guardas suficientes para manter uma cidade tão grande quanto Caemlyn, muito menos fazer qualquer outra coisa, mas Elayne não podia esperar ver receitas de suas propriedades antes da primavera, e os mercenários eram caros. Agora ela não os perderia por falta de ouro antes que Birgitte recrutasse homens para substituí-los. “O que mais, Mestre Norry?”

“Temo que os esgotos devam receber alta prioridade, minha senhora. Os ratos estão se reproduzindo neles como se fosse primavera, e...”

Ele misturou tudo, de acordo com o que ele sentiu que era mais urgente. Norry parecia considerar um fracasso pessoal que ainda não soubesse quem havia libertado Elenia e Naeen, embora menos de uma semana tivesse se passado desde o resgate. O preço dos grãos subia exorbitantemente, junto com o de todos os outros gêneros alimentícios, e já era evidente que os reparos no telhado do palácio demoravam mais e custavam mais do que os pedreiros haviam estimado inicialmente, mas os alimentos sempre ficavam mais caros à medida que o inverno aumentava e os pedreiros sempre custavam mais do que haviam dito inicialmente. Norry admitiu que sua última correspondência de Nova Braem tinha vários dias, mas os Fronteiriços pareciam satisfeitos em permanecer onde estavam, o que ele não conseguia entender. Qualquer exército, muito menos um tão grande quanto se dizia, deveria estar desnudando o campo ao seu redor agora. Elayne também não entendia por quê, mas estava satisfeita por ser assim. Por enquanto. Rumores em Cairhien de Aes Sedai jurando fidelidade a Rand pelo menos deram uma razão para a preocupação de Egwene, embora dificilmente parecesse provável que alguma irmã realmente fizesse tal coisa. Essa foi a notícia menos importante, na opinião de Norry, mas não na dela. Rand não podia se dar ao luxo de alienar as irmãs com

Egwene. Ele não podia se dar ao luxo de alienar nenhuma Aes Sedai. Mas ele parecia encontrar maneiras de fazer isso.

Reene Harfor logo substituiu Halwin Norry, acenando para as guarda-costas na porta que passava e dando a Aviendha um sorriso aberto. Se a mulher gorda e grisalha alguma vez tivera dúvidas sobre Elayne chamar Aviendha de irmã, ela nunca demonstrara, e agora parecia genuinamente aprovar. Com sorrisos ou sem sorrisos, porém, seu relatório foi muito mais sombrio do que qualquer coisa do Escriturário-Chefe. "Jon Skellit está a soldo da Casa Arawn, minha senhora", disse Reene, seu rosto redondo severo o suficiente para caber em um carrasco. "Duas vezes, ele foi visto aceitando uma bolsa de homens conhecidos por favorecer Arawn. E não há dúvida de que Ester Norham está a soldo de alguém. Ela não está roubando, mas tem mais de cinquenta coroas de ouro escondidas sob uma tábua solta e acrescentou dez coroas ontem à noite."

"Faça como com os outros," Elayne disse tristemente. A Primeira Empregada havia descoberto nove espiões que ela tinha certeza, até agora, quatro deles empregados por pessoas que Reene ainda não tinha conseguido descobrir. O fato de Reene ter encontrado algum era suficiente para enfurecer Elayne, mas o barbeiro e o cabeleireiro eram algo a mais. Ambos estavam a serviço de sua mãe. Uma pena que eles não acharam adequado transferir sua lealdade para a filha de Morgase.

Aviendha fez uma careta quando a Sra. Harfor murmurou que sim, mas não havia sentido em dispensar os espiões ou matá-los como Aviendha havia sugerido. Eles seriam substituídos por espiões que ela não conhecia. *Um espião é a ferramenta do seu inimigo até que você a conheça*, sua mãe dizia, *mas então ela é sua ferramenta. Quando você encontrar um espião*, Thom disse a ela, *envolva-o em panos e alimente-o com uma colher*. Os homens e mulheres que traíram seu serviço teriam "permissão" para descobrir o que Elayne queria que eles soubessem, nem tudo verdade, como os números que Birgitte havia recrutado.

"E o outro assunto, Senhora Harfor?"

"Nada ainda, minha senhora, mas tenho esperanças", disse Reene ainda mais sombria do que antes. "Tenho esperanças."

Após a partida da Primeira Empregada vieram duas delegações de mercadores, primeiro um grande grupo de kandoreanos com brincos cravejados de pedras preciosas e correntes de prata penduradas no peito e depois, logo atrás deles, meia dúzia de illianenses com apenas um toque de bordado em casacos e vestidos sombrios . Ela usou uma das salas de recepção menores. As tapeçarias que ladeavam a lareira de mármore eram de cenas de caça, não do Leão Branco, e os painéis de parede de madeira polida não eram esculpidos. Eram comerciantes, não diplomatas, embora alguns parecessem se sentir menosprezados por ela oferecer apenas vinho e não beber com eles. Kandoreanos ou illianenses, eles também olharam de soslaio para as duas Guardas que a seguiram até a sala e se postaram ao lado da porta, embora se a essa altura não tivessem ouvido as histórias de uma tentativa de matá-la, deviam ser surdos. Mais seis de suas guarda-costas esperavam do lado de fora da porta.

Os kandoreanos estudavam Aviendha sorrateiramente quando não escutavam com atenção Elayne, e os illianenses evitavam olhar para ela após o primeiro arregalar os olhos de surpresa. Sem dúvida, eles leram significado na presença de uma Aiel, mesmo que ela apenas se sentasse no chão em um canto e não dissesse nada, mas fossem kandoreanos ou illianenses, os mercadores queriam a mesma coisa, garantia de que Elayne não iria irritar tanto o Dragão Renascido que ele iria interferir no comércio enviando seus exércitos e seus Aiel para devastar Andor, embora eles não dissessem isso diretamente. Tampouco mencionaram que os Aiel e a Legião do Dragão tinham grandes acampamentos a poucos quilômetros de Caemlyn. Suas perguntas educadas sobre seus planos, agora que ela havia removido as bandeiras do Dragão e as Bandeiras da Luz de Caemlyn, eram suficientes. Contou-lhes o que disse a todos, que Andor se aliaria ao Dragão Renascido mas não seria uma conquista sua. Em troca, eles ofereceram vagos desejos pelo bem-estar dela, sugerindo que apoiavam sua reivindicação ao Trono do Leão de todo o coração, sem realmente dizer tal coisa. Se ela falhasse, eles iriam querer ser bem-vindos em Andor sob quem quer que ganhasse a coroa.

Quando os illianenses fizeram suas medidas e reverências e partiram, ela fechou os olhos por um momento e esfregou as têmporas. Ela ainda tinha uma reunião com uma delegação de vidraceiros antes do almoço, e mais cinco com comerciantes ou artesãos depois; um dia muito agitado, cheio de trivialidades e ambiguidades. E com Nynaeve e Merilille fora, era a vez dela de ensinar as Chamadoras de Vento novamente esta noite, na melhor das hipóteses uma experiência menos agradável do que o pior encontro com mercadores. O que poderia deixá-la pouco tempo para estudar o *ter'angreal* que trouxeram de Ebou Dar antes que ela ficasse tão cansada que não conseguisse mais manter os olhos abertos. Foi embaraçoso quando Aviendha teve que carregá-la até a cama, mas ela não conseguia parar. Havia muito a ser feito e pouco tempo em um dia.

Faltava quase uma hora para os fabricantes de vidro, mas Aviendha acatou impiedosamente sua sugestão de que ela poderia dar uma olhada nas coisas de Ebou Dar. "Birgitte tem falado com você?" Elayne exigiu enquanto sua irmã quase a arrastava por um estreito lance de escadas de pedra. Quatro Guardas foram à frente, e as outras seguiram atrás, ignorando cuidadosamente o que se passava entre ela e Aviendha. Embora ela pensasse que Rasoria Domanche, uma atarracada Caçadora da Trombeta com os olhos azuis e cabelos amarelos encontrados ocasionalmente entre os tairenos, exibia um pequeno sorriso.

"Eu preciso que ela me diga que você passa muitas horas dentro de casa e dorme pouco?"

Aviendha respondeu com desprezo. "Você precisa de ar fresco." O ar na colunata alta era certamente fresco. E nítido, embora o sol estivesse alto em um céu cinza. Uma brisa fria soprou ao redor das colunas lisas, então as Guardas prontas para protegê-la dos pombos tiveram que segurar seus chapéus de plumas. Perversamente, Elayne se recusou a ignorar o frio. "Dyelin falou com você", ela resmungou, tremendo. Dyelin afirmou que uma mulher com filhos precisava de longas caminhadas todos os dias. Ela foi rápida em lembrar a Elayne que, filha-herdeira ou não, ela era realmente apenas o Alto Assento da Casa Trakand no momento, e se o Alto Assento de Trakand quisesse

falar com o Alto Assento de Taravin, ela poderia fazê-lo vagando e pelos corredores do Palácio ou nada.

“Monaelle deu a luz sete filhos”, respondeu Aviendha. “Ela diz que eu preciso ver você tomar ar fresco.” Apesar de não mais do que seu xale puxado sobre os ombros, ela não deu sinal de sentir o vento. Mas então, Aiel eram tão boas quanto as irmãs em ignorar os elementos. Envolvendo os braços ao redor de si mesma, Elayne fez uma careta. “Pare de ficar de mau humor, irmã,” Aviendha disse. Ela apontou para um dos estábulos, apenas visível sobre os telhados de telhas brancas. “Olha, Reanne Corly já está verificando se Merilille Ceandevin está voltando.” O familiar fecho de luz vertical apareceu no estábulo e girou em um buraco no ar com três metros de altura e a mesma largura.

Elayne fez uma careta para a cabeça de Reanne. Ela não estava de mau humor.

Talvez ela não devesse ter ensinado Reanne a Viajar, já que a Kin ainda não era Aes Sedai, mas nenhuma das outras irmãs era forte o suficiente para fazer a tecelagem funcionar, e se as Chamadoras de Vento pudessem aprender, então as poucas Mulheres Kin que poderiam deveriam ser permitidas, também, em sua opinião. Além disso, ela não podia fazer tudo sozinha. Luz, o inverno tinha sido tão gelado antes que ela aprendesse a impedir que o calor e o frio a tocassem?

Para sua surpresa, Merilille atravessou o portão sacudindo a neve de sua capa de pele escura, seguida pelos guardas de capacete que haviam sido mandados com ela sete dias antes. Zaida e as Chamadoras de Vento tinham sido muito desagradáveis com seu desaparecimento, para dizer o mínimo, mas a Cinza tinha aproveitado a chance de escapar delas por mais tempo. Foi necessário procurá-la todos os dias, abrindo um portal para o mesmo local, mas Elayne não a esperava por uma semana, na melhor das hipóteses. Quando o último dos dez guardas de capa vermelha entrou no estábulo, a pequena e magra irmã Cinza desceu de sua sela, entregou as rédeas a um cavaleiro e correu para o palácio antes que a mulher dos estábulos pudesse mais do que sair de seu caminho.

“Estou curtindo o ar fresco”, disse Elayne, apenas evitando que seus dentes batessem, “mas se Merilille voltar, devo descer.” Aviendha arqueou uma sobrancelha como se suspeitasse da evasão, mas foi a primeira a subir as escadas. O retorno de Merilille era importante e, por sua pressa, trazia notícias muito boas ou muito ruins.

Quando Elayne e sua irmã entraram em sua sala de estar — seguidas por duas das Guardas, é claro, que se plantaram ao lado das portas — Merilille já estava lá. Sua capa manchada de umidade estava sobre o encosto de uma cadeira, suas luvas de montaria cinza-claras estavam enfiadas atrás do cinto, e seu cabelo preto poderia ter precisado de uma escova. Com crescentes roxos sob os olhos escuros, o rosto pálido de Merilille parecia tão cansado quanto Elayne se sentia.

Tão rapidamente quanto ela tinha vindo do estábulo, ela não estava sozinha. Birgitte, franzindo a testa pensativa, estava com uma mão sobre a cornija esculpida sobre a lareira. A outra agarrou sua longa trança dourada, quase como Nynaeve. Hoje, ela vestia uma calça volumosa verde escura com seu casaco vermelho curto, uma combinação de arregalar os olhos. E o capitão Mellar fez uma reverência elaborada para Elayne, balançando seu chapéu de plumas brancas. Ele não tinha lugar aqui, mas ela o deixou ficar, e até lhe deu um sorriso muito caloroso. Muito quente.

A jovem empregada roliça que acabara de colocar uma grande bandeja de prata em um dos aparadores piscou e olhou com os olhos arregalados para Mellar antes de se lembrar de fazer uma reverência ao sair. Elayne segurou o sorriso até a porta se fechar. O que quer que protegesse seu bebê, ela estava disposta a fazer. Havia vinho quente apimentado na bandeja de cordas para todos os outros e chá fraco para ela. Bem, pelo menos estava quente. “Tive muita sorte”, suspirou Merilille assim que se sentou, lançando a Mellar um olhar incerto sobre sua taça de vinho. Ela conhecia a história dele salvando a vida de Elayne, mas ela foi embora antes que os rumores comesçassem. “Acontece que Reanne abriu seu portão a menos de cinco milhas dos Fronteiriços. Eles não se moveram desde que chegaram.” Seu nariz enrugou. “Se não fosse pelo clima, o fedor de latrinas e esterco de cavalo seria insuportável. Você estava certa, Elayne. Todos os quatro

governantes estão lá, em quatro acampamentos a poucos quilômetros de distância. Cada um tem um exército. Encontrei os shienaranos no primeiro dia, e desde então passei a maior parte do meu tempo conversando com Easar de Shienar e os outros três. Nós nos encontrávamos em um acampamento diferente a cada dia.”

“Você passou um pouco de tempo procurando também, eu espero,” Birgitte disse respeitosamente na frente da lareira. Ela era respeitosa com todas as Aes Sedai, exceto aquela a quem estava ligada. “Quantos eles são?”

“Acho que você não conseguiu uma contagem precisa”, acrescentou Mellar, soando como se esperasse tudo menos isso. Pela primeira vez, seu rosto estreito não estava sorrindo. Espiando em seu vinho, ele deu de ombros. “Tudo o que você viu pode ter algum valor, no entanto. Se houver um número suficiente deles, eles podem passar fome antes que possam ameaçar Caemlyn. O maior exército do mundo são todos cadáveres ambulantes sem comida e forragem.” Ele riu. Birgitte olhou para as costas dele sombriamente, mas Elayne ergueu a mão ligeiramente ao lado do corpo, gesticulando para que a outra mulher ficasse em silêncio.

“Eles não estão esbanjando comida, capitão,” Merilille disse friamente, endireitando-se apesar de sua óbvia fadiga, “mas também não estão morrendo de fome ainda. Eu não deveria contar com a fome para derrotá-los, se for preciso.” Depois de algum tempo longe do Povo do Mar, seus olhos grandes não estavam mais perpetuamente assustados e, apesar de sua postura suave de Aes Sedai, estava claro que ela decidiu não gostar de Doilin Mellar, não importando de quem ele tivesse salvado a vida. “Quanto aos números, algo acima de duzentos mil, devo dizer, e duvido muito que alguém, exceto seus próprios oficiais, possa ser mais preciso do que isso. Mesmo com fome, isso é uma grande quantidade de espadas.” Mellar deu de ombros novamente, imperturbável pelos olhares das Aes Sedai.

A esbelta irmã Cinza não olhou para ele novamente nem o ignorou de forma óbvia; ele apenas parecia se tornar uma peça de mobiliário para ela enquanto ela prosseguia. “Há pelo menos dez irmãos com eles, Elayne, embora tenham feito um grande esforço para esconder o fato.

Não adeptas de Egwene, acho, embora também não precisem ser de Elaida. Muitas irmãs parecem estar sentadas de lado até que os problemas da Torre acabem, eu temo.” Ela suspirou novamente, talvez não de cansaço desta vez.

Com uma careta, Elayne colocou sua xícara de lado. As cozinhas não enviaram nenhum mel, e ela realmente não gostou do amargo. “O que eles querem, Merilille? Os governantes, não as irmãs.” Dez irmãs tornavam aquele exército dez vezes mais perigoso, especialmente para Rand. Não, para qualquer um. “Eles não ficaram sentados na neve todo esse tempo por prazer.”

A Cinza abriu ligeiramente as mãos esguias. “A longo prazo, só posso fazer suposições. No curto, eles querem encontrá-la, e o mais rápido possível. Eles enviaram cavaleiros para Caemlyn quando chegaram a Nova Braem, mas nesta época do ano, pode levar mais uma semana ou mais antes que eles cheguem aqui. Tenóbia de Saldeia deixou escapar, ou fingiu deixar escapar, que eles sabem que você tem alguma ligação, ou pelo menos um conhecimento próximo, com uma certa pessoa pela qual eles aparentemente também têm interesse. De alguma forma, eles sabem de sua presença em Falme quando certos eventos ocorreram.” Mellar franziu a testa, confuso, mas ninguém esclareceu nada. “Não divulguei a Viagem, por causa dessas irmãs, mas disse que poderia retornar com uma resposta muito em breve.”

Elayne trocou um olhar com Birgitte, que também deu de ombros, embora no caso dela nem por distanciamento nem por desdém. O maior buraco nas esperanças de Elayne de usar os Fronteiriços para influenciar seus oponentes ao trono tinha sido como abordar governantes sentados enquanto ela era apenas o Alto Assento de Trakand e Filha Herdeira de uma rainha falecida. O encolher de ombros de Birgitte disse para agradecer pelo fechamento do buraco, mas Elayne se perguntou como essas pessoas das Fronteiras tinham descoberto o que poucos sabiam. E se elas sabiam, quantos mais sabiam também? Ela protegeria seu filho não nascido.

“Você estaria disposta a voltar imediatamente, Merilille?” ela perguntou. A outra irmã aceitou com entusiasmo, e com um leve

arregalar de olhos que sugeria que aguentaria qualquer quantidade de mau cheiro para não voltar mais um pouco às Chamadoras de Vento. “Então vamos juntas. Se eles querem me encontrar em breve, nada pode ser mais cedo do que hoje.” Eles sabiam demais para adiar. Nada poderia ser permitido para ameaçar seu filho. Nada!

Capítulo 27

As Rainhas e Reis Surpresa

Ir não era tão simples quanto dizer que iria, é claro. “Isso é imprudente, irmã,” Aviendha disse sombriamente enquanto Merilille corria para se refrescar. Correu de verdade; a Cinza parecia estar de olho no Povo do Mar antes de chegar às portas da sala de estar. Quando uma irmã da posição de Elayne dizia vá, Merilille ia. Braços cruzados e xale enrolado em volta dela para que ela parecesse muito uma Sábia, Aviendha estava de pé sobre Elayne em sua escrivaninha. “Isso é muito imprudente.”

“Prudente?” Birgitte rosnou, pés separados e punhos plantados em seus quadris. “Prudente? A garota não saberia o que é 'prudente' se isso a mordesse no nariz! Por que essa pressa? Deixe Merilille fazer o que as Cinzas fazem, marcar uma conversa em alguns dias ou uma semana. Rainhas odeiam ser surpreendidas, e reis desprezam isso. Acredite em mim, eu sei disso ao meu custo. Eles encontram maneiras de fazer você se arrepender.” O vínculo da Guardiã refletia sua raiva e frustração.

“Quero pegá-los de surpresa, Birgitte. Pode me ajudar a descobrir o quanto eles sabem sobre mim.” Fazendo uma careta, Elayne afastou a página borrada e pegou outra folha da caixa de papel de jacarandá incrustada. Seu cansaço havia desaparecido com as notícias de Merilille, mas escrever com uma mão firme e limpa parecia difícil. O texto também precisava estar certo. Esta não era para ser uma carta da Filha Herdeira de Andor, mas de Elayne Trakand, Aes Sedai da Ajah Verde. Eles tinham que ver o que ela queria que eles vissem.

“Tente colocar algum bom senso nela, Aviendha,” Birgitte murmurou. “Caso você não possa, é melhor eu ver se consigo uma maldita escolta adequada.”

“Sem escolta, Birgitte. Exceto por você. Uma Aes Sedai e sua Guardiã. E Aviendha, é claro.” Elayne parou de escrever para sorrir para a irmã, que não sorriu de volta.

“Conheço sua coragem, Elayne”, disse Aviendha. “Admiro sua coragem. Mas até Sha'mad Conde sabe quando ser cautelosa!” Ela falou de cautela? Aviendha não saberia o que é cautela se... bem... se isso a mordesse no nariz!

“Uma Aes Sedai e sua Guardiã?” exclamou Birgitte. “Eu te disse, você não pode mais sair correndo tentando ter aventuras!”

“Sem escolta,” Elayne disse com firmeza, mergulhando a caneta para outra tentativa. “Isso não é uma aventura. É apenas a maneira como deve ser feito.” Erguendo as mãos, Birgitte grunhiu vários palavrões, mas nada que Elayne não tivesse ouvido antes. Para sua surpresa, Mellar não fez objeção a ficar para trás. Uma reunião com quatro governantes dificilmente seria tão chata quanto encontrar mercadores, mas ele pediu licença para cuidar de seus deveres, já que ela não precisava dele. Isso a satisfez. Um Capitão da Guarda Real faria os Fronteiriços pensarem nela como Filha Herdeira mais cedo do que ela queria. Sem mencionar que Mellar poderia decidir zombar dela. A despreocupação do capitão Mellar não foi compartilhada pelo resto de sua guarda-costas, no entanto. Uma das guardas aparentemente foi correndo atrás de Caseille, porque a alta mulher arafellina entrou na sala de estar enquanto Elayne ainda escrevia, exigindo acompanhar Elayne com todas as guarda-costas. Birgitte teve que mandá-la sair para parar seus protestos.

Pela primeira vez, Birgitte pareceu reconhecer o fato de que Elayne não ia ceder, saindo com Caseille para trocar de roupa. Bem, ela se afastou com resmungos xingamentos, batendo a porta atrás dela com um estrondo, mas pelo menos ela foi. Poder-se-ia ter pensado que ela ficaria feliz por uma chance de tirar aquele casaco de capitã-general, mas o vínculo poderia muito bem ter sido um eco de suas maldições. Aviendha não praguejou, mas manteve suas advertências. Tudo tinha que ser feito em um turbilhão, porém, que Elayne tinha uma desculpa para ignorá-los.

Essande foi chamada e começou a arrumar as roupas adequadas, enquanto Elayne comia apressadamente sua refeição do meio-dia mais cedo. Ela não tinha mandado buscá-la; Avienda tinha. Aparentemente, Monaelle disse que perder refeições era tão ruim quanto comer demais.

A Sra. Harfor, informada de que teria que lidar com os vidreiros, e também com as outras delegações, fez uma careta fraca ao mesmo tempo em que inclinou a cabeça em aceitação. Antes de partir, ela anunciou que havia adquirido cabras para o Palácio. Elayne precisava beber leite de cabra, e muito. Careane gemeu ao saber que ia ensinar as Chamadoras de Vento naquela noite, mas pelo menos a mulher não fez nenhum comentário sobre sua dieta. Na verdade, ela esperava estar de volta ao Palácio ao anoitecer, mas também esperava estar tão cansada como se já tivesse ensinado essa lição. Vandene também não deu conselhos, não desse tipo. Elayne estudara as nações da fronteira da Praga junto com todas as outras terras como parte de sua educação e discutira suas intenções com a Verde de cabelos brancos, que conhecia bem as Fronteiras, mas teria adorado levar Vandene junto. Alguém que realmente viveu nas Fronteiras podia ver nuances que lhe escapassem. Mas ela não se atreveu a fazer mais do que fazer algumas últimas perguntas apressadas enquanto Essande a vestia, só para se assegurar de coisas que Vandene já havia lhe contado. Não que ela precisasse de segurança, ela percebeu. Ela se sentia tão concentrada quanto Birgitte fazendo uma reverência.

Finalmente, Reanne teve que ser trazida de onde ela estava, novamente tentando convencer uma *ex-sul'dam* de que ela também podia canalizar. Reanne vinha fazendo aquela trama no pátio do estábulo todos os dias desde que a teceu pela primeira vez para enviar Merilille; ela poderia abri-la no mesmo local na Mata de Braem sem dificuldade. Não havia mapas daquela área no palácio que fossem bons o suficiente para Merilille marcar muito bem as posições do acampamento, e se Elayne ou Aviendha tecessem o portal, ele podia se abrir dez milhas ou mais longe dos acampamentos do que a pequena clareira que Reanne conhecia. A neve havia parado de cair na Mata de Braem antes que a Cinza voltasse, mas mesmo assim, dez milhas de neve fresca poderiam significar mais duas horas, no máximo. Elayne queria que isso fosse feito rapidamente. Velocidade. Todos tinham que se mover com velocidade. O Povo do Mar devia estar ciente da azáfama que envolvia o Palácio, Guardas correndo pelos Corredores levando mensagens e buscando esta ou aquela pessoa,

mas Elayne se certificou de que não lhes dissessem nada. Supondo que Zaida decidisse acompanhá-la, ela era capaz de fazer com que uma das Chamadoras de Vento fizesse seu próprio portal se Elayne a recusasse, e a Mestra das Ondas era uma complicação a ser evitada. A mulher já se comportava como se tivesse tanto direito no palácio quanto a própria Elayne. Zaida tentando dominar poderia arruinar tudo tão certamente quanto Mellar olhando para ela.

Apressar-se parecia além da capacidade de Essande, mas todos os outros voaram, e quando o sol se pôs bem no alto, Elayne se viu cavalgando Coração de Fogo lentamente pelas neves da Mata de Braem, perto o suficiente de cinquenta léguas ao norte de Caemlyn enquanto o ganso selvagem voava, mas apenas um passo através do portão para uma densa floresta de pinheiros altos, folhas de couro e carvalhos misturados com árvores de galhos cinzentos que haviam perdido suas folhas. Ocasionalmente, um amplo prado se abria, coberto de neve como tapetes brancos, imaculados, exceto pelas pegadas do cavalo de corrida de Merilille. Merilille tinha sido enviada na frente com a carta, e Elayne, Aviendha e Birgitte seguiram depois de uma hora, para dar-lhe tempo de chegar aos Fronteiriços antes delas. A estrada de Caemlyn a Nova Braem ficava alguns quilômetros a oeste. Aqui, elas poderiam estar a mil léguas de uma habitação humana. Para Elayne, vestir-se era tão sério quanto escolher uma armadura. Seu manto era forrado de marta para aumentar o calor, mas o material era de lã verde-escura, macio, mas grosso, e seu vestido de montaria era de seda verde e sem adornos. Até suas luvas de montaria eram de couro verde-escuro simples. A menos que as espadas tivessem sido desembainhadas, essa era a armadura com que uma Aes Sedai enfrentava os governantes. Sua única joia visível era um pequeno broche de âmbar em forma de tartaruga, e se alguém achava isso estranho, que achasse. Um exército de Fronteiriços estava além de qualquer armadilha que um de seus rivais pudesse armar, ou mesmo Elaida, mas aquelas dez irmãs — dez ou mais — poderiam ser de Elaida. Ela não se deixaria levar de volta para a Torre Branca. “Podemos voltar atrás sem insistir nisso, Elayne.” Aviendha, carrancuda, ainda usava suas roupas de Aiel, com seu único colar de

prata e a pesada pulseira de marfim. Seu baio atarracado era uma mão mais curto que Coração de Fogo ou o cavalo cinza esguio de Birgitte, Flecha, e muito mais gentil de manusear, embora ela cavalgasse com mais facilidade do que antes. Com as pernas de meias escuras expostas acima do joelho montadas em uma sela, ela realmente parecia aquecida, exceto pelo xale enrolado em sua cabeça. Ao contrário de Birgitte, ela não havia cessado suas tentativas de dissuadir Elayne. “Surpresa está tudo muito bem, mas eles vão respeitá-la mais se precisarem encontrá-la no meio do caminho.”

“Difícilmente posso abandonar Merilille”, disse Elayne com mais paciência do que sentia. Talvez ela não estivesse mais cansada, mas também não se sentia particularmente fresca, nem um pouco pronta para aturar a insistência. Mas ela não queria brigar com Aviendha. “Ela pode se sentir meio tola, parada ali com uma carta anunciando que eu vou se não vou. Pior, eu me sentiria uma tola.”

“Melhor se sentir uma tola do que ser uma,” Birgitte murmurou, meio baixinho. Sua capa escura se espalhava atrás de sua sela, e sua trança intrincada pendia da abertura do capuz quase até a cintura. Puxar o capuz para cima apenas o suficiente para emoldurar seu rosto foi a única concessão que ela fez ao frio e ao vento forte que às vezes levantava a neve recém-caída como penas. Ela não queria sua visão obscurecida. A tampa da aljava de seu arco, destinada a manter a corda do arco seca, pendia para que ela pudesse alcançar o arco rapidamente. A sugestão de que ela usasse uma espada foi anulada com tanta indignação como se Elayne tivesse pedido a Aviendha para usar uma. Birgitte conhecia o arco, mas alegou que poderia se esfaquear tentando sacar uma espada. Ainda assim, seu casaco verde curto teria se misturado aos bosques em outra época do ano e, por incrível que pareça, suas calças largas eram da mesma cor. Ela era uma Guardiã agora, não a Capitã-General da Guarda da Rainha, mas não estava tão satisfeita com o título quanto se poderia esperar. O vínculo carregava tanta frustração quanto alerta. Elayne suspirou, sua respiração enevoada. “Vocês duas sabem o que espero conseguir aqui. Vocês sabem desde que decidi. Por que vocês estão me tratando de repente como se eu fosse feita de vidro soprado?”

A dupla trocou olhares atrás dela, cada uma esperando que a outra falasse primeiro, então silenciosamente se virou para olhar para frente, e de repente ela soube. “Quando meu bebê nascer,” ela disse secamente, “vocês duas podem se candidatar para ser sua ama de leite.” Se seu bebê fosse “menina”. Se Min havia dito, estava perdido nas memórias embaçadas de vinho de Aviendha e Birgitte daquela noite. Talvez fosse melhor ter um filho primeiro, para que pudesse começar seu treinamento antes que sua irmã chegasse. No entanto, uma filha garantia a sucessão, enquanto um filho solitário seria posto de lado, e por mais que ela quisesse mais de um, nada dizia que ela teria outro filho. Que a Luz lhe enviasse mais filhos de Rand, mas ela tinha que ser prática. “Eu mesma não preciso de ama de leite.”

As bochechas bronzeadas de Aviendha ficaram mais escuras de vergonha. A expressão de Birgitte não mudou, mas a mesma emoção fluiu ao longo do vínculo da Guardiã. Elas cavalgaram devagar, seguindo os rastros de Merilille por quase duas horas, e Elayne estava pensando que o acampamento mais próximo deveria estar muito próximo quando Birgitte de repente apontou para a frente e disse: “Shienaranos”, então guardou seu arco no estojo. Prontidão engoliu a frustração e tudo mais no vínculo. Aviendha tocou o cabo de seu canivete como se tivesse certeza de que estava ali. Esperando sob as árvores, ao lado dos rastros de Merilille, homens e cavalos estavam tão quietos que Elayne quase os considerou como algum tipo de afloramento natural, até que ela distinguiu as estranhas cristas em seus elmos. Suas montarias não eram blindadas, como os animais pesados de shienaranos costumavam ser, mas os próprios homens usavam armadura e cota de malha, com espadas longas nas costas, e espadas e maçãs penduradas em seus cintos e selas. Seus olhos escuros nunca piscaram. Um dos cavalos balançou o rabo, e o movimento pareceu surpreendente.

Um homem de rosto afiado com uma voz áspera falou enquanto Elayne e as outras duas mulheres puxavam as rédeas na frente dele. A crista em cima de seu capacete parecia asas estreitas. “O rei Easar envia sua garantia de sua segurança, Elayne Sedai, e eu acrescento a minha. Eu sou Kayen Yokata, Senhor de Fal Eisen, e que a Paz me

abandone e o Praga consuma minha alma se o mal acontecer a você ou a qualquer uma com você em nosso acampamento.” Isso não era tão reconfortante quanto Elayne poderia ter desejado. Todas essas garantias de sua segurança apenas deixavam claro que havia alguma dúvida sobre isso, e ainda poderia haver. “Uma Aes Sedai precisa de garantias de shienaranos?” ela disse. Ela começou a fazer um exercício de noviça para ter calma e percebeu que não precisava disso. Muito estranho. “Você pode liderar, Lorde Kayen.” Ele apenas assentiu e virou o cavalo.

Alguns dos shienaranos olharam para Aviendha sem expressão, reconhecendo uma Aiel, mas, na maior parte, eles simplesmente ficaram para trás. Apenas os cascos esmagando a neve mais dura sob a neve fresca quebraram o silêncio de sua curta viagem. Ela estava certa. O acampamento shienarano estava muito perto. Ela começou a ver sentinelas, montadas e blindadas, apenas alguns minutos depois, e logo depois elas entraram no acampamento dos shienaranos.

Esparramado entre as árvores, o acampamento parecia maior do que ela imaginara. Quer ela olhasse para a esquerda, para a direita ou para a frente, tendas e fogueiras, fileiras de cavalos amarrados e fileiras de carroças se estendiam fora de sua vista. Enquanto ela e sua escolta passavam, soldados olhavam para cima com curiosidade, homens de rosto duro com a cabeça raspada, exceto por um tufo no topo que às vezes era longo o suficiente para atingir os ombros. Poucos usavam qualquer parte de suas armaduras, mas as armaduras e armas sempre estavam à mão. O cheiro não era tão ruim quanto Merilille havia descrito, embora ela pudesse perceber o leve odor de latrinas e esterco de cavalo sob o aroma do que quer que estivesse fervendo em todas aquelas panelas. Ninguém parecia faminto, embora muitos fossem magros. Não a magreza da fome, porém, apenas a de homens que nunca carregaram muita gordura. Ela notou que não havia chiados sobre qualquer fogo que ela pudesse ver. A carne seria mais difícil de obter do que o grão, embora o grão em si estivesse em falta o suficiente no final do inverno. A sopa de cevada não fortalecia um homem como a carne. Eles precisavam se mover logo; nenhum lugar poderia suportar quatro exércitos deste tamanho por muito tempo. Ela só tinha

que se certificar de que eles se movessem na direção certa. Nem todos que ela viu eram soldados com a cabeça raspada, é claro, embora os homens entre eles parecessem quase tão duros. Havia flecheiros fazendo flechas, construtores de rodas trabalhando em carroças, ferradores ferrando cavalos, lavadeiras mexendo em chaleiras ferventes, mulheres trabalhando com agulhas que poderiam ser costureiras ou esposas. Um grande número de pessoas sempre seguia um exército, às vezes tantas quanto os próprios soldados. No entanto, ela não viu ninguém que pudesse ser Aes Sedai; era improvável que as irmãs arregançassem as mangas e trabalhassem com pás de madeira nas chaleiras de roupa suja, ou vestissem lãs remendadas e sentassem cerzindo calções. Por que elas queriam permanecer escondidas? Ela resistiu ao desejo de abraçar a Fonte, de puxar *saidar* através do *angreal* de tartaruga preso ao peito. Uma batalha de cada vez, e primeiro ela devia lutar por Andor.

Diante de uma tenda muito maior do que qualquer outra que ela podia ver, de lona pálida com um único pico longo, Kayen desmontou e a ajudou a fazer o mesmo. Ele hesitou em ajudar Birgitte e Aviendha, mas Birgitte resolveu seu dilema descendo suavemente e entregando as rédeas a um soldado que esperava, Aviendha meio caindo da sela. Ela havia melhorado sua equitação, mas montar e desmontar ainda lhe davam dificuldade. Olhando ao redor para ver se alguém estava rindo, ela alisou suas saias volumosas, então desembrulhou o xale da cabeça e o colocou sobre os ombros. Birgitte viu seu cavalo ser levado embora como se desejasse ter tirado o arco e a aljava da sela. Kayen abriu uma das abas de entrada e fez uma reverência. Dando um último suspiro profundo e calmante, Elayne conduziu as outras duas mulheres. Não podia permitir que a vissem como uma suplicante. Ela não estava aqui para implorar ou se defender. Às vezes, Gareth Bryne dissera a ela quando ela era criança, *you se encontra em menor número, sem nenhum caminho para escapar. Sempre faça o que seu inimigo menos espera, Elayne. Nesse caso, você deve atacar.* Desde o início, ela devia atacar. Lá dentro, Merilille deslizou até ela pelos tapetes em camadas que serviam de piso. O sorriso da diminuta Cinza não foi precisamente aliviado, mas claramente ela estava feliz em ver Elayne.

Além dela, estavam presentes apenas mais cinco pessoas, duas mulheres e três homens, e um deles era um criado, um velho cavaleiro de pernas arqueadas e rosto cheio de cicatrizes, que veio pegar capas e luvas — e piscar para Aviendha — antes de se retirar para uma mesa de madeira simples que continha uma bandeja de prata com um jarro de borda alta e uma série de xícaras. Os outros quatro governavam as nações das Fronteiras. Uma série de cadeiras de acampamento sem encosto e quatro grandes braseiros segurando brasas incandescentes completavam a mobília da tenda. Este não era o tipo de recepção que a Filha Herdeira de Andor poderia esperar, com cortesãos e muitos servos, e conversas ociosas a serem travadas antes que discussões sérias pudessem começar, e homens e mulheres nos ombros daqueles governantes para aconselhá-los. O que ela encontrou foi o que ela esperava.

A cura havia livrado os olhos de Merilille de suas olheiras antes que ela deixasse o Palácio, e ela fez a apresentação de Elayne com simples dignidade. “Esta é Elayne Trakand, da Ajah Verde, como eu lhes disse.” Isso e nada mais. Elayne sabia o suficiente de Vandene para escolher um dos quatro governantes que a enfrentavam.

“Eu lhe dou as boas-vindas, Elayne Sedai”, disse Easar de Shienar. “Que a paz e a luz favoreçam você.” Ele era um homem baixo, não mais alto do que ela, magro em um casaco cor de bronze, seu rosto sem rugas, apesar de um longo coque branco que pendia do lado de sua cabeça. Olhando para seus olhos tristes, ela lembrou a si mesma que ele era considerado um governante sábio e um diplomata habilidoso, além de um bom soldado. Na aparência, ele não era nenhuma dessas coisas. “Posso oferecer-lhe vinho? As especiarias não são frescas, mas ganharam nitidez extra com a idade.”

“Quando Merilille nos disse que você viria de Caemlyn hoje, confesso que teria duvidado dela, se ela não fosse Aes Sedai.” Disse Ethenielle, de Kandor, talvez meia mão mais alta que Merilille, era roliça, o cabelo preto levemente salpicado de cinza, mas não havia nada de maternal nela, apesar do sorriso. A dignidade régia a vestia tanto quanto sua fina lã azul. Seus olhos eram azuis também, claros e nivelados.

“Estamos satisfeitos que você tenha vindo,” Paitar, de Arafel, disse em uma voz surpreendentemente profunda e rica que fez Elayne se sentir aquecida, de alguma forma. “Temos muito o que discutir com você.” Vandene dissera que ele era o homem mais bonito das Fronteiras, e talvez fosse há muito tempo, mas a idade havia marcado profundas rugas em seu rosto, e apenas uma franja de cabelos grisalhos curtos permanecia em sua cabeça. Ele era alto e de ombros largos, porém, em verde liso, e parecia forte. E não um tolo.

Onde os outros carregavam seus anos com graça, Tenóbia, de Saldeia, ostentava juventude, mas não beleza, com seu nariz de bico de águia e a boca larga. Seus olhos inclinados, quase roxos, na altura dos de Elayne, eram sua melhor característica. Talvez ela a única boa. Enquanto as outras se vestiam com simplicidade, mesmo que governassem nações, seu vestido azul-claro era trabalhado com pérolas e safiras e ela usava mais safiras no cabelo. Adequado para a corte, mas dificilmente para um acampamento. E enquanto eles eram cortesões, ela... “Sob a Luz, Merilille Sedai,” Tenobia disse em voz alta, franzindo a testa, “Eu sei que você fala a verdade, mas ela parece mais uma criança do que uma Aes Sedai. Você não mencionou que ela traria uma Aiel de olhos negros.” O rosto de Easar nunca mudou, mas a boca de Paitar se apertou, e Ethenielle chegou ao ponto de olhar brevemente para Tenobia em um olhar que seria adequado para uma mãe. Uma mãe muito irritada e descontente.

“Negros?” Aviendha murmurou em confusão. “Meus olhos não são negros. Eu nunca tinha visto olhos negros, exceto em um mascate, até cruzar a Muralha do Dragão.”

“Você sabe que só posso falar a verdade, Tenobia, e garanto a você”, começou Merilille.

Elayne a silenciou com um toque no braço. “Basta que você saiba que eu sou Aes Sedai, Tenobia. Esta é minha irmã, Aviendha, do Septo dos Nove Vales do Taardad Aiel.” Aviendha sorriu para eles, ou pelo menos mostrou os dentes. “Esta é minha Guardiã, Lady Birgitte Trahelion.” Birgitte fez uma pequena reverência, sua trança dourada balançando.

Um anúncio causou tantos olhares assustados quanto o outro — uma mulher Aiel era sua irmã? Sua Guardiã era uma mulher? — mas Tenobia e os outros governavam terras à beira do Praga, onde os pesadelos realmente podiam andar à luz do dia e qualquer um que se deixasse assustar demais estava praticamente morto. Elayne não lhes deu chance de se recuperar totalmente, no entanto. *Ataque antes que eles saibam o que você está fazendo*, Gareth Bryne disse, *e continue atacando até derrotá-los ou passar por eles*.

"Devemos considerar as sutilezas concluídas?" ela disse, pegando uma xícara que exalava o aroma de vinho condimentado da bandeja oferecida pelo velho soldado. Uma onda de cautela fluiu ao longo do vínculo da Guardiã, e ela viu Aviendha olhar de soslaio para a xícara, mas não pretendia beber. Ela estava apenas feliz que nenhuma das duas realmente falou. "Só um tolo pensaria que vocês vieram de tão longe para invadir Andor," ela disse, caminhando até as cadeiras e se sentando. Governantes ou não, eles não tinham escolha a não ser segui-la ou encará-la de volta. Atrás de Birgitte, já que ela estava atrás dela. Como de costume, Aviendha se dobrou no chão e arrumou as saias em um leque arrumado. Eles seguiram. "O Dragão Renascido traz vocês", continuou Elayne. "Vocês pediram essa audiência comigo porque eu estava em Falme. A questão é: por que isso é importante para vocês? Vocês acham que posso contar mais sobre o que aconteceu lá do que vocês já sabem? A Trombeta de Valere soou, heróis mortos das lendas cavalgaram contra invasores Seanchan, e o Dragão Renascido lutou contra a Sombra no céu para todos verem. Se vocês sabem tanto, sabem tanto quanto eu."

"Audiência?" Tenobia disse incrédula, parando meio sentada. A cadeira de acampamento rangeu quando ela se deixou cair o resto do caminho. "Ninguém pediu audiência! Mesmo se você já detivesse o trono de Andor...!"

"Vamos direto ao ponto, Tenobia," Paitar interrompeu suavemente. Em vez de se sentar, ele se levantou, ocasionalmente bebendo seu vinho. Elayne estava feliz por poder ver as rugas em seu rosto. Essa voz poderia confundir os pensamentos de uma mulher, caso contrário.

Ethenielle poupou outro olhar rápido para Tenobia enquanto se sentava e murmurou algo baixinho. Elayne pensou ter ouvido a palavra “casamento”, com um som pesaroso, mas isso não fazia sentido. De qualquer forma, ela voltou sua atenção para Elayne assim que se acomodou em sua cadeira. “Eu poderia gostar de sua ferocidade outra hora, Elayne Sedai, mas há pouco para gostar em cair em uma emboscada que um de seus próprios aliados ajudou a preparar.” Tenobia fez uma careta, embora Ethenielle nem mesmo lançasse aqueles olhos afiados em sua direção. “O que aconteceu em Falme”, disse a Rainha de Kandor a Elayne, “não é tão importante quanto o que aconteceu. Não, Paitar; devemos dizer a ela o que devemos dizer a ela. Ela já sabe demais para fazermos qualquer outra coisa. Sabemos que foi companheira do Dragão Renascido em Falme, Elayne. Uma amiga, talvez. Você está certa; não viemos para invadir. Viemos encontrar o Dragão Renascido. E nós marchamos até aqui só para descobrir que ninguém sabe onde ele pode ser encontrado. Você sabe onde ele está?”

Elayne escondeu seu alívio com a pergunta direta. Nunca teria sido perguntado se eles achavam que ela era mais do que uma companheira ou amiga. Ela poderia ser tão direta. Ataque e continue atacando. “Por que você quer encontrá-lo? Emissários ou mensageiros poderiam receber qualquer palavra que você quisesse enviar a ele.” O que era tão bom quanto perguntar por que eles trouxeram vastos exércitos.

Easar não havia bebido vinho e ficou parado com os punhos nos quadris. “A guerra contra a Sombra é travada ao longo do Praga”, disse ele sombriamente. “A Última Batalha será travada na Praga, se não na própria Shayol Ghul. E ele ignora as Fronteiras e se preocupa com terras que não viram um Myrddraal desde a Guerra dos Trollocs.”

“O *Car’a’carn* decide onde dançar as lanças, aguacento”, zombou Aviendha. “Se você o seguir, então você luta onde ele diz.”

Ninguém olhou para ela. Todos olhavam para Elayne. Ninguém aceitou a abertura que Aviendha havia oferecido. Elayne se obrigou a respirar uniformemente e encontrar seus olhares sem piscar. Um exército da Fronteira era uma armadilha muito grande para Elaída

armar para pegar Elayne Trakand, mas Rand al'Thor, o Dragão Renascido, podia ser outra questão. Merilille se mexeu na cadeira, mas tinha suas instruções. Não importa quantos tratados a irmã Cinza tivesse negociado, uma vez que Elayne comesse, ela deveria ficar em silêncio. A confiança fluíu ao longo do vínculo com Birgitte. Rand era uma pedra, ilegível e distante. “Vocês sabem da proclamação da Torre Branca sobre ele?” ela perguntou baixinho. Eles deviam saber agora.

“A Torre chama anátema a quem se aproximar do Dragão Renascido, salvo pelos ofícios da Torre”, disse Paitar com a mesma calma. Por fim, sentando-se, ele a olhou com olhos sérios. “Você é Aes Sedai. Certamente isso conta como a mesma coisa.”

“A Torre se intromete em todos os lugares”, murmurou Tenobia. “Não, Ethenielle; eu vou dizer isso! O mundo inteiro sabe que a Torre está dividida. Você segue Elaida ou as rebeldes, Elayne?”

“O mundo raramente sabe o que pensa que sabe”, disse Merilille em uma voz que parecia baixar a temperatura na tenda. A pequena mulher que corria quando Elayne ordenava e guinchava quando as Chamadoras de Vento olhavam para ela endireitou-se e encarou Tenobia como uma Aes Sedai, seu rosto impassível tão gelado quanto seu tom. “Os assuntos da Torre são para as iniciadas saberem, Tenobia. Se você quer aprender, peça para ter seu nome escrito no livro de noviça, e em vinte anos você poderá aprender um pouco.”

Sua Majestade Iluminada, Tenobia si Bashere Kazadi, Escudo do Norte e Espada da Fronteira da Praga, Alto Assento da Casa Kazadi, Senhora de Shahayni, Asnelle, Kunwar e Ganai, olhou para Merilille com toda a fúria de uma nevasca. E não disse nada. O respeito de Elayne por ela aumentou ligeiramente.

A desobediência de Merilille não a desagradou. Isso a salvou de tentar prevaricar enquanto parecia falar apenas a verdade. Egwene disse que elas deveriam tentar viver como se já tivessem jurado os Três Juramentos, e aqui e agora, Elayne sentia o peso disso. Aqui, ela não era a Filha Herdeira de Andor lutando para reivindicar o trono de sua mãe, ou não apenas isso. Ela era uma Aes Sedai da Ajah Verde, com

mais motivos para cuidar das palavras do que simplesmente esconder o que queria que permanecesse escondido.

“Não posso dizer exatamente onde ele está.” Verdade, porque ela só poderia ter dado a eles uma direção vaga, mais ou menos em direção a Tear, sem dizer a que distância; verdade, porque ela não confiava neles o suficiente nem para isso. Ela só tinha que ter cuidado com o que dizia, e como. “Eu sei que aparentemente ele pretende permanecer onde está por algum tempo.” Ele não se movia há dias, a primeira vez desde que a deixou que ele permaneceu em qualquer lugar por mais de meio dia. “Eu lhes direi o que puder, mas apenas se vocês concordarem em marchar para o sul dentro de uma semana. Vocês vão ficar sem cevada, assim como carne, se ficarem aqui por muito mais tempo, de qualquer maneira. Eu prometo, vocês estarão marchando em direção ao Dragão Renascido.” Para começar, eles iriam, de qualquer forma.

Paitar balançou a cabeça careca. “Você quer que entremos em Andor? Elayne Sedai — ou devo chamá-la de Lady Elayne, agora? — Desejo-lhe a bênção da Luz em sua busca pela coroa de Andor, mas não o suficiente para oferecer os meus homens para lutar por ela.”

“Elayne Sedai e Lady Elayne são a mesma coisa,” ela disse a eles. “Eu não peço que você lute por mim. Na verdade, espero de todo o coração que você atravessasse Andor sem sequer uma escaramuça.” Erguendo a taça de vinho prateada, ela molhou os lábios sem beber. Um lampejo de cautela surgiu através do vínculo de Guardiã e, apesar de si mesma, Elayne riu. Aviendha a observava pelo canto do outro olho e franzia a testa. Mesmo agora, elas iam cuidar da futura mãe.

“Estou feliz que alguém ache isso divertido”, disse Ethenielle ironicamente. “Tente pensar como um sulista, Paitar. Eles jogam o Jogo das Casas aqui, e acho que ela está sendo muito esperta nisso. Ela deveria estar, suponho; sempre ouvi dizer que as Aes Sedai criaram o Daes Dae’mar.”

“Pense em táticas, Paitar.” Easar estava estudando Elayne, com um pequeno sorriso. “Nós nos movemos em direção a Caemlyn como invasores, então qualquer andoreano verá. O inverno pode ser ameno aqui, mas ainda precisaremos de semanas para chegar tão longe.

Quando o fizermos, ela terá reunido o suficiente das Casas Andoreanas contra nós, e para ela, ela terá o Trono do Leão, ou perto o suficiente disso. Pelo menos, força suficiente terá sido prometida a ela para que ninguém mais seja capaz de resistir por muito tempo contra ela.” Tenobia se mexeu na cadeira, franzindo a testa e ajustando as saias, mas havia um respeito em seus olhos quando ela olhou para Elayne que não estava lá antes. “E quando chegarmos a Caemlyn, Elayne Sedai”, disse Ethenielle, “você vai... negociar... conosco para sairmos de Andor sem uma batalha ser travada.” Isso não saiu como uma pergunta, mas quase. “Muito inteligente mesmo.”

“Se tudo funcionar como ela planeja”, disse Easar, seu sorriso desaparecendo. Ele estendeu a mão sem olhar, e o velho soldado colocou uma taça de vinho nela. “Batalhas raramente são assim; até mesmo desse tipo sem sangue, eu acho.”

“Quero muito que tudo seja sem sangue”, disse Elayne. Luz, tinha que ser, ou em vez de salvar seu país da guerra civil, ela o mergulharia no pior. “Vou trabalhar duro para que seja. Espero que vocês façam o mesmo.”

“Você também sabe onde está meu tio Davram, Elayne Sedai?” Tenobia disse de repente. “Davram Basher? Gostaria de falar com ele tanto quanto com o Dragão Renascido.”

“Lord Davram não está longe de Caemlyn, Tenobia. Mas não posso prometer que ele ainda estará lá quando você chegar. Isto é, se você concordar.” Elayne se obrigou a respirar, para esconder sua ansiedade. Ela estava além de onde pudesse voltar agora. Eles iriam para o sul agora, ela estava certa, mas sem o acordo deles, haveria derramamento de sangue.

Por um longo momento houve silêncio na tenda, exceto por um carvão estalando em um dos braseiros. Ethenielle trocou olhares com os dois homens. “Desde que eu possa ver meu tio,” Tenobia disse acaloradamente, “eu estou de acordo.”

“Pela minha honra, estou de acordo,” Easar disse decisivamente, e quase em cima dele, embora em um tom mais suave, Paitar disse, “Sob a Luz, estou de acordo.”

"Então, todos nós também", respirou Ethenielle. "E agora sua parte, Elayne Sedai. Onde encontramos o Dragão Renascido?"

Uma emoção percorreu Elayne, e ela não sabia dizer se era alegria ou medo. Ela tinha feito o que tinha vindo fazer, arriscou os perigos para si mesma e para Andor, e só o tempo diria se ela tinha tomado a decisão certa. Ela respondeu sem hesitar. "Como eu lhe disse, não posso dizer exatamente onde. No entanto, uma busca em Murandy será lucrativa." Era verdade, embora o lucro fosse dela, não deles, se viesse algum. Egwene se movera de Murandy hoje, levando embora o exército que detinha Arathelle Renshar e os outros nobres do sul. Talvez os Fronteiriços se movendo para o sul forçassem Arathelle, Luan e Pelivar a decidir, como Dyelin acreditava que fariam, apoiá-la. Que a Luz assim permitisse.

Exceto por Tenobia, os Fronteiriços não pareciam nem um pouco exultantes em saber onde encontrar Rand. Ethenielle soltou uma longa respiração, quase um suspiro, e Easar simplesmente assentiu e apertou os lábios em pensamento. Paitar bebeu metade do vinho, o primeiro gole de verdade que tomou. Parecia que por mais que quisessem encontrar o Dragão Renascido, não estavam ansiosos para encontrá-lo. Tenobia, por outro lado, chamou o velho soldado para trazer vinho e falou sobre o quanto ela queria ver o tio. Elayne não teria pensado que a mulher tinha tanto sentimento de família.

A noite chegava cedo naquela época do ano, e restavam apenas algumas horas de luz do dia, como Easar apontou, oferecendo camas para a noite. Ethenielle sugeriu que sua própria barraca seria mais confortável, mas eles não deram nenhum sinal de decepção quando Elayne disse que deveria partir imediatamente.

"Notável que você possa cobrir tal distância tão rapidamente" murmurou Ethenielle. "Eu ouvi Aes Sedai falarem de uma coisa chamada Viajar. Um Talento perdido?"

"Você encontrou muitas irmãs em sua jornada?" Elayne perguntou.

"Algumas" respondeu Ethenielle. "Há Aes Sedai em todos os lugares, ao que parece." Até Tenobia ficou subitamente sem expressão.

Permitindo que Birgitte colocasse o manto de marta nos ombros, Elayne assentiu. “Então há. Quer trazer nossos cavalos?” Nenhuma delas voltou a falar até saírem do acampamento, cavalgando por entre as árvores. O cheiro dos cavalos e o fedor das latrinas pareciam suaves no acampamento, mas sua ausência aqui fazia o ar parecer muito fresco e a neve, de alguma forma, mais branca. “Você estava muito quieta, Birgitte Trahelion”, disse Aviendha, batendo nas costelas de seu baio com os saltos. Ela sempre acreditou que o animal pararia sem lembretes para continuar.

“Uma Guardiã não fala por sua Aes Sedai; ela escuta e cuida dela,” Birgitte respondeu secamente. Era improvável que a floresta contivesse alguém que pudesse ameaçá-las, isso perto do acampamento shienaranos, mas seu arco permanecia descoberto e seus olhos examinavam as árvores.

“Uma forma de negociação muito mais apressada do que estou acostumada, Elayne”, disse Merilille. “Normalmente, esses assuntos exigem dias ou semanas de conversa, senão meses, antes que qualquer coisa seja acordada. Você teve sorte que eles não são domaneses. Ou cairhienos,” ela admitiu judiciosamente. “Os Fronteiriços são agradavelmente abertos e diretos. Fáceis de lidar.”

Abertos e diretos? Elayne balançou a cabeça ligeiramente. Eles queriam encontrar Rand, mas esconderam o porquê. Eles ocultaram a presença de irmãs também. Pelo menos eles estariam se afastando dele, uma vez que ela os tivesse a caminho de Murandy. Isso teria que servir, por enquanto, mas ela tinha que avisá-lo, uma vez que pudesse descobrir como fazer isso sem colocá-lo em perigo. *Cuide dele, Min*, ela pensou. *Cuide dele por nós*.

A poucos quilômetros do acampamento, ela parou para estudar a floresta tão assiduamente quanto Birgitte. Especialmente atrás delas. O sol estava baixo nas copas das árvores. Uma raposa branca trotando apareceu por um instante e desapareceu. Algo cintilou em um galho cinza nu, talvez um pássaro, ou um esquilo. Um falcão escuro de repente desceu do céu, e um guincho fino quebrou o ar e terminou de repente. Elas não estavam sendo seguidas. Não eram com os shienarans que ela se preocupava, mas com aquelas irmãs

escondidas. O cansaço que havia desaparecido antes, com as notícias de Merilille, voltou com interesse agora que seu encontro com os Fronteiriços havia terminado. Ela não queria nada além de subir em sua cama o mais rápido possível, mas não queria o suficiente para dar a trama de Viajar para irmãs que ela não conhecia. Ela poderia ter tecido um portão para o estábulo do Palácio, mas apenas com o risco de matar alguém que estivesse atravessando onde ele se abria, então, em vez disso, ela teceu um para outro lugar que ela conhecia tão bem. Estava tão cansada que exigia esforço para tecer, tão cansada que não pensou no *angreal* preso ao vestido até que a barra prateada apareceu no ar e se abriu para um campo coberto de grama marrom batida por nevascas anteriores, um campo logo ao sul de Caemlyn, onde Gareth Bryne muitas vezes a levava para observar os Guardas da Rainha cavalgando para o comando, quebrando as colunas para formar uma linha de quatro lado a lado em uma ordem gritada.

"Você vai apenas olhar para ele?" Birgitte exigiu.

Elayne piscou. Aviendha e Merilille a estudavam com preocupação.

O rosto de Birgitte não revelava nada, mas o vínculo também trazia preocupação.

"Eu estava pensando," Elayne disse, e guiou Coração de Fogo pelo portão.

A cama seria maravilhosa.

Do antigo campo de treino aos altos portões em arco situados nas paredes claras da cidade de quinze metros de altura era uma curta viagem. Os longos prédios do mercado que cercavam os portões estavam vazios àquela hora, mas os guardas de olhos aguçados ainda mantinham uma vigilância. Eles a observaram e as outras cavalgando aparentemente sem reconhecê-la. Mercenários, muito provavelmente. Eles não a conheceriam a menos que a vissem no Trono do Leão. Com a ajuda da Luz e sorte, eles a veriam ali.

O crepúsculo estava se aproximando rapidamente, o céu se tornando um cinza profundo e as sombras oblíquas atravessando as ruas. Muito poucas pessoas ainda estavam fora de casa, um punhado de pessoas correndo para terminar o trabalho do dia antes de ir para casa para jantar e uma lareira quente. Um par de carregadores

carregando a cadeirinha escura laqueada de um mercador passou trotando por uma rua à frente e, alguns momentos depois, uma das grandes carroças de bombeamento roncava na outra direção atrás de oito cavalos correndo, suas rodas com ferraduras ruidosas nas pedras do calçamento. Outro incêndio, em algum lugar. Aconteciam com mais frequência à noite. Uma patrulha de quatro guardas caminhou com seus cavalos em direção a ela, sem olhar para ela duas vezes. Eles não a reconheceram mais do que os homens nos portões.

Balançando em sua sela, ela cavalgou desejando sua cama. Foi um choque perceber que estava sendo retirada da sela. Ela abriu os olhos que não se lembrava de ter fechado e se viu sendo carregada para o Palácio nos braços de Birgitte. "Coloque-me no chão", disse ela cansada. "Ainda posso andar."

"Você mal consegue ficar de pé," Birgitte rosnou. "Fique quieta."

"Você não pode falar com ela!" Aviendha disse em voz alta. "Ela realmente precisa dormir, Mestre Norry," Merilille disse em tom firme. "Amanhã terá que servir."

"Perdoe-me, mas amanhã não será suficiente", respondeu Norry, por um milagre soando muito firme. "É urgente que eu fale com ela agora!" A cabeça de Elayne queria balançar quando ela a ergueu. Halwin Norry estava segurando aquela pasta de couro contra o peito magrelo, como sempre, mas o homem seco que falava de cabeças coroadas com o mesmo tom empoeirado que ele usava para falar dos reparos do telhado estava quase dançando na ponta dos pés tentando passar por Aviendha e Merilille, que o seguravam pelo braço, segurando-o para trás.

"Me coloque no chão, Birgitte," ela disse novamente, e pelo segundo milagre em tão pouco tempo, Birgitte obedeceu. Ela manteve um braço de apoio em torno de Elayne, no entanto, pelo qual Elayne ficou grata. Ela não tinha certeza se suas pernas a teriam sustentado por muito tempo. "O que é isso, Mestre Norry? Solte o homem, Aviendha. Merilille?" O Primeiro Escriurário disparou para a frente assim que o soltaram. "As notícias começaram a chegar logo depois que você partiu, minha senhora," ele disse, não parecendo nada empoeirado. A preocupação franzindo as sobancelhas. "Existem quatro exércitos..."

Pequenos, devo dizer agora, suponho. Luz, eu me lembro quando cinco mil homens eram um exército.” Ele esfregou uma mão sobre sua cabeça careca, deixando os tufo brancos subindo atrás de suas orelhas em desordem eriçada. “Há quatro pequenos exércitos se aproximando de Caemlyn, vindos do leste,” ele continuou em um tom mais usual para ele. Quase. “Eles estarão aqui dentro de uma semana, eu temo. Vinte mil homens. Talvez trinta. Não posso ter certeza.” Ele meio que estendeu a pasta para ela como se oferecendo para mostrar a ela os papéis dentro. Ele estava agitado. “Quem?” ela disse. Elenia tinha propriedades e forças no leste, mas Naeen também. Mas nenhum deles conseguia levantar vinte mil homens. E a neve e a lama deveriam tê-los segurado até a primavera. *“Deveria” e “iria” não construíam pontes*, ela parecia ouvir a voz fina de Lini dizer.

“Não sei, minha senhora”, respondeu Norry, “ainda não”.

Não importava, supôs Elayne. Quem quer que fosse, eles estavam vindo, e agora. “Ao amanhecer, Mestre Norry, quero que você comece a comprar todos os alimentos que puder encontrar fora dos muros e traga-os para dentro. Birgitte, faça com que o vassalo que anuncia a recompensa de alistamento crescente que os mercenários têm quatro dias para se alistar como Guardas, ou eles devem deixar a cidade. E faça anúncios ao povo também, Mestre Norry. Quem quiser sair antes do início do cerco deve ir agora. Isso reduzirá o número de bocas que temos que alimentar e pode levar mais alguns homens a se alistar na Guarda.” Afastando-se do apoio de Birgitte, ela caminhou pelo Corredor, em direção a seus aposentos. Os outros foram obrigados a seguir. “Merilille, avise as Mulheres Kin, e as Atha’an Miere. Elas podem querer sair antes que comece também. Mapas, Birgitte. Mande trazer os bons mapas para os meus aposentos. E outra coisa, Mestre Norry...” Não havia tempo para dormir, não havia tempo para cansaço. Ela tinha uma cidade para defender.

Capítulo 28

Notícias em um Saco de Pano

Na manhã seguinte, Mat prometeu ajudar Teslyn, se pudesse... e Joline, e essa Edesina que ele ainda não tinha visto! — Tylin anunciou que estava saindo da cidade.

“Suroth vai me mostrar quanto de Altara eu controlo agora, pombo,” ela disse. O canivete dela estava preso na cabeceira da cama esculpida, e eles ainda estavam deitados nos lençóis de linho amarrotados em meio a um emaranhado de roupas de cama, ele apenas com o lenço de seda que escondia a cicatriz pendurada no pescoço, e ela em sua pele. Era uma pele muito fina também, tão lisa como ele já havia tocado. Preguiçosamente, ela traçou suas outras cicatrizes com uma unha longa e pintada de verde. De um jeito ou de outro, ele havia adquirido algumas, embora não por falta de tentar evitá-las. Sua pele não renderia muito em leilão, isso era certo, mas as cicatrizes a fascinavam. “Não foi ideia dela, na verdade. Tuon acha que vai... me ajudar... se eu ver com meus próprios olhos em vez de apenas em um mapa, e o que aquela garota sugere, Suroth faz. Ela gostaria de vê-lo feito ontem, no entanto. Vamos de *to'raken*, para cobrir o terreno rapidamente. Tanto quanto duzentas milhas em um dia, parece. Ah, não pareça enjoado, porquinho. Eu não vou fazer você subir em uma dessas coisas.” Mat deu um suspiro de alívio. Não foi a perspectiva de voar que o aborreceu. Ele pensou que poderia realmente gostar disso. Mas se ele ficasse fora de Ebou Dar por algum tempo, só a Luz sabia se Teslyn ou Joline ou mesmo essa Edesina poderiam ficar impacientes o suficiente para fazer algo estúpido, ou que idiotice Beslan poderia fazer. Beslan o preocupava quase tanto quanto as mulheres. Tylin, excitada por seu vôo em uma das bestas Seanchan, parecia mais uma águia do que nunca.

“Eu estarei fora pouco mais de uma semana, querido. Hmmm.” Essa unha verde traçou o enrugamento de trinta centímetros que se inclinava sobre suas costelas. “Devo amarrar você na cama para saber que você estará seguro até eu voltar?”

Devolver seu sorriso perverso com seu sorriso mais vitorioso exigiu um pouco de esforço. Ele tinha quase certeza de que ela estava brincando, mas apenas um pouco. As roupas que ela escolheu hoje o deixaram todo em vermelho brilhante o suficiente para machucar os olhos; todo vermelho, exceto pelas flores trabalhadas no casaco e no manto, de qualquer maneira, e no chapéu preto e no cachecol. A renda branca em seu pescoço e pulsos só fazia o resto parecer mais vermelho. Ainda assim, ele entrou nelas, ansioso para sair de outros aposentos. Com Tylin, um homem era sábio para não ter muita certeza de nada. Ela podia não estar brincando também.

Tylin não havia exagerado na impaciência de Suroth, ao que parecia. Em pouco mais de duas horas, junto ao relógio cilíndrico cravejado de joias na sala de estar de Tylin, um presente de Suroth, ele estava acompanhando a rainha ao cais. Bem, Suroth e Tylin cavalgavam à frente dos cerca de vinte outros Sangue que deveriam acompanhá-las, e seus variados *so'jhin*, homens e mulheres que curvavam suas cabeças meio raspadas para o Sangue e olhavam de nariz empinado para todos os outros, enquanto ele andava atrás em Pips. A “beldade” de uma rainha altarana não podia andar com o Sangue, que incluía a própria Tylin agora, é claro. Não era como se ele fosse um servo hereditário ou qualquer coisa desse nível.

Os Sangue e a maioria dos *so'jhin* estavam montados em belos animais, éguas elegantes com pescoços arqueados e passos delicados, capões de peito largo com olhos ferozes e cernelha forte. Sua sorte parecia não ter efeito nas corridas de cavalos, mas ele teria apostado em Pips contra qualquer um deles. O castrado baio de nariz rombudo não era vistoso, mas Mat tinha certeza de que poderia ultrapassar quase todos aqueles lindos animais em uma corrida e todos eles a longo prazo. Depois de tanto tempo nos estábulos, Pips queria trotar se não pudesse correr, e foi preciso toda a habilidade de Mat — bem, toda a habilidade que de alguma forma veio com as memórias daqueles outros homens — para manter o animal na mão. Antes que estivessem a meio caminho das docas, porém, sua perna estava doendo até o quadril. Se ele fosse sair de Ebou Dar tão cedo, teria que ser por mar, ou com o show de Luca. Ele tinha uma boa noção de como

fazer o homem sair antes da primavera, se chegasse a isso. Uma ideia perigosa, talvez, mas ele não via muita escolha. A alternativa era ainda mais arriscada.

Ele não estava sozinho na retaguarda. Mais de cinquenta homens e mulheres, abençoadamente vestindo grossos mantos de lã branca sobre as roupas transparentes com que costumavam andar, marchavam atrás dele em duas fileiras, alguns conduzindo cavalos de carga com grandes cestos de vime cheios de iguarias. Os Sangue não poderiam ir sem seus servos; na verdade, eles pareciam pensar que estariam dormindo ao relento, com tão poucos. Os *da'covale* raramente levantavam os olhos das pedras do calçamento, e seus rostos eram mansos como leite. Ele tinha visto um *da'covale* ser punido uma vez, um homem de cabelos louros mais ou menos da sua idade, e o sujeito correu para trazer o instrumento de sua própria punição. Ele nem mesmo tentou atrasar ou se esconder, muito menos escapar das amarras. Mat não conseguia entender pessoas assim.

À frente dele cavalgavam seis *sul'dam*, suas saias curtas e divididas mostrando seus tornozelos. Tornozelos muito bonitos em uma ou duas, mas as mulheres sentavam em suas selas como se fossem do Sangue também. Os capuzes de suas capas com painéis de raios pendiam de suas costas, e elas deixavam que as rajadas frias levantassem as capas como se o frio não as tocassem, ou não ousassem. Duas conduziam *damane* andando ao lado de seus cavalos.

Mat estudou as mulheres disfarçadamente. Uma das *damane*, uma mulher baixa com olhos azuis claros, estava ligada por um *a'dam* prateado à *sul'dam* gorda e morena que ele tinha visto andando com Teslyn. A *damane* de cabelos escuros respondia pelo nome Deaa. A atemporalidade da Aes Sedai estava clara em seu rosto liso. Ele realmente não acreditou em Teslyn quando ela disse que a mulher tinha se tornado uma verdadeira *damane*, mas a *sul'dam* grisalha se inclinou na sela para dizer algo para a mulher que tinha sido Ryma Galfrey, e o que quer que fosse a *sul'dam* murmurou, Deaa riu e bateu palmas de alegria.

Mat estremeceu. Ela gritaria por socorro se ele tentasse tirar o *a'dam* de seu pescoço. Luz, o que ele estava pensando! Já era ruim o

suficiente ele ter que tirar o bacon de três Aes Sedai do fogo para elas — Que o queime, mas ele parecia se atrapalhar fazendo isso toda vez que se virava! — era ruim o suficiente, sem pensar em tentar tirar mais proveito de Ebou Dar. Ebou Dar era um grande porto marítimo, talvez com o maior porto do mundo conhecido, e as docas eram longos dedos de pedra cinzenta que se projetavam do cais que percorria toda a extensão da cidade. Quase todos os pontos de atracação eram ocupados por navios Seanchan de todos os tamanhos, as tripulações no cordame e aplaudindo vigorosamente quando Suroth passou, um trovão de vozes chamando seu nome. Os homens em outros navios acenaram com os braços e gritaram também, embora muitos parecessem confusos sobre para quem ou para que estavam torcendo. Sem dúvida, eles achavam que isso era esperado deles. Nesses navios, o vento que soprava pelo porto agitava as Abelhas Douradas de Illian, as Luas Crescentes de Tear e o Falcão Dourado de Mayene.

Aparentemente, Rand não havia ordenado que os mercadores de lá parassem de negociar com os portos Seanchan, ou então os mercadores estavam agindo pelas suas costas. Cores passaram pelo crânio de Mat, e ele balançou a cabeça para limpá-la. A maioria dos comerciantes negociaria com o assassino de sua mãe se isso trouxesse lucro. O cais mais ao sul havia sido esvaziado de navios, e oficiais Seanchan com plumas finas em seus capacetes laqueados esperavam para entregar Suroth e Tylin em um dos grandes barcos a remo que esperavam, oito homens nos longos remos de cada um. Depois que Tylin deu um último beijo em Mat, de qualquer maneira, quase arrancando seu cabelo para puxar sua cabeça para baixo, e depois que ela beliscou seu traseiro como se ninguém estivesse assistindo! Suroth franziu a testa com impaciência até que Tylin se acomodasse no longo barco e, na verdade, a mulher Seanchan não parou de se irritar mesmo assim, torcendo os dedos para Alwhin, sua *so'jhin*, então a mulher de rosto afiado estava continuamente correndo pelos bancos para buscar uma coisa ou outra. O resto dos Sangue receberam reverências profundas dos oficiais, mas tiveram que descer as escadas com a ajuda de seus *so'jhin*. As *sul'dam* ajudaram as *damane* a entrar nos barcos, e ninguém ajudou o povo de túnica branca

a carregar os cestos e a si mesmos. Logo, os barcos estavam cruzando o porto em direção a onde os *raken* e *to'raken* eram mantidos ao sul do Rahad, vasculhando a extensa frota ancorada de navios Seanchan e as dezenas de navios capturados do Povo do Mar que pontilhavam o porto. O maior número deles parecia ter sido reequipado com velas Seanchan com nervuras e linhas diferentes. Suas tripulações também eram Seanchan. Com exceção das Chamadoras de Vento, que ele tentou não pensar, e talvez algumas que foram vendidas, os sobreviventes Atha'an Miere estavam todos no Rahad com os outros *da'covale* limpando os canais assoreados. E não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso. Ele não devia nada a eles, ele tinha mais em seu prato do que já podia lidar, e não havia nada que pudesse fazer. Era só isso!

Ele queria ir embora imediatamente, deixar os navios do Povo do Mar para trás. Ninguém nas docas lhe dava a menor atenção. Os oficiais tinham ido embora assim que os barcos partiram. Alguém, ele não sabia quem, havia levado os cavalos de carga. Os marinheiros saíram do cordame e voltaram ao trabalho, e os membros da guilda dos carregadores começaram a empurrar seus carrinhos de mão baixos e pesados, empilhados com fardos, caixotes e barris. Mas se ele partisse cedo demais, Tylin poderia decidir que ele estava planejando continuar cavalgando para fora da cidade e mandar chamá-lo, então ele parou Pips no final do cais e acenou como um touro manso até que ela estivesse longe o suficiente para ela não podia vê-lo sem um espelho. Apesar da perna latejante, ele cavalgou lentamente de volta por quase toda a extensão do cais. Ele evitou olhar para o porto novamente. Mercadores vestidos com sobriedade observavam sua carga sendo carregada ou descarregada, às vezes entregando uma bolsa a um homem ou mulher com um colete de couro verde para obter um manuseio mais suave de suas mercadorias ou mais velocidade, não que parecesse possível que o povo da guilda pudesse se mover mais rápido. Os sulistas sempre pareciam se mover a meio trote, a menos que o sol estivesse bem acima, quando o calor aqui poderia assar um pato, e com um céu cinza e um vento cortante do mar, estaria frio, não importa onde o sol estivesse. Quando chegou ao Mol, ele havia

contado mais de vinte *sul'dam* patrulhando as docas com *damane*, metendo o nariz em barcos que partiam de navios ancorados que não eram Seanchan, embarcando em qualquer navio recém-chegado ao cais ou, diga-se de passagem, os prontos para atracar. Ele tinha certeza de que elas estariam lá. Teria que ser Valan Luca. A única alternativa era muito perigosa, exceto em caso de emergência. Luca também era arriscado, mas a única escolha real que restava.

De volta ao Palácio Tarasin, ele desceu de Pips com um estremecimento e puxou seu cajado de trás da cilha da sela. Deixando um cavaliário tomar o baio, ele mancou para dentro, sua perna esquerda mal conseguindo suportar seu peso. Talvez um banho quente aliviasse um pouco a dor. Talvez então ele pudesse pensar. Luca tinha que ser pego de surpresa, mas antes que chegasse a Luca, havia alguns outros pequenos problemas a serem superados.

"Ah, aí está você", disse Noal, aparecendo na frente dele. Mat só vislumbrara o velho desde que conseguira uma cama para ele, mas parecia bem descansado em seu casaco cinza recém-escovado, considerando que desaparecia na cidade todos os dias e só voltava ao palácio à noite. Ajustando os pedaços de renda em seus punhos, ele sorriu confiante, revelando as lacunas em seus dentes. "Você está planejando algo, Lorde Mat, e eu gostaria de oferecer meus serviços."

"Estou planejando tirar o peso da minha perna", disse Mat o mais casualmente que pôde. Noal parecia bastante inofensivo. De acordo com Harnan, ele contava histórias antes de dormir, histórias que Harnan e os outros Braços Vermelhos pareciam engolir inteiras, até mesmo aquela sobre um lugar chamado Shibouya, supostamente além do Deserto Aiel, onde mulheres que podiam canalizar tinham rostos tatuados, sobre trezentos crimes que acarretavam pena de morte, e que gigantes viviam sob as montanhas, homens mais altos que Ogier, com o rosto na barriga. Ele alegou ter estado lá. Ninguém que fizesse afirmações como essa poderia ser nada menos que inofensivo. Por outro lado, a única vez que Mat o viu manusear aquelas longas adagas que carregava sob o casaco, ele parecia longe de ser inofensivo. Havia um jeito que um homem tinha de tocar uma arma que dizia que estava

acostumado a usá-la. "Se eu decidir planejar qualquer outra coisa, vou mantê-lo em mente."

Ainda sorrindo, Noal bateu um daqueles dedos tortos contra o lado de seu nariz de bico. "Você ainda não confia em mim. Isso é compreensível. Embora, se eu quisesse te machucar, tudo que eu tinha que fazer era ficar para trás naquela noite no beco. Você tem o olhar em seus olhos. Já vi grandes homens fazendo planos e vilões sombrios como o Poço da Perdição também. Há um olhar que um homem recebe, traçando planos perigosos que ele não quer que sejam conhecidos."

"Meus olhos estão cansados," Mat riu, apoiando-se em seu cajado. Grandes homens fazendo planos? O velho provavelmente os tinha visto em Shibouya, com os gigantes. "Eu te agradeço por aquele beco, você sabe. Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer por você, peça. Mas agora, vou encontrar um banho quente."

"Aquele *gholam* bebe sangue?" Noal perguntou pegando o braço de Mat quando ele começou a mancar.

Luz, ele desejou não ter mencionado aquele nome onde o velho pudesse ouvir. Ele desejou que Birgitte nunca tivesse contado a ele sobre a coisa. "Por que você pergunta?" Gholam viviam de sangue. Eles não comiam mais nada.

"Houve outro homem encontrado com a garganta arrancada, ontem à noite, só que quase não havia sangue nele ou em sua roupa de cama. Eu mencionei? Ele estava em uma estalagem perto do Portão Moldine. Se aquela coisa saiu da cidade, está de volta." Olhando além de Mat, ele fez uma reverência baixa e elaborada para alguém. "Se você mudar de ideia, estou sempre pronto," ele disse em voz baixa quando se endireitou. Mat olhou por cima do ombro enquanto o velho corria. Tuon estava de pé sob uma das lâmpadas douradas, observando-o através do véu. Olhando para ele, pelo menos. Olhando? Como sempre, no momento em que ele a viu, ela se virou e deslizou pelo salão, suas saias brancas plissadas farfalhando levemente. Não havia ninguém com ela hoje.

Pela segunda vez naquele dia, Mat estremeceu. Uma pena que a garota não tivesse ido com Suroth e Tylin. Um homem que recebe um

pão não deveria reclamar que algumas migalhas estavam faltando, mas Aes Sedai e Seanchan, *gholam* o perseguindo e velhos metendo o nariz e garotas magras olhando para ele era o suficiente para dar a qualquer homem os arrepios. Talvez ele devesse esquecer de perder tempo molhando a perna. Sentiu-se melhor depois de mandar Lopin buscar o resto de suas roupas no armário de brinquedos de Beslan. E Nerim para encontrar Juilin. Sua perna ainda doía como fogo e cambaleava quando queria andar, mas se não ia perder tempo, era melhor se mexer. Ele queria ir embora de Ebou Dar antes que Tylin voltasse, e isso lhe dava dez dias. Menos, para estar mais seguro.

Quando o apanhador de ladrões enfiou a cabeça na porta do quarto, Mat estava estudando a si mesmo no alto espelho de Tylin. As roupas... vermelhas... estavam guardadas no guarda-roupa com o resto dos enfeites que ela lhe dera. Talvez a próxima beldade de Tylin pudesse usá-las. O casaco que vestira era o mais simples que possuía, uma fina lã azul sem um fio de bordado. O tipo de casaco que um homem poderia se orgulhar de usar, sem que todos o encarassem. Um casaco decente.

"Talvez um pouco de renda", ele murmurou, tocando a gola de sua camisa. "Só um pouco." Era realmente um casaco muito simples, pensando bem. Quase sóbrio. "Eu não sei nada sobre rendas", disse Juilin. "É por isso que você me queria?"

"Não, claro que não. Do que você está rindo?" O sujeito não estava apenas sorrindo; seu sorriso quase dividia seu rosto escuro em dois.

"Estou feliz, só isso. Suroth se foi, e estou feliz. Se você não quer me perguntar sobre renda, o que você quer?"

Sangue e malditas cinzas! A mulher pela qual ele estava interessado devia ser uma das *da'covale* de Suroth! Uma que ela havia deixado para trás. Ele certamente não tinha outro motivo para se importar se ela se foi, muito menos ficar feliz com isso. E o homem queria tomar uma propriedade dela! Bem, talvez não fosse tanto, comparado a tomar um par de *damane*.

Mancando para colocar um braço em volta dos ombros de Juilin, Mat o acompanhou até a sala de estar. "Eu preciso de um vestido de *damane* para caber em uma mulher alta assim", ele levantou a mão

sobre o ombro, "e esbelta." Ele deu ao sujeito seu sorriso mais sincero, mas o sorriso de Juilin desapareceu acentuadamente. "Eu preciso de três vestidos de *sul'dam* também, e um *a'dam*. E me ocorreu que o homem que melhor sabe como roubar algo sem ser pego seria um caçador de ladrões."

"Eu sou um caçador de ladrões," o homem rosnou, sacudindo o braço de Mat, "não um ladrão!" Mat deixou seu próprio sorriso desaparecer. "Juilin, você sabe que a única maneira de tirar essas irmãs da cidade é se os guardas acharem que ainda são *damane*. Teslyn e Edesina estão vestindo o que precisam, mas temos que disfarçar Joline. Suroth estará de volta em dez dias, Juilin. Se não formos até lá, muito provavelmente sua beldade ainda será propriedade dela quando formos." Ele não podia deixar de sentir que, se eles não tivessem ido até então, nenhum deles iria. Luz, um homem poderia tremer até a morte dentro de casa nesta cidade.

Enfiando os punhos nos bolsos de seu casaco taireno escuro, Juilin olhou para ele. Olhou através dele, realmente, para algo que o apanhador de ladrões não gostou. Finalmente, ele fez uma careta e murmurou: "Não vai ser fácil." Os dias que se seguiram não foram nada fáceis. As criadas cacarejaram e riram de suas roupas novas. Suas roupas velhas, quer dizer. Elas sorriram e fizeram apostas onde ele poderia ouvir sobre o quão rápido ele poderia mudar de volta quando Tylin voltasse — a maioria parecia pensar que ele iria correr pelos salões arrancando o que ele estava vestindo assim que soubesse que ela estava a caminho — mas ele não se importou. Exceto pela parte sobre o retorno de Tylin. A primeira vez que uma criada mencionou isso, ele quase pulou para fora de sua pele pensando que ela realmente tinha voltado por algum motivo.

Várias mulheres e quase todos os homens entenderam que sua muda de roupa significava que ele estava indo embora. Fugindo, eles disseram com desaprovação e fizeram o que puderam para impedi-lo. Aos olhos deles, ele era a pomada para aliviar o dente dolorido de Tylin, e eles não queriam que ela voltasse e os mordesse por perdê-lo. Se ele não tivesse se assegurado de que Lopin ou Nerim estivessem sempre nos aposentos de Tylin guardando seus pertences, as roupas

teriam sumido novamente, e apenas Vanin e os Braços Vermelhos impediram Pips de desaparecer dos estábulos. Mat tentou encorajar a crença. Quando ele fosse e duas *damane* desaparecessem ao mesmo tempo, os eventos certamente estariam ligados, mas com Tylin fora e sua intenção de fugir antes que ela voltasse, ela estaria a salvo da culpa. Todos os dias, mesmo quando chovia, ele montava Pips em círculos no estábulo, por mais tempo todos os dias, como se tentasse aumentar sua resistência. O que realmente era verdade, ele percebeu depois de um tempo. A perna e o quadril ainda doíam como uma fúria, mas ele começou a pensar que conseguiria andar dezesseis quilômetros antes de precisar descer. Doze quilômetros, de qualquer maneira.

Muitas vezes, se o céu estivesse claro, *sul'dam* estavam passeando com *damane* quando se exercitava. As mulheres Seanchan sabiam que ele não era propriedade de Tylin, mas por outro lado, ele ouviu algumas o chamarem de brinquedo dela! Brinquedo de Tylin, elas disseram, como se esse fosse o nome dele! Ele não era importante o suficiente para elas saberem se ele tivesse outro. Para elas, alguém era *da'covale* ou não, e esse meio-termo as divertia muito. Ele cavalgou ao som de *sul'dam* rindo e tentou dizer a si mesmo que era tudo para o bem. Quanto mais pessoas pudessem dizer que ele trabalhou para fugir antes que Tylin voltasse, melhor para ela. Simplesmente não era muito agradável para ele. De vez em quando, via rostos de Aes Sedai entre as *damane* caminhando, três além de Teslyn, mas não fazia ideia de como era Edesina. Ela poderia ter sido a mulher baixinha e pálida que o lembrava Moiraine, ou a alta com cabelos dourados prateados, ou a mulher esbelta de cabelos negros. caminhando ao lado de uma *sul'dam*, qualquer uma delas poderia estar dando um passeio por conta própria, se não fosse a coleira brilhante em volta do pescoço e a coleira que a amarrava ao pulso da *sul'dam*. A própria Teslyn parecia cada vez mais sombria cada vez que ele a via, olhando fixamente para a frente. Cada vez parecia haver mais determinação em seu rosto. E algo que poderia ter sido pânico também. Ele começou a se preocupar com ela e sua impaciência.

Ele queria tranquilizar Teslyn — ele não precisava daquelas velhas lembranças para lhe dizer que a determinação combinada com o pânico poderia matar as pessoas, mas elas confirmavam — ele queria tranquilizá-la, só que ele não ousava chegar perto dos canis no sótão novamente. Tuon continuou lá quando ele se virou, olhando para ele ou olhando ou o que quer que ela estivesse fazendo, muitas vezes para o conforto. Não o suficiente para fazê-lo pensar que ela o estava seguindo. Por que ela faria isso? Com muita frequência. Ocasionalmente sua *so'jhin* Selucia estava com ela, e de vez em quando Anath, embora a estranha mulher alta parecesse desaparecer do Palácio depois de um tempo, pelo menos dos corredores. Ela estava “em retirada”, ele ouviu, o que quer que isso significasse, e ele só desejava que ela tivesse levado Tuon com ela. Duvidava que a garota acreditasse que ele estava levando doces para uma Chamadora de Vento pela segunda vez. Talvez ela ainda quisesse comprá-lo? Se fosse esse o caso, ele ainda não conseguia entender o porquê. Ele nunca foi capaz de entender o que atraía as mulheres para um homem — elas pareciam ficar de olho nos caras mais comuns —, mas ele sabia que não era nenhuma beleza, não importava o que Tylin dissesse. As mulheres mentiam para levar um homem para a cama, e mentiam mais quando o tinham lá.

De qualquer forma, Tuon era uma irritação menor. Uma mosca na orelha. Não mais do que isso. Era preciso mais do que o tagarelar de mulheres ou garotas encarando para fazê-lo suar. Ausente como estava, no entanto, Tylin irritava. Se ela voltasse e o pegasse se preparando para sair, ela poderia mudar de ideia sobre a venda. Ela era uma Alta Dama agora, afinal de contas, e ele tinha certeza de que ela iria raspar o cabelo em uma crista em pouco tempo. Uma verdadeira Seanchan de Sangue Alto, e quem sabia o que ela faria então? Tylin causava um pouco de suor, mas havia mais do que suficiente para encharcar um homem com ele. Ele continuou a ouvir de Noal sobre os assassinatos do *gholam* e, às vezes, ouvia de Thom. Havia um novo todas as noites, embora ninguém, exceto aqueles dois e ele, parecessem conectar os assassinatos. Mat se mantinha em lugares abertos o máximo que podia, com pessoas por perto sempre que

possível. Ele parou de dormir na cama de Tylin e nunca passou duas noites no mesmo lugar. Se isso significava uma noite em um estábulo, bem, ele já havia dormido em palheiros antes, embora não se lembrasse de feno grudando em suas roupas com tanta força. Ainda assim, é melhor ficar preso pelo feno do que ter sua garganta arrancada.

Ele procurou Thom imediatamente depois que decidiu tentar libertar Teslyn, e o encontrou na cozinha conversando com os cozinheiros sobre um frango com mel. Thom se dava tão bem com cozinheiros quanto com fazendeiros, mercadores e nobres. Ele tinha um jeito de se dar bem com todo mundo, Thom Merrill dava um jeito de ouvir as fofocas de todos e encaixá-las para formar um panorama. Ele podia olhar para as coisas de um ângulo e ver o que os outros perdiam. Assim que terminou de comer o frango, Thom descobriu a única maneira de fazer as Aes Sedai passarem pelos guardas. A coisa toda quase parecia fácil então. Por muito pouco tempo. Mas surgiram outros obstáculos.

Juilin possuía o mesmo jeito tortuoso de ver as coisas, talvez de seus anos como apanhador de ladrões, e algumas noites Mat se encontrava com ele e Thom no pequeno quarto que os dois homens dividiam nos aposentos dos empregados para tentar planejar como superar esses obstáculos. Isso foi o que realmente fez Mat suar. Na primeira dessas reuniões, na noite em que Tylin partiu, Beslan invadiu à procura de Thom, disse ele. Infelizmente, ele havia escutado na porta primeiro, ouvindo o suficiente para não ser empurrado com uma história. Infelizmente, ele queria participar. Ele até lhes disse exatamente como fazer aquilo. "Uma revolta", disse ele, agachado no banco de três pernas entre as duas camas estreitas. Um lavatório com uma jarra e uma tigela branca lascada e nenhum espelho acabavam por encher a sala. Juilin estava sentado na beirada de uma cama em mangas de camisa, o rosto ilegível, e Thom estava esticado na outra examinando os nós dos dedos com uma carranca. Isso deixou Mat encostado na porta para impedir que mais alguém entrasse. Ele não sabia se ria ou chorava. Claramente Thom sabia dessa loucura o tempo todo; era isso que ele estava tentando esfriar. "As pessoas vão se

levantar quando eu der a palavra", continuou Beslan. "Meus amigos e eu conversamos com homens por toda a cidade. Eles estão prontos para lutar!"

Suspirando, Mat aliviou seu peso mais em sua perna boa. Ele suspeitava que quando Beslan desse a palavra, ele e seus amigos se levantariam sozinhos. A maioria das pessoas estava mais disposta a falar sobre lutar do que a fazê-lo, especialmente contra soldados. "Beslan, nos contos de trovador, noivos com forcados e padeiros com paralelepípedos derrotam exércitos porque querem ser livres." Thom bufou com tanta força que seu longo bigode branco se mexeu. Mat o ignorou. "Na vida real, os noivos e os padeiros são mortos. Conheço bons soldados quando os vejo, e os Seanchan são muito bons."

"Se libertarmos as *damane* junto com as Aes Sedai, elas lutarão ao nosso lado!", Beslan insistiu.

"Deve haver duzentas ou mais *damane* no sótão, Beslan, a maioria Seanchan. Liberte-as e, pense que não, mas todos correrão para encontrar uma *sul'dam*. Luz, não poderíamos nem confiar em todas as mulheres que não são Seanchan!" Mat ergueu a mão para evitar o protesto de Beslan. "Não temos como descobrir em quem podemos confiar, nem tempo para isso. E se descobríssemos, teríamos que matar o resto. Não estou disposto a matar uma mulher cujo único crime é que ela está na coleira. Você está?" Beslan desviou o olhar, mas sua mandíbula estava firme. Ele não estava desistindo. "Quer libertemos qualquer *damane* ou não", continuou Mat, "se o povo se rebelar, os Seanchan transformarão Ebou Dar em um matadouro. Eles reprimiram as rebeliões com força, Beslan. Muito difícil! Poderíamos matar cada *damane* no sótão, e eles trariam mais dos campos. Sua mãe voltará para encontrar escombros dentro das paredes e sua cabeça espetada fora delas. Onde a dela logo se juntará à sua. Você não acha que eles vão acreditar que ela não sabia o que seu próprio filho estava planejando, acha?" Luz, ela sabia? A mulher era corajosa o suficiente para tentar. Ele não achava que ela fosse estúpida o suficiente, mas...

"Ela diz que somos ratos", disse Beslan amargamente. "Quando os cães de caça passam, os ratos ficam quietos ou são comidos", ele citou. "Eu não gosto de ser um rato, Mat." Mat respirou um pouco mais

facilmente. “Melhor um rato vivo do que um morto, Beslan.” O que pode não ter sido o modo mais diplomático de dizer isso — Beslan fez uma careta para ele —, mas era verdade.

Ele encorajou Beslan a participar das reuniões, mesmo que apenas para mantê-lo sob controle, mas Beslan raramente vinha, e coube a Thom tentar esfriar o ardor do homem quando e como pudesse. O máximo que conseguiu convencer Beslan a prometer foi que não poderia convocar o levante até que o resto deles tivesse saído há um mês, para deixá-los escapar. Isso era algo resolvido, se não satisfatoriamente. Todo o resto parecia dar dois passos e bater em um muro de pedra. Ou um fio de armadilha. A amada de Juilin o dominava bastante. Por ela, ele parecia não se importar em trocar suas roupas tairenas por uma libré verde e branca de criado, ou perder o sono para passar duas noites varrendo o chão não muito longe da escada que levava aos canis. Ninguém olhava duas vezes para um servo empurrando uma vassoura, nem mesmo os outros servos. O Palácio Tarasin tinha tantos que nem todos se conheciam, e se vissem um homem de libré com uma vassoura, presumiam que ele deveria estar usando-a. Juilin passou dois dias inteiros varrendo também, e finalmente relatou que as *sul'dam* inspecionavam os canis logo de manhã e logo depois de escurecer, e poderiam estar dentro ou fora a qualquer hora do dia, mas à noite as *damane* eram deixadas para elas mesmas.

"Eu ouvi uma *sul'dam* dizer que ela estava feliz por não estar nos campos onde..." Deitado estendido em seu colchão fino, Juilin parou para bocejar copiosamente atrás de sua mão. Thom estava sentado na beira da cama, o que deixou o banco para Mat. Era melhor do que ficar de pé, mas não muito. A maioria das pessoas estaria dormindo àquela hora. "Onde ela teria que ficar de guarda algumas noites", continuou o apanhador de ladrões quando conseguiu falar novamente. "Disse que ela gostava de poder deixar as *damane* dormirem a noite toda também, porque assim elas estavam todas descansadas ao nascer do sol."

"Então devemos nos mover à noite," Thom murmurou, acariciando seu longo bigode branco. Não havia necessidade de acrescentar que qualquer coisa que se movesse à noite chamava a atenção. Seanchan

patrulhavam as ruas à noite, o que a Guarda Civil nunca fez. A Guarda também era receptiva a subornos, até que os Seanchan os dissolveram. Agora, à noite era provável que fossem os Guardas da Vigília da Morte na rua, e quem tentasse suborná-los poderia não viver para ser julgado.

"Você já encontrou um *a'dam*, Juilin?" perguntou Mat. "Ou os vestidos? Vestidos não podem ser tão difíceis quanto um *a'dam*."

Juilin bocejou em sua mão novamente. "Eu vou pegá-los quando eu pegá-los. Eles não deixam qualquer um perambulando, você sabe."

Thom descobriu que simplesmente andar com *damane* pelos portões não era possível. Ou melhor, como ele admitiu abertamente, Riselle descobriu. Parecia que um dos oficiais de alto escalão hospedados n'A Mulher Errante tinha uma voz cantante que ela achava mais divertida.

"Um dos Sangue pode eliminar *damane* sem levantar perguntas", disse Thom em sua próxima reunião. Desta vez, ele e Juilin estavam ambos sentados em suas camas. Mat estava começando a odiar aquele banco. "Ou poucas o suficiente, de qualquer maneira. *Sul'dam*, no entanto, precisam de uma ordem assinada e selada por um dos Sangue, um oficial que seja capitão ou superior, ou uma *der'sul'dam*. Os guardas nos portões e nas docas têm listas de todos os selos da cidade que se qualificam, então não posso simplesmente fazer qualquer tipo de selo e pensar que será aceito. Preciso de uma cópia do tipo certo de pedido com o tipo certo de selo. Isso deixa a questão de quem serão nossas três *sul'dam*."

"Talvez Riselle seja uma," Mat sugeriu. Ela não sabia o que eles estavam fazendo, e contar a ela seria um risco. Thom havia feito todo tipo de pergunta, como se estivesse tentando aprender sobre a vida dos Seanchan, e ela ficou feliz o suficiente em perguntar a sua amiga Seanchan, mas ela podia não estar feliz o suficiente para arriscar ter sua linda cabeça em uma lança. Ela poderia fazer pior do que dizer não. "E quanto a sua amada, Juilin?" Ele pensou no terceiro tópico. Ele havia pedido a Juilin que encontrasse um vestido *sul'dam* que servisse em Setalle Anan, embora ainda não houvesse chance de colocá-lo para ela. Ele só voltara n'A Mulher Errante uma vez desde que Joline

entrara na cozinha, para ter certeza de que ela entendia que ele estava fazendo tudo o que podia. Ela não entendia, mas a Sra. Anan realmente conseguiu sufocar a raiva da Aes Sedai antes que ela pudesse começar a gritar. Ela seria a *sul'dam* perfeita para Joline. Juilin encolheu os ombros desconfortavelmente. “Eu tive bastante dificuldade em convencer Thera a fugir comigo. Ela é... tímida, agora. Eu posso ajudá-la a superar isso, com o tempo — eu sei que posso —, mas não acho que ela esteja disposta a fingir ser uma *sul'dam*.”

Thom puxou os bigodes. “É improvável que Riselle saia em qualquer circunstância. Parece que ela gosta tanto do canto do General de Estandarte Lord Yamada que decidiu se casar com ele. Ele suspirou com pesar. “Não haverá mais informações desse poço, eu temo.” E chegava de apoiar a cabeça no peito dela, dizia sua expressão. “Bem, vocês dois pensam em quem podemos pedir. E vejam se vocês podem colocar as mãos em uma cópia dessas ordens.”

Thom conseguiu encontrar as tintas e o papel adequados e estava pronto para imitar a letra e o selo de qualquer pessoa. Ele desprezava os selos; qualquer um com um nabo e uma faca poderia copiá-los, disse ele. Escrever com a letra de outro homem para que o próprio homem pensasse que havia escrito era uma arte. Mas nenhum deles conseguiu encontrar uma cópia dos pedidos com o selo necessário para copiar. Como os *a'dam*, os Seanchan não deixavam ordens espalhadas. Juilin parecia não fazer nenhum progresso com o *a'dam* também. Dois passos à frente e um muro de pedra. E seis dias se foram, simples assim. Quatro sobravam. Para Mat, parecia que seis anos haviam se passado desde a partida de Tylin e restavam quatro horas até que ela voltasse. No sétimo dia, Thom parou Mat no corredor assim que voltou de sua cavalgada. Sorrindo como se estivesse em conversa fiada, o outrora trovador baixou a voz. Os criados que passavam apressados não podiam ter ouvido mais do que um murmúrio. “De acordo com Noal, o *gholam* matou novamente ontem à noite. Os Buscadores receberam ordens para encontrar o assassino se tiverem que parar de comer ou dormir para fazê-lo, embora não consiga descobrir quem deu a ordem. Até o fato de terem recebido ordens para

fazer qualquer coisa parece ser um segredo. No entanto, eles estão praticamente preparando o *rack* e aquecendo seus ferros.”

Não importava se a voz de Thom estava baixa, Mat olhou em volta para ver se alguém estava ouvindo. A única pessoa à vista era um homem robusto de cabelos grisalhos chamado Narvin, de libré, mas sem pressa nem carregando nada. Servos tão altos quanto Narvin não carregavam nem se apressavam. Ele piscou ao ver Mat tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo e franziu a testa. Mat queria rosnar, mas em vez disso ele sorriu tão desarmante quanto ele sabia, e Narvin saiu carrancudo. Mat tinha certeza de que o sujeito fora o responsável pela primeira tentativa de tirar Pips do estábulo.

“Noal te contou sobre os Buscadores?” ele sussurrou incrédulo assim que Narvin estava longe o suficiente.

Thom acenou com a mão magra com desdém. “Claro que não. Apenas sobre o assassinato. Embora ele pareça ouvir sussurros e saber o que eles significam. Um talento raro, esse. Eu me pergunto se ele realmente esteve em Shara,” ele meditou. “Ele disse que...” Thom pigarreou sob o olhar de Mat. “Bem, mais tarde falamos disso. Eu tenho outros recursos além da tão lamentada Riselle. Vários deles são Ouvintes. Os Ouvintes realmente parecem ouvir tudo.”

“Você tem falado com os Ouvintes?” A voz de Mat chiou como uma dobradiça enferrujada. Ele pensou que sua garganta poderia ter enferrujado!

“Não há nada de mau isso, contanto que eles não saibam que você sabe”, Thom riu. “Mat, com os Seanchan você tem que assumir que todos são Ouvintes. Dessa forma, você descobre o que quer saber sem dizer a coisa errada no ouvido errado.” Ele tossiu e torceu o bigode, não escondendo um sorriso tão autodepreciativo, mas convidando elogios. “Acontece que eu conheço dois ou três que realmente são. Em qualquer caso, mais informação nunca é demais. Você quer ir embora antes que Tylin retorne, não é? Você parece um pouco... desamparado... com ela longe.

Mat só podia gemer.

Naquela noite, o *gholam* atacou novamente. Lopin e Nerim estavam borbulhando com a notícia antes que Mat terminasse o peixe do café

da manhã. A cidade inteira estava em alvoroço, eles alegaram. A última vítima, uma mulher, havia sido descoberta na boca de um beco e, de repente, as pessoas estavam conversando, juntando um assassinato com outro. Havia um louco à solta, e as pessoas exigiam mais patrulhas de Seanchan nas ruas à noite. Mat empurrou seu prato para longe, toda a fome se foi. Mais patrulhas. E se isso não fosse ruim o suficiente, Suroth poderia voltar mais cedo se soubesse disso, trazendo Tylin com ela. Na melhor das hipóteses, ele só podia contar com mais dois dias. Ele pensou que poderia perder o que já havia comido.

Ele passou o resto da manhã andando — bem, mancando — para cima e para baixo no tapete do quarto de Tylin, ignorando a dor em sua perna enquanto tentava pensar em algo, qualquer coisa, que o permitisse realizar o impossível em dois dias. A dor realmente era menor. Ele havia desistido da bengala, esforçando-se para recuperar as forças. Ele pensou que poderia andar duas ou três milhas a pé sem precisar descansar a perna. Sem descansar muito, de qualquer maneira. Ao meio-dia, Juilin trouxe-lhe a única notícia realmente boa que ouvira em uma Era. Não era exatamente uma notícia. Era um saco de pano contendo dois vestidos enrolados no comprimento prateado de um *a'dam*.

Capítulo 29

Outro Plano

O porão d'A Mulher Errante era grande, mas parecia tão apertado quanto o quarto que Thom e Juilin dividiam, embora comportasse apenas cinco pessoas. A lamparina a óleo colocada em um barril virado projetava sombras bruxuleantes. Mais longe, o porão era todo sombra. O corredor entre as prateleiras e as paredes de pedra áspera era pouco mais largo do que um barril era alto, mas não era isso que o fazia parecer lotado.

“Eu pedi sua ajuda, não um laço no meu pescoço,” Joline disse friamente. Depois de quase uma semana sob os cuidados da sra. Anan, comendo a comida de Enid, a Aes Sedai não parecia mais abatida. O vestido puído que Mat tinha visto pela primeira vez tinha sumido, substituído por uma fina lã azul de gola alta com um toque de renda nos pulsos e sob o queixo. Na luz trêmula, com o rosto meio sombreado, ela parecia furiosa, os olhos tentando perfurar o rosto de Mat. “Se alguma coisa desse errado — qualquer coisa! — Eu ficaria indefesa!”

Ele não estava engolindo nada disso. Ofereça-se para ajudar com a bondade do seu coração — bem, mais ou menos — e veja o que isso lhe dá. Ele praticamente sacudiu o *a'dam* debaixo do nariz dela. Ele se mexeu em sua mão como uma longa cobra prateada, brilhando à luz fraca do abajur, o colar e o bracelete raspando no chão de pedra, e Joline juntou suas saias escuras e deu um passo para trás para evitar ser tocada. Podia ter sido uma víbora pelo jeito que sua boca se torceu. Ele se perguntou se caberia nela; a gola parecia maior do que seu pescoço fino. “A senhora Anan vai tirá-lo assim que você sair dos muros,” ele rosnou. “Você confia nela, não é? Ela arriscou a cabeça para escondê-lo aqui. Estou lhe dizendo, é a única maneira!” Joline levantou o queixo teimosamente. A Senhora Anan murmurou furiosamente baixinho.

“Ela não quer usar essa coisa”, disse Fen em uma voz monótona atrás de Mat. “Se ela não quer usar, então ela não usa”, disse Blaeric em um tom ainda mais lisonjeiro, ao lado de Fen.

Os Guardiões de cabelos escuros de Joline eram como ervilhas em uma vagem para homens tão diferentes. Fen, com seus olhos escuros e inclinados e um queixo que poderia quebrar pedra, era um pouco mais baixo que Blaeric, e talvez um pouco mais pesado no peito e nos ombros, mas eles poderiam usar as roupas um do outro sem muita dificuldade. Onde os cabelos pretos e lisos de Fen caíam quase até os ombros, o cabelo muito curto de Blaeric de olhos azuis era um pouco mais claro. Blaeric era shienarano, e ele havia raspado seu topete e estava deixando seu cabelo crescer para evitar ser notado, mas ele não gostava disso. Fen, um saldaeano, parecia não gostar de muita coisa, exceto de Joline. Ambos gostavam muito de Joline. Os dois falavam da mesma forma, pensavam da mesma forma, moviam-se da mesma forma. Eles usavam camisas sujas e coletes de lã simples de operários que pendiam abaixo de seus quadris, mas qualquer um que os tomasse por trabalhadores, mesmo com essa luz fraca, era cego. De dia, nos estábulos onde a Sra. Anan os fazia trabalhar... Luz! Eles estavam olhando para Mat como leões olhariam para uma cabra que havia arreganhado os dentes para eles. Ele se moveu para não ter que ver os Guardiões nem pelo canto do olho. As facas escondidas sobre ele em vários lugares eram um pequeno consolo, com eles nas costas.

“Se você não vai ouvi-lo, Joline Maza, você vai me ouvir.” Colocando as mãos nos quadris, Setalle circulou em volta da esbelta Aes Sedai, seus olhos castanhos brilhando. “Quero vê-la de volta à Torre Branca se tiver que andar cada passo do caminho empurrando você! Talvez ao longo do caminho você me mostre que sabe o que significa ser Aes Sedai. Eu me contentaria com um vislumbre de uma mulher adulta. Até agora, só vi uma noviça rabugenta na cama e fazendo birras!” Joline olhou para ela, aqueles grandes olhos castanhos tão arregalados, como se ela não pudesse acreditar em seus ouvidos. Mat também não tinha certeza se acreditava nos seus. Estalajadeiras não pulavam na goela de Aes Sedai. Fen grunhiu, e Blaeric murmurou algo que soou pouco elogioso.

“Não há necessidade de você ir além da visão dos guardas nos portões,” Mat disse a Setalle apressadamente, esperando desviar qualquer explosão que Joline pudesse estar considerando. “Mantenha o capuz de sua capa puxado para cima...” Luz, ele tinha que comprar uma daquelas capas extravagantes para ela! Bem, se Juilin podia roubar um *a'dam*, ele poderia roubar uma maldita capa também. “...e os guardas vão ver outra *sul'dam*. Você pode estar de volta aqui antes do amanhecer, e ninguém fica sabendo. A menos que você insista em usar sua faca de casamento.” Ele riu de sua própria piada, mas ela não. “Você acha que eu poderia permanecer em qualquer lugar onde as mulheres são transformadas em animais porque elas podem canalizar?” ela exigiu, andando pelo chão até ficar de pé com ele. “Você acha que eu deixaria minha família ficar?” Se os olhos dela olharam para Joline, eles brilharam para ele. Francamente, ele nunca havia considerado a questão. Certamente ele gostaria de ver as *damane* libertadas, mas por que isso importaria tanto para ela? Claramente importava, porém; sua mão deslizou pelo cabo da longa adaga curvada presa atrás do cinto, acariciando-a. Eboudarianos não gostavam de insultos, e ela era puramente eboudariana nesse sentido. “Comecei a negociar a venda d’A Mulher Errante dois dias depois da chegada dos Seanchan, quando pude o que são. Eu deveria ter entregado tudo para Lydel Elonid dias atrás, mas estou adiando porque Lydel não esperaria encontrar uma Aes Sedai no porão. Quando você estiver pronto para ir, posso entregar as chaves e ir com você. Lydel está ficando impaciente”, acrescentou ela significativamente por cima do ombro para Joline.

E o ouro dele? ele queria perguntar indignado. Lydel o deixaria tirar isso, uma sorte inesperada sob o chão da cozinha? Ainda assim, foi outra coisa que o fez engasgar.

De repente, ele podia se ver sobrecarregado com toda a família da senhora Anan, incluindo os filhos e filhas casados, esses com seus filhos, e talvez algumas tias, tios e primos também. Dezenas deles. Centenas, talvez. Ela podia ser de fora, mas seu marido tinha relações por toda a cidade. Blaeric deu um tapa nas costas dele com tanta força que ele cambaleou.

Mostrou os dentes ao sujeito e torceu para que os shienaranos o aceitassem como um sorriso de agradecimento. A expressão de Blaeric nunca se alterou. Malditos Guardiões! Maldita Aes Sedai! Malditas, malditas estalajadeiras!

"Senhora Anan", disse ele com cuidado, "da maneira que pretendo fugir de Ebou Dar, só há espaço para alguns." Ele ainda não havia contado a ela sobre o show de Luca. Havia uma chance de que ele não conseguisse convencer o homem, afinal. E quanto mais pessoas ele tivesse que convencer Luca a levar, mais difícil seria. "Volte aqui quando estivermos fora da cidade. Se você tiver que sair, vá em um dos barcos de pesca do seu marido. Eu sugiro que você espere alguns dias, no entanto. Talvez uma semana mais ou menos. Uma vez que os Seanchan descobrirem que duas *damane* estão desaparecidas, eles ficarão em cima de qualquer pessoa tentando sair."

"Dois?" Joline interveio bruscamente. "Teslyn e quem?"

Mat estremeceu. Ele não tinha a intenção de deixar isso escapar. Ele tinha Joline atrelada, e petulante, voluntariosa e mimada foram as palavras que mais prontamente vieram à mente. Qualquer coisa que a fizesse pensar que isso seria mais difícil, mais provável de falhar, poderia ser o suficiente para fazê-la decidir tentar algum esquema maluco. Algo que sem dúvida arruinaria seus próprios planos. Ela seria capturada com certeza se tentasse fugir sozinha, e ela lutaria. E assim que os Seanchan soubessem que havia uma Aes Sedai na cidade, bem debaixo de seus narizes, eles intensificariam as buscas por *marath'damane* novamente, aumentariam as patrulhas de rua mais do que já tinham aumentado para o "assassino louco", e o pior de tudo, eles podem tornar ainda mais difícil passar pelos portões.

"Edesina Azzedin," ele disse com relutância. "Não sei mais nada sobre ela."

"Edesina," Joline disse lentamente. Uma pequena carranca vincou sua testa lisa. "Ouvi dizer que ela tinha..." O que quer que ela tenha ouvido, ela fechou os dentes e fixou nele um olhar feroz. "Eles estão prendendo outras irmãs? Se Teslyn estiver se libertando, não deixarei nenhuma outra irmã para eles!"

Foi preciso um esforço da parte de Mat para não ficar boquiaberto. Petulante e mimada? Ele estava olhando para uma leoa para combinar com Blaeric e Fen. “Acredite em mim, eu não vou deixar uma Aes Sedai nos canis a menos que ela queira ficar,” ele disse, fazendo sua voz tão irônica quanto podia. A mulher ainda era voluntariosa. Ela podia insistir em tentar resgatar as outras duas como Deaa. Luz, ele nunca deveria ter se envolvido com Aes Sedai, e ele não precisava de nenhuma memória antiga para avisá-lo! A dele servia muito bem, obrigado.

Fen cutucou-o na parte de trás do ombro esquerdo com um dedo duro. “Não seja tão ingênuo”, disse o Guardião em advertência.

Blaeric cutucou-o na parte de trás do outro ombro. “Lembre-se com quem você está falando!”

Joline cheirou seu tom, mas ela não investigou mais. Mat sentiu um nó se soltar na nuca, onde o machado de um carrasco atingiria. Aes Sedai distorciam palavras com outras pessoas; elas não esperavam que os outros usassem seus próprios truques nelas.

Ele se virou para Setalle. “Senhora Anan, você pode ver que os barcos do seu marido são muito melhores...”

“Pode ser assim,” ela interrompeu, “exceto que Jasfer navegou com todos os dez de seus barcos e todos os nossos parentes três dias atrás. Espero que as guildas queiram falar com ele se ele voltar. Ele não deve transportar passageiros. Eles estão indo para Illian, onde vão esperar por mim. Eu realmente não pretendo ir tão longe quanto Tar Valon, você entende.”

Desta vez, Mat não conseguiu evitar um estremecimento. Ele pretendia recorrer aos barcos de pesca de Jasfer Anan se não conseguisse persuadir Luca. Uma opção perigosa, é verdade, mais do que perigosa. Louca, talvez. As *sul'dam* nas docas provavelmente gostariam de verificar qualquer ordem que enviasse *damane* em barcos de pesca, especialmente à noite. Mas os barcos sempre estiveram no fundo de sua mente. Bem, ele ia torcer o braço de Luca com força, tão forte quanto necessário. “Você deixou seus parentes sair nesta estação?” Descrença e desprezo se misturaram na voz de Joline. “Quando as piores tempestades estão se formando?” De costas para a Aes Sedai, a sra. Anan ergueu a cabeça com orgulho, mas não era

orgulho de si mesma. “Eu confio em Jasfer para navegar até os dentes de um *cemaros*, se necessário. Confio nele tanto quanto você confia em seus Guardiões, Verde. Mais.”

Franzindo a testa de repente, Joline pegou a lâmpada pela base de ferro e a moveu para iluminar o rosto da estalajadeira. “Já nos conhecemos em algum lugar antes? Às vezes, quando não consigo ver seu rosto, sua voz soa familiar.” Em vez de responder, Setalle pegou o *a'dam* de Mat e se atrapalhou com a pulseira plana e segmentada em uma das pontas da coleira redonda de prata. A coisa toda era feita em segmentos, encaixados tão habilmente que você não podia ver como tinha sido feita. “Podemos muito bem acabar com os testes.”

“Testes?” ele disse, e aqueles olhos castanhos lhe deram um olhar fulminante. “Nem toda mulher pode ser uma *sul'dam*. Você já deve saber disso. Tenho esperança de que sim, mas é melhor descobrirmos antes da última hora. Fazendo uma careta para a pulseira teimosamente fechada, ela a virou em suas mãos. “Você sabe como abrir essa coisa? Não consigo nem encontrar onde ela abre.”

“Sim,” ele disse fracamente. As únicas vezes que ele conversou com Seanchan sobre *sul'dam* e *damane*, foram perguntas cautelosas sobre como elas eram usadas em batalha. Ele nunca tinha pensado em como *sul'dam* eram escolhidas. Ele poderia ter que lutar contra elas — aquelas memórias antigas dificilmente o deixavam parar de pensar em como lutar batalhas —, mas ele certamente nunca teve a intenção de recrutar nenhuma. “Melhor testar agora.” Em vez de... Luz!

As capturas eram uma questão simples para ele, a pulseira mais fácil. Era apenas uma questão de apertar os pontos certos, superior e inferior, não exatamente opostos à coleira. Isso poderia ser feito com uma mão, e a pulseira se abriu em uma com um clique metálico. O colar era um pouco mais complicado e exigia as duas mãos. Colocando os dedos nos pontos apropriados de cada lado de onde a coleira estava presa, ele pressionou, depois torceu e puxou enquanto mantinha a pressão. Nada aconteceu, que ele pudesse ver, até que ele torceu os dois lados para o outro lado. Então eles se separaram bem ao lado da coleira, com um clique mais agudo que o da pulseira. Simples. Claro, descobrir isso levou quase uma hora, de volta ao Palácio, mesmo com

o que Juilin tinha visto para ajudar. Ninguém aqui o elogiou, no entanto. Ninguém sequer parecia ter percebido que ele havia feito algo que elas não podiam! Colocando a pulseira em seu pulso, Setalle enrolou a coleira em voltas em seu antebraço, então ergueu a coleira aberta. Joline a olhou com ódio, suas mãos apertando em punhos suas saias.

“Você quer escapar?” a estalajadeira perguntou baixinho. Depois de um momento, Joline se endireitou e ergueu o queixo. Setalle fechou o colar ao redor do pescoço da Aes Sedai com o mesmo estalo nítido que havia aberto. Ele deve ter se enganado sobre o tamanho; ele se encaixava perfeitamente em cima da gola alta de seu vestido. A boca de Joline se contraiu, isso era tudo, mas Mat quase podia sentir Blaeric e Fen tensos atrás dele. Ele prendeu a respiração. Lado a lado, as duas mulheres deram um pequeno passo, roçando Mat, e ele começou a respirar. Joline franziu a testa incerta. Então elas deram um segundo passo. Com um grito, a Aes Sedai caiu no chão, contorcendo-se em agonia. Ela não conseguia formar palavras, apenas gemidos cada vez mais altos. Ela se encolheu, seus braços e pernas e até seus dedos se contorcendo e torcendo em ângulos estranhos. Setalle caiu de joelhos assim que Joline caiu no chão, suas mãos indo para o colar, mas ela não foi mais rápida do que Blaeric e Fen, embora suas ações parecessem estranhas. Ajoelhando-se, Blaeric ergueu uma Joline chorosa e a apoiou contra seu peito enquanto começava a massagear seu pescoço, de todas as coisas. Fen passou os dedos pelos braços dela. O colar se soltou, e Setalle caiu sobre os calcanhares, mas Joline continuou a sacudir e gemer, e seus Guardiões continuaram a trabalhar sobre ela como se estivessem tentando esfregar as cãibras. Eles lançaram olhares frios para Mat como se tudo fosse culpa dele.

Olhando para baixo em todos os seus belos planos em ruínas, Mat mal viu os homens. Ele não sabia o que fazer a seguir, por onde começar. Tylin poderia estar de volta em mais dois dias, e ele tinha certeza de que tinha que ir antes que ela voltasse. Passando por Setalle, ele deu um tapinha no ombro dela. "Diga a ela que vamos tentar outra coisa", ele murmurou. Mas o que? Obviamente tinha que ser uma mulher com habilidades de *sul'dam* para lidar com o *a'dam*.

A estalajadeira o pegou no escuro ao pé da escada que levava à cozinha enquanto ele pegava o chapéu e a capa. Um manto de lã simples e robusto, sem bordados. Um homem poderia passar sem bordados. Ele certamente não sentia falta. E toda aquela renda! Certamente não!

“Você tem outro plano pronto?” ela perguntou. Ele não conseguia distinguir o rosto dela no escuro, mas o comprimento prateado do *a'dam* brilhava mesmo assim. Ela estava tateando a pulseira em seu pulso.

“Eu sempre tenho outro plano,” ele mentiu, desfazendo a pulseira para ela. “Pelo menos você pode esquecer de arriscar seu pescoço. Assim que eu tirar Joline de suas mãos, você pode ir se juntar ao seu marido.”

Ela apenas grunhiu. Ele suspeitava que ela sabia que ele não tinha nenhum plano. Ele queria evitar a sala comunal cheia de Seanchan, então saiu pela cozinha até o estábulo e saiu pelo portão para o Mol Hara. Não tinha medo de que algum deles o marcasse ou se perguntasse por que ele estava ali. Em suas roupas desbotadas, eles pareciam levá-lo por alguém fazendo uma missão para a estalajadeira quando ele entrou. Mas havia três *sul'dam* entre os Seanchan, duas com *damane*. Ele estava começando a ter medo de ter que deixar Teslyn e Edesina de colarinho, e ele simplesmente não queria olhar para *damane* naquele momento. Sangue e malditas cinzas, ele apenas prometeu tentar!

O sol fraco ainda estava alto no céu, mas o vento do mar estava aumentando, cheio de sal e uma promessa fria de chuva. Exceto por um esquadrão de Guardas da Vigília da Morte marchando pela praça, humanos em vez de Ogier, todos no Mol Hara estavam correndo para acabar com o que quer que estivessem fazendo antes que a chuva chegasse. Ao chegar à base da estátua alta de seios nus da rainha Nariene, uma mão pousou em seu ombro.

"Eu não reconheci você no início, sem suas roupas extravagantes, Mat Cauthon." Mat se virou e se viu de frente para o corpulento *so'jhin* ilianense que ele vira no dia em que Joline reapareceu em sua vida. Não era uma associação agradável. O sujeito de rosto redondo parecia

estranho, entre aquela barba e metade do cabelo em sua cabeça faltando, e ele estava tremendo em mangas de camisa, de todas as coisas. "Você me conhece?" Mat disse cautelosamente.

O homem corpulento abriu um largo sorriso para ele. "A sorte me pica, sim. Você fez uma viagem memorável no meu navio, uma vez, com Trollocs e Shadar Logoth em uma extremidade e um Myrddraal e a Ponte Branca em chamas na outra. Bayle Domon, Mestre Cauthon. Você se lembra de mim agora?"

"Eu lembro." Ele lembrou, depois de fazer um esforço. A maior parte dessa viagem era vaga em sua cabeça, esfarrapada pelos buracos que as memórias daqueles outros homens haviam preenchido. "Vamos ter que sentar para tomar um vinho quente com especiarias e conversar sobre os velhos tempos." O que nunca aconteceria se ele visse Domon primeiro. O que ficou em sua memória daquela viagem foi estranhamente desagradável, como se lembrar de uma doença mortal. Claro, ele estava doente, de certa forma. Outra lembrança desagradável.

"Não há tempo como agora", riu Domon, passando um braço grosso em volta dos ombros de Mat e virando-o de volta para A Mulher Errante. Sem lutar, parecia não haver maneira de escapar do homem, então Mat foi. Uma luta a nocaute não era uma maneira de evitar ser notado. De qualquer forma, ele não tinha certeza se venceria. Domon parecia gordo, mas a gordura estava em camadas sobre o músculo duro. Uma bebida não faria mal em qualquer caso. Além disso, Domon não era uma espécie de contrabandista? Ele poderia conhecer os caminhos de entrada e saída de Ebou Dar que outros não conheciam, e poderia revelá-los a um pequeno questionamento judicioso. Especialmente com o vinho. Uma gorda bolsa de ouro estava no bolso do casaco de Mat, e ele não se importava de gastar tudo para embriagar o homem como um violinista no domingo. Homens bêbados falavam. Domon o empurrou pela sala comunal, curvando-se para a esquerda e para a direita para o Sangue e oficiais que mal o viram, mas ele não entrou nas cozinhas, onde Enid poderia ter dado a eles um banco no canto. Em vez disso, ele levou Mat pelas escadas sem corrimão. Até que ele conduziu Mat para um quarto na parte de trás da pousada, Mat assumiu

que Domon iria buscar seu casaco e capa. Um bom fogo queimando na lareira aquecia a sala, mas de repente Mat sentiu mais frio do que do lado de fora. Fechando a porta atrás deles, Domon se plantou na frente dela com os braços cruzados sobre o peito. “Você está na presença da Capitã e Senhora Verde Egeanin Tamarath,” ele entoou, então acrescentou em um tom mais normal, “Este é Mat Cauthon.”

Mat olhou de Domon para a mulher alta sentada rigidamente em uma cadeira de espaldar. Seu vestido plissado era amarelo-claro hoje, e ela usava um roupão bordado de flores por cima, mas ele se lembrava dela. Seu rosto pálido era duro, e seus olhos azuis eram tão predatórios quanto os de Tylin. Só que ele suspeitava que Egeanin não estava atrás de beijos. Suas mãos eram finas, mas tinham calos de espadachim. Ele não teve chance de perguntar do que se tratava, e não precisava.

“Meu *so’jhin* me informa que você não está familiarizado com o perigo, Mestre Cauthon,” ela disse assim que Domon terminou de falar. Seu lento sotaque Seanchan ainda soava peremptório e autoritário, mas então, ela era do Sangue. “Preciso desses homens para tripular um navio, e pagarei bem, em ouro, não em prata. Se você conhece outros como você, eu os contratarei. Eles devem ser capazes de segurar suas línguas, no entanto. Meu negócio é meu. Bayle mencionou dois outros nomes. Thom Merrillin e Juilin Sandra. Se algum deles estiver aqui em Ebou Dar, também posso usar suas habilidades. Eles me conhecem e sabem que podem confiar em mim com suas vidas. Você também pode, Mestre Cauthon.”

Mat sentou-se na segunda cadeira da sala e jogou a capa para trás. Ele não deveria se sentar nem mesmo com um dos Sangues inferiores — como seu cabelo escuro cortado em forma de tigela e unhas pequenas pintadas de verde proclamavam que ela era — mas ele precisava pensar. “Você tem um navio?” ele perguntou, principalmente para ganhar tempo. Ela abriu a boca com raiva. Fazer perguntas ao Sangue deveria ser feito com delicadeza. Domon grunhiu e balançou a cabeça, e por um momento ela pareceu ainda mais irritada, mas então seu rosto severo suavizou. Por outro lado, seus olhos perfuraram Mat como brocas, e ela se levantou para ficar com os pés separados e as

mãos nos quadris, confrontando-o. “Terei um navio no máximo até o final da primavera, assim que meu ouro puder ser trazido de Cantorin” disse ela com voz gélida. Mat suspirou. Bem, realmente não havia chance de ele levar Aes Sedai em um navio de propriedade de uma Seanchan, não realmente. “Como você conhece Thom e Juilin?” Domon poderia ter contado a ela sobre Thom, certamente, mas, Luz, como ela poderia conhecer Juilin?

“Você faz muitas perguntas”, disse ela com firmeza, virando-se. “Temo não poder usá-lo depois de tudo. Bayle, coloque-o para fora.” A última parte foi uma ordem peremptória. Domon não se moveu da porta. “Diga a ele,” ele a encorajou. “Cedo ou tarde, ele deve saber de tudo ou colocará você em perigo maior do que você enfrenta agora. Diga à ele.” Mesmo para um *so'jhin*, ele parecia se safar muito. Os Seanchan eram ótimos para manter a propriedade em seu lugar. Com todos os outros mantendo as suas, no que dizia respeito a isso. Egeanin não devia ser nem um quarto tão durona quanto parecia.

Ela parecia muito dura no momento, chutando as saias e andando para frente e para trás, carrancuda para Domon, para Mat. Finalmente, ela parou. “Eu lhes dei uma pequena ajuda em Tanchico”, disse ela. Depois de um momento, ela acrescentou: “E duas mulheres que estavam com eles, Elayne Trakand e Nynaeve al'Meara”. Seus olhos se concentraram nele atentamente, observando para ver se ele conhecia os nomes.

O peito de Mat estava apertado. Não era uma dor, mas mais como assistir a um cavalo que ele havia apostado na linha de chegada com outros logo atrás e a questão ainda em dúvida. O que diabos Nynaeve e Elayne estavam fazendo em Tanchico que precisavam da ajuda de uma Seanchan e conseguiram? Thom e Juilin ficaram de boca fechada sobre os acontecimentos. Isso era irrelevante, de qualquer maneira. Egeanin queria homens que pudessem guardar seus segredos e não se importassem com o perigo. Ela mesma estava em perigo. Muito pouco era perigoso para um dos Sangue, exceto por outros Sangue e... “Os Buscadores estão atrás de você,” ele disse.

A maneira como sua cabeça se levantou foi uma confirmação suficiente, e sua mão foi para o lado como se estivesse pegando uma

espada. Domon moveu os pés e flexionou as mãos grandes, os olhos em Mat. Olhos de repente mais duros que os de Egeanin. O homem grosso não parecia mais engraçado; ele parecia perigoso. De repente, ocorreu a Mat que talvez não saísse vivo da sala.

“Se você precisa se afastar dos Buscadores, eu posso te ajudar,” ele disse rapidamente. “Você terá que ir para onde os Seanchan não estão no controle. Onde quer que estejam, os Buscadores podem te encontrar. E é melhor ir o mais rápido possível. Você sempre pode obter mais ouro. Se os Buscadores não te pegarem primeiro. Thom me diz que eles estão ficando muito ativos sobre alguma coisa. Aquecendo os ferros e preparando o rack.”

Por um tempo Egeanin ficou imóvel, olhando para ele. Por fim, ela trocou um longo olhar com Domon. “Talvez fosse bom partir o mais rápido possível,” ela respirou. Seu tom se firmou imediatamente, no entanto. Se havia preocupação em seu rosto por um momento, ela desapareceu. “Os Buscadores não vão me impedir de sair da cidade, eu acho, mas eles acham que podem me seguir por algo que eles querem mais do que eles me querem. Eles me seguirão, e até que eu deixe as terras já ocupadas pelos Rhyagelle, eles podem chamar os soldados para me prender, o que eles farão assim que decidirem que vou para terras ainda não reunidas. É aí que vou precisar das habilidades de seu amigo Thom Merrill, Mestre Cauthon. Entre uma parte e outra, devo desaparecer da vista dos Buscadores. Posso não ter o ouro de Cantorin, mas tenho o suficiente para recompensar sua ajuda generosamente. Você pode ter certeza disso.”

“Me chame de Mat”, disse ele, dando-lhe seu melhor sorriso. Até as mulheres de rosto duro se suavizavam para seu melhor sorriso. Bem, ela não suavizou visivelmente — se fez alguma coisa, ela franziu a testa ligeiramente —, mas uma coisa que ele sabia sobre as mulheres era o efeito que seus sorrisos tinham. “Eu sei como fazer você desaparecer agora. Não adianta esperar, você sabe. Os Buscadores podem decidir prendê-la amanhã.” Aquilo atingiu um nervo. Ela não vacilou — ele suspeitava que muito pouco a fazia vacilar —, mas ela quase assentiu. “Há apenas uma coisa, Egeanin.” Isso ainda poderia explodir em seu rosto como um dos fogos de artifício de Aludra, mas

ele não hesitou. Às vezes, você só tinha que jogar os dados. “Não preciso de nenhum ouro, mas preciso de três *sul’dam* que fiquem de boca fechada. Você acha que poderia fornecer isso?”

Depois de um momento que pareceu se estender por horas, ela assentiu e ele sorriu para si mesmo. Seu cavalo havia cruzado primeiro.

“Domon,” Thom disse em uma voz monótona em torno do cachimbo preso entre os dentes. Ele estava deitado com um travesseiro fino dobrado sob a cabeça e parecia estar estudando a tênue neblina azul que pairava no ar do quarto sem janelas. A única lâmpada dava uma luz intermitente. “E Egeanin.”

“E ela é do Sangue, agora.” Sentado na beirada de sua cama, Juilin espiou dentro da tigela carbonizada de seu cachimbo. “Eu não sei como eu gosto disso.”

“Você está dizendo que não podemos confiar neles?” Mat exigiu, socando seu tabaco com um polegar descuidado. Ele tirou o polegar com um xingamento baixo e o enfiou na boca para sugar a queimadura. Mais uma vez ele teve a escolha do banco ou em pé, mas pela primeira vez ele não se importou com o banco. Lidar com Egeanin levava pouco tempo da tarde, mas Thom estivera fora do Palácio até depois do anoitecer, enquanto Juilin demorara ainda mais para aparecer. Nenhum dos dois parecia tão satisfeito com as notícias de Mat quanto esperava. Thom tinha acabado de suspirar por ter finalmente dado uma boa olhada em um dos selos aceitos, mas Juilin olhava carrancudo sempre que olhava para o pacote que estava no canto da sala onde ele o havia arremessado. Não havia maldita necessidade de o homem continuar assim só porque eles não precisavam mais dos vestidos de *sul’dam*. “Eu lhe digo, ambos estão com medo dos Buscadores”, continuou Mat quando seu polegar esfriou. Talvez não exatamente implacáveis, mas assustados mesmo assim. “Egeanin pode ser do Sangue, mas ela nunca se moveu quando eu disse a ela para que eu queria *sul’dam*. Ela apenas disse que conhecia três que fariam o que precisamos, e ela poderia tê-las prontas amanhã.”

“Uma mulher honrada, Egeanin,” Thom meditou. De vez em quando ele parava para soprar um anel de fumaça. “Estranha, é verdade, mas

bem, ela é Seanchan. Acho que até Nynaeve passou a gostar dela, e sei que Elayne gostou. E ela gostava delas. Mesmo que fossem Aes Sedai, como ela acreditava. Ela foi muito útil em Tanchico. Muito útil. Mais do que meramente competente. Eu realmente gostaria de saber como ela foi elevada ao Sangue, mas sim, acredito que podemos confiar em Egeanin. E Domon. Um homem interessante, Domon.

"Um contrabandista," Juilin murmurou depreciativamente. "E agora ele pertence a ela. *So'jhin* são mais do que apenas propriedade, você sabe. Existem *so'jhin* que dizem ao Sangue o que fazer." Thom ergueu uma sobrelanceira desganhada para ele. Apenas isso, mas depois de um momento, o apanhador de ladrões deu de ombros. "Suponho que Domon é confiável", disse ele com relutância. "Para um contrabandista."

Mat bufou. Talvez eles estivessem com ciúmes. Bem, ele era *ta'veren*, e eles tinham que viver com isso. "Então amanhã à noite, nós partimos. A única mudança no plano é que temos três *sul'dam* de verdade e uma dos Sangue para nos levar pelos portões.

"E essas *sul'dam* vão tirar três Aes Sedai da cidade, soltá-las e nunca pensar em dar um alarme", murmurou Juilin. "Uma vez, enquanto Rand al'Thor estava em Tear, vi uma moeda lançada cair na borda cinco vezes seguidas. Nós finalmente nos afastamos e a deixamos ali em cima da mesa. Acho que tudo pode acontecer."

"Ou você confia neles ou não, Juilin," Mat rosnou. O apanhador de ladrões olhou para os vestidos embrulhados no canto, e Mat balançou a cabeça. "O que eles fizeram para ajudá-lo em Tanchico, Thom? Sangue e cinzas, vocês dois não fiquem com os olhos vidrados em mim de novo! Vocês sabem, e eles sabem, e eu também poderia saber."

"Nynaeve disse para não contar a ninguém", disse Juilin como se isso realmente importasse.

"Elayne disse que não. Nós prometemos. Você pode dizer que fizemos um juramento." Thom balançou a cabeça no travesseiro. "As circunstâncias alteram os casos, Juilin. E de qualquer forma, não foi um juramento." Ele soprou três anéis de fumaça perfeitos, um dentro do outro. "Eles nos ajudaram a adquirir e descartar uma espécie de *a'dam* masculino, Mat. A Ajah Negra aparentemente queria usá-lo em

Rand. Você pode ver por que Nynaeve e Elayne queriam que isso ficasse quieto. Se a notícia se espalhar de que tal coisa existiu, a Luz sabe que tipo de contos surgiriam.”

“Quem se importa com as histórias que as pessoas contam?” Um *a’dam* masculino. Luz, se a Ajah Negra tivesse colocado isso no pescoço de Rand, ou os Seanchan tivessem... Essas cores giraram em sua cabeça novamente, e ele se obrigou a parar de pensar em Rand. “Fofoca não vai machucar... ninguém.” Sem cores dessa vez. Ele poderia evitá-las desde que não pensasse... As cores voltaram a girar, e ele rangeu os dentes no cachimbo.

“Não é verdade, Mat. Histórias têm poder. Contos de trovadores, e épicos de bardos, e rumores nas ruas. Eles despertam paixões e mudam a maneira como os homens veem o mundo. Hoje, ouvi um homem dizer que Rand jurou fidelidade a Elaida, que ele estava na Torre Branca. O sujeito acreditou, Mat. E se, digamos, um número suficiente de tairenos começar a acreditar? Tairenos não gostam de Aes Sedai. Correto, Juilin?”

“Alguns não gostam,” Juilin permitiu, então acrescentou como se Thom o tivesse arrancado dele, “A maioria não. Mas poucos de nós conhecemos a Aes Sedai, por não saber quem eram. Como a lei era, proibindo a canalização, poucas Aes Sedai vinham a Tear e raramente anunciavam quem eram.”

“Isso não vem ao caso, meu belo amante de Aes Sedai e amigo taireno. E dá peso ao meu argumento em qualquer caso. Tear apóia Rand, os nobres pelo menos, porque eles temem que se não o fizerem, ele volte, mas se eles acreditarem que a Torre o prende, então talvez ele não possa voltar. Se eles acreditarem que ele é uma ferramenta da Torre, é apenas mais uma razão para eles se voltarem contra ele. Deixe um número suficiente de tairenos acreditar nessas duas coisas, e ele poderia muito bem ter deixado Tear assim que sacasse Callandor. Esse é apenas um boato, e apenas Tear, mas poderia causar tanto dano em Cairhien, ou Illian, ou em qualquer lugar. Eu não sei que tipo de contos podem brotar de um *a’dam* masculino, em um mundo com o Dragão Renascido, e Asha’man, mas eu sou muito velho para querer descobrir.”

Mat entendeu, por assim dizer. Um homem sempre tentava fazer com que quem comandava as tropas contra ele acreditasse que ele estava fazendo algo diferente do que estava, que estava indo para onde não tinha intenção de ir, e o inimigo tentava fazer o mesmo com ele, se o inimigo fosse bom no ofício. Às vezes, ambos os lados podiam ficar tão confusos que coisas muito estranhas aconteciam. Tragédias, às vezes. Cidades queimadas que ninguém tinha interesse em queimar, exceto que os queimadores acreditaram no que era falso, e milhares morriam. As colheitas eram destruídas pela mesma razão, e dezenas de milhares morriam na fome que se seguia. “Então eu não vou quebrar meus dentes sobre essa barragem para homens”, disse ele. “Suponho que alguém pensou em contar... a ele?” As cores brilharam. Talvez ele pudesse simplesmente ignorá-las, ou se acostumar com elas. Elas se foram tão rápido quanto vieram, e não doeram. Ele simplesmente não gostava de coisas que não conseguia entender. Especialmente quando elas podiam ter a ver com o Poder de alguma forma. A cabeça de raposa prateada sob sua camisa poderia protegê-lo contra o Poder, mas essa proteção tinha tantos buracos quanto suas próprias memórias.

“Nós não estamos exatamente em comunicação regular,” Thom disse secamente, balançando as sobrancelhas. “Suponho que Elayne e Nynaeve tenham encontrado uma maneira de avisá-lo, se acharem importante.”

“Por que deveriam?” Juilin disse, curvando-se para puxar uma bota com um grunhido. “A coisa está no fundo do mar.” Carrancudo, ele arremessou a bota nos vestidos embrulhados no canto. “Você vai nos deixar dormir esta noite, Mat? Acho que não teremos nada de sono amanhã à noite, e gosto de dormir pelo menos a cada duas noites.”

Naquela noite, Mat escolheu dormir na cama de Tylin. Não pelos velhos tempos. Esse pensamento o fez rir, embora sua risada tivesse muito o som de um gemido para ser muito engraçada. Só que um bom colchão de penas e travesseiros de penas de ganso eram preferíveis a um palheiro quando um homem não sabia quando chegaria sua próxima noite decente de sono.

O problema era que ele não conseguia dormir. Ele ficou deitado no escuro com um braço atrás da cabeça e o cordão de couro do medalhão enrolado em seu pulso, pronto para ser erguido caso o *gholam* deslizasse pela fresta sob a porta, mas não foi o *gholam* que o manteve acordado. Ele não conseguia parar de repassar o plano em sua cabeça. Era um plano bom e simples; tão simples quanto poderia ser, nas circunstâncias. Só que nenhuma batalha ia de acordo com o plano, mesmo a melhor. Grandes capitães ganharam sua reputação não apenas por traçar planos brilhantes, mas por ainda serem capazes de encontrar a vitória depois que esses planos começaram a desmoronar. Assim, quando a primeira luz iluminou as janelas, ele ainda estava deitado ali, enrolando o medalhão nas costas dos dedos e tentando pensar no que poderia dar errado.

Capítulo 30

Pingos de chuva frios e grossos

O dia amanheceu frio, com nuvens cinzentas que obscureciam o sol nascente e ventos do Mar de Tempestades que sacudiam vidraças soltas nas janelas. Nas histórias, não era o tipo de dia para grandes resgates e fugas. Era um dia para assassinatos. Não era um pensamento agradável quando se esperava viver além de outro amanhecer. Mas o plano era simples. Agora que ele tinha uma Sangue Seanchan para usar, nada poderia dar errado. Mat se esforçou muito para se convencer disso. Lopin lhe trouxe o café da manhã, pão e presunto e um pouco de queijo amarelo duro, enquanto se vestia. Nerim estava dobrando algumas últimas peças de roupa que iriam para a pousada, incluindo algumas das camisas que Tylin tinha feito. Afinal, eram boas camisas, e Nerim alegou que poderia fazer alguma coisa com relação à renda, embora, como sempre, soasse como se estivesse se oferecendo para costurar uma mortalha. O lúgubre companheiro de cabelos grisalhos era habilidoso com uma agulha, como Mat sabia muito bem. Ele havia costurado o suficiente das feridas de Mat.

“Nerim e eu levaremos Olver pelo portão de lixo nos fundos do Palácio”, recitou Lopin com paciência exagerada, as mãos cruzadas na cintura. Os servos de um palácio raramente faltavam às refeições, e seu casaco taireno escuro se ajustava mais do que nunca à sua barriga redonda. Por falar nisso, a parte de baixo do casaco não parecia alargar tanto quanto antes. “Nunca há ninguém lá, exceto os guardas até que o carrinho de lixo saia à tarde, e eles estão acostumados a levar as coisas de meu Senhor para fora, para que não nos notem. N’A Mulher Errante, garantiremos o ouro do meu Senhor e o resto das vestes do meu Senhor, e Metwyn, Fergin e Gorderan nos encontrarão com os cavalos. Nós e os Braços Vermelhos levaremos o jovem Olver pelo Portão Dal Eira ao meio da tarde. Eu tenho as fichas de loteria para os cavalos, incluindo os dois animais de carga, no meu bolso, meu Senhor. Há um estábulo abandonado na Grande Estrada Norte, cerca de uma milha ao norte do Circuito do Céu, onde vamos esperar até ver

meu Senhor. Eu confio que tenho as instruções do meu Senhor corretamente?"

Mat engoliu o resto do queijo e limpou as mãos. "Você acha que eu estou fazendo você repassar isso com muita frequência?" ele disse, encolhendo os ombros em seu casaco. Um casaco verde escuro liso. Um homem queria ser simples quando se tratava de negócios como os de hoje. "Eu quero ter certeza de que você saiba isso de cor. Lembre-se, se você não me ver antes do nascer do sol amanhã, continue andando até encontrar Talmanes e o Bando." O alarme soaria com a inspeção matinal dos canis, e se ele não estivesse fora da cidade antes disso, ele esperava saber se sua sorte iria parar o machado de um carrasco. Disseram-lhe que estava destinado a morrer e viver novamente — uma profecia, ou quase uma — mas ele tinha certeza de que isso já havia acontecido. "Claro, meu senhor", disse Lopin suavemente. "Será como meu Senhor ordena."

"Certamente, meu Senhor," Nerim murmurou, fúnebre como sempre. "Meu Senhor ordena, e nós obedecemos."

Mat suspeitou que eles estivessem mentindo, mas dois ou três dias de espera não iriam machucá-los e, a essa altura, eles teriam que ver que ele não viria. Metwyn e os outros dois soldados os convenceriam, se necessário. Aqueles três podem seguir Mat Cauthon, mas não eram tolos o suficiente para esticar o pescoço no cepo se a cabeça dele já tivesse caído. Por alguma razão, ele não tinha tanta certeza de Lopin e Nerim.

Olver não estava tão chateado por deixar Riselle quanto Mat temia. Ele tocou no assunto enquanto ajudava o menino a empacotar seus pertences para serem transportados para a pousada. Todas as coisas de Olover estavam arrumadas ordenadamente na cama estreita no que tinha sido o quarto anexo, uma pequena sala de estar, quando os aposentos eram de Mat.

"Ela vai se casar, Mat", disse Olover pacientemente, como se explicasse para alguém que não via o óbvio. Abrindo uma pequena caixa estreita e esculpida que Riselle lhe dera, apenas por tempo o suficiente para ter certeza de que a pena de falcão vermelho estava segura, ele a fechou e a enfiou na bolsa de couro que levaria no ombro.

Ele foi tão cuidadoso com a pena quanto com a bolsa que continha vinte coroas de ouro e um punhado de prata. “Eu não acho que o marido dela gostaria que ela continuasse me ensinando a ler. Eu não gostaria, se eu fosse o marido dela.”

“Ah”, disse Mat. Riselle trabalhou rapidamente assim que decidiu. Seu casamento com o general de Estandarte Yamada havia sido anunciado publicamente ontem e deveria acontecer amanhã, embora, por costume, geralmente houvesse uma espera de meses entre eles. Yamada podia ser um bom general — Mat não sabia — mas nunca teve chance contra Riselle e aquele peito maravilhoso. Hoje eles estavam procurando por um vinhedo nas Colinas Rhiannon que o noivo estava comprando para seu presente de casamento. “Eu só pensei que você poderia querer — eu não sei — levá-la conosco, ou algo assim.”

“Eu não sou uma criança, Mat”, disse Olver secamente. Dobrando o pano de linho em volta de sua carapaça de tartaruga listrada, ele a acrescentou ao alforje. “Você vai jogar Cobras e Raposas comigo, não vai? Riselle gosta de jogar e você nunca mais tem tempo.” Apesar das roupas que Mat estava embrulhando em uma capa que iria para um cesto de lixo, o menino tinha um par de calças sobressalentes e algumas camisas e meias limpas no alforje também. E o jogo de Cobras e Raposas que seu pai morto havia feito para ele. Era menos provável que se perdesse o que mantinha consigo, e Olver já havia perdido mais em seus dez anos do que a maioria das pessoas em toda a vida. Mas ele ainda acreditava que você poderia ganhar em Cobras e Raposas sem quebrar as regras também.

“Eu vou,” Mat prometeu. Ele jogaria se conseguisse sair da cidade. Ele certamente estava quebrando regras o suficiente para merecer vencer. “Você apenas cuida do Vento até eu chegar lá.” Olver sorriu amplamente e, para ele, isso queria dizer amplamente mesmo. O menino adorava aquele capão cinza de pernas compridas quase tanto quanto ele adorava Cobras e Raposas.

Infelizmente, Beslan era outro que parecia pensar que você poderia ganhar em Cobras e Raposas.

“Hoje à noite,” ele rosnou, andando para cima e para baixo na frente da lareira na sala de estar de Tylin. Os olhos do homem esguio estavam

frios o suficiente para tirar o calor das chamas, e suas mãos estavam cruzadas atrás das costas como se para mantê-las longe do punho de sua espada de lâmina estreita. O relógio cilíndrico cravejado de pedras preciosas sobre a lareira de mármore entalhado soou quatro vezes na segunda hora da manhã. “Com alguns dias de aviso, eu poderia ter planejado algo magnífico!”

“Não quero nada magnífico”, disse Mat. Ele não queria nada do homem, mas por acaso Beslan tinha visto Thom entrando no estábulo d’A Mulher Errante um pouco antes. Thom tinha ido manter Joline entretida até que Egeanin trouxesse suas *sul’dam* naquela noite, para acalmar seus nervos e alegrá-la com maneiras corteses, mas poderia ter havido uma série de razões para ele visitar a estalagem. Bem, talvez não tantas, com ela cheia de Seanchan, mas várias, com certeza. Só que Beslan saltou para a razão como um pato saltando sobre um besouro, e ele se recusou a ficar de fora. “Será suficiente se alguns de seus amigos incendiarem algumas das lojas que os Seanchan estocaram na Estrada da Baía. Depois da meia-noite, lembre-se, o mais próximo disso possível; melhor uma hora depois do que qualquer hora antes.” Com alguma sorte, ele estaria fora da cidade antes da meia-noite. “Isso atrairá a atenção deles para o sul, e você sabe que perder lojas vai prejudicá-los.”

"Eu disse que faria isso", disse Beslan amargamente, "mas você não pode dizer que atear fogo é exatamente um grande gesto."

Recostando-se, Mat apoiou as mãos nos braços esculpidos em bambu da cadeira e franziu a testa. Ele queria descansar as mãos, de qualquer maneira, mas seu anel de sinete fez um clique metálico na madeira dourada enquanto ele batia os dedos. "Beslan, você será visto em uma pousada quando esses incêndios forem ateados, não é?" O outro homem fez uma careta. "Beslan?"

Beslan ergueu as mãos. "Eu sei; eu sei. Não devo colocar minha mãe em perigo, eu serei visto. À meia-noite, estarei bêbado como o marido de uma estalajadeira! Pode apostar que serei visto! Não é muito heroico, Mat. Estou em guerra com os Seanchan, quer mamãe esteja ou não." Mat tentou não suspirar. Ele quase conseguiu.

Não havia como esconder os três Braços Vermelhos movendo cavalos para fora dos estábulos, é claro. Duas vezes naquela manhã, ele notou que as serventes entregavam moedas a outras, e nas duas vezes, a mulher que estava fazendo a entrega olhou com raiva quando o viu. Mesmo com Vanin e Harnan aparentemente ainda solidamente abrigados na longa sala do quartel perto dos estábulos, o Palácio sabia que Mat Cauthon partiria em breve, e as apostas já estavam sendo pagas. Ele só tinha que se certificar de que ninguém descobrisse em quanto tempo, antes que fosse tarde demais.

O vento ganhou força à medida que a manhã avançava, mas ele tinha Pips selado e andava em círculos intermináveis no pátio do estábulo do palácio, aconchegando-se um pouco na sela e apertando o manto. Ele cavalgava mais devagar do que o normal, então os sapatos de aço de Pips faziam um som preguiçoso e lento nas pedras do calçamento. De vez em quando, ele fazia uma careta para as nuvens escuras no céu e balançava a cabeça. Não, Mat Cauthon não gostava de sair com esse tempo. Mat Cauthon ficaria em algum lugar quente e seco até que o céu clareasse, sim, ele ficaria.

A *sul'dam* andando em seu próprio círculo no estábulo sabia que ele iria embora em breve também. Talvez as servas não falassem diretamente com as mulheres Seanchan, mas o que uma mulher sabia era sempre conhecido por todas as mulheres dentro de um quilômetro e meio. Os incêndios florestais não corriam pelas florestas secas tão rápido quanto as fofocas corriam entre mulheres. Uma *sul'dam* alta de cabelos louros olhou em sua direção e balançou a cabeça. Uma *sul'dam* baixa e forte riu alto, dividindo um rosto tão escuro quanto qualquer um do Povo do Mar. Ele era apenas o brinquedo de Tylin.

As *sul'dam* não o preocupavam, mas Teslyn sim. Por vários dias, até esta manhã, ele não a tinha visto entre as *damane* sendo exercitadas. Hoje as *sul'dam* deixaram suas capas voarem com o vento, mas todas as *damane* seguraram as suas com força, exceto a capa cinzenta de Teslyn esvoaçando para um lado e para o outro, esquecida, e ela tropeçou um pouco onde o pavimento era irregular. Seus olhos estavam arregalados e preocupados naquele rosto de Aes Sedai. Ocasionalmente, ela lançava um olhar para a rechonchuda

sul'dam de cabelos pretos usando a outra ponta de sua coleira prateada e, quando o fazia, lambia os lábios incerta.

Um aperto se estabeleceu na barriga de Mat. Para onde foi a determinação? Se ela estava pronta para se curvar...

"Tudo está certo?" Vanin disse quando Mat desmontou e lhe deu as rédeas de Pips. A chuva tinha começado a cair, gotas frias e gordurosas, e as *sul'dam* apressavam suas encarregadas para dentro, rindo e correndo para evitar se molhar. Algumas das *damane* também estavam rindo, um som para gelar o sangue de Mat. Vanin não se arriscou que alguém pudesse se perguntar por que eles estavam de pé na chuva para conversar. O gordo curvou-se para levantar a pata dianteira esquerda de Pips e estudar o casco. "Você parece um pouco mais pálido do que o normal."

"Está tudo bem," Mat disse a ele. A dor na perna e no quadril era como um dente, mas ele mal se dava conta disso ou da chuva acelerada. Luz, se Teslyn estivesse chegando agora... "Apenas lembre-se. Se você ouvir gritos dentro do Palácio esta noite, ou qualquer coisa que pareça problema, você e Harnan não esperem. Vocês cavalgam imediatamente e vão encontrar Olver. Ele estará..."

"Eu sei onde o pequeno vira-latas estará." Soltando a perna de Pips e se endireitando, Vanin cuspiu por uma das aberturas de seus dentes. Pingos de chuva escorriam por seu rosto. "Harnan não é estúpido demais para calçar as botas sozinho, e eu sei o que fazer. Você apenas cuida da sua parte e garante que sua sorte esteja funcionando. Vamos lá, garoto — acrescentou ele muito mais calorosamente para Pips. "Eu tenho uma boa aveia para você. E um belo ensopado de peixe quente para mim."

Mat sabia que deveria comer também, mas sentiu como se tivesse engolido uma pedra, que não deixou espaço para comida. Mancando de volta aos aposentos de Tylin, ele jogou sua capa úmida sobre uma cadeira e, por um tempo, ficou olhando para o canto onde sua lança de cabo preto estava apoiada ao lado de seu arco desarmado. Ele planejava voltar para o *ashandarei* no último momento. O Sangue deveria estar todo na cama quando ele se movesse, e os servos também, com apenas os guardas do lado de fora permanecendo

acordados, mas ele não arriscaria ser visto com ele antes que tivesse que ser. Até o Seanchan que o chamava de Toy notaria que ele carregava uma arma pelos salões no meio da noite. Ele pretendia carregar o arco também. O bom teixo preto era quase impossível de encontrar fora de Dois Rios e, além disso, eles os faziam muito curtos. Sem corda, um arco deveria ser duas mãos mais alto do que o homem que o puxaria. Talvez ele devesse abandoná-lo depois de tudo, no entanto. Ele precisaria das duas mãos para usar o *ashandarei*, se chegasse a isso, e o momento necessário para largar o arco poderia ser o momento que o mataria. "Tudo vai correr conforme o planejado", disse ele em voz alta. Sangue e cinzas, ele parecia tão estúpido quanto Beslan! "Eu não vou ter que lutar para sair do maldito Palácio!" E quase tão tolo. A sorte era uma coisa muito boa com os dados. Dependendo da sorte, outros lugares poderiam matar um homem. Deitando-se na cama, ele apoiou um pé sobre o outro e ficou estudando o arco e a lança. Com a porta da sala de estar aberta, ele podia ouvir o relógio cilíndrico soar suavemente a cada hora de distância. Luz, ele precisava de sua sorte esta noite.

A luz da janela diminuiu tão lentamente que ele quase se levantou para ver se o sol havia parado, mas eventualmente a luz cinzenta se desvaneceu para o crepúsculo roxo, depois para a escuridão total. O relógio soou duas vezes, e então os únicos sons eram o tamborilar da chuva e o ímpeto do vento. Operários que estavam enfrentando o clima estariam derrubando ferramentas para voltar para casa. Ninguém veio acender as lâmpadas ou cuidar das fogueiras. Ninguém esperava que ele estivesse lá, já que ele havia dormido na cama na noite anterior. As chamas na lareira do quarto diminuíram e morreram. Tudo estava em movimento, agora. Olver estava aconchegado naquele velho estábulo; ainda tinha a maior parte de seu telhado. O relógio soou a primeira hora completa da noite, e depois de não mais de uma semana, quatro badaladas para a segunda.

Levantando-se da cama, ele tateou até a sala de estar escura como breu e abriu o batente articulado de uma das janelas altas. O vento forte jogou gotas de chuva através da intrincada tela de ferro forjado branco, encharcando rapidamente seu casaco. A lua estava escondida

atrás das nuvens, e a cidade era uma massa de escuridão envolta em chuva, sem sequer um relâmpago para quebrá-la. Todos os postes de luz aparentemente foram apagados pela chuva e pelo vento; a noite os esconderia quando saíssem do Palácio. E qualquer patrulha que os visse com este tempo olharia duas vezes. Tremendo enquanto o vento cortava seu casaco úmido, ele fechou a janela.

Sentou-se na beirada de uma das cadeiras esculpidas em bambu, apoiou os cotovelos nos joelhos e observou o relógio acima da lareira apagada. Não podia vê-lo na escuridão, mas aqui, ele podia ouvir o tique-taque constante. Ele permaneceu imóvel, embora o toque único de outra hora o fizesse se contorcer. Não havia nada agora a não ser esperar. Em pouco tempo, Egeanin apresentaria Joline à sua *sul'dam*. Se ela realmente tivesse sido capaz de encontrar três que fariam o que ela alegou. Se Joline não entrasse em pânico quando elas colocassem o *a'dam* nela. Thom, Joline e os outros da estalagem iriam encontrá-lo pouco antes de chegar ao Dal Eira. E se não o alcançasse, Thom seguiria em frente esculpindo seu nabo; ele tinha certeza de que poderia fazê-los passar pelos portões com sua ordem forjada. Pelo menos eles tinham uma chance, se tudo desmoronasse. Se. Muitos se's para pensar, agora. Era tarde demais para isso.

Tique, fez o relógio, como um pedaço de cristal batido com uma colher. Taque. A essa altura, Juilin estaria indo para sua preciosa Thera, e, com alguma sorte, Beslan estava começando a beber muito em uma pousada em algum lugar. Respirando fundo, ele parou na escuridão e verificou suas facas pelo tato, nas mangas, sob o casaco, enfiada na parte de cima das botas, e uma pendurada na parte de trás da gola. Feito isso, ele deixou os aposentos. Tarde demais para qualquer coisa, menos para começar.

Os corredores vazios por onde ele andava estavam mal iluminados. Uma lâmpada de pé em três ou quatro carregava chamas na frente dos espelhos, pequenas poças de luz com sombras pálidas entre as quais nunca chegavam à escuridão. Suas botas faziam barulho no piso. Elas tocaram nas escadas de mármore. Era improvável que alguém estivesse acordado tão tarde, mas se alguém o visse, não deveria parecer estar se escondendo. Enfiando os polegares atrás do cinto, ele

se obrigou a passear. Não era pior do que roubar uma torta do peitoril da janela da cozinha. Embora, pensando bem, as memórias irregulares que restaram de sua infância pareciam conter uma surra levada por isso uma ou duas vezes.

Pisando no caminho de colunas que margeava o pátio do estábulo, ele levantou o colarinho contra a chuva soprada pelo vento que voava entre as colunas brancas caneladas. Maldita chuva! Um homem poderia se afogar nela, mesmo quando ainda não estava lá fora. As lâmpadas na parede haviam se apagado, exceto pelo par que flanqueava os portões abertos, os únicos pontos brilhantes na chuva torrencial. Ele não conseguia distinguir os guardas do lado de fora dos portões. O esquadrão Seanchan estaria tão imóvel como se fosse uma tarde agradável. Muito provavelmente os eboudarianos também; eles não gostavam de ser passados para trás de forma alguma. Depois de um momento, ele se retirou para a porta da antessala, para evitar ficar completamente encharcado. Nada se movia no estábulo. Onde eles estavam? Sangue e malditas cinzas, onde...?

Cavaleiros apareceram nos portões, liderados por dois homens a pé carregando lanternas de vara. Ele não podia contá-los na chuva, mas eles eram muitos. Os mensageiros Seanchan teriam portadores de lanternas? Talvez, com este tempo. Fazendo uma careta, ele deu outro passo para trás, para a antessala. A luz tênue de um único lampião atrás dele foi suficiente para transformar a noite lá fora em um manto preto, mas ele olhou para dentro. Em poucos minutos, quatro figuras fortemente encapuzadas apareceram, correndo em direção à porta. Se fossem mensageiros, passariam por ele sem olhar duas vezes.

“Seu homem Vanin é rude,” Egeanin anunciou, jogando o capuz para trás assim que ela estava além das colunas caneladas. Na escuridão, seu rosto era apenas uma sombra, mas a frieza de sua voz foi suficiente para lhe dizer o que ele veria antes que ela entrasse na antessala, forçando-o a recuar. Suas sobancelhas estavam caídas para baixo bruscamente, e seus olhos azuis eram vermes gelados. Um Domon carrancudo a seguia, sacudindo a chuva de sua capa, e depois um par de *sul’dam*, uma pálida e de cabelos louros, o outra com longos

cabelos castanhos. Ele não podia ver muito mais, já que elas estavam de cabeça baixa, estudando os ladrilhos do chão na frente de seus pés. “Você não me disse que ela tinha dois homens com ela,” Egeanin continuou, tirando as luvas. Estranho, como ela podia fazer aquele sotaque soar rápido. Ela não deu ao homem espaço para espremer uma palavra.

“Ou que a Sra. Anan estava vindo. Felizmente, eu sei como me adaptar. Os planos sempre precisam ser adaptados, uma vez que a âncora está seca. Falando em seca, você já correu lá fora? Acredito que você não tenha se feito notar.”

“O que você quer dizer com você adaptou o plano?” Mat exigiu, passando as mãos pelo cabelo. Luz, estava molhado! “Já preparei tudo!” Por que aquelas duas *sul'dam* estavam tão paradas? Se ele já tinha visto estátuas de relutância, era aquele par. “Quem são aqueles outros lá fora?”

“As pessoas da pousada”, disse Egeanin impaciente. “Por um lado, eu preciso de uma comitiva adequada para procurar qualquer patrulha de rua. Aqueles dois... Guardiões? — são companheiros musculosos; eles são excelentes portadores de lanternas. Por outro, não queria arriscar perdê-los nesse golpe. É melhor estarmos todos juntos desde o início.” Ela virou a cabeça, seguindo os olhares dele para as *sul'dam*. “Estas são Seta Zarbey e Renna Emain. Suspeito que esperam que você esqueça esses nomes depois desta noite.”

A mulher pálida se encolheu ao ouvir o nome Seta, que fazia a outra ser Renna. Ela nem levantou a cabeça. O que Egeanin sabia sobre elas, afinal? Não que isso importasse. Tudo o que importava era que elas estavam aqui e prontas para fazer o que fosse necessário.

“Não adianta ficar aqui”, disse Mat. “Vamos continuar com isso.” Ele deixou suas mudanças no plano passarem sem mais comentários. Afinal, deitado naquela cama nos aposentos de Tylin, ele decidiu arriscar uma ou duas mudanças.

Capítulo 31

O que o Aelfinn disse

A nobre Seanchan expressou surpresa, e não pouca irritação, quando Mat a acompanhou até os canis. Seta e Renna sabiam o caminho, é claro, e ele deveria estar pegando sua capa e o que mais quisesse carregar. As duas *sul'dam* os seguiram pelos salões mal iluminados, capas penduradas nas costas e olhos no chão. Domon veio na retaguarda como se estivesse pastoreando o par. A trança pendurada na lateral de sua cabeça balançava enquanto seus olhos percorriam cada corredor que cruzava, e às vezes ele sentia a cintura como se esperasse encontrar uma espada ou um porrete. Exceto por eles, os corredores forrados de tapeçaria estavam silenciosos e imóveis.

“Eu tenho uma pequena missão lá em cima,” Mat disse a Egeanin, tão casualmente quanto ele sabia, e sorriu para ela. “Não precisa se incomodar. Não vai demorar um minuto.” Seu melhor sorriso parecia não causar mais impressão do que ontem em seu quarto na pousada.

“Se você me destruir agora...” ela rosnou em um tom ameaçador. “Apenas lembre-se de quem planejou isso,” ele murmurou, e ela resmungou. Luz, as mulheres sempre pareciam pensar que poderiam simplesmente intervir e assumir, e fazer um trabalho melhor do que o homem de quem era o trabalho!

Pelo menos ela não fez mais nenhuma reclamação. Subiram rapidamente até o último andar do Palácio, depois subiram as escadas escuras e estreitas até o amplo sótão. Apenas algumas lâmpadas estavam acesas, nem mesmo tantas quanto nos corredores abaixo, e o labirinto de corredores estreitos entre as minúsculas salas de madeira era uma massa de sombras pálidas. Nada se moveu, e Mat respirou um pouco mais facilmente. Ele teria respirado mais aliviado ainda se Renna não tivesse suspirado com alívio óbvio. Ela e Seta sabiam onde as várias *damane* estavam alojadas e, se não exatamente se apressassem, não demoraram a ir mais fundo no sótão, talvez porque Domon ainda andasse em seus calcanhares. Não era uma imagem para inspirar confiança. Bem, se os desejos fossem cavalos, os

mendigos cavalgariam. Um homem se contentava com o que tinha. Especialmente quando ele não tinha escolha.

Egeanin deu-lhe um último olhar duro e rosnou de novo, sem palavras desta vez, então saiu atrás das outras, sua capa queimando atrás dela. Ele fez uma careta para as costas dela. Do jeito que a mulher andava, você poderia tomá-la por um homem se ela não estivesse usando um vestido.

Ele tinha uma missão, e talvez não tão pequena. Não era algo que ele queria fazer. Luz, ele tentou se convencer disso! Era algo que ele tinha que fazer, no entanto. Assim que Egeanin desapareceu em uma esquina atrás de Domon e as outras, ele disparou para a sala mais próxima que ele se lembrava contendo uma das mulheres do Povo do Mar.

Abrindo silenciosamente a porta de madeira simples, ele deslizou para o interior escuro como breu. A mulher adormecida dentro roncava com um som áspero. Lentamente, ele tateou seu caminho para frente até que seu joelho bateu na cama, então tateou ao longo do monte sob os cobertores mais rapidamente, encontrando a cabeça dela bem a tempo de colocar a mão sobre sua boca enquanto ela acordava.

"Eu quero que você responda a uma pergunta", ele sussurrou. Sangue e cinzas, e se ele tivesse confundido o quarto? E se não fosse uma Chamadora de Vento, mas uma das malditas mulheres Seanchan?

"O que você faria se eu tirasse esse colar do seu pescoço?" Levantando a mão, ele prendeu a respiração.

"Eu libertaria minhas irmãs, se isso agradasse à Luz que deveria acontecer." Os sotaques do Povo do Mar na escuridão o fizeram respirar novamente. "Se a Luz quiser, nós cruzaríamos o porto, de alguma forma, para onde nosso povo está preso, e libertaríamos tantos quanto pudéssemos." A voz da mulher invisível permaneceu baixa, mas ficou mais feroz com a palavra. "Se a Luz quiser, nós pegariamos nossos navios de volta e abriríamos caminho para o mar. Agora! Se isso for um truque, me castigue por isso e pronto, ou me mate por isso. Eu estava à beira de ceder, de desistir de mim mesma, e a vergonha

disso vai me queimar para sempre, mas você me lembrou quem eu sou, e agora eu nunca vou ceder. Você me ouve? Nunca!"

"E se eu te pedisse para esperar três horas?" ele perguntou, ainda agachado sobre ela. "Lembro-me dos Atha'an Miere julgando a passagem de uma hora em minutos." Aquele sujeito não era ele, mas a lembrança agora era sua, a passagem em um navio Atha'an Miere de Allorallen para Barashta, e uma mulher do Povo do Mar de olhos brilhantes que chorou quando se recusou a segui-lo até a praia. "Quem é você?" ela sussurrou.

"Eu me chamo Mat Cauthon, se isso faz alguma diferença."

"Eu sou Nestelle din Sakura Estrela Sul, Mat Cauthon." Ele a ouviu cuspir, e sabia o que ela estava fazendo. Ele cuspiu na própria palma, e suas duas mãos se encontraram na escuridão. A dela era tão calejada quanto a dele, seu aperto forte. "Vou esperar", disse ela. "E eu vou me lembrar de você. Você é um grande e bom homem."

"Sou apenas um jogador", ele disse a ela. A mão dela guiou a dele para a gola segmentada em volta do pescoço, e ela se abriu para ele com um estalo metálico. Ela deu um longo suspiro.

Ele só teve que colocar os dedos nos lugares apropriados e mostrar a ela o truque uma vez antes que ela conseguisse, mas ele a fez fechar e abrir a coleira três vezes antes de ficar satisfeito. Se ele ia fazer isso, ele poderia muito bem ter certeza de que foi feito corretamente. "Três horas, o mais próximo possível," ele a lembrou. "O mais perto disso que eu puder," ela sussurrou.

Ela poderia arruinar tudo, mas se ele não podia arriscar, então quem poderia? Ele era o homem com sorte, afinal. Talvez não estivesse muito em evidência ultimamente, mas ele havia encontrado Egeanin justamente quando precisava dela. Mat Cauthon ainda tinha sorte.

Saindo do quarto tão silenciosamente quanto entrou, ele fechou a porta. E quase engasgou com a língua. Ele estava olhando para as costas de uma mulher larga e grisalha em um vestido vermelho. Atrás dela estavam Egeanin erguida em toda a sua altura, e Teslyn, ligada a Renna pelo comprimento prateado de um *a'dam*. Não havia sinal de Domon ou Seta ou dessa Edesina que ele ainda não tinha visto para conhecê-la. Egeanin parecia feroz como uma leoa por causa de sua

morte, mas Teslyn estava com os olhos arregalados e trêmula, aterrorizada pela metade, e a boca de Renna tinha uma torção que dizia que ela poderia vomitar a qualquer momento.

Não ousando respirar, ele deu um passo cauteloso em direção à mulher de cabelos grisalhos, estendendo as mãos. Se ele a dominasse antes que ela pudesse gritar, eles poderiam escondê-la... Onde? Seta e Renna iriam querer matá-la. Não importa o que Egeanin tivesse sobre elas, a mulher poderia nomeá-las. Os severos olhos azuis de Egeanin encontraram os dele por cima do ombro grisalho da *sul'dam* por um breve instante antes de focar no rosto da outra mulher novamente. "Não!" ela disse bruscamente. "Não há tempo a perder com mudanças nos meus planos, agora. A Alta Dama Suroth disse que eu poderia usar qualquer *damane* que eu desejasse, *Der'sul'dam*."

"Claro, minha senhora," a mulher de cabelos grisalhos respondeu, parecendo confusa. "Eu apenas apontei que Tessi não é realmente treinada. Na verdade, eu vim procurá-la. Ela está se saindo muito bem agora, minha senhora, mas..." Ainda sem respirar, Mat recuou na ponta dos pés. Ele desceu as escadas estreitas e escuras usando as mãos contra as paredes para suportar o máximo possível de seu peso. Ele não se lembrava de nenhum passo barulhento chegando, mas havia chances, e depois havia chances. Um homem pegava aquelas que precisava, e não forçava a sorte de outra forma. Esse era o caminho para uma vida longa, algo que ele desejava muito.

Ao pé da escada, ele parou para sugar o ar até que seu coração parou de bater tão rápido. Até que diminuiu um pouco, de qualquer maneira. Podia não parar de pulsar até amanhã. Ele não tinha certeza de ter respirado desde que viu a mulher de cabelos grisalhos. Luz! Se Egeanin achava que tinha o assunto em mãos, muito bem, mas mesmo assim, Luz! Ela devia ter laços nos dois pescoços das *sul'dam*! O plano dela? Bem, ela estava certa sobre não ter tempo a perder. Ele correu. Ele correu até que seu quadril deu uma pontada aguda, e ele tropeçou em uma mesa incrustada de turquesa. Ele pegou uma tapeçaria de verão para não cair, e o comprimento de seda florido brilhante rasgou-se da cornija de mármore amarelo pela metade de seu comprimento. O vaso alto de porcelana branca sobre a mesa tombou, estilhaçando-

se nos ladrilhos azul e vermelho do chão com um estrondo que ecoou ao longo do corredor. Depois disso, ele mancou. Mas ele mancava tão rápido quanto qualquer homem já tinha feito. Se alguém viesse investigar o barulho, não encontraria Mat Cauthon de pé sobre aquela bagunça, ou a dois corredores dela.

Mancando o resto do caminho até os aposentos de Tylin, ele atravessou a sala de estar e entrou no quarto antes de perceber que as lâmpadas estavam todas acesas. A chama da lareira do quarto havia sido renovada com tarugos partidos do cesto de madeira dourada. Tylin, seus braços dobrados atrás dela para trabalhar em seus botões, olhou para sua entrada e franziu a testa. Seu vestido de montaria verde-escuro estava amassado. O fogo estalou e cuspiu uma chuva de faíscas pela chaminé. "Eu não esperava você de volta ainda", disse ele, tentando pensar. De tudo que ele tinha considerado dar errado esta noite, Tylin voltando cedo nunca esteve no meio. Seu cérebro parecia congelado.

"Suroth soube que um exército havia desaparecido em Murandy," Tylin respondeu lentamente, endireitando-se. Ela falava distraidamente, dando ao que dizia uma fração da atenção que dedicava ao estudo de Mat Cauthon. "Que exército, ou como qualquer exército pode desaparecer, eu não sei, mas ela decidiu que seu retorno era urgente. Deixamos todos para trás, viemos o mais rápido que uma das feras podia carregar apenas nós duas e a mulher que cuidava dela, e requisitamos dois cavalos para subirem sozinhos do cais. Ela até foi aquela estalagem do outro lado da praça onde estão todos os seus oficiais em vez de virem aqui. Eu não acho que ela pretende dormir esta noite, ou deixar qualquer um deles..."

Deixando suas palavras morrerem, Tylin deslizou até ele pelos tapetes e tocou seu casaco verde liso. "O problema de ter uma raposa de estimação", ela murmurou, "é que mais cedo ou mais tarde ela se lembra que é uma raposa." Aqueles grandes olhos escuros olharam para ele. De repente, ela agarrou dois punhados de seu cabelo e puxou sua cabeça para baixo para um beijo que enrolou os dedos dos pés em suas botas. "Isso," ela disse sem fôlego quando finalmente o soltou, "é para te mostrar o quanto eu vou sentir sua falta." Sem a menor

mudança de expressão, ela o esbofeteou com tanta força que manchas prateadas flutuaram na frente de seus olhos. "E isso é por tentar fugir enquanto eu estava fora." Virando as costas, ela puxou sua juba de cabelos negros sobre um ombro. "Desfaça meus botões para mim, minha linda raposinha. Chegamos tão tarde que decidi não acordar minhas empregadas, mas essas unhas fazem botões quase impossíveis. Uma última noite juntos, e amanhã eu o mandarei embora." Mat esfregou a bochecha. A mulher poderia ter quebrado um dente por ele! Pelo menos ela tinha sacudido seus pensamentos soltos. Se Suroth estava n'A Mulher Errante, não estava no Palácio Tarasin para ver o que não deveria. Sua sorte ainda era boa. Ele só tinha que se preocupar com a mulher na frente dele. O único caminho era para a frente. "Eu vou hoje à noite", disse ele, colocando as mãos nos ombros de Tylin. "E quando eu fizer isso, vou pegar duas Aes Sedai do sótão. Venha comigo. Vou enviar Thom e Juilin para encontrar Beslan e..."

"Ir com você?" ela disse incrédula, afastando-se e virando-se para encará-lo. Seu rosto orgulhoso era desdenhoso. "Pombo, não gostaria de me tornar sua beldade e não tenho intenção de me tornar uma refugiada. Ou de deixar Altara para quem os Seanchan escolherem para me substituir. Eu sou a Rainha de Altara, a Luz me ajude, e não abandonarei meu país agora. Você realmente quer tentar libertar as Aes Sedai? Desejo-lhe boa sorte, se precisar — desejo melhoras às irmãs —, mas parece uma boa maneira de enfiar a cabeça em uma estaca, docinho. É uma cabeça muito bonita para ser cortada e coberta com alcatrão."

Ele tentou segurá-la pelos ombros novamente, mas ela recuou com um olhar penetrante que fez suas mãos caírem. Ele colocou cada pedaço de urgência que pôde encontrar em sua voz. "Tylin, eu me certifiquei de que todos soubessem que eu estava indo embora, e ansioso para ir embora antes que você voltasse, para que os Seanchan soubessem que você não tinha nada a ver com isso, mas agora..."

"Eu voltei e surpreendi você," ela interrompeu ferozmente, "e você me amarrou e me deixou debaixo da cama. Quando eu for descoberta pela manhã, ficarei furiosa com você. Indignada!" Ela sorriu, mas seus olhos brilharam, não muito longe da indignação agora, o que quer que

ela dissesse sobre raposas e mandá-lo embora. “Oferecerei uma recompensa por você e direi a Tuon que ela pode comprá-lo quando for pego, se ela ainda quiser você. Serei o Sangue Alto perfeito na minha raiva. Eles vão acreditar em mim, patinho. Já disse a Suroth que pretendo raspar meu cabelo.” Mat sorriu fracamente. Ele certamente acreditou nela. Ela realmente o venderia se ele fosse pego. “As mulheres são um labirinto de espinheiros à noite”, dizia o velho ditado, e mesmo elas não conhecem o caminho.

Tylin insistiu em supervisionar sua própria amarração. Ela parecia se orgulhar disso. Ela teve que ser amarrada com tiras cortadas de suas saias, como se ela o tivesse pego de surpresa e sido dominada. Os nós tinham que ser apertados, então ela não podia escapar por mais que lutasse, e ela lutou contra eles uma vez que estavam amarrados, se debatendo com força suficiente para parecer que ela realmente estava tentando se libertar. Talvez ela estivesse; sua boca se torceu em um rosnado quando ela falhou. Seus tornozelos e pulsos tinham que ser amarrados na base das costas, e uma coleira ia do pescoço até uma perna da cama, para que ela não pudesse se contorcer pelo chão e sair para o salão. E, claro, ela também não poderia gritar por socorro. Quando ele gentilmente empurrou um de seus lenços de seda em sua boca e amarrou outro para mantê-lo no lugar, ela sorriu, mas seus olhos eram ferozes. Um labirinto através de urzes na noite.

“Eu vou sentir sua falta,” ele disse baixinho enquanto a empurrava para debaixo da beirada da cama. Para sua surpresa, ele percebeu que realmente sentiria. Luz! Apressou-se a juntar o manto, as luvas e a lança, e apagou as lamparinas ao sair. As mulheres podiam enredar um homem naquele labirinto antes que ele percebesse. Os corredores permaneceram vazios e silenciosos, exceto pelo som de seus próprios passos mancando, mas qualquer alívio que sentisse desapareceu quando chegou à antessala do estábulo.

A única lâmpada acesa ainda lançava uma luz vacilante naquelas inevitáveis tapeçarias floridas, mas Juilin e sua mulher não estavam lá, nem Egeanin e os outros. Com o tempo que ele havia ocupado com Tylin, todos eles deveriam estar esperando por ele agora. Além do caminho em colunas, a chuva caía em uma cortina preta sólida que

escondia tudo. Eles poderiam ter ido para os estábulos? Aquela Egeanin parecia mudar seu plano sempre que lhe convinha.

Resmungando baixinho, ele amarrou sua capa em volta de si e se preparou para ir para os estábulos através da chuva. Ele teve quase tudo o que podia de mulheres esta noite.

“Então você pretende ir embora. Não posso permitir isso, Brinquedo.” Com um xingamento, ele girou nos calcanhares e se viu de frente para Tuon, seu rosto escuro severo por trás de seu longo véu transparente. A argola estreita que segurava o véu em sua cabeça raspada era uma massa de gotas de fogo e pérolas, mais uma fortuna somada ao largo cinto de joias que apertava sua cintura e o longo colar em volta do pescoço. Um bom momento era para reparar nas joias, por mais ricas que fossem. O que na Luz ela estava fazendo acordada? Sangue e cinzas, se ela saísse correndo, gritando para que os guardas o detivessem...!

Desesperadamente, ele estendeu a mão para a garota magra, mas ela se contorceu para longe de seu aperto e enviou o *ashandarei* voando com um golpe forte que quase entorpeceu seu pulso. Ele esperava que ela fugisse, mas em vez disso ela desferiu golpes nele, socando com os nós dos dedos dobrados, cortando as mãos como lâminas de machado. Ele tinha mãos rápidas, as mais rápidas que Thom já tinha visto de acordo com o velho trovador, mas era tudo que ele podia fazer para afastá-la, esquecer de agarrá-la. Se ele não estivesse se esforçando tanto para evitar que ela quebrasse o nariz dele — ou qualquer outra coisa, talvez; ela batia muito forte para uma coisa tão pequena — exceto por isso, ele poderia ter achado a coisa toda risível. Ele se elevou sobre ela, embora não estivesse muito acima da altura média, mas ela veio para ele com uma fúria concentrada, como se ela fosse a mais alta e mais forte e esperasse dominá-lo. Por alguma razão, depois de alguns momentos, seus lábios carnudos se curvaram em um sorriso, e se ele não soubesse, teria dito que aqueles grandes olhos líquidos adquiriram um brilho de prazer. Que o queimasse, pensar em como uma mulher era bonita em um momento como esse era tão ruim quanto tentar ver o preço de suas pedras preciosas! Abruptamente, ela fluiu em volta dele, usando ambas as

mãos para reajustar o círculo de pedras preciosas que prendia seu véu. Certamente não havia nada como prazer em seu rosto agora. Sua expressão era toda concentração. Colocando os pés com cuidado, sem tirar os olhos do rosto dele, ela começou lentamente a juntar as saias brancas plissadas em suas mãos, avançando-as acima dos joelhos em dobras. Ele não conseguia entender por que ela ainda não estava gritando por socorro, mas sabia que ela estava prestes a chutá-lo. Bem, não se ele tivesse algo a dizer sobre isso! Ele saltou para ela, e tudo aconteceu de uma vez. Uma pontada de dor em seu quadril o fez cair em um joelho. Tuon puxou as saias quase até os próprios quadris, e sua perna esbelta, de meias brancas, brilhou para ele em um chute que passou por cima de sua cabeça quando ela foi subitamente içada no ar.

Ele pensou que deveria estar tão surpreso ao ver Noal com os braços em volta da garota quanto ela estava por ter aqueles braços ali, mas ele reagiu mais rápido do que ela. Quando ela finalmente abriu a boca para gritar, Mat ficou de pé e começou a enfiar o véu entre os dentes, derrubando a argola de joias no chão com um movimento da mão. Ela não cooperou como Tylin, é claro. Um aperto firme em sua mandíbula foi tudo o que a impediu de afundar os dentes em seus dedos. Sons raivosos saíram de sua garganta, e seus olhos mostraram uma fúria que nunca tiveram no pior de seu ataque. Ela se contorceu no aperto de Noal e agitou as pernas, mas o velho cansado conseguiu mudar seu fardo e a si mesmo para evitar cada chute dos outros saltos. Desgastado ou não, ele parecia não ter dificuldade em segurá-la. “Você costuma ter esse tipo de problema com as mulheres?” ele perguntou suavemente em torno de um sorriso dentuço. Ele estava vestindo sua capa, e seus pertences embrulhados estavam amarrados nas costas.

“Sempre,” Mat respondeu amargamente, e grunhiu quando um joelho pegou seu quadril dolorido. Conseguindo desamarrar o lenço do pescoço com uma mão, ele o usou para prender o véu amassado na boca de Tuon ao custo de um polegar beliscado. Luz, o que ele ia fazer com ela?

“Eu não sabia que isso era o que você estava planejando”, disse Noal, não respirando com dificuldade, apesar da forma como a

pequena mulher se debatia em suas mãos, "mas como você pode ver, eu vou embora esta noite também. Eu pensei que em um ou dois dias, este poderia ser um lugar desagradável para alguém para quem você deu uma cama."

"Uma decisão sábia," Mat murmurou. Luz, ele deveria ter pensado em avisar Noal. Abaixando-se de joelhos, ele evitou os chutes de Tuon — a maioria deles, pelo menos — tempo suficiente para pegar as pernas dela. Uma faca arrancada de sua manga começou um corte na bainha de seu vestido, e ele arrancou uma longa tira para amarrar seus tornozelos. Era uma coisa boa que ele tivesse feito toda aquela prática com Tylin mais cedo. Ele não estava acostumado a amarrar mulheres. Rasgando uma segunda tira de pano da parte de baixo de sua saia, ele pegou o círculo de gemas do chão e ficou com um grunhido pelo esforço e outro mais profundo para um último chute de duas pernas que incendiou seu quadril. Quando ele colocou a tiara de volta na cabeça dela, Tuon o encarou diretamente nos olhos. Ela havia parado de se debater inutilmente, mas não tinha medo. Luz, no lugar dela, ele estaria se sujando.

Juilin finalmente chegou, então, encapuzado e completamente equipado, com sua espada curta e seu quebra-espadas entalhado em seu cinto e seu fino bastão de bambu em uma mão. Uma mulher esbelta de cabelos escuros com as grossas túnicas brancas usadas por *da'covale* do lado de fora agarrou-se ao braço direito dele. Ela era bonita, de um jeito carrancudo, com uma boca de botão de rosa, mas cinco ou seis anos mais velha do que Mat esperava, e seus grandes olhos escuros dispararam timidamente. Ao ver Tuon, ela guinchou e soltou Juilin como se ele fosse um fogão quente, dobrando-se no chão ao lado da porta com a cabeça nos joelhos.

"Eu tive que convencer Thera a fugir de novo," o apanhador de ladrões suspirou, dando-lhe um olhar preocupado. Essa foi toda a explicação que ele deu para seu atraso, antes de voltar sua atenção para o fardo de Noal. Empurrando para trás o ridículo gorro vermelho cônico que ele usava, ele coçou a cabeça. "E o que fazemos com ela?" ele perguntou simplesmente.

"Deixe-a nos estábulos", respondeu Mat. Eles o fariam se Vanin tivesse convencido os cavaleiros a deixar ele e Harnan cuidarem dos cavalos dos mensageiros que chegassem. Até agora, isso parecia apenas uma precaução adicional, não realmente necessária. Até agora. "No palheiro. Ela não deve ser encontrada antes da manhã, quando eles fornecem feno fresco para as baias."

"E eu pensei que você a estava sequestrando," Noal suspirou, colocando os pés amarrados de Tuon de volta no chão e mudando seu aperto sobre ela para agarrar seus braços. De cabeça erguida, a pequena mulher desdenhou de lutar. Mesmo com uma mordaca na boca, o desprezo estava claro em seu rosto. Ela se recusou a lutar, não porque fosse inútil, mas porque ela escolheu não lutar.

Passos de botas ecoaram no corredor que levava à antessala, cada vez mais altos. Poderia ser Egeanin finalmente. Ou do jeito que a noite parecia virar, talvez fossem os Guardas da Vigília da Morte. Do tipo Ogier.

Apressadamente, Mat acenou para o outro em direção aos cantos fora da vista de qualquer um que passasse pela porta, então mancou para pegar sua lança negra. Juilin colocou Thera de pé e puxou-a para a esquerda, onde ela se agachou no canto enquanto ele estava na frente dela com seu cajado em ambas as mãos. Parecia uma arma frágil, mas o caçador de ladrões poderia usá-la com grande efeito. Noal arrastou Tuon para o canto oposto da sala e soltou um de seus braços para colocar a mão dentro de seu casaco, onde ele guardava suas longas facas. Mat plantou-se no meio da sala, de costas para a noite encharcada de chuva, o *ashandarei* ereto à sua frente. Não importa quem entrasse na sala, ele não seria capaz de dançar, com o quadril amarrado em punho pelos chutes de Tuon, mas se o pior acontecesse, ele poderia pelo menos deixar marcas em algumas pessoas. Quando Egeanin atravessou aquela porta, ele cedeu na lança de alívio. Duas *sul'dam* entraram atrás dela, e Domon a seguiu. Mat deu sua primeira olhada em Edesina para saber quem ele estava vendo, embora se lembrasse dela de um dia em que a *damane* estava sendo exercitada, uma mulher esbelta e bonita com um daqueles vestidos cinza lisos, com cabelos pretos caindo até a cintura. Apesar do *a'dam* prendendo-

a ao pulso de Seta, Edesina olhou em volta com calma. Uma Aes Sedai na coleira, talvez, mas uma Aes Sedai confiante de que a coleira logo sairia. Teslyn, por outro lado, era uma massa trêmula de ansiedade, lambendo os lábios e olhando para a porta do estábulo. Renna e Seta apressaram as duas Aes Sedai atrás de Egeanin sem tirar os olhos da porta do estábulo. "Eu tive que acalmar a *der'sul'dam*", disse Egeanin, assim que ela entrou na sala. "Elas são muito protetoras de suas encarregadas." Percebendo Juilin e Thera, ela fez uma careta; não parecia haver razão para lhe contar sobre Thera, não quando ela estava disposta a ajudar *damane*, mas claramente ela não gostava da surpresa dos mantos de lã. "Ela ver Seta e Renna muda algumas coisas, é claro," ela continuou, "mas..." Suas palavras foram interrompidas como se cortadas com uma faca quando seus olhos caíram sobre Tuon. Egeanin era uma mulher pálida, mas ficou mais pálida. Tuon olhou para trás acima de sua mordança com a ferocidade severa de um carrasco. "Ah, Luz!" Egeanin disse com a voz rouca, caindo de joelhos. "Seu louco! É a morte por tortura lenta colocar as mãos na Filha das Nove Luas!" As duas *sul'dam* ofegaram e se ajoelharam sem hesitar, não apenas puxando as duas Aes Sedai para baixo com elas, mas segurando o *a'dam* pela gola para forçar seus rostos no chão. Mat grunhiu como se Tuon tivesse acabado de chutá-lo bem na barriga. Ele sentiu como se ela tivesse. A Filha das Nove Luas. O Aelfinn lhe disse a verdade, por mais que odiasse saber. Ele morreria e viveria novamente, se já não o tivesse feito. Ele abriria mão de metade da luz do mundo para salvá-lo, e nem queria pensar no que isso significava. Ele se casaria... "Ela é minha esposa," ele disse suavemente. Alguém fez um som de asfixia; ele pensou que era Domon. "O que?" Egeanin guinchou, sua cabeça chicoteando em direção a ele tão rápido que seu rabo de cabelo girou para dar um tapa em seu rosto. Ele não teria pensado que ela pudesse chiar. "Você não pode dizer isso! Você não deve dizer isso!"

"Por que não?" Ele demandou. O Aelfinn sempre dava respostas verdadeiras. Sempre. "Ela é minha esposa. Sua maldita Filha das Nove Luas é minha esposa!" Eles o encararam, exceto Juilin, que tirou o boné e o encarou. Domon balançou a cabeça e Noal riu baixinho. A boca de

Egeanin estava aberta. As duas *sul'dam* ficaram boquiabertas como se fosse um louco, delirante e solto. Tuon olhou, mas sua expressão era absolutamente ilegível, escondendo cada pensamento por trás daqueles olhos escuros. Ah, Luz, o que ele deveria fazer? Por um lado, devia se mover antes...

Selucia correu para a sala, e Mat gemeu. Todo mundo de todo o maldito Palácio iria entrar? Domon tentou agarrá-la, mas ela o iludiu, correndo. A rechonchuda *so'jhin* de cabelos dourados não estava tão majestosa como de costume, torcendo as mãos e olhando em volta com ar de caça. “Perdoe-me por falar,” ela disse com uma voz cheia de medo, “mas o que você faz é uma loucura além da loucura.” Com um gemido, ela se agachou entre as *sul'dam* ajoelhadas com uma mão no ombro de cada uma, como se procurasse sua proteção. Seus olhos azuis não paravam de esvoaçar pela sala. “Quaisquer que sejam os presságios, isso ainda pode ser corrigido se você apenas consentir em recuar.”

“Calma, Selucia,” Mat disse em tom calmante. Ela não estava olhando para ele, mas ele fez gestos calmantes de qualquer maneira. Em nenhuma de suas memórias ele conseguia encontrar uma maneira de lidar com uma mulher histérica. Exceto para se esconder. “Ninguém vai se machucar. Ninguém! Eu prometo. Você pode se acalmar agora.”

Por alguma razão, consternação passou por seu rosto, mas ela se ajoelhou e cruzou as mãos no colo. De repente, todo o seu medo desapareceu, e ela estava tão régia como sempre tinha sido. “Eu o obedecerei, contanto que você não prejudique minha senhora. Se você fizer isso, eu vou te matar.”

De Egeanin, isso teria lhe dado uma pausa. Vindo de uma mulher gorda de bochechas creme, baixa mesmo que ela fosse mais alta que sua dona, ele tirou isso da cabeça. A Luz sabia que as mulheres eram perigosas, mas ele achava que poderia lidar com a empregada de uma dama. Pelo menos ela não estava mais histérica. Estranho, como isso ia e vinha nas mulheres.

“Suponho que você pretende deixar as duas no palheiro?” disse Noal. “Não”, respondeu Mat, olhando para Tuon. Ela olhou de volta, ainda sem expressão que ele pudesse ler. Uma mulherzinha magra

como um menino, quando ele gostava de mulheres com carne nos ossos. Herdeira do trono Seanchan, quando as nobres lhe davam arrepios. Uma mulher que queria comprá-lo e agora provavelmente queria enfiar uma faca em suas costelas. E ela seria sua esposa. O Aelfinn sempre dava respostas verdadeiras. “Vamos levá-las conosco”, disse.

Por fim, Tuon mostrou expressão. Ela sorriu, como se de repente soubesse um segredo.

Ela sorriu, e ele estremeceu. Ah, Luz, como ele estremeceu.

Capítulo 32

Uma Porção de Sabedoria

A Roda Dourada era uma grande estalagem, perto do Mercado Avharin, com uma sala comunal comprida e cheia de pequenas mesas quadradas. Mesmo ao meio-dia, não havia mais do que uma mesa em cada cinco com alguém sentado, entretanto, geralmente um mercador estrangeiro encarando uma mulher em cores sóbrias com o cabelo preso no alto da cabeça ou preso na nuca. As mulheres também eram mercadoras ou banqueiras; em Far Madding, bancos e comércio eram proibidos aos homens. Todos os estrangeiros na sala comunal eram do sexo masculino, porque as mulheres entre eles podiam ser levadas para a Sala das Mulheres. O cheiro de peixe e carneiro cozinhando nas cozinhas enchia o ar, e de vez em quando um grito de uma das mesas chamava um dos serventes que esperavam em uma fila no fundo da sala. Caso contrário, os comerciantes e banqueiros mantinham suas vozes baixas. O som da chuva lá fora estava mais alto. "Você tem certeza?" Rand perguntou, pegando os desenhos amassados de um criado de mandíbula em forma de lanterna que ele havia puxado para um canto da sala. "Acho que é ele", disse o sujeito incerto, enxugando as mãos em um avental comprido bordado com uma roda de carroça amarela. "Parece com ele. Ele deve voltar em breve." Seus olhos dispararam além de Rand, e ele suspirou. "É melhor você comprar uma bebida ou ir embora. A senhora Gallger não gosta que a gente fale quando deveríamos estar trabalhando. E ela não gostaria que eu falasse sobre seus clientes a qualquer momento." Rand olhou por cima do ombro. Uma mulher magra com um pente alto de marfim preso no coque escuro atrás da cabeça estava de pé no arco pintado de amarelo que levava ao Salão das Mulheres. A maneira como ela olhava para a sala comunal – metade rainha examinando seus domínios, metade fazendeiro inspecionando seus campos, e de qualquer forma descontente com a escassez de comércio que via – a apontava como a estalajadeira. Quando seu olhar caiu sobre Rand e o sujeito de mandíbula de lanterna, ela franziu a testa. "Vinho quente", disse Rand, entregando ao homem algumas moedas, moedas de cobre para o

vinho e uma marca de prata por sua informação, por mais incerta que fosse. Mais de uma semana havia se passado desde que ele matara Rochaid e Kisman fugira, e em todos aqueles dias essa era a primeira vez que ele recebia mais do que um encolher de ombros ou um aceno de cabeça quando mostrava os desenhos.

Havia uma dúzia de mesas vazias por perto, mas ele queria estar em um canto na frente da sala, onde pudesse ver quem entrava sem ser visto, e enquanto ele se esgueirava entre as mesas, fragmentos de conversa pegou sua orelha.

Uma mulher alta e pálida vestida de seda verde escura balançou a cabeça para um homem atarracado com um casaco taireno preto justo. Um coque grisalho a fazia parecer um pouco com Cadsuane de lado. Ele parecia ser feito de blocos de pedra, mas seu rosto quadrado escuro estava preocupado. “Você pode ficar tranquilo sobre Andor, Mestre Admira,” ela disse suavemente. “Acredite em mim, os andoreanos vão gritar e balançar espadas uns para os outros, mas eles nunca vão deixar chegar a luta real. É do seu interesse manter a rota atual para suas mercadorias. Cairhien cobraria um quinto a mais do que Far Madding. Pense na despesa adicional.” O taireno fez uma careta como se estivesse pensando nisso. Ou se perguntando se os melhores interesses dele realmente coincidiam com os dela.

“Ouvi dizer que o corpo estava todo preto e inchado”, disse um illianense magro, de barba branca e um casaco azul escuro em outra mesa. “Ouvi dizer que as Conselheiras ordenaram que fosse queimado.” Ele ergueu as sobrancelhas significativamente e bateu na lateral de um nariz pontudo que lhe dava a aparência de uma doninha.

“Se houvesse peste na cidade, Mestre Azereos, as Conselheiras teriam anunciado”, disse calmamente a mulher esguia sentada à sua frente. Com dois elaborados pentes de marfim no cabelo enrolado, ela era bonita, com cara de raposa, e fria como uma Aes Sedai, embora com linhas tênues nos cantos dos outros olhos castanhos. “Realmente sugiro que não mude qualquer de seus negócios para Lugard. Murandy é o mais instável. Os nobres nunca apoiarão Roedran construindo um exército. E há Aes Sedai envolvidas, como tenho certeza de que você já ouviu falar. Só a Luz sabe o que elas vão fazer.” O illianense

encolheu os ombros desconfortavelmente. Hoje em dia, ninguém tinha muita certeza do que as Aes Sedai fariam, se é que alguma vez estiveram. Um kandoreano com mechas grisalhas na barba bifurcada e uma grande pérola na orelha esquerda estava inclinado para uma mulher corpulenta em seda cinza-escura que usava o cabelo preto em um rolo apertado no topo da cabeça. “Ouvi dizer que o Dragão Renascido foi coroado Rei de Illian, Senhora Shimel.” Uma carranca colocou mais rugas em sua testa. “Dada a proclamação da Torre Branca, estou pensando em enviar minhas carroças de mola para viajar ao longo do Erinin até Tear. A Estrada do Rio pode ser um caminho mais difícil, mas Illian não é um mercado tão bom para peles para que eu queira correr tantos riscos.”

A mulher corpulenta sorriu, um sorriso muito fino para um rosto tão redondo. “Disseram-me que o homem quase não foi visto em Illian desde que assumiu a coroa, mestre Posavina. De qualquer forma, a Torre vai lidar com ele, se já não lidou, e esta manhã, recebi a notícia de que a Pedra de Tear está sitiada. Isso dificilmente é uma situação em que você encontrará muito mercado para peles, vê? Não, Tear não é um lugar para evitar os riscos.” As rugas na testa de Mestre Posavina se aprofundaram. Alcançando uma pequena mesa no canto, Rand jogou sua capa sobre o encosto da cadeira e sentou-se de costas para a parede, levantando o colarinho. O sujeito de maxilar de lanterna trouxe uma taça de estanho fumegante com vinho condimentado, murmurou um agradecimento apressado pela prata e saiu correndo ao ouvir um grito de outra mesa. Duas grandes lareiras de cada lado da sala tiravam o frio do ar, mas se alguém notou que Rand estava de luvas, ninguém olhou para ele duas vezes. Ele fingiu olhar para a taça de vinho entre as mãos sobre a mesa enquanto mantinha um olho na porta da rua.

A maior parte do que ouvira não o interessou muito. Ele já tinha ouvido isso antes, e às vezes sabia mais do que as pessoas que ele escutava. Elayne concordava com a mulher pálida, por exemplo, e ela devia conhecer Andor melhor do que qualquer mercador de Far Madding. A Pedra sitiada era novidade, no entanto. Ainda assim, ele não precisa se preocupar com isso ainda. A Pedra nunca havia caído,

exceto para ele, e ele sabia que Alanna estava em algum lugar em Tear. Ele a sentiu saltar do norte de Far Madding para algum lugar muito mais ao norte, e então, um dia depois, para algum lugar distante ao sul e leste. Ela estava distante o suficiente para que ele não pudesse dizer se ela estava em Haddon Mirk ou na própria cidade de Tear, mas ele estava confiante de que ela estava em um lugar ou outro, com outras quatro irmãs em quem ele podia confiar. Se Merana e Rafela conseguiram o que ele queria do Povo do Mar, também poderiam conseguir dos tairenos. Rafela era tairena, e isso deveria ajudar. Não, o mundo poderia continuar sem ele um pouco mais. Tinha que continuar.

Um homem alto envolto em uma capa longa e úmida com o capuz escondendo o rosto veio da rua, e os olhos de Rand o seguiram até as escadas nos fundos da sala. Caminhando, o sujeito jogou o capuz para trás, revelando uma franja de cabelos grisalhos e um rosto pálido e franzido. Ele não podia ser aquele que o servo queria dizer. Ninguém com olhos o confundiria com Peral Torval.

Rand voltou a estudar a superfície de seu vinho, seus pensamentos azedando. Min e Nynaeve se recusaram a passar mais uma hora vagando pelas ruas, como Min havia dito, e ele suspeitava que Alivia estava apenas fazendo o movimento de mostrar os desenhos. Quando ela fazia isso. Todas as três estavam fora da cidade durante o dia, nas colinas, ele avaliou pelo que o vínculo lhe disse sobre Min. Ela se sentia muito animada com alguma coisa. as três acreditavam que Kisman havia fugido depois de não conseguir matar Rand, e os outros renegados tinham ido com ele ou nunca tinham vindo. Todas elas estavam tentando convencê-lo a ir embora havia dias agora. Pelo menos Lan não desistiu.

Por que as mulheres não podem estar certas? Lews Therin sussurrou ferozmente em sua cabeça. Esta cidade é pior do que qualquer prisão. Não há Fonte aqui! Por que elas ficariam? Por que qualquer homem são ficaria? Poderíamos cavalgar, para além da barreira, apenas por um dia, algumas horas. Luz, apenas por algumas horas! A voz riu incontrolavelmente, descontroladamente. Ah, Luz, por que eu tenho um louco na minha cabeça? Por quê? Por quê? Furioso,

Rand forçou Lews Therin a emitir um zumbido abafado, como uma mordida zumbindo nas proximidades. Ele havia pensado em acompanhar as mulheres em seu passeio, apenas para sentir a Fonte novamente, embora apenas Min tivesse demonstrado muito entusiasmo. Nynaeve e Alivia não admitiam por que queriam sair a cavalo quando o céu da manhã prometia a chuva que caía lá fora agora. Esta não foi a primeira vez que elas iam. Para sentir a Fonte, ele suspeitava. Beber novamente do Poder Único, mesmo que por pouco tempo. Bem, ele poderia suportar não ser capaz de canalizar. Ele poderia suportar a ausência da Fonte. Ele poderia! Ele tinha que suportar, para que pudesse matar os homens que tentaram matá-lo.

Essa não é a razão! Lews Therin gritou, forçando as tentativas de Rand para calá-lo. *Você está com medo! Se a doença o levar enquanto você estiver tentando usar o ter'angreal de acesso, pode matá-lo ou pior! Pode matar a todos nós!* ele gemeu.

O vinho derramou no pulso de Rand, encharcando a manga do casaco, e ele afrouxou o aperto na taça de vinho. A coisa não estava realmente em um círculo de verdade, para começar, e ele não achava que a havia dobrado o suficiente para ser notado. Ele não tinha medo! Ele se recusava a deixar o medo tocá-lo. Luz, ele tinha que morrer, eventualmente. Tinha aceitado isso. *Eles tentaram me matar, e eu os quero mortos por isso*, pensou. Se demorar um pouco, bem, talvez a doença passe então. *Queime você, eu tenho que viver até a Última Batalha*. Em sua cabeça, Lews Therin riu mais descontroladamente do que antes.

Outro homem alto entrou arrogantemente pela porta do estábulo, quase ao pé da escada no fundo da sala. Sacudindo a chuva de sua capa, ele jogou o capuz para trás e caminhou até a porta do Salão das Mulheres. Com sua boca zombeteira e nariz afilado, e um olhar que varria desdenhosamente as pessoas nas mesas, ele parecia algo como Torval, mas com vinte anos a mais no rosto e trinta quilos de gordura no corpo. Espiando através do arco amarelo, ele gritou em uma voz alta e petulante que era grossa com os sotaques de Illian. “Senhora Gallger, eu estarei partindo pela manhã. Cedo, então não espero cobranças para amanhã, lembre-se! Torval era um taraboneano.

Recolhendo sua capa, Rand deixou sua taça de vinho sobre a mesa e não olhou de volta. O céu do meio-dia estava cinzento e frio, e se a chuva havia abrandado, não era muito, e impelida pelos ventos tempestuosos do lago, era o suficiente para expulsar quase todo mundo das ruas. Ele segurou o manto em torno de si com uma mão, tanto para guardar os desenhos no bolso do casaco quanto para manter o resto do corpo seco, e usou a outra para segurar o capuz contra as rajadas de vento. As gotas de chuva sopradas pelo vento atingiram seu rosto como partículas de gelo. Uma liteira solitária passou por ele, os cabelos dos carregadores pendendo encharcados pelas costas e as botas espirrando em poças nas pedras do calçamento. Algumas pessoas se arrastavam pelas ruas embrulhadas em suas capas. Restavam horas de luz do dia, tal como era, mas passou por uma estalagem chamada Coração da Planície sem entrar, e depois pela Três Damas de Maredo. Disse a si mesmo que era a chuva.

Este não era o clima para estar indo de pousada em pousada. Ele sabia que estava mentindo, no entanto.

Uma mulher baixa e robusta que descia a rua embrulhada em um manto escuro de repente se virou para ele. Quando ela parou na frente dele e levantou a cabeça, ele viu que era Verin.

"Então você está aqui, afinal", disse ela. Pingos de chuva caíram em seu rosto virado para cima, mas ela não pareceu notar. "Sua estalajadeira pensou que você pretendia caminhar até o Avharin, mas ela não tinha certeza. Receio que a Sra. Keene não preste muita atenção às idas e vindas dos homens. E aqui estou eu com meus sapatos e minhas meias encharcados. Eu gostava de andar na chuva quando era menina, mas parece ter perdido o charme em algum lugar ao longo do caminho."

"Cadsuane mandou você?" ele perguntou, tentando evitar que sua voz soasse esperançosa. Ele manteve seu quarto n'A Cabeça do Conselho depois que Alanna saiu para que Cadsuane pudesse encontrá-lo. Dificilmente poderia deixá-la interessada se ela tivesse que procurá-lo pousada por pousada. Especialmente porque ela não mostrou nenhuma evidência de que ela iria caçar.

"Ah não; ela nunca faria isso." Verin pareceu surpresa com o pensamento. "Eu só pensei que você poderia querer ouvir as notícias. Cadsuane está cavalgando com as meninas." Ela franziu a testa pensativa, inclinando a cabeça. "Embora eu suponha que não deva chamar Alivia de menina. Uma mulher intrigante. Muito velha para se tornar uma noviça, infelizmente; ah, sim, isso é muito infeliz. Ela aprende tudo o que é ensinado. Acredito que ela pode saber quase todas as maneiras de destruir algo com o Poder, mas ela não sabe quase nada mais."

Ele a puxou para o lado da rua, onde o beiral profundo e suspenso de uma casa de pedra térrea oferecia um pequeno abrigo da chuva, se não do vento em grande medida. Cadsuane estava com Min e as outras? Podia não significar nada. Ele já tinha visto Aes Sedai fascinada por Nynaeve antes, e de acordo com Min, Alivia era ainda mais forte. "Que novidades, Verin?" ele disse baixinho. A pequena Aes Sedai redonda piscou como se tivesse esquecido que havia alguma notícia, então sorriu de repente. "Ah sim. Os Seanchan. Eles estão em Illian. Não a cidade, ainda não; não há necessidade de ficar pálido. Mas eles cruzaram a fronteira. Eles estão construindo acampamentos fortificados ao longo da costa e do interior. Sei pouco de assuntos militares. Eu sempre pulo as batalhas quando leio uma história. Mas me parece que, estejam eles na cidade ou não, é para lá que eles estão mirando. Suas batalhas não parecem ter feito muito para retardá-los. É por isso que eu não leio sobre as batalhas. Elas raramente parecem alterar alguma coisa a longo prazo, apenas a curto. Você está bem?"

Ele forçou os olhos a abrirem. Verin olhou para ele como um pardal gorducho. Toda aquela luta, todos aqueles homens mortos, homens que ele havia matado, e nada havia mudado. Nada!

Ela está errada, murmurou Lews Therin em sua cabeça. *As batalhas podem alterar a história*. Ele não parecia satisfeito com isso. O problema é que, às vezes, não se pode dizer *como* a história será alterada até que seja tarde demais.

"Verin, se eu fosse até Cadsuane, ela falaria comigo? Sobre algo diferente de como minhas maneiras não combinam com ela? Isso é tudo com que ela parece se importar."

"Ah, céus. Receio que Cadsuane seja muito tradicionalista em alguns aspectos, Rand. Eu nunca a ouvi chamar um homem de arrogante, mas..." Ela colocou os dedos contra a boca em pensamento por um momento, então assentiu, gotas de chuva escorrendo pelo rosto. "Acredito que ela ouvirá o que você tem a dizer, se conseguir apagar a má impressão que causou nela. Ou pelo menos esfume o máximo que puder. Poucas irmãs ficam impressionadas com títulos ou coroas, Rand e Cadsuane menos do que qualquer outra que eu conheça. Ela se preocupa muito mais se as pessoas são ou não tolas. Se você puder mostrar a ela que você não é um tolo, ela vai ouvir."

"Então diga a ela..." Ele respirou fundo. Luz, ele queria estrangular Kisman e Dashiva e todos eles com as próprias mãos! "Diga a ela que partirei de Far Madding amanhã e espero que ela venha comigo, como minha conselheira." Lews Therin suspirou de alívio com a primeira parte disso; se ele fosse mais do que uma voz, Rand teria dito que ele endureceu na segunda parte. "Diga a ela que eu aceito seus termos; peço desculpas pelo meu comportamento em Cairhien e farei o meu melhor para cuidar das minhas maneiras no futuro." Dizer isso dificilmente era agradável. Bem, um pouco, mas a menos que Min estivesse errada, ele precisava de Cadsuane, e Min nunca estava errada com suas visões.

"Então você encontrou o que está procurando aqui?" Ele franziu a testa para ela, e ela sorriu de volta e deu um tapinha em seu braço. "Se você tivesse vindo para Far Madding pensando que poderia conquistar a cidade anunciando quem você é, você teria ido embora assim que percebesse que não pode canalizar aqui. Isso deixa o desejo de encontrar algo, ou alguém."

"Talvez eu tenha encontrado o que eu preciso," ele disse secamente. Só não era o que ele queria. "Então venha para o palácio Barsalla, nas Alturas, esta noite, Rand. Qualquer um pode lhe dizer como encontrá-lo. Tenho certeza de que ela estará disposta a ouvi-lo." Movendo o manto, ela pareceu notar a umidade da lã pela primeira vez. "Ah, meu Deus. Devo ir me secar. Sugiro que você faça o mesmo." Meio virada para sair, ela fez uma pausa e olhou por cima do ombro para ele. Seus olhos escuros não piscavam. De repente, ela não

parecia confusa. “Você poderia ter muito pior do que Cadsuane como uma conselheira, Rand, mas duvido que você pudesse ter melhor. Se ela aceitar, e você realmente não for um tolo, você ouvirá o conselho dela.” Ela deslizou pela chuva parecendo nada mais do que um cisne muito robusto. *Às vezes aquela mulher me assusta*, murmurou Lews Therin, e Rand assentiu. Cadsuane não o assustava, mas o deixava cauteloso. Qualquer Aes Sedai que não tivesse jurado a ele o deixava cauteloso, exceto Nynaeve. E ele nem sempre tinha certeza dela também.

A chuva cessou enquanto ele caminhava os três quilômetros de volta para A Cabeça do Conselho, mas o vento aumentou, e a placa sobre a porta, pintada com o rosto severo de uma mulher usando a coroa cravejada de joias de uma primeira conselheira, balançou rangendo dobradiças. A sala comunal era menor que a da Roda Dourada, mas os painéis das paredes eram esculpidos e polidos, as mesas sob as vigas vermelhas do teto não tão amontoadas. A porta do Salão das Mulheres também era vermelha e esculpida como uma renda intrincada, assim como as cornijas das lareiras de mármore claro. N’A Cabeça do Conselho, as servas prendiam seus longos cabelos com presilhas de prata polida. Apenas duas delas podiam ser vistas, de pé perto da porta da cozinha, mas havia apenas três homens nas mesas, comerciantes estrangeiros sentados distantes um do outro, cada um absorto em seu próprio vinho. Concorrentes, talvez, já que de vez em quando um ou outro se mexia na cadeira e franzia a testa para os outros dois. Um deles, um homem grisalho, usava um casaco de seda cinza escuro, e um sujeito magro de rosto duro tinha uma pedra vermelha do tamanho de um ovo de pombo na orelha. A Cabeça do Conselho atendia aos mercadores estrangeiros mais ricos, e não havia muitos deles em Far Madding no momento.

O relógio em uma lareira no Salão das Mulheres — um relógio com caixa de prata, pelo que Min disse — tocou a hora com pequenos sinos quando ele entrou na sala comunal, e antes que ele terminasse de sacudir sua capa, Lan entrou. Assim que o Guardião encontrou o olhar de Rand, ele balançou a cabeça. Bem, Rand realmente não esperava encontrá-los neste momento. Mesmo para um *ta’veren*, isso podia ser

o impossível. Uma vez que ambos tomaram taças fumegantes de vinho e se sentaram em um longo banco vermelho em frente a uma das lareiras, ele disse a Lan o que havia decidido e por quê. Parte do porquê. A parte importante. “Se eu tivesse minhas mãos sobre eles neste minuto, eu os mataria e arriscaria escapar, mas matá-los não muda nada. Não muda o suficiente, de qualquer maneira,” ele corrigiu, franzindo a testa para as chamas. “Posso esperar mais um dia, esperando encontrá-los amanhã, por semanas. Meses. Só que o mundo não vai esperar por mim. Eu pensei que já teria terminado com eles agora, mas os eventos já estão marchando à frente do que eu esperava. Apenas os eventos que eu conheço. Luz, o que está acontecendo que eu não sei porque não ouvi algum mercador falando sobre isso com seu vinho?”

“Você nunca pode saber tudo,” Lan disse calmamente, “e parte do que você sabe está sempre errado. Talvez a parte mais importante. Uma porção de sabedoria está em saber disso. Uma porção de coragem está em continuar de qualquer maneira.” Rand esticou as botas em direção ao fogo. “Nynaeve lhe contou que ela e as outras estão fazendo companhia a Cadsuane? Elas estão de carona com ela agora.” No caminho de volta, melhor dizendo. Ele podia sentir Min se aproximando. Ela não demoraria muito mais. Ela ainda estava animada com alguma coisa, um sentimento que surgia e diminuía como se ela estivesse tentando segurá-lo.

Lan sorriu, um evento raro sem a presença de Nynaeve. Não alcançou seus olhos gelados, no entanto. “Ela me proibiu de revelar a você, mas como você já sabe... Ela e Min convenceram Alivia de que, se conseguissem captar o interesse de Cadsuane, poderiam aproximá-la de você. Elas descobriram onde ela está hospedada e pediram que ela as ensinasse.” O sorriso desapareceu, deixando um rosto esculpido em pedra. “Minha esposa fez um sacrifício por você, pastor de ovelhas,” ele disse calmamente. “Espero que você se lembre disso. Ela não vai falar muito, mas acredito que Cadsuane a trata como se ela ainda fosse uma das Aceitas, ou talvez uma noviça. Você sabe como isso seria difícil para Nynaeve suportar.”

“Cadsuane trata todos como se fossem noviças”, resmungou Rand. Arrogante? Luz, como ele iria lidar com a mulher? E ainda assim ele tinha que encontrar um jeito. Eles ficaram em silêncio, olhando para o fogo até que o vapor começou a subir de suas botas.

O laço deu-lhe um aviso, e ele olhou ao redor no momento em que Nynaeve apareceu pela porta do estábulo, e então Min e Alivia, sacudindo a chuva de suas capas e ajustando suas saias divididas e fazendo caretas em lugares úmidos como se esperassem andar com este tempo sem se molhar. Como de costume, Nynaeve estava usando seu *ter'angreal* de joias, cinto e colar, pulseiras e anéis, e os estranhos braceletes e anéis *angreal*.

Ainda se arrumando, Min olhou para Rand e sorriu, nem um pouco surpresa ao vê-lo ali, é claro. Calor fluía dela ao longo do vínculo como uma carícia, embora ela ainda estivesse tentando suprimir sua excitação. As outras duas mulheres demoraram mais para notar Lan e ele, mas quando o fizeram, entregaram suas capas a um dos servos para serem levadas para seus quartos e se juntaram aos dois homens na lareira, estendendo as mãos para o calor.

“Vocês gostaram do seu passeio na chuva com Cadsuane?” Rand perguntou, levantando o copo para tomar um gole do vinho doce. A cabeça de Min virou em direção a ele, e um lampejo de culpa perfurou o laço, mas a expressão em seu rosto era de pura indignação. Ele quase engasgou ao engolir. Como se ela estivesse encontrando Cadsuane pelas costas por culpa dele. “Pare de olhar para Lan, Nynaeve,” ele disse quando conseguiu falar. “Verin me contou.” Nynaeve mudou seu olhar sombrio para ele, e ele balançou a cabeça. Ele tinha ouvido as mulheres dizerem que, qualquer que fosse o motivo, sempre era culpa do homem, mas às vezes as mulheres realmente pareciam acreditar nisso! “Peço desculpas por tudo o que você passou com ela em meu nome,” ele continuou, “mas você não vai precisar mais. Pedi a ela para ser minha conselheira. Ou melhor, pedi a Verin para dizer a ela que quero pedir. Esta noite. Com alguma sorte, ela partirá conosco amanhã.” Ele esperava exclamações de alívio surpreso, mas não foi isso que ele conseguiu. “Uma mulher notável, Cadsuane,” Alivia disse, ajeitando seu cabelo dourado com fios

brancos no lugar. Seu sotaque rouco parecia impressionado. “Uma mestra rigorosa, ela pode ensinar.”

“Às vezes você pode ver a floresta, cabeçudo, se você for levado a ela pelo nariz”, disse Min, cruzando os braços sob os seios. O vínculo tinha aprovação, mas ele não achava que fosse por decidir desistir de encontrar os renegados. “Lembre-se que ela quer um pedido de desculpas por Cairhien. Pense nela como sua tia, aquela que não tolera nenhuma bobagem, e você vai se dar bem com ela.”

“Cadsuane não é tão ruim quanto parece.” Nynaeve franziu o cenho para as outras duas mulheres, e sua mão se moveu em direção à trança desenhada sobre o ombro, embora tudo o que fizeram foi olhar para ela. “Bem, ela não é! Resolveremos nossas... diferenças... com o tempo. Isso é tudo que vai precisar. Um pouco de tempo.” Rand trocou olhares com Lan, que deu de ombros levemente e tomou outro gole. Rand exalou lentamente. Nynaeve tinha diferenças com Cadsuane que ela poderia resolver com o tempo, Min via uma tia rígida na mulher, e Alivia uma professora rigorosa. A primeira opção faria faíscas voarem até que fosse resolvida, se ele conhecesse Nynaeve, e as duas últimos ele não queria. Mas ele estava preso a elas. Ele mesmo tomou outro gole de vinho.

Os homens nas mesas não estavam perto o suficiente para ouvir, a menos que ela falasse alto, mas Nynaeve baixou a voz e se inclinou na direção de Rand. “Cadsuane me mostrou o que dois dos meus *ter'angreal* fazem”, ela sussurrou, um brilho de excitação em seus olhos. “Aposto que os enfeites que ela usa são *ter'angreal* também. Ela reconheceu os meus assim que os tocou.” Sorrindo, Nynaeve manuseou um dos três anéis em sua mão direita, aquele com uma pedra verde-clara. “Eu sabia que isso detectaria alguém canalizando *saidar* a até cinco quilômetros de distância, se eu o configurasse, mas ela diz que detectaria *saidin* também. Ela parecia pensar que isso deveria me dizer em que direção eles estavam também, mas não pudemos ver como.”

Afastando-se da lareira, Alivia fungou alto, mas também baixou a voz para dizer: “E você ficou satisfeita quando ela não conseguiu. Eu

vi em seu rosto. Como você pode se contentar com o não saber, com a ignorância?”

“Só que ela não sabe de tudo,” Nynaeve murmurou, olhando por cima do ombro para a mulher mais alta, mas um instante depois seu sorriso voltou. “A coisa mais importante, Rand, é isso.” Suas mãos pousaram no cinto fino de joias ao redor de sua cintura. “Ela chamou de 'Poço'.” Ele deu um pulo quando algo roçou seu rosto, e ela riu. Nynaeve realmente deu uma risadinha! “É um poço,” ela riu por trás dos dedos pressionados sobre sua boca, “ou um barril, de qualquer maneira. E cheio de *saidar*. Não muito, mas tudo o que tenho que fazer para enchê-lo de novo é abraçar *saidar* através dele como se fosse um *angreal*. Não é maravilhoso?”

“Maravilhoso”, disse ele sem muito entusiasmo. Então Cadsuane estava andando com *ter'angreal* no cabelo, é mesmo, e muito provavelmente um desses “poços” entre eles, ou ela não teria reconhecido. Luz, ele achava que ninguém jamais havia encontrado dois *ter'angreal* que fizessem a mesma coisa. Encontrá-la esta noite já teria sido ruim o suficiente sem saber que ela seria capaz de canalizar, mesmo aqui. Ele estava prestes a pedir a Min para ir com ele, quando a Sra. Keene apareceu, o coque branco no topo de sua cabeça tão apertado que parecia que ela estava tentando arrancar a pele do rosto. Ela lançou um olhar desconfiado e desaprovador para Rand e Lan e franziu os lábios como se estivesse considerando o que eles tinham feito de errado. Ele a tinha visto dar o mesmo olhar para os mercadores que ficaram na pousada. Os homens, de qualquer maneira. Se as acomodações não fossem tão confortáveis e a comida tão boa, talvez ela não tivesse nenhum cliente.

“Isto foi entregue para seu marido esta manhã, Sra. Farshaw,” ela disse, entregando a Min uma carta lacrada com uma mancha de cera vermelha. O queixo pontudo da estalajadeira se ergueu. “E uma mulher estava perguntando por ele.”

“Verin,” Rand disse rapidamente, para evitar perguntas e se livrar da mulher. Quem sabia onde ele estava para mandar uma carta para ele aqui? Cadsuane? Um dos Asha'man com ela? Talvez uma das

outras irmãs? Ele franziu a testa para o quadrado de papel dobrado na mão de Min, impaciente para que a estalajadeira fosse embora.

Os lábios de Min se contraíram, e ela evitou olhar para ele com tanta força que ele sabia que era o motivo do sorriso. Sua diversão gotejou através do vínculo. “Obrigada, Senhora Keene. Verin é uma amiga.”

Aquele queixo afiado subiu mais alto. “Se você me perguntar, senhora Farshaw, quando você tem um marido bonito, você precisa cuidar de suas amigas também.”

Observando a mulher marchar de volta para o arco vermelho, os olhos de Min brilharam com a alegria que fluía ao longo do laço, e sua boca lutou para não rir. Em vez de entregar a mensagem a Rand, ela quebrou o selo com o polegar e desdobrou a carta ela mesma, para todo o mundo como se fosse uma nativa desta cidade louca. Ela franziu a testa ligeiramente enquanto lia, mas um breve brilho no vínculo foi o único aviso que ele teve. Amassando a carta, ela se virou para a lareira; ele saltou do banco para arrancá-la da mão dela antes que ela pudesse jogá-la nas chamas.

“Não seja tolo,” ela disse, pegando seu pulso. Ela olhou para ele, seus grandes olhos escuros mortalmente sérios. Tudo o que veio a ele através do vínculo foi uma intensidade sombria. “Por favor, não seja um tolo.”

“Prometi a Verin que tentaria não ser”, disse ele, mas Min não sorriu. Ele alisou a página em seu peito. A escrita estava em uma caligrafia de aranha que ele não reconheceu, e não havia assinatura.

Eu sei quem você é e desejo-lhe felicidades, mas também desejo que você se vá de Far Madding. O Dragão Renascido deixa morte e destruição por onde pisa. Agora eu também sei por que você está aqui. Você matou Rochaid, e Kisman também está morto. Torval e Gedwyn ocupam o último andar acima de um sapateiro chamado Zeram na Rua da Carpa Azul, logo acima do Portão de Illian. Mate-os e vá, e deixe Far Madding em paz.

O relógio do Salão das Mulheres tocou a hora. Restavam horas de luz do dia antes que ele tivesse que encontrar Cadsuane.

Capítulo 33

Rua da Carpa Azul

Min sentou-se de pernas cruzadas na cama, uma posição que não era tão confortável em um vestido de montaria quanto em calções, e rolou uma de suas facas nas costas de outros dedos. Era uma habilidade absolutamente inútil, Thom havia dito a ela, mas às vezes chamava a atenção das pessoas e as fazia prestar atenção sem necessidade de fazer mais. No meio do quarto deles, Rand estava segurando sua espada embainhada para estudar os cortes que ele havia feito no fio de paz, e não prestou atenção nela. As cabeças do Dragão nas costas de suas mãos brilhavam, vermelho metálico e dourado. “Você admite que isso tem que ser uma armadilha,” ela rosnou para ele. “Lan admite. Uma cabra meio cega em Seleisin tem mais cérebro do para que cair em uma armadilha! 'Só os tolos beijam vespas ou mordem fogo!”, ela citou.

“Uma armadilha não é realmente uma armadilha se você sabe que está lá”, disse ele distraidamente, dobrando um pouco a ponta de um dos fios cortados para se alinhar melhor com seu companheiro. “Se você sabe que está lá, talvez possa ver uma maneira de entrar que não seja uma armadilha.”

Ela jogou a faca o mais forte que pôde. Ela voou na frente de seu rosto para ficar trêmula na porta, e ela deu um pequeno pulo lembrando a última vez que tinha feito isso. Bem, ela não estava deitada em cima dele agora, e Cadsuane não ia entrar, por sorte. Que queimasse o homem, aquele nó congelado de emoções em sua cabeça nem sequer estremeceu quando a faca passou, nem por um lampejo de surpresa! “Mesmo que você veja Gedwyn e Torval, você sabe que os outros estarão lá, escondidos. Luz, eles podem ter cinquenta mercenários esperando!”

“Em Far Madding?” Ele parou de olhar para a faca enfiada na porta, mas apenas para balançar a cabeça e voltar a examinar o fio de paz. “Duvido que haja dois mercenários em toda a cidade, Min. Acredite em mim, não pretendo me matar aqui. A menos que eu consiga ver como

abrir a armadilha sem ser pego, não chegarei perto dela.” Não havia mais medo nele do que em uma pedra! E quase tanto sentido! Ele não pretendia ser morto, como se alguém alguma vez pretendesse! Saindo da cama, ela abriu a frente da mesa de cabeceira tempo suficiente para tirar o chicote que a Sra. Keene tinha certeza que estava em cada quarto, mesmo que ela alugasse para forasteiros. A coisa era tão longa quanto seu braço e tão larga quanto sua mão, com uma alça de madeira em uma extremidade e a outra dividida em três caudas. “Talvez se eu usasse isso em você, limpasse seu nariz o suficiente para sentir o cheiro do que está na sua frente!” ela reclamou.

Foi quando Nynaeve e Lan e Alivia entraram. Nynaeve e Lan estavam encapuzados, e Lan tinha sua espada em seu quadril. Nynaeve havia removido todas as joias, exceto uma pulseira de pedras preciosas e o cinto de joias, o Poço. Lan fechou a porta silenciosamente. Nynaeve e Alivia ficaram olhando para Min com o chicote levantado sobre a cabeça.

Apressadamente, ela largou a coisa no tapete florido e a chutou para debaixo da cama com a lateral do pé. “Eu não entendo por que você está deixando Lan fazer isso, Nynaeve”, disse ela com a maior firmeza possível. No momento, isso não era particularmente firme. Por que as pessoas sempre entravam no pior momento? “Uma irmã tem que confiar no julgamento de seu Guardião às vezes,” Nynaeve disse friamente, colocando suas luvas. Seu rosto pertencia a uma boneca de porcelana por toda a emoção que exibia. Ah, ela estava sendo Aes Sedai até as unhas dos pés. *Ele não é seu Guardião, é seu marido*, Min queria dizer, *e pelo menos você pode ir cuidar dele. Eu não sei se meu Guardião vai se casar comigo, e ele ameaçou me amarrar se tentasse ir com ele!* Não que ela tivesse argumentado muito sobre esse ponto. Se ele ia ser um tolo, havia maneiras melhores de salvá-lo do que tentar enfiar uma faca em alguém. “Se vamos fazer isso, pastor de ovelhas,” Lan disse severamente, “é melhor fazermos isso enquanto ainda há luz para ver.” Seus olhos azuis pareciam mais frios do que nunca e duros como pedras polidas. Nynaeve deu a ele um olhar preocupado que quase fez Min sentir pena dela. Quase.

Rand amarrou a espada sobre o casaco, depois acomodou a capa com o capuz pendurado nas costas e virou-se para ela. Seu rosto era tão duro quanto o de Lan, seus olhos azuis acinzentados quase tão frios, mas na cabeça dela aquela pedra congelada brilhava com veias de ouro ardente. Ela queria emaranhar as mãos no cabelo tingido de preto que quase roçava seus ombros e beijá-lo, não importa quantas pessoas estivessem assistindo. Em vez disso, ela cruzou os braços sobre o peito e ergueu o queixo, deixando clara sua desaprovação. Ela também não pretendia que ele morresse ali, e não ia deixá-lo começar a pensar que ela cederia só porque ele era teimoso.

Ele não tentou tomá-la em seus braços. Assentindo como se realmente entendesse, ele pegou suas luvas da mesinha perto da porta. “Voltarei assim que puder, Min. Então vamos para Cadsuane.” Essas veias douradas continuaram a brilhar mesmo depois que ele saiu da sala, seguido por Lan.

Nynaeve parou, segurando a porta. “Vou cuidar dos dois, Min. Alivia, por favor, fique com ela e veja se ela não faz nenhuma tolice.” Ela estava toda fria, com uma postura digna de Aes Sedai. Até que ela olhou para o corredor. “Queime-os!” ela gritou. “Eles estão indo embora!” E ela correu, deixando a porta entreaberta. Alivia fechou. “A gente deve jogar para passar o tempo, Min?” Atravessando o tapete, ela se sentou no banquinho em frente à lareira e tirou um pedaço de barbante de sua bolsa. “Cama de gato?”

“Não, obrigada, Alivia,” Min disse, quase balançando a cabeça com a ansiedade na voz da mulher. Rand podia ser complacente com o que Alivia ia fazer, mas Min se propôs a conhecê-la, e o que ela descobriu foi surpreendente. Na superfície, a ex-*damane* era uma mulher madura que parecia bem na meia-idade, severa e feroz e até mesmo intimidadora. Ela certamente conseguia intimidar Nynaeve. Nynaeve raramente dizia ‘por favor’ a alguém, exceto Alivia. Mas ela se tornou *damane* aos quatorze anos, e seu amor por jogos infantis não era a única estranheza nela.

Min desejou que houvesse um relógio no quarto, embora a única pousada que ela pudesse imaginar com um relógio em cada quarto fosse uma pousada para rainhas e reis. Andando de um lado para o

outro sob o olhar atento de Alivia, ela contou os segundos em sua cabeça, tentando julgar quanto tempo levaria para Rand e os outros irem além da visão da pousada. Quando ela decidiu que já havia passado tempo suficiente, ela pegou sua capa do guarda-roupa. Alivia disparou para bloquear a porta, mãos nos quadris, e não havia nada infantil em sua expressão. "Você não vai atrás deles", ela falou com voz firme. "Isso só causaria problemas agora, e eu não posso permitir isso." Com aqueles olhos azuis e aquele cabelo dourado, sua cor estava toda errada, mas ela lembrava a Min sua tia Rana, que sempre parecia saber quando você fazia algo errado e sempre cuidava para que você não quisesse fazer de novo. "Você se lembra daquelas conversas que tivemos sobre homens, Alivia?" A outra mulher ficou vermelha brilhante, e Min acrescentou apressadamente: "Quero dizer aquela sobre como eles nem sempre pensam com seus cérebros." Muitas vezes ela tinha ouvido mulheres zombando que alguma outra mulher não sabia nada sobre os homens, mas ela nunca tinha conhecido uma delas até encontrar Alivia. Ela realmente não sabia de nada! "Rand vai se meter em problemas mais do que suficientes sem mim. Vou encontrar Cadsuane, e se você tentar me impedir..." Ela ergueu o punho cerrado.

Por um longo momento, Alivia franziu a testa para ela. Por fim, ela disse: "Deixe-me pegar minha capa e irei com você".

Não se viam liteiras nem criados uniformizados na Rua da Carpa Azul, e as carruagens nunca caberiam na passagem estreita e tortuosa. Lojas e casas de pedra com telhado de ardósia ladeavam a rua, a maioria de dois andares, às vezes apertando uma contra a outra e às vezes com um pequeno beco entre elas. A calçada ainda estava escorregadia da chuva, e o vento frio tentou levar a capa de Rand para longe, mas as pessoas estavam de volta e se movimentando. Três guardas de rua, um com um mastro no ombro, pararam para olhar a espada de Rand e seguiram seu caminho. Não muito longe, do outro lado da rua, o prédio que abrigava a loja do sapateiro Zeram tinha três andares, sem contar o sótão sob o telhado pontiagudo.

Um homem magro com queixo muito pequeno colocou a moeda de Rand em sua bolsa e usou uma fina tira de madeira para levantar uma torta de carne marrom da grelha a carvão em seu carrinho de mão. Seu rosto estava enrugado, seu casaco escuro surrado e seu longo cabelo grisalho estava amarrado com um cordão de couro. Seus olhos se voltaram para a espada de Rand e desviaram o olhar rapidamente. “Por que você pergunta sobre o sapateiro? Esse é o melhor carneiro, aqui.” Um sorriso cheio de dentes fez com que seu queixo quase desaparecesse, e seus olhos de repente pareciam muito vacilantes. “A própria Primeira Conselheira não come melhor.”

Havia tortas de carne chamadas pastéis quando eu era menino, murmurou Lews Therin. *Nós os comprávamos no interior e....*

Jogando a torta de mão em mão, o calor encharcando suas luvas, Rand suprimiu a voz. “Gosto de saber que tipo de homem faz minhas botas. Ele suspeita de estranhos, por exemplo? Um homem não faz seu melhor trabalho se suspeita de você.”

"Sim, Senhora", disse o sujeito sem queixo, abaixando a cabeça para uma mulher gorda de cabelos grisalhos com estrabismo. Embrulhando quatro tortas de carne em papel grosso, ele entregou a ela o pacote antes de pegar suas moedas. “Um prazer, Senhora. Que a Luz brilhe sobre você.” Ela cambaleou sem dizer uma palavra, segurando as tortas embrulhadas sob a capa, e ele fez uma careta amarga para ela antes de voltar sua atenção para Rand. “Zeram nunca teve um osso suspeito e, se tivesse, Milsa não o deixaria ficar com ele. Essa é a esposa dele. Desde que o último dos filhos se casou, Milsa está alugando o último andar. Sempre que ela encontra alguém, não se importe de ficar trancada à noite, de qualquer maneira”, ele riu. “Milsa colocou escadas até o terceiro andar, então é privado, mas ela não pagaria para ter uma nova porta cortada também, então as escadas saem na loja, e ela não confia o suficiente para deixar isso destrancado à noite. Você vai comer essa torta, ou apenas olhar para ela?”

Dando uma mordida rápida, Rand limpou o suco quente de seu queixo e caminhou até o abrigo sob o beiral de uma pequena loja de cutelaria. Ao longo da rua, outros tomavam uma refeição rápida dos

vendedores de comida, tortas de carne ou peixe frito ou cones de papel retorcidos empilhados com ervilhas torradas. Três ou quatro homens tão altos quanto ele, e duas ou três mulheres tão altas quanto a maioria dos outros homens na rua, poderiam ser Aiel. Talvez o sujeito sem queixo não fosse tão astuto quanto parecia, ou talvez fosse apenas que Rand não tivesse comido nada desde o café da manhã, mas Rand se viu querendo devorar a torta e comprar outra. Em vez disso, ele se obrigou a comer devagar. Zeram parecia estar fazendo um bom negócio. Um fluxo constante, se não contínuo, de homens entrava em sua loja, a maioria carregando um par de botas para serem consertadas. Mesmo que deixasse os visitantes subirem sem avisar antes, poderia identificá-los mais tarde, e talvez outros dois ou três também. Se os renegados estivessem alugando o último andar da esposa do sapateiro, ficar trancados à noite não os incomodaria muito. Ao sul, um beco separava a casa do sapateiro de uma casa térrea, um desnível perigoso, mas do outro lado, um prédio de dois andares com uma costureira no térreo ficava de parede a parede com o sapateiro. O prédio de Zeram não tinha janelas, exceto na frente — nos fundos havia outro beco, para levar o lixo; Rand já havia verificado —, mas tinha que haver um caminho para o telhado para que as ardósias pudessem ser consertadas quando necessário. Dali seria uma pequena queda até o telhado da costureira, com apenas mais três para atravessar antes de outro prédio baixo, uma loja de velas, e um salto fácil para a rua ou para o beco atrás dos prédios. Não haveria muito risco nisso à noite, ou mesmo à luz do dia, se você ficasse longe da rua e tomasse cuidado com as patrulhas da Guarda quando descesse. Na curva da Rua da Carpa Azul, as arquibancadas mais próximas estavam fora de vista.

Dois homens se aproximando do sapateiro o fizeram se virar e fingir espiar pelas vidraças borbulhantes da pequena vitrine do cuteleiro uma vitrine de tesouras e facas presas a uma tábua. Um dos homens era alto, embora não tão alto quanto os possíveis Homens Aiel. Seus capuzes profundos escondiam seus rostos, mas nenhum deles carregava um par de botas e, embora segurassem seus mantos com as duas mãos, o vento sacudia as caudas deles o suficiente para mostrar o fundo das espadas embainhadas. Uma rajada puxou o capuz

do homem mais baixo de sua cabeça, e ele o colocou de volta, mas não antes que o estrago estivesse feito. Charl Gedwyn estava acostumado a usar o cabelo preso na nuca com uma presilha de prata com uma grande pedra vermelha, mas ainda era um homem de rosto duro com um olhar desafiador. E a presença de Gedwyn fazia do outro Torval. Rand estava disposto a apostar nisso. Nenhum dos outros era tão alto.

Esperando até que a dupla entrasse na loja de Zeram, Rand lambeu algumas migalhas gordurosas de suas luvas e foi procurar Nynaeve e Lan. Ele os encontrou antes de estar longe o suficiente ao longo da curva da rua para perder de vista o sapateiro. O fabricante de velas que ele havia marcado como uma descida dos telhados estava um pouco atrás dele, com um beco de um lado. À frente, a rua estreita virava na direção oposta. Não mais do que cinquenta passos adiante havia um posto de vigia com um guarda de rua no topo, mas outro prédio de três andares, um marceneiro que dividia o beco com o fabricante de velas, bloqueava os telhados além de sua visão.

“Meia dúzia de pessoas reconheceu Torval e Gedwyn”, disse Lan, “mas nenhum dos outros.” Ele manteve a voz baixa, embora ninguém passando mais do que olhasse para os três. Um vislumbre de dois homens usando espadas sob suas capas foi o suficiente para fazer todos que notaram andar um pouco mais rápido. “Um açougueiro na rua diz que aqueles dois comprem dele”, disse Nynaeve, “mas nunca mais do que o suficiente para dois.” Ela olhou de soslaio para Lan como se a dela fosse a prova real.

“Eu os vi”, disse Rand. “Eles estão lá dentro agora. Nynaeve, você pode levar Lan e eu até aquele telhado do beco atrás do prédio?”

Nynaeve franziu a testa para o prédio de Zeram, esfregando o cinto em volta da cintura com uma mão. “Um de cada vez, eu poderia”, disse ela finalmente. “Mas usaria mais da metade do que o Poço contém. Eu não seria capaz de levá-lo para baixo novamente.”

“Para cima é o suficiente,” Rand disse a ela. “Vamos sair por cima dos telhados e descer bem ao lado do fabricante de velas.”

Ela protestou, é claro, enquanto desciam a rua em direção à loja do sapateiro. Nynaeve sempre lutava contra qualquer coisa que ela

mesma não tivesse pensado. "Eu só deveria colocar você no telhado e esperar?" ela murmurou, franzindo o cenho para a esquerda e para a direita com tanta força que tantas pessoas se esquivaram dela quanto dos homens que a flanqueavam, com espadas ou sem espadas. Ela tirou a mão de debaixo do manto para mostrar o bracelete com suas pedras vermelhas pálidas. "Isso pode me cobrir com armadura melhor do que qualquer aço. Eu mal sentiria uma espada me atingindo. Achei que ia entrar com você."

"E fazer o que?" Rand perguntou suavemente. "Segurá-los com o Poder para nós matarmos? Matá-los você mesma?" Ela franziu a testa para as pedras do calçamento na frente de outros pés. Andando além da loja de Zeram, Rand parou na frente da casa baixa e olhou em volta o mais casualmente que pôde. Não havia guardas de rua à vista, mas quando ele empurrou Nynaeve para o beco estreito, ele se moveu rapidamente. Ele também não tinha visto nenhum Guarda antes de seguir Rochaid.

"Você está muito quieta", disse Lan, seguindo logo atrás. Ela deu mais três passos rápidos antes de responder, sem diminuir a velocidade ou olhar para trás. "Eu não pensei, antes", disse ela calmamente. "Eu estava pensando nisso como uma aventura, confrontar Amigos das Trevas, renegados Asha'man, mas você está indo lá para executá-los. Você vai matá-los antes que eles saibam que você está lá, se puder, não vai?"

Rand olhou por cima do ombro para Lan, mas o homem mais velho apenas balançou a cabeça, tão confuso quanto ele. É claro que eles os matariam sem aviso se pudessem. Este não era um duelo; era a execução que ela havia nomeado. Pelo menos, Rand esperava muito que fosse.

O beco que corria atrás dos prédios era um pouco mais largo que o da rua, o solo rochoso esburacado com os rastros dos carrinhos de lixo que eram empurrados ao longo dele de manhã. Paredes de pedra vazias se erguiam ao redor deles. Ninguém queria uma janela para observar os carrinhos de lixo.

Nynaeve ficou olhando para a parte de trás do prédio de Zeram, então de repente suspirou. “Mate-os enquanto dormem, se puder,” ela disse, muito baixinho para palavras tão ferozes.

Algo invisível se enrolou confortavelmente no peito de Rand sob seus braços, e lentamente ele se elevou no ar, flutuando mais alto até flutuar sobre a beirada do beiral. O arnês invisível desapareceu e suas botas caíram no telhado inclinado, deslizando um pouco sobre as ardósias cinzentas úmidas. Agachado, ele voltou de quatro. Alguns momentos depois, Lan flutuou para pousar no telhado também. O Guardião também se agachou e olhou para o beco abaixo. “Ela se foi,” Lan disse finalmente. Virando-se para encarar Rand, ele apontou.

“Aí está a nossa entrada.”

Era um alçapão colocado entre as ardósias no alto em direção ao pico, com metal piscando para manter a água fora do sótão que o levantamento revelava. Rand se abaixou em um espaço empoeirado, mal iluminado pela luz do alçapão. Por um momento, ele ficou pendurado pelas mãos, depois soltou, deixando cair os últimos metros. Exceto por uma cadeira com três pernas e um baú com a tampa aberta, o quarto comprido estava tão vazio quanto o baú. Aparentemente Zeram havia parado de usar o sótão para armazenamento quando sua esposa começou a aceitar inquilinos.

Pisando levemente, os dois homens vasculharam as tábuas do piso até encontrarem outro alçapão maior deitado no chão. Lan sentiu as dobradiças de latão e sussurrou que estavam secas, mas sem ferrugem. Rand sacou a espada e assentiu, e Lan escancarou o alçapão.

Rand não tinha certeza do que encontraria quando saltou pela abertura, usando a mão na proteção para controlar sua queda. Ele pousou levemente na ponta dos pés, em uma sala que parecia ter tomado o lugar do sótão dos guarda-roupas e armários encostados nas paredes, os baús de madeira empilhados uns sobre os outros e mesas com cadeiras em cima deles. A última coisa que ele esperava, porém, eram dois homens mortos esparramados no chão como se tivessem sido arrastados para o depósito e jogados no chão.

Os rostos pretos e inchados estavam irreconhecíveis, mas o mais baixo do par usava um grampo de cabelo prateado com uma grande pedra vermelha.

Descendo silenciosamente do sótão, Lan olhou para os cadáveres e ergueu uma sobrancelha. Isso foi tudo. Nada nunca o surpreendeu.

“Fain está aqui,” Rand sussurrou. Como se dizer o nome fosse um gatilho, as feridas gêmeas em seu lado começaram a latejar, as mais antigas como um disco de gelo, as mais recentes uma barra de fogo sobre ele. “Foi ele quem mandou a carta.”

Lan gesticulou em direção ao alçapão com sua espada, mas Rand balançou a cabeça. Ele queria matar os renegados com suas próprias mãos, mas agora que Torval e Gedwyn estavam mortos — e quase certamente Kisman também; lá estava aquele cadáver inchado mencionado pelo mercador na Roda Dourada — agora, ele percebeu que não se importava com quem os matasse, desde que estivessem mortos. Se um estranho finalizasse Dashiva, não importaria. Fain era outra questão. Fain havia castigado Dois Rios com Trollocs e lhe dado uma segunda ferida que não cicatrizava. Se Fain estivesse ao alcance, Rand não permitiria que ele escapasse. Ele fez sinal para Lan fazer o que eles fizeram no sótão, e se colocou na frente da porta com a espada nas duas mãos. Quando o outro homem abriu a porta, ele disparou em um grande quarto iluminado por lamparinas com uma cama postada contra a parede oposta e um fogo crepitando em uma pequena lareira.

Apenas a velocidade de seu movimento o salvou. Um lampejo de movimento pegou o canto de seu olho, algo puxou a capa ondulando atrás dele, e ele girou desajeitadamente para se defender dos golpes de uma adaga curva. Cada movimento era um esforço de vontade. As feridas em seu lado não latejavam mais; elas o agarravam, ferro derretido e a própria alma de gelo guerreando para rasgá-lo. Lews Therin uivou. Era tudo o que Rand podia fazer para pensar, com a agonia. “Eu disse que ele é meu!” o homem ossudo gritou, dançando para longe do corte de Rand. Com o rosto contorcido de fúria, o nariz grande e as orelhas salientes o faziam parecer algo planejado para assustar as crianças, mas seus olhos eram assassinos. Dentes

arreganhados em um rosnado, ele parecia uma doninha selvagem com fúria assassina. Uma doninha raivosa, pronta para atacar até mesmo um leopardo. Com essa adaga, ele poderia matar qualquer número de leopardos. "Meu!" Padan Fain gritou, pulando para trás novamente quando Lan entrou correndo na sala. "Mate o feio!"

Só quando Lan se afastou de Fain, Rand percebeu que havia mais alguém na sala, um homem alto e pálido que veio quase ansioso para encontrar o Guardião lâmina a lâmina. O rosto de Toram Riatin estava abatido, mas ele fluía na dança das espadas com a graça do mestre de lâminas que era. Lan o encontrou com igual graça, uma dança de aço e morte.

Por mais assustado que Rand estivesse ao ver o homem que tentara reivindicar o trono de Cairhien com um casaco surrado em Far Madding, ele manteve os olhos em Fain e sua espada em direção ao antigo mascate. Amigo das Trevas e pior, Moiraine tinha chamado ele há muito tempo. A dor cegante na lateral de Rand o fez tropeçar enquanto avançava sobre Fain, ignorando o bater de botas e o som de aço contra aço atrás dele enquanto ignorava os gemidos de Lews Therin em sua cabeça. Fain dançou e disparou, tentando chegar perto o suficiente para usar a adaga que havia feito o corte que nunca cicatrizava no lado de Rand, rosnando maldições em voz baixa enquanto a lâmina de Rand o forçava a recuar. Abruptamente, ele se virou e correu em direção aos fundos do prédio.

O tormento dilacerando Rand se desvaneceu para mera pulsação quando Fain desapareceu da sala, mas mesmo assim ele o seguiu cautelosamente. Na porta, porém, ele viu que Fain não estava tentando se esconder. O homem estava esperando por ele no topo da escada que levava para baixo, a adaga curvada em uma das mãos. O grande rubi que cobria o cabo brilhava, refletindo a luz dos abajures colocados nas mesas ao redor da sala sem janelas. Assim que Rand entrou na sala, fogo e gelo invadiram seu lado até que ele pôde sentir seu coração estremecer. Ficar de pé era um esforço de vontade de ferro. Dar um passo à frente fez esse esforço parecer pálido, mas ele deu esse passo e o seguinte.

“Eu quero que ele saiba quem o está matando,” Fain lamentou petulantemente. Ele estava olhando diretamente para Rand, mas parecia estar falando sozinho. “Eu quero que ele saiba! Mas se ele estiver morto, então ele vai parar de assombrar meus sonhos. Sim. Ele vai parar, então.” Com um sorriso, ele levantou a mão livre.

Torval e Gedwyn subiram as escadas com as capas sobre os braços. “Eu digo que não vamos chegar perto dele até que eu saiba onde os outros estão,” Gedwyn rosnou. “O M'Hael vai nos matar se...”

Sem pensar, Rand torceu os pulsos no movimento *Cortando o Vento* e imediatamente seguiu com *Desdobrando o Leque*.

A ilusão de homens mortos voltando à vida desapareceu, e Fain saltou para trás com um grito agudo, sangue escorrendo pelo lado do rosto. De repente, ele inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo, e um momento depois, lançando um grito de fúria sem palavras para Rand, ele desceu as escadas.

Imaginando, Rand se moveu para seguir as batidas das botas de Fain, mas Lan segurou seu braço.

“A rua em frente está se enchendo de guardas, pastor de ovelhas.” Uma umidade escura manchava o lado esquerdo do casaco de Lan, mas sua espada estava embainhada, prova de quem havia dançado melhor. “É hora de estarmos no telhado, se vamos embora.”

“Um homem não pode nem andar por um beco com uma espada nesta cidade,” Rand murmurou, embainhando sua própria lâmina. Lan não riu, mas raramente o fazia, exceto com Nynaeve. Brados e gritos subiram a escada de baixo. Talvez os Guardas da Rua capturassem Fain. Talvez ele fosse enforcado pelos cadáveres aqui. Não era suficiente, mas teria que servir. Rand estava cansado do que teria que fazer. No sótão, Lan pulou para pegar o alçapão no telhado e se erguer e sair. Rand não tinha certeza se conseguiria dar esse salto. A agonia se foi com Fain, mas seu lado parecia ter sido golpeado com cabos de machado. Enquanto se preparava para tentar, Lan colocou a cabeça de volta pelo alçapão e estendeu a mão. “Eles podem não aparecer imediatamente, pastor de ovelhas, mas há algum motivo para esperar para ver?”

Rand segurou a mão de Lan e se deixou levar até onde pudesse pegar a cobertura e subir até o telhado. Agachados, eles se moveram ao longo das ardósias úmidas até a parte de trás do prédio, então começaram a curta subida até o pico. Poderia haver Guardas na rua, mas ainda havia uma chance de escapar sem ser visto, especialmente se eles pudessem sinalizar para Nynaeve fazer uma distração. Rand alcançou o pico do telhado e, atrás dele, a bota de Lan escorregou nas ardósias com um guincho. Virando-se, Rand agarrou o pulso do outro homem, mas o peso de Lan o puxou pela encosta cinzenta e escorregadia. Em vão, eles procuraram com as mãos livres qualquer apoio, a borda de uma ardósia, qualquer coisa. Nenhum dos dois proferiu uma palavra. As pernas de Lan ultrapassaram a borda, e depois o resto dele. Os dedos enluvados de Rand prenderam em alguma coisa; ele não sabia o que, e ele não se importava. Sua cabeça e um ombro estavam presos na beirada do telhado, e Lan estava pendurado em sua mão acima da queda de dez passos até o beco ao lado da casa baixa. "Solte," Lan disse baixinho. Ele olhou para Rand, seus olhos frios e duros, nenhuma expressão em seu rosto. "Solte."

"Quando o sol ficar verde," Rand disse a ele. Se ele pudesse puxar o outro homem um pouco, o suficiente para pegar o beiral...

O que quer que seus dedos tivessem pegado quebrou com um estalo, e o beco correu para encontrá-los.

Capítulo 34

O Segredo do Beija-Flor

Tentando não ser muito óbvia ao observar o beco ao lado do fabricante de velas, Nynaeve colocou o comprimento dobrado de trança verde de volta na bandeja do vendedor ambulante e enfiou a mão dentro da capa para ajudar a mantê-la fechada contra o vento. Era uma capa mais fina do que qualquer outra das pessoas que passavam, mas simples o suficiente para que ninguém mais do que olhasse para ela ao passar. Eles olhariam se vissem seu cinto, no entanto. As mulheres que usavam joias não frequentavam a Rua da Carpa Azul, nem compravam de ambulantes. Depois de ficar ali para ela passar os dedos até o último pedaço de trança na bandeja, a mulher magra fez uma careta, mas Nynaeve já havia comprado três pedaços de trança, dois pedaços de fita e um pacote de alfinetes de vendedores ambulantes, apenas para ter um motivo para vadiar. Os alfinetes eram sempre úteis, mas ela não sabia o que ia fazer com o resto.

De repente, ela ouviu uma comoção na rua, na direção da arquibancada, o barulho dos chocalhos dos Guardas de Rua cada vez mais altos. O Guarda desceu de seu poleiro. Os transeuntes perto do posto de vigia olhavam para a rua transversal e mais para cima da Rua da Carpa Azul, depois se espremiavam apressadamente contra os lados da rua quando os guardas apareciam correndo, balançando seus chocalhos de madeira acima. Não uma patrulha de dois ou três, mas uma enxurrada de homens blindados descendo a Rua da Carpa Azul, e mais se juntando à maré da outra rua. Pessoas lentas para sair do caminho foram empurradas para o lado, e um homem caiu sob suas botas. Eles não diminuíram um passo enquanto o pisoteavam.

A vendedora de tranças derrubou metade de sua bandeja arrastando-se para o lado da rua, e Nynaeve foi tão rápida para se espremer contra a fachada de pedra da casa ao lado da mulher boquiaberta. Enchendo a rua com mastros e bastões projetando-se como lanças, a massa de guardas a esbarrou com os ombros, raspando-a ao longo da parede.

A vendedora de tranças gritou quando sua bandeja foi arrancada e desapareceu, mas os Guardas estavam todos olhando para a frente.

Quando o último homem passou correndo, Nynaeve estava uns bons dez passos de distância na rua de onde estava antes. A vendedora de tranças gritou com raiva e sacudiu os punhos nas costas dos homens. Indignada, arrumando sua capa retorcida em alguma ordem adequada, Nynaeve estava disposta a fazer mais do que gritar. Ela estava meio que decidida a... Abruptamente sua respiração congelou em sua garganta. Os guardas de rua haviam parado em massa, talvez uma centena de homens gritando uns com os outros como se de repente não tivessem certeza do que fazer a seguir. Eles estavam parados em frente à loja do sapateiro. Ah, Luz, Lan. E Rand também, sempre Rand, mas antes de tudo sempre o coração de seu coração, Lan.

Ela se obrigou a respirar. Cem homens. Ela tocou o cinto de joias, o Poço, em volta da cintura. Restava menos da metade do *saidar* que ela havia guardado, mas poderia ser o suficiente. Teria que ser o suficiente, embora ela não soubesse exatamente para que ainda. Puxando o capuz de sua capa para cima, ela foi em direção aos homens na frente do sapateiro. Nenhum estava olhando em sua direção. Ela poderia... Mãos a agarraram, arrastando-a para trás e girando-a para encarar a outra direção.

Cadsuane tinha um de seus braços, ela percebeu, e Alivia o outro, as duas correndo com ela pela rua. Para longe do sapateiro. Caminhando ao lado de Alivia, Min continuou lançando olhares preocupados por cima do ombro. Abruptamente ela se encolheu. "Ele... eu acho que ele caiu", ela sussurrou. "Acho que ele está inconsciente, mas está ferido, não sei o quanto."

"Não faremos nenhum bem a ele aqui, ou a nós mesmas", disse Cadsuane calmamente. Os ornamentos dourados pendurados na frente de seu coque balançavam dentro do capuz de sua capa enquanto ela girava a cabeça, seus olhos procurando através das pessoas à frente delas. Ela segurou o capuz profundo contra o vento com a mão livre, deixando a capa bater atrás dela. "Quero sair daqui antes que um desses garotos pense em pedir às mulheres que

mostrem seus rostos. Qualquer Aes Sedai encontrada perto da Rua da Carpa Azul esta tarde terá perguntas a responder por causa dessa criança.”

“Me soltem!” Nynaeve estalou, puxando contra elas. Lan. Se Rand tivesse ficado inconsciente, e Lan? “Eu tenho que voltar e ajudá-los!” As duas mulheres a arrastaram com mãos de ferro. Todos por quem passavam olhavam para a loja do sapateiro.

“Você já fez o suficiente, sua garota tola.” A voz de Cadsuane era de ferro frio. “Eu falei sobre os cães de guarda de Far Madding. Argh! Você colocou um pânico nas Conselheiras com sua canalização onde ninguém pode canalizar. Se os Guardas os pegaram, é por sua causa.”

“Eu pensei que *saidar* não importaria”, disse Nynaeve fracamente. “Foi só um pouco, e não por muito tempo. Eu... eu pensei que talvez elas nem notassem.”

Cadsuane lançou-lhe um olhar de desgosto. “Por aqui, Alivia”, disse ela, puxando Nynaeve na esquina do suporte abandonado. Pequenos grupos de pessoas animadas pontilhavam a rua, tagarelando. Um homem gesticulou vigorosamente como se estivesse empunhando um mastro. Uma mulher apontou para o suporte de relógio vazio, balançando a cabeça maravilhada.

“Diga alguma coisa, Min,” Nynaeve implorou. “Não podemos simplesmente deixá-los.” Ela nem pensou em se dirigir a Alivia, que tinha uma expressão no rosto que fazia Cadsuane parecer suave.

“Não espere simpatia de mim.” A voz baixa de Min era quase tão fria quanto a de Cadsuane. Quando ela olhou para Nynaeve, foi um olhar de soslaio antes de voltar os olhos para a rua à frente.

“Eu implorei para você me ajudar a detê-los, mas você tinha que ser tão estúpido quanto eles. Agora temos que depender da Cadsuane.”

Nynaeve fungou. “O que é que ela pode fazer? Preciso lembrá-la de que Lan e Rand estão atrás de nós, e ficando cada vez mais para trás a cada minuto?”

“O menino não é o único que precisa de lições de boas maneiras,” Cadsuane murmurou. “Ele ainda não se desculpou comigo, mas disse a Verin que o faria, e suponho que posso aceitar isso por enquanto. Argh! Aquele garoto me coloca em mais problemas do que qualquer

dez que eu já conheci antes. Farei o que puder, garota, o que é muito mais do que você poderia fazer tentando abrir caminho contra os guardas da rua. De agora em diante, você fará exatamente o que eu disser, ou eu farei Alivia sentar em você!” Alívia assentiu. Min também!

Nynaeve fez uma careta. A mulher deveria se submeter a ela! Ainda assim, uma convidada da Primeira Conselheira poderia fazer mais do que a simples Nynaeve al'Meara, mesmo que ela vestisse seu anel da Grande Serpente. Por Lan, ela poderia aturar Cadsuane. Mas quando ela perguntou o que Cadsuane planejava fazer para libertar os homens, a única resposta que a mulher deu foi “Muito mais do que eu quero, garota, se eu puder fazer alguma coisa. Mas fiz promessas ao garoto e cumpro minhas promessas. Espero que ele se lembre disso.” Entregue com uma voz de gelo, não foi uma resposta para inspirar confiança.

Rand acordou na escuridão e dor, deitado de costas. Suas luvas haviam sumido, e ele podia sentir um catre áspero embaixo dele. Eles tinham levado suas botas também. Suas luvas se foram. Eles sabiam quem ele era. Cuidadosamente, ele se sentou. Seu rosto estava machucado e todos os músculos de seu corpo doíam como se ele tivesse sido espancado, mas nada parecia estar quebrado.

De pé lentamente, ele tateou o caminho ao longo da parede de pedra ao lado do catre, chegando quase imediatamente a um canto, e depois a uma porta coberta com tiras de ferro ásperas. Na escuridão, seus dedos traçaram uma pequena aba, mas ele não conseguiu abri-la. Nenhum sinal de luz se infiltrava em torno de suas bordas. Dentro de sua cabeça, Lews Therin começou a ofegar. Rand seguiu em frente, tateando o caminho, as pedras do piso frias sob seus pés descalços. A próxima curva veio quase imediatamente, e depois uma terceira, onde seus dedos bateram em algo que chacoalhou no chão de pedra. Mantendo uma mão na parede, ele se curvou e encontrou um balde de madeira. Ele o deixou ali e se obrigou a completar o circuito, todo o caminho de volta até a porta de ferro. Todo o caminho. Ele estava dentro de uma caixa preta de três passos de comprimento e pouco mais

de dois de largura. Levantando uma mão, ele encontrou o teto de pedra a menos de trinta centímetros acima de sua cabeça.

Trancafados, Lews Therin ofegou com a voz rouca. *É a caixa novamente. De quando aquelas mulheres nos colocaram na caixa. Temos que sair!* ele uivou. *Temos que sair!* Ignorando a voz gritando em sua cabeça, Rand se afastou da porta até pensar que estava no centro da cela, então se abaixou para se sentar de pernas cruzadas no chão. Ele estava o mais longe possível das paredes e, no escuro, tentou imaginá-las mais longe, mas parecia que, se estendesse a mão, não precisaria esticar totalmente o braço para tocar a pedra. Ele podia sentir-se tremendo, como se fosse o corpo de outra pessoa tremendo incontrolavelmente. As paredes pareciam bem ao lado dele, o teto bem acima de sua cabeça. Ele tinha que lutar contra isso, ou ficaria tão louco quanto Lews Therin quando alguém viesse para deixá-lo sair. Eles teriam que deixá-lo sair em algum momento, mesmo que apenas para entregá-lo a quem Elaida enviasse. Quantos meses para uma mensagem chegar a Tar Valon e as emissárias de Elaida retornarem? Se houvesse irmãos leais a Elaida mais próximas do que Tar Valon, isso poderia acontecer mais cedo. O horror aumentou seus estremecimentos quando percebeu que esperava que aquelas irmãs estivessem mais perto, já estivessem na cidade, para que pudessem tirá-lo desta caixa. "Eu não me renderei!" ele gritou. "Eu vou ser tão duro quanto precisar ser!" Naquele espaço confinado, sua voz ressoou como um trovão.

Moiraine morrera porque ele não era duro o bastante para fazer o que tinha que ser feito. O nome dela sempre encabeçava a lista gravada em seu cérebro, das mulheres que morreram por causa dele. Moiraine Damodred. Cada nome daquela lista trazia uma angústia que o fazia esquecer as dores de seu corpo, esquecer as paredes de pedra logo além de seus dedos. Colavaere Saighan, que morreu porque ele a despojou de tudo o que ela valorizava. Liah, Donzela da Lança, da Cosaida Chareen, que morreu por suas próprias mãos porque ela o seguiu até Shadar Logoth. Jendhilin, uma Donzela do Pico Frio Miagoma que morreu porque queria a honra de guardar sua porta. Ele

tinha que ser duro! Um por um, ele convocou os nomes daquela longa lista, forjando pacientemente sua alma no fogo da dor.

A preparação levou mais tempo do que Cadsuane esperava, em grande parte porque ela teve que convencer várias pessoas de que um grande resgate no estilo das melhores tradições dos contos de trovador estava fora de questão, então já era noite quando ela se viu andando pelos corredores iluminados da Câmara dos Conselhos. Andando calmamente, sem pressa. Apresse-se, e as pessoas presumem que você está ansioso, que elas estão em vantagem. Se alguma vez em sua vida ela precisou manter a vantagem desde o início, era esta noite.

Os corredores deveriam estar vazios àquela hora, mas os acontecimentos do dia mudaram o curso normal das coisas. Funcionários de casaca azul corriam por toda parte, às vezes parando para olhar boquiabertos seus companheiros. Muito possivelmente, eles nunca tinham visto quatro Aes Sedai de uma vez — ela não estava disposta a permitir que Nynaeve usasse esse título até que ela fizesse os Três Juramentos — e a comoção de hoje teria aumentado sua confusão com a visão. Os três homens na retaguarda ganharam quase o mesmo número de olhares. Os escriturários podiam não saber o significado de seus casacos pretos ou dos broches em suas golas altas, mas era muito improvável que algum daqueles escriturários alguma vez tivesse visto três homens usando espadas nesses corredores. De qualquer forma, com um pouco de sorte, ninguém sairia correndo para avisar Aleis que vinha invadir os Conselhos em sessão fechada. Era uma pena que ela não pudesse ter trazido os homens sozinhos, mas até mesmo Daigian mostrou coragem com a sugestão. Uma grande pena que todos os seus companheiros não estivessem exibindo a compostura demonstrada por Merise e as outras duas irmãs. “Isso nunca vai funcionar”, resmungou Nynaeve, talvez pela décima vez desde que deixou as Colinas. “Devemos atacar com força desde o início!”

“Nós deveríamos ter nos movido mais rápido,” Min murmurou sombriamente. “Eu posso senti-lo mudando. Se antes era pedra, agora é ferro! Luz, o que eles estão fazendo com ele?” Junto delas apenas

porque ela era um elo com o menino, ela foi incessante com seus relatórios, cada um mais sombrio que o anterior. Cadsuane não contou a ela como eram as celas, não quando a garota desmoronou apenas dizendo a ela o que as irmãs que sequestraram o menino fizeram com ele.

Cadsuane suspirou. Um exército desorganizado que ela havia reunido, mas mesmo um exército improvisado precisava de disciplina. Especialmente com a batalha logo à frente. Teria sido pior se ela não tivesse forçado as mulheres do Povo do Mar a ficarem para trás. "Eu posso fazer isso sem qualquer uma de vocês, se necessário", disse ela com firmeza. "Não; não diga nada, Nynaeve. Merise ou Corele podem usar esse cinto tão bem quanto você. Então, se vocês, crianças, não pararem de choramingar, farei com que Alivia as leve de volta para as Colinas e lhes dê algo para reclamar." Essa foi a única razão pela qual ela trouxe a estranha Bravia. Alivia tinha uma tendência a ser muito gentil perto daqueles que ela não podia encarar, mas ela olhava muito ferozmente para aquelas duas pombas tagarelas.

Suas cabeças giraram em direção à mulher de cabelos dourados como uma só, e as tagarelas ficaram abençoadamente silenciosas. Silenciosas, mas dificilmente aceitando. Min podia ranger os dentes o quanto quisesse, mas o olhar carrancudo de Nynaeve irritou Cadsuane. A garota tinha um bom material nela, mas seu treinamento foi muito curto. Sua habilidade com a Cura era quase milagrosa, sua habilidade com quase qualquer outra coisa era sombria. E ela não tinha sido submetida às lições de que o que deve ser suportado, pode ser suportado. Na verdade, Cadsuane simpatizava com ela. Um pouco. Era uma lição que nem todas podiam aprender na Torre. Ela mesma, cheia de orgulho de seu novo xale e de sua própria força, havia sido ensinada por uma Bravia quase desdentada em uma fazenda no coração das Colinas Negras. Ah, era um pequeno exército muito maltrapilho que ela havia reunido para tentar colocar Far Madding de cabeça para baixo.

Escriturários e mensageiros enchiam pela metade a antessala em colunas da Câmara dos Conselhos, mas eles eram, afinal, apenas escriturários e mensageiros. Os funcionários hesitaram em uma perplexidade ofensiva, cada um esperando que o outro falasse primeiro,

mas os mensageiros de casacas vermelhas, que sabiam que não era o seu lugar dizer nada, recuaram pelos ladrilhos azuis para os lados da sala, e os funcionários se separaram na frente dela, nenhum ousando ser o primeiro a abrir a boca. Mesmo assim, ela ouviu um suspiro coletivo quando abriu uma das portas altas esculpidas com a Mão e a Espada.

A Câmara dos Conselhos não era grande. Quatro lamparinas espelhadas bastavam para acendê-la, e um grande tapete taireno em vermelho, azul e dourado quase cobria o piso. Uma ampla lareira de mármore de um lado da sala fazia um bom trabalho para aquecer o ar, embora as portas envidraçadas que levavam à colunata do lado de fora chacoalhassem com o vento noturno, alto o suficiente para abafar o tique-taque do relógio ilianense alto e dourado na lareira. Treze cadeiras entalhadas e douradas, quase tronos, formavam um arco voltado para a porta, todas ocupadas por mulheres preocupadas. Aleis, à frente do arco, franziu a testa quando viu Cadsuane conduzir seu pequeno desfile para dentro da câmara. “Esta sessão está encerrada, Aes Sedai”, disse ela, ao mesmo tempo formal e fria. “Podemos pedir que você fale conosco mais tarde, mas...”

“Você sabe quem está nas celas”, interrompeu Cadsuane.

Não era uma pergunta, mas Aleis tentou blefar. “Um número de homens, eu acredito. Bêbados públicos, vários estrangeiros presos por brigar ou roubar, um homem das Fronteiras levado ainda hoje que pode ter assassinado três homens. Não mantenho um registro pessoal de prisões, Cadsuane Sedai.”

Nynaeve respirou fundo ao mencionar um homem preso por assassinato, e seus olhos brilharam perigosamente, mas pelo menos a criança teve juízo suficiente para manter a boca fechada. “Então você vai tentar esconder que detém o Dragão Renascido”, disse Cadsuane baixinho. Ela esperava — esperava fervorosamente! — que o trabalho de espada de Verin as faria se afastar disso. Talvez ainda pudesse ser feito de forma simples, no entanto. “Eu posso tirá-lo de suas mãos. Eu enfrentei mais de vinte homens que podiam canalizar, ao longo dos anos. Ele não tem medo de mim.”

“Nós agradecemos a oferta,” Aleis respondeu suavemente, “mas preferimos nos comunicar com Tar Valon, primeiro.” Para negociar seu preço, ela quis dizer. Bem, o que tinha que ser, tinha que ser. “Você se importa de nos contar como você descobriu...”

Cadsuane interrompeu novamente. “Talvez eu devesse ter mencionado antes, esses homens atrás de mim são Asha'man.”

Os três deram um passo à frente, como haviam sido instruídos, e ela teve que admitir que eles deram uma aparência perigosa. O Damer grisalho parecia um urso grisalho com dentes doloridos, o bonito Jahar parecia um leopardo moreno e elegante, e o olhar sem piscar de Eben era particularmente sinistro vindo daquele rosto jovem. Eles certamente tiveram seu efeito sobre as Conselheiras. Algumas simplesmente se mexiam em suas cadeiras como se fossem recuar, mas Cyprien deixou sua boca aberta, infeliz com seus dentes salientes. Sybaine, com os cabelos grisalhos como os de Cadsuane, caiu para trás na cadeira e começou a se abanar com uma mão esguia, enquanto a boca de Cumere torcia como se fosse vomitar.

Aleis era feita de material mais duro, embora ela pressionasse as duas mãos com força contra a barriga. “Eu lhe disse uma vez que Asha'man estavam livres para visitar desde que obedecessem à lei. Não temos medo de Asha'man, Cadsuane, embora deva dizer que estou surpresa de vê-la na companhia deles. Particularmente em vista da oferta que você acabou de fazer.”

Então, ela era simples Cadsuane agora, era? Ainda assim, ela lamentou a necessidade de quebrar Aleis. Ela liderou bem Far Madding, mas talvez nunca se recuperaria desta noite. “Você está esquecendo o que mais aconteceu hoje, Aleis? Alguém canalizado dentro da cidade.” Mais uma vez, as conselheiras mexeram, e carrancas preocupadas apareceram em mais de uma testa.

“Uma aberração.” A frieza desapareceu da voz de Aleis, substituída por raiva e talvez um toque de medo. Seus olhos brilharam sombriamente. “Talvez os guardiões estivessem errados. Ninguém que foi interrogado viu algo que sugerisse...”

“Mesmo o que achamos perfeito pode ter falhas, Aleis.” Cadsuane canalizou por conta própria do *Poço*, tomando *saidar* em uma

quantidade medida. Ela tinha prática; o pequeno beija-flor dourado não conseguia segurar nem perto do cinto de Nynaeve. “Falhas podem passar despercebidas por séculos antes de serem encontradas.” O fluxo de Ar que ela teceu foi o suficiente para levantar a coroa incrustada de pedras preciosas da cabeça de Aleis e colocá-la no tapete na frente dos pés da mulher. “Uma vez que elas são encontradas, no entanto, parece que qualquer um que olhar pode encontrá-las.”

Treze pares de olhos chocados encararam a coroa. Uma e todas, as Conselheiras pareciam congeladas, mal respirando.

“Não é tanto uma falha quanto uma porta de celeiro, me parece,” Darnier anunciou. “Acho mais bonita na sua cabeça.”

O brilho do Poder de repente brilhou ao redor de Nynaeve, e a coroa voou na direção de Aleis, diminuindo a velocidade no último instante para que se acomodasse acima de seu rosto exangue em vez de quebrar sua cabeça. A luz de *saidar* não desapareceu da garota, no entanto. Bem, que ela drenasse seu Poço.

“Vai...?” Aleis engoliu em seco, mas quando ela continuou, sua voz ainda falhou. “Vai ser suficiente se nós o liberarmos para você?” Se ela se referia a Cadsuane ou ao Asha'man não estava claro, talvez até para ela.

“Acho que sim”, disse Cadsuane calmamente, e Aleis cedeu como uma marionete sem cordas. Chocadas como estavam com a exibição de canalização, olhares questionadores foram trocados entre as outras Conselheiras. Os olhos dispararam para Aleis, rostos firmes, acenos foram trocados. Cadsuane respirou fundo. Ela havia prometido ao garoto que tudo o que ela fizesse seria para o bem dele, não para o bem da Torre ou de qualquer outra pessoa, e agora ela havia quebrado uma boa mulher para o bem dele. “Sinto muito, Aleis”, disse ela. *Você já está acumulando uma grande conta, rapaz*, ela pensou.

Capítulo 35

Com os Choedan Kal

Rand atravessou a larga ponte de pedra que levava ao norte do Portão Caemlyn sem olhar para trás. O sol era uma bola dourada pálida que acabava de se erguer no horizonte em um céu sem nuvens, mas o ar estava frio o suficiente para enevoar sua respiração, e os ventos do lago faziam sua capa voar. Ele não sentiu o calafrio, porém, exceto como algo distante e não realmente conectado a ele. Ele estava mais frio do que qualquer inverno poderia estar. Os guardas que vieram tirá-lo da cela na noite anterior ficaram surpresos ao encontrá-lo com um pequeno sorriso. Ele ainda o usava, uma ligeira curva de sua boca. Nynaeve curou suas contusões usando o último *saidar* em seu cinto, mas o oficial de capacete que entrou na estrada ao pé da ponte, um homem atarracado de feições rombas, sobressaltou-se ao vê-lo, como se seu rosto ainda estivesse inchado e roxo. Cadsuane inclinou-se da sela para falar algumas palavras calmas e entregar ao oficial um papel dobrado. Ele franziu a testa para ela e começou a ler, então ergueu a cabeça para olhar com espanto para os homens e mulheres esperando pacientemente em seus cavalos atrás dela. Começando de novo no topo da página, ele leu movendo os lábios silenciosamente, como se quisesse ter certeza de cada palavra, e não era de admirar. Assinada e selada por todas as treze Conselheiras, a ordem dizia que não deveria haver verificação dos laços de paz, nem revista aos cavalos de carga. Os nomes desse grupo deveriam ser apagados completamente nos livros de registro, e o próprio pedido queimado. Eles nunca tinham vindo a Far Madding. Sem Aes Sedai, sem Atha'an Miere, nenhum deles.

“Acabou, Rand,” Min disse gentilmente, movendo sua robusta égua marrom para mais perto de seu cavalo castrado cinza, embora ela já estivesse tão perto dele quanto Nynaeve estava com Lan. Os hematomas de Lan e um braço quebrado foram curados antes que ela atendesse Rand. O rosto de Min refletia a preocupação fluindo

através do vínculo. Deixando sua capa ao vento, ela deu um tapinha no braço dele. “Você não precisa mais pensar nisso.”

“Sou grato a Far Madding, Min.” Sua voz era menos emocionada, distante, como tinha sido quando ele se apoderou de *saidin* nos primeiros dias. Ele teria aquecido a voz para ela, mas isso parecia além dele. “Realmente encontrei o que precisava aqui.” Se uma espada tivesse memória, poderia ser grata ao fogo da forja, mas nunca estaria afeiçoada a ele. Quando eles foram dispensados, ele galopou o capão cinza pela estrada de terra batida e nas colinas, e não olhou para trás até que as árvores escondessem qualquer visão da cidade.

A estrada subia e serpenteava por colinas de inverno cobertas de florestas, onde apenas pinheiros e folhas de couro mostravam o verde e a maioria dos galhos eram rígidos e cinzentos, e de repente a Fonte estava lá de novo, aparentemente logo além do canto do olho. Ela pulsava e acenava e o enchia de desejo como a fome. Sem pensar, ele estendeu a mão e preencheu o vazio em si mesmo com *saidin*, uma avalanche de fogo, uma tempestade de gelo, tudo banhado com a mácula imunda que fez a ferida maior em seu lado pulsar. Ele balançou na sela enquanto sua cabeça girava, e seu estômago apertava enquanto ele lutava para montar a avalanche que tentava queimar sua mente, voar na tempestade que tentava vasculhar sua alma. Não havia perdão ou piedade na metade masculina do Poder. Um homem lutava contra isso, ou morria. Ele podia sentir os três Asha'man atrás dele se enchendo também, bebendo de *saidin* como homens recém-saídos do Deserto que encontraram água. Em sua cabeça, Lews Therin suspirou de alívio. Min freou sua montaria tão perto dele que suas pernas se tocaram. “Você está bem?” ela disse preocupada. “Você parece doente.”

“Estou tão bem quanto a água da chuva”, ele disse a ela, e a mentira não era apenas sobre sua barriga. Ele era de aço e, para sua surpresa, ainda não era duro o suficiente. Pretendia mandá-la para Caemlyn, com Alivia para protegê-la. Se a mulher de cabelos dourados ia ajudá-lo a morrer, ele tinha que ser capaz de confiar nela. Havia planejado suas palavras, mas olhando nos olhos escuros de

Min, ele não era forte o suficiente para fazer sua língua formá-las. Virando o capão cinza entre as árvores de galhos nus, ele falou com Cadsuane por cima do ombro. "Este é o lugar."

Ela o seguiu, é claro. Todos eles seguiram. Harine mal o havia perdido de vista o suficiente para dormir algumas horas na noite anterior. Ele a teria deixado para trás, mas sobre esse assunto, Cadsuane havia lhe dado seu primeiro conselho. *Você fez uma barganha com elas, garoto, é o mesmo que assinar um tratado. Ou dar sua palavra. Cumpra ou diga-lhes que está quebrada. Caso contrário, você é apenas um ladrão.* Sem rodeios, direto ao ponto, e em tons que não deixavam dúvidas quanto à sua opinião sobre os ladrões. Ele nunca havia prometido seguir seu conselho, mas ela estava muito relutante em ser sua conselheira para ele arriscar afastá-la tão cedo, então a Mestra das Ondas e as outras duas do Povos do Mar cavalgaram com Alivia, à frente de Verin e das outras cinco Aes Sedai que lhe haviam jurado e as quatro companheiras de Cadsuane. Ela o deixaria como elas, ele estava certo, talvez mais cedo do que esperava. Para outros olhos que não os dele, nada distinguia o lugar onde cavara antes de entrar em Far Madding. Aos seus olhos, uma haste fina que brilhava como uma lanterna se erguia através da cobertura úmida no chão da floresta. Mesmo outro homem que pudesse canalizar poderia ter atravessado aquele poço sem saber que estava lá. Ele não se incomodou em desmontar. Usando fluxos de ar, ele arrancou a espessa camada de folhas e galhos apodrecidos e removeu a terra úmida até descobrir um pacote longo e estreito amarrado com cordas de couro. Torrões de sujeira se agarraram ao pano de embrulho enquanto ele flutuava Callandor em sua mão. Ele não ousara levar aquilo para Far Madding. Sem a bainha, teria que deixá-la na fortaleza da ponte, uma bandeira perigosa esperando para anunciar sua presença. Era improvável que houvesse outra espada de cristal no mundo, e muita gente sabia que o Dragão Renascido tinha uma. E deixando-a aqui, ele ainda acabou em uma caixa de pedra escura e apertada sob o... Não. Isso foi feito e acabou. Sobre. Lews Therin ofegava nas sombras de sua mente.

Empurrando Callandor sob sua sela, ele freou o capão cinza para enfrentar os outros. Os cavalos seguravam o rabo contra o vento, mas de vez em quando um batia o casco ou balançava a cabeça, impaciente por voltar a se mexer depois de tanto tempo no estábulo. A tira de couro pendurada no ombro de Nynaeve parecia incongruente com todo o *ter'angreal* cravejado de pedras preciosas que ela usava. Agora que a hora estava próxima, ela estava acariciando a bolsinha volumosa, aparentemente sem perceber o que estava fazendo. Ela estava tentando esconder seu medo, mas seu queixo tremia. Cadsuane olhava para ele impassível. Seu capuz havia caído pelas costas, e às vezes uma rajada mais forte do que a maioria balançava os peixes e pássaros dourados, estrelas e luas, pendurados em seu coque.

"Eu vou remover a mácula da metade masculina da Fonte," ele anunciou. Os três Asha'man, agora em casacos escuros e mantos simples como os outros Guardiões, trocaram olhares excitados, mas uma onda passou pelas Aes Sedai. Nesune soltou um suspiro que parecia grande demais para a irmã esbelta e parecida com um pássaro. A expressão de Cadsuane nunca se alterou. "Com isso?" ela disse, levantando uma sobrancelha cética para o pacote sob sua perna.

"Com os Choedan Kal," ele respondeu. Esse nome foi outro presente de Lews Therin, pousado na cabeça de Rand como se sempre tivesse estado lá. "Você os conhece como estátuas imensas, *sa'angreal*, uma enterrada em Cairhien, a outra em Tremalking." A cabeça de Harine sacudiu, fazendo os medalhões dourados em sua corrente de nariz clicarem juntos, à menção da ilha do Povo do Mar. "Eles são grandes demais para serem movidos com facilidade, mas eu tenho um par de *ter'angreal* chamados chaves de acesso. Usando-os, os Choedan Kal podem ser acessados de qualquer lugar do mundo."

Perigoso, gemeu Lews Therin. *Loucura*. Rand o ignorou. No momento, apenas Cadsuane importava.

Seu baio sacudiu uma orelha preta, e com isso ele parecia mais excitado que seu cavaleiro. "Um desses *sa'angreal* é feito para uma

mulher", disse ela friamente. "Quem você propõe usar isso? Ou essas chaves permitem que você canalize ambos?"

"Nynaeve vai se conectar comigo." Ele confiava em Nynaeve, para se conectar, mas em mais ninguém. Ela era Aes Sedai, mas fora a Sabedoria de Campo de Emond; ele tinha que confiar nela. Ela sorriu para ele e assentiu com firmeza, seu queixo já não tremia. "Não tente me impedir, Cadsuane." Ela não disse nada, apenas o estudou, os olhos escuros pesando e medindo.

"Perdoe-me, Cadsuane," Kumira rompeu o silêncio, empurrando sua montaria para a frente. "Jovem, você já considerou a possibilidade de fracasso? Você já considerou as consequências do fracasso?"

"Eu devo fazer a mesma pergunta," Nesune disse bruscamente. Ela se sentou muito reta em sua sela, e seus olhos escuros encontraram o olhar de Rand. "Por tudo que li, a tentativa de usar esses *sa'angreal* pode resultar em desastre. Juntos, eles podem ser fortes o suficiente para quebrar o mundo como um ovo." *Como um ovo!* Lews Therin concordou. *Eles nunca foram testados, nunca tentados. Isso é uma loucura!* ele gritou. *Você é louco! Louco!*

"Da última vez que ouvi", disse Rand às irmãs, "um Asha'man em cinquenta fica louco e tem de ser sacrificado como um cão raivoso. Mais terá sido, até agora. Há um risco em fazer isso, mas tudo é *talvez* e *pode ser*. Se eu não tentar, a certeza é que mais e mais homens vão enlouquecer, talvez dezenas, talvez todos nós, e mais cedo ou mais tarde serão muitos para serem mortos facilmente. Vocês vão gostar de esperar pela Última Batalha com cem raivosos Asha'man vagando, ou duzentos, ou cinco? E talvez eu sendo um deles? Por quanto tempo o mundo sobreviverá a isso?" Ele falou com as duas Marrons, mas foi Cadsuane quem ele observou. Seus olhos quase negros nunca o deixaram. Ele precisava mantê-la com ele, mas se ela tentasse convencê-lo a desistir, ele rejeitaria seu conselho, não importando as consequências. Se ela tentasse impedi-lo...?

Saidin se enfureceu dentro dele.

"Você vai fazer o que tem que fazer aqui?" ela perguntou.

"Em Shadar Logoth," ele disse a ela, e ela assentiu.

“Um lugar apropriado”, disse ela, “se quisermos arriscar destruir o mundo.”

Lews Therin gritou, um uivo cada vez menor que ecoou dentro do crânio de Rand enquanto a voz fugia para as profundezas escuras. No entanto, não havia onde se esconder. Nenhum lugar seguro.

O portal que ele teceu não dava para a cidade em ruínas de Shadar Logoth em si, mas para um topo de colina irregular e pouco arborizado a alguns quilômetros ao norte, onde os cascos dos cavalos ressoavam no solo pedregoso e esparsos que havia atrofiado as árvores desfolhadas e manchas irregulares de neve cobriam o chão. Quando Rand desmontou, seus olhos foram capturados por vislumbres distantes do lugar outrora chamado Aridhol aparecendo acima das árvores, torres que terminavam abruptamente em pedras irregulares e cúpulas brancas em forma de cebola que poderiam ter abrigado uma vila se estivessem inteiras. Ele não procurou por muito tempo. Apesar do céu claro da manhã, aquelas cúpulas pálidas não brilhavam como deveriam, como se algo lançasse uma sombra sobre a ruína que se espalhava. Mesmo a essa distância da cidade, a segunda ferida que nunca cicatrizava em seu lado começou a latejar levemente. O golpe dado pelo punhal de Padan Fain, o punhal que veio de Shadar Logoth, não batia junto com a pulsação da ferida maior que cortava, mas sim contra ela, alternando.

Cadsuane assumiu o comando, emitindo ordens rápidas, como era de se esperar. De um jeito ou de outro, Aes Sedai sempre faziam isso, se tivessem meia chance, e Rand não tentou impedi-la. Lan, Nethan e Bassane desceram para a floresta para explorar, e os outros Guardiões correram para prender os cavalos em galhos baixos fora do caminho. Min se levantou nos estribos e puxou a cabeça de Rand para onde ela pudesse beijar seus olhos. Sem dizer uma palavra, ela foi se juntar aos homens com os cavalos. O vínculo surgiu com seu amor por ele, com confiança e uma confiança tão completa que ele olhou para ela com espanto.

Eben veio pegar a montaria de Rand, sorrindo de orelha a orelha. Juntamente com o nariz, aquelas orelhas ainda pareciam compor metade do rosto, mas agora ele era um jovem esbelto, em vez de

desajeitado. “Será maravilhoso, canalizar sem a mácula, meu Lorde Dragão,” ele disse excitado. Rand achava que Eben poderia ter dezessete anos, mas parecia mais jovem. “Isso sempre me faz querer esvaziar minha barriga, se eu pensar nisso.” Ele trotou com capão o cinza, ainda sorrindo. O Poder rugiu em Rand, e a sujeira que manchava a vida pura de *saidin* se infiltrou nele, túneis fétidos que trariam loucura e morte. Cadsuane juntou as Aes Sedai ao seu redor, Alivia e a Chamadora de Vento também. Harine resmungou em voz alta sobre ser excluída, até que um dedo apontado por Cadsuane a enviou espreitando pelo topo da colina. Moad, em seu estranho casaco acolchoado azul, sentou Harine em um afloramento e falou calmamente, embora às vezes seus olhos fossem para as árvores ao redor, e então ele deslizou a mão pelo longo cabo de marfim de sua espada. Jahar apareceu na direção dos cavalos, tirando os panos de Callandor. A espada de cristal, com seu longo cabo claro e lâmina ligeiramente curva, brilhava à luz pálida do sol. Com um gesto imperioso de Merise, ele apressou o passo para se juntar a ela. Darner estava nesse grupo também, e Eben. Cadsuane não pediu para usar Callandor. Isso poderia passar. Por enquanto, poderia.

“Aquela mulher poderia testar a paciência de uma pedra!” Nynaeve murmurou, caminhando até Rand. Com uma mão, ela segurou a alça do alforje firmemente em seu ombro, enquanto a outra estava firmemente em torno da trança grossa pendurada em seu capuz. “Para o Poço da Perdição com ela, é o que eu digo! Tem certeza de que Min não pode estar errada só desta vez? Bem, suponho que não. Mas ainda...! Você vai parar de sorrir assim? Você deixaria um gato nervoso!”

“Podemos muito bem começar,” ele disse a ela, e ela piscou.

“Não deveríamos esperar Cadsuane?” Ninguém suspeitaria que ela estava reclamando da Aes Sedai um momento antes. Se alguma coisa, ela parecia ansiosa para não perturbá-la.

“Ela vai fazer o que ela fizer, Nynaeve. Com sua ajuda, farei o que devo.” Ainda hesitou, agarrando o alforje contra o peito e lançando olhares preocupados na direção das mulheres reunidas ao redor de

Cadsuane. Alivia deixou aquele grupo e correu em direção a eles pelo terreno irregular segurando sua capa fechada com as duas mãos.

"Cadsuane diz que devo ter os *ter'angreal*, Nynaeve", disse ela naquele sotaque suave de Seanchan. "Agora não discuta; não há tempo. Além disso, eles não são úteis para você se você estiver ligada a ele."

Desta vez, o olhar que Nynaeve dirigiu para as mulheres ao redor de Cadsuane foi quase assassino, mas ela tirou anéis e pulseiras, murmurando baixinho, e entregou o cinto e o colar de joias para Alivia também. Depois de um momento, ela suspirou e desatou o bracelete peculiar conectado aos anéis de dedo por correntes planas. "Você também pode pegar isso. Acho que não preciso de um *angreal* se vou usar o mais poderoso *sa'angreal* já feito. Mas eu quero todos eles de volta, entenda," ela terminou ferozmente.

"Eu não sou uma ladra", a mulher de olhos de gavião disse a ela afetadamente, deslizando os quatro anéis sobre os dedos da outra mão esquerda. Estranhamente, o *angreal* que se encaixava tão bem em Nynaeve, cabia em sua mão mais longa com a mesma facilidade. As duas mulheres olharam para a coisa.

Ocorreu-lhe então que nenhuma das duas reconhecia qualquer possibilidade de que ele pudesse falhar aqui. Ele desejou poder ter a mesma certeza. O que tinha que ser feito, tinha que ser feito, no entanto.

"Você vai esperar o dia todo, Rand?" Nynaeve perguntou quando Alivia partiu de volta para Cadsuane, ainda mais rápido do que tinha vindo. Alisando o manto sob o corpo, Nynaeve sentou-se em uma pedra cinzenta do tamanho de um pequeno banco, puxou o alforje para o colo e abriu a aba de couro.

Rand dobrou-se no chão de pernas cruzadas na frente dela enquanto ela pegava as duas chaves de acesso, estátuas brancas lisas de um pé de altura, cada uma segurando uma esfera clara em uma mão erguida. A figura de um homem barbudo de túnica, ela entregou a ele. A de uma mulher vestida, ela colocou no chão a seus pés. Os rostos naquelas figuras eram serenos, fortes e sábios com os anos. "Você deve se colocar à beira de abraçar a Fonte," ela disse a

ele, alisando saias que não precisavam ser alisadas. "Então eu posso me ligar com você." Com um suspiro, Rand largou o homem barbudo e soltou *saidin*. O fogo furioso e o frio desapareceram, e a vileza oleosa da mácula, e com eles, a vida parecia diminuir também, tornando o mundo pálido e monótono. Ele colocou as mãos no chão ao lado dele contra a doença que atacaria quando ele abraçasse a Fonte novamente, mas uma tontura diferente de repente girou sua cabeça. Por um instante, um rosto vago encheu seus olhos, apagando Nynaeve, o rosto de um homem, quase reconhecível. Luz, se isso acontecesse enquanto ele estava realmente agarrando *saidin*... Nynaeve se inclinou em direção a ele, preocupação em seu rosto. "Agora," ele disse, e alcançou a Fonte através do homem barbudo. Alcançado, mas não a canalizando. Ele ficou à beira, querendo uivar de agonia enquanto chamas bruxuleantes pareciam assá-lo mesmo enquanto ventos uivantes sopravam partículas de areia congelada em sua pele. Observando Nynaeve respirar rapidamente, ele sabia que durou apenas um instante, mas parecia que ele aguentou por horas antes...

Saidin fluía através dele, toda a fúria derretida e gelada, toda a impureza, e ele não conseguia controlar um fio fino de cabelo. Ele podia ver o fluxo dele para Nynaeve. Sentir isso fervendo através dele, sentir as marés traiçoeiras e o terreno instável que poderiam destruí-lo em um piscar de olhos, sentir que não ser capaz de lutar ou controlar era uma agonia em si. Ele estava ciente dela, ele percebeu de repente, da mesma forma que ele estava ciente de Min, mas tudo em que ele conseguia pensar era dito, inundando-o descontroladamente. Ela respirou estremecendo. "Como você pode suportar... isso?" ela disse com a voz rouca. "Todo caos, raiva e morte. Luz! Agora, você deve se esforçar ao máximo para controlar os fluxos enquanto eu..." Desesperado para ganhar seu equilíbrio naquela guerra sem fim com *saidin*, ele fez o que ela disse, e ela gritou e pulou. "Você deveria esperar até que eu..." ela começou em tom de raiva, então continuou com uma voz meramente irritada. "Bem, pelo menos estou livre disso. Por que você está tão de olhos arregalados? Fui eu que tive a pele quase arrancada!"

“*Saidar*,” ele murmurou maravilhado. Era tão... diferente.

Ao lado do tumulto de *saidin*, *saidar* era um rio tranquilo fluindo suavemente. Ele mergulhou naquele rio e, de repente, estava lutando contra as correntes que tentavam puxá-lo ainda mais para dentro, redemoinhos que tentavam puxá-lo para baixo. Quanto mais ele lutava, mais fortes os fluxos de mudança cresciam. Apenas um instante desde que ele tentou controlar *saidar*, e já se sentia como se estivesse se afogando nele, sendo arrastado para a eternidade. Nynaeve o havia avisado sobre o que deveria fazer, mas parecia tão estranho que ele não acreditara verdadeiramente até agora. Com esforço, forçou-se a parar de lutar contra as correntes, e tão rápido quanto isso o rio ficou tranquilo mais uma vez.

Essa foi a primeira dificuldade, lutar com *saidin* enquanto se entregava a *saidar*. A primeira dificuldade e a primeira chave para o que ele tinha que fazer. As metades masculina e feminina da Fonte Verdadeira eram iguais e diferentes, atraindo e repelindo, lutando uma contra a outra enquanto trabalhavam juntas para conduzir a Roda do Tempo. A mácula na metade masculina também tinha seu gêmeo oposto. A ferida que Ishamael lhe deu pulsava no tempo da mácula, enquanto a outra, da lâmina de Pain, batia em contraponto no tempo com o mal que havia matado Aridhol. Desajeitadamente, forçando-se a trabalhar suavemente, a usar a imensa força do próprio *saidar* desconhecido para guiá-lo como queria, ele teceu um conduto que tocava a metade masculina da Fonte em uma extremidade e a cidade vista distante na outra. O conduto tinha que ser de *saidar* imaculado. Se isso funcionasse como ele esperava, um tubo de *saidin* poderia quebrar quando a mácula comesse a sair dele. Ele pensava nisso como um tubo, pelo menos, embora não fosse. A trama não se formou como ele esperava. Como se *saidar* tivesse vontade própria, a trama tomava voltas e espirais que o faziam pensar numa flor. Não havia nada para ver, nenhuma grande trama descendo do céu. A Fonte estava no coração da criação. A Fonte estava em toda parte, mesmo em Shadar Logoth. O conduto cobria uma distância além de sua imaginação e não tinha comprimento algum.

Tinha que ser um conduto, não importava sua aparência. Se não fosse....

Canalizando *saidin*, lutando contra ele, dominando-o na dança mortal que ele conhecia tão bem, ele forçou-o na trama florida do *saidar*. E fluiu. *Saidin* e *saidar*, iguais e diferentes, não podiam se misturar. O fluxo do *saidin* espremeu-se sobre si mesmo, afastando-se do *saidar* circundante, e *saidar* o empurrou de todos os lados, comprimindo-o ainda mais, fazendo-o fluir mais rápido. Puro *saidin*, puro exceto pela mácula, tocou Shadar Logoth.

Rand franziu a testa. Ele estava errado? Nada estava acontecendo. Exceto... As feridas em seu lado pareciam estar latejando mais rápido. Em meio à tempestade de fogo e fúria gélida de *saidin*, parecia que a imundície se agitou e mudou. Apenas um leve movimento que poderia ter passado despercebido se ele não estivesse se esforçando para encontrar nada. Uma leve agitação em meio ao caos, mas tudo na mesma direção. "Vá em frente", insistiu Nynaeve. Seus olhos estavam brilhantes, como se apenas ter *saidar* fluindo nela fosse o suficiente para alegria.

Ele extraiu mais profundamente em ambas as metades da fonte, fortalecendo o conduto enquanto forçava mais *saidin* nele, extraiu o Poder até que nada que ele fizesse trouxesse mais. Ele queria gritar o quanto estava fluindo para dentro dele, tanto que parecia que ele não existia mais, apenas o Poder Único. Ele ouviu Nynaeve gemer, mas a luta assassina com *saidin* o consumia.

Manuseando o anel da Grande Serpente em seu dedo indicador esquerdo, Elza olhou para o homem que ela jurou servir. Ele estava sentado no chão, carrancudo, olhando para a frente como se não pudesse ver a Bravia Nynaeve sentada bem à sua frente, brilhando como o sol. Talvez ele não pudesse. Ela podia sentir *saidar* varrendo Nynaeve em torrentes inimagináveis. Todas as irmãs da Torre combinadas poderiam ter empunhado apenas uma fração daquele oceano. Ela invejava a Bravia por isso, e ao mesmo tempo achava que poderia ter enlouquecido de pura alegria. Apesar do frio, havia gotas de suor no rosto de Nynaeve. Seus lábios estavam entreabertos

e seus olhos arregalados fitavam extasiados além do Dragão Renascido. “Começará em breve, temo”, anunciou Cadsuane. Afastando-se do par sentado, a irmã grisalha colocou as mãos nos quadris e varreu um olhar penetrante pelo topo da colina. “Eles vão sentir isso em Tar Valon, e talvez do outro lado do mundo. Todos para seus lugares.

“Venha, Elza,” Merise disse, a luz de *saidar* de repente ao redor dela. Elza se permitiu ser atraída para uma ligação com a irmã de rosto severo, mas ela se encolheu quando Merise adicionou seu Guardião Asha'man ao círculo. Ele era sombriamente lindo, mas a espada de cristal em suas mãos brilhava com uma luz fraca, e ela podia sentir o incrível tumulto fervente que devia ser dito. Mesmo que Merise estivesse controlando os fluxos, a vileza de *saidin* revirou o estômago de Elza. Era um monte de estrume apodrecendo em um verão sufocante. A outra Verde era uma mulher adorável, apesar de sua severidade, mas sua boca se contraiu como se ela também estivesse lutando para não vomitar.

Ao redor do topo da colina os círculos estavam se formando, Sarene e Corele ligados ao velho Flinn, e Nesune, Beldeine e Daigian com o menino Hopwil. Verin e Kumira até fizeram um círculo com a Bravia do Povo do Mar; ela era realmente muito forte, e todos tinham que ser usados. Assim que cada um desses círculos se formou, ele saiu do topo da colina, cada um desaparecendo entre as árvores em uma direção diferente. Alivia, a muito peculiar Bravia que parecia não ter outro nome, caminhou para o norte, a capa esvoaçando atrás dela, cercada pelo brilho do Poder. Uma mulher muito perturbadora com aquelas pequenas linhas ao redor dos olhos e incrivelmente forte. Elza teria dado muito para ter as mãos naqueles *ter'angreal* que a mulher usava.

Alivia e os três círculos forneceria uma defesa de cerco, se fosse necessário, mas a maior necessidade estava bem ali no topo da colina. O Dragão Renascido devia ser protegido a todo custo. Aquele trabalho que Cadsuane assumiu, é claro, mas o círculo de Merise também permaneceria lá. Cadsuane devia ter seu próprio *angreal*, pela quantidade de *saidar* que estava canalizando, mais do que Elza

e Merise juntas, mas mesmo isso empalidecia ao lado do Poder que fluía através de Callandor.

Elza olhou para o Dragão Renascido e respirou fundo. “Merise, eu sei que não deveria perguntar, mas posso fundir os fluxos?”

Ela esperava ter que implorar, mas a mulher mais alta hesitou apenas um momento antes de assentir e passar o controle para ela. Quase imediatamente a boca de Merise suavizou, embora nunca pudesse ser chamada de mole. Fogo, gelo e sujeira brotaram em Elza, e ela estremeceu. Custasse o que custasse, o Dragão Renascido tinha que chegar à Última Batalha. Seja qual for o custo.

Andando de carroça pela estrada coberta de neve até Tremonsien, Barmellin se perguntou se a velha Maglin dos Nove Anéis pagaria o que ele queria pelo conhaque de ameixa na carroça atrás dele. Ele não era otimista. Ela estava apertada com a prata, Maglin, o conhaque não era muito bom, e tão tarde no inverno, ela poderia estar disposta a esperar até a primavera para melhorar. De repente, ele percebeu que o dia parecia muito claro. Quase como um meio-dia de verão em vez de uma manhã de inverno. O mais estranho de tudo, o brilho parecia vir do enorme buraco ao lado da estrada onde os trabalhadores da cidade cavavam até o ano anterior. Devia haver uma estátua monstruosa lá embaixo, mas ele nunca se interessou o suficiente para realmente procurar por si mesmo.

Agora, quase contra sua vontade, ele freou sua égua robusta e desceu na neve para se arrastar até a beira do poço. Tinha cem passos de profundidade e dez vezes mais de largura, e ele teve que colocar as mãos na frente do rosto contra o brilho ofuscante que vinha do fundo. Apertando os olhos por entre os dedos, ele conseguiu distinguir uma bola brilhante, como um segundo sol. Abruptamente, ocorreu-lhe que este devia ser o Poder Único.

Com um grito estrangulado, ele cambaleou de volta pela neve até seu carrinho e subiu, sacudindo Nisa com as rédeas para fazê-la se mover, mesmo quando ele estava tentando sacudir a cabeça dela para voltar para sua fazenda. Ele ia ficar em sua própria casa e beber aquele conhaque ele mesmo. Todo ele.

Passeando perdida em pensamentos, Timna mal viu os campos em descanso que cobriam todas as encostas, exceto uma ao seu redor. Tremalking era uma ilha grande e, tão longe do mar, o vento não trazia nenhum sinal de sal, mas era os Atha'an Miere que a incomodavam. Eles recusaram o Caminho da Água, mas Timna foi uma dos Guias escolhidos para protegê-los de si mesmos, se possível. Isso era muito difícil agora, com todos em alvoroço por causa desse *Coramoor* deles. Muito poucos permaneceram na ilha. Até mesmo os Governadores, sempre preocupados por estarem longe do mar como os Atha'an Miere faziam, zarparam para procurá-lo em qualquer embarcação que pudessem encontrar.

De repente, a única colina não arada chamou sua atenção. Uma grande mão de pedra saiu do chão segurando uma esfera clara do tamanho de uma casa. E aquela esfera estava brilhando como um glorioso sol de verão.

Todos os pensamentos sobre Atha'an Miere se foram, Timna pegou sua capa e sentou-se no chão, sorrindo ao pensar que poderia ver o cumprimento da profecia e o fim da Ilusão.

“Se você realmente é uma das Escolhidas, eu vou servi-lo,” o homem barbudo na frente de Cyndane disse duvidosamente, mas ela não ouviu o que mais ele tinha a dizer. Ela podia sentir. Essa quantidade de *saidar* sendo atraída para um ponto era um farol que qualquer mulher no mundo que pudesse canalizar sentiria e localizaria. Então ele encontrou uma mulher para usar a outra chave de acesso. Ela teria enfrentado o Grande Senhor — enfrentado o Criador! — com isso. Ela teria compartilhado o poder com ele, o deixaria governar o mundo ao seu lado. E ele rejeitou o amor dela, rejeitou-a! O tolo que balbuciava com ela era um homem importante, porque tais coisas eram contabilizadas aqui e agora, mas ela não tinha tempo para certificar-se de sua confiabilidade e, sem isso, não poderia deixá-lo balbuciar, não quando podia sentir a mão de Moridin acariciando a *cour'souvra* que segurava sua alma. Um fluxo fino de ar cortou a barba do sujeito em duas quando decepou sua cabeça. Outro fluxo

empurrou o corpo para trás para que o sangue que jorrava do coto de seu pescoço não manchasse o vestido dela. Antes que o corpo ou a cabeça batessem no chão de pedra, ela havia feito seu portal. Um farol que ela poderia apontar, acenando para ela. Ao entrar na floresta ondulante, onde tapetes dispersos de neve cobriam o chão sob galhos nus, exceto pelas grossas cordas de trepadeiras marrons, ela se perguntou para onde o farol a havia atraído. Isso não importava. Ao sul dela, aquele farol brilhou, *saidar* suficiente para devastar um continente de uma só vez. Ele estaria lá, ele e quem quer que fosse a mulher com quem a havia traído.

Cuidadosamente, ela usou o Poder para tecer uma teia para a morte dele. Relâmpagos como Cadsuane nunca tinha visto descendo do céu sem nuvens, não raios pontiagudos, mas lanças azul-prateadas que atingiram o topo da colina onde ela estava e atingiram o escudo invertido que ela havia tecido, explodindo com um rugido ensurdecedor a quinze metros acima de sua cabeça. Mesmo dentro do escudo, o ar crepitava, e seu cabelo se mexeu e levantou. Sem a ajuda do *angreal* que parecia um pouco com um picanço pendurado em seu coque, ela não teria sido capaz de segurar o escudo.

Um segundo pássaro dourado, uma andorinha, pendia de sua mão por sua fina corrente. “Ali,” ela disse, apontando na direção que ele parecia estar voando. Uma pena que ela não pudesse dizer a que distância o Poder havia sido canalizado, ou se por um homem ou uma mulher, mas a direção teria que servir. Ela esperava que não houvesse... contratempos. O pessoal dela também estava lá fora. Se o aviso viesse com um ataque, porém, não poderia haver muita dúvida.

Assim que a única palavra saiu de sua boca, uma fonte de chamas irrompeu na floresta ao norte, e depois outra e outra, uma linha escalonada correndo para o norte. Callandor brilhou como uma chama nas mãos do jovem Jahar. Surpreendentemente, pela intensidade no rosto de Elza e a maneira como ela agarrou suas saias em punhos, era ela quem direcionava esses fluxos.

Merise pegou um punhado do cabelo preto do menino e balançou a cabeça suavemente. "Firme, meu lindo", ela murmurou. "Ah, firme, meu lindo e forte." Ele sorriu para ela, um sorriso arrebatador.

Cadsuane balançou a cabeça levemente. Compreender o relacionamento de qualquer irmã com seu Guardião era difícil, especialmente entre as Verdes, mas ela não conseguia entender o que se passava entre Merise e seus meninos.

Sua atenção real estava em outro garoto, no entanto. Nynaeve estava balançando, gemendo com o êxtase de uma massa tão inacreditável de *saidar* inundando-a, mas Rand estava sentado como uma pedra, suor escorrendo pelo rosto. Seus olhos estavam vazios, como safiras polidas. Ele estava mesmo ciente do que estava acontecendo ao seu redor? A andorinha girou sua corrente sob sua mão. "Ali," ela disse, apontando para as ruínas de Shadar Logoth.

Rand não conseguia mais ver Nynaeve. Ele não podia ver nada, sentir nada. Ele nadava em mares crescentes de chamas, tropeçava em montanhas de gelo em colapso. A mácula fluía como uma maré do oceano, tentando varrê-lo. Se ele perdesse o controle por um instante, ela arrancaria tudo o que era ele e o levaria pelo conduto também. Tão ruim quanto isso, ou talvez pior, apesar da maré de sujeira inundando aquela estranha flor, a mácula na metade masculina da Fonte não parecia menor. Era como óleo flutuando na água em um revestimento tão fino que você não notaria até tocar a superfície, mas cobrindo a vastidão da metade masculina, era um oceano em si. Ele tinha que aguentar. Ele tinha. Mas por quanto tempo? Quanto tempo ele poderia aguentar?

Se ele pudesse desfazer o que al'Thor havia feito na fonte, Demandred pensou enquanto passava por seu portal para Shadar Logoth, desfazer brusca e repentinamente, isso poderia muito bem matar o homem, ou pelo menos cauterizar a capacidade de canalizar dele. Ele havia raciocinado qual deveria ser o plano de al'Thor assim que percebeu onde estava a chave de acesso. Um esquema brilhante, ele não se importava em admitir, por mais que fosse

insanamente perigoso. Lews Therin também sempre fora um planejador brilhante, só não tão brilhante como todos diziam. Não tão brilhante quanto o próprio Demandred. Um olhar para a rua cheia de escombros o fez mudar de ideia sobre alterar qualquer coisa, no entanto. Ao lado dele erguia-se uma meia cúpula pálida, com o topo despedaçado a sessenta metros ou mais acima da rua, e acima dela, o céu tinha a luz do meio da manhã. Da borda quebrada da ruína até a rua, porém, o ar estava escuro com sombras, como se a noite já estivesse caindo. A cidade... estremecia. Ele podia sentir através de suas botas.

Fogo irrompia na floresta, grandes explosões tecidas de *saidin* que arremessavam árvores no ar em rajadas de chamas que se precipitavam em sua direção, mas ele já estava tecendo um portal. Saltando, ele deixou que ele desaparecesse e correu por entre as árvores cobertas de vinhas o mais forte que pôde, arando por trechos de neve, tropeçando em rochas escondidas na palha, mas sem diminuir a velocidade nunca. A teia havia sido invertida, por precaução, mas a primeira também tinha, e ele era um soldado. Ainda correndo, ele ouviu as explosões que esperava, e sabia que elas estavam correndo para onde seu portal estava tão certo quanto elas correram direto para ele entre as ruínas. Elas estavam longe o suficiente dele agora para não apresentar nenhum perigo, no entanto. Sem diminuir a velocidade, ele se virou para a chave de acesso. Com a quantidade de *saidin* derramando através dele, poderia muito bem haver uma flecha de fogo no céu apontando para al'Thor.

Então. A menos que alguém nesta Era amaldiçoada tenha descoberto outra habilidade desconhecida, al'Thor devia ter adquirido um dispositivo, um *ter'angreal*, que poderia detectar um homem canalizando. Pelo que ele sabia sobre o que as pessoas agora chamavam de Ruptura, depois que ele próprio foi preso em Shayol Ghul, qualquer mulher que soubesse fazer *ter'angreal* estaria tentando criar uma que fizesse isso. Na guerra, o outro lado sempre surgia com algo que você não esperava, e você tinha que rebater. Ele sempre foi bom na guerra. Primeiro, ele precisava se aproximar. De repente, viu pessoas à sua frente, à sua frente, por entre as árvores,

e se abrigou atrás de um tronco áspero e cinza. Um velho careca com uma franja de cabelo branco estava mancando entre duas mulheres, uma delas linda de um jeito selvagem, a outra deslumbrante. O que eles estavam fazendo naquela floresta? Quem eram eles? Amigos de al'Thor, ou apenas pessoas no lugar errado na hora errada? Ele hesitou em matá-los, quem quer que fossem. Qualquer uso do Poder avisaria al'Thor. Ele teria que esperar até que eles passassem. A cabeça do velho virava como se procurasse algo entre as árvores, mas Demandred duvidava que um sujeito tão decrepito pudesse ver muito longe.

Abruptamente, o velho parou e estendeu a mão diretamente para Demandred, e Demandred se viu freneticamente defendendo uma rede de *saidin* que atingiu sua proteção com muito mais força do que deveria, tão forte quanto sua própria fiação. Aquele velho cambaleante era um Asha'man! E pelo menos uma das mulheres devia ser o que passava por Aes Sedai nessa época, e se juntou ao sujeito em uma ligação. Ele tentou lançar seu próprio ataque e esmagá-los, mas o velho atirou teia após teia nele sem parar, e foi tudo o que ele pôde fazer para afastá-los. Aquelas que atingiram as árvores as envolveram em chamas ou explodiram os troncos em lascas. Ele era um general, um grande general, mas os generais não precisavam lutar ao lado dos homens que comandavam! Rosnando, ele começou a recuar em meio ao crepitar das árvores em chamas e o trovão das explosões. Longe da chave. Mais cedo ou mais tarde, o velho teria que se cansar, e então ele poderia se encarregar de matar al'Thor. Se um dos outros não chegasse primeiro. Ele esperava fervorosamente que não.

As saias subiram até os joelhos, xingando, Cyndane correu de seu terceiro portão assim que passou. Ela podia ouvir as explosões marchando em direção ao local, mas desta vez percebeu por que elas vieram direto para ela. Tropeçando em trepadeiras escondidas na neve, esbarrando em troncos de árvores, ela correu. Ela odiava florestas! Pelo menos alguns dos outros estavam aqui — ela tinha visto aqueles fogos nas fontes se apressarem em outro lugar que não

em sua direção; ela podia sentir *saidar* sendo girado em mais de um lugar, girado com fúria —, mas ela rezou ao Grande Senhor para que alcançasse Lews Therin primeiro. Ela queria vê-lo morrer, ela percebeu, e para isso, teria que se aproximar.

Agachado atrás de um tronco caído, Osan'gar ofegava pelo esforço de correr. Aqueles meses disfarçado de Corlan Dashiva não o fizeram gostar de exercícios. As explosões que quase o mataram desapareceram, depois recomeçaram em algum lugar à distância, e ele se levantou cautelosamente o suficiente para espiar por cima do tronco. Não que ele supunha que um pedaço de madeira fosse muita proteção. Ele nunca tinha sido um soldado, não de verdade. Seus talentos, seu gênio, estavam em outro lugar. Os Trollocs foram feitos por ele, assim como os Myrddraal que surgiram deles, e muitas outras criaturas que abalaram o mundo e tornaram seu nome famoso. A chave de acesso brilhou com *saidin*, mas ele podia sentir quantidades menores sendo usadas também, em várias direções.

Ele esperava que outros Escolhidos estivessem aqui antes dele, esperava que eles pudessem ter terminado a tarefa antes que ele chegasse, mas claramente não o fizeram. Claramente al'Thor trouxe alguns daqueles Asha'man, e pela quantidade de *saidin* que entrou nas erupções que o atingiram, Callandor também. E talvez algumas de suas mansas, as chamadas Aes Sedai.

Agachando-se novamente, ele mordeu o lábio. Esta floresta era um lugar muito perigoso, mais do que ele esperava, e nada adequada para um gênio. Mas permanecia o fato de que Moridin o aterrorizava. O homem sempre o aterrorizara, desde o início. Ele estava louco de poder antes de serem selados no Poço, e desde que foram libertados, ele parecia pensar que era o Grande Senhor. Moridin descobriria de alguma forma se ele fugisse e o mataria. Pior, se al'Thor tivesse sucesso, o Grande Senhor poderia decidir matar os dois, e Osan'gar também. Ele não se importava se eles morressem, mas ele se importava muito consigo mesmo. Não era bom em julgar o tempo pelo sol, mas obviamente ainda faltava tempo para meio-dia. Levantando-se do chão, ele limpou a sujeira em suas roupas, então desistiu com

desgosto e começou a se esgueirar de árvore em árvore de uma maneira que ele imaginou ser furtiva. Foi em direção à chave que ele se esgueirou. Talvez um dos outros acabasse com o homem antes que ele chegasse perto, mas se não, talvez encontrasse a chance de ser um herói. Com cuidado, claro.

Verin franziu o cenho ao ver a aparição abrindo caminho por entre as árvores à sua esquerda. Ela não conseguia pensar em nenhum outro termo para uma mulher andando pela floresta em pedras preciosas e um vestido que mudava de todas as cores do preto para o branco e às vezes até se tornava transparente! Ela não estava com pressa, mas estava indo em direção à colina onde Rand estava. E, a menos que Verin estivesse muito enganada, ela era uma das Abandonadas.

"Nós vamos apenas observá-la?" Shalon sussurrou furiosamente. Ela estava chateada por não ser ela quem fundia os fluxos, como se a força de uma Bravia contasse com uma Aes Sedai, e as horas vagando pela floresta não tivessem melhorado seu temperamento.

"Precisamos fazer alguma coisa", disse Kumira suavemente, e Verin assentiu. "Eu estava apenas decidindo o que." Uma blindagem, ela decidiu. Um dos Abandonados cativo podia ser muito útil.

Usando toda a força de seu círculo, ela teceu sua blindagem e assistiu horrorizada enquanto ela ricocheteava. A mulher já estava abraçando *saidar*, embora nenhuma luz brilhasse ao seu redor, e ela era imensamente forte!

Então ela não teve tempo para pensar em nada quando a mulher de cabelos dourados se virou e começou a canalizar. Verin não conseguia ver as tramas, mas sabia quando estava lutando contra um ataque à sua vida, e tinha ido longe demais para morrer ali.

Eben enrolou a capa em volta de si e desejou ser melhor em ignorar o frio. Frio simples, ele podia ignorar, mas não o vento que tinha surgido desde que o sol passou do seu zênite. As três irmãs ligadas a ele simplesmente deixaram o vento levar suas capas enquanto tentavam observar todas as direções ao mesmo tempo. Daigian estava liderando o círculo — por causa dele, ele pensou —, mas ela

estava canalizando tão levemente que ele sentia apenas um sussurro de *saidin* passando por ele. Ela não iria querer enfrentar isso até que tivesse que enfrentar. Ele levantou o capuz dela de volta no lugar em sua cabeça, e ela sorriu para ele de suas profundezas. O vínculo carregava sua afeição para ele, e sua própria proteção, ele supôs. Com o tempo, ele pensou que poderia vir a amar essa pequena Aes Sedai.

A torrente de *saidin* muito atrás dele tendia a lavar sua consciência de outras canalizações, mas ele podia sentir outros canalizando o Poder. A batalha havia começado, em outro lugar, e até agora tudo o que os quatro tinham feito era caminhar. Ele não se importava muito, realmente. Ele esteve nos Poços de Dumai e lutou contra os Seanchan, e aprendeu que as batalhas eram mais divertidas em um livro do que em carne e osso. O que o irritou foi o fato de não ter recebido o controle do círculo. Claro, Jahar não recebeu, mas ele imaginou que Merise se divertia fazendo Jahar equilibrar um biscoito em seu nariz. Darner recebeu o controle de seu círculo, no entanto. Só porque o homem tinha alguns anos — bem, mais do que alguns; ele era mais velho que o pai de Eben — não era motivo para Cadsuane olhar para ele como se ele fosse um...

"Pode me ajudar? Parece que perdi meu caminho e meu cavalo." A mulher que saiu de trás de uma árvore à frente deles nem sequer tinha uma capa. Em vez disso, ela usava um vestido de seda verde profundo com um corte tão baixo que metade de seus seios exuberantes estava exposta.

Ondas de cabelo preto cercavam um rosto bonito, com olhos verdes que brilhavam enquanto ela sorria.

"Um lugar estranho para andar", disse Beldeine desconfiada. A bonita Verde não ficou satisfeita quando Cadsuane colocou Daigian no comando, e aproveitou todas as oportunidades para dar sua opinião sobre as decisões de Daigian.

"Eu não tinha a intenção de ir tão longe", disse a mulher se aproximando. "Vejo que vocês são todos Aes Sedai. Com um... cavaliário? Você sabe do que se trata toda essa comoção?" De repente, Eben sentiu o sangue sumir de seu rosto. O que ele sentia

era impossível! A mulher de olhos verdes franziu a testa surpresa, e ele fez a única coisa que podia.

"Ela está abraçando *saidin*!" ele gritou, e atirou-se para ela quando sentiu Daigian absorver profundamente o Poder.

Cyndane diminuiu a velocidade ao ver a mulher parada entre as árvores com passos à sua frente, uma mulher alta de cabelos louros que simplesmente a observava se aproximar. A sensação de batalhas sendo travadas com o Poder em outros lugares a deixou cautelosa ao mesmo tempo em que lhe deu esperança. A mulher estava vestida de lã, mas incongruentemente adornada com pedras preciosas, como se fosse uma grande dama. Com *saidar* nela, Cyndane podia ver as linhas fracas nos cantos dos olhos da mulher. Não uma daquelas que se chamavam Aes Sedai, então. Mas quem? E por que ela ficou ali como se fosse barrar o caminho de Cyndane? Isso realmente não importava. Canalizar agora a entregaria, mas ela tinha tempo. A chave ainda brilhava como um farol do Poder. Lews Therin ainda vivia. Não importa quão ferozes fossem os olhos da outra mulher, uma faca serviria para ela, se ela realmente achasse que poderia ser uma barreira. E para o caso de ela provar ser o que chamavam de Bravia, Cyndane preparou um pequeno presente para ela, uma teia invertida que ela não veria até que fosse tarde demais.

Abruptamente, a luz de *saidar* apareceu ao redor da mulher, mas a bola de fogo pronta saiu da mão de Cyndane, pequena o suficiente para escapar da detecção, ela esperava, mas o suficiente para abrir um buraco nesta mulher que...

Assim que alcançou a mulher, quase perto o suficiente para chamuscar suas roupas, a trama de Fogo se desfez. A mulher não fez nada; a rede simplesmente se desfez! Cyndane nunca tinha ouvido falar de um *ter'angreal* que quebrasse uma trama, mas deve ser isso.

Então a mulher atacou de volta, e ela sofreu seu segundo choque. Ela era mais forte do que Cyndane tinha sido antes que os Aelfinn e os Eelfinn a segurassem! Isso era impossível; nenhuma mulher poderia ser mais forte. Ela deve ter um *angreal* também. O choque

durou apenas o tempo que ela levou para cortar os fluxos da outra mulher. Ela não sabia como revertê-los. Talvez isso fosse vantagem suficiente. Ela veria Lews Therin morrer! A mulher mais alta estremeceu quando seus fluxos de corte voltaram para ela, mas mesmo quando ela trocou os pés com o golpe, ela canalizou novamente. Rosnando, Cyndane lutou, e a terra se ergueu sob seus pés. Ela o veria morrer! Ela veria.

O alto do morro não ficava muito perto da chave de acesso, mas mesmo assim a chave brilhava tanto na cabeça de Moghedien que ela ansiava por apenas um gole daquele imenso fluxo de *saidar*. Segurar tanto, a milésima parte de tanto, seria êxtase. Ela estava faminta, mas esta posição arborizada era o mais próximo que ela pretendia ir. Apenas a ameaça das mãos de Moridin acariciando seu *cour'souvra* a levou a Viajar para cá, e ela atrasou a vinda, rezou para que tudo acabasse antes que ela fosse forçada. Sempre trabalhou em segredo, mas teve que fugir de um ataque assim que chegou, e em lugares bem separados na floresta, espalhados diante dela, relâmpagos e fogos tecidos de *saidar* e outros que devem ter sido *saidin* brilharam e chamejaram sob o sol do meio da tarde. Fumaça negra subiu em plumas de aglomerados de árvores em chamas, e explosões estrondosas rolaram pelo ar.

Quem lutava, quem vivia, quem morria, era para ela indiferente. Exceto que seria agradável se Cyndane ou Graendal morressem. Ou ambas. Moghedien não morreria, não se debatendo no meio de uma batalha. E se isso não bastasse, havia o que estava além da chave brilhante, uma imensa cúpula preta achatada na floresta, como se a noite tivesse se transformado em pedra. Ela se encolheu quando uma ondulação passou pela superfície escura e a cúpula se elevou perceptivelmente mais alto. Seria loucura chegar mais perto disso, o que quer que fosse. Moridin não saberia o que ela fez aqui, ou não fez.

Retirando-se para a parte de trás do topo da colina, longe da chave brilhante e da estranha cúpula, ela se sentou para fazer o que

havia feito tantas vezes no passado. Assistir das sombras e sobreviver.

Dentro de sua cabeça, Rand estava gritando. Ele tinha certeza de que estava gritando, que Lews Therin estava gritando, mas não conseguia ouvir nenhuma das vozes no meio do rugido. O oceano imundo da mácula o inundava, uivando com sua velocidade. Maremotos de vileza o atingiram. Furiosos vendavais de imundície o atingiram. A única razão pela qual ele sabia que ainda detinha o Poder era a mácula. *Saidin* poderia estar mudando, queimando, prestes a matá-lo, e ele nunca saberia. Aquela inundação pútrida esmagava todo o resto, e ele se agarrava pelas unhas para não ser arrastado por ela. A mácula estava se movendo. Isso era tudo o que contava agora. Ele tinha que aguentar!

“O que você pode me dizer, Min?” Cadsuane manteve-se de pé apesar do cansaço. Segurar aquele escudo durante a maior parte do dia era o suficiente para cansar qualquer um. Fazia algum tempo que não havia um ataque no topo da colina e, de fato, parecia que a única canalização ativa que ela podia sentir era a que Nynaeve e o garoto estavam fazendo. Elza estava andando em um círculo interminável ao redor do cume da colina, ainda ligada a Merise e Jahar, mas não havia nada para ela fazer no momento, exceto examinar as colinas ao redor deles. Jahar estava sentado em uma pedra com Callandor brilhando fracamente na dobra de seu braço. Merise estava sentada no chão ao lado dele com a cabeça em seu joelho, e ele estava acariciando seu cabelo. “Bem, Min?” Cadsuane exigiu.

A garota ergueu os olhos com raiva da depressão no terreno pedregoso onde Tomas e Moad haviam empacotado ela e Harine. Pelo menos os homens tiveram juízo suficiente para aceitar que não poderiam lutar em nenhuma parte desta luta. Harine estava carrancuda, e mais de uma vez foi necessário que um dos homens impedisse Min de ir até o jovem al'Thor. Eles realmente tiveram que tirar suas facas, depois que ela tentou usar as lâminas neles.

“Eu sei que ele está vivo,” a garota murmurou, “e eu acho que ele está sofrendo. Só que, se eu puder sentir o suficiente para pensar que ele está sofrendo, então ele está em agonia. Deixe-me ir até ele.”

“Você só iria atrapalhar agora.”

Ignorando o gemido frustrado da garota, Cadsuane caminhou pelo terreno irregular até onde Rand e Nynaeve estavam sentados, mas por um momento ela não olhou para eles. Mesmo a uma distância de quilômetros, a cúpula negra parecia imensa, elevando-se a trezentos metros de altura. E estava inchando. A superfície parecia aço preto, embora não brilhasse ao sol da tarde. Se alguma havia coisa, a luz parecia diminuir ao redor dela.

Rand estava sentado como estava desde o início, uma estátua imóvel e invisível com suor escorrendo pelo rosto. Se ele estava em agonia como Min disse, ele não mostrava nenhum sinal disso. E se estivesse, Cadsuane não sabia o que podia fazer, o que se atrevia a fazer. Incomodá-lo agora de qualquer forma podia ter consequências terríveis. Olhando para aquele domo negro morto, Cadsuane grunhiu. Deixá-lo começar aquilo, em primeiro lugar, podia ter consequências terríveis também.

Com um gemido, Nynaeve escorregou de seu assento de pedra para o chão. Seu vestido estava ensopado de suor, e mechas de cabelo grudavam em seu rosto liso. Suas pálpebras tremeram fracamente, e seus seios arfaram quando ela engoliu o ar desesperadamente. "Não mais", ela choramingou. "Eu não aguento mais."

Cadsuane hesitou, algo que não estava acostumada a fazer. A garota não podia deixar o círculo até que o jovem al'Thor a soltasse, mas a menos que esses Choedan Kal fossem falhos da mesma forma que Callandor, ela seria protegida contra absorver o suficiente do Poder para danificá-la. Exceto que ela estava agindo como um canal para muito mais *saidar* do que toda a Torre Branca poderia lidar com cada *angreal* e *sa'angreal* que a Torre possuía. Depois de ter esse fluxo através dela por horas, a simples exaustão física podia estar a matando. Ajoelhando-se ao lado da garota, Cadsuane colocou a andorinha no chão ao lado dela, pegou a cabeça da garota nas mãos

e diminuiu a quantidade de *saidar* que ela estava colocando no escudo. Suas habilidades com Cura não eram mais do que a média, mas ela podia lavar um pouco da exaustão da garota pelo menos sem cair sobre si mesma. Ela estava muito consciente do escudo enfraquecido sobre eles, porém, e não perdeu tempo em formar as tramas.

Subindo para o topo da colina, Osan'gar caiu de bruços no chão e sorriu enquanto se arrastava de lado para se abrigar atrás de uma árvore. Daqui, com *saidin* dentro dele, ele podia ver claramente a próxima crista e as pessoas nela. Não tantas quanto ele esperava. Uma mulher dava uma volta lenta ao redor do cume, espiando as árvores, mas todo mundo estava parado, Narishma sentado com Callandor brilhando em suas mãos e a cabeça de uma mulher em seu joelho. Havia duas outras mulheres que Osan'gar podia ver, uma ajoelhada sobre a outra, mas estavam obscurecidas pelas costas de um homem. Ele não precisava ver o rosto do homem para conhecer al'Thor. A chave que estava no chão ao seu lado o identificava. Aos olhos de Osan'gar, ela brilhava intensamente. Em sua cabeça, oprimia o sol, mil sóis. O que ele poderia fazer com isso! Uma pena que tinha que ser destruída junto com al'Thor. Mas ainda assim, ele poderia levar Callandor depois que al'Thor estivesse morto. Ninguém mais entre os Escolhidos possuía tanto quanto um *angreal*. Até mesmo Moridin se encolheria diante dele uma vez que tivesse aquela espada de cristal. Nae'blis? Osan'gar seria nomeado Nae'blis depois que ele destruísse al'Thor e desfizesse tudo o que havia feito aqui. Rindo baixinho, ele teceu fogo devastador. Quem poderia imaginar que ele se tornaria o herói do dia?

Andando devagar, estudando as colinas arborizadas ao redor deles, Elza parou de repente quando um movimento chamou a atenção pelo canto do olho. Ela virou a cabeça lentamente, e não tão longe quanto a colina onde ela tinha visto aquele flash. O dia tinha sido muito difícil para ela. Em seu cativeiro entre as tendas dos Aiel em Cairhien, ocorrera a ela que era primordial que o Dragão Renascido chegasse

à Última Batalha. De repente, tornou-se tão óbvio que a surpreendeu não ter visto antes. Agora estava claro para ela, tão claro quanto *saidar* fez o rosto do homem tentando se esconder naquela colina enquanto espiava por um tronco de árvore. Hoje, ela era forçada a lutar contra os Escolhidos. Certamente o Grande Senhor entenderia se ela realmente tivesse matado algum deles, mas Corlan Dashiva era apenas um daqueles Asha'man. Dashiva ergueu a mão em direção à colina onde ela estava, e ela canalizou o mais forte que pôde em Callandor nas mãos de Jahar. *Saidin* parecia bem adequado para a destruição, para ela. Uma enorme bola de fogo fulgurante cercava o topo da outra colina, vermelha, dourada e azul. Quando ela se foi, aquela outra colina terminou em uma superfície lisa quinze metros abaixo do antigo cume.

Moghedien não sabia ao certo por que havia permanecido tanto tempo. Não poderia haver mais de duas horas de luz do dia, e a floresta estava quieta. Exceto pela chave, ela não podia sentir *saidar* sendo canalizado em lugar nenhum. Isso não queria dizer que alguém não estava usando pequenas quantidades em algum lugar, mas nada como a fúria que havia ocorrido antes. A batalha havia terminado, os outros Escolhidos mortos ou fugindo derrotados. Claramente derrotados, já que a chave ainda ardia em sua cabeça. Incrível que os Choedan Kal tenham sobrevivido ao uso contínuo por tanto tempo, neste nível. Deitada de bruços no alto de seu ponto de observação com o queixo nas mãos, ela observava a grande cúpula. Preto não parecia mais descrevê-la. Não havia termo para isso, agora, mas o preto era uma cor pálida em comparação. Era meia bola, agora, erguendo-se como uma montanha de três quilômetros ou mais no céu. Uma espessa camada de sombra estava em volta dela, como se estivesse sugando a última luz do ar. Ela não conseguia entender por que não estava com medo. Essa coisa podia crescer até envolver o mundo inteiro, ou talvez estilhaçar o mundo, como Aran'gar havia dito que aconteceria. Mas se isso acontecesse, não havia lugar seguro, nem sombras para a Aranha se esconder.

De repente, algo se contorceu daquela superfície escura e lisa, como uma chama se as chamas fossem mais negras que a escuridão, depois outra, outra, até que a cúpula ferveu com fogo Infernal. O rugido de dez mil trovões a fez tapar os ouvidos com as mãos e gritar, silenciosamente naquele estrondo, e a cúpula desabou sobre si mesma no espaço de um batimento cardíaco, até um ponto, para virar nada. Foi o vento que uivou então, correndo em direção à cúpula desaparecida, arrastando-a pelo chão pedregoso, não importa o quão desesperadamente ela se agarrasse, derrubando-a contra as árvores, levantando-a no ar. Estranhamente, ela ainda não sentia medo. Ela pensou que se sobrevivesse a isso, nunca mais sentiria medo.

Cadsuane deixou cair no chão a coisa que tinha sido um *ter'angreal*. Não podia mais ser chamada de estátua de uma mulher. O rosto estava tão sabiamente sereno como sempre, mas a figura estava quebrada em duas e pegajosa como cera borbulhada onde um lado havia derretido, incluindo o braço que segurava a esfera de cristal agora em fragmentos estilhaçados ao redor da coisa arruinada. A figura masculina estava inteira e já guardada em seus alforjes. Callandor também estava segura. Era melhor não deixar para tentação no topo da colina aberta. Onde Shadar Logoth estivera, havia agora uma enorme abertura na floresta, perfeitamente redonda e tão ampla que, mesmo com o sol baixo no horizonte, ela podia ver o outro lado descendo para a terra.

Lan, conduzindo seu cavalo de batalha manco encosta acima, largou as rédeas do garanhão negro quando viu Nynaeve estendida no chão e coberta até o queixo com a capa. O jovem al'Thor estava deitado ao lado dela também coberto por sua capa, com Min enrolada contra ele, a cabeça em seu peito. Seus olhos estavam fechados, mas por seu pequeno sorriso, ela não estava dormindo. Lan mal olhou para eles enquanto corria a última distância e se ajoelhava para levantar a cabeça de Nynaeve gentilmente em seu braço. Ela não se mexia mais do que o menino.

“Eles estão apenas inconscientes”, Cadsuane disse a ele. “Corele diz que é melhor deixá-los se recuperar por conta própria.” E quanto tempo isso levaria, Corele não estava preparado para dizer. Nem Damer. As feridas no lado do menino não foram alteradas, embora Darner esperasse que fossem. Foi tudo muito perturbador. Um pouco mais acima na colina, o Asha'man careca estava curvado sobre uma Beldeine gemendo, seus dedos contorcendo-se logo acima dela enquanto ele tecia sua estranha Cura. Ele estivera ocupado na última hora. Alivia não conseguia parar de se assustar maravilhada e flexionar o braço que havia sido quebrado e queimado até o osso. Sarene andava vacilante, mas era apenas cansaço. Ela quase morreu lá na floresta, e seus olhos ainda estavam arregalados com a experiência. As Brancas não estavam acostumadas com esse tipo de coisa.

Nem todos tiveram tanta sorte. Verin e a mulher do Povo do Mar estavam sentadas ao lado da forma coberta por manto de Kumira, seus lábios movendo-se silenciosamente em orações por sua alma, e Nesune estava tentando desajeitadamente confortar uma chorosa Daigian, que segurava o cadáver do jovem Eben em seus braços e o embalava como um bebê. As Verdes estavam acostumadas a esse tipo de coisa, mas Cadsuane não gostava de perder dois de seu povo em troca de não mais do que alguns Abandonados chamuscados e um renegado morto. “Está limpo,” Jahar disse suavemente mais uma vez. Desta vez, era Merise quem estava sentada, com a cabeça dele descansando em seu colo. Seus olhos azuis estavam tão severos como sempre, mas ela acariciou seu cabelo preto suavemente. “Está limpo.”

Cadsuane trocou olhares com Merise por cima da cabeça do garoto. Darner e Jahar disseram a mesma coisa, a mácula havia sumido, mas como eles poderiam ter certeza de que não havia sobrado algum resquício? Merise permitiu que ela se ligasse com o menino, e ela não conseguia sentir nada parecido com o que a outra Verde havia descrito, mas como eles poderiam ter certeza? *Saidin* era tão estranho que qualquer coisa poderia estar escondida naquele caos louco. “Quero sair assim que o resto dos Guardiões retornarem,”

ela anunciou. Havia muitas perguntas para as quais ela não tinha respostas adequadas, mas agora ela tinha o jovem al'Thor e não pretendia perdê-lo. A noite caiu. No topo da colina, o vento soprou poeira sobre os fragmentos do que já foi um *ter'angreal*. Abaixo estava o túmulo de Shadar Logoth, aberto para dar esperança ao mundo. E em Tremalking distante, começou a se espalhar a notícia de que o Tempo das Ilusões estava no fim.

Fim do nono livro de
A Roda do Tempo